

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA

GUERRA

MUNDIAL



TOMO 6



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial



BIBLIOTHECA DO EXERCITO
Casa do Barão de Loreto
— 1881 —

Fundada pelo Decreto nº 8.336, de 17 de dezembro de 1881,
por FRANKLIN AMÉRICO DE MENEZES DÓRIA, Barão de Loreto,
Ministro da Guerra, e reorganizada pelo
General-de-Divisão VALENTIN BENÍCIO DA SILVA,
pelo Decreto nº 1.748, de 26 de junho de 1937.

Comandante do Exército

General-de-Exército Gleuber Vieira

Departamento de Ensino e Pesquisa

General-de-Exército Gilberto Barbosa de Figueiredo

Diretor de Assuntos Culturais

General-de-Divisão Synésio Scofano Fernandes

Diretor da Biblioteca do Exército

Coronel de Engenharia Luiz Eugênio Duarte Peixoto

Conselho Editorial

Presidente

Coronel de Artilharia e Estado-Maior Luiz Paulo Macedo Carvalho

Benemérito

Coronel Professor Celso José Pires

Membros Efetivos

Embaixador Francisco de Assis Grieco

Embaixador Vasco Mariz

General-de-Divisão Ulisses Lisboa Perazzo Lannes

General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos

General-de-Brigada Aricildes de Moraes Motta

Coronel de Artilharia e Estado-Maior Luiz de Alencar Araripe

Coronel de Artilharia e Estado-Maior Amerino Raposo Filho

Coronel de Cavalaria e Estado-Maior Nilson Vieira Ferreira de Mello

Professor Doutor Arno Wehling

Professor Doutor José Arthur Alves da Cruz Rios

Biblioteca do Exército Editora

Praça Duque de Caxias, 25 – Ala Marcílio Dias – 3º andar

20221-260 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel.: (55 021) 2519-5707 – Fax (55 021) 2519-5569

DDG: 0800 238 365

Endereço Telegráfico “BIBLIEX”

E-Mail: bibliex@ism.com.br

Home-Page: <http://www.bibliex.eb.br>

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 6
Rio de Janeiro e Minas Gerais



Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

Copyright © 2001 by Biblioteca do Exército Editora

Coordenador Regional – RJ e MG

Geraldo Luiz Nery da Silva

Assessor

Aurelio Cordeiro da Fonseca

Capa:

Murillo Machado

Revisão:

Andreza Tarragô

Ellis Pinheiro

Léa Maria da Costa Serpa

Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
T. 6. (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: Rio de Janeiro e Minas Gerais / Coordenador Regional : Geraldo Luiz Nery da Silva.
ISBN 85-7011-303-X

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. I. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Silva, Geraldo Luiz Nery da, coord. reg. III. Título: Rio de Janeiro e Minas Gerais. IV. Série.

CDD 940.540981

Os textos contidos neste Tomo referem-se a 28 entrevistas realizadas no período de 23 de novembro de 2000 a 19 de junho de 2001, na Coordenadoria do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Sumário

Apresentação	7
Considerações Metodológicas	11

ENTREVISTAS

General-de-Divisão Oswaldo Mescolin	21
Major-Brigadeiro-do-Ar Othon Correia Netto	27
Major-Brigadeiro-do-Ar José Rebelo Meira de Vasconcelos	39
General-de-Brigada Eryx Motta	57
General-de-Brigada Henrique Cesar Cardoso	63
General-de-Brigada Américo Baptista de Moraes	75
General-de-Brigada Hélio Covas Pereira	83
General-de-Brigada Jair Lontra Sampaio	93
Coronel Adhemar Rivermar de Almeida	97
Coronel Heraldo Carlos Leopoldo de Farias Portocarrero	111
Coronel Germano Seidl Vidal	147
Coronel-Aviador Renato Goulart Pereira	173
Advogado Joaquim Manoel Xavier da Silveira	187
Economista Oswaldo Gudolle Aranha	199
Tenente-Coronel Celso Rosa	217
Tenente-Coronel Cássio Abranches Viotti	227
Major Adão de Andrade Souza	237
Major Napoleão Freitas de Oliveira	243
Capitão Murilo Paiva	249
Capitão Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero	259

Capitão Divaldo Medrado	277
Primeiro-Tenente Dalvaro José de Oliveira	293
Primeiro-Tenente Carlota Mello	305
Primeiro-Tenente Geraldo Campos Taitson	309
Primeiro-Tenente João Vianna de Oliveira	325
Primeiro-Tenente Miguel Ferreira de Lima	341
Segundo-Tenente Pedro Paulo de Figueiredo Moreira	355
Cabo Francisco Pedro de Resende	363
Glossário	375

General-de-Divisão Oswaldo Mescolin*

Nasceu em Laranjal, MG, matriculado na Escola Militar do Realengo em abril de 1938, sendo declarado Aspirante-a-Oficial em dezembro de 1940. Fez os cursos de Observador Aéreo, da EsAO e da ECEME. Classificado no 6º GADO, em Quitaúna – São Paulo, embarcou, em outubro de 1942, com a 2ª Bia, para Vitória – Espírito Santo, permanecendo em Vila Velha, na defesa do Porto de Vitória até setembro de 1943. Em 1º de janeiro de 1944, o 6º GADO foi transformado em I/2º RO AuR, após receber o material 105mm, para a integrar a FEB, ano em que foi designado Piloto Observador. Seguiu, em setembro do mesmo ano, com o Grupo, para a Itália. Em dezembro de 1944, ficou adido à 1ª ELO. Realizou 53 missões de guerra, em 110 horas e 55 minutos de vôo, como Observador Aéreo. Após a guerra, foi transferido para o 4º GADO, em Juiz de Fora. Em 1948, foi transferido para o I/8º RAM – Pousos Alegre e, em 1950, para o I/4º RO 105mm – Juiz de Fora. Em dezembro do mesmo ano, foi nomeado Instrutor-Chefe do NPOR, indo, posteriormente, servir no QG da 4ª RM. De 1957 a 1959, cursou a ECEME. Após o curso, serviu no QG da 2ª Bda Mista e na Diretoria do Serviço Militar, onde foi promovido a Tenente-Coronel, em 1961, e a Coronel, em 1966. Posteriormente, ao passar para a Reserva, foi promovido a General-de-Brigada e a General-de-Divisão. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, pela sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha de Campanha da FEB; Medalha de Campanha da Aeronáutica; Cruz de Aviação, Fita A, da Aeronáutica e *Air Medal*, dos Estados Unidos.

* Observador Aéreo do III Grupo de Obuses, entrevistado em 22 de maio de 2001.

Eu servia em Quitauína, São Paulo, no 6º Grupo de Artilharia de Dorso (6º GADO), depois transformado a partir de 1º de janeiro de 1944, em I Grupo do 2º Regimento de Obuses, quando a nossa Unidade passou a utilizar o material 105mm e foi integrada à Força Expedicionária Brasileira. Muitos exercícios foram realizados para a preparação da campanha, especialmente em Gericinó, com o material que seria usado na Itália.

Durante a viagem para o Teatro de Operações, houve muita dificuldade de adaptação, em face da maresia e do balanço do navio, que causavam enjoos, e principalmente em razão da alimentação. Poucas vezes, a viagem foi ameaçada por submarinos. Desse modo, o serviço de escala continuou normalmente. No entanto, vários exercícios de abandono do navio foram realizados durante toda a viagem, com bom aproveitamento por parte dos soldados. Chegando a Nápoles, viajamos em barcas de invasão, quando enfrentamos um tempo perigoso até desembacarmos em Livorno. Em Tenuta di San Rossore, na Região de Pisa, ficamos aguardando o material, que foi logo entregue.

Para simplificar as ligações durante a campanha e facilitar o entendimento do V Exército americano e do seu IV Corpo, dos quais fazíamos parte, o nosso Grupo passou a ser chamado de III Grupo de Obuses 105mm (III GO 105mm), pois, tínhamos três Grupos 105mm e um 155mm, que era o IV Grupo. A minha função no Grupo foi a de Observador Aéreo, o que me levou a ficar adido à 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação, organização criada pela Força Aérea Brasileira, para apoiar à Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército da FEB.

A 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação possuía dez aviões, sendo dois aviões por Grupo da AD, mais dois, num total de dez, com dez pilotos, dentre eles o Comandante da ELO, Major Beloc, da Aeronáutica. Entre os observadores aéreos, estava o Gutierrez, de Artilharia, Subcomandante da 1ª ELO, e o próprio General Cordeiro de Faria. O entrosamento da FEB com a Força Aérea foi perfeito.

Por problemas de condições de tempo, uma ventania que impedia o voo, a ELO esteve ausente no penúltimo ataque a Monte Castelo em 12 de dezembro, o que pode ser considerado como uma das razões do insucesso daquela ação, porque a nossa missão era neutralizar os canhões e morteiros inimigos, uma vez que, quando nossos aviões os sobrevoavam, eles não atiravam, com receio de revelar suas posições aos observadores. O Coronel Emílio Ribas, Chefe do Estado-Maior da AD Expedicionária, em visita à ELO, disse que, se tivéssemos voado naquele terceiro ataque a Monte Castelo, teríamos conquistado o objetivo, porque entre as principais armas de defesa dos alemães estavam os morteiros, cujos tiros, mantidos sem interrupção, foram os mais eficazes, dificultando e mesmo impedindo a nossa progressão.

Já o ataque vitorioso a Monte Castelo, foi feito dentro das normas conhecidas: quando nós voávamos, eles, em princípio, não atiravam, para não revelarem suas posições, o que facilitou muito a ação de nossa Infantaria. Vale lembrar a oportuna participação do Senta Pua, o nosso 1º Grupo de Aviação de Caça, que bombardeou violentamente as posições inimigas, aprofundando e reforçando os fogos de Artilharia.

As informações precisas dos P-47 do Senta a Pua e da 1ª ELO revelaram vários alvos a serem batidos, inclusive baterias antiaéreas e de campanha. Como o *Thunderbolt* da Aviação de Caça, o avião L4 da ELO também teve um desempenho muito bom, com duas horas e meia de autonomia de voo.

Após a operação montada sobre Zocca, o avanço da nossa tropa foi tão rápido que havia dificuldade para identificar se realmente víamos tropa amiga ou inimiga. A vanguarda da 1ª DIE estava no calcanhar do alemão, que, no final, retraía sob pressão, até ser cercado em Collecchio e Fornovo.

Um dos principais papéis da ELO foi identificar os campos de pouso em território inimigo, para utilizá-los oportunamente. Nossos campos de pouso ficaram, em 27 de abril de 1945 em Montéchio; em 2 de maio, em Piacenza, em 8 de maio, em Portalberra; em 10 de maio, em Alessandria. Praticamente, havia mudança de campo de pouso de cinco em cinco dias ou em prazo menor, à medida que as nossas tropas avançavam. Pistóia e Suviana também foram campos de pouso, utilizados inicialmente. Os aviões da ELO raramente foram alvo da Artilharia Antiaérea alemã, que receava ser identificada ao atirar. Eles empregaram a sua Antiaérea primordialmente contra a Aviação de Caça, que enfrentou, diária e corajosamente, a sua ação incessante.

Quanto à adaptação, o nosso pessoal teve muita facilidade, característica do homem brasileiro. Mesmo no rigor do inverno, embora estranhassem um pouco no princípio, logo pareciam velhos combatentes.

A identificação com o povo local foi além das expectativas, sobretudo porque o povo italiano nos considerava seus libertadores, juntamente com as demais tropas aliadas.

O apoio de saúde e o apoio religioso foram muito eficientes e constantes em todas as ocasiões, havendo conosco, inclusive, um capelão militar.

O alemão, que tinha fama de grande combatente, resistiu o quanto pôde, usando de sua experiência e pertinácia.

Em Montese, devido à neve, demoramos para regular o tiro e, quando voltamos à região do campo de pouso de Suviana, não se via a terra, pois havia muitas nuvens baixas. Dirigimo-nos para o sul, mas a gasolina acabou. Tivemos que planar

por algum tempo até aterrissar no antigo campo de Pistóia. Eu e o piloto, o Tenente Darci, que era um advogado convocado, depois de desembarcar, caminhávamos conversando, satisfeitos, quando um americano fez sinal para que parássemos. A uma distância de cem metros e na trilha onde passaríamos, uma ovelha pisou numa mina e desapareceu no espaço. O campo de Pistóia era muito grande e estava em boa parte minado. Toda atenção era pouca. Não fosse o alerta do americano, talvez eu não estivesse aqui participando dessa entrevista.

O contato com as tropas aliadas foi muito bom. Os militares tinham muita curiosidade sobre o Brasil, inclusive sabiam como havíamos entrado na guerra. Houve uma certa dificuldade quanto ao idioma, mas logo depois foi possível entender pelo menos as coisas principais.

O apoio logístico foi bastante eficiente em todos os aspectos. Há inclusive um fato curioso, a existência de banhos quentes, água quente em cada barraca da ELO. Um apoio logístico impressionante. As peças dos aviões chegavam sempre a tempo e a hora.

Muito me impressionou a integração do pessoal do Exército com a FAB, além da modificação gradual do soldado brasileiro, e, naturalmente, a camaradagem, aspecto que merece destaque especial.

Para a história da FEB, é interessante ressaltar o papel do Comandante do nosso III Grupo, o Major, depois Tenente-Coronel, Sousa Carvalho. Foi um Comandante excepcional, com uma liderança fora do comum, um psicólogo notável, que conseguiu a simpatia e o respeito tanto dos oficiais quanto dos praças. Atuou sempre com energia, descortino e objetividade, atento à assistência e ao bem-estar de seus subordinados.

Ele foi o Comandante admirado e querido antes, durante e depois da guerra. Quando voltamos, conseguiu tirar o Grupo de Taubaté, onde o quartel deixava muito a desejar, levando-o para a Cidade de São Paulo (Parque D. Pedro). Fez, ainda, as gestões necessárias para oficializar o nome pelo qual o nosso Grupo, o I/2º Regimento de Obuses 105mm, era conhecido desde a guerra – Grupo Bandeirante –, o que ocorreu com o Decreto nº 22.140, de 20 de novembro de 1946.

Devo, ainda, enfatizar a eficiência da observação aérea e o trabalho da ELO em proveito da FEB. Foi com orgulho de sermos brasileiros e de termos cumprido a nossa missão, que comemoramos a vitória dos aliados, sentindo que havíamos contribuído com uma pequena parcela para esse final feliz no Teatro de Operações da Itália. Colocamos a nossa alma e o amor ao Brasil no trabalho desenvolvido pela ELO, infelizmente tão pouco divulgado.

O regresso ao Brasil foi demorado, por causa da dificuldade de transporte. Primeiro, deixamos o Norte da Itália em direção ao Sul para embarcamos no Porto

de Nápoles. Na chegada ao Brasil, a FEB foi recebida com impressionante entusiasmo pelo povo, com uma recepção extremamente calorosa. O desempenho da FEB chegou mesmo a surpreender o povo brasileiro. E o Exército passou a ser olhado com mais respeito e admiração.

Na minha vida pessoal, tive a satisfação de ter cumprido com o meu dever. Esse é o soldado brasileiro, aquele que se impõe pela sua facilidade de adaptação, coragem e noção do cumprimento do dever.

Major-Brigadeiro-do-Ar Othon Correia Netto*

Nasceu na Cidade de Viçosa – AL. Oriundo da Escola Militar do Realengo, onde ingressou por concurso. Foi declarado Aspirante-a-Oficial Aviador e classificado como Instrutor de pilotagem na mesma Escola (Campo dos Afonsos), Unidade do novo Ministério da Aeronáutica. Realizou os Cursos de Piloto de Caça; de Avião P-47; de Transporte Aéreo; de Tática Aérea; de Estado-Maior e Superior de Comando. Como voluntário, foi classificado como componente do então criado 1º Grupo de Aviação de Caça, onde serviu durante a Campanha da Itália. Nessa situação, realizou 58 missões de combate, tendo sido abatido pela artilharia antiaérea inimiga num ataque a Casarsa. Feito prisioneiro de guerra pelos alemães, foi levado para Nuremberg e, depois, para o campo de Músberg, ambos no interior da Alemanha. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha da Campanha da Itália; Cruz de Aviação – fita A; *British Distinguished Flying Cross* (Inglaterra); *American Air Medal* (EUA) e *Presidential Unit Citation* do Congresso norte-americano, por ter pertencido ao 1º Grupo de Caça no T0 da Itália. Prosseguiu em sua carreira exercendo várias funções de Comando e Estado-Maior até 1966, quando deixou o serviço ativo.

* 2º Tenente-Aviador do 1º Grupo de Aviação de Caça, entrevistado em 13 de março de 2001.

Sempre desejei ser um militar. Para tal, eu, que sou do modesto estado de Alagoas, teria que competir com os intelectuais do Rio Grande do Sul, do Ceará, enfim, do Brasil inteiro. Dessa forma, foi uma grande realização para mim ter ingressado, após um concurso, na Escola Militar junto com colegas que, mais tarde, também participaram da campanha na Itália, como Rui Moreira Lima, que teve a satisfação e o orgulho de escrever a história da guerra, trabalhada e vivida por nós, em seu livro *Senta a Pua*. Na Escola, eu já havia optado pela arma de Aviação, mas, em 1941, foi criado o novo Ministério da Aeronáutica, que uniu os corpos de aviação existentes. Aquela que para mim seria uma arma transformou-se numa força.

Mais tarde, já na Escola de Aeronáutica como instrutor de pilotagem, resolvi apresentar-me como voluntário para a guerra. Tentei candidatar-me, mas não fui bem-sucedido. Então, eu entrei de férias e passei um mês no meu estado. Quando regressei, soube que o processo de recrutamento havia-se iniciado, mas o voluntariado era grande. Imediatamente, fiz valer os meus direitos, indo ao Comandante da Escola, que, na época, era o Coronel Fontinelle, uma grande figura da Aeronáutica. Com muito entusiasmo, ele me garantiu que a minha vontade seria feita. Paralelamente a esses acontecimentos, o então Capitão Fortunato Câmara de Oliveira, que me conhecia como piloto, esforçava-se para conseguir a minha indicação para a Esquadilha Azul, que foi comandada por ele durante a guerra. E assim aconteceu.

Nessa esquadilha estavam também o 1º Tenente Newton Neiva de Figueiredo, companheiro recentemente falecido, que chegou a participar do filme *Senta a Pua*, e o 2º Tenente Lima Mendes, uma figura muito querida por todos nós, que faleceu, já no Brasil, num choque de aviões. Um outro componente da Esquadilha Azul era João Richardson Cordeiro. Ele faleceu, em combate, na primeira missão que realizou. Lembro-me muito bem das palavras do Comandante Fortunato: “Correia Netto, você vai cumprir essa missão e o Cordeiro vai sair numa outra esquadilha.”

Nós éramos incluídos numa esquadilha americana do 350th Fighter Group (350º Grupo de Caça); eu, numa, e o Cordeiro, em outra. Fiz a minha parte, mesmo com dificuldade de entender a língua, mas o Cordeiro, que até falava bem o inglês, estava na ala do líder americano, que ele também não conhecia. Após o meu regresso da missão, fui procurar notícias dele e o Fortunato me disse que ele fora abatido pela artilharia antiaérea. Esta, dependendo do local dos ataques, era muito efetiva. Eu fiquei horrorizado. Se em sua primeira missão o piloto já tinha sido abatido, não havia chance alguma para os brasileiros. Foi o meu raciocínio.

Logo a seguir, em consequência desse acontecimento, creio eu, decidiu-se que brasileiros voariam com brasileiros no seu Esquadrão. Não era tão fácil voar sendo liderado por brasileiro em território inimigo. Foi necessária uma pequena adaptação,

que, por sua vez, foi de grande valia para a futura eficiência da Aviação de Caça brasileira. Inclusive, essa nova fase foi muito importante para o espírito de corpo do 1º Grupo, que passou a ser uma unidade independente e forte, graças às qualidades dos brasileiros e à sua experiência de voo no Brasil, no Panamá e nos Estados Unidos, mais especificamente em Nova York. Quando o esquadrão mandava sair uma esquadrilha para uma determinada missão, já havia aquele conjunto e aquela confiança, que eram extremamente necessários para manter a eficiência da missão. Houve muito trabalho e estávamos sempre alertas, verificando os vôos que cruzavam o nosso caminho. Era o sucesso da missão que fazia com que a pessoa se entusiasmasse com o seu Esquadrão, fosse ela da Esquadrilha Azul, Verde, Amarela ou Vermelha.

Quanto à nossa preparação fora do Brasil, posso dizer que, no Panamá, havia um “grupo-chave”, que era comandado pelo Nero Moura, além dos seus auxiliares de operação e manutenção. Esses homens tomaram contato com a situação de voo sob o comando de um americano, o Coronel Disosway, que era capitão, formado em West Point, da Força Aérea do Exército (USAAF), porém comissionado no posto de coronel. Pelo seu valor, esse oficial americano foi escolhido para instruir e comandar o Esquadrão brasileiro, no que foi muito bem-sucedido. Voamos, assim, as missões julgadas necessárias. Os pilotos já selecionados passaram a fazer parte do Sistema de Defesa Aérea da Zona do Canal do Panamá, voando na Esquadrilha de Alerta no Solo, cuja missão era interceptar qualquer aeronave amiga ou inimiga que penetrasse no espaço aéreo sob a jurisdição de Aguadulce, onde nos encontrávamos. Vivemos situações muito semelhantes às de uma guerra, e, por isso, o Coronel Disosway costumava dizer: “Vocês têm que tirar proveito do que estamos ensinando para que amanhã não venham a se arrepender.” Sem dúvida, ele era muito nosso amigo, mas muito exigente e duro em seus julgamentos. Quando ele queria inspecionar o comportamento de determinado piloto, saía com o seu avião e ficava voando em grupo, vendo o estilo e os procedimentos daquele piloto. Por ironia do destino, soubemos, mais tarde, que ele foi abatido em território chinês, na primeira missão contra o inimigo. Mas o nosso treinamento não se limitou à experiência em Aguadulce. Houve um outro em Nova York, onde tivemos que nos adaptar a um novo avião, o P-47, o *Thunderbolt*, que era um avião de grande capacidade de resistência aos ataques vindos do solo, o que nós certamente iríamos enfrentar.

Como falei sobre o Coronel Disosway, não seria justo deixar de destacar o nosso comandante, o Major, depois Tenente-Coronel, Nero Moura. Quando fomos para o Grupo comandado por ele, conhecíamos a sua fama, mas, com certeza, ele era muito melhor do que a imagem propagada. No decorrer da campanha, ele mostrou-se um homem correto, amigo de seus comandados e muito à altura de ser o que foi: um grande comandante.

Com justa razão, posteriormente foi promovido a Brigadeiro, chegando a Ministro da Aeronáutica no tempo do Getúlio, que era seu amigo e nele confiava plenamente.

Cabe agora comentar sobre a viagem do nosso Senta a Pua para a Europa no *Colombie*, que era um navio francês. Felizmente, não houve incidentes. Sendo o brasileiro muito gozador por natureza, havia sempre motivos para brincadeiras, evidentemente, sem desrespeitar a disciplina.

Foi também em meio a brincadeiras que nasceu o emblema do 1º Grupo de Caça Brasileiro. O Capitão Fortunato, desenhista de mão cheia, criou a figura do valente avestruz, que retrata não só a coragem dos brasileiros que compunham aquela unidade como também o fato de os mesmos terem comido os mais estranhos tipos de comida. O Fortunato foi aperfeiçoando a figura e outros companheiros, como o Boquete, que era descendente de italianos, um grande mecânico e mestre no suprimento dos aviões, ajudaram a pintar as figuras. Para complementar o emblema, foi inserido nele o nosso grito de guerra: “Senta a Pua!”, que, na época, era uma expressão usada no Brasil. “Sentar a Pua” correspondia a “mandar brasa”.

Em compensação, a nossa chegada a Livorno foi acompanhada de uma atmosfera de total seriedade. Lá, começamos a sentir que existia um inimigo que atirava, jogava bombas e provocava situações que nem no Brasil, nem nos Estados Unidos, nem no mar haviam-se apresentado. Imediatamente após o nosso desembarque, partimos para Tarquinia, onde instalamos a Unidade. Montamos os alojamentos para as esquadrilhas, a cozinha e o atendimento ao pessoal que se estava preparando para entrar em operação. Logo, o humor brasileiro se fez presente. Naquele acampamento, tínhamos, por exemplo, a 5ª Avenida, que era uma lembrança agradável para nós, que tínhamos estado em Nova York para treinamento. Essa atitude de apelidar um local cheio de lama como tal, para mim, traduz o espírito otimista do grupo, que, certamente, estava preparado para entrar em combate. Choro não havia. Havia, sim, ânimo e aquela competição natural entre as esquadrilhas.

Após os primeiros dias gastos na instalação da Unidade, passamos ao controle operacional do 350th *Fighter Group* (350º Grupo de Caça), operando com a denominação de 1st *Brazilian Fighter Squadron* (1º Esquadrão de Caça Brasileiro), pois o efetivo do 1º Grupo de Aviação de Caça de nossa organização correspondia ao efetivo de um Esquadrão de Caça na organização da Força Aérea do Exército americano. O 350th tinha como Comandante o Coronel Nielsen e eram três os esquadrões que o integravam: o 345th, o 346th e o 347th. Posso ainda dizer que esses homens já tinham operado no Norte da África e já vinham-se distinguindo como um Grupo eficiente.

Devemos, ainda, levar em conta que os integrantes do 350th levavam a vantagem, sobre os brasileiros, de terem o reacompanhamento dos pilotos. Em outras pala-

vas, os pilotos que chegavam eram classificados para um determinado esquadrão, enquanto os que já haviam completado um certo número de missões de guerra eram enviados de volta para os Estados Unidos. Esse recompletamento representava para nós um sonho, porque éramos sempre efetivos.

No entanto, o Brigadeiro Nero Moura tinha consciência disso e, de certo modo, procurava até travar o espírito de combate dos brasileiros, que não estavam lá para perder tempo, mas, sim, para atirar. Além disso, nós tínhamos muito mais experiência do que os americanos, que eram mais jovens; chegavam lá como verdadeiros anjos. Eu senti isso em duas ou três missões em que voei com eles. Nós, inclusive, já tínhamos o Correio Aéreo Nacional, que foi uma grande escola e que nasceu com o Brigadeiro Eduardo Gomes e outras figuras de prestígio.

Pouco tempo depois de termos nos instalado em Tarquinia, tivemos que nos deslocar para Pisa, em consequência do avanço das forças aliadas. Saí de uma base de poucos recursos, com pista de rolamento feita com malhas de ferro, pois, com chuva, o terreno não podia suportar um movimento maior do que já vinha suportando, e cheguei a Pisa, onde havia um aeroporto que, uma vez bombardeado e posteriormente reconstituído, oferecia vantagens de ocupação. Era importante termos uma base mais próxima, para decolarmos mais vezes.

O meu avião era o C-4, porque eu era o número 4 da Esquadrilha Azul, sendo que fui abatido num outro avião. Pelo menos, tive o prazer de saber que o meu avião continuou lutando, mesmo sem o seu piloto. Com respeito a esse fato, ocorreu uma passagem interessante. Depois da guerra, o Major John Buyers, piloto americano que fazia parte do nosso esquadrão e era um fotógrafo inveterado, mandou-me uma fotografia do meu avião, mas o piloto que lá estava não era eu. Era o Santos, que, por sinal, faleceu em um combate na Itália. Ele tinha uma capacidade que ficou notória por ocasião de sua missão final. Por ter desconfiado que uma determinada construção não era uma residência comum, atacou firme. Realmente a sua percepção era aguçada. Tratava-se de um depósito de munição. Havia bombas de grosso calibre. Então, quando ele entrou, houve uma explosão. Ao chegar do outro lado, voando dentro daquela nuvem de fogo e fumaça, já estava acabado. Foi um acidente monstruoso.

Eu tive mais sorte, apesar de ter sido abatido. Pela minha antigüidade, eu estava comandando o vôo. Nós saímos com um grupo razoavelmente grande. Seríamos oito aviões, mas, já na decolagem, um dos pilotos estava com problemas e, por isso, não decolou, restando, assim, sete aviões. Saí na primeira esquadrilha com a missão de bombardear a ponte ferroviária de Casarsa e a segunda esquadrilha, a Vermelha, tinha a mesma missão, mas era comandada pelo Alberto Martins Torres, que cumpriu o maior número de missões: foram 99 ao todo.

Para essa missão, como eu era Auxiliar de Operações, achava que podia pleitear o direito de voar, pela primeira vez, levando foguetes no meu avião, na minha esquadrilha. Entretanto, antes do vôo, eu havia pedido ao Chefe de Operações para consultar os americanos se eu poderia fazer um treinamento com foguetes no solo. Para minha surpresa, o comando americano respondeu que não havia necessidade de treinamento, que eu deveria fazê-lo em cima do inimigo e ainda trazer resultados.

No entanto, havia um fato que eu, na ocasião, desconhecia. Esse foguete, como era usado, ou seja, lançado em tubos, não tinha um alcance muito grande, tornando-se semelhante ao da metralhadora. Era necessário que eu realmente me aproximasse do objetivo e os atirasse rapidamente para me livrar de um contra-ataque. Durante a missão, larguei uns três foguetes. Mas enquanto eu dormia na pontaria, estavam também dormindo na pontaria contra o meu avião. De repente, senti o contra-impulso de foguetes de 20mm. O motor foi atingido e apagou na mesma hora. As chamas começaram a cobrir a nacele. Senti que estava liquidado. Decidi escapar do avião em chamas. Por sorte, eu estava embalado. Quando “cabrei” o avião, isto é, levantei a proa, este subiu bastante. Esperei a ocasião adequada, soltei o *canopy* e fiquei de cócoras na nacele. Jogando o *manche* para a frente, saltei do avião, deixando-o à sua própria sorte.

O tempo que esperei para abrir o pára-quedas foi terrivelmente longo, porque eu estava preocupado em encolher os ombros, para não me machucar na hora em que ele abrisse. Com isso, eu não via a aproximação do solo; nem vi mais o avião. Finalmente, comandeí a abertura do pára-quedas. Foi como se eu tivesse levado um soco naquele momento. Por sorte, não estava muito próximo do chão, mas do alto observei que, justamente no local onde iria pousar, havia fios de alta tensão que passavam ao longo de um canal. Precisava praticar ali o que havia aprendido. Raciocinei rápido e, manobrando as cordas do pára-quedas, consegui desviá-lo daquela área. Além disso, sustentando-me nas cordas, puxei-as com força, para evitar uma batida violenta no solo e consegui aterrar sem fratura alguma.

Não sei exatamente onde aterrei nesse dia 26 de março de 1945. Deve ter sido em uma área um pouco afastada de Casarsa, já que dali não se via uma ponte sequer. Após o pouso, era necessário recolher e esconder o pára-quedas. Mas isso não foi possível, porque o terreno onde eu havia pousado era muito plano, completamente liso, pois era época de plantio na Itália. Não havia árvores, não havia nada. Pensei em escondê-lo numa caldeira velha que havia ali perto. No entanto, os alemães, fardados e armados, localizaram-me. Ao se aproximarem, apontaram-me a arma. Naturalmente, levantei as mãos. Eles me revistaram, levaram a minha pistola 45 e me prenderam. Ordenaram-me que os acompanhasse até uma casa onde acho que funcionava um QG alemão e onde fui interrogado.

Considero um momento como esse propício a um interrogatório, levando-se em conta que o prisioneiro está em desvantagem, sentindo-se fraco e inseguro. As perguntas eram feitas em inglês, italiano e francês. Eles falavam várias línguas, mas não a minha. Eu respondia em português que era um oficial brasileiro e dizia o meu número de série. Aquela informação nada adiantava para eles, mas tinham instrução para respeitar a resposta do prisioneiro na língua dele como resultado da Convenção de Genebra. Devo dizer que não me maltrataram. Dali, fui conduzido a um pequeno quarto embaixo de uma escada. Eles desalojaram de lá um italiano, que não gostou nada da idéia, e trancaram a porta com travas e pregos. Como o italiano levava a cama, deitei-me no cimento frio. Mais tarde, recebi a visita de um oficial muito “camarada” que me desejou uma *buona notte*.

No dia seguinte, o oficial da véspera e um sargento me levaram para uma prisão próxima a Udine. Nesse QG alemão, fui escoltado até uma cela. Posteriormente, o oficial “camarada” entrou para perguntar se eu queria comer. Um jantar me foi servido e recebi três ou quatro tijolos de feno prensados, que eu jamais havia visto no Brasil, para fazer a minha cama. Agradei e botei um do lado do outro. O tal oficial riu e, vendo que eu não entendia nada sobre feno, disse-me: “Existe uma maneira mais fácil.” Ele, então, desmontou um tijolo que logo ficou parecendo um colchão alto e fofo. Eu pensei: “É uma cama maravilhosa.”

Esse oficial sempre se dirigia a mim de cara amarrada. Tenho a impressão de que ele agia assim para evitar que seus subordinados o julgassem mal. A verdade é que sempre que podia me dava uma colher de chá. E a melhor delas foi quando me deu um pão e uma maçã, dizendo: “Isso ninguém vai lhe tirar. Guarde porque você vai precisar. Amanhã você sairá daqui.”

Realmente, no dia seguinte, deixei aquele local e acabei esquecendo de pegar o pequeno farnel debaixo do feno. Viajei todo o dia e enfrentei a fome. Nessa jornada, não comi nada; só havia água quente para fazer café e, como eu não tinha nada, apenas bebia a água. Além da fome, eu ainda carregava o pára-quedas, que até então me acompanhava. Fui escoltado ao longo do dia por dois guardas (um ficava ao meu lado e o outro a uns cinco metros atrás) até um lugar onde havia um oficial da ativa alemão. Nesse local, eu vi o disparo da arma que estava comigo. Eles atiraram e carregaram a pistola. Eu voltei para dormir no lugar que o italiano tanto prezava.

De lá, fui levado a um outro QG para um outro interrogatório. Eu, novamente, demonstrava não entender as perguntas. “Brasil 613, B0 613, B0” era o que eu sempre respondia. Pediram-me para abrir o blusão americano e viram o uniforme da FAB, que era cáqui com os símbolos em preto. Ouvi quando disseram *amerikanish*, referindo-se ao blusão.

Nesse QG alemão, fiquei aguardando os acontecimentos. Num determinado momento, fui levado para uma sala onde estavam sargentos e soldados alemães. Houve, ali, uma espécie de discussão entre eu e um guarda alemão que queria e conseguiu se apossar do meu relógio à força. No outro dia, um suboficial que tinha presenciado a cena do relógio veio à minha cela. Estranhei o fato de ele criticar o guarda; senti que estava interessado em algo, talvez em obter informações. Foi justamente ele quem me escoltou até Nuremberg. Mas, antes de nossa partida, pediu-me para levar a mala de um oficial até o nosso destino. Pode ser que a consideração que demonstrava ter por mim se devesse ao seu desejo em ter o meu consentimento para tal. Por outro lado, aquela mala era uma forma de evitar a minha fuga. Embora ele e o colega também ajudassem com uma das alças, com revezamento entre os dois, eu estava sempre segurando a outra alça e sendo acompanhado a uma distância de quatro ou cinco metros por aquele que estivesse, no momento, liberado de carregar a mala. Confesso que senti quando perdi a companhia deles ao chegarmos a Nuremberg.

Após passar uns dois dias nessa cidade sendo interrogado por um padre que conhecia Pernambuco e a Bahia e que, em meio às lembranças do nosso Nordeste e a muita delicadeza, tentava colher informações militares, fui levado, com outros prisioneiros, para o *Stalagluft* de Nuremberg. Quando eu estava chegando a esse campo de concentração, rodeado por aquela típica cerca de arame farpado, vi um camarada, que mais parecia um árabe do que um brasileiro, com uma touca na cabeça e barbado. Era o meu companheiro de guerra, o Tenente Assis. Perguntei logo: “É você, Assis?” Reclamando, ele respondeu: “Estou esperando por um de vocês há dias. Só agora que você apareceu.” Sua gengiva estava sangrando, pois já sofria de escorbuto devido à falta de vitamina C. Ele não se lembrava mais do meu nome; queria saber sobre os seus amigos mais íntimos. Disse-lhe que estavam bem e ele me advertiu: “Nós vamos sair daqui a pouco para outro campo de concentração. Não queira ficar na estrada. Vá de qualquer jeito, senão, você pode se dar mal.” Infelizmente, perdemos o contato ali no portão de entrada.

Conforme o Assis havia dito, tivemos que deixar Nuremberg naquele dia por força do avanço dos aliados. Uma marcha foi organizada e partimos todos a pé, por não sei quantos dias, para outro *Stalagluft* a nordeste de Munique.

Durante o deslocamento, comíamos o que encontrávamos e os produtos distribuídos pela Cruz Vermelha como chá, café, sopa e leite em pó, um pouco de carne, legumes, biscoitos, açúcar, chocolate e cigarros para um homem durante quatro dias. A sopa não tinha tempero. Tomávamos para não morrer; não havia outro jeito. Além de sermos divididos em batalhões, companhias e pelotões, éramos também organizados em “derrancho”.

O meu grupo estava sob o comando do Coronel John Stokel, aviador americano, também prisioneiro e delegado do comandante alemão do *Stalagluft*. Era conveniente para os alemães que os prisioneiros fossem comandados por americanos. Assim, os alemães conseguiam maior docilidade por parte dos prisioneiros e economizavam gente na vigilância. Em algumas situações, estávamos muito cansados. A caminhada parecia não ter fim. Caminhávamos para dentro da Alemanha, passando por cidadezinhas muradas, com igrejas. O nosso grupo era o mais novo, porém o menos alimentado. Mas os americanos não nos deixavam fraquejar e desafiavam a nossa capacidade de resistência, de estar com eles.

Uma vez, o comandante do pelotão perguntou-me: “Vamos ou não vamos? E você, brasileiro?” É claro que fui com eles, afinal, eu tinha guardado comigo o conselho do Assis para não ficar na estrada. E um guarda deles ainda fazia a sua previsão: “Vocês se prepararem para levar bala”, o que, felizmente, não ocorreu. Também na parte de saúde contávamos com a ajuda dos americanos. Vi muitos prisioneiros passarem mal, principalmente com disenteria, mas esses rapazes americanos, que eram voluntários de muita coragem, traziam medicamentos e davam conselhos. Andavam a favor e contra o sentido da marcha para ajudar quem precisasse de socorro. Conseqüentemente, andavam muito mais. Para esse povo, eu tiro o chapéu. Aprendi muita coisa ali. Eles foram um exemplo de lealdade e dedicação.

À noite, parávamos geralmente em fazendas, onde dormíamos um pouco. Por sinal, nesse período, eu já era doutor em dormir em montes de feno. Quando chegávamos, cada grupo “derrancho”, composto de cerca de seis homens, entrava em ação. Meu companheiro e eu corríamos para garantir o lugar onde dormiríamos; na verdade, nós delimitávamos o nosso “dormitório” sobre os montes de feno. Dois outros procuravam material para preparar algo parecido com um fogão de lenha, como pedras, tijolos e madeira, e os outros dois iam negociar com a população civil os cigarros e sabonetes que recebíamos por alimentos. Os americanos até brigavam para decidir quem iria cozinhar. Usando as batatas que pegávamos em fazendas, as rações que eram fornecidas por ingleses e americanos, os temperos que vinham nas caixas que recebíamos e água, os americanos faziam maravilhas. Eram verdadeiros artistas. Eu, particularmente, preferia a minha missão de limpar as latas que serviam de panelas, pois não sabia cozinhar.

Decorridas umas duas semanas em que nos deslocamos a pé e, algumas vezes, de caminhão e de trem, sendo acompanhados por guardas, chegamos ao nosso destino. No campo de Müsberg, encontrei, por acaso, um companheiro do Exército, o Tenente Varolli, que foi preso pelos alemães durante o primeiro ou o segundo ataque a Monte Castelo. Esse oficial paulista foi quem me levou ao Assis.

Os alojamentos em Mösberg eram constituídos de barracões de madeira muito grandes. No meio de cada um, havia uma área que, em períodos anteriores, devia ser destinada às refeições. Havia também blocos de uma dúzia de camas dispostas em três andares. Mesmo assim, o número de camas era insuficiente. Os prisioneiros que se cansaram mais durante o deslocamento, sendo, por isso, transportados para o campo de caminhão, chegaram depois e tiveram que dormir no chão. Foi o caso do Assis. Eu fiquei numa cama em que faltavam umas duas tábuas, mas ajeitar-me ali era melhor do que dormir no chão.

Como dormir não é a única necessidade básica do ser humano, em cada campo de concentração havia um núcleo de instalações sanitárias. O nosso possuía cerca de quarenta vasos sanitários em cada uma das duas alas que formavam um “L.” Não tínhamos privacidade alguma e, ao mesmo tempo, víamos de tudo. Quanto à higiene do local, sei que esses vasos eram tratados e, periodicamente, um caminhão dos alemães levava os dejetos para, posteriormente, serem transformados em adubo.

A população do campo era imensa. A maior parte era de prisioneiros de guerra russos. Estes eram separados de nós por cercas duplas, iguais à cerca externa. Os ingleses e americanos também ficavam em barracas separadas, porém sem qualquer divisória. Tudo para facilitar a administração. De qualquer forma, eu nunca entendi direito o porquê dos americanos e ingleses, estando no mesmo campo de concentração, não se darem. Teoricamente, na guerra esses dois povos eram amigos, mas, na realidade, a situação era outra. Os ingleses tinham um ar de superioridade, mas os recursos eram dos americanos. Estes não gostavam quando aqueles tentavam levar alguma vantagem. Por fim, na hora da evacuação desse campo de concentração, os americanos acabaram largando os ingleses lá e saíram em seus aviões DC-3. Particularmente, acho que se tratava de uma questão de sangue.

De todos os prisioneiros, destacavam-se os veteranos, que já vinham desde o começo da guerra. Eles conseguiam o que queriam. Até rádio para ouvir a BBC de Londres eles construíram lá dentro. Graças a eles, fomos informados de que o Exército aliado estava alertando os alemães a “não se meterem a besta”.

Sentíamos todos a aproximação das tropas do General Patton. Começou a haver tiro de artilharia. Nessa ocasião, as explicações do Varolli foram de muita valia para mim e nossos companheiros. Ele disse logo: “Isso é ajustagem de tiro de artilharia. Daqui a pouco as tropas passam por cima da gente.” Nós estávamos exaustos, mas tínhamos um incentivo. Sabíamos que a situação mudaria. Finalmente, no dia 29 de abril, ouvimos rajadas de metralhadora em torno do campo. Cada um fez o que tinha que fazer. Uns correram para as trincheiras; outros, como eu, deitaram-se no alojamento. Tudo isso durou pouco. Quando me levantei e vi, do outro lado, a ban-

deira americana tremulando, tive a agradável sensação de liberdade. A guerra havia terminado, pelo menos, para nós. Os guardas fugiram e o acampamento ficou aparentemente sem ninguém. Muitos companheiros também escaparam. Eu e o Assis não estávamos bem de saúde. Por estarmos debilitados, achamos melhor aguardar os acontecimentos. Eu disse para ele: “A nova ordem é a seguinte: não atrapalhar os americanos. Eles vão acabar de ganhar essa guerra.”

Tomáramos a decisão correta. Poucos dias depois, fomos evacuados, com segurança, pelo transporte aéreo americano para o Havre, na França. Embarcamos na frente dos ingleses. Era natural que tivéssemos preferência, afinal, estávamos entre os americanos e com a farda deles.

No Havre, recebemos alojamento e comida várias vezes por dia, em horário certo. Eles enfatizavam: “Sirvam-se à vontade, mas comam tudo o que colocarem no prato, por favor.” Havia médicos, ao longo da fila, que nos orientavam sobre os riscos de comermos em excesso. No entanto, era difícil impedir que aquelas pessoas pegassem mais alimentos do que realmente podiam comer e os levassem para o alojamento. Existia o medo da fome, afinal, em Músborg, mesmo depois da invasão americana, não chegamos a ter a fartura tão esperada; lembro-me, sim, de uma ocasião em que foram distribuídos *coffee and donuts* por americanas bonitas.

A essa altura, o Assis já estava bem melhor e combinamos que não mais nos separaríamos. Ficamos sabendo que seríamos mandados para os Estados Unidos e, de lá, para o Brasil. Eu disse ao Assis: “Nós temos que ir para Pisa. Lá, o nosso comandante saberá o que fazer.” Procuramos o comandante do campo do Havre, o Coronel Snavelly, que estava feliz naquele dia, pois o seu filho acabava de completar a 25ª missão de bombardeio em cima de Berlim e estava livre, como herói de guerra. Explicamos a nossa situação e ele imediatamente disse: “Vou fazer por vocês o que fariam por nós. Vocês serão transportados no meu próprio avião para Paris e aguardarão pelo regresso a Pisa no Hotel Martinique, que é o *rest camp* oficial dos americanos e brasileiros.” Agradecemos pelo crédito de confiança. Esse Coronel ainda fez mais por nós. Deu ordens para que nos fossem providenciados um banho e uniformes americanos, já que os nossos estavam em mau estado. Ele acrescentou: “Não tem problema que ponham o seu emblema lá dentro. Os senhores procurem o embaixador do Brasil na França; ele naturalmente vai resolver o problema.”

Em Paris, fomos recebidos por um coronel da Força Aérea americana, mas da nossa Embaixada, que fora comunicada sobre a nossa ida, não havia ninguém. Tentamos procurar o Embaixador Clark, mas fomos recebidos pelo secretário, que nos tratou muito bem. Pedimos para ver o embaixador e, principalmente, que o Ministério da Aeronáutica e nossas famílias fossem comunicados sobre a nossa libertação.

Embora tenha prometido passar um telegrama ou rádio, essa comunicação jamais foi feita; aliás, a minha mãe recebeu a boa notícia do Rui Moreira Lima. Nesse dia, quando regressamos ao hotel, encontramos um convite do embaixador para um jantar. Ficamos naturalmente surpresos, mas nossa surpresa foi ainda maior ao percebermos, durante o jantar, que o embaixador, além de enfatizar as dificuldades que enfrentava na ocasião, estava interessado em tirar proveito de nossas relações com os americanos para adquirir giletes americanas, pois as francesas não tinham a mesma qualidade.

Mesmo sem a menor ajuda da Embaixada, fomos encontrados em Paris. O Nero Moura mandou um avião B-25, com John Buyers, Lagares e Pessoa Ramos nos buscar. Eles já haviam nos procurado pela Alemanha e, como sabiam sobre o *rest camp*, deduziram que acabaríamos indo para lá. O encontro com eles no hotel foi uma grande alegria. No dia 15 de maio, seguimos para Pisa, onde se repetiu a enorme vibração do reencontro com os outros companheiros.

Na Itália, fui escalado para uma outra missão. O Brasil havia adquirido uns aviões e era necessário levá-los dos Estados Unidos para o Brasil. Dessa forma, deveria voltar para casa, com outros pilotos, trazendo esses aviões sob o comando do Nero Moura. No entanto, tive uma infelicidade ao pousar no Amapá. Na verdade, houve uma falha de interpretação de minha parte e de meu companheiro, o *Kopp*. Em vez de pousar longo, para dar possibilidade ao outro que vinha atrás, ele pousou curto e eu pousei logo em seguida, antes que ele saísse no fim da pista. Então, o meu avião chocou-se com o dele. O avião teve que ser trazido para o Brasil posteriormente, após o conserto, e eu vim num avião de passageiros que acompanhou o Esquadrão. Chegamos juntos ao Rio, mas não tive o prazer de chegar pilotando. De qualquer forma, a recepção para essa chegada foi muito bonita.

Tendo passado pela guerra, devo confessar que não entendo por que a humanidade, no estágio em que se encontra de evolução material e espiritual, insiste em tanta brutalidade. Por que os conflitos precisam ser resolvidos com violência e morte? Até hoje, lutas constantes em tantos países, como na Irlanda do Norte, dividida numa luta sem fim entre católicos e protestantes, impressionam-me.

Contudo, para mim, a carreira militar é bonita; todos os países têm a obrigação de defender a sua soberania. Por falar em carreira, a minha, como disse anteriormente, iniciou-se na Escola Militar do Realengo, lugar por onde sinto o coração bater até hoje. Honro-me de ter sido cadete do Exército e, posteriormente, seguido, dentro da Aeronáutica, a linha traçada ainda naquele tempo. Posso não demonstrar muito entusiasmo devido ao meu temperamento, mas, com certeza, o Exército pode contar com a minha lealdade e a minha amizade até o fim da minha vida.

Major-Brigadeiro-do-Ar José Rebelo Meira de Vasconcelos*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro-RJ. Oriundo da Reserva Naval Aérea foi incluído na Escola de Aeronáutica, sendo declarado Aspirante-a-Oficial Aviador em agosto de 1943. Realizou, como Oficial, os cursos de Piloto de Caça, de avião P-47 e de avião a jato P-80, os dois últimos nos Estados Unidos; Piloto de Transporte Aéreo em C-47, C-54 e Avro; Transporte de Tropa em C-82. Dos Cursos teóricos fez os de Tática Aérea; Estado-Maior; Superior de Comando; CEMCFA, da ESG. Por ter sido voluntário ainda cadete foi designado, como Aspirante Aviador, para o 1º Grupo de Caça, participando da Campanha da Itália, de 4 de outubro de 1944 a 2 de maio de 1945. Cumpriu 93 missões de guerra, tendo realizado a última missão do Grupo. No regresso, continuou no 1º Grupo, como Instrutor, na Base Aérea de Santa Cruz, na formação dos primeiros pilotos de Caça da FAB. Em 1948, foi Instrutor do Curso de Tática Aérea. Em 1950, foi Comandante de um Esquadrão de B-25, em Recife. Em 1941, foi designado Aj O do Ministro da Aeronáutica – Brigadeiro Nero Moura. Como Major, foi para a Comissão Aeronáutica Brasileira, em Washington. Em 1956, foi Subcomandante e depois Comandante do 2º Grupo de Transporte, com a missão de apoiar a tropa pára-quedista do Exército. Em 1961, Instrutor da Escola de Estado-Maior. Em 1963, Oficial de Gabinete do Ministro e, em 1965, Chefe da 5ª Seção do Estado-Maior da Aeronáutica e, após, classificado no Corpo Permanente da ESG. Em 1966, pediu passagem para a Reserva. Possui as medalhas de Campanha da Itália, Cruz de Aviação – Fita A, com quatro estrelas, *Distinguish Flying Cross*, *Air Medal* com três *clusters* (americanas), *Croix de Guerre avec Palm* (França), *Presidential Unit Citation* (americana) por ter pertencido ao 1º Grupo de Caça, na Itália.

* 2º Tenente-Aviador do 1º Grupo de Aviação de Caça, entrevistado em 6 de março de 2001.

Em 1940, prestei exame para a Reserva Naval Aérea e fui aprovado. No entanto, no início de 1941, foi criado o Ministério da Aeronáutica e os alunos que haviam sido aprovados nesse curso foram matriculados, pelo governo, na Escola de Aeronáutica, onde freqüentei três anos de curso até sair Aspirante-a-Oficial Aviador.

Durante o período em que estive na Escola, já havia um clima de revolta em relação à guerra. Na ocasião, os jovens, de forma geral, e não apenas aqueles que seguiam a carreira militar, não se conformavam com o grande número de torpedeamentos de navios em nosso litoral e as conseqüentes mortes de brasileiros sem qualquer razão de ser. Assim, eu me alistei como voluntário para participar de uma possível unidade operacional que combateria o nazi-fascismo. Em janeiro de 1944, fui designado e transferido para o 1º Grupo de Aviação de Caça. Nessa ocasião, eu era Instrutor da Escola de Aeronáutica.

Inicialmente, exigia-se que todos os pilotos escalados para fazer treinamento no Panamá tivessem experiência com o avião P-40. Nós, instrutores da Escola de Aeronáutica, que ainda não havíamos tido a chance de pilotar esse avião, passamos cerca de 20 dias no Recife, em Pernambuco, onde nos foi dado um treinamento de aproximadamente 30 horas. Finalmente, com essas condições preenchidas, tomamos rumo ao Panamá pelo transporte aéreo americano e chegamos à Base Aérea de Aguadulce no dia 31 de março de 1944. No Panamá, encontraram-se todos: o grupo chave do Comandante Nero Moura, que acabara de chegar de um treinamento em Orlando, nos Estados Unidos, os pilotos, os encarregados dos diversos setores de manutenção, a equipe médica e o restante do escalão terrestre. Éramos, ao todo, mais de trezentas pessoas.

No Panamá, enfrentamos o novo. Apesar de nós, pilotos, principalmente os da minha turma, que era a mais recente, e os da turma anterior, termos tido algum treinamento de piloto de avião, nós ignorávamos totalmente o que fosse um treinamento de piloto para o combate ou a formação de uma unidade operacional. Foi justamente o que aprendemos em Aguadulce. Lá, tivemos um treinamento intensivo e individual de piloto e, ao mesmo tempo, de componente de uma unidade operacional.

Costumo dizer que o critério de seleção baseava-se no “vai ou volta”, ou seja, ou o indivíduo conseguia alcançar os coeficientes estabelecidos para um piloto de combate ou teria que regressar para o Brasil. Era uma situação em que o nível estabelecido era o ótimo; ser um bom piloto não era suficiente. Levando-se em consideração o nosso espírito de jovens e o fato de estarmos fora do nosso País, longe da família, concluímos que a nossa situação era bastante complicada. Passamos momentos angustiantes, de muita luta para alcançar o nosso objetivo: integrar uma unidade operacional que participaria de um combate em um Teatro de Operações que ainda não sabíamos qual seria.

O então Major Nero Moura, para mais da metade dos pilotos, era um homem praticamente desconhecido. Sabíamos, sim, da existência do Major Nero Moura como piloto do Getúlio, mas não como companheiro e Comandante. Entretanto, muito cedo, sentimos a sua presença, a sua determinação de comando, o seu tirocínio, a sua justiça, o seu caráter, o seu espírito de paz e tranquilidade que perdoava pequenas coisas para atingir o objetivo final. Ele nos deu uma lição ao nos reunir, num dado momento, para dizer que as nossas cartas estavam censuradas, contra a sua vontade e que ele sabia que estavam falando mal dele. Mesmo assim, queimou essas cartas na nossa frente. Poucos homens teriam essa capacidade. Ele foi realmente um belíssimo Comandante.

Ainda em Aguadulce, ao lado do nosso Comandante, esteve sempre presente o Coronel Gabriel P. Disosway. Posteriormente, tomei conhecimento de que a Força Aérea americana criara uma equipe exclusivamente para treinamento da nossa unidade brasileira. Assim, Disosway, que na realidade era formado em West Point e tinha o posto de Capitão, foi comissionado como Coronel e apareceu no Panamá diante de nós como o Chefe da Instrução. Era um texano de aproximadamente 1,85m de altura que, com a sua estatura, impunha um certo medo, mas não demorou até que percebêssemos que ele era um homem extraordinariamente profissional. Eu diria que ele fora feito para aquela situação. Esse americano conseguiu compreender e apreciar os brasileiros. Era um piloto excepcional. Ele ditava as regras do jogo e as seguia até o fim; era “ou vai ou racha.” Foi um ótimo companheiro e chefe de instrução. Inclusive, ele e dois assistentes seus, Capitão William S. Chairsell e Capitão Delmore E. John, acompanharam-nos até Nova York, onde o Coronel Disosway teve uma briga grande com o Comandante da Base, pois não aceitou que os pilotos brasileiros, que ele havia formado dentro de uma missão violenta de combate, seguissem o ritmo daquela Base que servia à formação de pilotos da Reserva. Então, ele travou uma verdadeira guerra com o Comandante, até convencê-lo de que não fazia sentido levar-nos para fazer vôos que não se comparavam aos que já havíamos feito. Com isso, ele se tornou um deus para os brasileiros.

No final do curso, nos Estados Unidos, houve uma festa de despedida para ele. O ambiente era de muita alegria porque estava terminando o curso e, ao mesmo tempo, de muita tristeza porque nós estávamos perdendo um grande companheiro. Lembro-me de, apesar de ser ainda um Tenente, ter perguntado a ele: “Mas, Coronel, por que o senhor não vai conosco para a Itália?” Eu jamais esqueci a sua resposta. Ele disse: “Não vou porque sei que essa unidade vai ter uma função muito importante nesse Teatro de Operações e, se eu estiver lá, para o resto da vida vão dizer que a unidade só se saiu bem porque tinha um americano junto com eles”. Considero fenomenal o grau de percepção que esse homem teve em todo o trabalho que executou.

Após nos deixar, soubemos que ele foi designado como Comandante de uma *Fighter Wing*, mas, na primeira missão, ele foi abatido em território chinês. Os chineses só o liberaram porque o trocaram por uma grande quantidade de trigo; na verdade, eles não estavam diretamente envolvidos na guerra do Pacífico com os Estados Unidos. A título de curiosidade, o nosso colega Torres, que realizou 99 missões na Itália, costumava brincar com ele: “Puxa, General, nós dois juntos fizemos cem missões.”

Infelizmente, há pouco tempo recebi um *e-mail* do Capitão Delmore E. John comunicando que o Coronel Disosway veio a falecer no dia 24 de fevereiro desse ano de 2001 e foi cremado no dia 26. Já combinei com o Brigadeiro Rui Moreira Lima e com o Brigadeiro Fortunato de enviarmos uma mensagem à sua esposa. Pretendemos também sugerir que a Força Aérea faça o mesmo, já que esse homem teve um papel importante para a História da nossa Força. Ele recebeu a Ordem do Mérito Aeronáutico e a Ordem do Rio Branco. Enfim, ele tem todas as qualificações para ser verdadeiramente enobrecido e venerado pela Força Aérea Brasileira.

Quanto ao 1º Grupo de Caça, acredito que o seu espírito de Corpo começou na sua própria constituição. Desde o início, percebemos que se tratava de um trabalho profissional. Então, todos se sentiram evidentemente orgulhosos de pertencer a essa Unidade, pois teriam a oportunidade de voar no que havia de mais moderno e vivenciar o juramento feito na formação de Oficial com um grupo de pessoas que, inquestionavelmente, haviam passado por uma seleção rigorosa.

Para esse Grupo realizar sua missão na Itália foi escolhido o avião P-47. Na minha opinião, essa escolha foi bastante natural. O P-40 já estava obsoleto e o P-39, usado por algumas unidades americanas, também não era considerado um avião adequado para esse tipo de missão. Por sua vez, o P-47 já tinha surgido e estava começando a equipar as unidades americanas. Apesar de esse avião consumir muito combustível, ele era uma maravilha. Seu motor tinha dois mil cavalos. Mesmo durante a campanha da Itália, nunca aconteceu de um piloto ter que saltar por falta de gasolina. Também, levava-se um tanque suplementar de 70 galões.

Quando terminamos o treinamento de P-40 no Panamá, nós fomos de navio diretamente para os Estados Unidos. Chegamos no dia 4 de julho, o dia da independência americana, mas ficamos 48 horas de quarentena por estarmos vindo da América do Sul. Em seguida, fomos deslocados para a Base Aérea de Suffolk, onde repetimos tudo o que havíamos feito no P-40 em um P-47. Esse treinamento durou de julho a 31 de agosto, quando demos início aos preparativos para o embarque.

Deixamos Suffolk no dia 10 de setembro e fomos para um campo de concentração de prisioneiros alemães na Virgínia. Chegamos a ver os prisioneiros, mas esse

mesmo campo também alojava as pessoas que iam embarcar. Era uma outra espécie de quarentena. Lá permanecemos por aproximadamente oito dias. Não podíamos sair nem usar o telefone. As cartas não tinham destino. Era um silêncio absoluto. Nenhuma informação podia vazar, para que não fosse prejudicado o transporte do pessoal para a Itália. Nós não sabíamos sequer quando iríamos embarcar.

Nessa primeira etapa, já fiquei muito impressionado com o planejamento americano. Fomos divididos em pelotões e cada indivíduo sabia apenas a qual deles pertencia e que, no dia em que fosse dada a ordem de embarque, teria que seguir os sinais visuais do seu pelotão. E assim aconteceu. Quando recebemos essa ordem, foi um silêncio absoluto. Após uma caminhada grande, nós estávamos praticamente ao lado da cama em que dormiríamos no navio que nos transportou até Livorno. Se levarmos em conta que só o nosso navio levou cinco mil homens e que esse comboio tinha uma grande quantidade de navios, inclusive dois porta-aviões, pode-se imaginar o planejamento que foi necessário para a realização de uma manobra dessa natureza.

A nossa viagem para a Itália durou 17 dias. No navio, eram servidas duas refeições. Podia-se comer à vontade, mas não era permitido levar nada para comer mais tarde. Após o jantar, era um breu completo. Também não se podia fumar no tombadilho. A única coisa que aliviou um pouco o rigor da viagem foi a companhia de uma equipe de enfermeiras da Cruz Vermelha e de artistas do *U.S. Show*, que iam aos vários teatros de operações para distrair as tropas. Dessa forma, à noite tínhamos shows de mágicos, dança etc.

Eu, pessoalmente, fiquei preocupado quando soube que passaria 17 dias dentro de um navio, pois tinha problemas com viagens marítimas. Pensei: “Vou morrer; não chego lá.” Entretanto, para minha sorte, o navio, talvez por ser grande, jogou pouco e a viagem foi tranqüila. Tínhamos também treinamento contra possíveis ataques, o que fazia com que momentos de sossego fossem alternados com alguma agitação.

Apenas quando cruzamos o Estreito de Gibraltar é que deduzimos para onde estávamos sendo levados. Até então, não sabíamos se íamos para a África ou Europa. Ao chegarmos a Nápoles, desembarcou um grande número de pessoas e, na mesma tarde, o nosso navio seguiu com destino a Livorno, onde atracou por volta das duas horas da tarde do dia 6 de outubro de 1944.

Em Livorno, assistimos a um espetáculo terrível. Nós não poderíamos imaginar que veríamos aquelas cenas. Havíamos deixado um navio com todo o conforto e, debaixo de uma chuva fina, encontramos navios afundados, balões contra ataque aéreo, pessoas famintas nas ruas pedindo comida, a terra arrasada. Além disso, o porto tinha sido totalmente bombardeado. Foi realmente um grande choque.

Imediatamente, todos nós, molhados por causa da chuva, fomos conduzidos de caminhão até um trem de madeira, todo furado por ataques da aviação inimiga, que nos transportou a Tarquinia. Viajamos a noite toda.

Poucos dias após termos chegado a Tarquinia, passamos ao controle operacional do 350º *Fighter Group* (350º Grupo de Caça), operando como 1ª *Brazilian Fighter Squadron* (1º Esquadrão de Caça Brasileiro) em vez de 1º Grupo de Caça. Foi uma questão unicamente de nomenclatura. A nossa organização, naquele tempo ainda do Exército, era um Regimento, que, por sua vez, tinha grupos. Com os americanos era diferente. Os termos “Regimento” e “Grupo” equivaliam, respectivamente, a “Grupo” e “Esquadrão” na organização americana. Assim, o nosso Grupo correspondia exatamente ao *squadron* americano. Se pegarmos qualquer publicação americana do 350º Grupo de Caça, encontraremos menção ao *First Brazilian Fighter Squadron*, mas, na realidade, éramos o 4º Esquadrão do 350º Grupo

Esses americanos chegaram a Tarquinia em setembro, um mês antes de nós, e, pela primeira vez, o Grupo teve os seus três esquadrões (345º, 346º e 347º esquadrões) juntos, pois durante toda a campanha da África os esquadrões estavam em campos diferentes. A organização e o efetivo dos quatro esquadrões eram os mesmos. A única diferença é que tínhamos um avião a mais. Cada esquadrão americano tinha 25 aviões; eram seis aviões em cada esquadrilha mais o do Comandante. O nosso Esquadrão tinha um avião para o Subcomandante também. Então, nós tínhamos o P-47 de número 1 para o Comandante, um P-47 de número 2 para o Subcomandante e seis aviões em cada uma das quatro esquadrilhas, que eram designadas por cores e letras. A Esquadrilha Vermelha era A, a Amarela, B, a Azul, C e a Verde, D. Cada avião recebia, dessa forma, a letra da esquadrilha à que pertencia e um número de um a seis, como A-1, A-2, A-3 etc.

Às vezes, acontecia das quatro esquadrilhas estarem voando com apenas quatro aviões cada e se fosse preciso soltar uma quinta esquadrilha, essa recebia uma outra cor, que podia ser marrom, roxa etc... Mas essas outras cores eram usadas exclusivamente para efeito de identificação naquele determinado voo.

O início na Base Aérea de Tarquinia foi difícil. Como fomos os últimos a chegar, o local que nos deram era praticamente uma lagoa. A época era de chuva e, logo nos primeiros dias, um temporal fez com que várias das barracas que havíamos montado desabassem. Prontamente, o Coronel Nero Moura designou o Tenente Neiva, que era engenheiro civil, para fazer um plano de drenagem da área. Com pás e picaretas, nós abrimos valas para regularizar um pouco a situação de moradia. A manutenção dos aviões naquela lama também não era fácil. Não havia hangar. Muitas vezes, o avião atolava e era necessário rebocá-lo com o trator. Enfim, era tudo novo e as condições não eram nada favoráveis.

Tivemos, contudo, uma ajuda valiosa. Quatro militares americanos serviam como uma espécie de ligação nossa com a Força Aérea dos EUA. Um deles era o Capitão John Buyers, que foi promovido a Major e já tinha servido em Recife. Ele era brasileiro nato e falava muito bem o português. Havia ainda uma enfermeira chamada Joela que era a ligação com as enfermeiras, um sargento e um cabo. Esses dois faziam as ligações com o pessoal de apoio. Um deles, creio que o cabo, veio servir no Brasil e acabou casando-se aqui. A sua filha era a atriz Sandra Brea. Dos quatro, quem mais se destacou foi o Major Buyers, mesmo porque pouco contato tivemos com os outros. Nós ficamos de um lado do Rio Arno e o Grupo de Apoio do outro. Como não havia ponte sobre o rio, tínhamos que dar uma volta grande para chegar à outra margem. Conseqüentemente, fomos lá poucas vezes. A ponte só foi construída mais para o final. Já o Buyers estava sempre conosco. Além de ser um Oficial-de-ligação, ele nos ajudava nas missões. Quando faltava algum piloto, oferecia-se para voar de ala. Ele fez 22 missões de combate conosco, sem qualquer obrigação.

O próprio Brigadeiro Nero Moura chegou a dizer que uma grande parte do sucesso do nosso Grupo se devia a esse homem. Ele tinha autorização para, caso encontrasse qualquer problema no nosso Esquadrão, dirigir-se diretamente ao Pentágono. Soubemos que quando ele se apresentou ao Coronel Nielsen, Comandante do 350º Grupo, este lhe teria revelado: “Mas não é possível! Eu levei todo esse tempo para conseguir juntar o meu grupo e, quando consigo reunir os meus três esquadrões, aparece aqui mais um grupo de bugres que eu não conheço, nem sei o que eles fazem ou o que não fazem.” O Buyers teria dito a ele: “Coronel, o senhor vai se arrepender amargamente dessas suas palavras, no fim de tudo.” Hoje, Buyers mora em Maceió. Veio para o Brasil depois que passou para a Reserva. Casou-se com uma alagoana e tem filhos brasileiros. Sei que ele agora está escrevendo um livro sobre o Grupo de Caça. Enfim, ele é um elemento excepcional sob todos os aspectos. É um homem tranqüilo, justo e equilibrado.

O Major Buyers tinha razão. O Coronel Nielsen tornou-se um grande amigo nosso. Inclusive, esteve no Brasil em 1986, quando recebemos a *Presidential Unit Citation*. Foi ele quem recomendou que o nosso Grupo fosse homenageado com essa condecoração. Poucos dias após o término da guerra, ele entregou ao Coronel Nero Moura uma cópia da proposta de recomendação da Citação. Essa não é uma medalha individual e, sim, uma medalha da Unidade. É importante ainda ressaltar que apenas duas unidades estrangeiras receberam essa condecoração, além da nossa. Essa foi a razão de termos esperado tanto tempo para recebê-la. Na ocasião, alegaram que a mesma somente poderia ser entregue a unidades americanas. Mesmo tendo demorado, a condecoração deu-se durante uma cerimônia lindíssima, na Base Aérea de Santa Cruz, com a presença do Exmo Sr. Presidente da República, Doutor José Sarney.

Vieram dos Estados Unidos para participar da solenidade, além do Coronel Nielsen, o General Disosway, o Secretário da Defesa dos Estados Unidos e Thomas Darcy, o último Comandante do XXII Comando Aerotático. Essa condecoração é colocada na bandeira do Grupo e o oficial que pertencia à Unidade na época pode usá-la eternamente. É o único barrete que é colocado do lado direito. Aqueles que não estiveram na Itália, enquanto pertencerem ao 1º Grupo de Caça, têm direito a usá-la.

Ainda em Tarquinia, perdemos alguns colegas. No dia 6, o 2º Ten Av John Richardson Cordeiro e Silva, que era meu colega de turma, um excelente piloto e um belíssimo companheiro, morreu em sua primeira missão. A sua história era um pouco diferente da dos demais pilotos. O seu nome não saiu na primeira convocação, o que o entristeceu muito. Assim, o pai procurou o Coronel Faria Lima e conseguiu que o filho fosse para a Itália conosco, depois, obviamente, de ter vencido todos os desafios do Curso no Panamá e em Nova York. Quando voltei para o Brasil, conheci sua mãe, seus irmãos e o velho Antônio, que sempre dizia: “Eu sou o culpado”. Eu tentava confortá-lo, afirmando que “isso aconteceria de qualquer maneira, era o destino”.

Um dia após a morte do Cordeiro, o 1º Ten Oldegard Olsen Sapucaia, que tinha um irmão no Exército, decolou para cumprir um voo de treinamento. Após atirar em um alvo fictício, simulou uma manobra evasiva, comandando uma derrapagem, mas os comandos trancaram e o P-47 caiu. Oldegard ainda conseguiu saltar de pára-quedas, porém, este, sem altura suficiente, não abriu e nosso companheiro perdeu a vida. Na verdade, ele foi vítima de um defeito na fabricação do avião P-47 *Thunderbolt*. A quilha que ligava o leme à nacele do piloto havia sido retirada, o que produziu um defeito na aerodinâmica do avião. Quando estávamos nos Estados Unidos, um Coronel americano foi fazer esse tipo de demonstração e quase virou devido ao mesmo problema. Logo após a morte do Oldegard, a fábrica sanou essa deficiência mandando colocar imediatamente a quilha no final da fuselagem, junto ao leme de direção.

Nesse mesmo mês de novembro, os americanos resolveram filmar uma Esquadri-lha brasileira para uma película de propaganda. Para tal, um C-47 decolou com um cinegrafista americano que registraria, no ar, as passagens dos aviões P-47. Como os tenentes Rittmeister e Waldir gostavam muito de fotografia, resolveram acompanhá-lo para aproveitar a oportunidade de fotografar os companheiros. Por acaso, eu não estava na Base nesse dia. Eu e o Subcomandante da minha Esquadilha, o Tenente Assis, havíamos saído para visitar o Correia Netto, que estava hospitalizado com uma gripe muito forte. No hospital, ouvimos comentários de que um piloto ferido estava chegando. Fomos, então, para a porta do hospital a fim de verificar o que realmente havia acontecido. Levamos o primeiro susto quando vimos que era um de nossos pilotos, o Perdigão. Ele conseguiu salvar-se saltando de pára-quedas, mas Rittmeister

e Waldir não tiveram a mesma sorte. Não havia pára-quedas no avião em que estavam. Viemos a saber que o comandante do C-47, talvez porque quisesse ver os pilotos brasileiros, fez uma pequena curva. O Comandante da Esquadrilha tentou desviá-la, mas não foi possível. A asa direita do P-47 do Perdigão bateu na asa esquerda do C-47, que acabou chocando-se contra o solo, matando todos os que estavam a bordo. Com isso, perdemos quatro companheiros em menos de um mês. Surgiram outras missões e, aos poucos, fomos nos recuperando em relação às perdas sofridas.

De 2 a 4 de dezembro de 1944, houve a mudança para a Base de Pisa. Geralmente, as unidades de caça bombardeio, que dão apoio direto à força terrestre, ficam localizadas o mais próximo possível da linha de frente, para que o tempo gasto até que se entre em território inimigo seja pequeno e o tempo de voo nesse território seja grande. Enquanto estávamos em Tarquinia, perdíamos 30 ou 40 minutos de voo em território amigo para entrarmos em território inimigo. Em Pisa, esse tempo caiu para 15 ou 20 minutos. Esse deslocamento para uma nova base foi uma medida tática normal dentro da concepção de um Teatro de Operações. É necessário elogiar o planejamento brasileiro. Nós, pilotos, decolamos de Tarquinia para realizar uma missão e, no final, pousamos em Pisa. Não houve um único minuto de intervalo nas operações por causa dessa mudança. Quando nós pousamos, já fomos levados para o hotel. Tudo estava preparado. Ficamos em Pisa até o final da guerra.

Durante esse período, recebemos muitos incentivos. Por exemplo, os elogios feitos ao 350º Grupo de Caça eram encarados como um reconhecimento do nosso trabalho. Obviamente, quem estava no chão não podia imaginar qual Esquadrilha estava voando durante a missão cumprimentada, mas os pilotos que dela haviam participado e, principalmente, o Comandante do 350º Grupo sabiam perfeitamente de quem era o mérito. Também era comum sairmos em missões para dar cobertura aos aviões americanos B-25 que iam bombardear o Passo de Brenner. Nós ficávamos sobrevoando o local, para evitar que eles fossem atacados. Por isso, esses pilotos do B-25, quando nos encontravam nos locais de descanso, chamavam-nos de seus “protetores”.

Com certeza, o 1º Grupo de Caça tem muitas histórias. Duas delas referem-se a momentos anteriores à nossa estada na Itália. A partir de 1941, todos os aviões que nós recebíamos da Força Aérea americana eram trazidos para o Brasil, em voo por pilotos, pois, caso viessem de navio, poderiam ser torpedeados. Os americanos tentaram trazer alguns aviões. Vieram dez em uma Esquadrilha, mas eles se perderam e caíram na América Central. Inclusive, o Major Buyers, que também fazia parte dessa Esquadrilha, escreveu um livro sobre esse episódio. Um dia, comentou comigo que não sabia ainda qual título daria ao seu trabalho. Então, sugeri: “Os dez que não chegaram.” Mas o que não se comenta é que nós trouxemos entre quatrocentos a quinhem-

tos aviões dos Estados Unidos. Eram cerca de 25 dias de viagem ou 110 horas de voo sem rádio, sem capota, sem recurso algum. Alguns pilotos pousaram na praia, fora de campo, porém perdemos apenas um avião, o que é fenomenal. Para que tudo isso acontecesse, era necessário, evidentemente, que os pilotos fossem aos Estados Unidos para pegar os aviões. O problema era que ninguém falava inglês. Mal dizia-se *yes* e *no*. Como se isso não bastasse, a comida era muito diferente. Comia-se o que aparecia pela frente. Brincava-se que havia dois pratos que eram conhecidos por todos: *me too* e *the same*, ou seja, a solução era apontar para o prato de outra pessoa e pedir “o mesmo”. E, assim, surgiu a história de que nós éramos verdadeiros avestruzes.

A outra história surgiu com o Capitão Firmino, que era um paraibano muito engraçado e brincalhão. Ele costumava dizer a seus comandados: “Senta a pua”. Se não fosse ouvido, o Firmino prendia o indivíduo, porque tudo tinha que ser feito na hora em que ele dava a ordem. A expressão acabou sendo usada como grito de guerra do nosso Grupo.

A união dessas duas histórias gerou o emblema do 1º Grupo de Caça. O Capitão Fortunato, desenhista de mão cheia, durante a viagem de navio para a Itália, desenhou-o com a figura do avestruz e inseriu o grito de guerra “Senta a Pua”. Fortunato baseou-se na figura de um colega meu de turma chamado Lima Mendes, que realmente era uma criatura fora de série e um piloto excepcional, para criar esse avestruz. Houve uma grande movimentação em torno dessa criação. Cada um participou um pouco com seus palpites.

Já o código *jambock*, que identificava o 1º Esquadrão Brasileiro, em qualquer voo, foi estabelecido pelo Comando do 350º Grupo. Fomos informados, então, que o termo correspondia ao nosso “chicote”. Muito tempo depois da guerra, o Rui Moreira Lima descobriu que o *jambock*, na verdade, era uma corruptela de *sjambok* e significava “um chicote especial, feito do couro do rinoceronte e utilizado pelos nativos do Transvaal para conduzir o gado”.

Com o código *jambock*, conseguimos cumprir nossa missão na Itália, apesar de não termos o recompletamento de pilotos. Essa foi uma grande falha da nossa Força Aérea. Como se poderia imaginar que não perderíamos ninguém numa guerra? Quatro pilotos brasileiros foram ao nosso encontro nos Estados Unidos e seguiram conosco para a Itália sem passar pelo treinamento. Apenas tinham treinado no P-40, no Brasil. Desses quatro, o Ten Waldir morreu quando não estava em missão; o Capitão Pessoa Ramos realizou 95 missões; o Tenente Eustórgio, 93 e o Tenente Perdigão, 85. Esses resultados provam que não era necessário perder-se tempo enviando pessoas desse nível para treinar nos Estados Unidos, pois, devido à experiência que tinham, podiam ir direto para o Teatro de Operações.

Os próprios americanos mandavam para a Itália os pilotos da Reserva, que eram jovens com um ano de escola e cerca de cem horas de voo. Mais de cinquenta voluntários brasileiros fizeram curso de piloto de caça nos EUA e não foram à Itália, porque a guerra terminou antes. Eles teriam sido de grande ajuda, principalmente quando os americanos resolveram iniciar a chamada Ofensiva da Primavera. Ficava estabelecido que cada Esquadrão faria 44 surtidas diárias. Naquele momento, deveríamos ter mais de 44 pilotos, pois temos sempre que contar com a possibilidade de alguém adoecer, mas contávamos apenas com 22. Cada piloto voava, no mínimo, duas vezes por dia. Quando alguém pegava uma gripe, por exemplo, era necessário que um outro colega fizesse três vôos no mesmo dia.

Não víamos outra solução, pois o Coronel Nielsen chegou a dizer que retiraria a nossa Unidade da frente de combate. Houve um protesto geral no nosso Grupo. Nós já estávamos vendo que o fim da guerra se aproximava e, se fôssemos retirados naquele momento, seríamos considerados medrosos ou incompetentes. Em outras palavras, todo o nosso esforço teria desmoronado. Nesse momento, o Major Buyers novamente nos ajudou, explicando a nossa posição. Felizmente, o Coronel Nielsen nos entendeu e voamos até o final, mas foi necessário que os pilotos brasileiros se desgastassem muito. Esse fato, inclusive, foi decisivo para que ele indicasse o nosso Grupo para receber a *Presidential Unit Citation*. O próprio Coronel Nielsen, em sua proposta de recomendação para a Citação, escreveu: “Durante o período de 6 a 29 de abril de 1945, o 1º Grupo de Aviação de Caça voou 5% das surtidas executadas pelo XXII Comando Aerotático e, no entanto, dos resultados obtidos por esse Comando foram oficialmente atribuídos aos brasileiros 15% dos veículos destruídos, 28% das pontes destruídas, 36% dos depósitos de combustíveis danificados e 85% dos depósitos de munição danificados.” Graças a Deus, a guerra acabou na hora certa. A essa altura, nós só tínhamos três esquadrilhas.

Em compensação, os americanos, além de terem aviões sobressalentes, possuíam um “depósito” de pilotos. Havia pilotos de reserva em Nápoles esperando o momento para serem convocados. O Cel Disosway, durante o treinamento, dizia: “Eu não posso perder um piloto. Preciso de uma fortuna e um tempo enorme para formar um outro, mas o avião eu tenho no dia seguinte.” Por isso, não se admitia que um piloto tentasse pousar um avião com problemas; a ordem era saltar de pára-quedas não se podia perder o piloto. Os americanos dão total apoio ao homem.

Quando voávamos, podíamos facilmente identificar, de cima, onde estavam os americanos. Chegava a ser engraçado. Nas áreas de americanos, havia poucos a pé e, talvez, quinhentos de viatura; os ingleses, ao contrário, tinham quinhentos a pé e alguns de viatura. Quando perdíamos um avião, voávamos até Nápoles, o que levava

por volta de duas horas e meia. Num campo de aviação de depósito de aviões, éramos recebidos por um sargento que perguntava: “O que vocês querem? Um P-47? De onde vocês são?” Bastava dizer que éramos do *First Brazilian Squadron* e recebíamos permissão para escolher um. No dia seguinte, o piloto já estava de volta a Pisa. Dizem que no depósito de Livorno os americanos tinham 20 mil viaturas que não chegaram a ser utilizadas. Sem contar que, na Itália, podíamos comprar qualquer quantidade dos melhores cigarros da época, como *Luck Strike* e *Phillip Morris* que, dificilmente, eram encontrados em Nova York. Com base nessas informações, digo seguramente que a capacidade de produção, o patriotismo e a noção de planejamento do povo americano são excepcionais.

No 1º Grupo de Caça, os que ficaram para a Ofensiva da Primavera não foram os únicos a se desgastar. Se ficamos sobrecarregados com tantas missões, foi porque colegas nossos haviam sido abatidos. Alguns deles, após saltarem de pára-quedas, tornaram-se fugitivos. O Capitão Kopp foi logo ajudado pelos *partisans*, que o esconderam até o final, quando ele quase morreu. Como os tanques vitoriosos dos americanos haviam passado pela área de Fabrico, onde ele se encontrava, rumo ao Rio Pó, Kopp deu a guerra por terminada. Por isso, pediu para voltar a Florença. A verdade é que a essa altura, os americanos não estavam mais interessados em fazer prisioneiros. Então, havia muitos bolsões de fascistas e alemães. Nessa volta para Florença, ele e os *partisans* que o acompanhavam encontraram um grupo de combate alemão que os recebeu com rajadas de metralhadora. Felizmente, ele não foi atingido.

O Capitão Joel e o Tenente Danilo estavam na mesma Esquadrilha, quando foram abatidos. Os dois saltaram de pára-quedas. O Joel conseguiu ajuda de italianos e de um soldado do VIII Exército Britânico e esteve refugiado por um tempo. O Danilo resolveu voltar e levou um mês para consegui-lo. Quando ele decidiu regressar, não tinha muita noção do que estava por vir. Por exemplo, não se lembrou que teria que atravessar o Rio Pó, considerado a última defesa dos alemães. Por ter machucado a língua, não falava nem português nem italiano direito. Esse fato ajudou-o. À paisana e barbudo, ele não tinha a aparência de um piloto fugitivo. Sem dúvida, muitas de suas atitudes contrariaram o que os americanos estabeleciam como regras de fuga, como não andar em estradas principais para não ser visto, não pedir auxílio a pessoas bem vestidas em território inimigo, porque elas poderiam estar colaborando com os contrários e, assim, por diante. O Danilo falava com qualquer um e, talvez por isso, ninguém desconfiou dele. Ele também recebeu ajuda. Um *partisan* lhe deu uma bicicleta para ajudar na fuga. Conseguiu cruzar o Rio Pó e viveu muitas aventuras.

Numa delas, entrou numa barbearia, sentou-se e cortou o cabelo com um alemão sentado ao lado. Em outra, foi rebocado na sua bicicleta por um caminhão

enquanto segurava em um dos varais do veículo. O pior é que no banco traseiro da carreta vinha um cabo alemão. Mais adiante, pediu auxílio a uma senhora que estava num sobrado e foi atendido. Ela o apresentou aos *partisans* que o ajudaram a atravessar os Apeninos por trilhas secretas e, por fim, chegar a Florença. Lá, foi encaminhado ao Serviço de Informações da XII Força Aérea da RAF e, após um interrogatório, Danilo telefonou para seu irmão, o Coronel Nero Moura, e voltou para Pisa. Foi recebido com uma grande festa e a história de sua fuga deu origem a uma ópera. Rui, Rocha e outros colegas participaram, mas, por incrível que pareça, quem escreveu a maior parte da letra foi o Perdigão, que não entendia nada de música. Essa ópera em italiano, intitulada “A fuga do Danilo”, ainda hoje é cantada pelos pilotos do 1º Grupo de Caça.

Nem todos voltaram para a nossa Base. Perdemos alguns pilotos. O Tenente Gastaldoni era o segundo aluno da minha turma, mas foi o primeiro do Grupo a falecer. O acidente ocorreu ainda no Panamá. Era um excelente colega e um excelente profissional. Tinha um temperamento tranquilo. Esse homem agradável e educado estava num treinamento chamado “cobrinha”, isto é, um atrás do outro fazendo tudo o que o líder fizesse. De repente, sumiu e o seu avião foi encontrado a aproximadamente 20km do local onde ele estava fazendo o treino. Ele morreu na hora. O enterro teve todas as honras que ele merecia, mas jamais descobriram o que realmente aconteceu.

Frederico Santos morreu após atacar um depósito de munição. Ele atirou de perto e houve uma explosão muito grande, que envolveu o seu avião. Tentou se salvar saltando de pára-quedas, mas não havia altura suficiente para tal. Foi enterado em uma sepultura rasa pelos alemães. Colocaram uma cruz com o seu *dog tag* e uma placa de bronze com os dizeres:

HOMENAGEM AO AVIADOR MORTO EM COMBATE

EM 13.04.45

FREDERICO GUSTAVO DOS SANTOS

BRASIL

O Ten Aurélio foi atingido no próprio avião. Não foi possível saltar de pára-quedas. Seu *Thunderbolt* mergulhou até o chão e explodiu.

Um outro que morreu foi o Ten Medeiros. Só soubemos de sua morte após a guerra. Os alemães, através do rádio, chegaram a informar que ele havia saltado de pára-quedas e estava prisioneiro. Seus colegas de Esquadrilha viram o salto, mas não viram que Medeiros não havia tido tempo nem altura suficientes para desviar o pára-

quedas de fios de alta tensão. Quando o Coronel Nero Moura ordenou que alguns *jeeps* recolhessem os nossos mortos, tomamos conhecimento de que ele havia sido eletrocutado instantaneamente.

Em 26 de abril de 1945, na fase final da guerra, perdemos o Tenente Dorneles. Faleceu durante a sua 89ª missão, atacando uma locomotiva em Alessandria. Era uma belíssima criatura, apesar de muito fechado. Ele não contava que a cada 17 dias reunia as crianças pobres de Pisa para lhes entregar rações. Ficou encabulado quando descobrimos. O mais incrível é que ele, na Itália, resolveu fazer um testamento e endereçou-o ao colega Motta Paes. Tenho uma cópia do mesmo e, pela redação, nota-se que ele tinha a impressionante certeza de que morreria. Para mim, ele deixou suas camisas que eu tanto apreciava. Seus restos mortais estão no Monumento aos Mortos, no Rio de Janeiro, junto com os outros sete que morreram na Itália. Gastaldoni não está lá porque morreu no Panamá.

O mais curioso é que os nove mortos eram solteiros, apesar de haver um grande número de pilotos casados. Quando penso nisso, também imagino o sofrimento das esposas que ficaram no Brasil. Por exemplo, aos 19 anos, a D. Julinha tinha, numa mesma guerra, o marido, o Rui, e o irmão, o Amorim. Esse, ferido no combate de Montese, quase morreu.

Nós perdemos um em cada três pilotos enquanto os americanos perderam um em cada quatro. O nosso Esquadrão também realizou um número menor de missões do que os outros três do 350º Grupo, isso por falta de pilotos. Eles fizeram em torno de 3.800 missões e nós, 2.456. Mas levávamos vantagem em outro aspecto: a nossa experiência, porque, como éramos poucos, voávamos mais individualmente. Nada, portanto, era novidade para nós. Por outro lado, os pilotos americanos eram muitos e bem jovens. Nosso rendimento per capita acabava sendo mais expressivo.

Um piloto nosso que se destacou pela sua experiência foi o Capitão Horácio. Durante a ofensiva, os americanos tinham como objetivo chegar ao Passo de Brenner. Como tudo aconteceu com muita rapidez, eles não possuíam informações atualizadas sobre a situação de suas tropas. Assim, o Horácio, em um de seus vôos, recebeu ordens pelo ar para atacar uns tanques que imaginavam ser inimigos. Quando ele se aproximou, viu que eram tanques americanos e não os atacou. Ele ainda informou aos americanos sobre a posição de suas tropas avançadas. Inicialmente, consideraram a decisão do Capitão Horácio, de não atacar os tanques, uma insubordinação, mas, posteriormente, elogiaram o nosso Esquadrão e, principalmente, o Horácio, que era um excelente Comandante de Esquadrilha e um piloto excepcional. Ele teve uma presença de espírito que muitos outros não teriam. Com ordens reiteradas para atacar, não o fez, porque identificou corretamente os blindados, salvando, com isso, a tropa amiga.

Mesmo os nossos pilotos da Reserva, que não tinham tanta experiência, saíram-se muito bem. Eram jovens que haviam feito um ano de treinamento e, na Itália, fizeram tanto quanto os outros. O Canário, por exemplo, tinha apenas 18 anos. O Vinícius tinha 100 horas de P-47. O meu ala, no fim, era o Tenente Tormin, excelente piloto também da Reserva que, infelizmente, morreu em Santa Cruz em instrução. É claro que todos eles voavam como ala. Um piloto com 100 horas de vôo não poderia, de uma hora para outra, comandar uma Esquadrilha, principalmente em um Grupo brasileiro, devido à nossa barreira hierárquica.

Por outro lado, os americanos preocupavam-se com a proficiência do indivíduo. O próprio Coronel Nielsen era Capitão de West Point e comandou o 350º. Ele era da idade do Tenente Assis. O Major Dow, Comandante do 347ª *Fighter Squadron*, com mais de duzentas missões, era Tenente da Reserva comissionado como Major e era mais jovem do que eu. Também foi prisioneiro e encontrou o Assis no campo de concentração. Essas são provas de que, para a mentalidade americana, o valor de uma pessoa está na sua capacidade e não no seu tempo de vida ou serviço.

Quando me perguntam o que mais me impressionou durante a guerra, sou obrigado a dizer, mais uma vez, que foi a capacidade de planejamento dos americanos, que era notada em todos os momentos e detalhes. Pensavam em tudo com antecedência. Para se ter uma idéia, quando estávamos em Pisa, eles requisitaram o teatro da cidade e o mesmo foi transformado em cinema. À tarde, nós tínhamos um filme para assistir. A Real Ópera de Roma também se apresentou nesse teatro e foi por causa dessa temporada em Pisa que tivemos a idéia de compor uma ópera em homenagem ao Danilo.

Além dessas oportunidades de diversão em Pisa, a cada 25 missões, tínhamos quatro dias de descanso. Podíamos escolher entre ir a Roma, Capri ou Cannes, na França. Eu fui várias vezes a Roma. Lá, os hotéis da Via Veneto, que eram maravilhosos, estavam sob o controle dos melhores gerentes de hotéis dos Estados Unidos, que haviam sido convocados para tal. Eles recebiam o posto de Coronel para que houvesse uma hierarquia. Para nos hospedarmos em um desses hotéis, pagávamos US\$ 0,50 por dia. Tínhamos que ir de uniforme. Era permitido convidar uma moça para jantar no hotel, mas se o indivíduo quisesse algo mais com sua convidada, deveria levá-la a outro hotel. Havia muita disciplina e, sobretudo, preocupação com o descanso do piloto, que precisava desses quatro dias para se refazer e, assim, voltar a voar.

Gostaria de fazer um comentário sobre os combatentes alemães. Eles realmente lutavam até o último tiro, porém, é necessário reconhecer que eles eram profissionais da guerra. Alguns de nossos colegas foram prisioneiros, mas nenhum foi torturado. Não há indícios de que pilotos, após um salto de pára-quedas, tenham

sido metralhados no Teatro de Operações europeu. Do nosso grupo, dois pilotos foram baleados, mas não por alemães. O autor dos tiros que atingiram o Tenente Assis foi um russo mongol, que estava brigando pelos alemães, e um fascista tentou matar o Coelho, mas foi justamente um cabo alemão que o defendeu.

Como mencionei o nome do Assis, acho importante relatar como ele foi abatido, principalmente porque eu estava presente naquele momento. Depois que o Pamplona teve que regressar, o Lagares, que era o comandante da Esquadrilha Verde, passou a ser o Chefe de Operações e Subcomandante e o Assis a comandar a Esquadrilha. Eu era o ala dele. No dia 29 de janeiro de 1945, as Esquadrilhas Verde e Vermelha decolaram de Pisa para destruir um depósito de combustível nos arredores de Piacenza. A Vermelha era comandada pelo Lafayette que, num dado momento, resolveu separar as esquadrilhas devido ao mau tempo. Eu, o Assis e os outros dois da Verde, Perdigão e Paulo Costa, seguimos nosso destino. Tínhamos ordem para, após o bombardeio, partir para os ataques a alvos de oportunidade, pois havia uma grande concentração de viaturas na estrada que servia à região. E assim fizemos. No entanto, como a visibilidade era muito pobre, Assis resolveu seguir em direção a Cidade de Milão como ponto de controle. Ao cruzar a estrada de rodagem que liga Verona a Milão, atacamos alguns caminhões e os alemães responderam com uma forte oposição antiaérea. Logo, Assis me comunicou: “Vamos voltar porque eu fui atingido.” Ele ganhou altura e voei debaixo do avião dele. Eu passava de um lado para o outro, mas não via nada.

Porém, quando já estávamos perto de cruzar a linha de frente dos Apeninos, começou a sair fogo do supercharger, que fica na parte traseira do avião e o piloto não vê. O meu dilema foi grande naquele instante. Pensei: “O que faço agora? Se eu disser que está saindo fogo, ele vai saltar. Se eu não disser nada, o avião pode explodir e ele vai junto.” Resolvi avisá-lo. Vi quando ele jogou o canopy fora e desligou os fones. Não consegui avisá-lo, quando o fogo parou, e ele saltou. De acordo com as normas, sobrevoei até ter certeza de que o pára-quedas havia aberto e deixei o local, para não chamar atenção. Até o fim da guerra, questionei-me se devia mesmo ter avisado o Assis sobre o fogo.

No entanto, quando ele voltou, tranqüilizou-me, dizendo que iria saltar de qualquer maneira, porque já sentia cheiro de gasolina dentro do avião. Foi levado de volta para Pisa em um B-25. Quando desceu do avião, estranhei o fato de ele estar um pouco mais gordo depois de ter estado num campo de concentração. Mais surpreso fiquei, quando ele passou a emagrecer exageradamente, mesmo estando sob cuidados médicos. Fui tomar satisfações com o médico, que me explicou que o Assis, na verdade, estava inchado quando chegou. Ele estava muito mal. Sofrera muito. Foi

obrigado a ir de Frankfurt para o campo de Nuremberg e de lá para o campo de Músberg, caminhando por vários dias, embora, pela Convenção de Genebra, fosse proibido evacuar campos de prisioneiros. Mas, felizmente, o General Eisenhower determinou que, se os alemães insistissem em desobedecer, os americanos matariam prisioneiros alemães. Então, Assis e Correia Netto permaneceram em Músberg até a chegada da tropa do General Patton. Assis me contou um episódio que muito me intrigou. Depois que os americanos tomaram o campo, alguém o informou que, caso lhe tivessem tomado algum pertence no momento em que foi preso, ele deveria tentar reavê-lo no Corpo da Guarda. Ele, a princípio, não acreditou, pois havia estado em cidades diferentes, mas encontrou o que era seu, inclusive um relógio.

Após tudo o que passamos, voltamos para o Brasil. Um grupo de 20 pilotos foi escalado para buscar 19 aviões no Texas, nos Estados Unidos, e trazê-los para o Brasil. Naturalmente, um dos pilotos foi como reserva. O restante do 1º Grupo de Aviação de Caça veio de navio com o pessoal da FEB e dos 25 aviões por nós usados na Europa. Eram 26 aviões, mas perdemos um, pois um piloto pousou sem trem quando chegou em Nápoles.

Fiz parte do primeiro grupo. Recordo-me que, após deixar o Texas, pousamos em Veracruz, no México, onde perdemos quase o dia inteiro para reabastecer o avião porque só havia um ponto de reabastecimento e o avião, com 8 Ton., tinha que ser empurrado a mão. De lá, fomos para Curaçao, Trinidad, Guiana e, no Brasil, passamos por Macapá, Belém, São Luiz, Fortaleza, Recife, Salvador e Vitória, antes de chegarmos ao Rio de Janeiro. Nessas cidades, dávamos um “racha” na chegada. Foi ótimo. Numa segunda-feira, decolamos de Vitória e seguimos para o nosso destino final. O céu estava limpo. Quando nos aproximamos da Baía de Guanabara, no dia 16 de julho de 1945, o Coronel Nero disse: “Vamos mergulhar e fazer umas passagens rasantes, mas, atenção, não quero ninguém abaixo do edifício do Jornal *A Noite*”, que era o mais alto da cidade. Mas o único que passou mais alto foi ele. Passamos por Botafogo, Flamengo e Copacabana e depois fomos para o Campo dos Afonsos. O Assis teve que pousar antes, porque estourou a tubulação de óleo.

Quando as rodas de nossos aviões tocaram o chão, tivemos certeza de que estávamos de volta. Foi uma grande festa! Encontramos os amigos e a família, que não víamos há mais de um ano. Eu, por exemplo, saí do Brasil no dia 19 de março de 1944. É impossível esquecer esse momento. O Coronel Nero Moura aproximou-se do Presidente da República e disse: “Presidente, missão cumprida”. Por coincidência, tempos depois, conheci a minha esposa, que aniversaria no dia 16 de julho.

No dia 18 de julho de 1945, a FEB desembarcou no Rio. Nós sobrevoamos, com 16 aviões, na chegada deles. Durante o desfile da FEB na Rio Branco, desceu a bandeira

do 1º Grupo de Caça. A mesma nos fora entregue, no Campo dos Afonsos, pela esposa do Ministro Salgado Filho, Senhora Berthe Grandmasson Salgado, posteriormente incorporada no Panamá e içada, pela primeira vez, na Itália. Nas duas ocasiões, o Coronel Nero Moura fez uma belíssima Ordem do Dia. O nosso colega Perdigão, que escrevia muito bem, fez essa preciosa observação: *Por mais de um ano a fio, aquela bandeira que foi à guerra conosco simbolizou galhardamente não apenas a Pátria, mas, também, o carinho feminino das mães, esposas e noivas deixadas para trás, cujo espírito vivia conosco, murchando apreensiva ante as brisas da dúvida, drapejando alegre nos ventos do heroísmo, baixando a chorar nos ataúdes dos mortos.*

Hoje, digo, com segurança, que sinto orgulho de ter participado dessa vitoriosa campanha, ainda que a alto preço. Vingamos os afundamentos de nossos navios e as conseqüentes mortes de brasileiros, militares e civis, que não estavam, na época, envolvidos na beligerância. Também tenho orgulho de ter sido o Brasil o único país sul-americano a enviar tropas militares ao Teatro de Operações da Itália. Isso precisa ser dito a todos os brasileiros. A FEB, com os seus mais de 25 mil homens oriundos de todos os lugares do País, soube se comportar dentro dos padrões exigidos às tropas em confronto. A Força Aérea foi criada em 1941 e, em 1943, já conseguia formar uma Unidade Operacional que lutou nos céus da Itália em igualdade de condições com qualquer outro país. Apenas lamento que esses acontecimentos não sejam exaltados como deveriam. Quando, por desconhecimento dos fatos ou falta de patriotismo, desvalorizam ou ignoram o que fizemos, sinto uma enorme tristeza.

Tenho ainda satisfação de ter contribuído para a formação de pilotos de caça no Brasil, participando do treinamento em Santa Cruz. O Coronel Nero Moura defendia que deveríamos passar nossa experiência para os outros. Foi o que fizemos. Atualmente, contamos com cerca de 1.200 pilotos de caça, que são profissionais sérios. Eles estão preparados!

Cumprimento o Projeto História Oral em desenvolvimento pelo Exército, pois acredito que aquele que não tem História não tem nada para contar.

General-de-Brigada Eryx Motta*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 22 de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Ingressou na Escola por concurso com procedência civil. Como Aspirante-a-Oficial foi classificado no Batalhão Escola de Infantaria, Unidade de escol de sua Arma, onde completou sua formação profissional de combatente de Infantaria. Comissionado no posto de Capitão foi, inicialmente, designado para o Centro de Recompentamento de Pessoal da FEB, em Caçapava, São Paulo e, a seguir, para o 11º Regimento de Infantaria, já estacionado na Cidade do Rio de Janeiro. Com essa Unidade, atuou no Teatro de Operações da Itália, onde foi efetivado como Capitão, tendo desempenhado a função de Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros. Após a guerra, permaneceu no 11º Regimento de Infantaria, em São João Del-Rei, MG, até 1946, quando foi transferido para o Regimento Sampaio, na Cidade do Rio de Janeiro. Em 1949, foi matriculado no Instituto Militar de Engenharia por ter sido aprovado em concurso, concluindo o Curso de Química. Em 1952, foi promovido a Major e exerceu a função de Chefe de Fabricação de Munições de Artilharia, na Fabrica do Realengo, serviço de grande e constante risco na fabricação de fulminato de mercúrio, fusão do trotil e manuseio de pólvora. Em 1959, foi promovido a Tenente-Coronel. Em 1960, deixou o Serviço Ativo, sendo promovido a General-de-Brigada. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate, 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 17 de abril de 2001.

Eu entrei na Escola Militar do Realengo, por concurso, em 1935. Antes, havia cursado o Instituto de Ensino Secundário, na Rua do Ouvidor, no centro da Cidade do Rio de Janeiro. Morava na Freguesia, em Jacarepaguá, em residência de rua de terra, sem água encanada, sem luz elétrica, sem gás, fogão à lenha e ferro de passar roupa de carvão; além do bonde, usava o trem “Maria Fumaça” com máquina a carvão.

Concluído o curso da Escola Militar fui classificado no Batalhão Escola de Infantaria, onde comandava uma Seção de Morteiros 81mm. Meu pensamento estava voltado para a guerra que se avizinhava e que imaginava que iria me envolver, o que realmente aconteceu.

Vivida a fase de neutralidade, a decisão do governo brasileiro evoluiu para o estado de beligerância. Procedeu-se, então, a organização da FEB que, na minha opinião, foi de modo desordenado, principalmente pelo que se passou comigo.

Em 1944, eu estava em Corumbá, Mato Grosso e fui mandado para o Rio de Janeiro, depois para Teófilo Otoni, Minas Gerais; em seguida para Caravelas, Bahia; logo depois, para Caçapava, São Paulo e finalmente para o Rio de Janeiro, para integrar o 11º Regimento de Infantaria. Foram muitas transferências em pouco tempo.

Depois de viajar muito, integrei-me ao 11º RI como Comandante da 4ª Companhia de Fuzileiros, substituindo um colega que foi para os Estados Unidos se atualizar, para participar da FEB e...ficou no Brasil!

Desde que me integrei ao 11º RI, participei de vários exercícios de combate. Esses treinamentos foram de grande importância para o emprego na campanha, de outro modo seria impossível, seria suicídio. O transporte da tropa foi normal; posso dizer que foi uma viagem tranqüila, pois não ocorreu sequer um incidente. Viajamos num navio transporte de tropa americano, o *General Meighs*, muito confortável, escoltado por navio de guerra. A viagem marítima durou mais ou menos duas semanas, porque o navio navegava em ziguezague e foi direto a Nápoles.

De Nápoles para Livorno, fomos transportados por pequenos barcos à noite. Essa viagem foi difícil porque nós enjoamos muito, os barcos eram muito pequenos e o mar estava horrível.

Na Itália, a continuação dos exercícios da preparação foi normal, mas intensa, assistida pelos americanos. Nossa adaptação também foi normal, dentro do possível, em todos os aspectos.

Na conquista de Castelnuovo, a 4ª Companhia saiu-se brilhantemente. Houve uma reunião à noite, em que o Coronel Castello Branco montou o esquema de manobra. De um modo geral, consistiu no emprego do 6º RI no flanco direito inimigo e o nosso Regimento, o 11º RI, no flanco esquerdo, procurando contornar Castelnuovo e cortar a retirada dos alemães. Os dois regimentos funcionaram como poderosa tenaz

que se ia fechando, apesar do terreno íngreme, da indômita resistência e das vistas dominantes dos adversários. O II Batalhão atacou com duas Companhias em 1ª escala, a 4ª e a 5ª. O Comandante da 5ª Companhia, Capitão Henrique César Cardoso, ficaria com o lado direito, e eu, com o lado esquerdo. Porém, ele pediu para trocar, então fiquei no lado direito. Mas no dia do ataque, ele foi surpreendido pelo terreno, porque a faixa dele era limpa e a minha tinha obstáculos, que eu aproveitei para progredir e conquistar meu objetivo.

O Capitão Henrique estudou a carta, mas não viu o terreno, que era limpo e acabou ficando detido na base de partida. Os tiros eram muitos, ele teve muitos feridos e não conseguiu progredir. Só a minha Companhia é que avançou. Se a posição tivesse sido invertida, ele é quem teria conquistado o objetivo. Mesmo sem ninguém na lateral avançamos, e os alemães se retiraram quando avistaram a tropa.

Por ordem do comandante do Batalhão, a 6ª Companhia do Capitão Covas foi lançada para ocupar a posição.

Por esse ataque e conquista recebi a Medalha Cruz de Combate, 1ª Classe. Eu tive sorte, muita sorte. Iniciamos o deslocamento em direção à base de partida às 8h, ocupando-a às 11h sob forte bombardeio inimigo de artilharia e morteiro, além de uma barragem de metralhadoras. Recebemos ordem de ataque e progredimos todo o dia até ao cair da noite quando atingimos o objetivo – Ponto cotado 578.

Depois de Castelnuovo, vieram outras ações dentro da Ofensiva Aliada, nas quais participei seja na frente, seja em reserva, na retaguarda. Em Collecchio-Fornovo, o Exército brasileiro prendeu uma Divisão alemã com 14 mil homens e lá estava a 4ª Cia. Para o Vale do Rio Pó foi toda a FEB e novamente tomei parte nas operações.

Fomos transportados em caminhões da Artilharia, eram mais ou menos duzentos homens, o efetivo da Companhia. Nas proximidades do inimigo, nosso deslocamento passava a ser a pé. A viatura foi usada para avançar rapidamente, até onde fosse possível; eram muitos quilômetros.

Os alemães ficaram sem gasolina, então usaram muares e cavalos mas, por onde passavam minavam todo o terreno, destruíam pontes, destruíam tudo que podiam e colocavam armadilhas; enfim, usaram de todos os artifícios para retardar nosso avanço, dando-lhes tempo para fugir.

Retornando um pouco na cronologia da Companhia, gostaria de relatar uma missão de patrulha da minha Companhia, realizada antes da nossa tropa tomar o Monte Castelo, na véspera do ataque de 12 de dezembro de 1944. O Comandante do Batalhão ordenou que fizéssemos prisioneiros os alemães que ficavam na base do morro, em frente a C. Guanela. A minha Companhia, que era a 4ª, estava na defensiva, do lado de cá, do lado de lá, os alemães; então, eu mandei o pelotão do

Tenente Mario Montanha Teixeira para fazer prisioneiros, mas eles tinham apetrechos iluminativos que usaram para nos visualizar e desencadearam o ataque. Tivemos várias baixas, seis feridos e um soldado morto; o Comandante do Pelotão ficou lá, deitado, sem condições de locomoção. Um Tenente – Oswaldo Tavares Bezerra – colega dele, foi à noite fazer o resgate, espontaneamente, trazendo-o para a base da Companhia.

Os feridos foram: o Tenente Montanha, que ficou aleijado, sendo evacuado para os Estados Unidos; 2º sargento Vitor José Doca, 3º sargento Sabino da Silva Moraes Neto, soldado Julio Pelegrini Filho, soldado Antonio Manoel de Souza, e soldado Affer Cassar. Esses todos foram evacuados. E o morto foi o soldado Cosme Henrique dos Santos. Não conseguimos fazer prisioneiros.

É difícil avançar sem fazer barulho, então eles ouviram o barulho e soltaram o foguete. Eram quarenta, cinquenta homens avançando, muito difícil não fazer barulho, assim, fomos derrotados.

O clima frio não afetou porque usávamos peças de vestuário adequadas, como um tipo de galocha para proteger os pés. Recebíamos dos americanos todo o tipo de material e equipamento de primeira qualidade. O apoio logístico funcionou muito bem. Não faltou nada, cada Companhia dispunha de dois jipes com motorista, para ir buscar o que precisasse na retaguarda, sem burocracia.

Dentre os muitos fatos que me impressionaram nesta Campanha, destaco a união; todos obedeciam ao Comando e se ajudavam mutuamente. União de todos, oficiais, sargentos e soldados.

Sobre o soldado alemão, nosso adversário, posso dizer que era perigosíssimo. Eles tinham um sentimento diferente do nosso, obedeciam cegamente aos chefes. Quando estavam vencendo, eram terríveis. Até na hora da rendição eles estavam com o moral elevado.

Procuraram desmoralizar a tropa brasileira com propagandas, pelo autofalante, em português, pedindo que a Força Expedicionária se retirasse.

Gostaria de ressaltar um soldado da tropa; não era da minha Companhia, mas que resolveu com alguns companheiros fazer incursões isoladas. Um camarada fora de série, o Max Wolf, infelizmente foi morto. Ele era da Companhia de Comando do 11º RI. No fim da guerra, no Brasil, recebeu homenagem póstuma e promoção a sargento.

Como liderança e conhecedor da área de planejamento, destacaria o então Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, que era o homem de confiança do General Mascarenhas de Moraes, era o E/3, Chefe da Seção de Operações da Divisão. Ataque, manobra, tudo era planejado por ele.

Terminada a guerra, antes de nos prepararmos para o retorno ao Brasil, todo o 11º RI se reuniu em Alessandria. No dia 6 de maio de 1945, houve uma formatura geral onde prestamos homenagem aos camaradas tombados em ação. A seguir, o Capelão oficiou uma missa em intenção das almas desses bravos companheiros.

Embarcamos em Nápoles para o retorno ao Brasil pelo navio de grande porte, *General Meighs*. Foi uma viagem tranqüila, viemos direto, sem escolta.

A recepção no Brasil foi excelente, o povo todo na rua, a cidade estava cheia, o pessoal feliz, graças a Deus. O coração em festa. Senti muito orgulho em voltar vitorioso, foi importante, emocionante.

Profissionalmente e mesmo pessoalmente, aprendi muito com a guerra. Apreendi a ser solidário com as pessoas, senti grande pena dos italianos sofrendo sem comida, sem trabalho e ainda nos ajudando no que era possível.

Ao final, gostaria de dizer para as futuras gerações a importância da formação militar. Olhar nosso passado com orgulho, da nossa coragem, disciplina, união, solidariedade. Sentir orgulho da nossa Pátria, da FEB, dos nossos soldados.

A formação militar, do reservista, é importantíssima, deve continuar, para qualquer eventualidade estarmos preparados para a defesa.

General-de-Brigada Henrique Cesar Cardoso*

Natural do Estado de Santa Catarina pertence à turma de 22 de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Iniciou sua carreira como Oficial no 15º Batalhão de Caçadores, em Curitiba. Promovido a 2º Tenente, em janeiro de 1938, foi classificado no 7º Regimento de Infantaria, em Santa Maria, RS. Em junho de 1939 foi transferido para o 32º Batalhão de Caçadores, em Blumenau, Santa Catarina. Em outubro de 1941 foi servir no 1º Batalhão de Caçadores, Petrópolis, RJ, e, no ano seguinte, designado Instrutor da Escola Militar. Em dezembro de 1943, foi comissionado no posto de Capitão e, em outubro de 1944, incorporado ao 11º Regimento de Infantaria, Unidade Expedicionária, na função de Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros. Nessa Unidade e função fez toda a Campanha da Itália. De regresso ao Brasil ingressou na então Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia, tendo concluído o curso de Geodésia e Topografia. Desligado da ETE foi classificado na 2ª Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico do Exército, em Ponta Grossa, onde executou o nivelamento de alta precisão entre Guarapuava e Foz do Iguaçu. Em 1952, foi transferido para o Departamento Técnico e de Produção do Exército e, após, nomeado Professor em Comissão da ETE. Em agosto de 1960, deixou o Serviço Ativo, sendo promovido a General-de-Brigada. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi agraciado com a Medalha Cruz de Combate, 1ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 10 de maio de 2001.

Iniciando minha entrevista quero destacar que estamos tratando de um acontecimento passado há 56 anos, pedindo, então, que compreendam se a memória falhar em determinados momentos.

O ambiente no Brasil, com relação à Segunda Guerra Mundial, no ano de 1939 e no início da década de 1940, pode ser dividido em dois períodos: antes e após o ataque dos submarinos alemães aos nossos navios mercantes. Após esse fato, a opinião pública manifestou-se com muita intensidade, forçando as autoridades a uma solução que já se fazia necessária. Houve uma pressão popular, no sentido de que deixássemos a neutralidade. Iniciou-se então a organização da FEB, que foi composta de três Regimentos de Infantaria: um do Rio de Janeiro, um de São Paulo e um de Minas Gerais; por tropas de Artilharia, Cavalaria, Engenharia e demais órgãos.

Não foi possível reunir esses regimentos, o que dificultou muito a organização da FEB. Tivemos problemas de falta de local, para receber os regimentos que vinham de fora, como o 6º RI e o próprio 11º RI de São João Del Rei, do qual eu fazia parte, comandando a 5ª Companhia; enfrentamos muitas dificuldades.

Junto com o 6º RI, embarcou grande parte da minha Companhia, que foi posta à disposição na Vila Militar, onde se encontrava uma composição, para levar os elementos que completariam a capacidade do navio-transporte. Ela ficou quase que esfacelada, de tantos elementos que foram necessários para embarcar com o 6º RI, que era o 1º escalão.

Um fato interessante das dificuldades que enfrentamos aconteceu comigo. Pediam para embarque um capelão e entendia-se, na Vila Militar, um Capitão. Cheguei a colocar as malas no trem, mas a confusão foi desfeita a tempo. Daí em diante, fiquei conhecido pelo apelido de “pároco”, colocado pelo Klécio Caldas.

Numa visita do General Zenóbio da Costa ao 6º RI, na Vila Militar, num sábado, não havia quase ninguém do efetivo. Era comum o pessoal do 6º RI embarcar para São Paulo às sextas-feiras e voltar no domingo à noite, daí surgiu o dito: “A cobra vai fumar”.

A locomotiva do trem que o pessoal saía do Rio de Janeiro, para visitar os parentes em São Paulo, era à carvão. Então, “a cobra vai fumar” era a fuga do pessoal, antes do embarque para a Itália.

Dirigindo-se ao Morro do Capistrano para visitar o 11º RI, o General mandou reunir o Regimento e subindo na escada que havia no pavilhão de madeira do alojamento, como um desabafo, fez uma proposta ao Regimento.

Primeiro, elogiou o soldado mineiro por sua disposição de cumprir o dever; segundo, declarou que dava a palavra de General do Exército Brasileiro, de que não aconteceria nada a quem, naquele momento, se apresentasse dizendo que não desejaria ir para a guerra. Saíram três elementos do Regimento.

Com o Regimento todo formado, as companhias das extremidades avançaram, para ver quem estava saindo, dando a impressão ao General de que a Unidade estava saindo quase toda de forma. Estabelecido o controle das companhias nos seus locais, o General mandou que cada um dos apresentados, como não desejavam ir à guerra, dessem os seus motivos.

Um declarou que não desejava ir, porque já tinha ido um irmão e achava que as missões deveriam ser divididas. Um outro deu uma desculpa que não me recordo e um cabo declarou que não desejava ir, porque era contra o Brasil participar de guerras externas.

O General mandou que o cabo subisse as escadas, falasse em voz alta a todo o Regimento, declarando que não desejava servir na Força Expedicionária Brasileira porque era contra os seus princípios o Brasil participar de guerras externas.

Os elementos foram recolhidos presos, mas o Estado-Maior mostrou ao General que não poderia prendê-los. Os demais integrantes do Regimento foram dispensados, com a promessa da oferta de oito dias de dispensa para visitar as suas famílias, o que não faziam desde que vieram para o Rio de Janeiro, e daí para a frente, tudo correu bem.

As condições de alojamento no Morro do Capistrano eram péssimas. Era comum ouvir o soldado de manhã, ao acordar, dizer: “Vamos levantar para descansar”. A umidade passava do chão, malfeito de cimento, para os colchões.

Após o embarque do 6º RI, recebemos uma quantidade de camas-patentes para completar as falhas no Regimento; as que foram para a minha Companhia estavam tomadas de percevejos. Procurei o Comando do Regimento e declarei que não podíamos usar aquelas camas, porque embora tivéssemos muitos problemas, não havia percevejos no alojamento. O Coronel retrucou: “Capitão, aqui estamos acostumados a fazer o possível e o impossível.” Ao que eu lhe respondi: “Coronel, entre os meus impossíveis não está tirar percevejo de cama-patente. Se o senhor me permitir colocar água fervendo, vou tomar essa providência.” Foi permitido, então demos um banho de água fervendo em todas as camas, para que pudéssemos usá-las, nos alojamentos.

Foi pena que o embarque da FEB não tivesse sido feito em conjunto, toda a Divisão de uma vez, mas não havia navio para todos. O tempo de espera no Rio de Janeiro não foi bom.

Meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira teve um particular. Servia como Instrutor da Escola Militar do Realengo quando, num determinado dia, recebi um mensageiro que portava uma folha de papel almaço com o seguinte cabeçalho: “Deveis declarar ao pé deste, se desejais ser comissionado para servir na Força Expe-

dicionária Brasileira. Se declarado negativamente, nenhuma consequência poderei reclamar advinda deste ato.”

Foi um verdadeiro voluntariado. Quis retrucar: “Não se pergunta ao soldado se é com capote ou sem capote, determina-se.” Mas fiquei com medo, receoso de que isso fosse tomado como uma recusa e, servindo na Escola Militar, seria inadmissível uma atitude dessas. Declarei sim e fui comissionado no posto de Capitão, para servir na FEB.

Segui para a Itália no Comando da 5ª Companhia de Fuzileiros do 11º RI, onde fiquei durante quase toda a campanha, só me afastando durante quinze dias, baixado ao hospital. Não foi nenhum ferimento, foi uma febre que precisava ser verificada, porque se manifestava em horários certos, o que me preocupou muito, mas voltei e reassumi o Comando da minha Companhia. Aliás, quero destacar que era uma coisa notável o sentimento de amor e de segurança que o soldado tinha à sua Companhia.

O soldado, quando baixava ao hospital ou era afastado por qualquer motivo para o Depósito de Pessoal, na primeira oportunidade que tivesse, fugia e vinha se apresentar na Companhia em que servia, porque se sentia mais amparado no convívio dos companheiros.

Ainda no Brasil, não me recordo de ter participado de exercícios preparatórios para enfrentar a campanha na Itália, no âmbito da Divisão. Os regimentos integrantes fizeram muitos exercícios, principalmente com manobras no Recreio dos Bandeirantes. Mas no âmbito do conjunto da Divisão, não tivemos um exercício sequer.

E esse treinamento não foi proveitoso, porque o armamento era completamente diferente. O campo de batalha também era diferente das condições do Recreio dos Bandeirantes mas, em todo o caso, eram exercícios. Havia uma demonstração das autoridades militares de que queriam fazer o possível, para que fôssemos à guerra com um certo treinamento.

O transporte da tropa para o Teatro de Operações fez-se com muita regularidade. Fui no Destacamento precursor, que embarcou um dia antes, para fazer um reconhecimento e orientar a tropa ao chegar. A viagem foi feita sem anormalidade, tivemos uma vez, a notícia de que os navios teriam alterado o sentido da rota, porque havia a presença de submarinos alemães na região.

Fizemos alguns exercícios de utilização dos botes de salvamento. Havia uma escala de serviço, porém tive uma participação muito pequena porque, inicialmente, fui designado para a direção de um alojamento abaixo da linha d'água mas, como enjoiei horrivelmente durante a viagem, só me levantava para pegar os mantimentos que estivessem em cima da mesa e voltava para o camarote. Não pude cumprir a missão e fui substituído.

Mas a viagem foi normal, chegamos a Nápoles com absoluta tranquilidade, onde fomos transferidos em barcas de desembarque, as célebres LCI, para Livorno, sendo mais uma vez transferidos, dessa feita para San Rossore, a Oeste de Pisa, onde acampamos e ficamos aguardando o recebimento do armamento.

Na Itália, a tropa se adaptou bem, embora o alojamento fosse precário. Começamos com os exercícios e aprendizado com o armamento recebido, que, em relação aos fuzis, não eram tão diferentes dos nossos, embora mais modernos.

A 5ª Companhia que eu comandava pertencia ao II Batalhão, comandado pelo Major Orlando Gomes Ramagem, catarinense como eu e um grande companheiro.

Ao chegarmos a San Rossore, já aguardando o recebimento de armamento, fui imediatamente mandado para a frente, junto a uma Companhia do 6º RI que já se encontrava em combate, para me ambientar. Ao voltar, três dias depois, a Companhia foi deslocada para ocupar posição no Monte Castelo, onde o alemão atirava com artilharia e morteiro. Houve uma noite em que recebemos mais de cem tiros de Artilharia sobre Monte Castelo; era uma posição muito batida. Evidentemente estávamos no sopé de Monte Castelo, tendo o alemão lá em cima na crista.

Como missão, em consequência dessa minha entrada em linha, recebi a ordem de participar com o Regimento que atacaria Monte Castelo, deslocando um Pelotão para a região e, se o ataque fosse coroado de sucesso, eu deveria investir sobre Mazzancana com o meu Pelotão. Felizmente, fomos salvos desse desastre, pela chegada do segundo mensageiro, com a ordem de suspender o ataque. O primeiro mensageiro com a ordem do ataque, se protegeu mais do bombardeio do que o segundo que, encontrando melhores condições, pôde chegar mais depressa. Mantivemo-nos na linha de partida, aguardando a recomposição do Regimento que estava atacando e que não conseguiu sucesso.

Mazzancana foi tomada pela 10ª Divisão de Montanha americana, que teve perdas enormes. Tivemos sorte realmente do segundo mensageiro não gostar muito da vida e chegar na frente. Na verdade, era um objetivo que precisava ser conquistado por um escalão mais alto, para que a FEB pudesse ter sucesso em Monte Castelo, que era um dos pontos mais atingidos pelos bombardeios inimigos.

Todas as missões que nos foram confiadas foram cumpridas e de acordo com determinação de meus superiores.

Depois desse ataque, ficamos em Gaggio Montano durante uns dez dias, saindo para um período de reserva em Silla, até receber uma nova missão.

Em Castelnuovo, participei de uma missão muito grata. Tinha terminado o ataque a Monte Castelo, com sucesso, pelo 1º Regimento de Infantaria, que nós apoiamos pelo flanco. Num cair da tarde, os comandantes de Companhia foram re-

crutados para fazer um reconhecimento na região e em seguida voltamos, para transportar as companhias ao amanhecer do dia seguinte para o local.

Partimos para a investida. Minha missão não era de ataque direto a Castelnuovo; era de flanquear a posição. Ocupamos a base de partida, através de um pasto, isto é, terreno completamente limpo. A Companhia toda se deslocando batida pelo fogo alemão, com artilharia e morteiros. As nossas armas de apoio não tinham entrado ainda em posição, não recebíamos qualquer apoio de cobertura e fomos assim, até a base de partida. Tivemos mais de 14 baixas. Não havia apoio de Artilharia nem de aviação, só contamos com o apoio de uma seção de morteiros comandada pelo Capitão Thorio Benedro de Souza Lima. Ficamos inteiramente visados pelo alemão, que nos bateu de uma maneira incessante, inclusive à noite, por várias horas, por um tanque amigo que não tinha sido avisado e atirava em cima de nós, um tanque americano.

Felizmente tivemos sucesso, Castelnuovo foi conquistada. Cumprimos a nossa missão de flanco de chegada até lá em cima, foi o ataque em que eu tive o maior número de perdas, 14 homens feridos; felizmente não houve mortes.

No Vale do Rio Pó as missões já estavam-se repetindo com muita frequência, porque já se sentia o alemão recuando. Mal se recebia ordem para uma determinada atitude, quando era alterada para outra, porque as condições da frente de combate tinham-se modificado. A progressão era mais rápida, não era a mesma dos Apeninos. De sucesso em sucesso a progressão foi contínua, a ponto de em pouco tempo se chegar ao combate final de Collecchio – Fornovo, onde houve a rendição da 148ª Divisão Alemã, em que o Batalhão tomou parte. Nesse momento eu não estava no Comando da minha Companhia, porque me encontrava no hospital, onde fiquei quinze dias; fui substituído por um companheiro. Quando regressei, não reassumi o Comando da Companhia, fiquei à disposição do Batalhão estabelecendo ligações, que eram muito necessárias naquela situação de fluidez da frente de combate.

Foi nesse final, que o nosso grande companheiro Capitão Ernani Ayrosa foi ferido, pelo seu ímpeto, porque a tropa já esperava a rendição dos alemães, mas ele se lançou, foi ferido e ficou prisioneiro. Nesse momento, os acontecimentos se sucediam muito rápidos, não se chegava nem a tomar posição e já mudava para a posição seguinte, porque ficou uma guerra de movimento, de verdadeira perseguição.

Só deixei o comando da minha Companhia ao chegarmos a Nápoles, na volta, quando meu Subcomandante Joaquim de Quadros Magalhães foi promovido a Capitão. Pedi ao Comando permissão para que ele assumisse o meu lugar. E eu, então viajei para o Brasil até Recife, no avião do Mascarenhas de Moraes, que pousou em Dacar, na África e, como os americanos não deixavam qualquer avião passar com vagas, mandaram-me completar.

A minha Companhia voltou ao Brasil sob o Comando do Capitão Joaquim de Quadros Magalhães, que foi meu Subcomandante na 5ª Companhia durante a guerra, como 1º Tenente.

Gostaria de falar sobre o inverno rigoroso passado lá na Itália; chegamos a experimentar temperaturas de 17 graus abaixo de zero no exterior. Mas o Comando da Companhia sempre ocupava casas e se procurava fazer aquecimento, por meio de fogo e a tropa era substituída constantemente.

No primeiro dia em que caiu neve, na frente da minha Companhia, em Gaggio Montano, os alemães fizeram uma patrulha sobre uma das minhas posições e foram rechaçados. O Sargento-Comandante foi preso e, quando transportado para a retaguarda, a fim de ser socorrido, o sargento Matsuk, Comandante do posto atacado, que falava alemão e onde havia uns dois ou três catarinenses padioleiros que também falavam alemão, então aproveitaram para fazer uma propaganda do Brasil, dizendo que toda a tropa brasileira falava alemão, que era uma tropa selecionada, tudo para enganarem o pobre do prisioneiro.

Os alemães usavam uns lençóis brancos para se confundir na neve. Nós recebemos muitos capotes que, quando chegaram, eu convidei o meu sargento, que não era propriamente combatente, o sargento Furriel, para visitarmos umas posições e inaugurarmos os capotes brancos, bonitos. Ao voltarmos, já de noite, verificamos que na casa do PC da Companhia não havia vestígio de luz, parecia que todas as janelas estavam fechadas. Então eu chamei a atenção do sargento: “Olha que perigo! Poderíamos ser apanhados de surpresa.”

Como a senha era sempre em inglês, difícil de guardar, nós adotamos na Companhia o seguinte: “Quem vem lá?” Se falasse em português podia se aproximar, quem não falasse levava tiros. Como o sargento Furriel não tomava parte nas ações de combate, não sabia dessa ordem que eu tinha dado e mais, tinha ordenado que, se a pessoa estivesse andando normalmente, deixasse chegar mais perto e para fazermos a pergunta: “Quem vem lá?” Se vier progredindo, aproveitando o terreno e não respondendo, não conversa, atira. Eu então disse ao sargento: “Vamos ver até onde nós chegamos sem que eles percebam.” Eu vim andando normalmente, mas não vi que, atrás de mim, o sargento vinha-se abaixando. Quando havia uma escadinha para atingir o PC, ao botar o pé no primeiro degrau, senti que tinham jogado uma granada. O soldado que estava de serviço jogou uma granada de mão, ouvi quando a granada fez “tec”; eu disse: “sargento, deita!” e joguei-me para o lado, ao mesmo tempo que dei um grito. O soldado, apavorado, reconhecendo minha voz, gritou: “Matei o Capitão!”

Felizmente, a granada explodiu dentro da proteção da escada e não me atingiu, isso provou que o pessoal estava atento, tinham deixado só uma frestinha, para acom-

panhar o movimento e deixaram chegar perto para atirar a granada, felizmente não levei uma rajada de metralhadora, que aí eu não escapava, o soldado teria me matado.

Então, quando eu escrevi para a minha mulher, comentei o fato que aconteceu em Gaggio Montano, dizendo: “Fui ver se tinha gasolina... e tinha.”

Aliás, a minha opinião sobre os oficiais, graduados e praças com quem lidei na guerra, é de elogio, eu não posso deixar de elogiar o comportamento da tropa em geral, com grande capacidade de adaptação, não só no manuseio de todo o equipamento, como também na mudança de alimentação, nas constantes mudanças de posição que a tropa fez e em todas as dificuldades que foram vencidas.

O soldado adaptou-se de uma maneira fabulosa e tomou um apreço enorme ao âmbito da Companhia, nunca desejando ser transferido para o Depósito, para não ter que mudar de comando.

O relacionamento com a população local foi muito bom. É verdade que nas frentes de combate, durante o inverno, ocupávamos as casas que não eram habitadas. Estas ficavam só com as tropas, mas quando íamos para a posição de reserva, mais à retaguarda, eram escolhidas determinadas residências em que as famílias ficavam afastadas para as partes dos fundos, enquanto nós ocupávamos todo o restante da casa, mas num relacionamento muito bom. O povo italiano compreendeu muito bem a missão que cumpríamos; estávamos lá em missão de cooperação e não de ataque.

O apoio de saúde foi ótimo, embora, felizmente, não tivemos necessidade. Foi um apoio admirável, não só no âmbito da tropa em combate como no hospital, que era inclusive provido de todos os recursos, com tudo o que era preciso. Quem chegasse vivo ao hospital dificilmente não seria salvo.

Tivemos também um apoio religioso muito bom e, infelizmente, o desprazer da morte do Frei Orlando. Ele ia visitar a minha Companhia e o jipe onde ele se encontrava atolou e alguém usou o fuzil como um soquete que, ao bater, disparou e pegou no peito do Capelão e o matou instantaneamente.

O nosso Frei Orlando era um homem talhado para Capelão Militar, ele tinha a qualidade especial de ser bem recebido, participava das brincadeiras, enfim, ele se adaptou perfeitamente, foi um Capelão perfeito, perdemos um grande companheiro.

Quanto ao soldado inimigo, era uma tropa já tarimbada, com grande experiência de combate, cumpria a sua missão muito bem, era aguerrida, mas quando se sentia em situação de grande desvantagem, rendia-se... Oriundo de outras frentes, era uma tropa já cansada do combate. Foi deslocada para aquela frente secundária, em relação ao que estava acontecendo.

No início, quando o I/11º RI entrou em combate, o alemão fez uma finta com muita argúcia. O Batalhão iniciou o deslocamento à tarde, era uma região monta-

nhosa, subiu o morro e instalou-se; o alemão assistiu a tudo, mas ficou quieto. Tudo estava tão calmo que o Capitão Cotrim – Carlos Frederico Cotrim Rodrigues Pereira – chegou a dizer ao Observador Avançado de Artilharia, que pedisse alguns tiros na frente, para movimentar, porque “isto aqui está muito calado”.

Mas o Observador Avançado, que era do 6º RI, tropa com experiência anterior, disse: “Olha, eles estão preparados, nós vamos pedir fogo, a nossa Artilharia vai atirar, eles vão responder, mas eles estão respondendo com morteiros, não vão atingir a Artilharia, vão atingir em cima de nós, que estamos aqui sem necessidade.” Depois das ponderações do observador, o Capitão Cotrim voltou atrás. Mas lá pelas dez horas da noite, os alemães fizeram uma finta com as armas automáticas, inclusive com aquela metralhadora que o brasileiro chamava de “Lurdinha”. Era uma cadência de tiro enorme, mas não eram de boa pontaria. O elemento que estava na frente, o I Batalhão do 11º RI, soltou a posição e recuou.

O Capitão Thório, que estava um pouco atrás, pediu o desencadeamento da barragem anterior da Artilharia, que bateu a região toda. Eles não vieram, só deram um passeio, só passaram, tanto que nada aconteceu ao Aspirante Mega, que ficou na posição, porque os alemães não ocuparam, fizeram uma finta somente. Eles assistiram, tranquilamente, ao Batalhão entrar em posição, sem uma reação.

Inclusive, dois ou três oficiais se recusaram a retomar posição e foi uma coisa muito desagradável, tiveram até que buscar o pessoal do 6º RI, para cobrir, inclusive o Hélio Portocarrero, que veio para ocupar posição, mal tinha acabado de sair da frente e voltou para assumir ali. Foi um período difícil vivido pelo I Batalhão do 11º RI.

Isso aconteceu logo no início dos combates, era um Batalhão novo que veio para substituir a tropa do 6º RI, que estava há mais tempo em posição, mas depois esse Batalhão se recuperou em Montese.

Com as tropas aliadas não tive qualquer contato. Conversei, com ajuda de um intérprete, com um prisioneiro e perguntei-lhe por que estava na guerra, numa situação de vencido. Ele respondeu que, como eu, cumpria ordens.

A tropa alemã era muito aguerrida, como já disse. Suas posições possuíam um cuidadoso sistema de apoio mútuo. Quando um ponto forte era atacado, o outro apoiava com seus fogos; ocupavam muito terreno com pouca tropa. Tinham muita prática de guerra.

Eu tomei parte em alguns dos ataques a Monte Castelo, não com a minha tropa atacando diretamente, mas como apoio. No último, que foi feito pelo 1º RI e que tomou Monte Castelo, nós fizemos uma ação diversionária apoio pelo flanco, atirando com metralhadoras .50 e armas automáticas, para “distrair” o alemão e dar

tempo para o 1º RI tomar Monte Castelo que, naquele momento, era uma questão de honra, porque já era o terceiro ataque.

Quanto ao apoio logístico foi muito bom; o comando americano fazia questão de só admitir a ração fria, em último caso. Os comandos de subunidades levavam a comida quente sempre que possível, ainda que em condições precárias, de perigo. O americano levou muito em consideração a alimentação da tropa. Usavam panelas térmicas. Em Gaggio Montano, por exemplo, ocupávamos uma posição que a gente só não era visto pelo alemão quando fazia uma curva, porque eles, no alto, assistiam a tudo e nos caçavam com morteiros, por isso, muitas vezes a comida tinha que subir de madrugada.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi o esforço do Brasil para cumprir a sua parte no desempenho daquelas obrigações. O comportamento da tropa foi exemplar, apesar de não ter tido a preparação necessária, para o desempenho de uma missão da responsabilidade que teve. O desempenho foi muito superior ao preparo recebido.

Com referência aos integrantes do meu Batalhão, da minha Subunidade, subordinados e superiores, não posso destacar um nome, o desempenho da tropa foi muito homogêneo, não houve um sequer com a intenção de se destacar como herói, mas todos cumpriram as obrigações recebidas com determinação, com afinco, inclusive quando tivemos uma parte defensiva, fazia-se muita patrulha, um serviço desgastante, numa região muito desagradável, ainda assim, o soldado cumpriu, sempre, todas as suas obrigações. Não quero distinguir individualmente um companheiro, todos se portaram com bravura, agradeço a todos o quanto fizeram em benefício do desempenho do meu Comando.

Em relação ao Comando Superior para o Comando de Companhia, foi sempre muito efetivo, também. Éramos avisados de todas as coisas, com tempo necessário, para preparar e cumprir as obrigações.

O Comandante do Batalhão, Major Ramagem, era bastante equilibrado, muito bom, bem agradável, muito maneiroso. Mas, o pouco contato que tive com a tropa americana, no meu ponto de vista, foi desagradável, tivemos um reboque de jipe roubado.

Um sargento disse ter localizado o nosso reboque roubado com uma tropa americana; não era uma tropa combatente, era de transporte de material que estava acantonada perto de nós. Eu resolvi ir com o sargento como intérprete, até o acampamento deles. Apresentei-me, o sargento nos anunciou e fomos pessimamente recebidos.

Num certo momento, o sargento disse: “Capitão é melhor irmos embora, porque não está havendo entendimento.” Mais tarde ele me disse que fui xingado de tudo que é possível, em inglês; não sei qual era o posto do sujeito, mas era um indivíduo de baixo nível.

Com a aviação brasileira, tivemos muito pouco contato e poucas vezes a observamos. Cumpria as missões com bravura, grande desembaraço, grande coragem, mas não em nosso proveito; era ligada ao comando da aviação americana. Nos ataques de Monte Castelo, nunca contamos com a aviação. Nos Apeninos, pelo fato dos ataques serem cedo, o tempo estava todo coberto, dificultando o apoio da aviação; vi muito pouco avião brasileiro.

Não tive a oportunidade de perceber uma campanha, orientada, para atingir o moral das tropas oponentes, pelo menos do nosso lado não houve.

Quando a guerra terminou e houve a rendição da Divisão alemã, nós estávamos na Região de Collecchio, onde a alegria foi grande, embora já sentíssemos seu fim chegando em doses homeopáticas, sabíamos que tudo estava no fim. Quando a Divisão alemã e uma Divisão italiana se renderam, foi confirmado o fim da guerra, porque com certeza tinham recebido ordem do Comando alemão para que se rendessem. Houve aquela alegria enorme, pelo fato de a guerra ter terminado e a gente só pensava no retorno ao Brasil.

Voltamos para perto de Nápoles, onde acantonamos por uns dias, aguardando que os americanos nos dessem o transporte. Foi nesse momento que meu Subcomandante foi promovido, e eu pedi para voltar primeiro ao Brasil, porque eu casara havia um ano e queria voltar de qualquer maneira.

À chegada da Força Expedicionária eu assisti, porque já estava no Brasil. Foi muito bonito, houve demonstração de reconhecimento do povo, uma alegria contagiante, uma recepção maravilhosa, o povo vibrou com toda a intensidade.

Na minha opinião, a participação da FEB na Campanha da Itália teve boas consequências, ganhamos experiência. Porém, o ambiente logo em seguida mudou, as Forças Armadas ficaram muito desprestigiadas.

E havia, também, algum ciúme com relação à FEB. Eu me recordo que quando fui pedir uns convites, para assistir ao regresso da FEB, ouvi, da ante-sala onde estava sentado aguardando atendimento, quando disseram: “Eles foram lá para passear”, eu havia me declarado ex-combatente.

Havia o grupo dos insatisfeitos, dos magoados, daqueles que tinham receio de que o pessoal da FEB tivesse promoções e eles não, mas também havia as exceções.

Como mensagem final, quero felicitar esta iniciativa e agradecer pela oportunidade de reviver, após muitos anos, o que foi feito com tanto esforço pelo País, conseguir mandar uma Divisão para combater na Itália, o que nos deu possibilidades de fazer certas reivindicações em benefício de nossa Nação. Quero pedir a Deus que ilumine os nossos comandantes, para que possam colocar as Forças Armadas em condições de poder defender esse País, se for preciso.

General-de-Brigada Américo Baptista de Moraes*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de cadetes de 22 de novembro de 1937. Oriundo do meio civil, ingressou na Escola Militar do Realengo por meio de concurso em 8 de maio de 1935. Em fevereiro de 1944, foi comissionado no posto de Capitão e, em março do mesmo ano, classificado no 11º Regimento de Infantaria. Na guerra, desempenhou a função de Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º RI. Entrou em linha com seu Batalhão na noite de 4 para 5 de novembro de 1944, na Região de C. Guanela - Ca di Toschi. Apoiou com seus fogos, praticamente, todas as ações de combate da FEB. Após a guerra, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Durante sua carreira, comandou Pelotão, Companhia e Batalhão de sua Arma: Infantaria. Em 3 de dezembro de 1959, foi promovido a Coronel e transferido para Reserva de 1ª Classe, no posto de General-de-Brigada. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate, 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 7 de maio de 2001.

Eu me sinto muito honrado por ter sido convidado a participar do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial e farei todos os esforços para retratar tudo o que se passou, desde a organização da FEB até a vitória final.

O ambiente no Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial em 1939 e, no início da década de 1940, era de expectativa e de certo receio, dadas as primeiras vantagens obtidas pelos alemães. Com a resistência aliada e as suas primeiras vitórias e posteriormente com as vitórias da FEB, o ambiente se transformou em euforia. A imprensa divulgou, sempre, todos os fatos ocorridos durante esse período, principalmente as vitórias conseguidas.

Com o torpedeamento de vários navios mercantes brasileiros, não restou ao governo outra atitude, senão declarar o estado de beligerância. Foi então organizada a FEB, uma Divisão de Infantaria Expedicionária, designado-se as unidades das diversas Armas para a sua composição, reunindo-se no Rio de Janeiro, basicamente na Vila Militar, onde se processou o treinamento da tropa.

Eu era 1º Tenente. Para integrar-me à FEB fui comissionado no posto de Capitão, classificado no 11º RI e designado Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão.

No Brasil, foram realizados alguns exercícios preparatórios que visavam ao Teatro de Operações. Tomei parte naqueles em que esteve presente o meu Batalhão, sendo muito proveitosos e que serviram de base para o desempenho em combate. A prova disso foi o resultado satisfatório das missões recebidas.

Em 20 de setembro de 1944, a Companhia com o restante do RI embarcou no navio transporte americano *U. S. General C. M. Meighs*, que desatracou no dia 22, iniciando a viagem para o Teatro de Operações da Itália, gastando 14 dias. Posso dizer que tudo transcorreu sem anormalidades. Houve alerta quanto à ameaça de submarinos inimigos e os serviços de escala foram feitos naturalmente, para assegurar a boa ordem a bordo.

As condições de saúde foram boas, havendo apenas casos de enjôos, o que é normal para homens que nunca haviam viajado por mar. Praticamos exercícios de abandono de navio e, como entretenimento, tínhamos sessões de cinema e música com os conjuntos formados pelos próprios soldados.

A 6 de outubro de 1944, chegou a Nápoles onde atracou, e no dia 9 houve o transbordo de toda a tropa para as barcas de transporte LCI, que a levaria ao Porto de Livorno. A 10, iniciou-se o deslocamento das barcas. Foram trinta horas de viagem bastante acidentada, inclusive com a ocorrência de tromba d'água, que fez enjoar até a tripulação americana.

No dia 11, houve o desembarque em Livorno e o transporte em caminhões, para a área de San Rossore, onde toda a tropa acampou em barracas. Nessa localida-

de, a Companhia prosseguiu com mais intensidade nos preparativos técnicos, táticos, psicológicos e físicos, bem como na adaptação ao clima e aos hábitos, inclusive a alimentação e higiene, necessários para a nova situação de combate.

Ao mesmo tempo eram recebidos armamentos, uniformes, viaturas e demais equipamentos, que seriam utilizados pela Companhia. Oficiais e sargentos fizeram estágio na frente de combate, nas posições de outras unidades brasileiras já engajadas.

A 20 de novembro de 1944, a Companhia deslocou-se com o Batalhão para a Região de Filettole, para completar o exercício de combate. A tropa adaptou-se rapidamente ao novo material de campanha, armamento e alimentação. Os exercícios táticos continuaram e a tropa procurou tirar o maior proveito desses exercícios.

O meu batismo de fogo foi enfrentar tiros de morteiros, lançados sobre algumas posições da minha Companhia, que me fez abrigar e descobrir em seguida de onde partiram os tiros. A Companhia teve duas baixas, um morto e um ferido.

Nos Apeninos, em ações de combate, a 30 de novembro de 1944, a Companhia deslocou-se para Granaglione e na noite de 4 para 5 de dezembro, juntamente com o restante do Batalhão, entrou em linha, substituindo o III/6º RI, nas posições de C. Guanela e de Ca di Toschi. Era a primeira missão de combate da Companhia. Instalou-se no terreno, conforme os estudos feitos no reconhecimento anterior, colocando alguns dos seus elementos à disposição das companhias de Fuzileiros.

A 12 de dezembro de 1944, a Companhia cooperou com os seus fogos, na manutenção da base de partida, para o ataque a Monte Castelo e na ação diversionária atribuída à 5ª Companhia, sob Mazzancana. Em 22, o Batalhão deixou as posições de C. Guanela, para substituir o III/1º RI nas regiões de Gaggio Montano, Ca di Toschi e C. di Fauro.

A missão era defensiva, para impedir que o inimigo, descendo do Monte Castelo e Monte Gorgolesco, viesse na direção de Gaggio Montano - Ca di Toschi. Foram realizadas missões de tiro, de inquietação e de apoio às várias patrulhas do Batalhão. As nossas posições ficaram também inquietadas por artilharia e morteiros inimigos que procuravam, principalmente, as passagens obrigatórias. O frio também castigava toda a tropa.

Apesar dos agasalhos distribuídos à tropa, foi grande a influência do inverno nos homens. Alguns baixaram hospital com pé-de-trincheira, principalmente em ocasiões que ficavam em seus abrigos. Para as operações, também o inverno apresentou dificuldades, principalmente no deslocamento dos homens e do material sob a neve. A 15 de janeiro de 1945, o Batalhão foi substituído pelo I/11º RI e passou à disposição da Divisão como reserva, acantonando na Região de Silla. Nesse período, foram realizados vários reconhecimentos, principalmente sobre a Região de Abetaia, como preparativos para ocupação de novas posições.

A 10 de fevereiro de 1945, o Batalhão entrou novamente em posição, substituindo os I e II do 1º RI, numa frente ampliada de Bombbiana, Columbareta, C.M. di Bombbiana, Morro Dell'Oro, Columbura, Giordino, Braineta e Podestino di Sopra. Instalada defensivamente, a Companhia cumpriu as missões de fogo determinadas pelo Batalhão. Foram também realizados reconhecimentos, enfrentando terreno minado, principalmente sob Abetaia.

Em 21 de fevereiro de 1945, durante o ataque a Monte Castelo, executado pelo 1º RI, recebeu a missão de inquietar e perturbar com os seus fogos o inimigo, no corredor de Abetaia, protegendo o flanco do I/1º RI. Nessa missão, foram utilizados todos os fogos disponíveis, inclusive os das metralhadoras .50. Na noite de 23 para 24 também cooperou com os seus fogos, para deter um contra-ataque inimigo contra o 1º RI na Região de La Serra.

Em 3 de março de 1945, apoiou o ataque à ocupação de Ca di Giansimoni e Roca Pitigliani, executado pelo Batalhão, em cooperação com a 10ª Divisão de Montanha americana. Nessa operação, as Companhias de Fuzileiros e elementos da CPP/II à disposição encontraram fortes resistências inimigas e campos minados em Oratório della Sessane e Cota 832.

Em 4 de março de 1945, a Companhia deslocou-se com o Batalhão para a Região de Riolla e Riolla Vecchia, onde ocupou posições de acordo com as ordens do Comandante do Batalhão. Às cinco horas de 5 de março de 1945, o Batalhão atacou com todos os seus meios, partindo da linha Precária – Casa W. Precária, sob forte bombardeio inimigo. Em algumas horas foram ocupadas La Spiagia, C. Berzone, Km 36, Lareda di Sotto, Malgano, Pontos cotados 434, 522, 578, 584 e 609, em C. Bavineli, completando o cerco a Castelnuovo e cortando a estrada para Affrico.

Isso facilitou a ocupação de Castelnuovo pelo I/6º RI. Nessas ações, a Companhia deu apoio às companhias de Fuzileiros, com todos os seus fogos – centralizados e à disposição. Seguiu-se a exploração do êxito até a linha Ponto Cotado 415, ao Norte de Faggio Guardia - Ponto Cotado 485, ao Norte de Tonicelli.

Em 6 de março de 1945, o Batalhão saiu de posição e acantonou em Riola e Riola Vecchia. A 10 de março de 1945, substituiu o 85º RI americano e instalou-se, para defesa, no Quartelão do Monte Della Torracia. A Companhia executou várias missões de tiros de inquietação e de proteção aos elementos do Batalhão em posição. Nesse período, as companhias de Fuzileiros executaram golpes de mão e patrulhas. Foram feitos onze prisioneiros.

A 14 de abril, colaborou com fogos no ataque do I Batalhão a Montese. Ficou também em condições de apoiar as companhias de Fuzileiros no Aproveitamento do Êxito na direção de Montespechio. Na véspera, 13 de abril de 1945, já havia colabo-

rado, com fogos, na proteção do retraimento de elementos que executavam reconhecimento para o ataque. No dia 17 de abril, o Batalhão substituiu o III/11^º RI, ocupando posições na Região de Iola, Tamborini e Campo Del Solle, e no dia 18, substituiu o II/6^º RI nas posições de Montese, Montaurigola e cotas 855 e 844.

A 19 de abril de 1945, as companhias de Fuzileiros ocuparam Montebuffoni - Salto e, posteriormente, Monte Maiolo - Ranochio, onde o Batalhão se instalou, lançando reconhecimento sobre as margens do Rio Panaro. No dia 22 de abril de 1945, foi substituído por elementos de um Batalhão americano e CCAC/1^º RI e acantonou na Região de Montese, aguardando ordens para o deslocamento.

A 24 de abril, a Companhia recebeu ordens para deslocar-se com o Batalhão para Sassuolo, aonde chegou às 21h e recebeu ordens para prosseguir para Borzano e, posteriormente, para Albinea e Puianello, onde todo o Batalhão se reuniu. Foram lançados reconhecimentos em Montecavaloro. A 26, deslocou-se com o Batalhão para S. Polo D'Enza. Nesse mesmo dia, o Batalhão recebeu ordens para deslocar-se para a Região de Collecchio, onde o Esquadrão de Reconhecimento estabelecera contato com o inimigo.

O Batalhão, por companhias sucessivas, tendo a 5^a Companhia e um pelotão de metralhadoras da CPP/II como vanguarda, em marcha de aproximação, em busca de contato, segue a cavaleiro da estrada na Direção Noroeste, saindo na rota 62. O inimigo foi localizado na direção da torre da igreja de Collecchio e a 5^a Companhia foi recebida por fogos de metralhadoras, morteiros e lança-rojões.

Depois de breve parada, a 5^a Companhia, reforçada por um Pelotão de Metralhadoras da CPP/II atacou o inimigo. O Pelotão de Morteiros da CPP/II executou uma cerrada concentração de tiros, que facilitou a progressão da 5^a Companhia. O combate durou toda a noite e recrudescu com o raiar do dia. Às 12h do dia 27 de abril, Collecchio estava tomada – 334 prisioneiros, sendo 17 oficiais.

A vanguarda alemã estava separada do restante da tropa que ocupava a região de Fornovo. A 28 e 29 de abril de 1945, rendeu-se a 148^a Divisão alemã, a 90^a Divisão Panzer e o remanescente da Divisão Itália.

A 29, todo o Batalhão deslocou-se para Castelvetro, e no dia 30, foi transportado para a Região de Alessandria, acantonando-se em San Salvatore e Casale, em condições de deslocar-se para Oeste e para Noroeste e também para Turim.

A respeito dos nossos oficiais e graduados, considerando que eles passaram a conviver com situações novas, posso dizer que, em pouco tempo se identificaram com o material recebido e tiveram, também, excelente atuação nas missões em que estiveram empenhados. O soldado brasileiro saiu-se muito bem no combate, a não ser no primeiro ataque a Monte Castelo, onde recebeu tiro de flanco vindo do

M. Della Torracia, o que impediu a conquista do objetivo. Em todas as operações, saiu-se vitorioso, demonstrou bastante disciplina, iniciativa, resistência à fadiga e coragem. Também no relacionamento foi amistoso e a população local colaborou, dentro das suas possibilidades. Houve até casamentos entre praças e senhoritas da sociedade civil.

O apoio de saúde e religioso foi satisfatório; tínhamos até um sacerdote à disposição do Batalhão. De outras religiões não tenho notícias.

Em relação ao inimigo, tive mais contato com os soldados alemães, que deram muito trabalho e defenderam com afinco as suas posições. Pareceram-me bem preparados, só cederam ante a melhor força de nossa tropa, mesmo estando bem aferrado ao terreno e mantendo posições superiores às nossas.

Quanto ao apoio logístico posso afirmar que foi muito bom quer na alimentação, como no armamento, munição, equipamento e outros.

Mas, o que mais me impressionou no soldado brasileiro foram a inteligência, criatividade e, sobretudo, sua coragem. Com meus subordinados estive sempre presente e os confortei, quando foi preciso. Todos desempenharam as suas funções de acordo com a situação, o que assegurou o bom desempenho da Companhia em todas as missões recebidas.

Sobre o desempenho do Comando do Batalhão, realizado pelo Major Ramagem, afirmo que foi muito bom; dava assistência a todos os comandantes de Companhia e muito inteligente nas suas decisões, o que foi um fator de peso para as vitórias.

A propaganda durante a Segunda Guerra na Itália, tanto de nossa parte quanto da parte do inimigo, foi feita pelo alto escalão e pelo uso de rádio difusão. O rádio era usado em larga escala. Psicologicamente, os êxitos obtidos eram explorados, no sentido de manter a pressão, não dando trégua aos inimigos.

Com a vitória dos aliados e o término da guerra, senti um grande alívio e a consciência tranqüila, pois o dever estava cumprido.

As comemorações, entre nós, foram de vivas ao Brasil, ao Exército e abraços entre os componentes da tropa. O comando do Batalhão agradeceu a todos, pelo excelente desempenho na campanha.

Nosso retorno ao Brasil foi de navio. A FEB foi recebida com muito entusiasmo pela população; desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro sob aplausos e a imprensa deu grande destaque a sua chegada, ressaltando os seus principais feitos nos campos de batalha. Os conhecimentos adquiridos foram divulgados no seio do Exército, principalmente pelos oficiais e graduados, que se espalharam pelas várias unidades. Sendo assim, os ensinamentos aprendidos na campanha foram aproveitados.

Eu, pessoalmente, senti-me realizado, com a minha formação militar mais completa. Adquiri mais experiência e capacidade de tomar decisões em situações difíceis e sob pressão, tanto na vida militar como na vida civil.

Finalizando, desejaria parabenizar todos os componentes da FEB, a seus organizadores e o pessoal de apoio, pelo belo desempenho nas diversas fases em que se desenvolveu a campanha e sua organização. Ficou mais uma vez provada a capacidade do brasileiro, não só para combater, como também para organizar.

General-de-Brigada Hélio Covas Pereira*

Natural da Cidade de Nova Friburgo, RJ, pertence à turma de 22 de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Iniciou sua carreira militar, como Oficial, na tradicional Unidade da Arma de Infantaria, o 2º RI, “Dois de Ouro”, situado no Rio de Janeiro. Antes da guerra, serviu no 9º RI, em Pelotas, RS, e no 11º RI, em São João Del Rei, MG. Em maio de 1944, foi comissionado no posto de Capitão, tendo comandando a 6ª Companhia de Fuzileiros, desde a sua organização até a sua extinção, após a guerra. No comando da Companhia participou das operações de guerra em Marano, Castelnuovo, Montese, Collecchio e Forno. Nesta última, cooperou no cerco e rendição da 148ª Divisão alemã. Após a guerra, retornou ao 2º RI. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e, após período na Escola de Transmissões, foi classificado no Regimento-Escola de Infantaria, já como Major e Tenente-Coronel, permanecendo nessa Unidade oito anos. Em 1962, passou a Reserva de 1ª Classe, sendo promovido ao posto de Coronel e, simultaneamente, ao posto de General-de-Brigada. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate, 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze (Estados Unidos) e membro da Ordem do Império Britânico (Inglaterra).

* Comandante da 6ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 22 de fevereiro de 2001.

É com muito prazer que volto à caserna, onde passei quase toda a minha vida e me sinto em casa. As considerações que farei a seguir foram frutos da atuação na Itália, onde comandeiei durante a guerra, a 6ª Companhia do 11º RI.

O Brasil nunca cogitou em participar de um conflito no exterior, muito menos em solo europeu. Mas, a agressão dos submarinos do eixo Berlim e Roma torpedeando vários navios nas costas brasileiras fez com que o governo abandonasse a sua posição de neutralidade e começasse a organizar uma força capaz de revidar essas agressões, a lendária Força Expedicionária Brasileira.

Foi feito um esforço muito grande, porque o Exército Brasileiro fora instruído por uma Missão Militar francesa, segundo a doutrina daquele país europeu, mas naquele momento, a FEB estava destinada a atuar também na Europa, mas sob o comando americano. Fomos designados para o IV Corpo de Exército americano.

A FEB embarcou em três escalões: o 1º, comandado pelo General Euclides Zenóbio da Costa, que levou o 6º RI, um Grupo de Artilharia de São Paulo e elementos de Comunicação, Saúde e Intendência. Três meses mais tarde, o 2º Escalão, composto pelo 11º RI e pelo Regimento Sampaio, embarcou em dois grandes navios transporte, *General Meighs* e *General Mann*, com destino à Itália.

A viagem se fez em completo blecaute, com a realização de exercícios de abandono de navio, porque a ameaça de submarinos ainda era muito grande. Mas, escoltados pela Marinha Brasileira, conseguimos chegar até a entrada do Mar Mediterrâneo sem baixas.

Desembarcamos em Nápoles e lá mesmo, embarcamos nas LCI, barcas para o desembarque da tropa em praias. Nelas, fomos levados até Livorno, no Norte da Itália, onde desembarcamos novamente e passamos para caminhões norte-americanos, que nos levaram até Pisa, onde acampamos na Tenuta di San Rossore.

Ali recebemos armamento, material de comunicação, fogões à gasolina que até então eram ignorados, já que o Exército Brasileiro usava fogões à lenha, rebocados por caminhão. Fomos submetidos a um intenso treinamento, diurno e noturno, passamos por avaliações feitas por instrutores, oficiais norte-americanos, para que a FEB pudesse ocupar posições de combate.

Essa inspeção rigorosa, completa, mostrou que o Exército Brasileiro tinha rapidamente se adaptado às novas condições de emprego e estava pronto para a luta. Fomos aprovados sem ressalva e, pouco tempo depois ocupávamos as posições de combate. Ficamos inicialmente em Granaglione, na contra-encosta, passando a seguir para a encosta voltada para o inimigo e ocupamos as posições destinadas ao 2º Batalhão do 11º RI.

Ali, apoiiei pelo fogo o ataque a Monte Castelo, feito pelo Regimento Sampaio. Monte Castelo era defendido por um desfalcado regimento alemão, composto de três

companhias de fuzileiros e uma de Petrechos, mas cada Companhia não dispunha mais do que cinquenta homens. Assim mesmo eles resistiram e só no quarto ataque é que foram superados e Monte Castelo foi ocupado.

Dali, rumamos contra a última posição nas montanhas ocupadas pelos alemães. A cidade chamava-se Montese e seu nome já diz que era numa montanha e lá de cima divisava-se o brilho das águas do Rio Pó, provocado pela incidência dos raios solares.

O combate de Montese foi o mais demorado e o que provocou maiores baixas; a 6ª Companhia perdeu três homens, a maioria por minas terrestres. Os alemães sabiam que tinham perdido a guerra, mas diziam que enquanto Hitler lutasse, eles também lutariam e assim fizeram, lutaram até o fim. Muitas vezes, só ocupávamos a posição, depois de mortos todos os defensores alemães. Tivemos que fazer a limpeza casa por casa, porque os alemães combatiam até a morte, até serem dominados. Montese, como eu disse, foi o combate mais demorado e que maiores baixas provocou.

Nós começamos a Perseguição ao inimigo, mas como precisávamos de um deslocamento mais rápido, a Artilharia desengatou as peças das suas viaturas de duas e meia toneladas e transportou a Infantaria. Um gesto de solidariedade que nos deixou muito gratos, porque o Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, General Cordeiro de Faria era artilheiro, mas não vacilou em ceder as suas viaturas para o transporte da Infantaria, porque quanto mais cedo nós atingíssemos o Rio Pó, mais cedo terminaria a guerra. E assim aconteceu.

Em menos de um mês, percorremos toda aquela distância, até chegarmos ao Rio Pó. Os alemães batiam em retirada, mas combatendo; nunca se entregavam. Culminou com o cerco e o aprisionamento de uma Divisão inteira alemã, a 148ª DI, comandada pelo General Otto Fretter Pico, que se rendeu ao então Coronel Nelson de Mello, que comandava a vanguarda e da qual a 6ª Cia também fazia parte.

A rendição foi uma coisa espetacular; nós havíamos preparado uma primeira área para a entrega de equipamento e munição, uma segunda área para a entrega do armamento e finalmente a terceira área, destinada à ocupação pelos prisioneiros, toda circundada por arame farpado.

Quando chegou a vez do General Comandante da 148ª DI alemã, que foi o último, ele tirou a pistola do cinto e veio entregar ao então Coronel Nelson de Mello, mais tarde brilhante General do Exército Brasileiro, que se adiantou e travou-se, então, o seguinte diálogo:

– General, o senhor lutou pela sua pátria e eu lutei pela minha, nós fomos adversários leais.

– Perfeitamente, fomos adversários leais – confirmou o General alemão.
– O senhor conserve a sua arma e escolha um soldado para ser a ordenança – disse, então, Nelson de Mello, virando-se para ele.

O General alemão abaixou a cabeça e chorou; chorou pela delicadeza e fidalguia do Coronel brasileiro. Assim, encerrou-se a guerra, a FEB capturou toda a 148ª DI e eu tive a felicidade de participar de todas essas ações.

Posso me referir melhor ao escalão em que eu servi, que foi a Companhia de Fuzileiros, a 6ª Companhia que foi uma ótima Subunidade. No seu comando, recebi a mais alta condecoração do Exército, a Cruz de Combate de 1ª Classe e os quatro tenentes receberam a Cruz de Combate de 2ª Classe, que é bravura em grupo, golpes de mão para efetuar prisioneiros, patrulhas de combate etc.

A 6ª foi a Companhia mais condecorada do 11º RI e posteriormente, já de regresso ao Brasil, fui mandado comparecer à sede da Embaixada britânica na Rua São Clemente, onde o Marechal Alexander, Visconde de Tunis, que fora o Comandante do Teatro de Operações do Mediterrâneo onde a FEB atuou, leu uma lista de oito homens da FEB, que haviam sido condecorados pelo Rei da Inglaterra, Jorge VI. Essa medalha inglesa só foi concedida a oito homens da FEB: dois generais, dois capitães, um Subtenente em caráter póstumo, que havia falecido como soldado muito valente, Max Wolf, e três cabos, que por isso mesmo foram promovidos a sargento; um deles ainda pertencia a 6ª Companhia. Fui nomeado Membro da Ordem do Império Britânico, no grau de Cavaleiro.

Então, é sempre com muita alegria, com emoção, que eu recorro a esses feitos e quero, para concluir, citar a figura ímpar do E/3 da Divisão na FEB, Coronel Castello Branco, Oficial de Operações, único coronel na guerra a ser admitido nas reuniões dos generais, para a preparação dos planos da Ofensiva da Primavera, que acabou com a guerra na Itália. Esse homem, mais tarde, foi Presidente da República.

E, ironia do destino, quando ia para a sua residência em Mecejana, no Ceará, o avião militar que o conduzia entrou numa área destinada à prática do tiro antiaéreo e, como não foram avisados, esse avião brasileiro foi colhido pela antiaérea brasileira. Assim, morreu antes de chegar a sua terra natal, depois de ter participado e voltado da guerra. Mas, foi um homem que deixou uma história.

Humberto de Alencar Castello Branco era o seu nome, um grande, talvez o maior Presidente que o Brasil já teve. Quando concluiu o seu mandato, os oficiais generais de todas as Forças do Rio de Janeiro foram a ele pedir que continuasse. Ele recusou, disse que tinha lutado na Itália pelo Brasil e pela Democracia e que o regime democrático importa na substituição periódica dos governantes e assim procedeu.

Antes de ir para a guerra, eu já estava no 11º RI, e já havia feito manobras e então, o comandante designado, paraibano, um homem muito correto, Delmiro Pereira de Andrade, chamou-me e disse: “Capitão Covas, o senhor vai comandar, escolha uma companhia e eu lhe darei o comando. Eu escolhi a 6ª Cia.”

No Brasil, chegamos a fazer alguns treinamentos, mas sem efeito, porque o armamento era todo diferente, as táticas de pequenas unidades e subunidades, também eram todas diferentes.

Meu batismo de fogo foi no final do mês de novembro, quando da entrada em linha de todo o regimento onde o I Batalhão, desgraçadamente, devo dizer isso, abandonou as posições pela covardia de um Capitão. Eu não quero citar o nome desse camarada, mas depois, no Brasil, ele foi-se apresentar na televisão como o Capitão Asa, era um covarde.

Quando um soldado dele cometia uma falta, ele perguntava: “Você quer cumprir oito dias de cadeia ou quer disputar uma luta de boxe comigo?” O soldado, coitado, era massacrado, ficava desacordado de tantos socos, porque o Capitão lutava boxe muito bem e foi esse indivíduo que provocou a corrida do I Batalhão.

O PC dele foi cercado pelos alemães, ele apavorou-se; em vez de resistir, pedir reforço, fogos de morteiro ou de artilharia sobre a posição, ele não o fez, disparou, saiu correndo, foi embora e ainda arrastou dois companheiros, ótimos oficiais, Sylvio Scheleder, Comandante da 2ª Companhia de Fuzileiros e Emílio Guimarães Tinoco que comandava a Companhia Comando.

O 6º RI ocorreu imediatamente, restabeleceu as posições, porque os alemães não se interessavam em ocupar as posições de baixo, eles ficavam sempre nas cristas, de onde observavam tudo e bombardeavam quem se mexesse. Eles cercaram o Batalhão só mesmo para desmoralizar, possuíam um serviço de informações muito bom e sabiam que era uma tropa inexperiente; antiga ali, só o 6º, que já tinha combatido no Vale do Serchio. Para o 11º e o Sampaio, era o batismo de fogo.

Enfrentamos na Itália temperatura de 17 graus negativos, isso incomodou muito a tropa e fez com que os quartos de vigília, ao invés de duas horas, passassem para uma hora, porque poucos agüentavam ficar mais do que isso no exterior das casas ou dos abrigos construídos; então nós encurtávamos para uma hora e, felizmente, deu certo.

Citei os oficiais e praças, graças a Deus se conduziram muito bem. Nunca houve um caso de deserção na FEB, e só o Tenente Emílio Varoli, foi aprisionado, assim mesmo, porque foi ferido e caiu praticamente desacordado. Mas como o alemão era um adversário muito leal, trataram do Varoli. Quando houve a rendição, ele foi o primeiro a ser entregue aos brasileiros.

Nosso relacionamento com a população local foi amistoso. A miséria campeava na Itália, a comida era coisa de maior valor. Eles nos prestavam alguns serviços, mas não queriam dinheiro, queriam só comida e, quando possível, cigarro, porque também não tinham.

Os italianos sempre nos trataram com muito carinho. Naquela fase da Perseguição que fui parar em Collecchio-Fornovo, onde assisti à rendição da 148ª, eles também vibraram com o Brasil, chamando de *liberatori*, *salvatori*. Eles vibraram e trouxeram, coitados, as poucas garrafas de vinho que haviam enterrado, para não serem tomadas pelos alemães, para beber à saúde dos brasileiros.

Eles sentiram a diferença do tratamento que receberam do alemão e do brasileiro; o alemão foi muito rude com eles.

O apoio de saúde foi muito bom; quem conseguia chegar até um hospital, sobrevivia. O apoio religioso, recebíamos do saudoso Frei Orlando, patrono do serviço religioso da FEB, que foi vitimado pelo disparo acidental, da submetralhadora de um italiano, que vinha com ele justamente para a minha 6ª Companhia, rezar uma missa. Esse fato ocorreu, porque a roda do jipe ficou presa numa pedra e o italiano foi tentar soltar; quando bateu com o cabo da metralhadora, esta disparou.

Quanto ao alemão, indiscutivelmente, era um mestre da guerra. Eles já estavam no bagaço, não tinham mais a aviação; a artilharia deles era puxada a cavalo, por incrível que pareça, enquanto o nosso material era auto-rebocado, o 105mm, e o Grupo do Panasco Alvim era tracionado por tratores. Mas, mesmo assim, lutaram até o fim. Desaferraram, romperam o contato depois de Montese, e marcharam durante toda a noite, na tentativa de atingir o Rio Pó, mas a decisão do General Cordeiro de Faria, de ceder as viaturas para a Infantaria, foi impeditiva para eles.

Foi uma correria danada; por duas vezes, em San Polo D'Enza, na hora do jantar, da refeição quente, veio a ordem para tocar para a frente. Perdemos o jantar, mas ninguém reclamou, porque todos compreendiam que estávamos trabalhando para o final da guerra, que ocorreu logo depois, com a vitória do Brasil e dos aliados.

Além da DI com Fretter Pico, também foi derrotada uma DI italiana com Mario Carloni, mas a tropa italiana era na verdade muito fraca, a qualquer pretexto eles abandonavam, desertavam.

Quanto ao convívio com a tropa dos EUA, há que se dizer que era diário, porque nós pertencíamos ao IV Corpo, que era comandado por um General americano e, às vezes, eu tinha que substituir, nas posições, unidades desse país. Durante a campanha, sempre tinha comigo um pelotão de carros americanos, o Tenente se enquadrava todo, apresentava-se e dizia que estava à disposição da 6ª Companhia. Foram realmente muito importantes, atuantes e muito bons.

O apoio logístico recebido foi excelente, nunca nos faltou nada, forneciam todas as classes de suprimento. No Natal, toda a tropa comeu peru, mesmo estando em contato com o inimigo, como era o caso da 6ª Companhia.

No escalão superior, a ligação da 6ª Companhia com o Regimento fluía normalmente, o paraibano, nosso Comandante Delmiro era muito bom. O Comandante do meu Batalhão era o então Major Orlando Gomes Ramagem, de Santa Catarina; era bom Comandante, mas que não se ligava muito com a tropa. Durante todo o tempo, ele nunca fez uma inspeção ou visita a minha Companhia, ele mandava sempre o Subcomandante, um ótimo Oficial, Miguel Archanjo de Sousa Aguiar, de São João Del Rei, ou então o S/3 do II Batalhão, que também era um Oficial brilhante e muito meu amigo.

O II Batalhão comandava a 4ª, 5ª e a 6ª companhias e até hoje, os quatro comandantes de companhias combatentes estão vivos. Eryx Motta, Comandante da 4ª, Henrique Cesar Cardoso, Comandante da 5ª, eu na 6ª e o Américo Baptista de Moraes na CPP/II. Nós quatro, que pertencemos à mesma turma da Escola Militar, todo ano nos reunimos para rezar uma missa, pela alma dos companheiros falecidos e, depois, vamos almoçar no Clube Militar da Lagoa.

O Comandante da CPP/II, Américo Baptista de Moraes, sempre foi muito meu amigo, graças a Deus, e isso facilitou muito a nossa vida, porque, às vezes, eu mesmo fazia mudança de uma seção de metralhadora pesada e depois é que comunicava. Ele dizia: “Você faz a manobra que quiser.” A amizade é importante, ajuda muito.

O Comandante da Divisão brasileira, General Mascarenhas de Moraes, era oriundo da Arma de Artilharia; o Comandante da Artilharia Divisionária, General Cordeiro de Faria, também era artilheiro; na 2ª Seção, era o Amaury Kruehl, de Cavalaria; na 4ª, era um artilheiro também, Major Senna Campos, na 3ª, é que era o Castello Branco, de Infantaria. Nas reuniões, depois que os generais faziam suas exposições, davam a palavra a ele, que analisava judiciosamente e, quase sempre, as recomendações ou sugestões que fazia eram as adotadas.

Eu, graças a Deus, sempre fui muito amigo dos soldados, quando tinham alguma dificuldade, vinham conversar e eu procurava fazer tudo para ajudar. No fim da guerra, antes de embarcarmos de volta, tivemos dispensa para conhecer algumas cidades do Norte da Itália, invariavelmente, eu levava um sargento e um soldado na minha companhia. O americano tinha hotéis para todos, com alimentação.

Quanto à propaganda alemã que chegava à tropa, procurando abater o moral do combatente, na qual chamavam os brasileiros de Zé Carioca e lançavam panfletos, com o sujeito sem uma perna, vendendo amendoim na Central, respondíamos da mesma maneira. Dizíamos que eles eram subservientes e que lutavam, porque tinham prometido a Hitler que o fariam até o fim.

Tivemos contato com a ELO, Esquadrilha de Ligação e Observação, comandada pelo Capitão-Aviador João A. Fabrício Belloc. Eles voavam em aviões com dois lugares, um para o piloto e, outro, para um observador, que se ligava pelo rádio com a Artilharia brasileira.

Um outro grande apoio que nós tivemos foi do 1º Grupo de Caça, comandado pelo Major Nero Moura, o Senta-Pua, que era muito estimado por seus pilotos. Se houvesse algum piloto sem condições de voar, não precisava visitar o médico, procurava por ele, que substituíva imediatamente esse piloto, na posição em que estivesse na esquadrilha, porque ele voava tanto numa ala quanto na outra. Era uma liderança efetiva.

Em solo europeu, a vitória dos Aliados foi comemorada com uma grande parada realizada em Alessandria, que era onde estava o QG do General Mascarenhas de Moraes. Então, nessa parada, desfilaram todas as unidades da FEB: os regimentos de Infantaria, os quatro grupos de Artilharia, o Batalhão de Engenharia, a Intendência, a Saúde, todos desfilaram. Fomos muito aplaudidos pela população italiana.

Os preparativos para retornar ao Brasil foram estabelecidos pelo americano, aliás muito acertadamente, pois seriam embarcadas de volta a seus países as unidades que maior tempo de guerra tivessem no *front*. A FEB tinha só sete meses de guerra, então foi a última a voltar. Em parte foi bom, porque nós recebemos um passe de cinco dias, podendo ser renovado por mais cinco, para passearmos por todo o Norte da Itália. Conheci Veneza, Gênova, Milão e Turim.

No retorno ao Brasil, a FEB foi muito bem recebida pelo povo; foi uma consagração. Mas, pelo Exército, a meu ver, houve um exagero, porque desembarcamos e marchamos até a Quinta da Boa Vista, onde foi servido o almoço. Todos nós esperávamos que da Quinta da Boa Vista, até o Morro do Capistrano, na Vila Militar, fôssemos levados por caminhões, quando chegou a notícia de que tínhamos que fazer a marcha a pé, quarenta quilômetros, até o Morro do Capistrano. Eu disse à minha Companhia que estava havendo um exagero, que quem não agüentasse saísse de forma e esperasse os caminhões que levariam os estropiados. Pedi-lhes que não fizessem manifestação alguma, apenas saíssem de forma. Mas, a maior parte, graças a Deus chegou ao Capistrano.

Dessa marcha de quarenta quilômetros, todos participaram, inclusive os oficiais. Mas depois de uma guerra, foi realmente um exagero.

Quanto às baixas, a 6ª Companhia perdeu nove homens, sendo três sargentos. Mas, sempre cumpriu todas as missões que recebeu. Eu sempre dizia ao pessoal que não se podia fazer omelete sem quebrar ovos.

A principal consequência para o Exército dessa epopéia maravilhosa, vivida pela FEB, foi sem dúvida a reorganização encetada pelo Coronel Castello Branco, que

mais tarde, ao tornar-se Presidente da República do Brasil, reorganizou não só o Exército, como a própria Nação brasileira. Foi ele quem criou a Escola Superior de Guerra.

Na vida pessoal, a minha participação na FEB foi muito importante; eu sempre desejei ver a guerra na realidade, diferente da guerra teórica, que a gente aprende na Escola Militar. Eu já era casado, tinha os três filhos e a compreensão da minha esposa, que conduziu muito bem os filhos e ficou me aguardando. E, graças a Deus, voltamos consagrados.

Agradeço a oportunidade de voltar à caserna, onde, continuo dizendo, é a minha casa.

Finalizando, gostaria de parabenizar essa brilhante iniciativa do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial e deixar para a juventude de hoje e para as novas gerações o conhecimento do exemplo de coragem, de solidariedade dos nossos soldados, da participação grandiosa da FEB, que escreveu páginas lindas da nossa História.

Graças a Deus, cumprimos nosso dever.

General-de-Brigada Jair Lontra Sampaio*

Natural da Cidade de Cordeiro, RJ, pertence à turma de 2 de março de 1944 da Escola Militar de Realengo, onde foi declarado Aspirante-a Oficial de Artilharia. Em seguida, apresentou-se ao Centro de Recompentamento da FEB, em Caçapava, SP, a fim de receber treinamento para o embarque com as tropas expedicionárias. Nesse Centro, integrou o Subgrupamento de Artilharia, onde exerceu, dentre outras, as funções de Subcomandante e Comandante da Bateria de Comando. Deslocou-se para Nápoles, Itália, em novembro de 1944, no navio-transporte *USS General Meighs*. Em 22 de fevereiro de 1945, foi designado Observador Avançado da 2ª Bateria do II Grupo de Obuses. Retornou ao Brasil em 18 de julho de 1945, fazendo parte do 1º Escalão, tendo participado do desfile pelas ruas da Cidade do Rio de Janeiro. Coursou a então Escola Técnica do Exército, onde fez o curso de Engenharia Industrial e de Metalurgia. Exerceu os cargos de Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra e de Adjunto da Comissão Militar Brasileira em Washington, EUA. Dentre as funções de sua nova especialidade, destacam-se: Diretor do Arsenal de Guerra de São Paulo e de Diretor do Campo de Provas da Marambaia, já como General-de-Brigada. Deixou o Serviço Ativo em 1981. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Observador Avançado da 2ª Bateria do II Grupo de Obuses, entrevistado em 16 de maio de 2001.

O ambiente no Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial em 1939 e no início da década de 1940 era de expectativa. Acompanhava-se com muito interesse os acontecimentos na Europa e Ásia, através da imprensa escrita e falada. Havia um grande sentimento de revolta do povo brasileiro devido ao torpedeamento de nossos navios, pelos submarinos alemães, em represália ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha. Após a declaração de guerra pelo governo brasileiro, as Forças Armadas iniciaram a preparação das tropas brasileiras para a operação de guerra. Essas tropas faziam parte da Força Expedicionária Brasileira, a FEB.

Apresentei-me, a fim de iniciar o treinamento adequado à situação, em 6 de abril de 1944, ao Depósito de Pessoal da FEB. Integrei o Subgrupamento de Artilharia, onde exerci as funções de Subcomandante e, depois, de Comandante da Bateria de Comando. Nas mesmas, participei de exercícios visando à campanha que se avizinhava. Foram muito eficientes com provas de tiro de Artilharia levados a efeito em áreas cedidas ao Exército para esse fim em fazendas nas proximidades de Caçapava.

Seguimos para a Itália a bordo de um navio transporte americano, o *General Meighs*, cuja rota foi um ziguezague do Brasil à Europa, com a finalidade de evitar os ataques de submarinos inimigos. O aspecto negativo nesse deslocamento ficou por conta das condições de saúde, que foram péssimas. Havia muitos soldados portadores de doenças venéreas e outras. Os exercícios de abandono do navio eram diários. Havia também os serviços de escala. Quanto ao entretenimento na viagem, foi nulo. A viagem demorou 15 dias até Nápoles, onde em barcas de duzentos homens retomamos a viagem de mais três dias, até Livorno, perfazendo o total de 18 dias de viagem. Daí fomos transferidos para Pisa.

Após algum tempo, fui designado Observador Avançado do II Grupo de Obuses, assumindo imediatamente as funções. Não participei das operações no Vale do Serchio; nos Apeninos atuei como Observador Avançado de Artilharia no ataque vitorioso de Monte Castelo. Desempenhei ainda esta missão junto ao I Batalhão do 6º RI e ao 371º RI americano, que lançou três violentos reconhecimentos ofensivos.

Chegamos à Itália com roupas inadequadas ao clima e de má qualidade e calçados impróprios, além de cigarros da pior qualidade. Os americanos, verificando a situação, providenciaram de imediato o suprimento de roupas e calçados adequados para enfrentarmos o inverno. Recebemos também cigarros americanos.

O desempenho em campanha dos nossos oficiais e graduados foi o melhor possível, mostrando competência com resultados além da expectativa. O soldado brasileiro era corajoso, resistente a fadiga e razoavelmente disciplinado. Neste item temos a registrar que embora déssemos instruções para o uso constante do capacete, por exemplo, a todo o momento, ele não o usava.

A cada período de 25 ou trinta dias, os oficiais tinham folga de uma semana. Nessas ocasiões, nos dirigíamos à cidade mais próxima, onde tínhamos contato com a população local. Havia oficiais que tinham bom relacionamento com os habitantes locais e outros não. Os apoios de saúde e religioso à tropa foram razoáveis.

Certa vez, na linha de frente, uma bomba inimiga explodiu e estilhaços foram lançados sobre a posição em que me encontrava junto com três soldados, ferindo gravemente um deles, o soldado Ferreira, tendo o mesmo que ser evacuado para a retaguarda. Esse episódio me marcou bastante

Como Observador Avançado, eu permanecia sempre em condições de apoiar a ação das patrulhas, sendo o meu grande desejo fazer parte de uma dessas ações, para mostrar aos infantas que os artilheiros não temiam correr aquele risco. Consegui, finalmente, sair com uma patrulha comandada pelo meu amigo Tenente Valdir, que me forneceu um guarda-pó branco como camuflagem. O objetivo final era uma aldeia chamada Plunaro localizada à frente do Monte Pietra Collora. Após uma longa progressão de mais de duas horas, foi alcançado o objetivo, feito o cerco, metralhadoras posicionadas em pontos estratégicos, e a patrulha saiu vasculhando as casas do povoado. Segui, com uma metralhadora de mão, o Tenente Valdir, e alcançamos uma grande casa de pedra, ponto de convergência e de referência de todas as patrulhas brasileiras e alemãs. A casa estava vazia. Chegamos ao que parecia ser uma sala de visitas. O Tenente Valdir, por seu rádio, chamou o Comandante da Companhia. Ouvimos a voz pausada do Capitão perguntando onde ele estava. Respondeu estar na sala de visitas do casarão. O Comandante indagou se ainda havia ali um quadro na parede, com a pintura da cabeça de um cavalo. Diante da resposta afirmativa do Tenente, o Capitão retrucou: “Leia para mim o que está escrito na parede, atrás do quadro.” Fui até o quadro, ergui a lanterna e vi, na parede, uma assinatura conhecida: O. A. Memória – Olegário de Abreu Memória. Era o nome do Comandante da Companhia à qual pertencia a patrulha.

Guardei muito boa impressão da Divisão de Montanha americana e do 371º RI.

O soldado inimigo, alemão, era muito competente e brioso em suas ações.

Destaco os tenentes observadores avançados dentro das Subunidades, principalmente do meu Grupo.

Muitas vezes tivemos que assistir e confortar nossos subordinados nas horas difíceis da campanha. E de fazer face à propaganda inimiga, feita algumas poucas vezes, em português, pelo rádio.

Para o retorno ao Brasil, ficamos acampados em barracas até a saída do navio, em 6 de julho de 1945. Chegando ao Brasil, participei da maior comemoração de euforia que vi em toda a minha vida. Fomos recebidos por pequenas e grandes

embarcações que acompanhavam, em ritmo festivo, o nosso navio. Dizia-se que eram mais de mil embarcações. O desfile da tropa da FEB pela Avenida Rio Branco foi emocionante, pois recebemos todo o carinho do povo carioca.

A participação do Brasil na Campanha da Itália trouxe melhoria importante para o Exército, sob todos os aspectos.

Senti orgulho de defender o Brasil. Nos meus 81 anos, após haverem-se passado 61 anos dos acontecimentos, fica muito penoso para mim poder lembrar de pormenores acontecidos na Segunda Guerra Mundial. Valeram-me as minha folhas de alterações, onde estão registradas todas as ocorrências da minha vida militar. Faço votos para que jamais haja outro conflito e que o Brasil possa viver sempre em paz.

O General Walter de Menezes Paes, que foi Oficial de Operações do III Batalhão do Regimento Sampaio na Campanha da Itália, em seu livro Lenda Azul, página 45, conta:

“... está detido. Essa é a situação da 8ª Companhia. O Capitão Lydio procura coordenar os fogos de apoio... Conta, ao seu lado, com a preciosa colaboração de um valeroso Observador Avançado da Artilharia. Naquele terreno varrido pelas metralhadoras, o Tenente Jair Lontra Sampaio procura uma posição mais elevada a fim de melhor regular os tiros de seu Grupo, ajustando-os com precisão no apoio direto, num quadro em que até a segurança da tropa amiga é delicada, pois engajada muito próxima das armas inimigas. A posição procurada só foi encontrada no velho casarão de 774. E o Tenente não vacila: lança-se à casa, galga a escada e aparece, binóculo assestado e rádio ao lado, em uma janela, exposto aos tiros, indiferente aos projetis que perfuram as portas, penetram pelo vão da janela, picotam as paredes. Assim cumpre sua missão. ... Mereceu o respeito e a admiração dos infantess...”

Coronel Adhemar Rivermar de Almeida*

Nascido na Cidade do Rio de Janeiro-RJ, formou-se na Escola Militar do Realengo em 11 de Janeiro de 1937, sendo declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria. Serviu no Regimento Sampaio na função de Ajudante-Secretário, sob o Comando do então Coronel Alexandre Zacharias de Assunção. Exerceu a função de Ajudante-de-Ordens do referido Oficial quando promovido a General-de-Brigada, acompanhando-o no Comando da Infantaria Divisionária da 14ª DI – Natal-RN. Aceitou o convite para ser comissionado Capitão e integrar a FEB, formulado no final de 1943. Já comissionado Capitão, seguiu para os EUA, acompanhando o General Assunção, para a realização de um curso comprimido de Estado-Maior, em Fort Leavenworth. Em 4 de março de 1944, recebeu o certificado de conclusão dos cursos de *The Brazilian Command and Staff Course and The Command and General Staff Course*, ministrados pelo Exército dos EUA. Retornou ao Brasil e foi designado para integrar o 11º RI, Unidade Expedicionária. Fez a campanha da Itália nesse Regimento, exercendo as funções de Oficial de Operações do I Batalhão e de Comandante da Bateria de Comando. Recebeu, por sua participação na guerra, a Medalha de Campanha, a Medalha de Guerra e a Cruz de Guerra com Palma, do Exército francês. Após a guerra, foi classificado no 1º RI – Regimento Sampaio. Permaneceu no serviço ativo até o posto de Capitão, sendo reformado como Coronel, em virtude de acidente em serviço, durante uma demonstração de tiro em Gericinó.

* Oficial de Operações e, mais tarde, Comandante de Bateria de Comando do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 6 de junho de 2001.

Ingressei na FEB como voluntário. Era 2º Tenente, Ajudante-de-Ordens do General Alexandre Zacarias de Assunção, Comandante da Infantaria Divisionária da 14ª DI, em Natal. Recebi uma consulta, via rádio, sobre meu interesse em ser comissionado Capitão e integrar a FEB. Aceitei imediatamente, pois no meu entender, o militar é formado para ir à guerra.

O General Assunção também estava cogitado para assumir um comando na FEB. Assim, eu o acompanhei aos EUA para fazer o curso de Estado-Maior, em Leavenworth. Ao regressar dos EUA, estava classificado no 11º RI, Unidade já designada como componente da FEB.

Como a maior parte de minha vida militar tinha sido no 1º RI, Regimento Sampaio, pedi, então, ao General Assunção para que interferisse, de modo que eu fosse transferido para o Sampaio. Dessa forma, recebi ordens do General Zenóbio para que eu me apresentasse a ele na Vila Militar. Lá, o encontrei, quando verificava a Ordem Unida dos regimentos da FEB. Apresentei-me e ele determinou que eu fosse à barbearia do Sampaio e raspasse meu bigode. Disse-lhe, então, que o bigode era um sinal característico meu, que estava assim registrado, de forma que ele não tinha autoridade para mandar raspá-lo, além do que era um sinal de masculinidade.

Diante da minha atitude, o General Zenóbio disse que se não podia mandar um “capitãozinho” raspar o bigode, também não podia modificar a classificação. Assim foi que me apresentei no 11º RI, onde fiz a campanha da Itália, na função de Oficial de Operações e, posteriormente, na de Comandante da Companhia de Comando, sempre no I Batalhão.

O 11º RI, sediado em São João del Rei, estava instalado em Gericinó, no Morro do Capistrano. A Unidade tinha vindo de Minas Gerais, numa viagem muito difícil, dadas as condições em que foi feita, transporte ferroviário, troca de trens, marchas a pé.

Dos três regimentos da FEB, o 11º RI era o que estava em piores condições.

O 1º RI, Regimento Sampaio, era o mais adiantado na instrução, bem como muito motivado por seu Comandante, um Oficial carismático, com curso de Estado-Maior. Esse Coronel, Caiado de Castro, tinha prestígio e conseguia todo o apoio necessário para sua Unidade. O seu efetivo era, praticamente, todo de cariocas. O 6º RI também estava adiantado na instrução, se bem que atrás do Sampaio. Era comandado pelo Coronel Segadas Vianna, também com o curso de Estado-Maior. Quase todo o seu efetivo era de paulistas.

O Comandante do 11º RI era o Coronel Delmiro, que não tinha curso de Estado-Maior. Era uma pessoa boa, acessível, incapaz de punir alguém. Mas não tinha força, carisma. Assim, a instrução estava atrasadíssima. O efetivo inicial era de mineiros, mas aos poucos a Unidade foi perdendo seu pessoal, muitos por problemas de

saúde, outros por motivos diversos. Assim sendo, começou a receber pessoal de todos os lugares, muitos dos quais eram mandados de suas unidades por serem maus elementos que, por sua vez, eram rejeitados pelo 11º RI. Recebemos pessoal até as vésperas do embarque. Meu Batalhão substituiu todos os seus capitães, com exceção do Capitão Cotrim, Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros. Este, infelizmente, na Itália, teve um péssimo desempenho. Recebemos, também, muitos tenentes da reserva, na maioria muito bons oficiais.

Dessa forma, enquanto nos preparávamos para o embarque, a instrução foi prejudicada, apesar dos esforços do Tenente-Coronel Mario Tasso Sayão Cardoso, Subcomandante do Regimento, a quem atribuo o mérito de ter sido o homem que conseguiu levar o 11º RI para a guerra.

O primeiro Regimento a embarcar foi o 6º RI. Deveria ter sido o Sampaio, porque estava completo e muito bem adestrado. Como, porém, o pessoal do 6º RI, nas folgas de fim de semana, ia para São Paulo, havendo questões disciplinares permanentes, o Gen Mascarenhas decidiu mandar o 6º RI primeiro. Assim, o 6º RI foi na frente, no 1º escalão, para evitar esse problema.

Como o 6º RI não estava completo, o 11º RI cedeu, a ele, uma Companhia de Fuzileiros e a Companhia de Obuses. Isso prejudicou muito o 11º RI. A Companhia de Obuses, uma novidade no Exército, já que os obuses sempre foram da Artilharia, era comandada pelo Capitão Ventura. Essa Companhia era o que tinha de melhor no 11º RI, foi dada ao 6º RI. O Regimento foi, dessa forma, retalhado.

Quando o 6º RI embarcou, fomos mandados para o Recreio dos Bandeirantes e o Sampaio para Santa Cruz. Cada um foi para um lado, para despistar, por causa da Quinta-Coluna.

Nessa marcha até o Recreio, aconteceu um caso interessante. Dias antes, durante uma instrução, um soldado teve um ataque, espumava, contorcia-se em dores. Foi chamado o Tenente médico Yvon Maia. O Dr. Yvon esbofeteou o soldado, o Tenente Ciciliano, ao ver o que o médico fazia, fez o mesmo. O Subcomandante, ao ver a cena, correu e questionou o que estavam fazendo, por que batiam no soldado. O Dr. Yvon disse que aquele era o único remédio que ele tinha para ataque histérico, para medo de ir à guerra, que só apanhando, o histérico voltaria a ter reação. Assim, durante a marcha, na altura da Praça Seca, um soldado começou a sentir dores e encostou-se em um muro, não prosseguindo na marcha. Era um homem forte, um armário. Foi então que o Major Darcy Ivens foi até ele e interpelou-o, ao mesmo tempo que aplicava o mesmo remédio que o Dr. Yvon aplicara anteriormente. O soldado gritava, dizendo: “Deixa passar a dor que eu lhe mato, nem meu pai me deu pancada.” Veio o médico, o homem foi medicado, tomou remédios e foi removido.

Posteriormente, foi operado do estômago, estava doente mesmo. Então, disseram ao Major: “O senhor deu o remédio, mas o diagnóstico estava errado.”

Embarcamos no navio *General Meighs*, que era uma fortaleza flutuante. Era um transporte de tropas para 5 mil homens, com boas acomodações e ar refrigerado. Havia regras severas, bem como exercícios de abandonar o navio constantemente. Ficávamos o tempo todo com o colete salva-vidas, o *Mae West*. Mesmo deitados, na cama, estávamos com ele, quem o afrouxasse ou tirasse era punido.

Uma dificuldade foi a adaptação à comida americana, recebíamos duas refeições por dia e o paladar não era do nosso gosto. Apenas no hospital, é que eram dadas três refeições por dia. Além dos exercícios, a limpeza e o serviço de copa eram feitos pela tropa embarcada.

A ação dos submarinos era nossa maior preocupação. Os “quintas-colunas” diziam, no Brasil, que era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar. Depois divulgaram que, caso a FEB embarcasse, os alemães afundariam os navios na saída da Barra. Por isso, logo que saímos da Baía de Guanabara começaram os exercícios de abandonar navio que, a partir daí, foram feitos em horários variados, inclusive à noite. Creio que se houvesse uma necessidade real de abandonar o navio, nos sairíamos bem, pois estávamos bem treinados.

Viajamos em comboio, com o *General Mann*, que transportava o Sampaio, e uma escolta da Marinha de Guerra. Todo dia, depois de nos levantarmos, olhávamos para o mar, para ver se todos os navios da escolta estavam lá. Um dia, os navios da escolta começaram a ziguezaguear, com trajetos diferentes. Para nós foi apenas um exercício, mas, posteriormente, soube, por um Oficial da Marinha, que fora detectado um submarino. Durante a viagem, houve uma festa a bordo, quando da travessia da Linha do Equador. No nosso navio, o papel de Rei Netuno coube ao Júlio de Moraes, que era Oficial da reserva. Na vida civil, era piloto de corrida de automóveis, uma pessoa conhecida e muito alegre. Ele organizou uma boa festa, foi um momento bom na viagem.

Chegando a Nápoles, a primeira coisa que fizemos foi tirar o colete salva-vidas. Logo, embarcamos em barcas de invasão, as LCI, que transportavam duzentos soldados cada uma. Eram embarcações de fundo chato, nas quais fomos navegando, pela costa, até Livorno, no Norte da Itália. Foi uma viagem horrível, de dois dias e duas noites. Pegamos uma tempestade, onde até os tripulantes enjoaram. No nosso barco, estava o Coronel Teixeira Lott, conhecido por seu rigor em relação à disciplina. Ele estava completamente afetado pelo enjôo, passando mal no camarote. Então, alguns oficiais, em melhores condições, iam até o seu camarote e lhe ofereciam comida. Ele não podia responder, só passava mal. Foram as forras com o Lott.

Livorno, era uma cidade destruída, com muitos navios adernados e afundados em seu porto. Desembarcamos direto no cais e fomos, em caminhões americanos, até o acampamento em Tenuta di San Rossore.

Nesse local, recebemos instrução sobre novos armamentos, como a bazuca. Não fizemos exercícios táticos, porque, no terreno em torno da área, ainda existiam muitas minas. De vez em quando, uma mina explodia. Era um camelo ou uma girafa que havia pisado na mina, pois o local era, anteriormente, um parque do Rei da Itália, com uma espécie de zoológico em seu interior.

A instrução foi limitada, mas muitos cursos foram dados, como Comando de Pelotão de minas. Outras unidades foram chegando ao acampamento e o 11º RI não recebia o armamento nem o restante do equipamento. No dia em que recebemos a jaqueta, foi uma festa, pois todas as outras unidades já haviam recebido. Nós permanecemos com o mesmo uniforme que embarcamos no Rio, aquele uniforme de “Sábado de Aleluia”.

Todos os batalhões, antes de entrarem em combate, passavam por um teste para avaliação do nível de instrução. Com o 11º RI, isso não aconteceu de repente, fomos enviados para a linha de frente, não fizemos o teste como as demais unidades. Recebemos, inclusive, armamento novo já na linha de frente. A Companhia de Serviços, comandada pelo Capitão Ruas, recebia o armamento e o entregava aos soldados, que na ocasião aprendiam a manejá-lo.

Nessa condição, fomos substituir, na linha de frente, o I Batalhão do Sampaio, comandado pelo Major Uzeda. Aquele Batalhão tinha atacado, no dia 29 de novembro, Monte Castelo, o segundo ataque, o do dia 29 de novembro, pois o primeiro fora feito por americanos e brasileiros nos dias 24 e 25 de novembro. Fora um ataque malsucedido, o batalhão estava cansado. Eles passaram o dia inteiro atacando sem resultado algum. Nós, inexperientes, fomos substituí-los. A substituição deve ter sido detectada pelos alemães. Em geral, quando um batalhão substitui outro, que estava atacando, é porque o novo batalhão vai atacar.

Assim sendo, os alemães resolveram desarticular o provável ataque do nosso Batalhão antes de seu início, ainda na base de partida. Logo depois que assumimos as posições, eles começaram o bombardeio de artilharia e morteiros. À tarde, começaram a atacar a 2ª Companhia, comandada pelo Capitão Schleder. Essa companhia saiu-se bem, repeliu o ataque. Depois, passaram a atacar a 1ª Companhia, comandada pelo Capitão Carlos Frederico Cotrim.

O Cotrim não estava à altura da situação, tinha uma personalidade negativa. Desde a Escola Militar, onde fora campeão de decatlo, achava que todos eram covardes. Já na Itália, quando o 6º RI teve um pequeno fracasso, ele ficou muito

impressionado, fazia reuniões com os tenentes e dizia que os alemães em combate noturno eram invencíveis. Nós, os outros capitães, não sabíamos disso. Eu, pessoalmente, já tinha notado essa postura do Cotrim e levei minha opinião, como Oficial de Operações, ao Comandante do Batalhão, Major Jacy Guimarães. O Major Jacy disse-me, então, que, da mesma forma, o Tenente-Coronel Sayão, Subcomandante do Regimento, considerava o Cotrim um péssimo Capitão em tempo de paz. Mas que eu estava enganado, pois o Cotrim seria um Capitão de guerra. Eu estranhei, na ocasião, aquele conceito, pois para mim um bom Capitão é bom na paz e na guerra.

Sob ataque dos alemães, o Cotrim ficou apavorado. Começou a falar, pelo telefone, que estava cercado, que não tinha munição. Nós, no PC do Batalhão, organizamos uma turma de remuniamento comandada pelo sargento Max Wolf, que posteriormente seria um dos maiores heróis da FEB, para apoiar a 1ª Companhia. Na realidade, não havia necessidade de munição, depois se verificou que um dia e meio de munição não foi usada.

Diante das informações do Cotrim de que eles estavam cercados, o Major Jacy foi até onde ele, Cotrim, estava, para mostrar-lhe que não havia cerco. O Major voltou e ficamos, pelo telefone, tentando segurar o Cotrim tentando acalmá-lo, mostrando que deveria permanecer na posição.

Foi, então, que os alemães acertaram uns tiros entre o PC da 1ª Companhia e um carro americano que estava lá. As comunicações entre o PC da Companhia e o PC do Batalhão foram cortadas pelas explosões. Fui, então ao PC da Artilharia, para saber, através da ligação com o Observador Avançado, o que se passava na 1ª Companhia. Lá soube que o Tenente Homero, o Observador Avançado, informara que o Capitão Cotrim tinha abandonado a posição e que ele iria acompanhá-lo. Retornei ao PC do Batalhão, onde pretendia pedir ao Major Jacy para que eu fosse assumir o Comando da 1ª Companhia ou que designasse outro Capitão para isso. Quando cheguei próximo ao PC do Batalhão, encontrei a maioria da 1ª Companhia ali reunida, todos alvoroçados e apavorados.

Concluímos, então, que os alemães já haviam avançado, ocupando as posições da 1ª Companhia, que logo estariam atirando sobre o PC do Batalhão e que a retaguarda da 2ª Companhia estava desguarnecida. Então, o Major Jacy tomou uma decisão infeliz. Determinou que o Batalhão retraísse para uma linha mais à retaguarda. Essa linha não tinha sido reconhecida, ninguém sabia onde era. Assim, o próprio Jacy foi, com o Capitão da Artilharia, o Capitão Fontoura, Oficial-de-Ligação, procurar a tal linha. Foi dar no PC do Grupo de Artilharia, cada um achou a nova linha onde quis, ficou onde parou. Foi uma debandada geral.

Eu, de repente, vi-me com um pente de munição na mão, junto a alguns outros que não tinham partido. Eu era o mais graduado. Comigo estavam o Capitão Tório de Souza Melo, o Capitão Hézio de Melo Alvim, o sargento Max Wolf, outros sargentos e soldados. Vi que eles queriam que eu decidisse o que fazer. Da retaguarda, eu conhecia apenas o ponto de remuniamento do Batalhão. Fomos para lá, onde, ao menos, teríamos munição. Lá permanecemos até o dia clarear. Ao alvorecer, retornamos às nossas antigas linhas, para ocupar as posições que tinham sido abandonadas.

Durante nossa caminhada, notei que o sargento Max Wolf ia na minha frente, como que me protegendo. Eu pouco o conhecia, naquela época. Ele era do Paraná. Durante a Revolução de 1932 ele servia, como sargento, no 3º RI. Naquela ocasião, o Zenóbio foi promovido a Major por ato de bravura, numa ação em que o Max Wolf esteve envolvido. Isso acarretou uma grande estima do Zenóbio pelo Max Wolf. Quando o Zenóbio foi encarregado de organizar a Polícia Municipal, ele chamou gente de confiança, do 3º RI, para ajudá-lo. Dentre eles, o Max Wolf, que foi ser o Comandante da Polícia Municipal.

Ele não tinha mais idade para ir à guerra, mas como o Zenóbio foi ser o Comandante da Infantaria Divisionária, ele achou que tinha a obrigação moral, junto ao Zenóbio, de ir para a FEB. No exame médico, foi considerado incapaz temporariamente, por causa de uma hérnia. Operou a hérnia e foi aprovado, sendo designado para o Sampaio. Mas, como o Zenóbio tinha-lhe dado um ofício apresentando-o no 11º RI, ele se dirigiu ao nosso Regimento às vésperas do embarque. Como não havia função vaga, foi como excedente. Ele era excedente da 3ª Companhia, naquele momento em que estávamos retornando para as posições abandonadas.

Quando notei que ele parecia me proteger, disse-lhe: “O que é que há? Você agora é o meu protetor?” Ele me respondeu, então: “Capitão, sua vida vale mais que a minha.” Voltamos para as antigas posições sem qualquer problema. Os alemães tinham dado apenas um susto e retornado para as alturas dominantes. Logo depois que alcançamos o antigo PC do Batalhão, constatamos que os pelotões dos tenentes José Resende Leite e Ary Rauhen, das 1ª e 2ª companhias, respectivamente, depois de um pequeno recuo, tinham voltado às posições iniciais. Logo depois, chegava ao local o Tenente-Coronel Mamede, Oficial de Operações do Regimento.

Enquanto isso, na Cidade de Vivale, um grupo enorme de militares do Batalhão se reunia na praça. Três capitães, tenentes, sargentos e soldados, muitos sentados no chão da praça. O Major Jacy, vendo que tinha feito bobagem, chamou o pessoal para retornar às posições. Eles pareciam concordar. Foi, então, que os alemães fizeram um bombardeio. Numa casa em que caberiam 100 homens couberam 200. Depois do bom-

bardeio, ninguém mais quis acompanhar o Major. Ele voltou para o PC com o Sargento Alfeu e mais dois praças. Quando chegou, eu e o restante do pessoal estávamos lá. O Cotrim baixou hospital, foi para o psiquiatra, ouvia um tiro e se escondia debaixo da mesa. Posteriormente, foi feito um inquérito, só continuaram no Batalhão três capitães, eu, o Tório e o Hézio. Mais tarde, o Major Jacy também foi substituído.

Assim foi meu batismo de fogo, no qual o Batalhão sofreu um descrédito terrível. Foi um batismo de fogo triste. Falaram até em mandar o Batalhão de volta. Os pracinhas passaram a chamá-lo de “Batalhão Laurindo”, por causa da música, que dizia: “Laurindo, desce o morro”.

Nossas posições, que eram em Guanela, foram ocupadas pelo III Batalhão do 6º RI. Nosso Batalhão foi-se reagrupar, na retaguarda. Na ocasião, os capitães João Tarciso Bueno e Carlos de Meira Mattos foram apresentados pelo General Mascarenhas, para assumir o comando das 1ª e 2ª companhias, respectivamente. O Meira Mattos substituiu o Schleder e o Bueno, o Cotrim.

Após o reagrupamento, o Batalhão foi para Granaglione, onde ficou, por alguns dias, como reserva da Divisão. No dia 12 de dezembro, o Batalhão voltava à linha de frente, para tomar parte no 3º ataque a Monte Castelo, sob o comando do Maj Jacy, que se conduziu muito bem. O Capitão Meira Mattos, com excelente desempenho, conquistou o objetivo atribuído à 2ª Companhia e o Capitão Bueno terminou a ação gravemente ferido e admirado por todos pela sua coragem.

Posteriormente, o Major Jacy foi substituído pelo Major Lisboa, que veio do III Batalhão de nosso Regimento. Eu assumi o comando da Companhia de Comando e o Capitão Francisco Dechamps, que era muito mais antigo e veio do III Batalhão com o Major Lisboa, foi ser o Oficial de Operações.

Comandar a Companhia de Comando deu-me muita satisfação. Conteí com muitos amigos entre os tenentes, que eram ótimos oficiais. A Companhia recebeu muitos elogios individuais durante a campanha.

Dentre os tenentes, havia o Ademar Lima de Andrade, o Tenente das minas. Ele era da reserva. Uma vez, ele atravessou as linhas alemãs e colocou fogo em um de seus depósitos de munição. Era muito corajoso. Outro Oficial, o Quintilhiano, do Pelotão Anticarro, comandou muitas patrulhas. Ele tinha dito, numa entrevista ao jornal *O Globo*, que as suas armas eram a voz da Democracia. Passou a ser chamado de “Voz da Democracia”. Também era da companhia o médico, Dr. Yvon Maia, que se destacou, não só por seu trabalho como médico, mas também por ter tomado parte em diversos combates. Ficou conhecido como “o médico infante”.

Ainda quando eu era Oficial de Operações, organizamos um Pelotão especial, com os melhores praças, para ficar sob o comando do sargento Max Wolf, cuja pro-

moção a Tenente já tinha sido pedida. Esse Pelotão, que de brincadeira chamávamos de “Pelotão SS”, teve seu pessoal escolhido por mim e pelo Wolf. Durante essa escolha, o Wolf indicou-me um soldado, com o qual não concordei. Disse-lhe: “Esse não é um nortista, com cara de opilado, que eu queria deixar no Capistrano?” O Max disse-me então: “É, sim, Capitão, mas ele é muito bom; tem saído em patrulhas comigo.” Disse-lhe, então: “Se você diz que é bom em patrulhas, já está no Pelotão!”

Mais tarde, quando fazíamos a limpeza de Montese, vi um alemão de 2 metros sair de um buraco e atrás dele, com o fuzil apontando para suas costas, um soldado. O alemão ainda estava com o seu fuzil e eu vendo aquilo disse: “Você não sabe que a primeira coisa que se faz é desarmar o prisioneiro?” O soldado retrucou: “Sei, sim, fiz de propósito, para ele reagir; assim eu acabo com ele e vou buscar outro.” Era o opilado, infelizmente esqueci seu nome, mas o fuzil que ele trouxe do alemão está no museu da FEB.

O Max Wolf ficou na Bateria Comando, assim trabalhava comigo, quando eu era Oficial de Operações, na organização das patrulhas. Eram feitas muitas patrulhas, para buscar informações de reconhecimento do terreno para levantarmos as posições do inimigo. O Max era voluntário para comandar muitas delas. Outras vezes dava informações aos outros comandantes de patrulhas, sobre o terreno, os campos de minas e assim por diante. Quando as patrulhas saíam, nós ficávamos no telefone acompanhando a missão. Se era preciso mandar apoio, se era preciso que a Artilharia atirasse, se eram necessários reforços ou padioleiros. Nessas ocasiões conversávamos e aguardávamos. As informações obtidas eram processadas pelo Oficial de Informações, Capitão Octávio Costa e pelo Oficial de Operações.

Após a conquista de Monte Castelo, as forças aliadas progrediram para o Norte. O caminho para o Vale do Pó era barrado por Montese. Inicialmente, era um objetivo da 10ª Divisão de Montanha. Parece que, durante uma reunião no IV Corpo, o Comandante daquela Divisão considerou ser muito difícil a tomada de Montese. Montese era um bastião, onde os alemães reuniram tudo para resistir ao avanço, inclusive de forças blindadas. A estrada que ia para Montese era boa. Naquela reunião, o General Mascarenhas disse que poderia aliviar a 10ª Divisão, assumindo para a FEB a missão de conquistar Montese.

Nas vésperas do ataque, foram lançadas patrulhas para reconhecer as posições inimigas. Numa dessas, morreu o Max Wolf, o combatente das missões perigosas, que lhe atribuíam pelo seu valor. As patrulhas foram lançadas de dia, uma temeridade. Observei, do PO da Artilharia, a progressão da patrulha. Quando ela atingiu o sopé do Monteforte, numa região coberta por vegetação e tentou prosseguir em terreno descoberto aí, os alemães, que se mantinham silenciosos, como se o inimigo ali não estivesse

se, passaram a disparar rajadas de metralhadora que não mais cessaram. Max Wolf foi atingido mortalmente. A patrulha ficou aferrada ao terreno. Um soldado, Alfredo Estevam da Silva, tentou resgatar o corpo do seu Comandante, mas foi também morto. O Subcomandante da patrulha, 2º Sargento Nilton José Facion, também foi ferido.

O médico, Dr. Yvon Maia, seguiu, com seus padioleiros, para socorrer os feridos, sob o fogo alemão. Ao entrar em contacto com a patrulha, viu que esta estava sem comando, em grave situação. Assumiu, então, o Comando da patrulha, conduziu o fogo da Artilharia e dos morteiros, conseguiu retraindo a patrulha e resgatar os feridos e mortos, exceto o corpo do sargento Wolf, porque ele tombou no descampado e, ali, ninguém chegava.

No dia do ataque a Montese, o pelotão do Tenente Ary Rauen foi barrado por uma metralhadora. O Tenente tentou neutralizar a metralhadora, mas foi atingido e morto. Ele era um bravo, era um dos que manteve em posição o seu Pelotão no nosso infeliz batismo de fogo em Montese. O seu Pelotão sofreu muitas baixas e o Dr. Yvon partiu com seus padioleiros para socorrer os feridos. Junto com ele foi também o Dr. Ruy, que era o dentista. O grupo de padioleiros ficou sob fogo, muitos deles ficaram feridos ou mortos e, dentre os mortos, o Dr. Ruy, atingido, na cabeça, por estilhaços de uma mina. O sargento Alfeu, que fora como voluntário naquela missão, retornou e informou que muitos tinham morrido. Peguei um *jeep* e fui, pela estrada batida pelo fogo, para o local. Na estrada, encontrei o Dr. Yvon, que trazia o corpo do Dr. Ruy, além de outros mortos e sobreviventes.

Retornei ao PC, onde recebemos a comunicação de que ia ser concentrado o fogo de dois grupos de Artilharia sobre Montese, para tentar diminuir a resistência alemã. Da mesma forma, fomos informados de que as outras divisões não tinham conseguido sucesso em seus ataques, que a situação da Ofensiva da Primavera não era boa. Nesse momento, sem que ninguém soubesse, o Tenente Iporan, com seu Pelotão, já estava lutando nas portas da cidade. Quando ele informou ao seu Comandante de Companhia, o Capitão Sidney Teixeira Alves, não foi mais possível sustar, naquele momento, uma concentração da nossa Artilharia. Depois, o fogo foi sustado e, pelo caminho aberto pelo Iporan, outras tropas foram lançadas. Às 18 horas, Montese era nossa.

O Iporan progrediu por uma vala, pelas plantações em curva de nível. Mais tarde, o General Mascarenhas disse que ia promovê-lo, por bravura, a Capitão. Mas a guerra acabou e ele foi promovido por antigüidade. Em qualquer outro Exército, seria promovido por bravura.

Depois de Montese, progredimos para o Norte. Fomos até a Cidade de Alessandria. De lá, lançamos patrulhas motorizadas para Turim, e, no dia 1º de maio,

o Batalhão ocupou aquela cidade que, na ocasião, estava entregue aos *partisans*, que se vingavam dos fascistas e simpatizantes. Eram cometidas atrocidades, as quais coibimos, desde que chegamos.

Fomos informados de que tropas francesas estavam em Susa, a sudoeste de Turim. Fomos fazer a ligação com elas, sendo o Capitão Darcy Lázaro o chefe da Equipe de Ligação. Lá chegando, os franceses quiseram saber por qual caminho tínhamos vindo, pois, entre nós e eles, havia uma Divisão alemã se retirando no eixo Cuono-Lago de Como. Dessa forma, tínhamos passado no meio da Divisão alemã. Eles perguntaram por onde voltaríamos. Respondemos que seria pelo mesmo caminho, o que fizemos com sucesso.

Não demos importância ao fato, mas os franceses deram. Assim, fomos condecorados com a Cruz de Guerra com Palma, por excepcionais serviços prestados ao Exército francês. Recebemos essa condecoração no Rio de Janeiro, em setembro de 1945, na Embaixada francesa. Além dessa comenda, recebi a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra pela minha atuação na FEB.

A guerra acabou em 2 de maio, quando já vivíamos um clima de comemoração. Havia muita festa, os italianos, com os quais tivemos um bom relacionamento, nos agradavam bastante. Da mesma forma foram as nossas relações com os americanos, se bem que de natureza diferente. Tudo que era só para os americanos, onde, inclusive os ingleses não tinham acesso, era aberto para os brasileiros.

Eles tinham uma tropa excepcional, a 10ª Divisão de Montanha, formada por pessoal escolhido, acostumada a andar em montanhas, dotada de equipamentos especiais. Eram capazes de instalar cabos aéreos e bondinhos em lugares inacessíveis.

Mas os americanos também tinham uma Divisão muito ruim, que era formada por negros e comandada por oficiais brancos. Desmotivada, certamente pelos problemas raciais, era muito fraca. Quando entrava em posição, os americanos colocavam meia Divisão de brancos em sua retaguarda, para que a mesma não recuasse. Durante a noite, atiravam sem parar, parece que de medo.

Não foi só essa Divisão americana que recuou durante a campanha. O americano, em 24 de novembro de 1944, abandonou a frente em Monte Castelo, deixando um rombo muito maior do que o causado pelo nosso batismo de fogo, o que levou o 6º RI a ficar com o seu flanco totalmente exposto durante o ataque na jornada de 25. Todos os exércitos, em algum momento e por diferentes motivos, vez por outra, recuam. Isso é normal, acontece, ainda mais com uma tropa inexperiente.

Quanto aos alemães, eram soldados de verdade, educados para fazer a guerra, para vingar a guerra de 1914-18. Eles não gastavam tiro, sabiam escolher e preparar o terreno, sabiam fazer posições. Sabiam também fazer patrulhas. Eu acho que a

patrulha é a pior coisa na guerra. No ataque, você vai andando para a frente. Não acredita que pode morrer, acha que quem vai morrer é o homem que vai a seu lado. Na patrulha, você vai no silêncio, não sabe quando o tiro vai parar em cima de você. Um livro francês dizia que saber fazer a guerra é saber fazer patrulhas. Os alemães sabiam fazer patrulhas. Eram soldados excelentes.

Convivi, também, com ingleses e escoceses, que pensavam que eram superiores a todos, inclusive aos americanos. Estando a aviação alemã dizimada, os americanos resolveram empregar um Grupo Antiaéreo como apoio de fogo para a Infantaria. Como nosso Batalhão ia fazer um ataque, o Grupo Antiaéreo recebeu ordens de que devia nos apoiar, participando da Base de Fogos. Era um grupo escocês, usavam aquelas saias características.

Recebemos, no PC do Batalhão, a informação, vinda da Companhia na linha de frente, que lá estavam uns ingleses de saia escolhendo um PO na primeira linha, uma posição muito perigosa. Respondemos que sabíamos que aquela Unidade devia entrar em contato conosco, já que, em qualquer doutrina, a Unidade de Artilharia em apoio a uma de Infantaria é que deve buscar o contato, para receber as orientações sobre como vai cumprir sua missão. Os ingleses não fizeram isso, de forma que ficamos aguardando. Pela madrugada, fomos informados de que nossos homens mais avançados estavam detectando grande movimento na área do PO dos escoceses. Mandou-se fazer uma verificação no local, para onde enviei um homem que foi rastejando até o PO. Estava vazio. Os alemães tinham mandado uma patrulha até lá, que prendeu todos os ingleses. Como eles usavam saias, nós denominamos o fato de “o Rapto das Sabinas”. Os americanos fingiram-se de zangados, mas no íntimo gostavam da brincadeira.

De todas as coisas que vi, na guerra, a que mais me impressionou foi a capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Nós aprendemos tudo sozinhos, desde como fazer a guerra, até como superar o clima terrível. A FEB, como Divisão, nunca saiu de linha, nunca foi retirada para descanso, como foram as divisões americanas. Tal se deu por vontade do seu Comandante, o General Mascarenhas, que sabia que se fôssemos tirados da linha, no Brasil, os maledicentes, os que odiavam a FEB, iam dizer que tal acontecera por deficiência no combate.

Acabada a guerra, retornamos para o Sul, de caminhão. Fomos para Francolise, aguardar o embarque para o retorno. Era um local desconfortável, quente e poeirento, sem qualquer atrativo. Péssimo! Foi escolhido e preparado para ser a zona de concentração para o embarque. Foi uma escolha infeliz! No dia 4 de setembro, embarcamos no mesmo *General Meighs*, desta vez para o retorno ao Brasil.

Quando cheguei, pensava que teria uma função de acordo com meu curso de Estado-Maior e com a função de Oficial de Operações, que, por tanto tempo, desem-

penhei na guerra. Não foi assim. Estava classificado no 8º RI, em Cruz Alta. Minha Unidade foi dispersada, os oficiais seguiram rumos diferentes. Como não era de meu interesse aquela classificação, após muita luta e a interferência do Zenóbio, consegui retificá-la para o 2º RI, que era comandado pelo Coronel Nelson de Melo, que comandara o 6º RI na Itália.

Ao me apresentar a ele, no 2º RI, ele disse o seguinte: “Adhemar, vou-lhe pedir uma coisa, esqueça que foi da FEB.” Eu, a princípio, não entendi o porquê do pedido, mas depois vi que ele tinha razão. A grande maioria do Exército não tinha sido febianos, por isso não gostava da FEB. Diziam que éramos os reis, que tínhamos sido escolhidos para ir para a FEB, que eles, coitados, não tiveram a oportunidade de ir.

Ter pertencido à FEB foi, para mim, um ato de amor ao Brasil, voltado para a sua grandeza, pois nada é tão grande como o Brasil.

Coronel Heraldo Carlos Leopoldo de Farias Portocarrero*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro –RJ. Coursou o Colégio Militar do Rio de Janeiro, prestando concurso para a Escola Militar do Realengo, onde foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia, em setembro de 1942. Durante sua carreira como Oficial e antes da Segunda Guerra Mundial, fez os Cursos de Instrução Especializada e de Manutenção de Automóvel. Integrou o II Grupo de Obuses 105mm da FEB, tendo viajado, em 2 de julho de 1944 no navio americano *Gen Mann*, juntamente com o 1º escalão da FEB, para a Itália, onde desembarcou em 16 de julho de 1944, na cidade de Nápoles. Tomou parte ativa nas ações ofensivas junto aos primeiros elementos da Infantaria Divisionária, como Observador Avançado, função que desempenhou durante toda a Campanha da Itália. Participou de todos os combates onde fora solicitado o apoio do seu Grupo, como Massarosa, Camaione, Monte Acuto, Monte Prano, Borgo-a-Mozano, Fornaci de Barga e Barga. Participou dos quatro ataques sucessivos que culminaram com a conquista do Monte Castelo. Terminada a Guerra, fez os cursos da Escola de Artilharia de Costa (EAC) e de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Prestou concurso, em 1951, para o Magistério do Exército, onde ingressou como Professor de Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria do Colégio Militar do Rio de Janeiro, lecionando de 1951 até 1976. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, pela sua participação na campanha da FEB, destacam-se: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra. Deixou o serviço ativo em 1976, após mais de 39 anos dedicados ao Exército.

* Observador Avançado da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses, entrevistado em 17 de maio de 2001.

O Prelúdio

O prelúdio de nosso depoimento trata especialmente do processo de organização da Força Expedicionária Brasileira, em 1944, com a evolução para o estado de beligerância, ocorrido no Brasil, após o período de neutralidade, característico do início da década de 1940.

Certo é que estava se formando a FEB, que, em breve, já estaria sendo adestrada e embarcaria, não se sabendo quando, nem para onde.

Contudo, não havia, ainda, aqui no Brasil, o “animus-belandi”, ou seja, o espírito de guerrear; mas as notícias, diariamente, pelos jornais, aumentavam, mostrando a crescente “onda” de torpedeamentos e afundamentos de vários navios nossos, cargueiros e de passageiros, ao longo da nossa costa! Sabíamos que submarinos alemães vinham rondando o nosso litoral! A cada dia, novos torpedeamentos! Foram mortos, mulheres, velhos, crianças, sem o menor socorro, de surpresa, covardemente... A revolta popular foi crescendo, sem ver providências ou uma definição concreta das autoridades! Essa pressão geral, cedo, ganhou as ruas, manifestando a indignação popular crescente, oriunda de estudantes, populares, famílias; passeatas com cartazes já exigiam uma definição do Brasil, que respondesse, à altura, aquelas provocações nazistas!

Nós vivíamos um clima político com Getúlio, “bem distante” do que se podia chamar de Democracia... E a luta que já se deflagrara na Europa era bem definida, contra o “nazi-fascismo” e pelas liberdades democráticas!

Naquela época também, ingleses e franceses (Churchill e Mitterrand), como o próprio trespouco Hitler, não tinham o menor escrúpulo em manifestar a sua enorme cobiça pelas nossas riquezas, “florestas virgens e abundantes águas”, que deveriam ser “gerenciadas” por organismos internacionais.

Naquela ocasião (1941), os Estados Unidos entraram, também, no conflito¹ e declararam guerra às potências do “Eixo Roma – Berlim”; mandaram tropas maciças para o Norte da África, ocupando, sucessivamente, as cidades ao Norte do Continente Negro.

Evidenciou-se, assim, a necessidade dos americanos terem “pontos de apoio” no nosso Nordeste... Roosevelt teve um memorável encontro com Vargas em Natal – RN, onde, ali, foi “selada”, definitivamente, a cooperação do Brasil, permitindo a instalação de Bases Aéreas, que serviriam de “trampolim” para as tropas americanas engajadas no Norte da África e, logo depois, para as conquistas na Europa.

¹ O Japão bombardeara, covarde e inesperadamente, a Base Naval de “Pearl Harbor” no Havaí, afundando grande parte da frota americana!

Desse modo, o Brasil se definia politicamente com amplo e crescente apoio às Nações Aliadas! Acirraram-se os ódios dos nazistas e aumentaram as incursões de submarinos à costa imensa do Brasil! Criara-se, assim, no Rio – então Capital – e em inúmeras cidades brasileiras, o “ambiente” hostil às potências do Eixo, com perseguição aos alemães e italianos imigrantes e seus descendentes residentes no Brasil. Criara-se o ambiente que conduziria o Brasil a participar do conflito! O já longo governo de Vargas nos mostrara, claramente, suas tendências naturais de um governo “forte”, mais para a direita (Ditadura) do que para uma tendência liberal (Democracia). Não o criticaríamos por isso. Ao contrário, o Brasil deve muito a esse grande estadista, que vislumbrou longe e estabeleceu, com maestria, os novos caminhos que colocaram o País no contexto mundial, através das leis trabalhistas, organização social e crescimento industrial e econômico!

Agora, Vargas iria reavaliar suas tendências de “governo-forte” e logo se alinharia ao lado das Nações Unidas... O povo estava a exigir nas ruas e a resposta veio com a declaração de guerra, em 31 de Agosto de 1942, às “potências do Eixo”! Preparou-se uma Força Expedicionária Brasileira, com 25 mil homens, constituindo-se a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), sob o Comando do General Mascarenhas de Moraes.

A princípio, a notícia nos soou, a todos, como uma aventura quixotesca! Sabíamos que o Brasil, na época, era um País “pobre”; mais “pobre” ainda do que hoje, embora (triste ironia!) tão rico e cobiçado!

Nosso Exército guardava ainda a mesma organização militar arcaica, herdada dos franceses, desde a 1ª Guerra Mundial, de 1914-18! Nosso armamento era todo obsoleto e o fuzil utilizado por todas as Forças Armadas Brasileiras era, ainda, o mesmo fuzil *Mauzer* modelo “1908”! Nossos uniformes eram de má qualidade, sem proteção para um combatente, que iria enfrentar os rigores do inclemente inverno europeu de muitos graus abaixo de zero! Desde o capacete (de fibra, como de uso nos quartéis de paz), os agasalhos de lã inexistentes nos países tropicais como o nosso, e até as botas ou botinas, com cadarços, tudo muito antigo e completamente inadequado ao combatente na neve! Mas então... Como?!

E o “material” humano? Haveríamos de convocar reservas, não só de oficiais, mas de reservistas de 1ª categoria!... Incorporá-los, instruí-los e adestrá-los para um combate contra os mais experimentados e aguerridos soldados do mundo?!

Uma preparação desse porte exigiria dois fatores essenciais: recursos e tempo! Sabíamos que não dispúnhamos nem de um, nem de outro!

Esse era o clima no qual os nossos chefes teriam que preparar para partir a nossa bisonha tropa!

Tínhamos razões sobejas para acreditar que isso tudo só poderia ser real, se o nosso destino fosse apenas de uma modesta contribuição, de uma “tropa de ocupação”, na África, talvez, ou, por aqui mesmo, no Nordeste... Mas não foi!

Para os comandantes, a quem caberia organizar tal Força, tornou-se assim uma tarefa muito difícil! O desespero das famílias envolvidas culminou num verdadeiro pânico!

Quando sabiam da convocação de seus filhos para a guerra, era um correr-corre... Quem tinha um pouco de influência, tratou de conseguir um pedido, um “pistolão” que conseguisse livrar o filho ou parente daquele verdadeiro pesadelo...

Esse era “o clima” naquele momento...

O fato é que os “eleitos” para a convocação procuravam se livrar de algum modo...

Enquanto isso, apresentei-me ao Comandante do II Grupo, em Campinho (Madureira), por ter sido designado para a Unidade. Era o Cel Geraldo Da Camino: alto, magro, cerca de 50 anos, cabeça grisalha, meio-calvo, olhos azuis pequenos e penetrantes, por trás de óculos sem aros, olhar frio, face macilenta... Uma figura nada simpática...

Ao apresentar-me empertigado, sério, em posição de sentido e continência:

“Tenente Portocarrero... Apresentando-se por ter sido designado para a Força Expedicionária!”

Eu me senti, então, um “garoto”, ante aquele velho carrancudo, como quem vem, obrigado, para cumprir um severo castigo!

Para disfarçar o que eu sentia, falei bem alto, quase gritando e bem explicando, o meu nome... Ele pouco se perturbou; retirou vagarosamente os óculos, levantou a cabeça do que estava lendo e encarou-me, sério, e com um ar de certo desafio: “Mas o senhor vem para ficar mesmo, ou fazer como os outros, que chegam e logo se vão, pedindo transferência para outra Unidade?”

“Eu vim para cumprir ordens, Comandante!”, respondi prontamente. E ele sério: “Pois considere-se apresentado e procure o Capitão Ajudante, para assumir suas funções!”

Esse curto e desagradável diálogo selou a nossa difícil convivência futura, que seria, assim, sempre áspera, até mesmo nos campos de batalha... Mas, naquele momento, ele conseguiu dar-me uma verdadeira “estocada” nos meus brios de Oficial jovem e cheio de vigor. Pensei comigo: eu não pedi para vir e parece-me que também não vou pedir para sair! Afinal, se alguém deve ser “escolhido” para a guerra, deve ser um Oficial jovem, solteiro, sadio e que escolheu a carreira das Armas... Não um civil, da reserva, convocado, tantos com mulher e filhos, engajados nas suas profissões diversas, como vinha acontecendo com tantos outros... Nem é justo.

“Minha mãe querida que me perdoe, mas vou pedir ao meu pai, Hermenegildo Portocarrero, na época Coronel Professor do Colégio Militar, que não faça nada, pois se o fizer, aí, eu serei um voluntário para partir!” Não era valentia ou heroísmo, mas o brio, desafiado. E, então, fiquei!

O Cel Da Camino era um homem frio, mal-humorado, “maus-bofes”, solteiro, morando no quartel (acordava antes do toque de alvorada) e outras “qualidades”... Mas, em breve, compreendi, além desses motivos, a razão do seu mau-humor: estava, mesmo, sendo muito difícil “compor” a tropa que deveria seguir... Era um entra e sai, que não acabava mais... E ele, com a responsabilidade de habilitar o seu II Grupo de Artilharia em muito pouco tempo! Estávamos no princípio de 1944 e não sabíamos quando deveríamos seguir, nem para onde?!

O ambiente se tornara “pesado”...

O portão principal, de ferro, do quartel foi fechado e junto ao mesmo, do lado de fora, na rua, começou a se formar uma multidão de curiosos, parentes dos convocados, para ver ou saber notícias...

Com o efetivo ainda incompleto, havia constantemente variações nas funções dos oficiais e, pouco depois de me apresentar, acabei sendo designado ajudante do Grupo, função exercida por Capitão e eu era um inexperiente 2º Tenente... Além de não conhecer perfeitamente minhas novas funções, teria de manter permanente contato com o Comandante... Logo, tivemos alguns atritos, os quais eu procurava contornar, para não prejudicar minha carreira, que mal começava...

Foi quando deviam escolher dois tenentes para fazer o “Curso de Manutenção Automóvel”, coisa até então inexistente na nossa organização militar. Quando fui indicado, exultei de alegria! Ficaria livre do contato diário com o Comandante e iria aprender tudo sobre automóvel, de que eu sempre gostei. Foram três meses, em Deodoro, na Escola de Instrução Especializada (EsIE), onde passava o dia inteiro de macacão zuarte, azul, com a estrela de Tenente no peito e, sempre, debaixo dos caminhões e *jeeps*, sujo de graxa! Aprendi a conhecer automóveis, consertar motores, depaná-los e regulá-los. Valeu-me também a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, de motorista, que uso até hoje. Terminado o Curso, voltei ao grupo.

Uma verdadeira “nuvem negra” pairava sobre nossas cabeças. O ambiente, cada vez mais “pesado”. Raramente, podíamos ir em casa. Falava com mamãe e papai pelo telefone do quartel, agora tão disputado... E a conversa, sempre reticente, disfarçando a emoção de um e do outro lado da linha...

Todos nós nos perguntávamos uns aos outros, ansiosos, meio incrédulos: será que vamos, mesmo?! Quando? Para onde?

Sabíamos perfeitamente das condições precárias da nossa tropa heterogênea, instrução obsoleta, de rotina... E o tempo correndo, sem uma preparação física e moral adequadas às condições que devíamos encontrar, de uma guerra moderna, competindo com os melhores e mais bem preparados exércitos do mundo... A Europa já combatia desde 1939 e os EUA desde dezembro de 1941, com armas e meios que sequer conhecíamos! Nossa estrutura funcional e operacional estava ultrapassada, inadequada às novas técnicas e táticas americanas *combat teams*.

Tudo isso nos levava a crer que iríamos, talvez, para cumprir apenas compromissos políticos. Talvez tropa de ocupação no Norte da África...

Assim, era o clima de dúvidas e inquietações daqueles dias “pesados”! A ordem era de geral discreção dentro e, principalmente, fora do quartel, quando em visita às famílias.

A nós, oficiais, era permitida uma saída por semana, para ir em casa, mas com a recomendação expressa de jamais falar sobre o dia da partida, porque havia muitos submarinos perto de nossas praias e dezenas de navios já tinham sido torpedeados e afundados ao longo do nosso litoral, e, mesmo aqui, na altura de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro! A chamada “Quinta-Coluna”, com espiões estrangeiros aqui infiltrados, era uma realidade! Avultava de importância o silêncio, para nossa própria segurança!

Morávamos na Rua Ronald de Carvalho, 119 Apto 402, esquina com a Rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Foi ali que, numa quinta-feira, 29 de junho, eu fazia um lanche com minha mãe, sempre ao meu lado, mal disfarçando as lágrimas... E eu me perguntava: “Será hoje o último dia?” Papai sabia, pelos seus amigos, no Quartel-General, mas, pela minha própria segurança, calava...

Mamãe me fez prometer que levaria no pescoço uma medalhinha de S. Judas Tadeu, nosso santo de devoção. Eu via os dias passarem e nada de ela me dar a tal medalhinha...

Quando chegou “aquela” quinta-feira, que eu acreditava ser a última ida para casa e não podia dizer, disfarçando o quanto pude, pedi-lhe: “Mãe, e aquela medalhinha de São Judas, que a senhora me prometeu... O tempo está passando... Não era melhor pendurar logo no meu pescoço?” Essa minha frase soou, para ela, como uma verdadeira advertência e foi buscá-la, em silêncio, e pendurou-a no meu pescoço, com olhar muito triste... “Não a tire nunca, meu filho; que São Judas o acompanhe e o proteja sempre!”

Nunca esquecerei aquela cena. Era a nossa despedida mais íntima e dolorosa. Ela “sentiu” que a partida era iminente. Beije-a muito, apertei-a muito, numa despedida tão triste, silenciosa... Peguei ainda alguns volumes pequenos, de docinhos e

saí! Lá da esquina, já distante, ainda “arrisquei” um rápido olhar para trás, para vê-la, ainda uma vez, talvez a última...

Foi num fim de tarde, já escurecendo que, mudo, lágrimas incontidas descendo dos olhos, fui olhando com tristeza, as últimas imagens de Copacabana...

Na manhã seguinte, a azáfama e o nervosismo, no ar, denunciavam, por si, a hora da partida...

Últimos preparativos. Sacos A e B, de cor verde-oliva (V.O), já etiquetados e alinhados...

Comunicações com o exterior...interrompidas! Estava claro: íamos partir! Mas... como? Caminhões? Aviões? Navios?

Curiosidade geral.

O Embarque

Em 29 de junho de 1944, deu-se o embarque para destino desconhecido. Ocorreu, finalmente, naquele 29 de junho, à meia-noite, na estrada de ferro, junto aos fundos do quartel, quando parou, silenciosa, uma longa composição de transporte de bois! Vagões todos fechados, sem portas nem janelas!

As ordens dos oficiais, ao contrário dos gritos usuais de comando, eram “susurradas”: “Em forma 1ª, 2ª e 3ª baterias, Bateria de Comando e Bateria de Serviço”. Caminhávamos em completo silêncio, um a um, como gado, e entramos todos naquele trem fechado, de ar pesado e mal-cheiroso... Mal sentimos quando o mesmo começou a se deslocar, aí sim, aos poucos, o clássico “toc-toc”, “toc-toc”, nos trilhos...

Algum tempo depois, sentimos que ia vagarosamente e já se ouviam vozes, lá fora...

Parou. As portas se abriam e aí vimos que já nos encontrávamos no Cais do Porto, onde um enorme navio de transporte de tropas americano nos aguardava: era o nosso *General W.A. Mann*; um cheiro forte de tinta a óleo nova e de óleo queimado nos invadiu!

Num instante, sem falar, desembarcamos do trem, cada um com seu saco V.O às costas, e, em fila, íamos dizendo o posto e o nome (2º Tenente Portocarrero) e um sargento, com uma prancheta, ia anotando, enquanto a boca enorme daquele gigante marinho de aço nos “engolia”... *Go-on! Go-on!*... Assim, iam nos recebendo aqueles marujos americanos, treinados no transporte de tropa, encaminhando-nos às escadas, que desciam aos *decks* inferiores e aos porões... Conferência de posto e nome a cada *deck*. A mim (segundo tenentinho...), coube-me ficar, afinal, no 5º *deck*, abaixo do nível do mar!...

Joguei o “Saco A” (com todas as roupas de uso imediato) no chão, o bernal e “joguei-me” também numa espécie de rede, retangular, que cabia a cada um...

Estávamos no Cais do Porto, “Armazém nº 1”, junto à Praça Mauá, no Centro do Rio, mas não era permitido a quem quer que fosse subir ao convés (para olhar onde estava e tomar um pouco de ar fresco da noite, de modo a aliviar o ar “pesado” daquele porão). O cheiro de suor e do óleo do navio seriam nossos inseparáveis companheiros nas próximas semanas!

Afinal, havíamos embarcado! Para onde?! Era o que todos nós continuávamos indagando, em vão, ignorantes do nosso incerto destino... Lembrei-me das advertências de alguns amigos e conhecidos, “cassandras” diárias do nosso desprendimento: “Vocês vão ser ‘bucha-para-canhão’...” Defesa do Nordeste, de nossas costas já tão agredidas? Tropa de ocupação, na África? Mas e o armamento? Será que vamos recebê-lo?! Quais? As incertezas e a ignorância enchiam nossos pensamentos, sem demonstrar, todavia, aos demais... Não aprendemos, há pouco, com os nossos chefes, que o moral elevado e a segurança são fatores importantes à vitória?! Pois ali, ambos nos faltavam!

Pensei nos meus pais, meus irmãos, Copacabana, no Rio. Fiquei estatelado!

De madrugada, embora com tanta gente, apinhada naquele porão, eu me sentia completamente só! E agora?! Será que, um dia, voltarei? Finalmente, o cansaço me venceu, depois daquela noite exaustiva, adormeci, embora aos sobressaltos...

Parecia-me um absurdo, partir para uma guerra, sem, ao menos, saber para onde?! Somente o vigor da juventude e uma boa dose de espírito de aventura faziam-me suportar aquele sacrifício, em nome de uma Democracia, para nós, ainda tão indefinida... Creio que falava mais alto a noção do cumprimento do dever militar, que há tão pouco tempo eu havia jurado, solenemente, frente à Bandeira, ao ingressar no Oficialato:

“Incorporando-me ao Exército Brasileiro, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado e a dedicar-me, inteiramente, ao Serviço da Pátria, cuja Honra, Integridade e Instituições defenderei com o sacrifício da própria Vida!”

É fácil imaginar o estado d'alma em que eu me encontrava naqueles dias, no 5º deck, abaixo do nível do mar, sem ver, portanto, uma nesga de céu, ou mar... Essa situação perdurou por dois dias e duas noites. Aquele navio enorme, “transporte de tropas” americano, tinha no seu bojo, cerca de 5 mil homens, ainda atracado. Ele não “jogava”, por isso, não podíamos perceber se ainda permanecia atracado, ou se já sulcava, talvez, as águas mansas da nossa querida baía de Guanabara...

Era uma “brincadeira” constante anunciar: “Já partimos”!

Isso, por várias vezes aconteceu...

A Partida

Mas a partida acabou por vir.

Finalmente, no dia 2 de Julho de 1944, “lá de cima” ouviu-se a ordem:

“Já podem subir no tombadilho!”

Disparamos pelas escadas estreitas, de ferro, acotovelando-nos, pressurosos, para ver “lá fora”. Cheguei, finalmente, a tempo de ver, lá longe, sumindo no horizonte, nossa querida Copacabana, ficando impossível conter as lágrimas, que nos rolavam fartas... Voltarei a vê-la, um dia?

A emoção é difícil descrevê-la: coração apertado, lutando para ser forte, ter fé e esperança... Segurei a medalhinha de S. Judas Tadeu que mamãe me dera, fechei, fortemente, os olhos e...rezei...

Dessa longa travessia que (nem sabíamos...) seria de 14 dias e 14 noites, apreensivas e inquietas; alguns sobressaltos iriam nos sacudir, com certa frequência: instruções de disciplina de salvamento e primeiros socorros. Em caso de bombardeamento e naufrágio, mantinham-nos no que chamávamos “alerta-vermelho”. Em caso de alarme, cada um corria para o local determinado: número do bote; ordem de ocupação nele; vestir imediatamente o colete salva-vidas cor-de-abóbora (que bem merecia o apelido e, assim, era chamado de *Mae-West*), pois nos deixavam gordos e peitudos...

Os primeiros treinamentos foram bem executados, detalhadamente, com calma, pelos instrutores americanos que se esforçavam por nos explicar em “português”, durante os primeiros três ou quatro dias, até que se tornaram uma verdadeira “ordem-unida”!

Suspensos, finalmente, pois os americanos nos julgaram capazes de executar tudo, disciplinadamente!

A Viagem

E a viagem, como se processou? Estávamos, ainda, em águas territoriais brasileiras e, desde o início, havia uma “escolta permanente” de três destróieres brasileiros: um, à frente; e os outros dois, um de cada lado, cerca de 200 metros aproximadamente. Aquilo nos dava um certo “conforto” e segurança relativa, pois éramos bem protegidos. Sabíamos, pelos rádios, a enorme quantidade de navios nossos bombardeados e afundados, ali, nas nossas costas, toda a semana. Navios, na maioria de passageiros e da nossa Marinha Mercante, com centenas de pessoas indefesas, famílias inteiras, desapareciam em poucos minutos, sem a menor possibilidade de defesa ou socorro! Uma afronta, uma verdadeira provocação, pois os alemães sabiam das nossas precárias con-

dições de defender uma costa de aproximadamente 8.500km! E os descendentes e simpatizantes dos alemães e italianos, que eram chamados de “Quinta-Coluna” (não sei o porquê) havia, ainda, aos milhares, por esse Brasil afora, transmitindo informações ao inimigo... Muitos e muitos iam sendo identificados, neutralizados e presos...

Portanto, os americanos sabiam bem da enorme responsabilidade que haviam assumido de transportar, ilesos, cerca de 25 mil homens da FEB, em condições de combater, ao chegarem ao destino...

Essa era a nossa permanente preocupação a bordo.

Certa noite, de madrugada, acordamos alarmados, e logo nos preparamos para o pior: parecia que todos os canhões de bordo estavam disparando ao mesmo tempo! Os estrondos e os disparos ensurdecedores, no escuro total (blecaute), já não nos permitiam distinguir (lá embaixo) se estávamos disparando ou sendo atingidos!

Simultaneamente, as sirenes de bordo não paravam de emitir aquele alternado e estridente som de “desespero” dos incêndios, acompanhados de um forte sino, nervoso, incessante, característico dos filmes de “salve-se quem puder!”

Lá embaixo, no 5º *deck*, ninguém sabia o que estava acontecendo... Noite escura... O navio “jogava” muito e apenas uma voz rouca, com sotaque americano, insistia: “Postos de Combate! Postos de Combate! Tomem posições junto aos botes! E o sino, sem parar, blém-de-blém, de-blém...”

A única ordem que recebi de outro tenente foi: “Só permitir a subida na escada, quando for determinado! Contenha o pânico e os insubordinados!”

Gritei com toda a força dos meus pulmões: “Aqui ninguém sobe! Calma! nossa vez vai chegar!”

Não é fácil conter uma tropa em pânico, com apenas 22 anos, e eu precisava manter e impor a autoridade de único Oficial naquele porão...

Postei-me no segundo degrau, saquei meu “45” do coldre e repeti, mais enérgico: “Aqui, ninguém sobe!” Era preciso conter o pânico. Ficaram todos assustados, mas, parados.

Logo depois, veio a determinação para que subíssemos rápido, mas em ordem, em direção aos botes salva-vidas!

Quando todos já se encontravam prontos para subir nos botes, os canhões pararam! Fez-se um silêncio, comandado por um silvo longo de apito, finíssimo, bem longo e, novamente, aquela voz rouca, antipática e com sotaque americano, ao microfone:

“A exercício foi boa! Está terminada!”

Bolas! Raiva! Revolta! E os palavrões inevitáveis, como americanos “f.d.p”! A princípio, achamos “uma brincadeira de mau-gosto”. Afinal, eram mais ou menos duas horas da manhã, “blecaute”, mas depois, já refeitos do susto, voltamos,

disciplinadamente às nossas macas... Quem falou em dormir? Nossos pensamentos longe, lá no Brasil...

Aquela longa viagem, de 14 dias e 14 noites, sem saber, ao menos, para onde estávamos indo, conferia, a todos, uma sensação de abandono, de angústia e de desprestígio profundos.

Cheguei a conhecer, a bordo, dois pracinhas que enlouqueceram, durante a viagem. Repetiam sempre: “Vem, olha lá, oferecendo um canudo de papel, como luneta, para olharmos a linha do horizonte, no mar...”

Numa bela manhã de Sol, tivemos uma grata emoção, que veio da escolta de navios brasileiros. Embora não víssemos terra devíamos estar próximos à costa de Pernambuco; quando os nossos três contra-torpedeiros, passaram a despedir-se de nós, pois iam ser trocados por outro comboio, agora americano... Os três se adiantaram, fizeram uma longa curva aberta, e voltaram, em nossa direção, em sentido contrário, bem junto a nós, e podíamos ver, emocionados, bem de perto, os componentes de todos os três, em formação perfeita, em fila, todos de uniformes muito brancos, perfilados no tombadilho, em continência a nós, que partíamos, por certo, para muito longe, enquanto uma banda de música, bem forte, rompia o ar, com o nosso Hino Nacional! Era a homenagem que os nossos irmãos brasileiros nos prestavam, certamente comovidos como nós, despedindo-se, em continência...

Foi o nosso último contato com o Brasil querido e, para tantos, o último adeus...

Ficamos, ainda, algum tempo a olhá-los, até desaparecerem...

A partir daí, uma nova escolta, agora mais forte, com destróieres americanos, outros navios de guerra e até *blimps* passaram a nos acompanhar.

E a viagem prosseguia naquela rotina inquieta e vigilante, esperando sempre o pior...

Comida enlatada, fria, feijão branco doce, tudo tinha o mesmo gosto, apesar de farta, era sempre a mesma coisa, invariavelmente o mesmo paladar, que ninguém ousaria repetir; e uma caneca de refresco, meio amargo, meio doce, que “descobrimos”, depois, diziam ser de *grapefruit*... Gostávamos, isso sim, do acompanhamento final: um maço de cigarros *Luck Strike* (com um círculo vermelho no centro), um pacotinho com 6 chicletes menta e a indefectível barra de chocolate vitaminado, que recomendavam que comêssemos, pois era concentrado de vitaminas; igualmente o chiclete, continha “pepsina”, para facilitar a digestão...

Passamos ao largo de Dacar, ilhas de Cabo Verde, Canárias, Casablanca (ah! Ingrid Bergman...) sempre na convicção de que seria um desses o local onde desembarcaríamos, por certo, como tropa de ocupação... Mas a viagem prosseguia e tudo ia ficando para trás, quando, numa bela manhã, ensolarada e quente, à nossa frente e

à esquerda, olhando da popa (bombordo), um grande vulto ia, aos poucos, desenhando-se, na bruma, um morro pontudo... Não! Uma grande, uma enorme pedra, lisa... Um penhasco gigantesco que logo nos foi fácil “adivinhar”: sem dúvida, era a famosa Fortaleza de Gibraltar, impassível sentinela inglesa, à entrada do Mediterrâneo! Lá estava, imponente, impressionante, bem ali na nossa frente!

Agora, pelo menos, uma certeza podíamos ter: estávamos dando entrada no *Mare-Nostrum* tantas vezes citado no *De Belo-Galico*, de Júlio César, dos Romanos... Vieram-me à lembrança dos meus 15 anos, no Colégio Militar, das aulas do saudoso “Capitão Jarbas”! Ali estava, o orgulho dos ingleses, a fortaleza inexpugnável, sentinela do Mediterrâneo!

O navio “jogava muito” e os mais sensíveis enjoaram bastante, vomitaram, passaram mal e até foram para a enfermaria de bordo...

Foi nesse momento, que recebi uma ordem escrita de que eu não seria mais o “Oficial de Motores do Grupo”. Tinha, agora, uma nova função: “Observador Avançado” da Artilharia, junto aos primeiros escalões da Infantaria... A princípio fiquei orgulhoso, da responsabilidade a mim confiada! Mas as últimas palavras daquela ordem... “junto aos primeiros escalões da Infantaria” deixaram-me, confesso, um tanto preocupado... Mas um novo susto, adveio:

Os alto-falantes de bordo, num rasgo de ufanismo quixotesco, anunciaram, pela B.B.C, de Londres, que:

“Neste momento, estão dando entrada no Mediterrâneo, forças aliadas brasileiras, que se vêm juntar às nossas tropas...” Foi um corre-corre geral! Mas como? Tanto sigilo até aqui e, agora, “na boca do lobo”, infestado de submarinos, avisam aos alemães da nossa presença! Imediatamente, foram desligados os alto-falantes de bordo, e, em seu lugar: “Postos de Combate ! Postos de Combate!” e a sirene nervosa, aquele sino sinistro: “blém – de – blém de – blém!

Vestimos, céleres, nossos *Mae-West* e cada um tratou de guarnecer sua posição, junto aos botes, seguindo-se a movimentação rápida dos canhões e metralhadoras antiaéreas de bordo ! Completava aquele alvoroço, o intolerável e permanente silvo agudo de um apito, alertando perigo iminente!

E o navio não parou, nem devia! Todos prevíamos o pior.

Contudo, passamos ao largo de Oran, Argel, logo depois, Constantinopla... Afinal, para onde estão nos levando? Já vimos logo que não seríamos “tropa de ocupação”. Rumávamos para a Europa, centro das operações! Eram já passados 13 dias que partíramos do Rio e, ainda, nada se sabia, quando, de repente, uma voz bem brasileira, anunciava, finalmente, com clareza:

– Atenção!...Atenção!

“Meus camaradas! Após longa travessia, de tantos dias, amanhã, dia 16 de julho, atracaremos no Porto de Nápoles, ao Sul da Itália. Preparem seu material e os senhores oficiais tomem as devidas providências. E que Deus nos abençoe!”

Depois soubemos que quem nos havia falado era o próprio General Mascarenhas de Moraes, nosso querido e inesquecível Chefe, mais tarde, Marechal!

O Desembarque em Nápoles

Era o dia do desembarque, que aconteceu em 16 de julho de 1944.

Nossa bagagem era constituída de dois sacos de lona verde-oliva, denominados: “Saco A” e “saco B”. O primeiro, “saco A”, acompanhar-nos-ia em todos os deslocamentos e em combate; o outro, o “saco B”, que ficava sempre na retaguarda, com o material de necessidade mais aleatória. Na guerra, não há a figura tradicional do nosso Exército, do Ordenança, que se encarrega de tudo o que é nosso, e até do cavalo... Assim, na guerra, cada um carrega e é responsável por tudo o que é seu...

Compreendi que ali começava, realmente, a nossa guerra...Um pesado caminhão levou todos os sacos, enquanto nós, oficiais e praças, fomos andando a pé, cada um com seu cantil, bernal e túnica abotoada sob um Sol abrasador de julho, até o destino, cerca de 11km de Nápoles, onde seria o primeiro acampamento, ou seja, o local de nossas barracas... Curioso é que, no final dessa jornada, subimos uma íngreme encosta nua, sem vegetação, arenosa, até o topo, de onde percebemos uma descida, em rampa igualmente forte e arenosa, que descemos, “derrapando”, até voltar à nova área plana, aproximadamente circular, e com vegetação rasteira...

Não foi difícil perceber que ali fora a cratera de um vulcão extinto há muitos e muitos anos: o Astrônia! Era uma maneira fácil de manter-nos unidos, enquanto se organizava o próximo estágio, em Vada.

As Primeiras Impressões da Guerra

Nesse acampamento, mandaram que armássemos nossas barracas para dormir, mas todos exaustos como estávamos, com raras exceções, jogamo-nos no chão, mesmo, e dormimos ao relento. Só no dia seguinte é que fomos armar barracas.

Ali, permanecemos durante vários dias e noites. Foi numa noite dessas que pudemos assistir, no céu, a um verdadeiro combate aéreo! Ficamos deslumbrados, olhando para o céu, boquiabertos: como o americano leva a sério o treinamento do seu pessoal (lembramos dos nossos treinamentos de salvamento a bordo do navio): aviões em vôos rasantes, bombardeio cerrado, metralhadoras antiaéreas disparando

com tiros traçantes, que nunca tínhamos visto antes, e, às vezes, inutilizando, mesmo, nossos próprios *blimps* de defesa... Um exagero de desperdício de munição! Como nós, de Exército tão pobre, jamais ousaríamos fazer... Parecia um verdadeiro *show* noturno naquele céu de Nápoles!...

Só na manhã seguinte, nós, os ingênuos estreantes, viemos a saber que tudo fora real! Um ataque surpresa da Luftwafe (aviação alemã) com muitas vidas perdidas e material portuário inutilizado! Mais tarde, vim a saber, que minha querida Virgínia lá estava, no Cais de Nápoles, sob o bombardeio, atendendo aos feridos... A nossa querida e valente prima-irmã Virgínia.

Sem que suspeitássemos, a guerra já havia começado para nós... Já estávamos engajados nela e, daí por diante, dentro de cada um, nascia o que a mim sempre pareceu o pior: a inquietação! O alerta permanente, o espírito vigilante e instinto de autodefesa comandaram, daí por diante, todos os nossos comportamentos. Até mesmo para dormir ou cochilar, pelo cansaço, estávamos sempre acompanhados do armamento, de pistola em punho ou, no mínimo, no coldre.

Nossa História é rica de fatos heróicos dos nossos antepassados, aos quais incansavelmente devemos render nossa veneração. Foi, através dos livros e das narrações, que chegaram à nossa geração esses episódios gloriosos que nos cabe cultivar. Mas ali, em 1944, os modernos meios de comunicação já permitiam registrar, em fotos e até em filmes, os fatos que estávamos vivendo, que nossos valentes correspondentes de guerra, muitas vezes, conseguiram colher e preservar.

Descrever, daqui por diante, tudo por que passamos, as lutas, nossa gloriosa participação durante mais de um ano na frente de combate é tarefa nada fácil!

Ouso lembrar, talvez, algumas situações de maior perigo, da exaustão dos combates seguidos, a permanente preocupação de conquistar as posições, de observar e revidar com eficiência os ataques sempre repentinos e vorazes de um inimigo intrépido e experiente.

A guerra vivida por um jovem de 22 anos, sempre na 1ª linha de combate, tem um horizonte bem mais próximo, restrito, e de objetivos muito imediatos, que, só depois de alguns anos, pudemos avaliar com mais clareza os objetivos mais amplos. A rudeza da luta diária, do inimigo tão próximo, muitas vezes à vista, exige, de cada combatente uma concentração máxima e um empenho permanente!

Para o soldado brasileiro, não afeito como o “tedesco”, denominação do alemão na Itália, a um passado de lutas, era uma missão árdua, principalmente nas íngremes montanhas dos Apeninos e submetidos a temperaturas, por vezes, de 20º negativos! Os agasalhos americanos (forrados de pele), as luvas, os “galochões” para a neve eram impostos a nós, tornando-nos “pesados” e dificultando as manobras...

Era aquilo um desafio aos nossos pracinhas, de um País de Sol e calor, que ali lhes faziam muita falta! E, a todo momento, é preciso evidenciar e sempre será pouco louvar a disposição, a valentia até surpreendente do nosso bravo pracinha!

Os combates sangrentos, as perdas constantes de companheiros queridos, os ferimentos expostos e as dores sofridas jamais abateram o ânimo e a fé na Vitória!

Por isso, vale lembrar algumas passagens, ora épicas e gloriosas, ora de suspense ou às vezes, curiosas...

São *flashes* vividos na frente, quase sempre em combates ou por vezes, em alguns “intervalos”...

Os Primeiros Acontecimentos

Após a nossa chegada a Nápoles, houve os primeiros movimentos da tropa, de 5 mil homens, do 1º escalão, constituídos de deslocamentos sucessivos, com algumas paradas e intervalos de dias.

Nós, aqueles jovens expedicionários, já sabíamos por que estávamos lá. Tínhamos agora plena consciência do sacrifício que nos esperava, não havendo mais dúvidas sobre a missão que deveríamos cumprir. Assim, com lágrimas descendo fartas dos olhos, fitos na Bandeira, hasteamos o nosso Pavilhão, emocionados, pela primeira vez em solo italiano... Ficou para sempre, em nossas retinas, a imagem daquela cena vivida em Bagnoli; no dia 4 de agosto de 1944, em torno de um mastro improvisado de um tosco tronco de árvore. Repetimos, ali, cabeça erguida, aqueles versos do Hino Nacional, que desde meninos sabíamos tão bem, de cor, mas que, agora, eram mais do que cantados, eram proferidos como a confirmação de um juramento: “Verás que um filho teu não foge à luta: nem teme, quem te adora, a própria morte...” Este dia nunca esqueceremos!

Novos deslocamentos para ajustamentos das unidades, recebimento de novas funções, novo material, armamento portátil e canhões; íamos, naturalmente, ocupando vilarejos sucessivos, já conquistados pelos americanos, de Bagnoli (com o vulcão extinto Astrônia) a Tarquinia e Vada, onde estacionamos alguns dias, já com treinamento da tropa. De Vada, rumamos para Ospedaletto (perto de Pisa) até Monte Bastione, onde o Grupo “ocupou posição” (pronto para atirar); foi onde começamos os primeiros engajamentos com a tropa americana, que também já estava em posição.

O Primeiro Tiro de Artilharia

Em Monte Bastione, foi dado o 1º tiro de Artilharia em solo europeu, disparado pela 1ª peça da 1ª Bateria, do Cap Mário Lobato, a “minha” Bateria! Aquele dia, 16 de

setembro de 1944, entrou para a História do Exército e do Brasil! Essa data é, até hoje, comemorada solenemente, todos os anos, pela tropa de nosso Grupo, hoje denominado 21º Grupo de Artilharia de Campanha (21º GAC), aquartelado em São Cristóvão, Rio de Janeiro, detentor das tradições e de todo o acervo histórico do “Grupo Da Camino”!

É uma solenidade emocionante! Tropa em quadrado; em um ângulo, o busto do Marechal Mascarenhas de Moraes; no ângulo oposto, a Guarda-Bandeira, e, junto, um veterano tendo nos braços uma almofada de veludo azul e sobre a mesma, dobrada, cuidadosamente, a mesma Bandeira que acompanhou o Grupo em toda a campanha da FEB. Durante bem uns 10 anos, tive a honra de conduzi-la, em cada solenidade, com muita emoção, que crescia quando era feita a chamada nominal de cada um dos mortos, respondendo toda a tropa, com o máximo vigor: “Presente”!

Alocuções lembrando os feitos do Grupo e leitura do boletim alusivo à data; tudo bem cronometrado, de modo que, precisamente às 14h22min – hora do primeiro tiro na Itália – aquele mesmo obuseiro que o disparou, venha a receber a ordem do mesmo Sargento CP²: “Peça Fogo!” Ainda nem bem se refazem os presentes, daquele estrondo e, aos poucos, a banda e os soldados começam cantando, em surdina, crescendo depois, a “Canção do Expedicionário”: “Você sabe de onde venho...” Terminava a cerimônia, com o desfile em continência, iniciado pelos expedicionários do Grupo, com aquele entusiasmo de sempre.

Este breve relato fi-lo, aqui, para que se tenha a noção exata da importância da tradição, do culto aos feitos da gente brasileira, por meio da rememoração daquele momento histórico do “Primeiro Tiro de Artilharia” na Campanha da FEB, bem como da relembração do hasteamento da Bandeira pela 1ª vez...

O Batismo de Fogo

Falemos, agora, do meu “Batismo de Fogo”:

A 15 de agosto de 1944, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária foi incorporada ao IV Corpo, do V Exército americano sob o comando do General Mark Clark... Esse fato trouxe-me missões novas. Fui designado para integrar-me a uma Unidade de Artilharia americana, que estava junto à margem sul do Rio Arno, para prestar o apoio à Infantaria, na travessia do rio, no dia seguinte.

Apresentei-me ao Capitão americano, que logo me levou ao Posto de Observação que fora ocupado pelo seu *Forward Observer* (Observador Avançado), a quem eles chamam de *Eagle Eyes* ou “Olhos de Águia”...

² CP – Chefe de Peça (Sargento Comandante da guarnição de um obuseiro)

Não sei se foi “gozação” ou para intimidar-me, ele quis mostrar-me pessoalmente o meu novo P0, dizendo-me (em inglês, naturalmente): “Foi ótimo você ter vindo logo hoje; perdemos, ontem, aqui, nosso último *Eagle Eyes* e vamos precisar de você, esta noite, para a travessia do rio Arno, para preparar nossas posições na outra margem”...

Falou-me com toda a naturalidade, exibindo aquele local, no mato: uma cabana destruída, eu diria, esfaçalhada, com restos de pertences e pedaços de uniforme, tudo respingado de sangue recente... Seria, como foi, minha primeira missão e esforcei-me para aparentar, também, “naturalidade”, com tudo aquilo... E, de fato, foi o que ocorreu.

Ao cair da noite, já escuro, em pequenos botes de borracha, a remo, aos poucos atravessamos o rio, máximo silêncio e conseguimos marcar, com pequenas estacas, os pontos que seriam ocupados pelos aparelhos de pontaria das peças 105 americanas.

Tudo ocorreu no maior silêncio possível. Mas não deve ter sido bem assim: o “tedesco” ouviu “alguma coisa”, pois, quando íamos voltar à margem do Arno, “o pau comeu!” Uma chuva de granadas de morteiros caiu sobre a margem onde estávamos, impedindo o nosso retorno. Ficamos imóveis, por longo tempo, de olho no relógio, pois não poderíamos demorar muito, devido ao avançado da hora e da necessidade de chegar antes do alvorecer. Afinal, um a um, sem ruídos, conseguiu ir remando, remando, até chegar à outra margem. Assim, saímos daquele cerco! Jamais esqueci a minha “estréia”...

No dia seguinte, a Infantaria americana, bem cedo, num ímpeto, prosseguiu o avanço sobre Florença, retomando-a dos alemães!

Senti-me orgulhoso de ter participado, com os americanos, da ocupação daquela importante e belíssima Florença, de todos os tempos...

O Desempenho do Nosso Pessoal

A campanha reservou-nos, a nós do Exército ativo na época, agradáveis surpresas: a dedicação, o empenho e o denodo dos nossos oficiais da reserva (CPOR), cuja bravura e eficiência foram comprovadas nos combates; e a dedicação, coragem, disciplina e sangue-frio dos nossos pracinhas, nas situações mais difíceis. Muita vontade e destemor foi o que vimos como Observador Avançado, atuando lá na frente!

Quanto a nós, da ativa, tínhamos, na ocasião, sobejas razões para descrever que teríamos o sucesso, inegável, que tivemos, porque possuíamos, em 1944, um Exército despreparado física, psicologicamente e profissionalmente; tropa convocada heterogênea, sem o adestramento mínimo necessário, indo para a frente de combate;

armamento obsoleto e desgastado, uniformes e equipamentos de má qualidade, completamente inadequados aos rigores do clima europeu. Nossos comandantes precisaram de muita coragem e abnegação como já citei, tanto para cumprir aquela árdua missão de organizar, como para enfrentar os duros combates que teriam pela frente.

Se a mobilização de pessoal e de material representaram sérios problemas para os comandos, o relacionamento, na Itália, com a população local, ao contrário, não podia ter sido melhor.

Assim, uma constatação das mais admiráveis foi o bom relacionamento e fácil adaptação do nosso soldado à população local e às diversas e adversas situações que enfrentou. Pródigo e versátil, rico de improvisações rápidas, conquistou facilmente a admiração e o respeito do povo italiano. Para isso, creio que contribuiu, também, o fato de os dois povos serem de origem latina, além de falarem línguas não muito diferentes. O brasileiro tirou o máximo partido disso.

Releva citar que era comum, na retaguarda, na hora das refeições, a população civil faminta formar fila para pegar as “sobras de rancho”. E o nosso pracinha, com o máximo prazer, atendia a todas aquelas pobres criaturas, distribuindo tudo que sobrava. Além do alimento, de vez em quando, víamos italianos com botinas brasileiras e outros objetos nossos que lhes eram dados. Isso, certamente, contribuiu bastante para a sadia integração que sempre existiu desde a nossa chegada à Itália.

Outro aspecto importante a ressaltar, nesta oportunidade, diz respeito ao apoio prestado à tropa pelo nosso Serviço de Saúde, que se mostrou dedicadíssimo e eficiente. Pude constatar, pessoalmente, o empenho e o carinho com que recebiam os nossos feridos. Tive a oportunidade de socorrer, por exemplo, o 2º sargento Omena, gravemente ferido por granada na frente de combate, fazendo um garrote com um cinto, colocando-o no meu *jeep* e o transportando até o Posto de Socorro (PS) mais próximo. Perdia muito sangue, mas a eficiência e a presteza de médicos e enfermeiras o salvaram! Outras vezes, socorri feridos próximos, entregando-os aos padioleiros que, mesmo sob fogo inimigo, os atenderam pronta e valentemente, poupando preciosas vidas pela eficácia nesse atendimento.

Mais de uma vez, encontrei a minha prima-irmã Virgínia Portocarrero, Tenente-enfermeira da FEB como já citei, nos hospitais, quando eu conduzia pessoal ferido para os mesmos. Houve um caso de um outro ferido, que foi atingido por uma rajada de metralhadora que lhe causou várias lesões, inclusive tirando-lhe o intestino para fora, cabendo a Virgínia e a outro colega o trabalho de pô-lo no lugar e medicá-lo com sulfa em pó, uma espécie de talco, que era a última palavra na época. Enquanto ela segurava as bordas do ferimento, o outro ia suturando o local que

estava coberto de sulfa. Convém lembrar que, no período da guerra, não havia, ainda, penicilina. A Virgínia contou-me que, dez a quinze dias depois, o soldado já estava de pé. Foi, portanto, impressionante a pronta ação do pessoal de saúde, naquela oportunidade e em tantas outras.

Dizia-se, também, que quando um ferido chegava ao hospital, normalmente levado pelos valorosos padioleiros, ele, em princípio, não morria por causa do rápido e correto atendimento...

Como o Apoio de Saúde, o Serviço Religioso foi, também, bastante atuante e competente. Algumas vezes, tive a oportunidade, católico como sou, de assistir missa, rezada pelo capelão bem perto da frente de combate, ouvindo o ruído das granadas, com comunhão inclusive, cerimônia muito bonita e que a todos tanto confortava.

O Soldado Inimigo

Em 1944, encontramos, na Itália, o soldado alemão já desgastado por tantos anos de guerra, a maioria lutando desde 1939. Apesar disso, fossem eles velhos, ou jovens, muitos até adolescentes, mantinham, ainda, no íntimo, aquela tenacidade, verdadeira obstinação e mesmo uma arrogância incontida, inclusive quando se entregavam à nossa tropa!

Assim, foi, por exemplo, nas emocionantes cenas da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã aos brasileiros, em Collecchio - Fornovo. Nos dias 29 e 30 de abril de 1945, com seu Comandante General Otto Fretter Pico, juntamente com os remanescentes da 10ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri italiana, esta sob o comando do General Mário Carlone. Renderam-se mais de 14 mil homens, com 4 mil cavalos e dezenas de veículos motorizados! Releva citar que esse efetivo era bem maior do que todo o brasileiro naquela frente...

Embora derrotados e abatidos física e moralmente, cada um, antes de entrar nas dezenas de caminhões brasileiros que vieram para conduzi-los, batia firmemente os calcanhares, estendendo o braço à frente, com arrogância, exclamando: "Heil, Hitler!"

Quando se julgaram cercados, com pouca munição e sem medicamentos para atender a seus feridos, decidiram pela rendição aos brasileiros, que eles sabiam ser os que "tratavam melhor os prisioneiros", comparados com ingleses, americanos, australianos, poloneses e indianos, que eram as nacionalidades das tropas que atuavam na Itália.

O fato é que, frente a 14 mil homens, estava somente o efetivo de nossa vanguarda e, portanto, muito menor, faltando-nos capacidade, em pessoal e viaturas, para absorver tanto prisioneiro!

Eles pediram 24 horas para iniciar a rendição, para que a tropa se entregasse com a melhor apresentação possível, bem uniformizada e limpa, o que ocorreu, impressionando a todos que assistiram ao desfile da rendição. Durante aquele ato, alguns se despediam do cavalo. Vi oficiais chorando diante do caminhão que os levaria não para campos de concentração, mas para campos de prisioneiros.

A arrogância até na derrota sempre caracterizou o soldado alemão que lá encontramos. Ao lado do cansaço de tanto lutar, reunia uma larga experiência, obtida com todo aquele tempo de guerra.

Volvendo à conquista do Monte Castelo, onde foi completamente derrotado, quando nós chegamos lá em cima, ainda encontramos, no setor, seis alemães dentro daqueles *bunkers* de concreto, com luz elétrica e até mesa e cadeiras, com todo conforto para uma guerra. Eles empregavam apenas três ou quatro metralhadoras em lugares diferentes, atirando constantemente para fazer crer que, ali, estava toda a tropa, quando, na verdade, a mesma já havia retraído. Com isso, aqueles poucos combatentes realizavam quase que uma ação retardadora, permitindo que o grosso da tropa estabelecesse uma nova defesa alguns quilômetros atrás, em Montese, Montello e Montebuffone.

Montese era uma cidadezinha, bem pequena, mas privilegiadamente situada na encosta de um morro, bem em frente a um desfiladeiro por onde nós teríamos que passar. O alemão estava esperando, segundo consta, tropa blindada americana, e o que é que veio? Uma Companhia de Infantaria brasileira. Então, esta foi a batalha mais sangrenta que a FEB enfrentou.

Tivemos, aí, 66% de todas as nossas baixas na guerra, perdemos seis oficiais, combatendo de um lado e de outro das ruas; eles nos xingando em alemão e nós a eles em português; combate de casa em casa, causando a morte de muita gente; uma verdadeira conquista de localidade foi o que realizamos. Quando julgávamos que havíamos dominado tudo, veio um tremendo contra-ataque de madrugada e nós quase que perdemos a posição, que acabou sendo mantida com extremo sacrifício.

A verdade é que ali em Montese, Montello e Montebuffone se encontravam as últimas posições em que o terreno permitia a realização da defesa em muito boas condições. O alemão precisava, a qualquer preço, segurar, ali, as tropas atacantes para permitir a retirada do grosso de seus efetivos, através do Vale do Pó, para a Áustria e a Alemanha. Então, naquela região, ele empregou a quase totalidade de seu armamento e sua munição para impedir, por ali, o avanço aliado, que para ele seria ataque principal, o que não correspondia na realidade ao planejamento do IV Corpo de Exército, uma vez que a Divisão Blindada americana não iria ser empregada no aproveitamento do Êxito por aquela via de acesso, quando aberta a brecha.

O alemão, ao entender que, por ali, seria feito o esforço aliado, acabou, criando para as tropas brasileiras todos os obstáculos possíveis, que, com pertinácia, competência e coragem, tivemos que enfrentar e vencer.

A Exortação do Comandante da FEB

O Marechal Mascarenhas de Moraes, parece que adivinhando as enormes dificuldades que teríamos pela frente, fez, antes de Montese, uma bonita exortação aos febianos que vale a pena ser lembrada agora. Vou me permitir ler o folheto que nos foi distribuído na frente de combate e que todos nós recebemos, naquele 12 de abril, dois dias antes do violento combate, com muito entusiasmo e crença na vitória.

Soldados do Brasil!

A hora decisiva chegou. O fim do nosso inimigo se aproxima com extrema rapidez. A arrogante Alemanha, invadida por Leste e por Oeste, já não suporta os duros golpes que lhe assestam os bravos Exércitos das Nações Unidas.

Na Itália, onde nos trouxe compromisso militar e o desejo indiscutível de participação no conjunto que ora faz extinguir o mais tirano dos regimes de todos os tempos, as forças aliadas sob o Comando Geral do Marechal Alexander, reiniciaram a ofensiva.

A nossa Divisão, que tem sabido cumprir com galhardia as honrosas missões impostas pelo IV Corpo, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E quando essa hora nos for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpeto que o sentimento da honra militar incentiva, atirarem-se sobre o alemão, com a vontade férrea de não o deixar mais respirar, até a completa asfixia.

Avante, pois. É o último esforço que o Brasil exige de nós.

Tenhamos certeza do êxito, que depende, exclusivamente, de cada um dos soldados da FEB. A vitória decisiva já se faz anunciar.

Ela, mais uma vez vô-lo digo, depende de cada um. Saberemos cumprir o nosso dever, único meio de podermos, cabeça alçada, chegada a Paz, retornar ao nosso País tão querido com a convicção firme e indiscutível de o haver servido com amor e desinteresse.

(a) João Baptista Mascarenhas de Moraes – Gen Div Cmt 1ª DIE

A exortação que acabo de apresentar entusiasmou-me vivamente num momento tão oportuno – na hora de lançar-nos sobre Montese, quando nos encontrávamos com muito elã devido à tomada de Monte Castelo, depois de quatro ataques, desde 14 de novembro até 21 de fevereiro, para chegar lá em cima. Mais alguns quilômetros e já estávamos diante de Montese. Assim, essa exortação do nosso querido Comandante chegou na hora em que mais precisávamos.

O General Mascarenhas fala também das forças aliadas. Aproveito a oportunidade para emitir a minha opinião sobre a nossa convivência com as tropas estrangeiras durante a campanha.

Os contatos com a tropa americana, que tanto nos apoiava materialmente, nem sempre foram lisonjeiros... Apesar do trato individual, entre oficiais, ser sempre cordial, o americano disfarça mal seu incontido sentimento íntimo de “superioridade”, mormente se envolver “latinos” e, ainda mais, “não brancos”... Vale assinalar a diferença evidente entre o nosso admirável e valente pracinha independente de cor de pele, e um negro americano convocado, que se mostrava claramente indisciplinado e arrogante.

Os demais combatentes, principalmente os australianos, poloneses e até os italianos aliados mantinham conosco as melhores relações de camaradagem.

Destaques da Campanha

O apoio logístico vale a pena mencionar. Ele foi prestado à nossa tropa com continuidade e grande eficiência, mesmo nas condições mais adversas. Transmitiu-nos a impressão de que o “espírito logístico” do americano, incutiu, nos nossos chefes o propósito de dar ao combatente: “quanto mais à frente, mais conforto e melhor alimentação!” Exemplo flagrante, o fato, de que, na véspera de Natal (24 de dezembro de 1944). Todo o V Exército, como eu, na neve, dentro do *fox hole*... comeu peru com farofa tradicional!

Releva citar que nem o alemão nem o americano deu um tiro sequer na noite de Natal. Embora estivéssemos atentos para qualquer surpresa, a trégua se deu naturalmente. Tão logo o Natal acabou, o combate reiniciou. Isso é inolvidável!

Quanto à alimentação, a ração de combate que eu recebia, embora em papelão impermeável, era como uma lata de marmelada, aquela marmelada Colombo... Ali tinha de tudo, desde requintados queijos estrangeiros até o cigarro da melhor qualidade. A alimentação era de primeiríssima qualidade, com chocolates variados, refresco, tudo prensado.

Lembro-me do dia em que foi anunciado, assim a meia voz, que um burrico iria trazer, até o pé do monte, latões de feijão preto que vinham do Brasil. Foi um esforço do General Mascarenhas, porque ele sabia que o feijão dava mais força do que qualquer cachaça; aquilo impulsionava o pracinha porque é a nossa comida. É com o feijão e arroz que a nossa gente se acostumara! “Quanto mais na frente, mais conforto para o soldado”, creio que essa máxima do americano foi inteiramente adotada por nossos chefes.

No que concerne à munição, sempre a tivemos na quantidade necessária. Houve um momento que, ao constatar que em determinada casa, por exemplo, havia uma boa quantidade de alemães, eu conduzi forte concentração de tiros sobre a mesma, empregando expressivo número de granadas, porque sabia que munição não faltava nas Linhas de Fogo, levado, naquele momento, pelo instinto animal que a guerra faz prevalecer no comportamento do combatente. Esse fato que acabo de narrar é contado no livro do Capitão Newton de Andrade Mello, intitulado “Meu Diário da Guerra na Itália”. O Capitão Newton era o nosso Oficial de Ligação, tendo por missão coordenar a ação de três observadores avançados: os tenentes Milton Figueiredo, Ramiro Moutinho e eu.

Assim, podemos concluir que o apoio logístico, sob todos os aspectos, foi um dos maiores destaques da campanha.

Na função que desempenhei, por todo tempo, de Observador Avançado, tenentinho lá na frente de combate, não tive uma visão real do conjunto, sendo difícil, à primeira vista, apreciar, daquela posição, o desempenho da minha Bateria. Porém, através do que a Subunidade fazia, pude constatar perfeitamente como a mesma se houve, uma vez que, do meu observatório, acompanhava o resultado dos seus disparos e posso afirmar que a Bateria, como toda a nossa Artilharia, brilhou, sem nenhum favor, merecendo o devido destaque.

Meus contatos com a minha Bateria – a 1ª Bateria do Capitão Mário Lobato Vale – eram quase sempre via rádio ou, mais raramente, por telefone, pois os fortes bombardeios, a toda hora, arrebentavam as linhas, levando o soldado de comunicações a uma correria medonha na busca de encontrar as panes, saná-las e refazer os circuitos. Essa luta era permanente, porque as linhas estavam sempre sendo danificadas pela ação das granadas inimigas. O certo é que, pelo rádio ou pelo telefone, mantínhamos uma permanente ligação com a Bateria, podendo avaliar sua eficiência diretamente, pela rapidez e precisão com que atendia meus pedidos de tiro no cumprimento da missão de apoiar, pelo fogo, a Infantaria.

A 1ª Bateria foi fartamente destacada pelos comandantes dos regimentos e batalhões a que deu apoio, o que me trazia especial satisfação. Coube-lhe a primazia de disparar o 1º Tiro da Artilharia brasileira nos campos da Itália, em 16 de setembro de 1944, como prazerosamente já citei em meu relato. Esse fato é lembrado, anualmente, em comovente solenidade, no 21º Grupo de Artilharia de Campanha, herdeiro das tradições do II Grupo da FEB, o “Grupo Da Camino”, como narrei anteriormente. O tiro é repetido na mesma data, à mesma hora, com a peça de 105mm, que atuara na Itália... Quis o destino que a 1ª Bateria se destacasse por esse fato singular que ficou para a história do Grupo, da Artilharia e do Exército.

A gente tem que reconhecer que foi, além de todas as expectativas, o desempenho de nosso soldado, chegando mesmo a surpreender a todos.

A coragem, a dedicação, o denodo e o espírito de sacrifício pela Pátria distante foram qualidades sempre evidenciadas no soldado brasileiro. O vigor daquela juventude, aliado ao senso de responsabilidade de não decepcionar aqueles que nele confiavam, fez o nosso soldado suportar e superar os obstáculos, advindos da guerra naquele Teatro de Operações difícil e distante.

Devo aqui destacar que o que mais me impressionou na Campanha da FEB foi, sem dúvida, o soldado brasileiro, um gigante na busca da vitória.

Dentre as pessoas com quem lidei na Força Expedicionária Brasileira, há tantos nomes a salientar que eu não seria justo ressaltando apenas alguns. Contudo, não poderia esquecer o nome daquele que foi nosso verdadeiro guia, amigo, orientador e chefe, nosso Oficial-de-Ligação: Capitão Newton Correia de Andrade Mello. Experimentado, vigilante e atencioso foi o orientador permanente nas nossas necessidades e o conselheiro certo nas horas incertas dos seus três observadores avançados: Tenente Milton, Tenente Ramiro e eu. Grande é a nossa gratidão e maior a saudade que ele nos deixou.

Pelo rádio, me transmitia coragem e dizia como agir aqui e ali, porque estando ele mais à retaguarda, junto ao Comando do Batalhão, tinha a visão de conjunto que me faltava.

Certa vez, eu estava vendo do meu observatório, a 7ª Companhia do III Batalhão do 6º RI, Companhia do meu querido primo-irmão Capitão Helio Portocarrero, tentando iniciar a subida para o Monte Castelo logrando aproximar-se de uma posição junto ao Vilarejo de Abetaia e lá na nossa esquerda, não quero referir-me a Norte e a Sul porque não me lembro bem da carta, o seu pessoal sofria forte bombardeio de canhões e metralhadoras, enquanto que os nossos pracinhas, que avançaram desafiado à direita, recebiam tiros de metralhadoras e, sobretudo, de morteiros.

Liguei, então, para o Capitão Newton dizendo-lhe que os soldados da 7ª Companhia estavam sendo massacrados e que eu podia fazer um tiro de cegar, jogando fumaça em cima dos tedescos, tirando-lhes a visão sobre a Companhia que tentava progredir. Depois de uma certa hesitação, o Capitão me disse que não daria essa ordem, porque o vento poderia mudar de direção e jogar essa fumaça sobre o nosso pracinha. “Esse tiro, dizia ele, vai exigir muita precisão, mas, se você quiser fazer, a responsabilidade é sua”. “Pois não, Capitão”, e eu atirei.

Eu pedi o “fumígeno” um pouco longe da nossa tropa, mas exatamente onde queria cegar o alemão. Foi uma fumaceira dos diabos, bem em cima do inimigo e o pessoal da 7ª Companhia ficou sem entender como é que aqueles tiros apareceram ali, quando eles mais precisavam...

Só vim a saber disso tudo depois. Mas eu, lá em cima do meu PO, regozijei-me ao constatar que os tiros sobre a nossa Infantaria cessaram, só me cabendo manter a concentração fumígena naquele lugar, de modo a continuar cegando o inimigo, para a Companhia, então, prosseguir no ataque a salvo de tiros concentrados sobre a mesma.

Mas o que eu desejo mesmo é destacar o nome do nosso verdadeiro guia, orientador e chefe, o inesquecível Capitão Newton Correia de Andrade Mello, brioso, valente e cioso de suas responsabilidades. Foi ele quem me liberou, como mostrei, para atuar, no momento certo, em proveito da 7ª Companhia! A citação desse fato por ele, depois publicado na página 93 de seu livro *Meu Diário da Guerra na Itália*, talvez tenha contribuído decisivamente para que eu viesse a receber a Medalha “Cruz de Combate de 1ª Classe”. Poucos têm essa Medalha, sendo uma alegria dizer que dois Portocarreros a possuem: o estimado Hélio, valente comandante da 7ª Cia do 6º RI, e eu. Ele ainda recebeu a Medalha de Sangue, por ter sido ferido gravemente em Montese, à frente de sua Subunidade.

O Livro do Meu Oficial-de-Ligação

Nas páginas 59 e 156 de seu “Diário”, onde a modéstia esconde sua valentia, ele também se referiu a mim contando fatos que aproveito a oportunidade para lê-los, com o propósito de dar uma idéia mais precisa do nosso dia-a-dia:

12 de outubro de 1944, quinta-feira.

A região do Posto de Comando (PC) foi alvejada a noite inteira. Felizmente, não houve danos pessoais. A 2ª Bateria e o Pelotão de Obuses que está com o Batalhão se retiraram, ao cair da noite, para posições mais seguras, sem o que teriam sido atingidos.

Estranha coincidência: os bombardeios são infalíveis à hora das refeições. E a bôia é distribuída justamente no pequeno pátio do vilarejo, sem o menor abrigo... Felizmente, ouve-se, à distância, o assobio da granada, a tempo de se dar uma carreira.

Acredito que o reflexo metálico das marmitas, à hora do rancho, esteja-nos denunciando.

13, sexta-feira.

Esta noite, novamente o bombardeio com grosso calibre. Começou à uma e terminou às cinco. Caíram três granadas 10 metros à frente do PC, uma no prédio em que está a central telefônica e outra à porta do compartimento onde depositaram a munição de morteiros do Batalhão. Um pouco mais...

As duas casas ficaram seriamente danificadas, diminuindo o número de cômodos, e o espaço para a tropa e os próprios habitantes das mesmas, que, obstinadamente, permanecem em seus lares. Pouco se tem dormido, nesses dois dias.

Nossas viaturas, “jeeps” inclusive, estão aqui, também. Com o bombardeio da noite, os estilhaços furaram o radiador de um dos meus. Escusado dizer que se trata do “Rosalinda”³... Não fosse hoje dia 13 e sexta-feira!

Resolvi poupar meu material e meus homens à fúria das granadas. Mandeí-os para uma posição um quilometro à retaguarda. Vão-se os anéis e ficam os dedos. Eles são os dedos...

Não se pode trabalhar com serenidade neste PC. Ora estamos ao telefone, transmitindo ou recebendo ordens; ora em entendimentos com observadores avançados, pelo rádio; ora tirando elementos da carta. Pois bem: ouvimos o antipático assovio, ao longe, e, rapidamente, vamos entocar-nos no porão. Na acolhedora cantina, como dizem os naturais do país.

Fui ontem às posições da 8ª Companhia, cujo PC está em Barga. O Observador Avançado, Tenente Portocarrero, instalara seu Posto de Observação (P0) junto a uma igreja, na qual artilheiros ingleses já também se tinham instalado. Até a igreja, ia-se bem, abrigado das vistas inimigas. Daí por diante, precisava fazer-se uma pequena progressão, sob o domínio dos observatórios alemães. Ora, é desagradável rastejar, salvo quando estamos diretamente sob as granadas. Assim, vencíamos aqueles 50 metros com uma corridinha, meio agachados. Conseqüência: ao fim do dia, esse P0 e a igreja passaram a ser um alvo predileto para o 210 alemão. Um Tenente inglês foi seriamente ferido. Mas, obstinados, mandaram outro e para o mesmo lugar.

Tenho assistido a cenas compungentes, aqui em Barga. Os incessantes bombardeios têm vitimado muitos civis, mulheres e crianças. Já se manifesta certo êxodo para lugares mais abrigados. Antes, ela nada sofrera. Cidade de veraneio, sem indústrias, não despertou a cobiça dos pilotos aliados, nem foi sujeita à ação de nossa Artilharia, por não constituir posição apropriada à defesa.

Quando cheguei ao P0 do Portocarrero, executava ele um tiro sobre o que nos parecia um abrigo alemão, num morro à nossa frente, tendo, do lado de fora, um calmo nazista a observar. Sua imobilidade causava estranheza. Por mais perto que caíssem os tiros, o homenzinho não se alterava. Vá ser valente, este sujeito! Depois de umas duas dúzias de granadas é que o Portocarrero se convenceu de que a sentinela era... um boneco, arditamente colocado pelos alemães.

27 de fevereiro de 1945, terça-feira.

Hoje, às 10h30min, cheguei ao PC do III Batalhão do 11º Regimento, em Le Roncole, que está sendo apoiado por nosso Grupo.

³ Era hábito colocar um nome de mulher na viatura, homenageando a namorada, esposa, filha ou neta...

Fui reconhecer as posições das 7ª e 9ª Companhias, que estão encarrapitadas no Monte Castelo, garantindo sua ocupação. Ao chegar a Abetaia, vilarejo ao sopé do morro, a recepção não foi boa. Estavam atirando de morteiro, e, como sempre, tem-se a impressão de que é bem junto da gente. Acabando por reconhecer onde caíam os projetis, prossegui. Era a 300 metros, apenas...

O Castelo – numa figura trivial mas fiel – é um monumental panelão com rebordos reforçados, tal como não se podia imaginar antes. Magnífica posição defensiva, que teria de cair como caiu: pela manobra. Abrigos formidáveis, a prova dos tiros de canhões de 105 e 155mm, com aquecedores a lenha (subtraídos dos italianos), portas, janelas envidraçadas, cadeiras, panelas. Ai, confortavelmente, passaram eles o rigoroso inverno, enquanto os filhos dos trópicos endureciam pés e mãos no leito gélido do fox hole.

No ápice do morro (ponto 977), um excelente PO, organizado a capricho, dominava completamente a vila de Bombiana, Casa M. di Bombiana, Guanella, Porreta. Enfim, eram senhores, dali, de um esplêndido panorama, tendo à sua mercê todos os elementos que se deslocassem num raio de alguns quilômetros.

Daqui, contemplo a outrora Casa M. di Bombiana. Sim, que já não existe a casa, à força dos terríveis bombardeios diários do poderoso canhão 88mm. Chamamola por isto, de M. di Bombiana, tout court. Triste memória dela guardam o Capitão Aldévio, que, durante semanas, ensurdecera, por lhe ter rebentado quase em cima uma granada do temível antitanque; os tenentes Milton e Portocarrero, observadores de Artilharia, que lá atuaram durante a estação invernosa, assistindo à decadência gradual da casa, desabrigando-se, paulatinamente, e ao mesmo tempo se afundando cada vez mais na terra, para escaparem com vida.

Merece, aqui, uma observação para fazer justiça ao velho Da Camino. Ele, sabedor da nossa situação no PO, providenciou para que a Engenharia pusesse uma metade de cano de aço em cima do meu fox hole. Era uma proteção porque a casa tinha desabado completamente.

Essa meia manilha de aço passou a ser um chapéu em que eu coloquei embaixo o rádio, telefone e me encarrapitei lá dentro também. Foi aí que se passou um fato que mostra o lado humano do Da Camino que tenho de reconhecer. O Aldeber de Queiroz, irmão do Adhemar de Queiroz, queria saber de onde estavam vindo os tiros do canhão 88mm antiaéreo que destruíram a casa e quase mataram o Aldévio e por pouco não arrebentaram o seu tímpano.

Ele queria que eu botasse a cabeça para fora para descobrir de onde vinham os tiros de 88mm, porque os outros canhões você ouve o tum, tu, tu, já o 88mm você não ouve, porque é antiaéreo e possuiu uma velocidade descomunal; você só ouve o impacto de chegada.

Então, eu lhe disse: “Está bem, vou botar a cabeça para fora”, quando ouço aquela voz no rádio, logo em seguida: “Menino, fique quieto aí! O Aldeber está aqui atrás; não se exponha aí na frente”. Não esperava que o Coronel Da Camino, que tanto brigara comigo, viesse a intervir para proteger-me... Emocionei-me porque só naquele momento, fui reconhecer a figura humana que existia no Comandante do Grupo, aparentemente tão frio...

Feita esta observação, relacionada com o meu Comandante de Grupo, que interveio em favor de minha segurança, volto à leitura do Diário do Cap Newton ainda no dia 27, terça-feira:

Ao descer do Castelo, bombardeavam novamente a região. Afeito já aos arrebetamentos, podendo assim localizá-los, jurei a meus deuses que não correria, desta vez, como fizera na vinda. E não corri, mesmo... Quando não se possui bravura, constantemente se travam essas pequenas lutas íntimas com o covarde instinto de conservação.

Pela observação do terreno, acho que se impõe a ocupação de Cimon della Piella. As operações deveriam prosseguir até M. della Vedetta. Em consequência, baqueariam os pontos fortes de Merlano, Geleto, Vania di Sotto, e ameaçar-se-ia a Vila de Pietra Colora. Por enquanto, ainda não estamos totalmente livres da observação sobranceira alemã.

O Batalhão sai esta noite das atuais posições para a Região de Capella di Ronchidos – cota 1.036⁴, entregando-as a tropas americanas, ao que parece.

A situação está confusa. Não se tem certeza de quem ficará ocupando o Castelo. O Major Cândido quer que eu vá com ele, pressupondo que seu Batalhão continuará sendo apoiado por meu Grupo, quando este ainda não recebeu ordens a respeito. De qualquer modo, determinei aos dois observadores avançados que viessem para o PC, ao invés de lá ficar, esperando a tropa adventícia, ou seguir as Companhias.

O II Batalhão do Sampaio, conquistador de La Serra, está sendo substituído por tropas americanas, e, consta, vai para o lugar do I, no Monte Belvedere.

28, quarta-feira.

Afinal, só às 8 da noite de ontem decidiram que eu e os tenentes acompanhá-amos o Batalhão. Pouco depois, deslocava-se o PC para a nova sede. Estrada péssima, noite escura, apenas cerca das 24 horas chegamos ao destino, Ronchidos di Sopra. Antes do combate de M. Belvedere, ali existia um grupo de casas; agora, empilham-se bardas de escombros. No local mais parecido com uma casa – um estábulo depredado – esperava-nos o comandante do Batalhão que íamos substituir: um Tenente-Coronel

⁴ Vale enfatizar a que altura andávamos nós...

americano, um dos chefes da gloriosa 10ª de Montanha. Homem já maduro, faces endurecidas, talvez, no áspero lidar do campo, um provável filho do Texas. Sentado sobre um toco, à beira de uma fogueira acolhedora, recebeu-nos sem formalidades. No rosto, ressumbrava a fadiga de uma dezena de mortificantes dias de lutas.

Hoje, pela manhã, fui reconhecer a frente do Batalhão, tendo, antes, regulado com as três baterias no ponto-base (hoje PV, ponto de vigilância), para liberar o Grupo de Artilharia americano que fazia o apoio ao Batalhão que substituímos. Felizmente, saí-me bem, pois estava a meu lado o Tenente Oficial-de-Ligação daquele Grupo.

Não consegui um só PO do qual visse toda a frente de qualquer das companhias. Resolvi situar um observador avançado na cota 1.053⁵ e outro na 1.027⁵.

As posições estão repletas de tanques americanos, que se aproximam da crista, bombardeiam os objetivos e depois recuam. Verdadeiros chamarizes de granadas. Os infantes que se entoquem... Afortunadamente, nenhum tiro lá caiu durante as seis horas de minha permanência.

O Senta a Pua e a ELO

Temo que não seja capaz de resumir, em poucas linhas, o que todos nós presenciámos da atuação brilhante não só da nossa Esquadrilha de Ligação e Observação, como principalmente do 1º Grupo de Aviação de Caça, o nosso heróico “Senta a Pua”!

Além das incursões diárias, perigosas e audazes sobre o inimigo, vale destacar a espetacular e eficiente atuação do Grupo de Caça nos dois últimos ataques ao Monte Castelo: já tentávamos subir aquele Monte (988m) por três vezes, desde novembro de 1944, infrutiferamente e com numerosas baixas. Até que, a 21 de fevereiro de 1945, logo após uma espetacular preparação da nossa Artilharia, ato contínuo, começaram a surgir sobre nossas cabeças, sem que nós esperássemos, os aviões do 1º Grupo de Caça! Um após o outro, em rápidos “piquês”, mergulhavam sobre o Castelo, desaparecendo para nós, que progredíamos no chão, para mal surgir ao longe, enquanto explodiam, no seu rastro no topo do Monte, as bombas jogadas, entre vermelhos clarões e fumaça escura! E como nos davam força e coragem aqueles valentes pilotos! Redobravam nossos esforços, nos entusiasmavam e nos “empurravam” para cima!

Disparamos também nossas armas em rajadas contínuas até atingir o topo tão almejado da elevação e dominar completamente a situação, aprisionando os últimos resistentes!

⁵ Tais cotas foram ocupadas, respectivamente, pelo Tenente Milton e por mim.

Atuação brilhante e ajuda decisiva do valoroso Grupo de Caça, dos nossos combatentes do “Senta a Pua”!

Releva citar que o filme *Senta a Pua* está sensacional! Vale a pena ser visto! Fiquei feliz ao saber que brilhantes companheiros que dele participaram estiveram aqui sendo entrevistados, como o vibrante Rui Moreira Lima, que foi bravíssimo, e outros como os Brigadeiros Meira e Correia Netto e o Cel Goulart, pilotos de reconhecido valor; que brilharam na Itália, verdadeiro show em Monte Castelo, e também no filme.

Nesta oportunidade, ainda devo render justa homenagem aos oficiais do nosso Grupo que participavam da Esquadrilha de Ligação e Observação, ao lado dos nossos irmãos da Força Aérea! O Tenente Elber, além de ótimo observador aéreo, deixou um livro *A FEB Doze Anos Depois*, contando a história da FEB e, em especial, da nossa 1ª ELO, com a autoridade de quem muito contribuiu para o nome da Esquadrilha.

Recordação da Campanha

É muito lisonjeiro a todos nós, depois de passados tantos anos, depois de tanto já se ter escrito sobre a FEB, poder recordar a atuação brilhante da gloriosa Força Expedicionária Brasileira. Falar ou lembrar da FEB é sempre uma nova oportunidade de reavivar, para si e para os demais, as inúmeras demonstrações de coragem, abnegação, bravura e tantas outras qualidades reveladas pelo soldado brasileiro. Sempre o fazemos com ufanismo e saudade dos companheiros que não voltaram; das suas viúvas e filhos, que até hoje choram, mas que se orgulham dos seus entes queridos. Alguns descrentes lamentam o fato de: “O Brasil ter memória curta” fazendo com que os gloriosos feitos dos nossos “pracinhas” hajam caído no esquecimento do público! Raramente se fala neles... mas seus nomes estão indelevelmente gravados nas páginas da nossa História!

Feliz empreitada esta, de hoje, em que estamos aproveitando, através do Projeto História Oral do Exército, os cada vez mais raros depoimentos de testemunhas vivas dos épicos episódios de que tanto nos orgulhamos!

A Comemoração da Vitória

Pode até parecer estranho mas quando recebemos a notícia do “cessar fogo”, já vínhamos perseguindo o alemão muito de perto e que já fugia e já lhes pisávamos os calcanhares cansados. Era uma perseguição, exatamente uma tática a definir e a surpresa de que tudo acabaria breve já não era tão grande; mas, na hora em que

recebi a notícia, eu havia saído da frente para vir buscar no PC do Grupo uma nova missão que seria a de avançar noutro setor. Lembro-me que estava de pé, olhando lá fora por uma vidraça quebrada, quando ouvi alguém gritar no PC: “Acabou a guerra”, e veio, em seguida, a ordem de “cessar fogo”!

Confesso que, primeiro, fiquei como quem ... cai num vazio! Eu que continuava preparado para lutar e, de repente, dizem-me que “não há mais guerra, que a luta acabou!” Parecia haver um abismo diante de mim. O que eu ia fazer agora?

Até que eu pudesse “deglutir” a notícia e conscientizar-me de que podia desarmar-me, porque não havia mais inimigo querendo matar-me, senti uma inquietação que me dominou inicialmente; parecia que recebera uma ducha!

Passada essa sensação inicial, lembrei-me dos meus, do Brasil, do Rio de Janeiro e da medalha que minha querida mãe, Zilda de Farias Portocarrero, me havia colocado no pescoço. Com a formação cristã que recebera, abri minha camisa, beijei a medalhinha, lembrando mamãe, e rezei, antes de gritar, pular, exaltar, sem conseguir evitar as lágrimas de emoção...

Assim, recebi a notícia da rendição incondicional e do fim da guerra. Daí, para frente, sentir e comemorar é o que sempre faremos, através dos tempos...

A Cerimônia de Stradella

Participamos de vários bailes comemorativos pelo fim da guerra. Mas a cena épica, inesquecível, deu-se no âmbito da AD. Uma bela comemoração encerrou com chave de ouro a participação da Artilharia na Campanha da Itália, porque a todos comoveu. O local escolhido, uma cidadezinha do interior, perto da frente, chamada Stradella, que, depois, vim a saber, era mundialmente conhecida por sua fábrica de acordeões, bombardeada na guerra, mas que, posteriormente, voltou a funcionar.

Em Stradella, então, o General Oswaldo Cordeiro de Faria mandou reunir, num campo de aviação bastante esburacado, toda a Artilharia Divisionária, porque ele ia voltar ao Brasil e queria despedir-se dos seus soldados, dos seus oficiais e sargentos, de sua tropa, de seu comando!

Ele fora Comandante da Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira, o cargo mais elevado que um artilheiro podia receber dentro de sua Arma. Assim, ele reuniu toda a tropa e pronunciou um discurso com muita emoção, que foi transmitida a todos que tiveram a felicidade de participar daquela solenidade. Eu tremi de emoção! A tropa estava toda formada e os canhões de toda AD, enfileirados, muito bem alinhados, como mostra a fotografia que deixei para o Projeto, na pasta a mim destinada! E, junto à tropa, a nossa Bandeira hasteada, bela como sempre!

Ainda hoje, com grande emoção, tenho o prazer de ler aquelas inolvidáveis palavras de nosso Comandante, Gen Cordeiro de Faria, proferidas no dia 24 de maio de 1945, no Campo de Aviação em Stradella:

- *Nossos canhões silenciaram.*
- *Não há mais inimigos.*
- *A vitória, completa e espetacular, foi conseguida.*
- *A Alemanha esta vencida.*
- *A participação militar do Brasil – nesse choque de forças ciclópicas, que abalou o mundo, para definição futura –, assinala, sem dúvida alguma, uma etapa de nossa história. E fostes, soldados da FEB, atores da fixação desse marco, que há de ter influência decisiva nos destinos nacionais.*
- *Oficiais de meu Estado-Maior.*
- *Comandantes e oficiais de minhas eficientes unidades.*
- *Soldados bravos de minha Artilharia.*
- *Pela última vez, é bem provável, eu vos veja todos reunidos.*
- *É com esse pensamento, que sinto desfilar diante de mim, todo o esforço que despendestes nesse ano e meio de nossa vida.*
- *Vejo-vos, inicialmente, na fase de organização da DIE, ainda no Brasil, trabalhando a fundo no nobilitante afã de ser, nos campos de batalha da Europa, os continuadores dos artilheiros de Mallet.*
- *Vejo-vos também, alegres e varonis, embarcando e viajando para o Velho Mundo, para a guerra, conscientemente orgulhosos da missão recebida.*
- *Vejo-vos, ainda, no período sempre tão cheio de preocupações, da entrada em linha, das primeiras ações.*
- *Vejo-vos depois, no labutar de todos os dias, estudando, meditando profundamente sobre o apoio a dar ao bravo infante nas suas ações defensivas ou nas suas atitudes agressivas – sempre agindo, tanto com cérebro – quanto com o coração.*
- *Vejo-vos, finalmente, após as operações fracassadas ou vitoriosas, com a alma angustiada, verificando num exame de consciência, se o malogro da ação não foi devido a falta de um apoio de artilharia mais enérgico, ou se as perdas nos encontros felizes, não poderiam ter sido menores, por um emprego mais eficiente de vossos canhões.*
- *E por que sempre fostes assim, e que, contemplando-vos, todos reunidos, eu sinto uma enorme satisfação e um grande orgulho.*
- *Ao esmo tempo, porém, essa formatura tem qualquer coisa com que significa separação.*
- *Nossas atividades futuras nos irão dispensar.*

– *E, sê alegres, tranqüilos pelo dever cumprido, dentro em breve, retornando, a Pátria tão distante e querida, voltaremos aos nossos lares, ao convívio dos que nos são caros – declaro-vos queridos companheiros da AD, que me afeiçoei tanto a vos que me é triste viver essa hora.*

– *Confesso-vos perante DEUS e tendo por testemunha a Bandeira do Brasil que pródigo que me seja, por ventura, o destino de minha vida militar, nenhuma missão dar-me-á orgulho e felicidade maiores do que ter sido vosso chefe, vosso condutor, o Comandante da AD na campanha da Itália.*

– *Meus oficiais.*

– *Em breve, no Brasil, nossas funções nos separarão.*

Agradeço-vos, nesse instante de tantas emoções, o concurso inestimável que me prestastes, a cooperação sem limites que me destes, o conforto do carinho e da amizade com que sempre me cercastes. Nesse momento forçoso é declarar, porque antes de tudo representa justiça, que nunca soube distinguir nas minhas unidades, o Oficial de Reserva, dos profissionais – tal seu comportamento na guerra.

– *Meus soldados.*

– *A Pátria, dentro em pouco, vos vai licenciar das fileiras do seu Exército. Voltai para vossas atividades normais, para o aconchego de vossas famílias com a consciência tranqüila porque tudo destes para o exato desempenho de vossa missão. Não sei, bravos artilheiros, adjetivar a vossa atuação. Eu só vos digo que, realmente, sois “Cidadãos do Brasil”.*

– *Não atenderão à revista, na hora de nossa partida da Itália, muitos companheiros que, aqui, tão bravamente lutaram.*

– *São os sacrificados pelo Brasil.*

– *Contam-se por centenas, na nossa Divisão.*

Seus nomes, a Nação conservará no Panteon da História. Sua vida, eles a deram para que a Pátria sobrevivesse, com dignidade e honra.

– *A eles, todas as nossas homenagens nesta memorável manhã, que recorda uma das mais belas páginas da nossa História – Tuiuti 24 de maio de 1866 em que fulgem as figuras simbólicas de Sampaio, Mallet e sobretudo Osório.*

– *Canhões amigos, a quem vós artilheiros imprimistes uma alma, rendei, nos campos ensangüentados da milenária Itália, a esses heróis – o tributo de vossa admiração.*

– *Pela última vez – atuai em massa.*

– *Pelos que morreram pela Pátria.*

– *Soldados – Sentido!*

– *Bandeira do Brasil – em funeral!*

– *Artilharia da 1ª DIE – Fogo!*

(Pausa ...)

– *Meus camaradas.*

– *Eles não pereceram em vão. Infelizmente, é ainda com essa argamassa de sofrimento, de dor, e com a vida de seus filhos que as nações conquistam o seu lugar no Mundo. Eles morreram, como pelos tempos afora tombaram pela Pátria os heróis que forjaram a Nacionalidade, que balizaram suas fronteiras, que lhe deram foros de cidadania.*

– *Seu sacrifício engrandeceu a terra do seu e dos nossos sonhos; seu sangue tornou-a mais respeitada; sua morte fê-la mais brasileira.*

– *Não desapareceram, balde, os bravos irmãos que aqui ficaram.*

– *A Pátria vive.*

– *O Brasil é eterno.*

– *Salve! Brasil!*

(a) Oswaldo Cordeiro de Faria – Gen Bda Cmt AD/1E

(Transcrito do Boletim Interno nº 67, de 24 de maio de 1945, da AD / 1E.)

Realmente, foi tudo muito bonito, foi uma felicidade para todos que ali estavam. O nosso General Cordeiro de Faria, brilhante orador, nos levou as lágrimas. O discurso de Stradella será, pela vontade de Deus, imorredouro como a nossa Força Expedicionária Brasileira. Assim, foi a última reunião da Artilharia Divisionária da 1ª DIE, em pleno campo regado pelo generoso sangue de nossa gente...

O Retorno ao Brasil

Daí para frente, passamos a viver os preparativos para o retorno ao Brasil. A ansiedade era enorme e o tempo parecia não passar... Rever meus pais, meus irmãos, os amigos... Rever o Rio! Quando voltaremos? Tudo parecia um sonho...

O sorriso estampado em todas as faces, o coração pulando de alegria do dever cumprido, o orgulho de ter feito tudo aquilo nos confortava demais. E o dia do embarque não chegava! A gente contava os dias, as horas, não se sabia quando. Faltavam quantos dias? Não sabemos, depende da vinda de outro navio transporte de tropas. Muita gente deveria regressar e o número de navios era limitado.

A viagem de volta! Somente quando o navio se movimentou é que eu comecei a me conscientizar: Então... é verdade! Estamos voltando, mesmo! Pensava: que diferença, da viagem da ida para a guerra! Fui, então, designado Polícia Militar de bordo. Braçadeira “MP”; sobe e desce, percorrendo o navio. Fiquei gripado, febre alta. Enfermaria. Perto do Rio, e eu pensava: “Será que eu vou chegar?” E aumentava a ansiedade!

Ao entrarmos na baía de Guanabara, os fortes e as fortalezas da Artilharia de Costa nos saudaram com as tradicionais salvas de tiro, vibrantes e inesquecíveis!

No Cais do Porto, milhares de pessoas! Foguetes! Bandas de música e gritaria geral! Em terra e a bordo, todos gritavam e riam! Bandeiras do Brasil, às dezenas, se agitavam! A bordo, eu parecia enlouquecer: tirei o capacete, afrouxei o cinto, e... dei várias cambalhotas no tombadilho! Alguém gritou: “Portocarrero, olha seu Pai, na beira do cais! É ele! Coronel!...” Resolvemos gritar a todo pulmão, eles, que haviam sido alunos de papai na Escola Militar, e eu: “Por-to-car-re-ro!”... Acenávamos!

Papai estava lá me esperando. No cais, filas de mocinhas “fardadas” da LBA, de branco, nos aguardavam. Nas mãos, guaraná gelado, sanduíches e uma flor, para o capacete! Fomos abraçados, beijados fortemente, por toda aquela gente desconhecida, mas que ali se irmanava, numa alegria contagiante e espontânea!

Quanta surpresa, e vivas, e gritos, e beijos... Apesar da multidão ter desfeito as filas organizadas, conseguimos, afinal, chegar a um *jeep*, onde entrei, com mais três oficiais. Fui atrás, sentado, mas meio para fora do *jeep*... Começamos a desfilar, com dificuldade, através da Praça Mauá, até chegar à Avenida Rio Branco. Puxavam-me para fora do *jeep*, para abraçar e beijar, ao longo da Avenida; à altura do Teatro Municipal, um gigantesco pórtico foi montado, tomando a Avenida, de lado a lado, verde e amarelo: “Bem-vindos à Pátria, Heróis!”

Uma apoteótica recepção, que jamais vira; avenida repleta, parecia o nosso animado Carnaval!

Fomos até o quartel, e logo voltamos em outro *jeep*, com oficiais residentes na Zona Sul, indo de casa em casa. Quando já deixara todos (eu era o mais “moderno” e, portanto, o último), dirigi-me para minha casa, em Copacabana. Na esquina, de lado a lado da rua uma enorme faixa, no alto: “Daqui Saiu um Expedicionário”. Quem será esse “peixe”? Jamais pensei que era eu! Na minha porta, multidão de parentes e amigos! Flores, Hino Nacional... Emoção e lágrimas, ao revê-los!

Uma festa que eu não esperava! Meu primeiro impulso levou-me a pensar: “Meu Deus, aconteceu alguma coisa com minha mãe?” Tanta gente na porta de casa por quê? Era para mim.

A FEB voltou com muita força política e não era “prudente” mantê-la assim coesa... Logo os soldados foram licenciados e os oficiais, com 2 meses de férias, transferidos, conforme seus desejos, pelo Brasil afora, com esse privilégio de escolher onde desejava servir...

Para o Exército houve, realmente, a abertura de uma ampla visão profissional e a atualização de conhecimentos gerais de largo alcance.

Mensagem Final

Acredito que a participação, ativa e diretamente, nos campos de batalha, numa guerra de tal importância para os destinos do mundo, conferiu a cada nação participante uma visão atualizada do combate moderno e uma visão ampla dos novos caminhos do mundo pós-guerra.

Profissionalmente, valeu-me muito, não só pela experiência adquirida, como na atualização dos conhecimentos profissionais, que, logo após, iria aplicá-los, com êxito total, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), quando da promoção a Capitão.

Gostaria de deixar registrado aqui o meu desejo ardente de que não esqueçamos os nossos heróis, a sua bravura, desprendimento e amor à Pátria; e que a forja que os formou, o Exército Brasileiro, volte breve a ocupar a sua posição histórica de participante das decisões dos destinos da nossa Pátria, para o bem do nosso povo e de toda a Nação.

Coronel Germano Seidl Vidal*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro - RJ. Coursou a Escola Militar do Realengo, onde foi matriculado em 1940, após concurso, sendo declarado Aspirante-a-Oficial em março de 1943. Realizou, durante os três decênios de sua carreira militar, os cursos de Artilharia de Costa e de Técnica de Ensino, o da EsAO e o da ECEME, além do CEMCFA e do Curso Superior de Guerra, da ESG. Teve as seguintes promoções: 2ª Tenente em 1943, 1ª Tenente em 1944, Capitão em 1948, Major em 1953, Tenente-Coronel em 1962 e Coronel em 1966, as três últimas por merecimento. Foi transferido para a reserva, a pedido, em 1972. Exerceu, na vida militar, as seguintes funções: Comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do Grupo Escola – depois I/1ª RAPC (IV Grupo de Obuses, da FEB), Comandante da 2ª Bia do 8ª GMAC (Rio - RJ), Comandante da 8ª Bia do 2º RO 105mm (Itu - SP), Instrutor da EAC (Rio - RJ), Chefe da 3ª Seção/EM da 6ª RM (Salvador-BA), Comandante da 1ª/4ª GACos M (Salvador-BA), Adjunto da 5ª Seção/EME (Rio - RJ), Comandante do CPOR de Salvador (BA) e Membro do Corpo Permanente da ESG (Rio - RJ). Como integrante da FEB, embarcou no 2º escalão e participou de todas as operações do IV GO, como CLF da 2ª Bia de Obuses de 155mm. Por duas ocasiões, exerceu a função de Observador Avançado: em Torre di Nerone e no quarto e bem-sucedido ataque ao Monte Castelo. Possui as seguintes condecorações nacionais pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra. Dentre as muitas funções desempenhadas na vida civil, destacamos a de Chefe do Departamento de Planejamento de Suprimentos da Itaipu Binacional de 1974 a 1989. Escreveu, entre outros, o livro *A Guerra Proscrita*.

* Comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do IV Grupo de Obuses 155mm, entrevistado em 9 de janeiro de 2001.

Inicialmente, desejo distinguir bem duas posições – no meu caso, a do Tenente Comandante de uma Linha de Fogo na guerra e a do escritor e historiador de hoje, cuja avaliação difere daquela, pois foi formada, obviamente, ao longo de meio século de novas experiências, estudos e pesquisas.

Creio, entretanto, que o relato do Tenente talvez seja mais rico de circunstâncias, que a história ainda não registra. Para aquela distinção, ofereço ao Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial um compêndio intitulado “Nosso Exército – Meio Século de Depoimentos”. Nesse livro, com mais de quinhentas páginas, começo reunindo versões publicadas sobre dois trabalhos que distinguem bem a posição do Tenente na guerra e a do coronel reformado.

De início, estão as 3 versões do artigo “A Linha de Fogo na Guerra”, publicadas em 1948 (Separata de *A Defesa Nacional*), 1984 (Edição xerocada para os oficiais do 11º GAC) e 1985 (*Revista do Exército Brasileiro*). Depois, apresento também 3 versões do artigo “Quanto Custou ao Brasil a II Guerra Mundial?”, publicado em 1963 (*Mensário de Cultura Militar*), 1990 (*Revista da Escola Superior de Guerra*) e 1995 (*Revista A Defesa Nacional*), cuja resposta ao título interrogativo dou no meu atual livro *A Guerra Proscrita*, de 1999.

No depoimento à História Oral do Exército, procurarei atender às perguntas formuladas pelo meu entrevistador, declinando, de início, meu desvanecimento por ter sido lembrado, tão honrosamente, para esse fim.

Feito esse preâmbulo, passo, então, a relatar a minha vivência desde o meu ingresso na carreira militar até o meu retorno ao Brasil, com a missão cumprida na campanha da Itália, integrando a FEB.

Em 1939, havia completado 17 anos e, no ano seguinte, ingressado na Escola Militar do Realengo. No início da década de 1940, via a guerra com os mesmos olhos da média de nossa população, fortemente influenciada pela mídia da época. É curioso saber o que dizia o *Jornal do Brasil* no interregno de 1939 a 1942, nas suas principais manchetes: 2/9/1939 – *NEUTRALIDADE NACIONAL*

[...] O governo vai se abster “de qualquer ato que, direta ou indiretamente, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes” [...]

11/6/1940 – *GETÚLIO VARGAS FAZ ELOGIO AO FASCISMO*

Getúlio elogiou “as nações fortes que se impõem pela organização baseada no sentimento da pátria e sustentando-se na convicção da própria superioridade”.

14/6/1940 – *PARIS É ALEMÃ* (Título sobre um clichê de meia página com a foto das tropas do Reich desfilando sob o Arco do Triunfo). E, no texto: “O Exército Francês foi estraçalhado. [...]”

30/10/1940 – *COLABORAÇÃO DE PÉTAİN*

[...] “O chefe do governo francês de Vichy [...] anunciou que colaborará com a política nazista” [...]

9/4/1941 – SINAL VERDE PARA A CONSTRUÇÃO DA CSN

[...] “O empréstimo americano saiu justamente no momento em que Getúlio Vargas negociava a participação do governo nazista no empreendimento.” [...]

22/6/1941 – HITLER IGNORA PACTO E INVADE A URSS

[...] “A União Soviética teve seu território invadido por nada menos que 3,1 milhões de soldados” [...]

07/12/1941 – JAPÃO ATACA BASE AMERICANA NO HAVAI

“[...] Imediatamente após o ataque de Pearl Harbor, as forças japonesas se lançaram contra as colônias [...]

31/8/1942 – BRASIL DECLARA GUERRA AO EIXO

[...] “O governo brasileiro declarou guerra à Alemanha, Itália e Japão. A decisão de Getúlio Vargas, que muitos acreditavam simpatizar com os ditadores europeus, foi tomada depois do afundamento de seis navios da Marinha Mercante em águas territoriais brasileiras no mês de agosto.” [...]

As manchetes selecionadas retratam bem o estado de espírito da população. E para melhor ilustrá-lo, por nós próprios, lembro-me, como cadete em 1940, que assistíamos no Auditório da Escola, à noite, filmes da *blitzkrieg*, precedidos de chamada musical, com letras garrafais do “V” da vitória...

Eu havia chegado ao Grupo Escola, em março de 1943, juntamente com dois colegas de turma, o Boaventura e o Guimarães, ambos febianos com histórias talvez bem mais interessantes que a minha. A Unidade, que era comandada pelo Ten Cel Hugo Panasco Alvim, foi uma das primeiras escolhidas para integrar a FEB, criada em agosto de 1943, mercê de seu aprimorado estado de treinamento, que vinha de assíduas Escolas de Fogo ao tempo em que cooperava com a instrução do Curso de Artilharia da EsAO.

A substituição do equipamento da Unidade, dos canhões *KRUPP* 75mm – C26 – modelo 1937, hipomóveis, para os obuses 105mm – M1, auto-rebocados e da respectiva dotação em pessoal se fez, sem solução de continuidade, com muito empenho de todos os seus participantes, antigos ou novos, que se orgulhavam de ser expedicionários. Também, passamos a dominar a nova técnica de tiro americana em substituição à francesa, que aprendêramos desde os tempos da Escola Militar do Realengo.

A minha integração à FEB, como se mostrou, se deu por escolha da Unidade em que servíamos. Não fomos convidados, nem voluntários. Deu-se por continuidade de nossas funções, com júbilo pela escolha. Consultando minhas Folhas de Alterações, verifico que ainda 2º Tenente, em 15 de maio de 1944, fui designado Coman-

dante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do então I Grupo do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (Grupo Escola) – I/1ª RAPC (GE), função na qual permaneci durante toda a participação do IV Grupo de Artilharia 155mm na Campanha da Itália, somente sendo desligado dessa função quando transferido, por necessidade do serviço, já no Brasil, em 10 de janeiro de 1946.

O Grupo deu continuidade à sua instrução em exercícios constantes no Campo de Gericinó, com suas três Baterias de Tiro realizando tiro real, com suporte das Baterias de Comando e a de Serviços. Além disso, participou dos exercícios, no âmbito do AD/1ª DIE, atuando com material 105mm. Minha subunidade realizou um tiro “experimental” com material 155mm *Schneider*, monoflexa, modelo 1917, o qual serviu mais como curiosidade do que como adaptação ao material 155mm que iríamos receber. A única coincidência era o tamanho do calibre...

O Grupo embarcou, no 3º escalão da FEB, juntamente com o 11º Regimento de Infantaria, cerca de 5.500 homens, a bordo do navio de transporte de tropas americano, *Gen Meighs*, como foi fartamente descrito pelos companheiros que me antecederam nesse depoimento. Os 2º e 3º escalões saíram do Rio de Janeiro no mesmo dia (22 de setembro de 1944), chegando a Nápoles em 6 de outubro.

A tripulação se limitava às funções essenciais de Marinha e a de guarnecer os postos de combate para proteção do navio. Todos os demais serviços, digamos gerais, foram a cargo da tropa transportada. Fui designado para participar da coordenação do serviço de rancho, que inclui o acesso aos refeitórios e à disciplina do fornecimento de três refeições diárias para o pessoal de serviço e duas para os demais. A adaptação foi rápida para esse mister e lenta quanto ao tipo e principalmente ao volume de alimentação, embora caloricamente suficiente...

Os treinamentos de abandono de navio eram diários e exigia um trânsito perfeito para levar a tropa, desde seus compartimentos (cerca de 360 homens) até o tombadilho, com salva-vidas e cantis cheios. Mas todos entenderam a necessidade de chegar junto à sua baleeira ou balsa, em ordem, para superar um tumulto na situação real de torpedeamento.

Do Rio a Nápoles, sem escalas, a viagem levou 14 dias, com poucos enjoos relativamente em face da estabilidade do navio. Eu, por vezes, perdia o apetite pela constância do cheiro das cozinhas, no desempenho de minhas funções. O entretenimento era pouco, mas suficiente para manter o moral da tropa elevado. As acomodações em beliches quádruplos, bem rústicos, próprios de navios construídos para transporte de tropa, sem levar carga, serviam ao soldado e à sua bagagem.

As notícias sobre a guerra, em periódicas informações pelos serviços de alto-falante eram mais realísticas que as transmitidas no Brasil. Não havia o DIP... A

passagem do Equador foi festiva com Rei Netuno e diploma, propiciando alegre participação geral. O difícil da viagem ainda estava por vir...

Em Nápoles, embarcamos em lanchas de desembarque, as LCI (*Landing Craft Infantry*), para uma viagem de 36 horas de enjões gerais. Foram cerca de 50 embarcações, levando duzentos homens em cada, com mau tempo e o jogo intolerável devido ao fundo chato da embarcação, experimentando-se pela primeira vez a ração K em pacotes individuais (caixas de papelão), supostamente para *coffee, breakfast and dinner*. Creio que ninguém comeu, ou os que tentaram não conseguiram deter o enjão.

Desembarcamos em péssimas condições físicas, em Livorno e seguimos em caminhão para o acampamento dos 2º e 3º escalões na Tenuta de San Rossore, perto de Pisa.

O treinamento, no Brasil, como Unidade de Artilharia de Campanha, atuando com obuses 105mm foi, como vimos, excelente. Entretanto, a transformação, na Itália, para operar com os obuseiros modernos 155mm, não existentes no Brasil, M 114 – modelo 1943 pesando 5,7 toneladas, com seus respectivos tratores 145WW, de lagarta, com 13 toneladas de tara, bem assim o manuseio de variada munição, desgastada, de várias procedências, lotes e tipos, foi de extrema improvisação.

Fui, com outros tenentes, voluntário para ir buscar o material em Livorno, atuando no regresso como motorista. Entretanto, na volta, percorremos uma estrada de vinte e poucos quilômetros, de intenso tráfego militar, dirigindo, sem qualquer experiência anterior, o trator tracionando o obuseiro, adivinhando o que diziam os instrumentos do painel, particularmente uma luz verde e vermelha que acendia alternadamente, indicando, simplesmente, se a marcha era reduzida ou não, conforme o seu esforço ao aprofundar o pedal da embreagem...

Depois, no acampamento de San Rossore, tivemos só quatro dias para pôr as guarnições em forma, para o emprego do Grupo no *front*. Nesse desiderato, os tenentes “devoraram” o manual em inglês, muitas das vezes mais esclarecidos pelas figuras do que pelo texto mal-compreendido.

Os embaraços iniciais, para adaptação das Baterias de Tiro ao uso do material 155mm, em continuação à excelência de nosso treinamento no Brasil com material 105mm, foram suplantados pelo empenho e pela dedicação dos oficiais e dos nossos graduados. O ponto alto dessa adaptação foi o estágio de uma semana, de oficiais e sargentos, selecionados pelas suas funções, numa Unidade americana na frente de Bolonha – a mais ativa em todo o *front*.

Fui, com a 2ª turma, com o Major Ney, Subcomandante do IV Grupo, para o 339º Grupo, da 88ª Divisão de Infantaria, do II Corpo de Exército. Essa Divisão já

tinha uma dura experiência de combate; desembarcara na Cabeça de Praia de Anzio, combatera em Monte Casino para a conquista de Roma e vinha pelejando contra uma defensiva-agressiva alemã até os Apeninos. Curioso é que seu distintivo de braço trazia as letras CD (*Custer Division*), ao que seus integrantes, orgulhosamente, se referiam como *Civilian Division*, uma vez que só os comandantes das unidades eram oficiais regulares (formados em West Point), sendo todos os demais civis convocados, formados às pressas no esforço de mobilização nacional americana.

Notava-se logo a ação do Comandante do Grupo – que eu soube ser Tenente comissionado como Tenente-Coronel.

Era um chefe competente e um líder de seus subordinados; o Major S3 tinha cabelos grisalhos; a Bateria onde fiquei era comandada pelo Tenente May, que tratava seus subordinados com surpreendente liberalidade para nossos costumes castrenses. Entendi que isto ocorria pois não havia diferença de classes sociais entre eles.

Depois do CLF dar-me explicações detalhadas do funcionamento dos obuseiros e do serviço da peça, ao sair do local, o Chefe de Peça dizia com absoluta naturalidade: “Ele repete o que está no manual. Isto pode ser importante para uma inspeção do pessoal de Material Bélico, mas na prática tem que ser diferente...” E, entre outros comentários, que me serviram (e muito), ele disse, jocosamente: “Se não há tempo para limpar e engraxar a munição, a granada vai com lama, pois garanto que o alemão não sabe a diferença...”

No observatório avançado, convivi com um Tenente, bastante jovem e afoito. Busquei sabatiná-lo sobre o que ele sabia de técnica de tiro. Questionamento desnecessário e imprudente. Ele só conhecia um processo e era o bastante... Espicaçado pelas minhas indagações, o Tenente mostrou-me um ponto na sua zona de ação, ligou para a Central de Tiro e logo vimos um arrebentamento. Fez um enquadramento rápido na ajustagem e, em seguida, passou-me o binóculo. Ouvi o disparo da Bateria e vi a densa fumaça cobrindo a área do alvo. Ele se deu por satisfeito. Mas, eu ainda perguntei: “O que existe lá de inimigo?” Ele me deu a resposta que eu não esperava: “Para mim, todo tiro que ultrapassa a Linha de Contato já é bom...” Valeu uma lição de meu velho avô, Gen Alfredo Vidal, autodidata por necessidade: “Dos livros, deve-se tirar a aptidão para o trabalho...”

A respeito do meu batismo de fogo, posso dizer que se fez em três momentos, conforme minha situação em face da ação inopinada do inimigo.

Ainda no estágio na 88ª DI, frente a Bolonha, vi o “corre-corre” dos soldados da Bateria em que me achava logo após uma mudança de posição, todos em busca de seus capacetes de aço e dos abrigos improvisados. Ocorrera um tiro fumígeno que denunciava uma contrabateria. A eficácia foi à nossa retaguarda, mostrando que o

alemão buscava outro alvo. Mas o susto foi igual e me mostrou que, nessas horas, não há um comando para abrigar. Tudo funciona como reflexo condicionado individual, fruto do treinamento e da experiência. Se fosse uma demonstração, estaria perfeita, mas na hora eu não sabia bem o que fazer. Era um estranho no ninho...

O outro momento foi o de tiros esparsos sobre nossa Posição de Bateria. Eles eram de grande potência, que se dizia ser de grosso calibre (190mm?), mas soube, agora, pelo relato do Ten Júlio de Pádua Guimarães, Observador Avançado do III Grupo de Obuses da FEB, ter visto, durante o avanço da Infantaria, dois canhões de 170mm, impressionando-o por serem os mais belos que conhecera em toda sua vida de artilheiro... Ainda bem que eram só dois, atuando, provavelmente em alvos distintos, mesmo nas eficácias. Talvez, os mesmos que, por diversas vezes, bombardearam o QG da Divisão, em Porretta Terme. As três Baterias de Tiro do IV Grupo estavam escalonadas em distâncias curtas praticamente uma atrás da outra. Essa contrabateria atingiu as 2ª e 3ª Baterias, com tiros passando por cima da posição da 1ª, mas o susto foi geral... A partir daí, os comandantes de Linha de Fogo (CLF) não precisariam mais exigir a construção de abrigos seguros para as guarnições das peças, eles passaram a ser feitos por voluntária adesão às prescrições do manual... Inclui-se aí a construção de terraplenos ou espaldões para os obuseiros – com rebaxamento do solo e proteção com sacos de areia – como se visualiza em foto da 2ª Peça (Fig. 08-2), deixada em minha Pasta desse Projeto História Oral, ao lado de muitas outras fotos, todas bastante interessantes, para aqueles que quiserem conhecer mais sobre a Linha de Fogo de uma Bateria 155mm.

O terceiro momento, que considero o batismo de fogo pessoal na frente de combate, vivi-o na companhia do Ten Júlio, no observatório avançado da Torre di Nerone, durante o inverno, em plena neve. Esse observatório estava situado em uma construção semidestruída de blocos de pedra, no topo de uma elevação com cota 731, encravada no dispositivo inimigo, composto de pontos elevados, variando de 688 a 822 metros, com vistas que o cercavam por 270 graus, o que exigia acesso somente à noite e o mínimo de movimentação diurna. O Júlio estava “calejado” de situações típicas de combate e não demonstrava qualquer receio. Foi, assim, que me convidou para deixar o abrigo e subir com ele no forro da casa semidestruída para assistir a uma missão de tiro em melhor posição de observação, embora menos protegido. O alemão viu o desembarço daqueles observadores e resolveu “dar o troco”. De repente, ouvi o silvo de granadas na trajetória descendente e o “pipocar” de arrebentamentos. O Júlio tinha cumprido bem sua missão e eu “batizado” como infante neófito. Não esqueci a experiência e pude perceber como se sentiam os soldados do Pelotão que guardava aquele importante ponto, dentro de seus *fox holes*.

Usando sempre redes de disfarce, para proteger os terraplenos dos obuses, embora considerássemos inexistente a aviação alemã, passamos por terrível emoção de bombardeio aéreo, que poucas unidades sofreram. Um avião, voando muito alto, lançou bombas ao cruzar a Linha de Contato, próximo à Riola, onde o IV Grupo se desdobrava. Essas bombas, de efeito devastador, caíram na outra margem do rio, junto a qual estava a 2ª Bateria. Relato o que escreveu a respeito o General Mascarenhas de Moraes, em seu conhecido livro (pág. 127): “A sua aviação (referindo-se aos alemães) atuou lançando bombas, inclusive incendiárias [...] nas vizinhanças do Grupo Panasco Alvim [...]”. Desse “batismo” só Deus nos salvou!

Nas condições já descritas como a Bateria recebeu o material 155mm e de precaríssimo treinamento com o novo obuseiro, até então desconhecido pelos seus integrantes, deslocamo-nos por cerca de 100km para a primeira ocupação de posição à noite, em terreno impróprio, recentemente revolvido por arado. Com tratoristas inexperientes e as más condições do terreno, um a um, foram atolando o veículo-trator e a peça. O Comandante da Bateria, vendo o esforço desesperado das guarnições e o meu afã em concluir satisfatoriamente o serviço, mandou-me desengatar os obuses e concluir a ocupação de posição onde eles estavam. O que se fez ainda com grande esforço.

Passei o resto da noite com meus chefes de Peça identificando a munição, após a chegada das granadas e cargas de projeção nunca vistas antes, exceto no breve estágio já referido. Adiante faço referência à variadíssima especificação da munição a ser utilizada e a forma de bem identificá-la. Relato, a seguir, para fins históricos, todos os locais, ocupados pela Bateria durante a campanha, com suas respectivas datas e menção aos combates que apoiou ou mesmo simplesmente estacionou “sob rodas” na fase de perseguição ao inimigo ou, ainda, atuou como tropa de ocupação e seu deslocamento para regresso até Nápoles, que se pode acompanhar pelo roteiro da FEB.

17/11/1944 – De Pisa para Lodio di La (primeira ocupação de posição, ainda durante à noite). Apoio ao 1º ataque a Monte Castelo (24 a 25 Nov 1944).

27/11/1944 – Savignano, próximo à Riola (posição mantida na fase defensiva alemã, no inverno, quando se apoiou duas outras tentativas de tomada de Monte Castelo – 29 Nov e 12 Dez – e o ataque bem-sucedido de 21 Fev, além das conquistas de La Serra – 23 Fev – e de Castelnuovo – 5 Mar.

16/3/1945 – Castelucio (posição de apoio às missões que se seguiram a Castelnuovo e que precederam o apoio ao ataque a Montese).

02/4/1945 – Gaggio Montano (posição de apoio à conquista de Montese – 14 Abr 1945).

16/4/1945 – Stancadora (posição de apoio à conquista de Zocca – 20 Abr 1945).

- 22/4/1945 – Zocca (estacionamento sobre rodas para reconhecimentos a cargo do Grupo).
- 23/4/1945 – La Cruciale.
- 25/4/1945 – Vignola.
- 26/4/1945 – Quatro Castella.
- 01/5/1945 – Firenzuola (capitulação das tropas alemãs na Itália, de 29/4/1945 a 2/5/1945 – fim das operações de combate por meios terrestres).
- 09/5/1945 – Burgonovo Valtidone próximo a Alessandria, no Norte da Itália (atuação como tropa de ocupação, com missões delegadas pelo Governo Militar Aliado).
- 18/6/1945 – Tenuta di San Rossore, próximo a Pisa – o mesmo lugar da fase de “quarentena” da 1ª DIE no início das operações, transformado em *Rest Camp* (Área de Repouso) – em barracas grandes já preparadas –, operacionalizada, curiosamente, por prisioneiros alemães (cozinha, banheiros, limpeza etc.). Devolução aos norte-americanos dos equipamentos de combate, agasalhos e outros utensílios. Comandei a coluna de tratores, com os obuses e reboques para munição, no deslocamento até Livorno, onde os membros seriam conferidos e entregues, estacionando em Gênova e passando por La Spezia.
- 26/6/1945 – Livorno (embarque no navio italiano *Sestrieri*).
- 27/6/1945 – Nápoles (desembarque seguindo em caminhões para local pouco aprazível onde se fez a reunião de toda a 1ª DIE, denominado Francolise, permanecendo acampado aguardando embarque para o Brasil, por escalões.

Reconheço, de início, que agindo do lado mais forte, determinadas ações eram quase unilaterais, em virtude do inimigo dispor de menos apoio de Artilharia e nenhum de aviação. Portanto, coube-me fazer o possível para atirar bem, em benefício de nosso infante e, nesse desiderato, a experiência foi muito rica de ensinamentos.

Em primeiro lugar, tratava-se de superar as dificuldades do terreno, em alguns casos quase impraticáveis, para as ocupações de posição, que, segundo meu Comandante de Bateria, Capitão Samuel Kicis, “exigiram trabalho contínuo e grande esforço físico, mas sempre a Linha de Fogo as ocupou com perfeição”.

Além disso, viveu-se situações particulares, com soluções nascidas na ação com excepcional capacidade de criação, de improvisação ou de adaptação dos meus subordinados; vamos falar da guarnição das peças, da cadência de tiro, de três exemplos de soluções criativas e da forma usada pelo CLF para instruir a Linha de Fogo.

A guarnição das peças, de dez serventes mais o chefe de peça e o motorista, tiveram que se desdobrar em duas, com somente quatro ou cinco serventes, adap-

tando-se às funções e fazendo o rodízio de 24 horas para cada turno. Para tanto, tivemos que ter um substituto eventual para o Chefe de Peça (embora este não participasse do rodízio) e outro, para o apontador. As guarnições “de folga” tinham completa liberdade para se locomover na área, com total responsabilidade pelos seus atos e, individualmente, “pagar” em serviços gerais por eventuais atrasos no “guarnecer” ou em falhas no apoio aos companheiros. Para reforçar a atuação das guarnições, mantinha-se uma permanente emulação entre as peças e em concursos para habilitação de “novos” apontadores e para o reconhecimento expedito da munição.

A cadência normal de tiro do obus 155mm é de um tiro por minuto e a rápida, de três tiros por minuto. Mesmo reduzidos à metade, as guarnições conseguiam cadências muito mais rápidas, embora com prejuízos para a segurança do pessoal, do funcionamento das peças e precisão dos tiros. Eu exigia que o CP contasse mentalmente até 20 para autorizar novo disparo, obviando as restrições apontadas.

As soluções criativas foram muitas. Vamos citar três exemplos:

- Um abrigo usando uma barraca de dez praças, que permitia a proteção de um homem em pé, servindo como solução de emergência;

- Uma caixa para três telefones do Posto de Comando da LF com suporte para os combinados fone-microfone, colocando-os de forma a serem rapidamente identificados, a qualquer momento, de dia ou de noite, pelo número de toques de chamada;

- O “transferidor de alças mínimas”, levantadas a cada 100 milésimos para cada peça, era utilíssima. Ele permitia a máxima eficácia da Bateria, usando-se as peças segundo as ondulações das respectivas massas cobridoras, substituindo-se a alça mínima única para toda a Bateria, obtida do sítio mais desfavorável em toda a zona de ação das quatro peças.

A forma da comunicação do CLF dando “instruções” através de um personagem humorístico: o cabo Coníglío, que “sabia de tudo...” Os desenhos criados são auto-explicativos e, em alguns casos, tenho ainda os originais, cujas cópias se encontram em minha pasta no Projeto.

Em último lugar, mas não menos importante, era o reconhecimento das características próprias dos vários tipos de munição: oito de granada, cinco de carga de projeção e oito de espoleta, mesmo quando as inscrições estivessem ilegíveis. No meu artigo, escrito como Tenente, em 1948, mostro que a confusão de uma granada explosiva M1 com a análoga *Schneider* acarretava considerável variação de alcance, mesmo nas pequenas distâncias (aproximadamente seis mil jardas) com alças e cargas iguais e, exemplifico, que para a mesma alça de 267 milésimos, usando a carga cinco, a variação é de 910 jardas. Para a segurança dos homens e da munição, adotava-se espalhar em vários pontos o estoque de munição com formas diversas de proteção.

Releva citar que suportamos bem um clima, para nós extremamente adverso, graças aos agasalhos e galochões americanos que recebemos. As capas de chuva, as perneiras de lona, os cobertores, as barracas de dois praças, os calçados que levamos mostraram-se incompatíveis para uso em campanha. Minorava, também, o frio intenso o uso de aquecedores de lenha nos abrigos das guarnições da Linha de Fogo. De outra parte, saliento a excepcional capacidade de adaptação do nosso soldado com temperaturas ambientes muito baixas, que iam a 18 graus centígrados negativos.

A respeito do desempenho em campanha de nossos profissionais – oficiais e graduados –, não me atrevo a dar uma resposta única, generalizada e consistente, pois entendo que se trata de avaliação muito complexa, como a própria questão sugere. Esse desempenho, creio, foi função de três importantes fatores: o conhecimento profissional, a aptidão funcional e o moral do combatente.

Como avaliar, tudo isto junto, para unidades de procedências regionais diferentes, com graus de instrução distintos e situações de combate próprias de suas respectivas missões? Acho que o saldo – pelos resultados alcançados – foi extremamente favorável à conduta de oficiais e graduados, alguns distinguidos por sua competência e bravura.

A minha Unidade, o IV Grupo, dispunha de excelentes quadros. Na minha Bateria, vou referir-me, adiante, a homens de conduta exemplar. Na minha Linha de Fogo, havia sargentos antigos e novos, estes formados em cursos nos quais fui também instrutor. Nunca senti falta de apoio tanto dos superiores quanto dos subordinados.

O Grupo deu 28.106 tiros, dos quais 10.522 somente no mês de abril de 1945. Desses, 816 foram de granadas fumígenas, usadas para início de ajustagem em áreas de difícil observação e 54, de granadas com espoletas VT (*variable time*), que explodiam sempre na altura tipo, acionadas por dispositivo eletrônico considerado ainda segredo pelos americanos. Abatendo-se as fumígenas, pode-se dizer, de uma maneira geral, que o Grupo lançou 1.173,5 toneladas de poder destruidor dos estilhaços e das ondas de choque provocados pelo arrebentamento de granadas carregadas com TNT (trinitrotolueno ou trotil). Para tanto, a competência de oficiais e sargentos foi essencial. Minha avaliação é, portanto, positiva. Fui bem comandado e fiz o possível para exercitar bem o meu trabalho. Em comparação com as outras tropas aliadas, creio que nada ficou a desejar.

Sobre o desempenho do soldado brasileiro em combate, simplifico a questão, dizendo que, do artilheiro se exigiu empenho e trabalho útil; do infante, estoicismo sobretudo, aliado à iniciativa e à coragem pessoal.

Em ambos os casos, ressalte-se o espírito de grupo e a disciplina consciente; dos comandantes, em todos os escalões, a característica principal foi a liderança...

Opino sobre os soldados artilheiros, entre os quais os que orgulhosamente comandeí. Achei-os sempre motivados, dispostos – perigosamente entusiasmados... A disciplina não se calcava no RDE, que não me servira na guerra. Ela teve que brotar de regras claras de comportamento, cujo exemplo estava no desempenho do chefe. No caso particular da minha Bateria, creio que o item mais constantemente exigido foi, sem dúvida, a resistência à fadiga. Nesse mister, o soldado-artilheiro se nivelou às tropas mais experientes no mesmo Teatro de Operações.

Gostaria de destacar a minha experiência quando designado Observador Avançado no 4º ataque a Monte Castelo. Minha atuação nesse evento, embora não seja “impressionante” ou “marcante” para os fastos militares, dá uma tênue idéia de como age um Observador Avançado de Artilharia. Em 18 de fevereiro de 1945, fui chamado ao PC/Bia e recebi ordem do meu Comandante, Capitão Samuel Kicis, para deslocar-me e, à noite, manter contato com o Observador Avançado do Grupo de Apoio Direto em Purgatório, logo ao sul de Gaggio Montano, na extrema esquerda da 1ª DIE. Seria mais um Observador do Grupo de Ação do Conjunto e não iria substituir outro companheiro.

Cheguei ao local já tarde da noite, acompanhado do soldado rádio-operador. Lá encontrei, instalado na casa que dava o nome ao lugar, a qual se achava semidestruída mas ainda dava bom abrigo ao observador, o 1º Tenente de Artilharia Miguel Romão Langone, da Turma de 1939 da Escola Militar e integrante do I/1º RO AuR (1º Grupo de Obuses, na 1ª DIE). Ele apoiava um dos Batalhões de 1º escalão e pôs-me a par de suas atividades, para ele já de rotina.

Na manhã de 19, desejava fazer um giro de horizonte com o Langone que instalara uma luneta no forro que cobria uma parte da casa. Daí, poderia ver toda a zona de ação que nos competia observar. Entretanto, o dia todo estivemos sob neblina artificial que nos impedia de observar o terreno. Nessa noite, o Langone recebeu ordem de se deslocar para o PC/Batalhão onde receberia instruções. Deixou comigo a utilíssima luneta e algumas coisas pessoais e saiu.

Eu não mantinha contato direto com nossa Infantaria e não estava a par das manobras então planejadas. Hoje, tento rever onde estava e a frente que via, o que posso fazer usando uma ampliação da carta e verifico que C. Purgatorio estava mais ou menos equidistante dos pontos mais altos dos montes Castelo e Belvedere e, no centro de minha zona de ação, mostrada numa foto panorâmica do horizonte como o visualizavam os brasileiros, a Cappella di Ronchidos, bem à minha frente, local onde houve um contra-ataque alemão detendo temporariamente a 10ª Divisão de Montanha, que deveria atingir Mazzancana para possibilitar, em melhores condições, o nosso ataque ao Monte Castelo. Hoje, obviamente, sei mais do que sabia

como Tenente. A 10ª Divisão de Montanha – recém-chegada ao TO, com treinamento especial nos EUA – deveria antes das 23 horas desse dia 19, ocupar posições à frente da 1ª DIE, em novo limite entre as divisões e depois atacar para conquistar Belvedere.

O dia 20 de fevereiro amanheceu sem neblina artificial. Era o momento para me familiarizar com a zona de ação. Mas havia surpresas. Próximo a minha posição, instalara-se um Pelotão de Morteiros, da Divisão americana. Passei a informar a Central de Tiro da movimentação no flanco W da Divisão. Já estava em curso a Operação Encore, do IV CEx, cujos detalhes táticos são hoje bem conhecidos. Na situação em que me encontrava, eu não sabia de nada. Tento refazer na carta o essencial, graficamente, para meu próprio entendimento. Nos dias 20 e 21 de fevereiro, cumpri as missões de Observador Avançado. Não havia participado, na noite de 19 e no dia 20 do ataque para a conquista de Belvedere. Só a partir daí, pude acompanhar, visualmente, o progresso dos americanos no Gorgolesco.

Os alvos estavam quase todos bem à minha vista. O IV Grupo de Obuses, desdobrado na área de Savignano, tinha para mim uma situação especial relativamente às mensagens para a ajustagem dos tiros. O Plano de Tiro do Grupo, para alvos no Monte Castelo, fazia um ângulo quase reto com a minha visada, obrigando, como é normal, à “materialização virtual” desse Plano no terreno para as correções de direção e alcance convenientes. Tudo correu satisfatoriamente, exceto na missão sobre C.de Zolfo, que estava numa ravina na encosta W do Castelo. Superou-se a dificuldade com a intervenção pessoal do Capitão Ariel, S3 do Grupo, a quem relatei não ter vista direta da casa que dava o nome à região a ser batida, mas somente aos seus arredores. Ter-se-ia que adotar processos expeditos, pouco ortodoxos, chegando-se a duas ou três eficácias que satisfizeram momentaneamente o prosseguimento do ataque. Valia no caso, o bom senso que não é técnica mas tato...

Também é curioso constatar-se a grande diferença de altitude da Linha de Contato da 1ª DIE com os principais pontos da Linha Defensiva alemã. Observe-se que o meu Posto de Observação, em C. Purgatório, estava na cota 521, enquanto o topo do Castelo era 977, o do Belvedere, 1.140 e Ronchidos, 1.052.

Com relação ao contato com as tropas aliadas em ação na Itália, em termos operacionais, tenho pouco a dizer. Recordo-me de dois fatos “curiosos” que passo a relatar.

Em certa ocasião, tivemos à retaguarda da Bateria uma posição de canhões autopropulsados de tropa sul-africana. O nosso Tenente Chefe da Seção de Reconhecimento viu o permanente azáfama que eles tinham para manter as ligações telefônicas, usando cabos velhos, muito inferiores aos americanos. Disposto a colaborar, procurou contato com um Tenente sul-africano – um sujeito louro – oferecendo o cabo pesado

que usávamos. O nosso vizinho recebeu muito mal a eventual ajuda... Afinal de contas, ele fazia a guerra pelo seu rei e, por isto, combatia só com material inglês.

Noutra oportunidade, numa “tocha”, o que significa passeio, a Veneza, acompanhando um colega, fui a uma sala – refeitório de ingleses. Sentou-se conosco um Oficial que se mostrou, de início, amável. “Lá pelas tantas”, veio a pergunta indiscreta: “Quando é que vocês vão atirar com seus canhões no Brasil?” Surpresos, indagou-se o motivo. E ele deu a resposta: “Se vocês vieram lutar conosco contra o nazifascismo porque não fazem o mesmo no Brasil?” O “espírito da FEB” logo se faria presente no quadro nacional...

No que tange ao soldado inimigo, tive poucos contatos diretos, frente a frente, com o mesmo na Campanha da Itália. Eles ocorreram nas missões de observador avançado, junto a Infantaria, quando pude observar, parcialmente, o comportamento do soldado alemão: seis dias em Torre di Nerone, na fase defensiva do inverno, e três dias durante o quarto e bem-sucedido ataque ao Monte Castelo.

Senti-o obstinado, bem treinado e hábil no uso do morteiro de 60mm. Nas duas contrabaterias que sofremos, a dos Canhões de 170mm e as duas ou três rajadas de eficácia de canhões 88mm, sentimos o efeito de sua respeitável Artilharia, embora reduzidíssima em quantidade.

Como prisioneiros de guerra, convivi com eles em San Rossore, na nossa volta, e os vi submissos, cumprindo ordens de sargentos americanos, para conduzir os Serviços Gerais do Acampamento – nenhum sintoma da empáfia das tropas do Reich na sua fase ofensiva relâmpago sobre a Europa. Acho que tal estado de espírito deve ser comum aos prisioneiros de guerra, após verem seus países derrotados, dependendo, dia-a-dia, dos outros para sobreviverem.

No final do mês de abril, quando a guerra se aproximava do seu término, além da carência de munição, faltou-lhes medicamentos básicos para atender aos seus feridos, em número muito elevado.

Já o nosso apoio de saúde foi muito bom, tanto na prevenção de doenças (uso do DDT, dos preservativos, dos comprimidos para purificação da água e do combate à malária, do uso de vitamina C nos sucos etc.), como no tratamento curativo de emergência (padioleiros e médicos no *front*, e enfermeiras e competentes equipes médicas na retaguarda). Dizia-se na frente que o ferido grave que chegasse a um Hospital de Base estaria salvo, tais os recursos que lá se dispunha. Nas grandes cidades, à retaguarda, havia curiosos postos de saúde, os *Prophylatic Station*, sinalizados como *Pro-Sta* por toda a parte, para prevenção às doenças venéreas.

É bom que se diga que não só o apoio de saúde, mas o apoio logístico em geral foi muito bom.

Todos os itens de suprimento foram bem atendidos, tanto pelos órgãos funcionalmente voltados para esse fim na 1ª DIE, quanto no apoio dos escalões superiores.

Tratando-se, no meu caso, de uma Bia de obuses 155mm, para o CLF o item mais importante era o da manutenção dos obuses e tratores – razão de ser da Subunidade. Por oportuno, transcrevo o que escrevi, como Tenente, em 1948, divulgado pela *A Defesa Nacional*:

“Tivemos oportunidade de travar conhecimento com um 1º Tenente americano de um Grupo 155mm do V Exército. Ele fora encarregado de ministrar instruções na linha de frente sobre o nosso obus 155mm, conforme diretrizes do IV Corpo – preparando e aperfeiçoando os quadros para a Ofensiva da Primavera. Este oficial era experimentadíssimo; sua Bateria já ultrapassara sessenta mil tiros e estava combatendo desde a campanha da Tunísia. Ficamos com excelente impressão do instrutor e do cuidado com que trazia suas instruções, corretamente datilografadas! Mais tarde, um nosso companheiro descobriu as suas lições no manual técnico do material. Nada de novo, então! Mas ele não viera ‘contar vantagem’ – veio ensinar e só poderia fazê-lo pelos regulamentos da matéria em questão.”

Num quadro de máxima eficiência, tivemos a prova na substituição de um trator cujo motor grimpara. Uma semana depois, recebíamos no *front* um outro novinho. Só não sabíamos que o Brasil, provavelmente, pagou mais um trator, incluído no *Lend Lease* (a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, dos EUA) pela qual rearmamos nosso Exército e pagamos US\$ 361 milhões, hoje valendo dez vezes mais, seria um montante igual à venda da Companhia Vale do Rio Doce – 3,61 bilhões de dólares!

Quanto ao apoio religioso, é bom lembrar que a existência de capelães militares era uma novidade recente no Exército. Os padres “convocados” acorreram de várias partes do País e ainda não estavam perfeitamente entrosados com a vida castrense, quando foram testados na sua dignificante missão. O resultado ora poderia parecer discreto, ora mais atuante, conforme as circunstâncias de seu papel complementar na manutenção do moral do combatente. Não encontro palavras melhores para julgar esse importante serviço, senão no trecho da referência elogiosa do próprio Comandante da FEB, publicado no BI nº 45, de 14/2/1945, da 1ª DIE, quando diz: “Alentando os feridos na frente do combate ou nos hospitais, aplicando-lhes os socorros espirituais tão necessários, esses missionários da paz muito têm feito pelo bom êxito da FEB na guerra.”

Tenho a foto de curioso flagrante de um altar montado em plena Posição de Bateria, entre dois obuses. Parece a primeira vista incrível, mas essa foi a realidade! Hoje, me pergunto: “O que meus soldados estariam pensando ao falar com Deus naquele instante...”

Ainda sobre a atuação de minha Subunidade, gostaria de ler trechos da Citação de Combate concedida pelo Comandante da 1ª DIE ao IV Grupo de Artilharia, pois, para fins históricos, nela estão as contribuições das Bias de Tiro ao desempenho do Grupo. Ei-los:

“[...] Na fase defensiva do último inverno, que se prolongou por dois meses, seus fogos, bem ajustados e rápidos, prestaram às unidades de Infantaria, em cujo proveito atuavam, de dia e de noite, sob toda espécie de tempo, um apoio marcadamente eficaz. No ataque a Monte Castelo, na memorável jornada de 21 de fevereiro, reforçou os fogos de apoio direto, agindo como Artilharia de ação de conjunto. A sua atuação, nessa oportunidade, revestiu-se de marcante destaque, [...] os seus fogos foram de grande eficiência, bem ajustados e de desencadeamento extremamente rápido. Mais tarde, na jornada de 14 de abril, que assinalou o início da última ofensiva, atuou como Artilharia de ação de conjunto no ataque a Montese, cooperando destacadamente para o desmantelamento do sistema defensivo montado pelo inimigo. Na exploração do êxito e perseguição ao inimigo, concorreu com seus caminhões para o rápido deslocamento da Infantaria [...]. O IV Grupo confirmou, nos campos de batalha da Itália, os seus méritos de Unidade guerreira e as esplêndidas qualidades da Artilharia brasileira, dirigida por quadros capazes e por um Comando que soube elevar bem alto as nobres tradições da Artilharia de Mallet[...].”

Fui instado pelo meu entrevistador a fazer uma referência especial a integrantes de minha Subunidade nesse meu relato.

Sei que não se trata de contribuir para um quadro de honra ao mérito, visto que já existem as formas regulamentares para reconhecer tal mérito, seja em referências elogiosas, seja em Citações de Combate.

Acho que me cabe tecer comentários sobre algum integrante como referência de conduta, cujo registro ficou simplesmente na minha memória. Nesse sentido, escolhi um soldado, um sargento e um Tenente.

Coube ao Soldado nº 905, ARI KERNE GENTIL SOBRAL, servente da 3ª peça da 2ª Bia, representar seus companheiros pelo seu constante esforço físico, levado ao extremo, quando no apoio ao ataque de Montese, flagrei-o carregando uma granada espoletada em cada ombro, vale dizer transportando, embora indevidamente, 86Kg de munição com TNT, como se observa na Fig. 24-1 que deixei, também, em minha pasta no Projeto História Oral do nosso Exército. A necessidade de rapidez e massa, princípios da Artilharia ali tão presentes, fê-lo despendar tanta energia, pelo seu alto senso de responsabilidade.

O 2º Sargento ALBERTO MELLO DA COSTA, da Seção de Reconhecimento, era o nosso especialista em minas, após curso com os americanos em Caserta, próximo a

Roma. No desvio para Zocca, onde estávamos aguardando ordens, havia letreiros nas margens da estrada improvisada, avisando da existência de campos minados, como se vê na Fig. 24-2 em minha pasta-arquivo. Eu estava na testa da coluna com o Ten BANDEIRA, quando o sgt ALBERTO nos mostrou uma mina anticarro desmontada, completamente inerte. Soube-se, então, que havia outra igual próxima ao veículo cerra-fila. O sgt ALBERTO foi lá, afastou os soldados curiosos, pediu um alicate e, ao buscar desativá-la, ela explodiu e o nosso sargento desapareceu... Isto sucedeu no dia 22 de abril de 1945, dez dias antes da rendição no TO da Itália. No decreto que lhe concedeu a Cruz de Combate consta: “Por feito excepcional durante a Campanha da Itália.”

Finalmente, reporto-me ao 1º Ten GUSTAVO NILO ROMERO BANDEIRA DE MELLO, Comandante da Seção de Reconhecimento da 2ª Bia, que trazia um invejável “currículo” de formação castrense. Era órfão de militar morto na Revolução Constitucionalista de São Paulo e, por isso, fazia juz ao curso no Colégio Militar sem ônus para a família. Por necessidade, ingressou nesse Colégio por autorização do Ministro da Guerra, com um ano a menos que o limite de idade e foi o 1º aluno do primeiro ao último ano. Entrou na Escola Militar do Realengo, em 1939, também como um dos cadetes mais jovens e novamente foi o 1º da turma nos 4 anos letivos. Era, pois, inteligentíssimo e aplicado.

Convivi com ele desde o Grupo Escola e como integrante da mesma Bateria, na Campanha da Itália (Fig. 24-3 em minha pasta-arquivo no Projeto). Sempre o vi simples, modesto, corretíssimo, excelente chefe e subordinado. A ninguém mencionava seus êxitos escolares, era pelo exemplo que se impunha!

A FEB ganhou uma identidade própria na campanha da Itália. O esforço nacional para o revidar à altura dos ataques por submarinos, que afundaram 36 navios, 1/3 da nossa frota mercante, no período de 1942-44, com elevado número de mortos (975 no total), fez o povo empolgar-se a favor da luta dos aliados. A nossa presença na Itália, com uma Divisão de Infantaria, completa segundo os padrões americanos, criou no “pracinha” uma postura original. Ele alterou o uniforme de campanha, mandando “recortar” pelas costureiras italianas o blusão sem bolsos e posto por fora da calça, transformando-o num blusão cintado, com 2 bolsos, substituindo o distintivo de braço simples, pelo colorido da “cobra fumando”, que surgira de uma expressão emblemática criada para caracterizar uma situação crítica de combate. No inverno, suprimiu o uso do coturno, substituindo-o por palha colocada dentro dos galochões, o que impedia o congelamento dos pés. Inventou a “tocha” para sortidas não autorizadas regularmente – com o assentimento dos comandantes das subunidades, enfrentando riscos e desafios pelo desconhecimento da língua inglesa, mas fazendo-se entender num italiano arrevesado, indo a lugares inimagináveis: Paris, por exemplo. Lutou bravamente substituindo a senha diária, em inglês, para o trânsito no *front*, cantarolando trecho de modinha da época. Não

se sentia inferiorizado, nem submisso aos grandalhões das tropas aliadas. Tinha na mente um espírito de vencedor e, por isso, foi enfrentando óbices e se sentindo valorizado por ser brasileiro. Voltou mais patriota e mais orgulhoso!

Soube relacionar-se muito bem com a população italiana, que, até hoje, guarda as melhores recordações de nossa gente.

Em verdade, país invadido é indício de população sofrida. Escasseiam os mantimentos. Floresce o câmbio negro. As necessidades de sobrevivência afetam os padrões sociais. A prostituição não vê “bandeiras”, prolifera implacavelmente, invadindo os lares com a convivência da abastança dos soldados. Nas localidades por onde transitou a Bateria, nas Posições de Tiro, nos Estacionamentos, vi e vivi esse quadro desolador. Estimulei, sem a obsessão de um franciscano, o bom relacionamento com a população local. Não vi excessos. A cada mil tiros da Bateria, “festejava” com a colocação de uma estrela azul na flâmula branca – distintivo convencional da 2ª Bateria. Ao ato compariavam os moradores locais, entre os quais estavam as moças da região, que lá iam, em busca dos chocolates que os soldados reuniam voluntariamente dos que acompanhavam sua etapa de alimentação. Havia, portanto, nesse caso, bom relacionamento, embora por motivações diferentes...

A respeito de minhas impressões sobre os preparativos de nosso regresso à Pátria, após a campanha da Itália, reunidos na mesma área toda a 1ª DIE, em Francolise, na estrada que segue para Nápoles. Local inóspito, quentíssimo, sujeito à transmissão da malária, com ar empoeirado, acampados em acomodações desconfortáveis face à concentração elevada do pessoal e o conseqüente adensamento das instalações para uso comum, agravado pela ausência de transporte adequado para se chegar a um grande centro urbano e desfrutar, momentaneamente, de algum entretenimento. Uma verdadeira provação...

Para se ter idéia do moral abalado dos febianos, valho-me de um depoimento, em versos, assinado em 2 de agosto de 1945, ainda em Francolise, pelo 1º Tenente de Artilharia Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior, que sucedeu o Bandeira como primeiro da turma seguinte, a de março de 1943, da antiga Escola Militar do Realengo. Leio, não sem um grau elevado de emoção, quatro estrofes desse libelo poético – documento que ofereço na íntegra em minha pasta, para a História da FEB:

“OS HERÓIS DE CARA SUJA”

I

Eram eles todos ínclitos heróis!

O anjo da Vitória diáfano e brilhante,

*Em vôo condoreiro caindo lá do céu,
 Pusera-lhes na face um beijo palpitante,
 Pusera-lhes no peito um coração de ouro,
 E na cabeça altiva miríades de sóis!
 Vindos de além-mar,
 De terra mui distante
 De terra pura e bela,
 Cheia de amor, de paz, cheia de luz,
 Onde nas noites claras se revela,
 Um mistério de estrelas
 Em forma de alva cruz...
 Traziam n'alma todos, indomável chama
 Chama de amor terno, puro e filial,
 Pela terra berço, terra Pindorama,
 Terra das palmeiras, terra sem igual!*

VI

*Francolise!
 Martírio daqueles que um dia foram grandes
 E hoje vivem de lembrança!
 – Parênteses na vida –
 Vive-se tão somente, a vida vegetal,
 Os últimos lampejos d'alma enfraquecida
 São os alentos longínquos da esperança,
 De um dia retornar ao berço natal!
 Lance-se um olhar,
 Em torno desta área desolada,
 – Nova Santa Helena, da águia brasileira:
 O Sol a pino ardente a causticar
 Raios de fogo, vomita todo o dia...
 A terra adusta, recebe o beijo quente,
 Concentra, aquece, reverbera,
 E pródiga irradia...*

VII

*[...] Jura seguir do medico o apelo
 Que a todos com carinho, todo o dia ensina:*

*Amanhã ao quebrar a fome matinal,
Engolirá com amor, com fé e com desvelo
Num gole de café ou gole de mingau
A pastilha amarela de atebrina...
E é este o Francolise,
Martírio daqueles que um dia foram grandes
E hoje vivem de lembranças...
– Parênteses na vida –
Vive-se tão somente a vida vegetal,
Os últimos lampejos d'alma enfraquecida,
São os alentos longínquos da esperança,
De um dia retornar ao berço natal!*

VIII

*Padecer! Os maus tratos do norte-americano
O ridículo daquele que diz ser nosso irmão...
A mente ardente de delírio insano,
E dentro ao peito o ódio sem perdão...
Mas de certo, não és tu um homem?
Chamam-te em vão: Herói de cara suja –
Ergue a cabeça! – Limpa as estrelas
Da fronte, que o pó enxovalhou!
Se pelo mundo, novamente brilham,
Da liberdade, luzes e centelhas
Recorda-te com orgulho que o sangue brasileiro,
Os campos da Europa também purificou!*

Viajei, com o terceiro escalão da FEB, partindo de Nápoles no dia 12 de agosto de 1945, no navio *MARIPOSA*, desembarcando no Rio de Janeiro dez dias após (Fig. 32-1 de minha Pasta). O IV Grupo encontrou, no Cais do Porto, as viaturas, os tratores e os obuses para um desfile motorizado. Constatei não serem os mesmos obuses que usamos na campanha da Itália – faltava o toque jocoso dos seus apelidos na guerra...

Desfilamos, sob aplausos, pela Avenida Rio Branco. O povo nos recebia com entusiasmo e demonstrações de carinho. Depois, com as bagagens pessoais, seguimos o penoso trajeto da coluna motorizada até Deodoro, onde se instalara o aquartelamento provisório do Grupo. Já noite, cuidei, como devia, de estacionar as peças, desembarcar pessoal e bagagens e liberar meus subordinados, sem maiores formali-

dades, tal qual fôramos recebidos. Feitas as apresentações de praxe, peguei minha mala de lona e saí, já à noite, a pé, pelo portão... Ansioso para retornar ao convívio da família, minimizei a frustração latente: as glórias dos pracinhas haviam ficado na Itália... No Brasil, cuidava-se de extinguir, o quanto antes, a Força Expedicionária Brasileira! A respeito, o General João Baptista Mascarenhas de Moraes faz um registro melancólico em seu livro *A FEB PELO SEU COMANDANTE* (11 de março de 1947). Em aviso do Ministro da Guerra, de 6 de julho de 1945, ficou determinado que as unidades da FEB, desembarcadas no Rio de Janeiro, passassem ao Comando da 1ª RM. Isso significou, “em última análise, a formal dissolução da FEB”.

Entre as conseqüências na minha vida pessoal pela participação na campanha da Itália, creio ter sido a mais marcante o amadurecimento que acelerou o meu aprimoramento profissional e o voluntário incremento de minhas responsabilidades familiares. Casei-me em 1946. Em 1948, era Capitão, com dois filhos e o curso da EsAO. Em 1955, Major, com três filhos e o curso da ECEME. Em 1958, ainda Major, exerci meu primeiro comando de Unidade isolada e recebi a Ordem do Mérito Militar.

Progridi profissionalmente e, muito, na vida pessoal. Hoje, com 78 anos, casado há 54 anos, com três filhos e oito netos, volto meus olhos para o passado e acho que a guerra ensinou-me muito a viver...

Em meu livro recente, *A Guerra Proscrita*, trago à colação o seguinte conceito:

“A História tem sido um valioso escrínio da razão da civilização. Nesse ‘cofre virtual’ estão registrados os significativos acontecimentos na vida do homem, permitindo sua releitura muitos séculos depois...”

Por isto, o estudo da HISTÓRIA CRÍTICA fornece hoje subsídios valiosos para novas comparações e avaliações de acontecimentos pregressos, dando-nos outros ensinamentos que a HISTÓRIA DESCRITIVA não registrou... É o caso da Força Expedicionária Brasileira (FEB), com seus insucessos e glórias, revistos sob um ângulo novo que remonta aos idos de 1940 e nos traz para realidades e premonições do início do milênio. Tenho a ousadia de fazer uma síntese da HISTÓRIA CRÍTICA, ultra-simplificada, do que foi a FEB para o Brasil e para o Mundo (Quadro incorporado à minha Pasta).

Há quem diga, por maldade ou ignorância, que o Brasil chegou ao final da guerra encontrando os alemães mal armados e posicionados, com efetivos insuficientes para deter os aliados na Itália.

Assim, nós teríamos ido para receber as coroas de louros dos vencedores...

A realidade, porém, é bem outra.

A Alemanha esbanjou poder militar, tanto pelas aguerridas tropas que preparou como pelo forte suporte de material bélico que produziu, incluindo aviões e carros-de-combate de alta eficiência.

Com a cobiça dos imperialistas e os princípios hegemônicos do pan-germanismo, Hitler impôs o nazismo a um domínio tão amplo que não teve paralelo na História. Em 1942, dominava a Europa Ocidental, a Dinamarca e a Noruega, todo o Norte da África, desde a Tunísia e Líbia até o Egito, ocupava metade da Polônia e tinha um pacto de não agressão com a URSS.

Entre janeiro de 1942 e julho de 1944, a Alemanha triplicou a produção de armamentos.

A Alemanha vencia a guerra quando o Brasil declarou o estado de beligerância em agosto de 1942.

Nessa época (junho de 1942), a Alemanha invadiu a URSS com 3,1 milhões de soldados e já estava às portas de Moscou, lutando em Stalingrado e Leningrado, em fevereiro de 1943.

Quando a FEB foi criada em 9 de agosto de 1943¹, englobando a 1ª DIE e elementos não Divisionários e dos Serviços Gerais, totalizando 25.334 homens, a Sicília havia sido, há apenas um mês, tomada (julho de 1943) e, em setembro do mesmo ano, o Gen Montgomery desembarcara comandando americanos e ingleses na ponta da bota italiana, movendo-se lentamente, com visível dificuldade, para o Norte. Quase ao mesmo tempo, o Gen Mark Clark desembarcara em Salerno, encontrando resistência tão forte, que chegou a cogitar de retirar-se das praias...

Quando a FEB (1ª escalão) chegou a Itália em julho de 1944, Roma havia sido capturada depois da célebre batalha de Monte Casino. Nossa tropa entrou em combate, com um Destacamento sob o Comando do Gen Zenóbio da Costa, no Vale do Serchio, em setembro do mesmo ano, atuando decisivamente para o recuo da linha de contato com os alemães. As vitórias de Camaione e Monte Prato foram resultantes de uma primeira ação dos brasileiros, sob todo os ângulos, espetacular.

Daí para a frente, a FEB foi prestigiada e promovida por seu eficaz desempenho, que lhe trouxe um alto conceito junto ao V Exército de Mark Clark, passando a lutar no Vale do Reno, onde se travavam os combates decisivos na frente italiana.

Vale lembrar que só em 5 de junho de 1944, os Aliados desencadearam a Operação *Overlord* com o desembarque na Normandia, chegando a Paris em luta aguerrida, para a declaração de libertação por De Gaulle em 25 de agosto de 1944. Para este êxito, a França havia concorrido com somente nove divisões.

Outro “mito” ou “estória” contada de várias formas é sobre a defensiva alemã no inverno de 1944-45, na chamada Linha Gótica nos APENINOS, que teria sido uma tênue defesa por soldados bisonhos, ainda adolescentes...

¹ Tendo sido nomeado para comandá-la, em 8 de dezembro de 1943, o Gen Div João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Essa Linha Defensiva foi muito bem planejada pelo Gen Kesselring que vinha comandando a resistência alemã desde a invasão dos aliados na Península italiana. Ele chegou a contar com 28 divisões, das quais a FEB teve contato com 13 que, embora incompletas em seu armamento de apoio, tinham supremacia do terreno para enfrentar as 20 dos Aliados, inclusive a brasileira. Acresce que a nossa tropa teve ainda que suportar os rigores do inverno, com temperaturas de até 18 graus negativos (frio, neve, lama), agravados pelo terreno montanhoso e minado, pleno de precipícios e de cotas elevadíssimas, onde o inimigo contava com o completo domínio de vistas e de fogos sobre nossas posições.

Nos ataques frustrados ao Monte Castelo, a FEB atacou sozinha em toda a frente italiana. O ataque vitorioso, quando tivemos, finalmente, o flanco protegido, foi consagrador e taticamente perfeito.

Na Ofensiva da Primavera, de abril a maio de 1945, a FEB atuou com máxima eficácia.

No Aproveitamento do Êxito e na Perseguição, após a sangrenta vitória de Montese, renderam-se à 1ª DIE, em Collecchio e Fornovo, 15 mil combatentes (duas divisões com 2 generais) e a nossa Divisão foi se unir às forças francesas em Susa.

Em toda campanha, a 1ª DIE capturou 20.573 prisioneiros e teve apenas 35 homens aprisionados, dado impressionante que mostra o que foi o excepcional soldado brasileiro.

Para finalizar, não é sem tristeza que apresento as conclusões que julgo mais importantes.

- O Brasil entrou na guerra por solidariedade continental, o que nos valeu o afundamento de 36 dos nossos navios mercantes, totalizando 150.209 toneladas (Fonte: Mario Calabria – *O Problema das Reparações de Guerra* – RJ – 1948 – MRE).

- Fez um esforço que não podia fazer. Sacrificou sua economia, seu desenvolvimento e submeteu o povo a duro racionamento. Estava despreparado militarmente e a situação socioeconômica era muito deprimente.

- Recebeu pelo *Lendlease* dos EUA armamento militar moderno pago por nós integralmente no valor de US\$ 361 milhões (hoje 3,61 bilhões, preço da venda da nossa Vale do Rio Doce).

- De um saldo congelado de nossas exportações, creditaram-se para os aliados US\$ 2 bilhões, na área do dólar, e US\$ 877 milhões, na área da libra.

- Após a guerra, não recebeu o ressarcimento de seus prejuízos, excluído da Conferência de Reparações de Guerra, Paris (1945).

- Ajudou países derrotados, como a Itália, hoje integrantes do G-7 e, apesar da vitoriosa campanha, não melhorou seus índices indicativos de país do 3º Mundo.

– Arcou, de 1942 a 1945, com a área global de US\$ 6 bilhões (hoje US\$ 60 bilhões) pela sua participação na guerra.

Não teve, portanto, benefícios em relação aos custos, apesar de todos os êxitos obtidos, calcados em tanto sacrifício, como mostro claramente, valendo-me, agora, da palavra inquestionável do próprio Comandante da FEB, divulgada logo após a capitulação das tropas alemãs na Itália, através de uma Ordem do Dia, publicada no Boletim Interno da 1ª DIE, de 3 de maio de 1945, de onde se extrai os seguintes termos²:

“[...] A Força Expedicionária que representou o Brasil nesta sanguinolenta guerra, cumpriu galhardamente a missão que lhe foi confiada, mercê de Deus e a despeito de condições e circunstâncias adversas. Num terreno montanhoso, a cujos píncaros o homem chega com dificuldade; num inverno rigoroso que a totalidade da tropa veio enfrentar pela primeira vez e contra um inimigo audacioso, combativo e muito bem instruído, podemos dizer assim mesmo, e por isso mesmo, que os nossos bravos soldados não desmereceram a confiança que neles depositavam os seus chefes e a própria Nação Brasileira.

*Após oito meses de luta, em que, como todos os exércitos, sofremos pesados reveses e obtivemos brilhantes vitórias, o balanço de uns e outros mostrou-se favorável às nossas Armas. Desde o dia 16 de setembro de 1944, a FEB percorreu, conquistando ao inimigo, às vezes palmo a palmo, mais de quatrocentos quilômetros de Lucca a Alessandria, pelos vales dos rios Serchio, Reno e Panaro e pela Planície do Pó; libertou quase meia centena de vilas e cidades; sofreu mais de duas mil baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos; fez o considerável número de mais de vinte mil prisioneiros, vencendo pelas armas e impondo a rendição incondicional a duas divisões inimigas. É um registro deveras honroso e de vulto para uma Divisão de Infantaria. Um dia se reconhecerá que o seu esforço foi superior às suas possibilidades materiais, porém, plenamente consentâneo com a noção de dever e amor à responsabilidade, revelados pelos nossos homens em todos os degraus e escalões da hierarquia, e em todas as crises e circunstâncias da campanha, que neste instante acabamos de encerrar.”*³

Para corroborar os êxitos alcançados em 239 dias de combate, a 1ª DIE recebeu citações especiais dos comandantes das grandes unidades dos aliados, nomeadamente o Ten-Gen Mark Clark, Cmt do 15º Grupo de Exércitos e antes do V Exército, o

² Transcrito do livro “A FEB PELO SEU COMANDANTE”, Mal. J. B. Mascarenhas de Moraes – 431 pág. – 1ª edição – Instituto Progresso Editorial S.A. – São Paulo – SP – 11 Mar 1947

³ Durante sua ação, a FEB fez 20.573 prisioneiros, teve 457 mortos (13 oficiais e 444 praças), sofreu 35 prisioneiros, 1.577 feridos em combate, 487 acidentados em ação de combate e 658 acidentados fora das linhas de combate. Dos 25.334 homens levados à Itália, 15.069 pertenciam a 1ª DIE.

Ten-Gen L.K.Truscott, Cmt do V Exército e Maj-Gen Willis D. Crittenberger, Cmt do IV Corpo de Exército ao qual estávamos diretamente vinculados. Este último, logo após o êxito do ataque ao Monte Castello, enviou ofício ao Comandante da FEB, datado de 26 de fevereiro de 1945, no qual consta o seguinte trecho:

*“Na captura de Monte Castelo e no avanço subsequente contra tenaz resistência inimiga foi revelado, por parte da Força Expedicionária Brasileira, um espírito altamente satisfatório... A coordenação de vosso ataque, tanto entre as próprias unidades como com a Divisão vizinha, evidenciou um meticuloso plano de Estado-Maior e uma excelente supervisão do campo de batalha. O honroso desempenho das tropas brasileiras estabelece um padrão elevado que servirá para estimular todos os outros elementos de vossa Divisão, quando chegar a oportunidade de lançá-los em nossas ações ofensivas.”*⁴

Foi, também, da mesma autoridade, a carta dirigida ao Comandante da 1ª DIE, acerca de nossa participação na Ofensiva da Primavera, cujo trecho abaixo tanto sensibilizou o Gen Mascarenhas a ponto de incluí-lo, com destaque, na folha de rosto de seu livro⁵:

“Os feitos da Força Expedicionária Brasileira, sob o comando de V.Exª, durante a Campanha do IV Corpo na Itália, terão lugar proeminente quando for escrita a história da Segunda Guerra Mundial.” (Boletim Interno da 1ª DIE, de 13 de junho de 1945)

Essa é uma verdade que a História deve proclamar. Verdade que os fatos comprovam e os pósteros podem se orgulhar. O Brasil ajudou a virar a página negra do apanágio do Nazismo no Mundo contemporâneo!

⁴ Obra citada anteriormente.

⁵ Obra citada anteriormente.

Coronel-Aviador Renato Goulart Pereira*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, RJ. Oriundo da Escola Naval, onde ingressou em 1940; transferiu-se para a Escola de Aeronáutica dos Afonsos, em 1942, vindo a formar-se, em 1943, Aspirante-a-Oficial da Aeronáutica. Realizou, como Oficial, os cursos de Instrutor de Pilotagem para Cadetes; de Piloto de Caça, na Força Aérea do Exército americano, no Panamá; Instrutor de Tática Aérea (CTA); de Piloto a Jato no caça P-80, na Força Aérea americana; de Piloto no avião Viscount, Inglaterra. Como Aspirante-a-Oficial, por ser voluntário, foi designado para o 1º Grupo de Caça, onde ficou de 1943 a 1949, estando, de fevereiro de 1944 a julho de 1945, no exterior – Panamá, EUA e na Campanha da Itália. No 1º Grupo de Caça, como subalterno da Esquadrilha Azul, tomou parte em 93 missões de guerra, fazendo bombardeio picado e rasante, ataques no solo, com metralhadoras e foguetes, e cobertura a aviões de bombardeio. Após a Guerra, continuou no 1º Grupo de Caça, como instrutor de voo. Em 1950, foi para o CTA e, daí, para o 1º/10º Grupo de Aviação, voltando a Santa Cruz em 1954, para comandar o 2º/1º Grupo de Caça. Em 1956, foi designado Aj 0 e piloto do Presidente Juscelino. Como Tenente-Coronel-Aviador, em 1958, comandou o Grupo de Transporte Especial. Esteve na Comissão Aeronáutica Brasileira, Washington. Em 1961, foi para o Comando Aerotático Terrestre até deixar o serviço ativo em 1962, com promoção a Coronel-Aviador. Dentre as condecorações recebidas pela sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha da Campanha da Itália, Medalha Cruz de Aviação, Medalha do Atlântico Sul; *Presidential Unit Citation* (EUA); *Distinguished Flying Cross* (EUA); *Air Medal* (EUA); Ordem do Mérito Aeronáutico (Itália) e Medalha da Cruz de Aviz (Portugal).

* 2º Tenente-Aviador do 1º Grupo de Caça, entrevistado em 7 de março de 2001.

A minha carreira militar iniciou-se na Marinha. Passei em oitavo lugar no concurso para a Escola Naval e, após um ano e meio nessa instituição, onde fui também jogador de basquete, fiz um estágio na Base da Marinha, no Galeão. Foi quando tive a oportunidade de voar, o que me deixou muito entusiasmado. Então, no fim do ano, mesmo tendo tirado dez em oficialato, resolvi pedir transferência para a Aeronáutica, cujo Ministério havia sido criado recentemente. Depois de muita relutância, a Marinha me liberou. Além disso, o Ministro da Marinha dizia que “esse negócio de aviação” era bobagem e ia acabar. Enfim, em agosto de 1943, depois de passar pelo curso dos Afonsos, fui declarado Oficial Aviador, sendo que, um mês antes, eu já dava instrução de pilotagem para cadetes. Desse treinamento nos Afonsos, saí com o solo e toda a sequência da instrução.

No fim do ano de 1943, alertado de uma missão especial, embora não soubesse do que se tratava, apresentei-me como voluntário. Fui um dos primeiros a ser chamado. Inicialmente, éramos treze pilotos. Fomos ao Recife com o objetivo de solar o P-40, o avião de caça que estava sendo usado naquela época. Terminado o nosso estágio em Pernambuco, voltamos ao Rio, onde fui designado para ir para Albrook Field, no Panamá, com dez praças, sargentos e soldados. Com isso, eu já estava incluído no 1º Grupo de Caça.

Quando chegamos à Base Aérea de Albrook Field, havia apenas três oficiais brasileiros lá, mas outros colegas foram chegando e, no final, éramos cerca de 450 militares da Aeronáutica no Panamá. Desse total, fazia parte também um grupo de 32 homens que, juntamente com o Comandante, o então Major Nero Moura, estiveram primeiramente na Escola de Tática Aérea em Orlando, na Flórida. Após a chegada do Comandante e seu grupo chave dos Estados Unidos, todos nós fomos para a Base Aérea de Aguadulce, no Panamá, onde foi feita uma rigorosa seleção, baseada em critérios médicos e alguns não foram aprovados, tendo que regressar ao Brasil. É interessante comentar que todos ficavam apavorados com o dentista americano, que, ao ver algum problema, queria logo arrancar o dente daquela pessoa; não se fazia um tratamento dentário. Posteriormente, nós, pilotos, passamos por uma seleção de voo. Também o pessoal de terra (mecânicos, soldados, responsáveis pelo armamento e outras especialidades do avião) enfrentou o processo de seleção. Após um período de três a quatro meses, ainda no Panamá, soubemos que havíamos sido selecionados.

Essa estada em Aguadulce nos proporcionou uma experiência muito boa. Era um lugar completamente isolado. Além disso, vivenciamos muitas dificuldades. Metade da pista tinha placas de aço e a outra metade era de terra. O treinamento foi muito duro. Quando já estávamos operando como um Esquadrão independente, apesar de termos tido sempre a supervisão dos instrutores de voo americanos, passamos

a fazer parte do esquema de defesa aérea do Canal do Panamá. Uma Esquadrilha, com quatro aviões, ficava sempre de sobreaviso. Quando tocava o alarme, nós tínhamos dois minutos para estar dentro do avião, dando partida para decolar. Tínhamos que ser muito rápidos, porque era necessário interceptar qualquer avião que entrasse na zona do Canal. Lamentavelmente, nesse período, perdemos o Gastaldoni, que era um excelente piloto. Ninguém sabe o que realmente aconteceu.

De Aguadulce voltamos, por via terrestre, para Albrook Field. Depois, em um navio de transporte americano, atravessamos o Canal do Panamá e fomos até Norfolk, na Virgínia, onde permanecemos em quarentena, o que era obrigatório para todos aqueles que chegassem do estrangeiro. Em seguida, fomos de trem para o nosso destino, a Base de Suffolk, em Long Island, perto de Nova York. Foi lá que conhecemos o P-47, que era muito melhor do que o P-40, não só em potência de motor, mas nas qualidades de vôo; em outras palavras, um avião de primeira linha da United States Air Force que, naquela época, era a Força Aérea do Exército americano. Sem dúvida, o nosso treinamento foi muito bom e constituiu-se, basicamente, em solar o avião, realizar vôos de formatura, treinamento de combate, tiro terrestre e um pouco de tiro aéreo. Também fazíamos viagens diurnas e noturnas.

Nesse período, também tivemos momentos de lazer. Como a nossa Base ficava a duas horas de trem de Nova York, nós passávamos os finais de semana lá. Quase todos arranjaram uma namorada. Quando íamos aos *night clubs*, era comum os americanos pararem a música para nos aplaudir, pois viam que tínhamos “Brasil” escrito em nossos braços. O fato de eles sempre prestarem homenagem aos brasileiros nos cativou muito.

Tanto no Panamá como nos Estados Unidos, destacou-se uma figura extraordinária do Exército americano: o Capitão, comissionado Coronel, Disosway. Ele acordava todo dia muito cedo e era um dos primeiros a entrar no vôo para dar instrução. Ele costumava fumar charuto, quando em vôo no P-40. O mais importante é que foi ele quem criou o espírito de Corpo do nosso Grupo.

Finalmente, chegou o momento de embarcarmos para a Europa. Quando terminou o treinamento nos Estados Unidos, Pessoa Ramos, Perdigão e Waldir, além do Prates, Roche e Pereyron, estes últimos oficiais da Reserva da FAB, juntaram-se a nós e fomos todos para a Itália no navio francês *Colombie*, que estava à disposição dos Estados Unidos. Esse navio transportou muita gente. Durante os 14 dias de viagem de Nova York para Livorno, fazíamos duas refeições por dia e a comida era fantástica; o rancho funcionava 24 horas por dia.

Desembarcamos em Livorno e tivemos um impacto muito grande. A cidade havia sido destruída por navios e aviões. Sentimos, ali, que estávamos na guerra.

Logo depois, fomos transportados num trem muito desconfortável para a Base Aérea de Tarquinia. A viagem durou a noite toda. Quando chegamos lá, no dia seguinte, encontramos italianos passando muita necessidade. As pessoas estavam numa situação realmente desesperadora. Ainda tivemos uma outra surpresa: mostraram-nos um campo de agricultura e disseram: “A Base de vocês vai ser aí.” Só havia uma pista, com uma metade de concreto e a outra de placas de aço sobre a terra. Também tivemos que montar o acampamento. Só que à noite desabou um temporal e as estacas começaram a soltar, porque o terreno era muito fofo. Não tínhamos experiência em montar barracas, mas o Comandante parou tudo e disse: “Vamos, primeiro, organizar o nosso acampamento, exatamente como deve ser feito.” Rapidamente o fizemos e já começamos a nos preparar para voar.

Com certeza, durante o período de aproximadamente dois meses em que estivemos em Tarquinia, vivemos dias difíceis. Era solo arado. Quando chovia muito, não era fácil taxiar os aviões e, quando aquela área secava, enfrentávamos muita poeira. O 1º Tenente-Aviador Neiva de Figueiredo, também engenheiro, que faleceu há um ano, ajudou-nos muito. Mas aquele verdadeiro pântano ficou para trás quando o *front* avançou e recebemos ordem para nos deslocarmos para Pisa. Então, um escalão foi via terrestre e nós saíamos para as missões e, na volta, já pousávamos em Pisa.

Ainda em Tarquinia, por sinal, poucos dias após termos chegado à Base, passamos ao controle operacional do *350º Fighter Group*, da United States Army Air Force, que passou a ter quatro esquadrões com a chegada dos pilotos brasileiros. O que nós, no Brasil, chamávamos de Grupo era um Esquadrão para os americanos.

O nosso relacionamento com os americanos, no começo, foi difícil, principalmente, por causa da barreira da língua. Havia oficiais que falavam inglês e ensinavam o que sabiam aos companheiros. Isso já facilitava um pouco. Com a convivência, nós fomos aprendendo. Os hábitos alimentares também eram diferentes. O arroz era apenas cozido; não era solto como o nosso. O feijão era feito com melado e ainda faziam uma salada de repolho que era temperada com um molho branco diferente. Era complicado para alguns companheiros. Outros, como eu, desde o começo, comeram de tudo.

Eu quero ressaltar que, de forma geral, os americanos são excelentes pilotos; são profissionais disciplinados, técnicos e dedicados. Embora a maioria tenha sido de oficiais convocados para a guerra, eles demonstraram muita garra nas missões.

Os americanos também foram responsáveis pelo fato de termos usado o P-47 na Itália. Eles tinham esses aviões disponíveis e, além disso, nós íamos realizar uma missão de caça-bombardeiro, para a qual o P-47 era indicado. Ele foi projetado para voar acima de 26 mil pés, que correspondem a quase oito mil metros. A essa altura, um supercompressor alimenta o carburador e dá uma potência formidável ao avião.

Como durante o período em que estivemos na Itália, não havia mais aviões inimigos porque eles tinham sido retirados de lá para defender a Alemanha, a nossa missão era fazer a interdição do campo de batalha, isto é, evitar que os comboios passassem para alimentar o *front*. Nós destruíamos depósitos de munição e veículos motorizados. Pensava-se da seguinte forma: “Quem tem gasolina está do lado dos alemães, logo, precisa ser eliminado.” Eu mesmo, uma vez, estava no Sul, fazendo um ataque rasante contra o Sol e a visibilidade não era boa. Quando vi um veículo, atirei imediatamente. Só notei que se tratava de uma ambulância depois que já tinha atirado. Houve uma explosão grande demais; na realidade, estavam carregando munição naquele veículo.

O nosso Grupo teve uma performance muito boa. Conquistamos a confiança do Comandante do *350^o Fighter Group*, o Coronel Nielsen, que, além de ter-se tornado um grande amigo nosso, recomendou, logo após a guerra, que fôssemos condecorados com a *Presidential Unit Citation*. Por norma, somente unidades americanas recebem tal comenda, mas houve duas exceções: o nosso 1^o Grupo de Aviação de Caça e uma unidade francesa. Passaram-se 41 anos até que essa condecoração nos fosse entregue pelo Secretário de Defesa dos Estados Unidos, que veio ao Brasil representando o então Presidente Ronald Reagan. Pode ter sido uma ação política, mas o que importa é que fizeram justiça ao nosso mérito.

Mesmo durante a guerra, houve outras demonstrações de reconhecimento do nosso profissionalismo. Comumente, o 350^o era elogiado. Conseqüentemente, mensagens como “forças terrestres informam que o bombardeio picado sobre Vergatto foi devastador e acurado. Tudo por lá está queimando”. Eram recebidas por nós com vibração, pois fazíamos parte desse Grupo. O interessante é que os mecânicos também participavam; eles formavam uma verdadeira torcida. Por outro lado, quando acontecia de uma Esquadrilha não voltar completa, era um constrangimento geral até que se descobrisse o que realmente havia acontecido com o piloto. Soubemos que os integrantes da FEB também se preocupavam conosco. Eles ficavam atentos ao número de aviões que passavam e quando voltava um a menos, por exemplo, eles sofriam muito.

Já que falei sobre o envolvimento emocional dos mecânicos, não posso deixar de comentar sobre o trabalho que fizeram. A nossa manutenção era muito bem feita. Havia muita cooperação entre eles. Se um avião voltasse com algum problema, não ia só o pessoal daquela esquadrilha resolvê-lo; os outros também participavam. Com isso, nós tínhamos uma disponibilidade altíssima. Éramos quase sempre o primeiro ou segundo lugar na manutenção.

Uma outra figura excepcional foi o Coronel Nero Moura, um grande Comandante. Ele nos tratava como filhos, inclusive com a energia que um pai deve ter. Fez um trabalho muito bom com os americanos e cativou-os com o brilho da nossa Unidade.

Temos também recordações tristes daquela época. O primeiro piloto a ter que saltar de pára-quedas, por ter sido atingido pela Artilharia Antiaérea inimiga, foi o Motta Paes. Quando aterrou, foi logo feito prisioneiro. Mandaram-no para o interior da Alemanha e depois para Stettin, perto da Polônia. Esse companheiro sofreu muito e ficou muitos meses como prisioneiro.

O Tenente Brandini, ao saltar do avião, foi atingido por um estilhaço de granada no parietal esquerdo. Por sorte, ou melhor, devido a um pressentimento, ele estava segurando a alça do pára-quedas e, por instinto, comandou-a antes de desmaiar. Ele chegou ao solo ainda desacordado e foi recolhido pelos alemães, que, por sinal, operaram-no muito bem. Entretanto, quando se recuperou, pelo menos parcialmente, pois ainda se encontrava com a cabeça ferida, teve que caminhar pelo interior da Alemanha. Sofreu muito. Após o fim da guerra, ele foi para os Estados Unidos, onde colocaram uma proteção de platina em sua cabeça.

O Assis foi outro prisioneiro que sofreu muito. Quando voltou para a nossa Base, quase não comia e passou muito mal no campo de concentração. Foi submetido a um tratamento médico complicado. Eu era muito amigo dele. Ele morreu aqui no Brasil há pouco tempo. Quem esteve com ele em um campo de concentração foi o Correia Neto, que foi logo apanhado pelos alemães, após ter saltado de pára-quedas.

Há, porém, histórias de companheiros que tiveram sorte. Um que conseguiu escapar milagrosamente foi o Danilo Moura, irmão do Coronel Nero Moura. Quando ele saltou de pára-quedas, bateu com o queixo no joelho e cortou a língua. Por ter uma barba muito cerrada, ficou num estado pavoroso, parecendo um mendigo. Além disso, ele só se comunicava por gestos, porque não podia falar nos primeiros dias após o salto. Com isso, ele foi fugindo. Passou por várias situações. Um dia, chegou a uma barbearia e pagou o serviço com uma nota de mil liras, que era uma quantia muito alta na ocasião, já que os alemães não deixavam inflacionar o dinheiro. Então, ele ficou com aquela nota para pagar o barbeiro e as pessoas ao seu redor não entendiam nada. Num outro momento, até tentou e conseguiu subornar um guarda para atravessar o Rio Pó. Após tantas outras aventuras, ele finalmente chegou a uma cidade onde viu uma senhora num velho sobrado. Pensou: “Ela vai me auxiliar.” Realmente, ela o apresentou aos *partisans* que o ajudaram a chegar a Florença. Lá, após ser interrogado, ele telefonou para o irmão em Pisa. Com o Danilo, chegou também uma temporada de ópera em Pisa. O teatro municipal da cidade era uma espécie de preliminar para as companhias que iam participar das óperas principais da Itália. Durante essa temporada, em que só iam militares, Rui Moreira Lima, Perdigão e outros, que gostavam de cantar, resolveram prestar uma homenagem ao regresso do Danilo. O resultado foi uma ópera que é a própria história vivida por

Danilo. Eu não tenho esse espírito e não participei nem da composição nem da representação em Pisa, mas eles tiveram esse gesto muito interessante, que até hoje contamos para as novas gerações.

O Kopp, que era descendente de alemães, também foi feliz. Ele saltou de pára-quedas e foi logo apanhado pelos *partisans*. Esteve refugiado durante muito tempo. Quando terminou a guerra, eu e o Lima Mendes fomos com ele procurar a sua mãe e a sua irmã, que moravam no Lago de Garda, mas não as encontramos. Porém, antes disso, nós passamos pelo território onde ele estivera refugiado e lá ele encontrou vários dos italianos que o haviam ajudado. Foi uma festa muito grande. No fim, deram-nos um barril de vinho tinto. Bebemos por um bom tempo e depois fomos para Milão, onde ele finalmente encontrou a mãe e a irmã. Essa irmã, apesar de jovem, era viúva de um conde. Como falava muito bem inglês e alemão, ela serviu de intérprete para a rendição de Milão. Inclusive, um Coronel alemão estava sob custódia na sua casa. Eu o conheci e trocamos muitas idéias, pois ele falava um pouco de inglês. Lembro-me de um dia em que fomos almoçar na fazenda de uma amiga da irmã do Kopp, que ficava a umas duas horas de automóvel de Milão. No dia seguinte ao passeio, ele foi preso. Na verdade, ele já estava preso sob custódia; apenas o recolheram novamente. Depois eu não soube mais dele, mas tenho ainda uma medalha alemã com uma cruz de ferro que ele me deu.

Um outro caso foi o de um dos meus companheiros de quarto, o Coelho, que foi abatido pela Artilharia Antiaérea inimiga em sua 86ª missão e saltou de pára-quedas. Quando estava descendo, o seu pára-quedas foi atingido por tiros de metralhadora e ele acabou se chocando violentamente com o telhado de uma casa. Fraturou as duas pernas. Após ser retirado do telhado, os dois italianos que o haviam alvejado queriam matá-lo, mas um cabo alemão defendeu-o. Após uma série de acontecimentos, Coelho foi hospitalizado. Os oficiais médicos trataram-no muito bem. Quando o *front* já estava se aproximando muito e ele já estava melhor, o Comandante alemão teve que partir e, então, passou o comando do hospital para o Coelho, dizendo: “Você ficará encarregado de manter a disciplina e proteger os feridos alemães que estão aqui e não podem ser locomovidos.” E, assim, ele desempenhou a sua função de Comandante, com muita eficiência.

O Joel Miranda também foi parar em um hospital. Ele saltou de pára-quedas e luxou a omoplata. Os *partisans* conseguiram que ele tirasse uma radiografia no hospital alemão, enquanto umas freiras faziam uma festa para desviar a atenção deles. Joel conheceu outras pessoas que também o ajudaram muito em sua fuga depois do pouso, inclusive uma moça que, no ano passado, esteve no Brasil recebendo condecorações da nossa FAB. Hoje ela está casada, é professora universitária e deputada.

Sorte mesmo teve o Canário, que, se não me engano, era o piloto mais novo do Teatro de Operações na Itália. Ele estava fazendo um vôo quando bateu numa chaminé, o que arrancou um pedaço da asa, mas o avião continuou voando e nada lhe aconteceu. Numa outra ocasião, ele foi obrigado a saltar de pára-quedas e o mesmo se prendeu numa árvore. O Canário não conseguia sair dali, embora estivesse a um metro do chão. Foi quando ouviu uns palavrões em português e gritou: “Sou brasileiro!” Logo, apareceu o pessoal da FEB. Ele havia pousado no território deles e, no dia seguinte, já estava num vôo.

No entanto, nós tivemos perdas lamentáveis. Na Base de Tarquinia, assistimos a um acidente terrível. Rittmeister e Waldir voavam com um cinegrafista americano no C-47. Este faria uma filmagem de uma Esquadrilha brasileira para uma propaganda da Força Aérea do Exército americano, que estava empolgada conosco, e os dois brasileiros fotografariam os colegas nos aviões P-47. Mas houve um choque no ar entre o C-47 e um *Thunderbolt* e esses dois colegas morreram na explosão. Felizmente, o piloto do P-47, o Perdigão, conseguiu saltar de pára-quedas e salvar-se. Nessa ocasião, eu tinha ido a Roma e não estava na Base, mas sei que o moral do Grupo ficou muito baixo, principalmente porque naquele mesmo mês de novembro de 1944 já havíamos perdido dois outros companheiros, o Cordeiro e o Oldegard Sapucaia. Este foi vítima de um problema de fabricação no avião. A série D dos *Thunderbolts* foi lançada apressadamente em plena guerra. Se tivesse a velha quilha que ia do leme à nacele do piloto, como nos modelos antigos, nada teria acontecido. Por ironia do destino, dois dias após o acidente, o fabricante do avião comunicou-nos sobre essa falha e proibiu qualquer manobra em que o piloto tivesse que cruzar os comandos, mas a informação veio tarde demais para o Oldegard. Com o tempo, nós fomos nos recuperando com relação a essas perdas iniciais.

Em abril de 1945, Santos morreu quando estávamos cumprindo, juntos, uma missão em Spilamberg, entre Casarsa e Udine, no Norte da Itália. Eu ataquei um depósito de munição e ele atacou o depósito ao lado, sendo que, após o ataque, eu recuperei logo para a esquerda. Mas ele não teve tempo. Quando ia recuperar, houve a explosão, que lhe arrancou uma asa. Ele tentou se salvar saltando de pára-quedas, mas não havia altura suficiente para tal.

No final da guerra, o Dornelles morreu durante um ataque a uma locomotiva em Alessandria. O mais estranho é que ele teve a premonição do que aconteceu e fez um testamento nas vésperas desse vôo.

Por falar no fim da guerra, eu fui o último a saltar de pára-quedas. Eu era o número três dessa que foi a minha 93ª missão. Quando íamos regressar, eu, que já estava a uns mil metros de altura, pedi licença para sair da formatura, porque tinha

visto um canhão puxado por seis cavalos brancos. Abri fogo, mas fui abatido pela Artilharia Antiaérea. A princípio, pensei em saltar. Depois, como o motor estivesse muito bom, achei que não era mais necessário; para mim, a asa que estava pegando fogo resistiria a um pouso cuidadoso. Havia acertado na caixa de munição, que estava, mais ou menos, pela metade. Esse material começou a explodir e eu fui ganhando altura. Quando passei perto do lago que fica a Oeste de Veneza, vi que os alemães tinham dinamitado aquela área; era um enorme lamaçal. O Horácio, que estava comandando a nossa Esquadrilha Azul, disse para mim: “Goulart, pula porque o teu avião está muito ruim.” Eu respondi: “Não mais. O avião está bom.” Mas ele insistiu: “Você não está vendo. O fogo está passando para o centro do avião. É melhor você saltar, senão, você vai virar churrasco.” Mesmo assim, ainda pedi que ele esperasse mais uns cinco minutos.

Enfim, passei o lago, eu estava alto, a mil e quinhentos pés, aproximadamente quinhentos metros, mas o avião estava difícil de ser controlado, porque a asa havia sido atingida. A carenagem da munição estava aberta. Já sem o *canopy*, eu tirei todos os suspensórios e fiquei de cócoras no avião. Logo depois, saltei. Fui descendo mansamente. Eram cerca de 10 horas da manhã e comecei a ver um burburinho num vilarejo próximo. As pessoas corriam. Eu pousei num campo que acabara de ser arado. Nasci novamente. O pára-quedas nem voou; ele murchou em cima de mim. Logo, chegaram dois sargentos ingleses que me deram assistência. O meu avião havia caído a uns 50 metros de uma casa; ele abriu uma enorme cratera no solo, mas não chegou a explodir. Pedi aos sargentos para ver esse local. Chegando lá, tirei uns pedaços do avião para guardar comigo e os tenho até hoje em minha casa. É uma lembrança para os meus filhos. Já o pára-quedas foi um presente que dei a um dos ingleses. Eles me levaram para a sua Base, onde tomei um chá com o Comandante, um Tenente de Infantaria, que botou um *jeep* à minha disposição. Fui, então, levado até Forlì, que era a Base mais próxima. Passei a noite nessa Base inglesa e, no dia seguinte, fui apanhado por um B-25. Eu já estava escalado para voar à tarde, porém, quando cheguei à Base, disseram-me que as operações haviam sido suspensas. Era dia 1º de maio de 1945.

No dia 8, houve a rendição incondicional. Foi uma alegria indescritível. Bebeu-se muito. Tínhamos motivos para comemorar. Havíamos passado muito tempo sob pressão. Íamos para as operações de guerra sem saber se voltaríamos. Naturalmente, na hora em que o piloto entra no avião, esses pensamentos desaparecem, mas até chegar ao avião e dar partida no motor ele passa por muita apreensão.

Na verdade, aconteceu-me, uma vez, de sentir medo durante uma missão. O fim da guerra se aproximava. Eu era o número quatro da Esquadrilha e, quando o

Comandante da Esquadrilha iniciou o mergulho do bombardeio picado, apareceram as explosões das granadas do 88mm alemão. Olhei para baixo e o vi passando por dentro do prato negro daquela *Flak* infernal e entrando na altura boa da antiaérea de 20mm. Ele ficou envolvido pela fumaça. Senti medo por um instante, mas reagi em seguida. Disse comigo mesmo: “Se não mergulhar, estou liquidado.” De fato, mergulhei e correu tudo bem. Era necessário enfrentar os desafios e cumprir o dever.

Um grande exemplo de garra foi o nosso Comandante Nero Moura. Quando soube que o Comandante do 350º dissera que era necessária uma ação de esforço, ele procurou aquele Comando e afirmou que os brasileiros absolutamente não iriam abrir mão daquela cooperação, apesar de o Grupo ter-se reduzido a apenas 22 pilotos; se preciso fosse, voariam duas, três missões por dia, como, de fato, aconteceu.

Hoje em dia, eu analiso essa situação e chego à conclusão de que o Brasil não estava preparado. Quando o Ministério da Aeronáutica descobriu que os pilotos que estavam na Itália não eram eternos, começou a recrutar pilotos para fazerem treinamento nos Estados Unidos. Se a guerra tivesse demorado mais um mês, teríamos tido muitos brasileiros lá, prontos para entrar em combate. Eles fizeram um treinamento muito bom nos Estados Unidos, mas acabaram não sendo empregados. O próprio Délio Jardim de Matos, que era um excelente piloto e posteriormente foi Ministro da Aeronáutica, fez parte desse grupo.

Mas quem esteve lá representou bem o 1º Grupo de Caça brasileiro. O Horácio, por exemplo, destacou-se por salvar a vida de inúmeros soldados aliados. As tropas terrestres do Exército americano haviam avançado muito. Estavam tão adiante que o Centro de Controle Aerotático não acreditou quando o Horácio, que estava sobrevoando aquela área, identificou os tanques como sendo aliados. A resposta foi uma ordem de ataque, pois tinham certeza de que não tinham amigos naquela posição. Naturalmente, Horácio não os atacou e ainda avisou que se não houvesse um reforço de proteção a essas unidades, os alemães poderiam descobri-las e fechar a brecha aberta por elas, aprisionando-as ou destruindo-as. Como não acreditaram nele, ele entrou em contato com o Coronel Nielsen, que, por sua vez, avisou o Comando do V Exército. Esse Comando, então, mandou reforçar as linhas. Desse dia em diante, nós, brasileiros, passamos a ser os “donos do quintal.”

Os nossos comandantes de Esquadrilha tinham muita experiência. Aqui no Brasil, haviam voado muito no Correio Aéreo Nacional sem auxílio à navegação. Aqui, como na Itália, era tudo visual. Eu mesmo participei de uma missão em que, mais uma vez, a habilidade dos pilotos brasileiros se fez notar. Éramos duas esquadrilhas; uma comandada pelo Lagares e a outra, pelo Assis, seu Subcomandante de Esquadrilha. Não estávamos sozinhos. Mais 16 *Thunderbolts* de um dos esquadrões

do 350º foram escalados. Nós todos saímos para atacar as duas pontes sobre o Rio Pó, em Piacenza. Quando chegamos ao alvo, havia muita neblina normal, além da neblina artificial que o alemão estava gerando. Então, o Lagares, com sua experiência, resolveu aguardar que o Sol dissolvesse o nevoeiro e mandou que reduzíssemos a potência dos motores para economizar combustível. Os americanos não tiveram muita paciência e, meia hora depois, foram embora. Quando o nevoeiro se dissipou, nós iniciamos o bombardeio e destruimos as duas pontes. A Esquadrilha do Lagares destruiu uma ponte e a nossa Esquadrilha, a outra. Recebemos um elogio muito grande do Coronel Nielsen.

Uma outra missão muito marcante para mim foi quando me dei conta da importância da solidariedade no Grupo. Eu estava voando, tendo o Paulo Costa de ala. Eu era o número três e ele era o número quatro. Após o bombardeio picado em depósitos de munição perto da Cidade de Suzara, o líder da Azul resolveu voltar ao local e atacar outra vez os depósitos a metralhadoras. No primeiro passe de Horácio e Lima Mendes, vi quatro posições de canhões 20mm atirando contra eles. Eu e Paulo Costa abandonamos a formatura e fomos atacar as peças de artilharia alemã. Com isso, queríamos destruir os artilheiros, matando-os, como também desviar sua atenção dos nossos companheiros. Um dos canhões me acertou e eu fiquei de cabeça para baixo, mas consegui desvirar e acabei voltando para a Base. Enfim, corremos risco para defender os nossos líderes.

De toda essa guerra terrível, o que mais me impressionou foi o fato de termos chegado ao Panamá, para treinamento, ainda crus, muito pouco preparados, apesar de possuímos, na ocasião, alguma experiência de vôo e termos aprendido a ser uma unidade de caça. Estivemos também nos Estados Unidos e, por fim, aplicamos na guerra o que havíamos aprendido. Graças a Deus, saímos muito bem. Uma outra coisa que também me impressionou muito foi o poderio, o potencial dos americanos em homens e material. O que eles tinham de material era fantástico. Quando se perdia um avião, no dia seguinte, havia outro lá. Só quem tivesse uma grande indústria poderia fazer uma guerra como eles fizeram. Como dizia Napoleão: “Dinheiro, dinheiro e dinheiro são as três coisas que ganham uma guerra.”

O convívio com o povo italiano também deixou boas lembranças. Havia muita camaradagem. Eu, por exemplo, freqüentemente jogava basquetebol com os italianos. Mais quatro ou cinco companheiros do Grupo de Caça me acompanhavam; outros jogavam futebol. Soubemos que os alemães tratavam os italianos mal, mas, com certeza, esses nos receberam muito bem. Fiz amizade com uma menina italiana e eu sempre ia para a casa de uma amiga dela. Quando voava de manhã, passava a tarde lá. Se o vôo era à tarde, eu ia lá de manhã. Uma vez, passei uma semana sem visitá-las e elas foram

ao hotel para saber o que havia acontecido comigo. Por outro lado, sustentei muito essa família durante o inverno, quando a situação se tornou particularmente difícil para eles. Com a chegada da primavera, os italianos, de forma geral, começaram a ter legumes, verduras e frutas, enfim, eles tinham o que comer, mas, no inverno, viviam do trigo que os americanos lhes davam e alguma conserva de carne ou galinha. Quando acabou a guerra, fui a essa casa e eles me receberam com grande alegria. A amizade ficou e, depois que voltei para o Brasil, mantive correspondência com a Isolina. Quando eu estava lá, tinha ela 32 anos e eu, 21. Já a menina que era sua amiga e com quem tive um namorico platônico era novinha. Em 1981, voltei à Itália e a Isolina me contou que a sua amiga estava casada e vivendo em Roma. Pensei em visitá-la, mas a Isolina disse: “Não faça isso; ela está desse tamanho”, referindo-se ao fato de ela ter engordado. Mas eu não fui o único do Grupo a fazer boas amizades.

Dentro do próprio Grupo de Caça, eu tinha muito bons amigos. Lima Mendes e Keller eram grandes amigos. O Keller foi até meu padrinho de casamento. Infelizmente, ele morreu com câncer nos pulmões. Sentimos bastante!

Com relação à volta para o Brasil, eu fiz parte do grupo de pilotos que trouxe os 19 *Thunderbolts* dos Estados Unidos. Na verdade, nós éramos vinte pilotos e 19 aviões, pois um piloto vinha no C-47 que nos acompanhou a fim de nos dar apoio. Nesse regresso, nós paramos em vários lugares, mesmo porque trazíamos aviões de caça que não tinham um alcance muito grande. Os 19 aviões deslocaram de Kelly Field, no dia 5 de julho de 1945, com destino a Brownsville, no Texas, e daí foi iniciada a viagem de volta ao Brasil. De Brownsville, fomos até Albroom Field, no Panamá, pois foi onde iniciamos o treinamento para a guerra. Tivemos alguns pousos intermediários. Lembro-me de ter pousado em Curaçao, Georgetown, Macapá, Belém, São Luiz, Fortaleza, Recife, Salvador, Vitória e, finalmente, no Rio de Janeiro. Em todos esses lugares, fazíamos uma demonstração da guerra. Foram 33 horas de voo.

A nossa chegada ao Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, foi muito festejada. Estavam presentes o Presidente da República, Getúlio Vargas, o Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, e outros ministros. O meu grande amigo, hoje, Brigadeiro Santos Júnior, estava lá também.

Evidentemente, amadureci na guerra. Eu tinha apenas 20 anos quando fui para a Itália e lá adquiri a experiência de ter as minhas iniciativas próprias. A experiência também foi muito boa para o País. Depois que voltamos, conseguimos implantar uma doutrina de aviação de caça, que se espalhou para outras unidades. Também colaborou muito para isso o curso da USBATU (United States Brazilian Training Unit), que foi todo realizado sob a responsabilidade da US Navy (Marinha dos EUA, na Base Aérea de Natal. Era uma Unidade de aviões de patrulha, equipada

com aeronaves *Lockheed* PV-1 VENTURA, com instrutores americanos e que também implantou uma doutrina muito boa. Ao todo 36 aviadores brasileiros compuseram uma Unidade de Patrulha. Foi a primeira Unidade da FAB efetivamente treinada para operações de guerra anti-submarina e equipada com o que de mais moderno havia no mundo naquela época. Estas informações eu as obtive no livro *Força Aérea Brasileira, 1941-61 – Como eu a vi...*, do Brigadeiro Magalhães Motta. Infelizmente, devido à nossa situação econômico- financeira, o Brasil está muito atrasado. Nós não temos a possibilidade de construir os nossos aviões aqui, mas, um dia, chegaremos lá. Precisamos, sim, ter espírito de corpo e manter a vontade de fazer. Posso dar o exemplo da EMBRAER, que está num desenvolvimento fantástico.

Recentemente, os franceses compraram 20% das ações da EMBRAER e vão implantar a construção de aviões de caça no Brasil. Considero essa união com a França muito importante, porque nós precisamos de tecnologia. Como na minha vida civil, participei da venda dos aviões *Mirage* para o Brasil e trabalhei seis anos com os franceses, sei que sua aviação é muito avançada. Eles são muito técnicos, apesar de não terem a grandeza dos americanos.

Outros que se destacam são os russos. O helicóptero russo Mi-26 transporta vinte toneladas. Nenhum outro helicóptero no mundo faz isso. Eles têm também o Mi-17, que é um helicóptero menor, mas também muito bom, e é fornecido para muitos países. A verdade é que os brasileiros não têm a menor simpatia pelo equipamento russo. É uma consequência da rivalidade americana com a Rússia. Inclusive, em 1993, eu estive na Rússia com seis oficiais do Exército. Eles testaram o Mi-26 e o aprovaram, mas o Exército achou que era muito grande para o Brasil. Realmente é muito grande, mas o preço desse helicóptero é muito mais baixo em relação aos americanos. A Ucrânia também tem o maior avião de transporte do mundo; transporta 155 toneladas. Mas a pressão dos americanos e franceses é impressionante!

Acho também que atualmente é mais difícil ser piloto de caça. Para tal, sempre foi necessário ter saúde, boa visão, garra e reflexos rápidos, mas, hoje, os aviões têm muita velocidade e as curvas exigem muito do piloto para se fazer as manobras. Vou contar um fato que ocorreu quando eu era Ajudante-de-Ordens do Juscelino Kubitschek. Uma esquadrilha americana de aviões a jato veio ao Brasil e eles convidaram o Juscelino para fazer um voo. Eu disse: “Presidente, não faça isso. Esse avião, mesmo numa curva na horizontal, puxa uma aceleração muito grande. O senhor não vai se sentir bem.” Ele não quis me ouvir e foi. Quando voltou, estava se sentindo muito mal.

Gostaria também de mencionar, aqui, o filme *Senta a Pua*. Esse filme já foi exibido na televisão, mas, naturalmente, no cinema é muito melhor. Não há quem não goste do filme.

Por fim, quero agradecer a distinção do convite para prestar declarações sobre a minha vida na campanha da Itália e no Brasil, após a guerra. Essa não é a primeira vez que eu colaboro com o Exército. Na Itália, nós tivemos algumas missões de colaboração com a FEB. No Brasil, participei de várias demonstrações de vôo para autoridades do Exército e até de operações durante as nossas revoluções, que, graças a Deus, sempre acabaram num bom-senso. Enfim, sinto-me gratificado pela oportunidade de participar desse valioso Projeto História Oral para as nossas Forças Armadas.

Advogado Joaquim Manoel Xavier da Silveira*

Natural da Cidade de Manaus, Estado do Amazonas. Ingressou na Escola Nacional de Direito em 1943, interrompendo o curso para prestar o serviço militar no tradicional 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, Unidade onde fez a guerra, do princípio ao fim, como Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando. Tomou parte no ataque vitorioso ao Monte Castelo, ganhando, por suas qualidades de combatente e pela bravura demonstrada em ação, a admiração e expressivos elogios de seus comandantes. Diplomado pela Faculdade Nacional de Direito e pela Escola Superior de Guerra, exerceu importantes cargos na iniciativa privada e no serviço público, tendo sido Chefe de Gabinete do Ministro do Trabalho e da Previdência Social, Secretário de Comércio do Ministério de Indústria e Comércio e Presidente da Empresa Brasileira de Turismo. Até hoje, orgulhoso de haver integrado as fileiras do Exército, ocupa a cadeira do poeta Olavo Bilac no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. É autor de dois livros sobre a FEB: *Cruzes Branca – Diário de um Pracinha* (BIBLIEX, 1996) e *A FEB por um Soldado* (BIBLIEX, 2001). Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu a Medalha de Campanha.

* Soldado Operador de Rádio do Pelotão de Transmissões da Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 2 de abril de 2001.

Para que as gerações de hoje compreendam os acontecimentos ocorridos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, é necessário entender o ambiente no Brasil no período entre 1939 e início da década de 1940, relacionando-o à guerra. Esses jovens não têm sido bem informados e muitas vezes são levados pelas distorções que aparecem com o objetivo de confundir, ocultar a verdade, para beneficiar ideologias e posições políticas vigentes.

O espaço social e político naquela época era inicialmente de expectativa e não havia grandes manifestações, porque tínhamos um governo forte, que agia de forma mais fascista do que democrata, no entanto, o interesse pela guerra foi aos poucos incrementando a opinião nacional e, a partir disso, houve um movimento em favor de o Brasil participar, logo após os torpedeamentos, que foram covardes e inesperados, que nos custaram centenas de vidas de brasileiros.

É interessante destacar que em 22 de agosto de 1942, momento em que o Brasil declarou a situação de beligerância às potências do Eixo, a Alemanha era uma potência vitoriosa nos campos da Europa. Neste dia, o Presidente Getúlio Vargas reuniu o ministério, em um ambiente tenso e cheio de expectativa. À tarde, o Departamento de Imprensa e Propaganda do Governo transmitia a seguinte nota à Nação: “O Senhor Presidente da República reuniu hoje seu ministério, tendo comparecido todos os ministros. Diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras, Alemanha e Itália.”

É preciso levar em conta aspectos muito importantes: no momento em que entramos na guerra, a vitória ainda estava longe de ser uma certeza para os aliados, a França estava totalmente dominada, tendo sido invadida e ocupada pelos alemães; o Brasil era uma nação essencialmente agrícola quando se iniciou a formação de sua força expedicionária, em 1943, quase sem indústrias, com uma população em torno de 50 milhões de habitantes, menos da metade de hoje.

Devido à posição que ocupava no Atlântico, o Brasil funcionava como determinante histórico e estratégico, o que fez com que a Nação não pudesse excluir-se de qualquer atividade que tivesse como palco o Atlântico Sul, apesar do seu desejo de permanecer neutro. As bases militares de Natal, Belém, Recife tinham um poder estratégico muito importante. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, ao qual éramos tecnicamente aliados, tornou-se inexorável a marcha do Brasil no conflito, porque os alemães poderiam atravessar o oceano, fazendo ocupação em Belém ou Natal, ameaçando o poder naval dos Estados Unidos, com “golpe de morte” através de bombardeios no Canal do Panamá, que era vulnerável.

Ao ceder suas bases, o Brasil criou condições para que nos tornássemos o trampolim para a vitória, foi através das mesmas que os Estados Unidos ocuparam o

Norte da África e passaram para a Europa. É provável que sem as bases do Nordeste a invasão da Europa pelos Estados Unidos tivesse que ser adiada.

Essa situação atraía principalmente os estudantes e chamou minha atenção. Deixei minha Faculdade de Direito para ir ao encontro de uma missão difícil e espinhosa. Isso aconteceu por uma questão pessoal, subjetiva e de foro íntimo. Sendo estudante na época, pedi a guerra como todos os outros e acreditava que era minha obrigação comparecer para prestar serviço militar. Convocado, no dia 21 de abril, apresentei-me ao Regimento Sampaio. Porém, houve um detalhe burocrático: não tinha idade para ir para a FEB, pois estava com apenas 18 anos. Diante disso, alistei-me como voluntário, comunicando em seguida o que havia feito a meus pais. Isso me deu o respeito dos meus colegas e dos meus oficiais.

Fiquei na posição de soldado raso. Dentre os títulos que possuo existe um em que tenho muito orgulho: o de Soldado de Infantaria do 1º RI, o que é para mim a maior glória e satisfação. É uma página da minha vida que ninguém me tira: minha participação no tradicional Regimento Sampaio.

Ingressei na Companhia de Comando do 1º RI, no Pelotão de Transmissões, na função de radioperador. Este estava dividido em Seção Rádio, à qual eu pertencia, Seção Telefônica e Turma de Mensageiros, da qual também fazia parte, como motorista que era. E, ainda, tinha uma ocupação que os colegas chamavam jocosamente de “manicure”, porque tinha um alicate para cortar arame farpado, de onde surgiu o apelido.

Minha Companhia era comandada pelo Capitão Moziul Moreira Lima, que nos ensinou a ter orgulho de vestir aquela farda verde-oliva, tão mal cortada e malfeita, mas que era o uniforme do Exército de nossa Pátria. Outro personagem que não pode ser esquecido é o Comandante do Regimento, Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, sempre sereno e de muita fibra.

O treinamento aqui no Brasil foi muito insuficiente, bastava dizer que nos preparávamos para uma árdua campanha nos Apeninos, em terreno plano. Ainda houve o fator climático, porque dois meses depois que nós chegamos à Itália começou a nevar. Fato que trouxe uma série de consequências à vida do soldado.

A viagem para o Teatro de Operações foi feita pelo navio *General Mann*, especial para transporte de tropa. Em fila por um, saco às costas, fomos descendo as escadas até o porão 304-L, que seria o meu alojamento. Totalmente fechado, sem escotilhas, nós ficávamos presos com um calor abafante, um mal-estar imenso e a constante ameaça de submarinos. Foi uma das coisas mais duras que nós fizemos na guerra.

Na Itália, à medida que entrávamos em contato com o inimigo, porque ninguém estava preparado, íamos aprendendo. Ocorreu um fato que foi dignificante para nós, brasileiros: ao recebermos a aparelhagem de rádio, os manuais estavam em

inglês e raros combatentes falavam o idioma. Fomos aos poucos mexendo aqui, puxando um fio dali, e em pouco tempo, por volta de duas semanas, os aparelhos de comunicação estavam perfeitamente adaptados, à maneira brasileira; dominamos em poucos dias, como se fosse o velho fuzil Mauser, com que treinávamos no Brasil.

O soldado brasileiro tinha uma capacidade enorme de improvisação. Ao traçar o perfil do soldado brasileiro, deve-se ter a cautela de não cair no exagero, na grandiloquência, no patriotismo exagerado. Do pracinha brasileiro pode-se dizer que, mal fardado e mal treinado, foi aprendendo na luta, como o chamado “batismo de fogo”.

Em Torre de Nerone foi o meu “batismo de fogo”. Meu Regimento deslocou-se para tomar posições no *front* e a minha equipe recebeu instruções de levar uma estação de rádio a um determinado ponto, que era o PC do III Batalhão do meu Regimento. O mesmo estava com todas as ligações cortadas, sem meios de comunicações com o Comando. Saímos escoltados por uma forte patrulha do Pelotão de Reconhecimento. Ao chegarmos perto do posto avançado paramos. O sargento Nonato foi avisar nossa chegada e voltou com ordens da equipe se apresentar ao posto do III Batalhão, que estava isolado. A patrulha voltou e nós três – eu, na direção do jipe, o Almeida e o Pontes – estávamos com uma importante missão a cumprir, tendo em nosso poder os códigos cifrados que deveríamos destruir caso fôssemos aprisionados.

As cenas que então se desenrolaram estão até hoje gravadas nos meus olhos. Tínhamos parado o jipe perto de uma encosta. A antena do rádio era a todo instante sacudida pelas explosões. O Batalhão estava rechaçando um ataque inimigo, e o céu de vez em quando clareava como dia. Eram os foguetes iluminativos. Por fim, conseguimos contato com o Comando. O Almeida avisou que ia desmontar a estação para operar em terra, dentro de alguma trincheira. Foi um sacrifício enorme, levar toda aquela tralha andando quase de rastos; a distância era de uns trezentos metros e em baixo de mais bombardeio. Conseguimos montar a estação e estabelecemos o contato entre o PC do Batalhão e o PC do Regimento.

Depois de termos mandado todas as mensagens, antes de raiar o dia, tivemos ordens de retornar à base, e meus olhos contemplaram pela primeira vez os corpos de vários soldados, meus companheiros, deitados no sono eterno, foi muito triste.

O inverno nos Apeninos foi uma estação dura, mas deu oportunidade ao combatente brasileiro de se enrijecer e até aperfeiçoar sua disciplina, não só a disciplina de obedecer e de realizar as tarefas de rotina, mas também a disciplina de combate. A luta foi árdua, nós éramos um Regimento de Infantaria, não um Regimento de Montanheses, e começamos a ter todos os entraves da neve e do fogo cerrado, porque o alemão tinha uma belíssima pontaria para uso de morteiro e como

nós estávamos embaixo, no Vale do Reno, e eles acima, nosso tráfego de automóveis e de jipes era vigiado constantemente pelo alemão, que bombardeava metódica e precisamente todas as horas, inclusive à noite.

A topografia do Vale do Reno era totalmente favorável aos alemães. As montanhas, de grande altura, permitiam a quem ocupasse seus cumes ter o comando total e completo do vale. Assim, o inimigo, já ali posicionado, devassava, através de seus observatórios, todas as áreas ocupadas pelos brasileiros. Na primeira vez que entramos em Porreta Therme, a aldeia não era visível pois, de tempos em tempos, estava mergulhada num manto de fumaça protetora. Eram fábricas que queimavam óleo, produzindo espessa névoa, que escondia nossos movimentos ao inimigo. Havia, nesse vale, a rota 64 que, em certos trechos, lembrava a Rio-Petrópolis. Algumas vezes ocorriam choques e desastres com as viaturas que caíam, porque a estrada mal dava para um caminhão passar, de um lado um paredão, de outro uma pirâmbeira de muitas dezenas de metros.

Tínhamos dificuldades de passar também em um lugar terrível chamado Ponte de Silla, por causa dos bombardeios alemães, foi considerado o lugar mais bombardeado no *front*. O grande problema para nós é que tínhamos que atravessá-la, e, quando isso acontecia, começavam a metralhar, a “cair mecha”. O tempo foi passando, nos habituamos aos sustos de atravessar essa e a outra ponte de Marano e começávamos a brincadeira brasileira. O alemão não nos venceu porque o bom humor brasileiro era constante e fazia com que nos adaptássemos rapidamente às situações adversas, como o clima diferente do nosso.

O inverno nos proporcionou a oportunidade de começarmos a nos adaptar ao terreno, para depois vir o ataque vitorioso de Monte Castelo. Este foi uma grande escola e uma lição bem amarga, lugar onde nós, soldados brasileiros, aproveitamos e aprendemos a necessidade de sermos tão bons quanto os alemães. Então “fomos à luta”, apesar das dificuldades, como o pé-de-trincheira, que era uma praga comum nos infantess, que ficava de pé muito tempo e, como consequência, congelava-o. A circulação não se fazia e havia casos de amputação do pé. O serviço de saúde americano preparou-se para ter inúmeras baixas por pé-de-trincheira.

No Brasil não ocorreram muitas baixas por congelamento, porque inventamos uma forma genial de conviver com essa dificuldade: o soldado tirava a bota, enchia a galocha de feno, de roupa, de pano e colocava o pé novamente; isso evitou o pé-de-trincheira no soldado que ficava em pé durante duas, quatro, seis horas na neve. Com certeza, com a galocha permitia uma melhor circulação do sangue, o que provava que tínhamos uma capacidade de improvisação formidável. Algo que ficou bem demarcado na guerra: o brasileiro provou que quando bem liderado é um grande povo. Os soldados

foram muito bem comandados, muito bem treinados na Itália, infelizmente no Brasil não houve tempo e a FEB apresentou resultados extraordinários.

O esforço de organizar a FEB foi uma coisa notável. Havia uma esquina lotérica que dizia assim: “é mais fácil uma cobra fumar do que a esquina da sorte falhar”, comprava-se o bilhete naquele lugar e dava certo. Diante disso, os germanófilos diziam que é mais fácil uma “cobra fumar” do que a FEB embarcar, a FEB embarcou e a “cobra fumou”.

Na Ofensiva da Primavera estive presente no Vale do Rio Pó. Na arrancada para esse local, o Esquadrão de Reconhecimento mandou mensagem urgente à Companhia, informando que estava empenhado em ação contra o inimigo e um de seus carros havia apresentado defeito. Uma equipe de manutenção foi ao encontro da viatura que, mesmo danificada, estava em plena atividade, usando armas leves e seu canhão. Sob o fogo inimigo, o pessoal da manutenção retirou o veículo para local mais abrigado, realizou o reparo e em pouco tempo a viatura voltou a participar da ação.

Participei de todos os combates do Regimento Sampaio, inclusive quando nós ocupamos o Monte Castelo, cuja vitória deu uma grande alegria à tropa e ao comando brasileiro: na realidade, Monte Castelo havia sido a espinha que incomodara. No dia 21 de fevereiro o nosso regimento chegou à crista do morro. Depois se preparou para descer o Vale do Rio Pó, onde começamos uma corrida desenfreada para evitar que os alemães fugissem pelo Passo de Brenner e fossem para a Alemanha.

Foi quando o General Mascarenhas de Moraes, num grande gesto de lucidez, tirou os caminhões da Artilharia e colocou à disposição da Infantaria, possibilitando que esta chegasse a tempo de aprisionar uma Divisão alemã, que era a 148ª.

A notícia da ocupação de Montese também foi recebida com alívio e aplauso no comando superior, principalmente porque a 10ª Divisão de Montanha americana estava empenhada em duro combate, com pesadas perdas e nenhum ganho apreciável.

A tática de infiltração utilizada na tomada de Montese impressionou o Gen Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército, que, durante o *briefing* do dia 15 de abril no seu QG, fez o seguinte comentário: “Algumas unidades de infantaria norte-americana deveriam aprender com os brasileiros como se conquista uma localidade.” O então Capitão Meira Mattos, presente ao *briefing*, transmitiu este comentário ao General Mascarenhas de Moraes. Os militares brasileiros que lutaram na Itália souberam cumprir com seu dever e conquistar a admiração e, sobretudo, o respeito de seus companheiros de armas do Exército dos Estados Unidos.

O oficial que tinha contato direto com o combatente era o tenente e o capitão. Esse partilhava dia a dia conosco, deitava no mesmo buraco, comia a mesma comida, passava pelos mesmos perigos, tinha os mesmos receios, os mesmos temores

e avançávamos juntos. Houve raros casos de tibieza, mas isso na multidão é um número desprezível.

O pracinha brasileiro foi para uma guerra que ele nem sabia o que era, foi para defender um governo fascista como o do Mussolini, combater num âmbito estranho, numa zona completamente hostil. Adaptou-se rapidamente, entrou em combate com mais rapidez do que se esperava e defendeu o Brasil com o mesmo destemor que defenderam os soldados da Guerra do Paraguai e os de Laguna, a mesma fibra que a brava gente brasileira tinha apareceu na FEB, assim como nós vencemos o inverno, graças à disciplina, à persistência e à força de vontade contra o inimigo.

No final da guerra alguns *partisans* começaram a pelar a cabeça de algumas meninas que namoraram uns alemães. Nós entramos em ação, de vez em quando uma briga, mas a polícia aparecia e serenava tudo. Nunca houve nada de grave, de lamentável. O brasileiro entendeu-se bem com todos, quando via criança dava-lhe chocolate. Essa generosidade diferenciava o relacionamento do alemão com aquela altivez.

O apoio de saúde foi o melhor possível. Tínhamos oficiais competentes e havia um grupo de enfermeiras muito dedicadas, sobretudo as que estavam lotadas no que chamam *Field Hospital*, um hospital de campanha que ficava próximo a linha de frente. Li praticamente tudo que foi escrito sobre a FEB e nunca encontrei alguma reclamação.

Em todas as unidades hospitalares havia pessoal do Serviço de Saúde Brasileiro para prestar atendimento aos feridos ou doentes da FEB. Havia vários dias que vinha sentindo uma pronunciada surdez no ouvido esquerdo. O médico diagnosticou traumatismo que estava gerando um tumor no canal auditivo. Provavelmente, fora proveniente do deslocamento de ar causado por alguma explosão. Passei algum tempo no *16th Evacuation Hospital*, em Pistóia. Examinado por um especialista americano, que me receitou um milhão de unidades de penicilina, fui internado na Enfermaria nº 11. Aí, havia uma enfermeira simpática, Tenente Carmem, e um médico, Dr Paulo, rapaz moço. O pessoal de Serviço de Saúde era atencioso, procurando suavizar o sofrimento de todos.

Mais tarde fui para o *3rd Convalescent Hospital* de Montecatini, instalado no luxuoso hotel Excelsior. Tive uma rápida visita médica, na qual me receitaram vitaminas. A vida em Montecatini era a melhor possível. Havia sempre uma enorme mesa cheia de cigarros, chocolates, fumo para cachimbo. Podia-se apanhar à vontade. O sistema hospitalar americano é um negócio “de se tirar o chapéu”, algo extraordinário.

Durante toda a Campanha da Itália, os membros do serviço religioso foram além de suas funções, prestando socorro a feridos e dando auxílio espiritual a todos os que deles se acercavam, em busca de um lenitivo que atenuasse a dura vida que levavam. O grupo de religiosos deu sua contribuição de sangue: o padre franciscano Antônio Álvares da Silva, conhecido como Frei Orlando, figura popular e muito

querida, morreu tragicamente com um tiro acidental no dia 20 de fevereiro de 1945, na véspera do ataque ao Monte Castelo, quando se deslocava para prestar assistência a uma das companhias de um batalhão em posição de combate.

A atuação dos membros do serviço religioso não passou despercebida pelos oficiais comandantes nem pelos soldados, que viam com frequência o capelão dando conforto e apoio espiritual à tropa, em meio ao duro combate. Quem combateu na FEB certamente se deparou com a cena de um soldado ferido à beira da estrada ou em qualquer outro lugar e, ao seu lado, ajoelhado, dando apoio e socorro, aquele homem fardado, cuja insígnia era uma pequena cruz branca.

Depois da tomada de Monte Castelo, o reverendo protestante João Soren nos acompanhou na retirada dos corpos de brasileiros que faleceram em outro ataque. Ele pegava o cadáver, botava no *jeep* e identificava-o; era também um homem muito dedicado.

O alemão era um grande soldado, disciplinado, tinha o método da crueldade. Lá em Zocca eles prenderam italianos civis, militares e mulheres, amarrou-os, colocando-os no celeiro, incendiando-o, quando chegamos a Zocca e sentimos aquele odor, percebemos o que tinha acontecido. Quando eles suspeitavam que o sujeito tinha feito alguma ligação com o inimigo, matavam-no imediatamente, eles eram execráveis. O alemão era duro, por disciplina e envenenamento intelectual eles foram treinados que todos os povos eram inferiores, menos eles. O relacionamento com eles era muito difícil. Enquanto que os americanos procuraram os nossos superiores e trataram a todos da melhor maneira possível. Eles tinham grande curiosidade em saber por que o Brasil entrou para a guerra. Um outro aspecto que chamava a atenção dos americanos era o fato de a nossa tropa ser multirracial, enquanto que entre os americanos havia uma separação entre negros e brancos, vide a chamada Divisão Búfalo, onde havia somente negros entre o pessoal de posto e graduação mais baixo. Estes ficavam admirados como nós tínhamos sargentos e subtenentes negros, com quem lidávamos igualmente.

Soube tempos depois que uma Comissão de Representantes do Congresso americano visitou a Itália, para ver como era esse inter-relacionamento.

Talvez os militares não gostem da minha opinião, mas o que ganhou a guerra foi a logística americana, que era uma coisa espantosa. Impressionante, como eles conseguiam mandar tanta coisa: comida excelente, assistência médica, munição, gasolina, jipe e outras coisas como coca-cola, que experimentei pela primeira vez no verão na Itália.

Na *Peninsular Base Section* americana havia caminhão de todos os tamanhos, grande ou pequeno, como também dúzias de jipes, tanques, para escolher, eram filas de carros, bastava assinar um documento. Descobrimos que o americano acreditava

no carimbo, nós carimbávamos o documento em português e como eles não podiam ler nosso idioma, olhavam e mandavam passar. O brasileiro usava um pouco da malandragem e da criatividade.

O que mais me impressionou na Campanha da Itália foi a forma democrática como o americanos lidavam com os seus soldados, diziam: “O soldado é um cidadão americano, antes de ser soldado.” Não eram “bitolados” quanto à disciplina e diziam: “Um homem eu levo vinte anos para fazer, um carro, eu faço em duas horas.” Tinham todo o cuidado com o homem; era o centro do sistema.

Entre os nomes mais consagrados estão o do Sargento Max Wolf, morto em pleno combate, quando sua patrulha tentava silenciar um ninho de metralhadoras – uma legenda de inesquecível bravura. Lutou no 11º RI e era um homem sensacional. O Tenente Appollo Miguel Rezk foi talvez o único brasileiro que ganhou a *Distinguished Service Cross*, esse realmente era um herói. Havia oficiais mais chegados: o meu capitão, por quem eu tenho um carinho imenso até hoje, Moziul Moreira Lima, hoje General reformado. Outro era o Manoel Thomaz Castello Branco, capitão de primeira qualidade. Escreveu um livro sobre a guerra muito bom, um dos melhores que conheço, *O Brasil na II Grande Guerra*, infelizmente morreu muito cedo, logo que foi promovido a Major. O cabo Almeida era um brasileiro típico, magro, raquítico, com deficiência dentária, nunca o vi recuar um passo, nem ter medo, ele só dizia: “Vamos agüentar que a cobra está boa; vamos agüentar que a cobra está chegando”, e ia embora. E não era um super-herói, e sim um brasileiro comum.

Na FEB, quem participou foi o povo, a elite não esteve presente, naquele tempo “zé povinho”, hoje, “povão” era quem estava lá. Era o povo praticamente analfabeto que foi para o Exército, cumpriu o seu dever e morreu pela pátria.

Houve amparo moral quando estávamos em Marano, dois soldados ficaram profundamente abatidos porque era um bombardeio diário, a Artilharia nos deixava muito nervosos, porque você não tinha como sair para beber água, porque poderíamos levar um estilhaço. Dois soldados estavam em choque, e o Capitão Moziul Moreira Lima foi ao encontro deles, confortá-los com palavras, o que deu resultado.

A existência de condições adversas, a qualquer tempo, pode solapar o moral do grupo, modificando completamente a situação: o insucesso na conquista ou na defesa de determinada posição, perda da liderança por qualquer motivo, inclusive pela morte do chefe, ou grande número de baixas nas fileiras, cansaço, alimentação inadequada, condições climáticas adversas e outros fatores que possam surgir no decorrer de uma campanha.

Tive um contato muito superficial com o pessoal da ELO, porque eles estavam com uma base em Pisa, e nós estávamos acampados próximos. Na Segunda Grande

Guerra, as divisões de Infantaria americana possuíam como órgão divisionário uma esquadrilha de observação aérea, composta de pequenos aviões que, voando sobre linhas inimigas, forneciam preciosas indicações aos artilheiros, permitindo-lhes ajuste dos tiros dos canhões: eram os olhos da Artilharia.

A aproximação com o pessoal do Senta Pua foi maior porque conhecia o Nero Moura e também meu primo, Tenente Alberto Martins Torres, que foi o campeão, fez mais de cem missões e continua vivo. Existia para um soldado uma distância muito grande para falar com um capitão ou um tenente. Eu era uma exceção como soldado raso e tive a oportunidade de falar com o Nero Moura, com o Torres.

Carrego na alma uma certa mágoa com relação à diáspora da FEB. A mesma atingiu mais fundo os “pracinhas”, soldados e sargentos convocados ou voluntários, todos os que não pertenciam à carreira militar. Excluídos do Exército, por força da desmobilização, tiveram assim cortados todos os vínculos. Para esses, a situação tornou-se muito mais dura. A desmobilização imediata não permitiu um planejamento adequado, para tirar melhor proveito da nova força de trabalho que retornava ao mercado. Pelo contrário, a dispensa, como foi feita, veio criar problemas de toda ordem, sobretudo psíquicos, o que inutilizou muitos dos componentes desses contingentes, que passaram à condição de inadaptados à vida civil, transformando aqueles que seriam elementos de produção em ônus para a sociedade.

A ordem de dispersão da FEB atingia indiscriminadamente a todos, não importando o posto. Essa diáspora teve seu lado positivo: os oficiais levaram o espírito da FEB onde foram servir.

O meu documento de baixa foi impresso em Milão, fui proibido de andar fardado, porém fui para casa e me fardei dois dias depois para ir a um almoço que uns amigos do meu pai me prestaram.

Para fazer propaganda, os alemães jogavam umas “bombas” dizendo, por exemplo: “Temos aqui umas morenas muito bonitas”, tinham atitudes infantis, como pegar o rádio e cantar músicas do tipo “o teu cabelo” com sotaque alemão, que não dava para disfarçar, não houve a menor influência.

Quando houve o deslocamento da tropa para um lugar chamado Francolise, uma região poeirenta, quente, de paisagem monótona, desconfortável e que não oferecia qualquer lazer à tropa, ocorreu uma coisa importante. O Regimento mandou rezar uma missa para os mortos, que foi muito tocante e bonito. O padre que a celebrou estava na frente de um túmulo com a cruz branca; na hora da hóstia nós todos nos ajoelhamos, apoiados no fuzil, e foram disparadas 21 salvas.

Sabemos que o povo brasileiro é um povo lúdico, que gosta muito de festa, a nossa recepção foi a coisa mais apoteótica e linda do mundo, chegamos a nos emo-

cionar. No momento seguinte, muitos foram de volta para seus empregos e, em alguns casos, já tinham sido preenchidos. Não comemorei a vitória, eu estava tão cansado, dirigindo dia e noite sem parar, que deitei embaixo de um *jeep* e dormi. Veio o meu sargento gentilmente, bateu com o pé para que eu acordasse, dizendo-me que a guerra havia acabado. Eu lhe disse: “Que bom” e dormi novamente.

Há uma frase de Oswaldo Aranha dita a Getúlio Vargas em uma carta que eu gosto de repetir: “Assim como se mobiliza um povo para a guerra, você tem também que providenciar a desmobilização desse povo após a guerra.” Expunha sua opinião, de que o Brasil fatalmente seria atingido pela guerra, considerava importante o preparo psicológico do País, o que nunca ocorreu, nem antes, nem durante, nem depois da FEB e a desmobilização não foi feita. Esse episódio levou muitos ao suicídio, perda de emprego, excesso alcoólico, foi uma tristeza.

O que eu tenho a dizer aos jovens, uma geração bem anterior a minha, é que não esqueçam da FEB porque esta foi um tempo de coragem. A FEB era uma resultante das condições do Brasil, era uma Divisão de um País ainda pobre. Quem esqueceu a FEB não foi o Exército e sim o povo brasileiro, porque de 15 em 15 anos esquece o que se passaram nos primeiros. Declaro que tudo o que eu aprendi devo ao Exército: disciplina, coragem, perseverança, capacidade de luta e persistência para combater.

A FEB constituiu-se, treinou, embarcou, lutou e venceu. No retorno foi dissolvida, mas os oficiais que permaneceram puderam dar ao Exército aquilo que foi a grande contribuição da FEB à Força Terrestre: o profissionalismo, as lições e a experiência adquiridos em combate e o espírito de procura constante, evolução e aperfeiçoamento do Exército.

O desprendimento no cumprimento do dever por parte dos combatentes foi uma resultante da disciplina da caserna, do dever, da obediência, do espírito de sacrifício, do despojamento imposto pela guerra e do idealismo, sentimento sem o qual nada é possível ser feito.

Economista Oswaldo Gudolle Aranha*

Nasceu na Estância Alto Uruguai no Município de Itaqui, RS. Nos EUA, estudou em Maryland e em Washington. De volta ao Brasil, cursou o Colégio Andrews e fez o curso superior de Ciências Políticas e Econômicas na Universidade Cândido Mendes. Nesse período, foi convocado pelo Exército, servindo no Forte Duque de Caxias, ocasião em que seguiu para os EUA, como soldado-intérprete na comitiva do então Ministro da Guerra, General Gaspar Dutra. Transferiu-se para o CPOR, de onde, voluntariamente, ingressou na FEB, como soldado, servindo na Bateria de Comando da AD. Fundou com companheiros a Associação dos Ex-Combatentes tendo sido o 1º Presidente do Conselho Nacional das Associações dos Ex-Combatentes do Brasil. Voltou a Presidência três anos depois. Exerceu, não só a Presidência do Conselho Deliberativo como também posteriormente a Vice-Presidência e finalmente a Presidência do Clube de Regatas do Flamengo. Presidiu a tradicional e centenária Sociedade Sul Riograndense. Empresário, falando corretamente 4 línguas, foi um dos pioneiros da Indústria Automobilística, sendo fundador da Willys Overland do Brasil e seu primeiro Diretor. É membro efetivo, há vinte anos, da Liga de Defesa Nacional. Foi eleito Senador Suplente. Foi vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Foi promovido, durante a campanha, a cabo e recebeu a Medalha de Campanha e a Cruz de Combate.

* Soldado intérprete e motorista da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária da 1ª DIE, entrevistado em 21 de maio de 2001.

Neste meu depoimento, no qual eu terei a honra de falar sobre a FEB, não é minha intenção contar bravatas de guerra. A guerra é um processo terrível e não a quero relembrar dessa maneira. Quero, sim, lembrar o processo que nos levou à guerra, bem como nosso comportamento durante quase um ano em que estive na Itália.

O Mundo assistia, horrorizado ao processo nazista de invasão da Europa. Aqui, no Brasil, sabíamos que inevitavelmente iria nos atingir, mesmo sendo uma situação longínqua. Naquela época, meu pai, Oswaldo Aranha, tomou posse como Ministro das Relações Exteriores, vindo dos Estados Unidos, onde servira antes. Tinha, então, perfeito entendimento de que o desenvolvimento da guerra na Europa se expandiria pelo resto do Mundo. Seria, como foi, a maior de todas as guerras mundiais. Espero que, graças a Deus, seja a última.

No âmbito do ministério de Vargas, havia um choque natural entre o pessoal do Exército e os ministros civis. O Ministro da Guerra, General Eurico Dutra, e o General Goes Monteiro eram muito afetados por aquilo que era o fato mais impressionante da época: o poder do Exército alemão. Também o Brasil tinha adquirido, não fazia muito tempo, equipamentos e armas na Alemanha, o que afirmava a influência alemã.

Nessa época, aconteceu o ataque japonês a Pearl Harbor, o ataque aos Estados Unidos. Isso obrigou os EUA a uma reação, entrando em guerra com os países do Eixo, a Alemanha, a Itália e o Japão. Isso se deu em dezembro de 1941.

Em 1942, houve a Conferência dos Chanceleres das Américas, presidida por Oswaldo Aranha. Ao seu término, o Brasil cortou relações com os países do Eixo. Oswaldo Aranha disse: “Estão sendo entregues aos senhores embaixadores da Alemanha, da Itália e do Japão seus passaportes.”

O Brasil se transforma em consequência de fatos terríveis, vividos com os torpedamentos de numerosos navios mercantes brasileiros na nossa costa. Foram atos tão brutais, tão vis, que muitas vezes um navio pequeno, de cabotagem, transportando famílias, era atacado a canhão, o que destroçava o navio e matava todos a bordo. Foi uma monstruosidade.

Esses acontecimentos uniram o povo brasileiro como nunca se tinha visto. Como se diz, do Oiapoque ao Chuí. De fato, no Amazonas, em todos os lugares, o povo se juntou, revoltou-se com aquilo. Criou-se um estado de espírito tal, que apenas com nossa participação na contenda a alma brasileira ficaria satisfeita.

Fui então aos EUA, acompanhando, como soldado, o Ministro da Guerra, General Dutra, que era uma figura extraordinária, um homem de caráter. Lá tivemos reuniões com a Comissão Militar Brasil-Estados Unidos. Essa Comissão estudava a formação de uma força brasileira de cem mil homens, três divisões. Eram três divi-

sões que seriam empregadas no Exterior, onde, ainda, ninguém sabia. Parecia, naquele momento, ser na Europa.

Naquela ocasião, eu atuei como intérprete para o General Dutra nas reuniões com os oficiais americanos. Dessa forma, posso dizer que participei da FEB desde o início. Os americanos diziam ser necessários cem mil homens, mas acabou sendo reduzida a participação para vinte e cinco mil homens.

A preparação, aqui no Brasil, foi muito difícil. Ninguém queria acreditar que houvesse tempo suficiente, principalmente alguns militares, influenciados pelas rápidas vitórias de Hitler na França e na Polônia. Achavam que a guerra ia terminar antes da preparação ser concluída. Assim, a formação da FEB foi difícil de ser feita.

Havia, ainda, a Quinta-Coluna, que era inexplicável. Sua ação contrariava o povo brasileiro, que estava envolvido, como um todo, para que o Brasil se representasse no conflito. Nossa primeira participação era a cooperação com a Força Aérea dos EUA no Nordeste. O uso de Natal como trampolim do Atlântico para a África. A Quinta-Coluna dizia que os EUA já haviam tomado o Nordeste.

Aproveito a ocasião para dizer que o Almirante Doenitz, da Alemanha, que foi quem ofereceu a rendição aos Aliados, escreveu em seu livro, a seguinte frase: “Se eu tivesse sido melhor informado a respeito do Brasil, eu não teria mandado afundar os navios brasileiros.”

O trampolim do Atlântico era o que mais precisavam os americanos naquele momento. Realmente, havia muitos americanos lá, no Nordeste. Mas essa era a primeira contribuição brasileira, a segunda viria a ser a formação da FEB.

Como eu disse anteriormente, a formação da FEB foi muito difícil. Eu mesmo me apresentei como voluntário por três vezes e não fui aceito. Quando voltei dos EUA, onde fora acompanhar, como soldado, o General Dutra, solicitei ser transferido do Forte Duque de Caxias para o CPOR, indo para a Cavalaria, sendo muito bem classificado. Eu nascera no Rio Grande do Sul e montava bem a cavalo. Por lá, fiz um bom relacionamento com um grande número de oficiais, muitos dos quais até hoje são meus amigos.

No CPOR foi feito, a pedido do General Dutra, um voluntariado. Dos três mil homens que estavam em forma, todos eles acabando seus cursos universitários de Direito, de Medicina etc, apenas dois, eu e meu primo se apresentaram como voluntários, dando um passo à frente. Mesmo assim, não fomos incorporados à FEB. O Coronel Comandante comunicou-nos que deveríamos ir como oficiais. Posteriormente, o General Dutra anulou o voluntariado, a meu ver corretamente, visto que não levava ao resultado esperado.

Diante disso, confessei a meus comandantes que iria desertar. Disse isso porque havia a idéia de que, em um documento, não sei se verdadeiro ou não, aqueles

que desertassem ou fossem maus elementos, seriam incorporados à FEB. Meus comandantes, o Frota e o Corrêa, dissuadiram-me de desertar. Pedi-lhes então um tempo para arrumar um jeito de ir para a FEB. Fui então ao General Cordeiro de Faria. Eu estava de botas e esporas quando me apresentei a ele. Na ocasião, ele estava com dor de dentes. Um adendo: meu pai dizia que não existe herói com dor de barriga.

O General Cordeiro disse-me: "Vavá (era meu apelido), vá embora, eu ponho você na FEB!"

De fato, dois dias depois ele mandou um *jeep* vir me buscar e eu me apresentei na Bateria Comando da Artilharia Divisionária, de bota, bombacha, culote, esporas, quepe e tudo mais.

O Capitão Saraiva, um extraordinário militar e posteriormente meu querido amigo, não acreditava que eu fosse embarcar com a FEB. Ele achava que o filho do Ministro do Exterior nunca embarcaria! Antes do embarque, eu sofri um acidente e ele me disse para ir me tratar em casa. Falou-me que me dispensava porque sabia que, se me convocasse para o embarque, eu viria, e eu vim, mesmo com a perna direita enfaixada.

O preparo da FEB era o normal da vida militar em um quartel brasileiro. Não houve nada de especial, apenas algumas armas novas, como a bazuca. Nós atiramos com a bazuca, aprendemos a utilizar o *jeep* (que se tornou uma das mais extraordinárias armas dos Aliados). Era muito útil, chegava a qualquer lugar. A bazuca era recém-criada, quando disparava enchia nossa cara de pólvora queimada. Usávamos uma máscara. A preparação no Brasil não foi bem-feita, mas não podia ser de outra forma. Aconteceu que fomos despreparados, mas as outras nações também. Conversei com os americanos e estes também diziam não terem tido o preparo para vir para aquele lugar, mas sim para outro, era assim mesmo.

Embarcamos em dois navios, cada um levando cerca de cinco mil e quinhentos homens, perfazendo o total de onze mil. Meu navio era o *General Mann*, que era onde estava o General Cordeiro de Faria. Ele comandava a tropa embarcada.

A vida em um navio com cinco mil homens é uma coisa fantástica. Mal se podia tomar banho e fazer a higiene, acordávamos e entrávamos na fila para tomar café. Eu, como sabia falar línguas, passei a ser intérprete entre os fuzileiros navais e o comando militar do navio. Era um Coronel dos fuzileiros navais, do qual fui o intérprete. Eu lia relatórios e outras informações. No começo, o enjôo causava muito sofrimento, mas depois ficou mais calmo. Fomos em comboio da Marinha Brasileira até o meio do Atlântico e, ali, nos juntamos a um da Marinha americana.

Agora, vou-lhes contar algumas coisas sobre a travessia. Constantemente eram feitos exercícios com os canhões antiaéreos do navio, que eram fortíssimos. Durante o exercício, o navio fazia um "S" inteiro em oito minutos, de forma a não permitir

que um periscópio de submarino pudesse fazer a mira corretamente. Assim, fomos daqui à Europa em ziguezague, num processo violento de enjôo.

Houve uma ocasião em que eu, por minha função de intérprete, recebi um documento do Comando Americano do Atlântico. Foi um dos documentos mais bonitos sobre a FEB, que eu li, pois dizia: “Há dois submarinos perseguindo os navios, sendo necessário fazer o que for preciso, pois será a maior perda moral e psicológica, que os aliados vão sofrer, se os navios da FEB forem atacados.” Levei o documento ao General Cordeiro, este me disse para não divulgá-lo. Eu lhe disse que outros falavam inglês e que poderiam saber. De qualquer maneira, não foi divulgado, apenas rumores. Nessa situação, quando estava em um convés mais alto, aproximou-se um destróier americano chamado *Maebol Read*. Veio direto para o nosso navio, quando chegou a uns cem metros fez três curvas rápidas e lançou duas bombas anti-submarinas. As bombas levantaram colunas de água de trinta metros de altura, foi um espetáculo fora de hora.

Próximo de mim, no convés, havia um pessoal jogando dominó. Eu fiquei vendo se vinha o torpedo, pois estava certo de que o destróier tinha feito aquilo para tentar acertar um submarino. Foi então que ouvi o pessoal dizer que tinha sido uma beleza de exercício. Eu saí dali com medo de que fosse mais do que um exercício. De fato, procuramos saber, tivemos submarinos alemães em nossa perseguição.

Chegamos a Nápoles e fui destacado para ir com o carro que estava à disposição do General Cordeiro. Fui até Roma e de Roma para Livorno. Lá cheguei um dia antes das barcas chegarem. Meu primo, Manoel Freitas Vale, que estava nas barcas, contou-me que houve uma grande tromba d’água, uma borrasca, e na ocasião todo mundo pensou que ia morrer. Posteriormente, falando com alguns oficiais, eles me confirmaram.

A tropa então chegou a Livorno e foi instalada em San Rossore, no castelo de caça do Rei da Itália. Tenuta San Rossore, este é o nome do lugar. Ali acampamos em barracas e iniciamos o aprendizado das instalações de cozinha e sanitárias.

Um cabo veio até a Bateria Comando e pediu-me minha carteira de identidade. Disse-lhe que não a daria, que queria saber para que ele a queria, pois era muito malandro. Ele explicou-me que precisava provar, para cinco pessoas, que eu, filho do Ministro do Exterior, estava lá, como soldado. Ele tinha dito isso a elas, que não acreditaram e achavam que ele estava mentindo. Apostaram, então, cinco caixas de cigarros americanos, que nos eram dados gratuitamente. Ele retornou com as cinco pessoas, que queriam me ver. Isso aconteceu porque meu pai foi o homem que mais lutou pela participação da FEB. Estávamos, então, perto de Pisa, onde receberíamos os *jeeps*, os caminhões e os canhões 105 e 155mm.

Foram formadas as Baterias, pois até este momento estávamos mesclados com a infantaria. Creio que por causa dos contatos com os americanos eu fui de carro até um depósito de armamento que eles tinham em Pisa. Eram caixotes e mais caixotes. Alguma coisa como 5Km para um lado e 5Km para o outro, por 10Km ou 15Km de profundidade, de caixotes. Eram caixotes em cima de caixotes, quatro andares. Quando fomos botar gasolina no *jeep*, eles enchiam até transbordar, bastando apenas mostrar um documento. A assistência deles foi sensacional. Tinham uma cozinha enorme, que parecia uma geladeira grande. Eles nos ensinaram como usá-la, a fazer panquecas, carne e outras comidas. Nossos cozinheiros saíram de lá doutores, mas só faziam feijão. Nós levamos sacos e sacos de feijão.

Após Pisa, nosso primeiro movimento foi transferir o QG da Artilharia para Porreta Terme, um lugar alto e voltado para o campo de batalha. Do outro lado, estava o inimigo, o alemão. Quando chegamos lá, recebi meu batismo de fogo.

Chegamos, apenas o pessoal avançado, para instalar o PC, em *jeeps* e caminhões. Era numa casa, na encosta, na qual se entrava pelo terceiro andar e de lá se descia para o segundo e o primeiro. Suas janelas estavam todas voltadas para o vale. O Oficial que nos comandava não era do Comando da Artilharia. Os caminhões ficaram numa curva, ao lado de um precipício. Eu, que tinha entrado na casa, retornei e vi os caminhões com os faróis acesos, pois era começo da noite. Comecei a gritar, pedindo para que os faróis fossem apagados. O Capitão deu a ordem pedida e nós ocupamos o prédio. Montamos a guarda e o General Cordeiro de Faria veio para o PC.

Os alemães começaram o bombardeio. Em um momento eles deram dois tiros, os dois primeiros que vimos. Primeiro vinha um som de pano rasgando, depois um assobio por cima da gente, depois a queda e a explosão. Antes de começar o bombardeio eu estava fora do prédio, junto a um cabo que estava fazendo a guarda. O General Cordeiro, que era um homem de muita coragem, foi até lá fora também. Foi aí que o bombardeio começou, nós fomos pegos desabrigados. A porta da entrada do prédio era de duas divisões, e após a porta havia uma escada para baixo e outra para cima. Começamos a nos dirigir para o prédio, mas não podíamos prever quando as próximas granadas cairiam. Dizem que o londrino ficou com uma orelha grande por causa do silvo que faz a granada. Houve uma que parecia vir bater na minha cabeça. Quando explodiu, abriu a porta e nós três passamos juntos por uma aba de porta. Eu caí e rolei a escada. Reboco caía por todos os lados, nós ficamos na escuridão, alguns queriam acender velas, mandávamos apagar. Não sabíamos o que fazer, o bombardeio durou, pelo menos, uma hora. Depois eles fizeram o tiro de inquietação, porque eles tinham marcado o local, era tiro de inquietação o tempo todo.

Transferimos, então, o QG da AD para Castelo di Cassio, no outro lado do rio, onde havia uma ponte muito perigosa de se atravessar. Quando se chega a Porreta, vindo de Pisa, há uma ponte rural, rústica. Eles sempre davam tiro de inquietação mirando naquela ponte. Tinha-se que chegar, parar e então esperar o tiro explodir, depois dar um lance com o *jeep* e só parar do outro lado. Mas estávamos bem protegidos da artilharia no lugar onde ficamos. Depois, mudamos o QG para Piave di Cassio, onde toda a Bateria Comando estava acampada. Eu fiquei nas comunicações, em contato com o IV Corpo do V Exército. No IV Corpo, fiz amizade com sargentos, com muitos por lá. Retransmitíamos a mensagem meteorológica, coisa que ninguém sabia o que era, na época. Depois é que vieram a saber que era a variação da atmosfera durante a passagem do projétil. Eu tinha que mandar a mensagem de vez em quando e quem a recebia levava um esculacho de um Oficial novo, mas eu insistia quanto à necessidade de pegar aqueles dados.

Assim a coisa começou, nós muito despreparados, numa barbaridade de lama no outono italiano. Estávamos muito próximos do inverno, não só a neve, mas antes a chuva, com a lama chegando acima de nossos joelhos, era muito complicado andar. Tudo era difícil naquela época.

Então o IV Corpo, sob Comando do General Crittenberger, resolveu atacar Monte Castelo. Mesmo eu, que não sou militar, tendo sido apenas soldado, acho que foi um grave erro contra todos nós. Monte Castelo era a montanha preponderante naquele conjunto de serras. Como o V Exército tinha chegado aos Apeninos, eles achavam que os alemães não oporiam resistência. Por isso, empregaram soldados da Artilharia Antiaérea americana, totalmente despreparados. Depois disso, viemos a saber que a resistência mais violenta foi ali, pois havia uma escarpa do Belvedere que chegava perto de Monte Castelo. Quando atacamos tínhamos que cruzar o vale onde os alemães, desculpe a expressão, cuspiam em cima de nós enquanto subíamos a escarpa do Monte Castelo, que tinha 977m.

Esse ataque foi rechaçado da maneira mais violenta. Morreram ingleses e brasileiros, muitos disseram, inclusive ingleses, que não tinham ido para lá para ser “carne de canhão”. Foi um erro crasso do IV Corpo, que não tinha feito o que deveria fazer. Não fez reconhecimento do terreno, nem do inimigo. Nós não sabíamos que os alemães tinham-se deslocado de Serchio para Monte Castelo. O IV Corpo subestimou o inimigo.

O inimigo, os soldados alemães, mesmo não estando defendendo sua terra, mas sim cumprindo ordens eram os mais completos e combativos soldados. Ninguém podia entender sua combatividade. Eu me perguntava; por que esses homens são tão apegados a essa defesa, se não há motivo? Eles eram disciplinados, muito disciplinados.

Nós sabíamos que a conquista da Itália era necessária. Vimos desde Livorno. Sabíamos desde o começo, quando do ataque às praias do Sul, desde a subida até Monte Casino, que foi uma batalha violentíssima. Mas os alemães se reorganizaram, ocuparam novas posições. Nós tivemos que enfrentar, no inverno, homens que defendiam suas posições, mesmo que não fosse sua pátria. É por isso que eu digo que devemos dizer a verdade, que eles eram soldados excepcionais.

Nós, brasileiros, não nos adaptamos bem, num outono bastante rigoroso, chuvoso, numa terra estrangeira, a lama fazia com que até os *jeeps* escorregassem, ao tentarem subir as ladeiras das montanhas. Era horrível. O inverno, a lama e a neve provocavam o “pé-de-trincheira”, que é o congelamento dos dedos do pé, com a conseqüente amputação desses dedos. Houve uma ocasião em que um Oficial americano, no QG, que me chamava de Spider (aranha em inglês) disse-me: “Você sabe que é na FEB a maior incidência de pé-de-trincheira?” Ora, nós tínhamos recebido duas fardas aqui no Brasil, uma de verão outra de inverno, em nossos sacos A e B. Recebemos, dos americanos, uma capa muito boa e umas galochas altas. Nós colocávamos as botinas por dentro das galochas, mas mesmo assim, havia pé-de-trincheira. Isso é uma derrota para o soldado, que vê seu companheiro ir para o hospital ter os dedos do pé amputados. Cai a moral, o soldado sofre terrivelmente.

Mas, graças a Deus, o brasileiro logo se adaptou. O brasileiro é fabuloso, a maioria é Flamengo, é uma gente extraordinária. O que aconteceu é que as instruções dadas pelos americanos, junto com o capotão e as galochas, diziam para se colocar duas meias. Primeiro, se massageava os dedos, colocava-se uma meia, massageava-se de novo e colocava-se a outra. Depois a botina e a galocha. Mas não adiantava, continuava o pé-de-trincheira, mesmo não se sentindo frio, o problema persistia e preocupava. Tínhamos pela frente dois inimigos: o alemão e o pé-de-trincheira.

Até que, um dia, o mesmo Oficial americano, do IV Corpo, entrou em ligação comigo e disse-me: “Aranha, o que está acontecendo? De uma hora para outra, no auge do inverno, a FEB é que menos tem pé-de-trincheira. Eu lhe disse que sabia o que os nossos soldados estavam fazendo e que, se ele quisesse a verdade, contaria. Disse-lhe que o brasileiro, quando tem necessidade de uma coisa, inventa da maneira mais extraordinária e criativa. Assim, nossos soldados tiraram as botinas e as venderam para os italianos. Encheram as galochas de papel e feno, colocaram as meias e passaram a andar só de galochas. Fazia “choc choc” quando andavam, mas não sentiam frio, nem dava pé-de-trincheira. Os pés ficavam com a circulação sangüínea normal, acabou o pé-de-trincheira. Mas não foi coisa de médico, foi criação do nosso soldado. Esse episódio, do pé-de-trincheira, impressionou muito os americanos, marca bem a característica do povo brasileiro, principalmente o carioca.

Na guerra, a moeda de troca era o cigarro. Nós recebíamos cigarros brasileiros, o Yolanda. Os americanos recebiam cigarros americanos, com nomes de artistas, Frank Sinatra, Doris Day, com as assinaturas dos artistas. A embalagem do Yolanda tinha o retrato de uma misse brasileira, toda dourada. Assim, se eu queria comprar uma caneca, uma caneta, trocava por cigarro. Também com os italianos que estavam na mesma área. Íamos às suas casas e as trocas eram em cigarros. Em pouco tempo, os italianos se negavam a aceitar o Yolanda. Diziam: *bionda cativa* ruim. Isso porque a esfinge era dourada, logo *bionda*, loira. Eles preferiam os cigarros americanos, o Yolanda atendia ao gosto dos brasileiros, era um cigarro muito consumido aqui.

Voltando a Monte Castelo, devo recordar que além do ataque da *Task Force*, do qual participamos com o 6º RI, fizemos mais três, porque tínhamos de ser os primeiros a tomar Monte Castelo. Os dois primeiros (29 Nov e 12 Dez) sem êxito e o terceiro (21 de fevereiro de 1945) bem-sucedido. Eu destaco que o Belvedere, uma montanha que na sua parte de cima se poderia fazer uma pista para aviões, dominava o vale. Não se conseguira chegar ao Monte Castelo, sem primeiro chegar lá. No começo do inverno, atacamos em força, com o 1º RI e o 6º RI em reserva. Foi um “Deus nos acuda” quando os alemães começaram a fazer barragens de morteiro. Assim, vivemos três tentativas malsucedidas, incluindo a da *Task Force*.

Nesse meio tempo, colocaram um dos batalhões do 11º RI, no seu batismo de fogo, numa posição que eles desconheciam, no meio de uma lama danada. Houve, então, um problema grave, durante a noite, criado por um dos oficiais que comandava uma das companhias desse Batalhão, num momento de desespero e pavor. Isto aconteceu porque os alemães lançaram patrulhas em cima deles, como é natural, aproveitando que os nossos sentiam-se inseguros, desconhecendo o terreno em sua primeira ação. Assim, não sei quantos, duzentos a trezentos homens debandaram de suas posições durante a madrugada.

Nós fomos acordados, na Bateria de Comando, para pegar os caminhões e recolher aquele pessoal disperso nas nossas linhas. Eu guiei um caminhão e vi, a mais ou menos 2km atrás de suas posições, um grupo de brasileiros trazendo a base de um morteiro, que pesa uns 20 ou 30 quilos. Eles saíram de suas posições, à noite, trazendo seus armamentos. Não sabiam onde estavam. Quando houve o recuo inicial, esse fato percorreu a tropa, alastrando-se. Mas, pela manhã, reorganizou-se a posição. Eu mesmo coloquei alguns no caminhão para levá-los de volta às posições.

Em outro caminhão estava o Perácio, aquele jogador do Flamengo e da Seleção Brasileira. O Perácio também era soldado motorista e guiava muito bem. Ele fazia tudo muito bem-feito, era um meia esquerda maravilhoso e um bom combatente. Nós nos divertíamos bastante com ele, pois estava sempre alegre, brincando com todos.

Reafirmo, portanto, que, de fato, estive lá, ninguém fugiu; as granadas, ao caírem, cortaram as comunicações do Comando. O que aconteceu é que ficou todo mundo aturdido, porque ninguém sabia o que estava acontecendo com a interrupção dos circuitos. Assim, eles retraíram. O homem que trazia a base de morteiro me disse que não estava fugindo, pois ninguém foge trazendo todo o armamento e uma base de morteiro, quem foge larga tudo.

Quero que isso fique bem claro, pois, senão, haveria desdouro para o I Batalhão do 11º Regimento, o que não é verdade. Tanto não é que, no final da guerra, a Unidade que estava mais avançada era o 11º RI, quase nos Alpes, à frente dos ingleses e americanos. Estou contando fatos, apenas fatos. Quem entrou primeiro em Montese foi o 11º RI, com o Tenente Iporan, desse mesmo Batalhão em que houve o problema do pânico em Monte Castelo.

Em relação ao desempenho do soldado brasileiro, há duas situações. Primeiro, a fase do desconhecimento, da inexperiência, como a que acabei de citar com o I/11º RI no seu batismo de fogo. Depois, a da preparação seguida dos ataques bem sucedidos: em Monte Castelo, em La Serra, em Castelnuovo, em Montese e em Collecchio e Fornovo, um rol de vitórias marcantes.

Quanto aos oficiais, não tenho capacidade para falar, apenas refiro-me aos que conheci. Eram homens de coragem, disciplinados e disciplinadores. Meu Comandante, Capitão Saraiva Martins, o Montanha, o Cordeiro, o Coronel Ribas, o Castello Branco, eram homens de muito valor, excepcionais. Todos ficaram meus amigos, inclusive o Marechal Castello Branco, com quem mantive contato, mesmo quando era Presidente.

Como disse anteriormente, o soldado, a tropa, tem duas fases. A primeira do desconhecimento, a segunda da preparação para a vitória em Monte Castelo. Essa preparação começou com as patrulhas, com o combate em movimento, com o Pitaluga correndo com suas viaturas mecanizadas para todos os lugares. Eles se tornaram combatentes de primeira categoria. Ninguém mais parava a FEB.

No ataque vitorioso de Monte Castelo, onde se destacou o 1º RI (Regimento Sampaio), atacou, do nosso lado, a 10ª Divisão de Montanha, dos EUA. Essa Divisão era a mais preparada de todas as divisões americanas. Foi preparada pelo General Marshall. Este General, posteriormente, foi Ministro do Exterior dos EUA, um grande benfeitor da humanidade e grande amigo do Brasil. Seu equipamento, botas, fardas, tudo era testado em marchas que chegavam a 50Km. A 10ª Divisão foi adestrada nas Montanhas Rochosas, onde se qualificou para enfrentar os Apeninos.

A 10ª Divisão atacou Belvedere e a crista de Belvedere, que era longa e chegava próxima de Monte Castelo. Dessa forma, os alemães não puderam concentrar todo

o seu fogo contra nosso ataque, como fizeram nas vezes anteriores. Esse ataque concomitante é da maior importância. Assim, nós chegamos ao topo de Monte Castelo antes que a 10ª Divisão tivesse alcançado seu último objetivo, que era La Torracia. Nós chegamos, então, antes deles, mas nos valemos da proteção de flanco dada por eles. Durante o ataque, a nossa Artilharia colocou milhares de tiros na cota 977. Foi um trabalho admirável, o da Artilharia. Os americanos do IV Corpo disseram isso com toda ênfase.

Eu cheguei ao topo do Monte Castelo no dia seguinte, estava junto com o Major Molina e o Capitão Montanha, este, meu particular amigo até hoje. Lá, encontrei estirado no chão o cadáver de um soldado alemão de uns 20 anos, cujas botas os italianos já haviam tirado. Seu capacete continuava ali, perfurado de lado a lado, com restos de cabelo e miolos ainda dentro. Eu recolhi esse capacete, apesar de o Montanha dizer que poderia ser uma armadilha. Trouxe-o como um troféu de guerra. Posteriormente, em Montese, vivemos a batalha mais difícil e sangrenta que, vencida, abriu-nos o caminho para o Vale do Pó. Quando prosseguíamos para Zocca, deixei aquele capacete alemão com meu primo, que o perdeu.

No avanço para Zocca, enfrentamos muitas metralhadoras, até que chegamos ao Vale do Pó, que é uma planície extraordinária, cheia de cidadezinhas. Quando entrávamos em uma, no meio da poeira (nós todos de óculos), os italianos vinham para a beira da estrada gritando “liberatori, liberatori”. Era uma coisa linda!

Nós, brasileiros, já tínhamos aprendido algumas gírias em italiano, falávamos com eles. Nosso contato com os italianos foi muito bom. No início, quando cheguei, havia um local (tonel) junto à fila do rancho onde se jogava fora o que sobrava. Eu disse para não se jogar fora a sobra, para dar ao pessoal (os italianos) que morava próximo ao acampamento. Eu disse de brincadeira, mas fizeram isso, porque se jogava comida fora sem razão. No final da campanha, tal é a brutalidade da guerra, que eu já não me preocupava mais com coisas assim, infelizmente.

Os italianos e os brasileiros tiveram um bom contato. Eles diziam que os alemães os tratavam mal, gritando e dando ordens o tempo todo, enquanto nós os tratávamos bem. Tentamos namorar umas italianas, mas eram caipiras, gente do interior, quase todas gordas. Apelidamo-las de “geemes”, por causa do caminhão GMC.

Com os americanos também nos relacionamos bem. Eu tive mais contato com o pessoal da 10ª Divisão e com o pessoal da 98ª Divisão, que era formada por negros.

A 10ª Divisão era formada com os melhores homens, com equipamento especializado. Usava cavalos e mulas para as operações de montanha. Os soldados, às vezes, seguravam na cola dos cavalos, para subirem as montanhas, como se faz em vários lugares. Eles chegaram depois de nós à área, mas fomos, juntos, o tempo

todo. Às vezes, eram eles que estavam mais à frente, outras vezes, éramos nós. Muitos deles realizaram suas primeiras patrulhas conosco, quando já tínhamos uma boa experiência. Atacamos Montese e eles continuaram para Bolonha. Trocávamos prisioneiros; nosso relacionamento era bom, apesar da língua atrapalhar.

A 98ª Divisão era bem equipada, os soldados bem uniformizados. Eram homens enormes, como jogadores de basquete. Eu estive com eles quando voltamos dos Apeninos para Roma. Meu caminhão quebrou o eixo e fui a uma seção da 98ª, não sei se de Infantaria ou de Artilharia, para trocar de caminhão. Na guerra é fácil trocar de veículo, assim fui lá pedir para trocar o meu, coisa que consegui. Do soldado ao sargento, todos eram negros, de 2º Tenente em diante, eram brancos. Naquela época, era muito forte o racismo nos EUA.

Nossos homens negros não entendiam isso. Eles viam os negros americanos como homens duros, sofridos. Eu até brinquei com o Adão, um soldado enorme, simpático, um carioca engraçado. Disse-lhe, uma vez, para ir conversar com seus irmãos americanos, pois eles estavam acampados próximos de nós. O Adão disse que não era negro, era de origem africana, que não tinha ressentimento algum, que os americanos apresentavam ressentimento em tudo, no gesto, no rosto. Era uma monstruosidade, na época, a diferença entre brancos e negros, principalmente nos estados do Sul dos EUA. Os americanos não colocavam a 98ª Divisão nem no ataque nem na defesa, sempre fizeram um trabalho secundário.

Eu me dava bem com todos, mas era um prazer ver a 10ª Divisão, era uma divisão espetacular em tudo, organização, armamento. Nós também tivemos o melhor armamento possível, mas acontece que o alemão tinha a “Lurdinha”. Essa metralhadora possuía uma velocidade de tiro muito maior do que as nossas. Quando disparava, fazia um som como “pooooo”, não “pá pá pá”, como as nossas. Logo os brasileiros apelidaram essa metralhadora de “Lurdinha”, a costureira, por causa do som “pooooo”. Também não engasgava, da mesma forma que a pistola P38, que substituiu a *Luger*. A *Luger* é o fino do fino, a construção mais preciosa. Mas, nas condições de combate, na chuva, poeira e lama, a P38 tornou-se a grande pistola da guerra. Era fabricada pela Walter, uma fábrica que ainda existe na Alemanha.

Nunca tivemos problemas de suprimentos, munição, comida, nem de gasolina. Se alguém perdia o armamento, outra arma estava à disposição. E tudo chegava lá na frente. No início, a distribuição de suprimentos e a confecção de comida pelos brasileiros deixaram um pouco a desejar, mas depois ficamos com uma prática enorme, dando muita versatilidade ao processo. As rações vinham numa caixa, que continha vários ingredientes, como chocolate e comida desidratada. Nós nos alimenta-

mos bem, na guerra ninguém passou fome. O apoio do V Exército foi extraordinário. Houve apenas aquele erro inicial: querer atacar sem reconhecer, sem o mínimo de informações e ainda colocar artilheiros antiaéreos na linha de frente, quando a sua missão é proteger a tropa e os pontos sensíveis contra a ameaça aérea.

Após o ataque vitorioso ao Monte Castelo, como narrei antes, fui até o topo. Entrei nas casamatas alemãs, estava tudo entocado. Eram como se fossem construídas com muros por cima, nada os podia atingir, era impressionante. A área das posições, na cota 977, era muito bem organizada, os morteiros em casamatas, feitas de pedra, de granito, mas tão bem-feitas que pareciam de concreto. Suas bases eram de madeira roliça. Aquilo era uma área cheia de locais e abrigos, nos quais se podia atirar, com qualquer coisa, sem produzir efeitos.

Nossa Artilharia possuía obuseiros de 105mm e 155mm. Era raro empregar o 105mm para atingir 10Km e o 155mm, 14Km, que são os seus alcances máximos. Já os alemães apareceram com um canhão de 170mm, sobre rodas, que atirava a 25Km, enquanto nós chegávamos, no máximo, a 14km. Este 170mm atormentou o QG do Marechal Mascarenhas em Porreta Terme. Arrebentou, com um tiro, o muro do QG. Sua precisão era tal que o buraco de um tiro alinhava com o do tiro anterior. Nós não podíamos atingi-lo, e o próprio Mascarenhas pediu para a aviação acertá-lo. Disseram-nos que isso foi feito, que o “Senta a Pua” foi usado contra o canhão. Talvez o “Senta a Pua” tenha atacado, mas não o neutralizou, porque logo a seguir o canhão atirou de novo contra nossas posições. No fim da guerra, capturamos esse 170mm, creio que foram dois, e os trouxemos para o Brasil, um está no pátio do Colégio Militar.

Outra arma muito boa dos alemães eram os morteiros. Extremamente precisos; a dois quilômetros, acertavam dentro de um copo.

Nossa Artilharia, a AD, trabalhou muito com a ELO. Tive contatos também com o “Senta a Pua”, o Grupo de Caça da FAB. Lá estavam o Nero Moura, o Rui, o irmão do Nero, o Danilo Moura. Este último foi abatido e voltou a pé, depois de um mês, quando já era dado como morto. Estive também com o Lutero Vargas, o filho do Getúlio, que foi como médico.

A ELO trabalhava com a AD na condução do tiro de Artilharia. Houve uma vez em que uma bateria inglesa estava agregada à AD. Eles tinham feito a guerra no deserto contra Rommel. O Oficial inglês era um tipo enfadado, que, no jantar, estava cheio de coisas, tinha ordenança (o que os oficiais brasileiros já não tinham). Numa ocasião, eu estava comunicando, via rádio, em inglês, para a Bateria inglesa, as correções do tiro feitas pelo Tenente da ELO. Eu transmitia, cem metros a direita, cem metros curto, assim por diante. Não havia jeito de ajustar o tiro da Bateria. Nós, com três tiros colocávamos o 105mm ou 155mm em cima do alvo, a Bateria inglesa

deveria estar com o seu material apresentando desgaste, devido ao uso intensivo. O Tenente da ELO estava bravo, porque eu pedia para ele continuar mandando as observações. Nós estávamos no QG, toda a Artilharia sob o comando do General Cordeiro de Faria, inclusive a Bateria inglesa. Cordeiro de Faria, homem inteligentíssimo, compreendendo a situação, disse-me: “Acerta no alvo de qualquer maneira.” O Tenente, lá de cima, transmitia uma correção de 500m e eu retransmitia para os ingleses, 50m. Logo o tiro estava ajustado. O Tenente, lá de cima, gritava: “Aranha, você não faz nada do que eu digo.” Eu dizia: “Calma, calma, Tenente”. Mandeí então a Bateria toda atirar (entrar na eficácia) e, após o tiro, transmiti para a Bateria que o objetivo tinha sido destruído (missão cumprida). O Tenente, que falava inglês, disse-me: “Vai mentir no inferno.”

O General ficou satisfeito e o capitão da Bateria inglesa, todo agradecido. Eu tive que fazer uma mutreta, mas o General Cordeiro tinha dado ordem para considerar a Bateria inglesa ajustada de qualquer maneira. O Tenente da ELO, que se chamava Vidal, ficou zangado comigo, mas ele não sabia que eu estava cumprindo ordem do General.

Depois do ataque a Montese, saímos da guerra estática e fomos para a guerra de movimento. Então o General Cordeiro mandou que as viaturas da Artilharia fossem utilizadas pela Infantaria. Eu estava com o Major Molina quando soubemos da rendição da 148ª Divisão alemã. Fomos até suas posições. Ficamos junto ao Major Gross, Comandante do I Batalhão do 6º RI, que foi o maior responsável pela façanha.

Estávamos lá quando começou a rendição. Eu, sentado no capô do *jeep*, vi uma das Companhias de um Batalhão da 148ª Divisão, uns cem homens, aproximadamente, marchando com seu Capitão ao longo de uma estrada de ferro. Outros oficiais do Comando da Divisão já estavam presos. Há dez metros de nós o Capitão comandou “alto”, a tropa parou e começou a jogar seus fuzis na linha do trem. Vi que eles iriam quebrar seus fuzis. Por instinto, por minha natureza, pulei do *jeep* e gritei, em várias línguas, para que parassem. Um oficial brasileiro disse-me: “O que é isso, cabo?” Disse-lhe de volta: “Não pode ser assim.”

O General Falconière, assim que viu aquilo, mandou que parassem imediatamente de quebrar as armas.

Os oficiais e soldados foram separados. Os soldados iam para um campo de prisioneiros e os oficiais eram levados para outro. Quando conduziram o Capitão alemão, este me deu sua pistola, uma P38, que tenho até hoje. É o meu troféu de guerra!

Durante o tempo em que estivemos na Itália, os alemães operavam uma estação de rádio que fazia propaganda em português, falando do Brasil, em espanhol e em inglês. Eles também disparavam granadas que, ao explodirem, lançavam panfletos de

propaganda. Estavam meio chamuscados, mas dava para ler ainda. Um desses panfletos dizia que Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha tinham-se vendido a Roosevelt, dos EUA. Diziam que nós tínhamos sido mandados, por eles, para servirmos de buchas de canhão. Esta é a primeira vez que conto isso, pois as agruras da guerra foram tantas que me esqueci. Eu me emociono, falando disso, são coisas de família. Não trouxe comigo esse panfleto, não sei se o Exército tem um exemplar. Era com isso que os alemães queriam nos dividir. Mas a propaganda não teve efeito algum. Depois de um início inseguro, em dois meses, o brasileiro se tornou um guerreiro extraordinário.

Depois do episódio da rendição da 148ª Divisão eu acompanhei o General Cordeiro até Alessandria. Pensei: “Vou para o Egito! Não fui, era Alessandria na Itália”.

Por esta época, começávamos a ver o fim da guerra. Dizem que Mussolini ia-se entregar para nós, mas foi capturado pelos partisanos comunistas, que o destroçaram. Foi pendurado, de cabeça para baixo, preso pelos pés, junto com a amante, Clara Petracce. Nessa ocasião, o 11º RI estava junto aos Alpes. Nós estávamos prontos para qualquer combate.

O Gen Mascarenhas de Moraes foi um homem exemplar e um Comandante admirável. Quando o General Crittenger, Comandante do IV Corpo, achou que devia reprovar a FEB por causa dos dois ataques malsucedidos a Monte Castelo, Mascarenhas exigiu que tivéssemos o direito de continuar com a missão. Ele buscou a responsabilidade para a Divisão. Ele e o Cordeiro estavam juntos nesse episódio. Ele conseguiu; isso tudo está escrito em seu livro. O episódio da trama para sua substituição foi levado ao General Clark. Este não aceitou a modificação, ele se dava muito bem com o Mascarenhas e conhecia seu valor. O Oficial-General que pretendia substituí-lo fez um ataque com o 6º RI que também fracassou. O Marechal Mascarenhas sofreu o que nós sofremos, sofreu o bombardeio inimigo, como eu sofri, com os tiros caindo sobre seu PC e sobre a casa onde estava.

O General Cordeiro de Faria, meu Comandante, era um homem corajoso, de uma inteligência fora do comum, que comandava toda a Artilharia sorrindo para todos.

Eram homens admiráveis, que vieram posteriormente mudar a vida brasileira, o sistema político e tudo mais.

No dia 2 de maio, tivemos a vitória na Itália e no dia 8 a vitória em toda a Europa, que criava a expectativa de vitória no resto do Mundo. Nós estávamos felizes, já não havia necessidade de viver abrigado em casamatas, não havia mais inquietação, nem sirenes para avisar dos bombardeios. Podíamos andar por todos os lados com os *jeeps*.

Permanecemos na cidade de Francolise, próximo a Nápoles, até embarcarmos para o Brasil. Praticávamos esportes, fazíamos exercícios, preparando-nos para o

retorno. Em Francolise, havia competições de futebol entre as unidades. O Perácio não podia jogar na frente, no ataque, ele era capaz de passar por todo mundo. Ele tinha que jogar de beque. Mas ele era muito brincalhão, assim, uma vez em que eu estava no gol, de óculos, ele deixou um atacante, de molecagem, passar. Enquanto isso, eu gritava: “Olha os meus óculos, não deixa ele chutar!” Mas o cara não fez o gol, eu era o goleiro.

Embarcamos no *Mariposa*. Desta vez, a viagem foi em linha reta.

A chegada foi maravilhosa. As fortalezas atiraram em nossa homenagem! Ao entrarmos na baía, todos fomos ver as praias de Copacabana, Flamengo, Botafogo, Iate Clube. Ao passarmos por Copacabana, o navio adernou, fui para o microfone e falei, mas não adiantou nada.

Quando aportamos no cais, meu pai não era mais Ministro do Exterior, suas relações com Getúlio não estavam boas. Mas eu vi, lá de cima do navio, meu pai, minha mãe, minha irmã e meus tios me esperando, no local reservado às autoridades. Juraci Magalhães contou, em um livro, que quiseram impedir meu pai de entrar naquele local. Mas ele entrou e eu tenho uma fotografia, de capacete, usando bigodes, abraçando meu pai e minha mãe, naquele local. Só mais tarde vim a saber que não queriam permitir a entrada de meu pai. Coisas da política. Quando passamos, em desfile, em frente ao Getúlio, eu estava no *jeep*, todos nos aplaudiam.

A FEB trouxe consequências extraordinárias para o Exército e para o País. A mesma mudou o País, depois dela tivemos a volta da Democracia. A FEB representou um momento fundamental na vida brasileira, na história do Brasil. Isso não há como alguém querer ocultar.

Apesar disso, o seu valor não é reconhecido hoje, quando muitos a ignoram ou procuram minimizar a sua atuação na Itália. Por isso, quero agradecer a oportunidade de relatar a minha experiência. Agradeço ao Exército por reunir estes conhecimentos para o Brasil, pois meus filhos e netos estudaram, mas nada lhes ensinaram sobre a trajetória da FEB na Itália.

Passamos um ano de sofrimentos, de lutas, derrotas e vitórias. Mas as vitórias foram extraordinárias. Essa é a verdade, saímos vencedores, como os italianos diziam ao entrarmos em suas cidades. Soubemos usar nossos materiais, nossas armas, nossos veículos. Nossa Artilharia atuou de maneira fantástica. Passamos um inverno sem sofrer pé-de-trincheira, quando deveríamos ter sofrido, pois solucionamos, com nossa criatividade, o problema.

Logo depois que chegamos, fomos desmobilizados, mas ficou a marca no coração dos brasileiros até hoje. É um novo Brasil que nasceu com a FEB, que chegou a uma situação admirável em sua agricultura e sua indústria. Temos altos e baixos, o

que é que se vai fazer? Somos um País do trópico. A vida no trópico é uma vida conquistada. Não foi no trópico que nasceu a civilização. A civilização é exótica, veio de fora. Agora, temos a crise de energia, que muito prejudica o nosso crescimento, mas é um erro com o qual vamos aprender, como aprendemos com outros e que tornaram, de qualquer maneira, o Brasil um País excepcional!

Finalizo meu depoimento citando um discurso que fiz, como Presidente do Conselho Nacional do Ex-Combatente, na Câmara dos Deputados, perante a Comissão que tratava dos assuntos dos Ex-combatentes na Constituinte de 1946. Nessa Comissão, estavam o Flores da Cunha, o Euclides Figueiredo (deputado e pai do Presidente Figueiredo), o Kelly (presidente da UDN) e outros. Falei dos erros que cometemos antes da guerra, pela imprevidência do governo, que esquecia e tentava mesmo ocultar a situação trágica em que se encontrava o Brasil. Que isso foi confirmado, quando fomos atacados, em nossas costas, quando afundaram muitos dos nossos navios, causando a morte de cerca de mil brasileiros.

Disse-lhes que estava convicto de que quanto mais valor tiver, para o governo, a vida dos Ex-combatentes, quanto mais o governo puder auxiliar aqueles que lutaram pelo Brasil, tanto mais se recomendará o governo, frente ao povo brasileiro.

Disse-lhes: “Senhores Deputados, é isso o que nós esperamos, não somente de Vossas Excelências, mas também de todos os demais brasileiros. O encorajamento dos que souberam ter coragem, o amparo dos que se mutilaram no sacrifício, o auxílio aos que a guerra reduziu na sua capacidade física e mesmo moral. Nada pedimos para os Ex-combatentes válidos e afortunados. Esperamos muito através de nossa organização, que os poderes responsáveis criem um ambiente de confiança e solidariedade humana, capaz de dar aos Ex-combatentes que, após arriscarem a vida pela Pátria, nela tenham o direito de poder viver com dignidade, uma vez que por ela tiveram a honra de viver.”

Tenente-Coronel Celso Rosa*

Natural da Cidade de Brazópolis, MG, pertenceu à turma de 7 de dezembro de 1940 do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 4ª Região Militar. Em dezembro de 1942, foi convocado para o serviço ativo do Exército, tendo servido no 11º Batalhão de Caçadores, que teve as seguintes paradas: Vitória, São João Del-Rei e Barra Mansa. Transferido para a Força Expedicionária Brasileira, embarcou no Rio de Janeiro com destino a Nápoles em novembro de 1944, no navio *General Meighs*, passando, ao chegar à Itália, a integrar o 6º Regimento de Infantaria, no qual permaneceu como Comandante de Pelotão de Petrechos Leves da 7ª Companhia de Fuzileiros, desde o dia 23 de dezembro de 1944 até o final da guerra, indo, portanto, para linha de frente, sem nenhuma adaptação anterior, a fim de recompletar um claro deixado por baixa em combate. Ao regressar ao Brasil, após o término da Guerra e como lhe facultava a legislação vigente, optou por continuar na carreira militar, terminando o curso da Escola Militar, ministrado no CPOR do Rio de Janeiro, em maio de 1949, sendo integrado no Quadro de Oficiais da Ativa do Exército, na Arma de Infantaria. Como Oficial da Ativa, serviu nas seguintes Guarnições: de Ponta Grossa, Joinville, Três Corações, Curitiba e em Resende-RJ (AMAN/BCSv). Foi promovido a Capitão em 1954 e a Major em 1963. Passei para a Reserva remunerada em 1966, sendo promovido ao posto de Tenente-Coronel. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu as medalhas: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha Sangue do Brasil, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e Diploma de Ferimento em Ação.

* Comandante de Pelotão de Petrechos Leves da 7ª Companhia de Fuzileiros do 6º RI, entrevistado em 19 de junho de 2001.

No dia 8 de dezembro de 1940 terminei o curso do CPOR/4 em Belo Horizonte tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial R-2.

Em 1941 fiz o Estágio Regulamentar no 10º RI sendo promovido a 2º Ten R-2.

No dia 28 de novembro de 1942, fui convocado para o serviço ativo do Exército, tendo sido classificado no 11º BC (unidade recém-criada), que teve como sede inicial a Cidade de Vitória (ES), depois São João Del-Rei (MG) e, por último, a Cidade de Barra Mansa (RJ). Nessa Unidade, de dezembro de 1942 a novembro de 1944, tive a oportunidade de exercer as seguintes funções: Comandante de Pelotão, Comandante de Companhia, Ajudante-Secretário do BC, Oficial de Operações, Chefe da Seção de Mobilização e até de Veterinário. Quando o Batalhão foi transferido de São João Del-Rei para Barra Mansa, eu, como 1º Tenente, fui indicado para chefe do comboio ferroviário, que transportou, além da tropa, materiais diversos, todos os cavalos e muares do Batalhão, tal era a falta de oficiais subalternos, em grande parte, integrando as unidades da FEB, na Itália.

Não resta dúvida que tive, assim, oportunidade de adquirir bastante experiência nos quartéis sucessivos do Batalhão e, por isso, quando cheguei à Itália já tinha bastante tarimba e prática da vida castrense.

No dia 6 de novembro de 1944, fui transferido para a FEB, que já estava na Itália. Embarquei no dia 25 de novembro de 1944 e cheguei à Itália no dia 8 de dezembro de 1944 (4º escalão). O navio transportava um efetivo de cerca de 5 mil recrutas, além da tripulação própria do navio, cerca de seiscentas pessoas.

Estive alguns dias no Campo de San Rossore (Depósito da FEB) e já, na noite de 23 de dezembro de 1944, apresentei-me no PC da 7ª Cia/3º Btl do 6º RI, que estava instalado na Região Follo-Podere-Rocca Pitigliana, para assumir o comando do Pelotão de Petrechos Leves daquela subunidade.

Desta maneira, com apenas alguns dias de Itália, já estava integrando o esquema defensivo do Batalhão, responsável, portanto, pelo seu desempenho. Em face do inverno rigoroso que se aproximava, a frente de combate se estabilizou e as atividades bélicas se restringiram ao lançamento de patrulhas de reconhecimento ou de combate, mais com a finalidade de reconhecimento, para não se perder o contato com o inimigo.

Como se verifica, com apenas alguns dias na Itália já estava eu, assumindo o comando de um Pelotão na linha de frente, portanto, sem nenhuma ambientação, sem treinamento apropriado, sem conhecer bem o armamento específico (morteiros e metralhadoras) e sem conhecer previamente a tropa que iria comandar. Quase uma temeridade!

Felizmente tudo correu bem e, em poucos dias, estava perfeitamente integrado ao Pelotão e aos demais elementos da Cia. Para essa vitória pessoal (um verdadeiro teste para mim), três fatores foram determinantes:

– a relativa calma no *front* nas festas do Natal e Ano Novo (afinal, os alemães são também cristãos).

– o comportamento pessoal do 2º sgt Garcia que, nas funções de Cmt interino do Pelotão, espontaneamente e com boa vontade, pôs-me a par da situação do Pelotão e dos “macetes” do comando. Todos, naquela época, não eram recrutas, pois participaram ativamente da campanha do Vale do Rio Sercchio. O único “recruta” era na verdade o novo Comandante! Vejam que situação!

– a acolhida amiga e benevolente do Cmt de Cia - Cap Portocarrero – e dos demais tenentes, que me receberam como “irmão de armas”!

Eis, em síntese, como se verificou a minha integração à FEB.

Não tive nenhum treinamento especial antes de embarcar e também depois do desembarque na Itália.

Havia, na época do desembarque em Nápoles, grandes claros nos efetivos dos três Regimentos de Infantaria Expedicionários, em consequência dos ataques malsucedidos sobre Monte Castelo e da campanha do Vale do Sercchio (6º RI).

Havia, também, muitas vagas devido à ação do frio e da neve, motivando aumento considerável de baixas nos hospitais.

Assim, o pessoal do 4º escalão (Depósito) não teve tempo disponível para uma preparação e adaptabilidade ao novo material de campanha, armamento e alimentação.

Havia urgência em completar os quadros, a fim de preparar a Divisão para as operações depois do inverno. Sabe-se, hoje, que o emprego da 1ªDIE completa foi feito precipitadamente e sem estar em plena forma, devido à imposição de ordem estratégica.

Várias divisões (cerca de 22) que integravam na Itália o V Exército americano e o VIII Exército inglês, foram transferidas para o desembarque dos aliados no Sul da França, desfalcando, assim, o *front* italiano.

Por isso, havia urgência no emprego de nossa Divisão na sua totalidade, embora não estivesse pronta para tal. Foi um mal necessário!

Eis o que afirmou o Gen Mascarenhas de Moraes em seu livro *Memórias*, na pág. 216: “Ora, as imposições para que a nossa Divisão participasse ofensivamente, ainda nos meados de novembro, das operações sobre Monte Castelo, determinaram a aspiração para a zona de frente de unidades com treinamento ainda bem incompleto.”

O meu batismo de fogo não foi “apavorante” mas, sem dúvidas, marcou a minha memória muito fortemente.

É a “historieta” que eu conto numa das crônicas do meu “livrinho” – *Pracinha na Guerra* –, que denominei de “Emoção singular”.

A estrada serpenteava encosta acima. Entardecia. O jipe roncava arrastando o reboque lotado, usando a tração nas quatro rodas em alguns topes mais abruptos. Seu destino era o Posto de Comando do Batalhão.

No interior do veículo do soldado-motorista – veterano dos encontros do Vale do Rio Sercchio – éramos três combatentes recém-chegados do Brasil e que seguíamos para o front.

Rompendo a mudez incomodativa que já perdurava por algum tempo, o motorista explicou que estava correndo um pouco para que pudéssemos chegar antes do anoitecer. E justificava:

“Viajar por estas pirambeiras no escuro não é brincadeira, não. Além disso, à noite não se pode acender os faróis, pois a estrada é quase toda observada pelo inimigo e há pontos constantemente batidos pela Artilharia. O que salva é que este nevoeiro artificial durante todo o dia nos esconde bastante da vista do tedesco.”

De fato, já havíamos notado que uma neblina muito densa tomava conta de todo o vale, escondendo os movimentos dos veículos pela estrada íngreme e tortuosa da montanha. Lá no fundo do vale, geradores habilmente manejados, não paravam de soltar, dia e noite, densos rolos de fumaça, que se espalhavam paulatinamente montanha acima. Um eficiente trabalho do Exército americano.

De uma curva da estrada olhamos para baixo. Além de alguns metros de distância não se via nada: somente aquele campo denso, único, cinzento. Uma paisagem pesada, quase contristadora. Parecia que a estrada em ambas as direções era tragada pela cerração insondável, adentrando-se vagorosamente na imensidão da plúmbea neblina artificial.

À proporção que subíamos, mais avançávamos rumo ao desconhecido e em direção ao inimigo, encarrapitado no alto dos morros, a vigiar os nossos movimentos.

De repente, um assobio característico cortou o espaço. Veio se aproximando, passou por cima de nossas cabeças e continuou a sua trajetória encosta abaixo. Daí a instante, outro assobio idêntico e no mesmo rumo. Davam a impressão de que passavam a poucos metros acima de nós. Ainda, não tínhamos ouvido, antes, coisa igual (a não ser no cinema), mas, instantaneamente, compreendemos que eram granadas de canhão, sibilantes, em direção ao fundo do vale. E, realmente, daí a momentos, dois estrondos ecoaram retumbantes pelas cercanias, trazendo até aos nossos ouvidos de soldados novatos na guerra, aquele som característico e soturno que tantas e tantas vezes depois iríamos ouvir e “sentir”. Eram as granadas que explodiam lá embaixo.

Olhamo-nos emocionadamente. Silêncio... que sensação singular dominou, então, o nosso pensamento naquele instante! Estupefação, surpresa, susto, medo?

Quebrando o silêncio, mas sem desviar o olhar da estrada perigosa, falou o motorista: “Estão martelando a ponte lá embaixo... passamos por ela antes da hora... Desta vez ainda não fomos ‘premiados’. Os senhores vão ver como é gozada esta brincadeira com ‘eles’... A mim, não me amedrontam mais, porque acho que ninguém morre antes da hora. Passo todo dia por aquela ponte, sem o menor receio. Já acertaram nela várias vezes, mas os americanos a reconstroem logo.” E numa frase despreocupada a sarcástica: “– Esses alemães são uns ‘errados’... não sabem que eu tenho um ‘santo forte’...”

Mas, para falar a verdade, naquele momento, as palavras do motorista pouco nos interessavam. Continuavam a “viver” nos nossos cérebros, de modo dominador e absorvente, aquele sibilar característico e aqueles estrondos ecoantes e soturnos... Sensação inefável...

E, imersos na bruma, continuamos vertente acima pela estrada sinuosa, rumo ao desconhecido, sob o impacto daquelas emoções inéditas...

Quem poderá definir a emoção que domina o combatente sob o primeiro estrondo de uma granada de guerra?

O emprego do Pelotão de Petrechos Leves (Morteiros de 60mm) foi uma inovação da Segunda Grande Guerra.

Os morteiros 60mm proporcionaram um aumento da capacidade combativa das Companhias de Fuzileiros.

Na defensiva, desenvolvendo uma barragem de fogos imediatamente à frente dos pelotões de 1ª escalão, com observação direta e correção rápida. Nas ações ofensivas, acompanhando de perto os escalões de ataque, apoiando-os com fogos rápidos, seguros e eficientes.

O “petrechinho” da 7ª parece que não “fez feio” na guerra na Itália. Nada posso falar sobre a atuação no Vale do Sercchio, porque não tomei parte nessa operação. Mas, sim, durante a Defensiva de Inverno (Vale do Reno) e das ações posteriores até a tomada de Montese. Deixo em minha Pasta do Projeto História Oral a carta utilizada durante a defensiva, para aqueles que quiserem conhecer com mais profundidade a região em que nos encontrávamos nessa fase da campanha.

Na defensiva de inverno, estabeleceu-se um Plano de Fogos, cobrindo toda a frente de combate e teve atuação eficaz. No meu “livrinho”, encontra-se anexo o Plano de Fogos do Pel Ptr L da 7ª Cia/6º RI. Deixei-o, também, em minha Pasta.

Na Ofensiva da Primavera, exerceu a sua função específica de apoiar o escalão de ataque com fogos rápidos e eficazes.

Na conquista de Santa Maria Viliiana e posteriores ações até Castelnuovo, apoiou eficazmente a ação da tropa atacante em ligação com elementos da 10ª Divisão de

Montanha americana. Em Montese, foi extremamente sacrificado pelo terrível bombardeio inimigo, numa das maiores concentrações de fogo da guerra na Itália, desencadeada pelos alemães. O Pelotão teve muitas baixas e não pôde completar a sua missão.

Eu mesmo, meu sgt auxiliar e vários cabos e soldados fomos vítimas da ofensiva sobre Il Serreto, Montebuffone, este, no prosseguimento da ação do 3º Btl do 6º RI, sobre adjacências de Montese.

Todos nós sabemos que o clima tem influência marcante no desenrolar de uma guerra. Basta lembrar a derrota fragorosa do Exército de Napoleão na Rússia no começo do século XIX ou da derrota espetacular da famosa “Wermath” de Hitler, na 2ª Grande Guerra, também nas estepes russas, em 1942-43.

Na campanha da Itália (1944-45), o inverno influenciou no desenrolar das operações táticas e mesmo nas decisões estratégicas do Alto Comando Aliado.

A FEB seguiu para a Europa usando uniforme de brim, verde-oliva, feio e mal feito – apelidado de “Zé Carioca”. Com a chegada do inverno (final de 1944), foi socorrida pelo Exército do “Tio Sam” que a abasteceu com seus magníficos uniformes. Uma outra peculiaridade com referência ao “Zé Carioca”: a cor verde-oliva era muito semelhante à tonalidade do uniforme comum do Exército alemão. Por isso, é muito possível que “pracinhas” brasileiros tenham sido vítimas dessa semelhança de uniforme!

Conta-se que, num de seus ataques a Monte Castelo, os americanos da 10ª Divisão de Montanha, chegaram a atirar contra brasileiros, pensando que fossem alemães.

O 1º escalão da FEB, quando desfilou em Nápoles, após o desembarque do navio, recebeu vaias da população italiana, na convicção de que se tratavam de prisioneiros de guerra alemães conduzidos para os campos de prisioneiros.

A saúde da tropa também foi preocupação constante das autoridades sanitárias, principalmente com a baixa temperatura do inverno italiano. Profilaxia contra doenças como pé-de-trincheira, gripe, pneumonia etc... mereceu atenção especial.

A respeito do desempenho de nossos combatentes – oficiais, graduados e soldados – releva citar que, de um modo geral, foi muito favorável. Até o escalão Companhia, a camaradagem era um traço marcante no convívio cotidiano da tropa. No âmbito do Pelotão, essa camaradagem era evidente e marcante. Os jovens tenentes ligados diretamente aos sargentos e demais praças, constituíam um “clã familiar”. Principalmente durante a longa defensiva do inverno italiano, cujo frio e neve obrigavam os combatentes a se “entocarem” nas casas ou nos abrigos. Muitos exemplos de solidariedade e camaradagem revelaram o comportamento do nosso soldado.

O pracinha brasileiro apresentou na Itália recursos para tudo. Revelou uma versatilidade magnífica. Surpreendeu os americanos e os próprios alemães. Adaptou-se com rapidez notável ao novo armamento e à técnica de combate; resistiu à neve e

ao inverno europeu; combateu, ombro a ombro, com norte-americanos e ingleses, com “franceses livres” seguidores do General De Gaulle, exóticos hindus, temidos australianos e neozelandeses, atléticos canadenses etc.; galgou valentemente os Apeninos e palmilhou a Planície do Pó; enfrentou galhardamente o mais aguerrido e treinado soldado do mundo – o alemão – e não fez feio.

Conta-se que, certa vez, Mark Clark, General Comandante de todas as tropas americanas da Itália, ficou intensamente impressionado com o sangue frio e a coragem de um soldado brasileiro, quando perguntou-lhe, através de um intérprete:

“A patrulha vai sair daqui a pouco. Qual a sua função nela?”

“Eu sou a isca”, respondeu-lhe o pracinha com uma naturalidade impressionante

“A isca? Que quer dizer isso?”

“Uai. É assim: a gente quando não sabe onde o alemão está, eu saio na frente da patrulha, faço umas ‘visagens’ e então eles atiram, e a gente vê onde estão e manda bala neles...”

Nos escalões mais altos, com o distanciamento cada vez maior entre as unidades, essa liame “familiar” perdeu um pouco de suas características.

Outro aspecto a ressaltar foi observado com o andamento da guerra para a derrocada final, com os alemães cada vez mais sem munição e ausência de apoio aéreo. Verificou-se que os brasileiros começaram a se descuidar de alguns princípios básicos, como a camuflagem e a segurança das organizações. Sobre isso, o Gen Mascarenhas em seu livro de memórias conta que, certa vez, ao ensejo de uma inspeção de surpresa, verificou que a camuflagem estava péssima e que, assim, a segurança da Artilharia Divisionária estava comprometida. O Oficial responsável então argumentou: “Achamos desnecessárias tais medidas, porque os alemães não têm mais condições de nos molestar. Sua aviação de guerra está completamente fora dos céus italianos.” Mesmo assim, o Comandante brasileiro determinou que a camuflagem fosse revista e completada.

Passados alguns dias numa visita inesperada, um Comandante americano elogiou o Comandante daquela posição de Artilharia pela perfeição e detalhes da camuflagem. O Comandante elogiado ficou muito constrangido quando encontrou o olhar do Gen Mascarenhas... Mas, recebeu o elogio com satisfação.

A FEB teve como adversário na campanha da Itália dois tipos diferentes: o soldado alemão (germânico-tedesco) e o soldado italiano (fascista – tropas que permaneceram fiéis a Mussolini e que não aceitaram o Tratado de Paz entre o Rei Vitório Emmanuel e os Aliados, em 1943). Esses militares continuaram fiéis ao Duce, combatendo principalmente os *partisans*, que eram os italianos favoráveis aos Aliados e francamente antifascistas. Assim, a FEB tinha como adversários perigosos os fascistas italianos (protegidos pelos alemães) e, como amigos, os “guerrilheiros” italianos –

protegidos pelos Aliados. (*Partigianni* na Itália, *Maquis* na França etc...) Essa dicotomia política da Itália ocasionou mudanças radicais. O Norte (acima de Florença -Bologna) ocupada pelos alemães e fascistas de Mussolini; o Sul, ocupado militarmente pelos americanos e ingleses (V Ex e VIII Ex).

Assim, o inimigo mais temido era o soldado alemão e o menos temido o soldado italiano-fascista. Ambos, embora politizados, estavam cansados de tanta guerra que, no final da campanha, nos dias 29 e 30 de abril, decidiram por se entregar às tropas brasileiras (rendição de Collecchio e Fornovo).

Os primeiros prisioneiros feitos pela FEB, no Vale do Serchio, eram militares de uma Divisão italiana.

Há, ainda, outra particularidade: os militares alemães enquadrados nas unidades das Forças Armadas, do seu Exército regular, de um modo geral, respeitavam os princípios da “Convenção de Genebra” sobre a garantia de vida dos prisioneiros. Já os combatentes da Guerra Civil não respeitavam os direitos humanos e, de um modo geral, não faziam prisioneiros. “Justiçavam” na hora. O próprio Mussolini foi “justiçado” pelos *partisans* italianos.

Como já enfatizei no início deste depoimento, em dezembro de 1942, fui convocado para o serviço ativo do Exército e dele não mais me afastei durante o período de quase 30 anos. Efetivo serviço ao Exército e à Nação brasileira. Em 1940, quando terminei o CPOR/4, concluí, também, o Curso de Direito na UFMG e pretendia exercer a profissão de advogado. Mas a guerra veio alterar os meus planos. Participei da FEB integrando o 6º RI - Regimento Ipiranga (7ª Cia do III Btl).

Logo após o seu término, tive oportunidade de continuar no serviço ativo, para isso fazendo o Curso da Escola Militar (COR), pelo Regulamento da Escola Militar de Resende e integrar o Quadro de Oficiais da Ativa (Dec-Lei Nº 8.159 de 3.11.1945). Assim, em 2 de maio de 1941, com a conclusão do Curso – Arma de Infantaria, fui incluído no Quadro do Exército Ativo . Nesse Quadro, fiz carreira.

Em 1960, cursei a EsAO (conceito MB) e servi nas seguintes unidades: 13º RI (Ponta Grossa - PR), 13º BC (Joinville - SC), Escola de Sargentos das Armas (Três Corações - MG), Cia QG/ ID-5 (Ponta Grossa - PR), Cia QG/5ª RM (Curitiba - PR) e AMAN/BCSv (Resende- RJ).

Fui promovido a Capitão em 1954 e a Major em 1963. Passei para a Reserva em 1966, sendo promovido ao posto de Ten Cel, na data do decreto.

Vê-se portanto, que o curso do CPOR/4, a convocação para o serviço militar e a Segunda Guerra Mundial (FEB) foram os responsáveis pela minha permanência no Exército por longo tempo. Nele, dediquei-me de corpo e alma, fiz carreira, casei-me e eduquei os meus filhos.

Não me arrependi! A Advocacia e o Magistério ficaram para mais tarde. Tudo que tenho (materialmente pouco...) devo ao Exército.

A história da FEB é relativamente recente. Há ainda um pequeno contingente de ex-combatentes (brindados com a expressão de relíquias vivas), que relembram aos mais jovens a nossa participação na Segunda Grande Guerra, combatendo nos campos da Itália, em 1944-45, integrando o V Exército norte-americano.

Não fizemos feio! Ao contrário: apesar das enormes dificuldades de toda ordem; da lama no outono (Vale do Sercchio), da neve e do frio no inverno (Vale do Reno) e da poeira sufocante nas escaramuças dos encontros finais (Vale do Pó); apesar de alguns erros táticos e de alguns infelizes episódios; no final, o saldo foi positivo. Ainda mais: a FEB foi uma expressão de brasilidade. Concorreu para a libertação do Brasil das garras políticas do autoritarismo antidemocrático que dominava a nossa Nação.

Peço licença para relatar um pequeno trecho de uma crônica do meu livro – *O Pracinha na Guerra* – encerrando este meu depoimento, como combatente da FEB, no Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Ei-lo:

Um matutino do Rio, há poucos dias, em editorial com o título “O espírito da FEB”, exaltou a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Grande Guerra, afirmando que, para honra e glória nossa, o “espírito da FEB não pereceu”.

Na realidade, a Força Expedicionária Brasileira exerceu um papel preponderante na redemocratização do Brasil. Todos nós sabemos que a ação de nossas tropas na guerra contra os países totalitários do Eixo Roma-Berlim foi motivada pelos atos de agressão ao nosso povo, através do ignominioso e desumano torpedeamento de 19 navios de nossa Marinha Mercante, de fevereiro a agosto de 1942, período em que perto de mil brasileiros foram sepultados nas águas do Atlântico, vítimas dos submarinos do Eixo. Além disso, cumpríamos também um dever de solidariedade continental e de fiel execução aos compromissos firmados nos tratados internacionais, quando combatemos ao lado da nação norte-americana, igualmente vilipendiada em sua soberania. Assim, a FEB foi um grito de brasilidade, uma resposta viril de um povo, diante dos atos de provocação, de selvageria e de desrespeito à sua soberania de nação livre e briosa.

Mas, além disso, o espírito da FEB era representado pelo esforço patriótico, em prol da restauração e preservação dos princípios democráticos contra os totalitarismos, independente de qual fosse o seu matiz. A luta pela democracia representou, sem dúvida, uma característica marcante de nossa atividade guerreira nos talados campos da velha Europa.

E concluo com o editorial inicialmente citado: “A FEB em espírito permanece tanto nas Forças Armadas, quanto no povo deste país.”

Tenente-Coronel Cássio Abranches Viotti*

Nasceu na Cidade de Caxambu, MG, tendo sido declarado, em 1934, reservista de 2ª Classe. Coursou o CPOR de Belo Horizonte, onde se formou, em 1938, data de sua declaração a Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria, concomitantemente cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. De 1941 a 1942, foi Promotor de Justiça da Comarca de Cássia, MG. Embarcou para a Itália no 1º escalão, como integrante do 11º RI em 1º Jul 1944. Pertenceu ao Depósito de Pessoal, onde exerceu, entre outras, a função de Subcomandante. Com a chegada do 2º escalão solicitou voluntariamente o retorno ao 11º RI, na linha de frente, tendo comandado, sucessivamente, o Pelotão de Canhões Anticarro, Pelotão de Fuzileiros e de Metralhadoras Anti-aéreas. Terminada a guerra foi promovido a Capitão, em virtude de sua excepcional conduta no campo de batalha (Decreto Lei 8.159), em companhia de uns poucos primeiros-tenentes. Em 1946, matriculou-se no Curso de Oficiais da Reserva, anexo ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, concluído em maio de 1949. Feito o curso, foi excluído da reserva e incluído no serviço ativo, de acordo com o Artigo 8º da Lei nº 8.159 de 3 Nov 1945. Após a guerra, foi mandado servir no 6º RI de Caçapava, SP, por dois anos. Em 1958, concluiu o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Durante dois anos foi Secretário do Colégio Militar de Belo Horizonte. Na Revolução de 1964 comandou o Batalhão do 12º RI que ocupou Brasília. Foi Chefe de Gabinete da Agência de Belo Horizonte do SNI, onde serviu por aproximadamente três anos. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua atuação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 24 de novembro de 2000.

O ambiente no Brasil com relação à Segunda Guerra Mundial, entre os oficiais superiores do Exército, em 1939 e início da década de 1940, era de admiração por Hitler e pela Alemanha, principalmente os germanófilos, inclusive eu, que nos entusiasmávamos pelas vitórias e conquistas alemãs. A mudança de mentalidade aconteceu quando os alemães provocaram o afundamento de navios brasileiros. Esse fato fez com que a neutralidade inicial se transformasse em uma fase beligerante e de organização da FEB.

A Força Expedicionária Brasileira foi organizada inteligentemente, aproveitando determinados regimentos ou batalhões de escol. Como exemplo, podemos citar o 11º Regimento de Infantaria que naquela época era um magnífico regimento. O entendimento entre seus integrantes era uma coisa extraordinária. Outras unidades também escolheram pessoas que provavelmente queriam cumprir bem o seu dever e honrar o Brasil na Europa.

Minha integração na FEB foi voluntária. Em 22 de agosto de 1942, após o afundamento de nossos navios, nosso Presidente reconheceu à situação de beligerância entre o Brasil, Alemanha e Itália.

O rádio deu a notícia à tarde. Dirigi-me à agência dos correios para, na qualidade de Oficial da Reserva, oferecer meus préstimos. Já estava fechada.

Na manhã seguinte passei dois telegramas. Um para o Comandante da 4ª Região Militar, sediada em Juiz de Fora, colocando-me a disposição do Exército. Outro a meu pai dando-lhe ciência de meu ato. Meu pai respondeu, em um telegrama emocionado que guardo até hoje, apoiando minha decisão. O General não se dignou responder-me.

Dias depois, fui convocado pela mesma portaria com os meus colegas de CPOR, que haviam ficado todos “na encolha”. Pelo menos fiz o que achava de minha obrigação.

Convocado, fui mandado, de novo, de muito bom grado, para São João Del-Rei. Fui distribuído para a Companhia de Petrechos Pesados do Segundo Batalhão.

O Regimento, não demorou, deslocou-se para o Rio de Janeiro, ficando alojado num aquartelamento precário no Morro do Capistrano, na Vila Militar.

Os preparativos para a guerra eram intensos e exaustivos, até que chegou o dia de nosso embarque para a guerra. Ficou decidido que iríamos fazendo parte do 1º escalão, composto do 6º RI, II Grupo de Obuses e outros elementos da Divisão, dentre os quais o Estado-Maior e seu Comandante, General Mascarenhas de Moraes. Os elementos do 11º RI que embarcaram foram a 4ª Companhia de Fuzileiros, a Companhia de Obuses e meu Pelotão de Morteiros, que completaram o navio.

A Companhia de Obuses acabou transferida integralmente para o 6º RI, por ser qualificada como a melhor no exercício de tiro que precedeu a entrada em linha

do Regimento. Era Comandada pelo Capitão Domingos Ventura Pinto Júnior. A Companhia do 6º RI foi transferida para o Depósito de Pessoal.

Em meu Pelotão de Morteiros havia quatro oficiais – eu e mais três – todos da reserva, ou seja, três R/2 do CPOR e um R/1 oriundo do quadro de sargentos. Éramos sessenta homens, três Seções de Morteiro e um Grupo de Comando.

Quando chegou o 11º RI, o 2º escalão, com o qual me identificava enormemente, eu me julgava “carga” do 11º RI, sentia-me como mineiro, como um elemento praticamente criado naquele lugar; sentia muita vontade de voltar para o 11º RI. Em virtude disso, solicitei minha volta para o 11º RI, e minha ida para a linha de frente. Nesse tempo, os mineiros do 11º, que embarcaram com o 6º, no 1º escalão, já foram transformados em Depósito Provisório de Pessoal.

Não sabíamos que iríamos para a Itália, ninguém sabia. A viagem durou quinze dias. Durante esse tempo, inúmeros alarmes, exercícios de abandono do navio que iam até a “porta da saída”, evidentemente não podiam descer do navio. Meu Pelotão foi acomodado em alojamento de oficiais, exceto três soldados que foram enfiados no último porão, muito abaixo do nível do mar.

Em decorrência de haver todos os dias muitos alarmes, supúnhamos que alguns fossem verdadeiros, submarinos alemães prestes a nos atacar, ou pudessem estar a rondar o navio. Depois da guerra, soubemos que alguns dos alarmes, que eram ditos e feitos como exercícios, eram reais. Entretanto, o comando do navio não permitia que a tropa soubesse. Desconfiávamos que fosse real, mas não tínhamos certeza. Com a chegada à Itália do 11º RI, consegui atender ao meu anseio de ir para a frente com o meu regimento mineiro. Procurei o Capitão Luiz Faria, S/1 do Regimento e pedi para voltar ao 11º RI.

Quando voltei para o 11º RI, havia um Pelotão de Canhões Anticarro, onde fiquei, e um Pelotão de Remuniciamento. Naquela ocasião, não tinha conhecimento sobre anticarro. Calculei: “os sargentos devem conhecer suas funções, os soldados já foram treinados. Cumpre-me pegar o manual e estudar”. Eu aceitaria, naquela oportunidade, qualquer função no 11º RI, por mais perigosa e difícil que fosse, porque desejava voltar para o “meu Regimento”.

Recebi o “batismo de fogo” nos Apeninos, em Monte Castelo. Meu pelotão de canhões anticarro, na hora de entrar em linha, ficou para trás, por três dias. Quando fui para o *front* perguntei a um sargento, que lá estava, qual era o Monte Castelo, onde estavam os alemães.

Disse-me que não sabia, que não tinha certeza. Espantado com a resposta falei: “Como não sabe? Não é possível isso!” Ele retrucou, apontando: “Parece que é aquele morro”.

Assim, sem informação precisa, não pude informar a meus soldados, nem pude contê-los. Puseram-se a circular pelo lugar tranqüilamente. Infelizmente, os alemães viram, e deram uma saraivada de tiros de canhão em cima de nós, talvez uns trinta tiros. Nós nos abrigamos nas casas dos italianos, ali existentes, casas muito sólidas, bem construídas. Felizmente não houve baixa alguma. Um verdadeiro milagre, não ter morrido uma pessoa sequer.

Eu apoiei o II Batalhão do 11º RI, comandado pelo Coronel Orlando Gomes Ramagem, um famoso e grande Comandante. Meu Batalhão cumpriu as suas obrigações, suas missões com grande dignidade e bravura em toda a sua campanha. Todos, oficiais, sargentos, soldados cumpriram a sua missão com muito valor e sacrifício, enfrentando o inimigo sob um inverno rigoroso, que chegava até a 20 graus abaixo de zero.

Não participei do ataque de 12 de dezembro, porque minha função não foi exigida. Fiquei em posição, mas não ataquei. Entre as participações mais importantes do meu Regimento destaco a de Montese. O bombardeio foi o mais terrível da FEB, com muitos mortos.

O 11º RI foi excepcional em Montese, cumpriram seu dever da melhor maneira possível. O bombardeio foi terrível, pois os alemães não podiam perder aquela posição. Eles sempre se defenderam “com unhas e dentes”. Na guerra, os soldados alemães eram uns bravos, eram fanáticos, lutavam até as últimas forças. Os brasileiros tiveram que enfrentar a valentia e eficácia dos alemães. Eu diria, sob certo aspecto, que o alemão fazia a guerra para ganhar; suas posições eram bem preparadas e muito bem escondidas, verdadeiros soldados profissionais.

Em um determinado momento, tive que ocupar uma posição e encontrei um abrigo alemão. Nesse local, eles tinham cavado o chão, fizeram um grande buraco, colocando enormes toras de madeira em cima e sobre elas havia terra. Esse procedimento foi dentro de uma casa italiana de pedras, bastante resistente. Os brasileiros nem sempre se defendiam dessa forma, pois tinham outra maneira de pensar. Acreditavam em Deus. Teriam raciocinado: “O alemão não vai atirar aqui, se atirar não vai acertar, se acertar, as paredes resistirão, não vamos morrer etc”.

O pracinha brasileiro sobrepujou a dificuldade do clima no inverno, revelando uma inventividade que ninguém imaginava. Um caso pitoresco refere-se a um soldado, Wenceslau Correia, conhecido por 914, que parecia redondo, de tanta roupa que usava. Disse-lhe isso, çaoando. Ele me respondeu que estava com 18 meias, nove em cada perna. Havia muita criatividade, capaz de surpreender o americano.

Os soldados brasileiros tiravam as botas que estrangiam os pés e ficavam só com os galochões, enchiam-nos de pena, penugem de pato, palha ou papel picado. A finalidade era de melhorar a circulação.

Quase cinquentá anos depois da guerra, um dos meus companheiros disse-me que ele usava um par de meias na barriga esquentando e outro, no pé. Quando este esfriava, colocava nos pés a meia quentinha, aquecida na barriga.

A criatividade do brasileiro evitou o pé-de-trincheira, que era a falta de circulação de sangue nos pés, ocasionando a gangrena e exigindo a amputação para evitar o mal maior, ou seja, a morte do paciente. Os brasileiros, embora sofrendo muito, tinham uma vergonha imensa de baixar no hospital, mesmo que tivessem perdido um membro do corpo: pé, perna etc, porque não queriam ser chamados de medrosos ou covardes, em linguagem italiana, “baixou com paura”, quer dizer baixou com medo. Em função disso, pelo caráter e o moral, eles queriam estar ali na frente cumprindo a sua missão.

A possibilidade de serem aprisionados atemorizava os brasileiros. Durante a guerra, apenas trinta e cinco militares foram aprisionados. Um deles era o Tenente Emílio Varoli. Ele ficou paralisado pelo frio, não pôde sair do lugar no qual estava. O número de soldados alemães aprisionados por nós era de quinze mil, uma enorme diferença, comparada ao número de brasileiros.

Além disso, o soldado brasileiro enfrentava as condições adversas com o maior bom humor, estava sempre alegre, fazendo piadas, mesmo quando havia um bombardeio alemão. Ficávamos assustados, mas logo surgiam manifestações de bom humor, do espírito galhofeiro de nosso soldado, que tanto nos valeu nas horas duras da campanha, mantendo elevado o moral da tropa.

Os oficiais e graduados tiveram um bom desempenho, apesar de terem pouco treinamento. Um exemplo foi o Capitão Eryx Motta, Comandante da 4ª Companhia do 11º RI: desde que chegou até o dia em que veio para o Brasil, não abandonou os seus soldados por um momento sequer, nem para ir a Roma passear, nem Florença, não se preocupava com a diversão. Mantinha-se sempre com os seus soldados na linha de frente. Esse Capitão foi um exemplo maravilhoso, ele viveu a guerra, cumpriu seu dever de maneira formidável, com uma conduta irrepreensível.

O relacionamento com os italianos foi excelente. Especialmente com as mulheres – *co le donne*. Nossos soldados não queriam saber dos italianos, por outro lado, as italianas eram recebidas muito bem. Organizavam-se em fila para comer as sobras do nosso rancho. Todos os italianos eram muito bem tratados pelos brasileiros, inclusive as crianças.

Com relação ao apoio à saúde da tropa combatente, destaco uma evidência dentro da FEB, o soldado dizia: “Chegou com vida ao hospital, não morre mais”. Todos absorviam essa convicção, pois os médicos americanos e os brasileiros tinham muita capacidade. Os americanos admiravam a competência e a perícia do médico brasileiro, tanto o convocado civil como os do quadro do Exército.

O apoio religioso contou com a figura de Frei Orlando. Um homem alegre, que dava gargalhadas homéricas, bravo, corajoso, estimado pelos soldados; ia com frequência à linha de frente. Lembramos de sua atuação em um determinado dia em que estávamos muito próximos dos alemães, em Casa Guanella, numa posição em que os *jeeps* não podiam ir, por causa do barulho que chamava atenção dos alemães e nós não podíamos conversar à noite, podíamos apenas cochichar. Frei Orlando foi nos dar assistência religiosa e rezou uma missa, foi a primeira vez que eu assisti a uma confissão comunitária. Feita a homilia, dada a absolvição coletiva, os soldados comungaram.

Há algum tempo atrás, tive a oportunidade de ler, em uma publicação militar, uma carta que ele escreveu para uma das irmãs, residente no Brasil. Definia de uma maneira original a cama-rola. Ele diz: “Entre na cama-saco para dormir, lá pelas tantas acordei tão afogado, com tanto calor, que eu abri aquilo, tirei os agasalhos e, para medir a temperatura, molhei a ponta do dedo na saliva e coloquei no peito, e este chiou como ferro em brasa”. Fizera como as donas de casa que testam os ferros de engomar.

Nossas camas-rola, úteis e eficientes, revestidas de penugem de pato, que aqueciam bastante; ficávamos como múmias, durante a noite, dentro delas.

Alguns dias após a conquista de Monte Castelo, eu me encontrava na posição de Livornetto, quando chegou o General Mascarenhas de Moraes, acompanhado de um General americano e um Capitão intérprete. Eles vieram dar uma espiada no Monte Castelo. O General americano fez-me uma série de perguntas acerca dos efetivos e de sua localização. Perguntou-me sobre o inimigo, o estado de saúde de minha tropa, sobre seu moral. Respondi com absoluta presteza e segurança.

Tinha muito conhecimento das atividades relacionadas à linha de frente, sentia-me “senhor da situação”. Durante seis dias, ficara emprestado na 6ª Companhia de Fuzileiros do Capitão Hélio Covas Pereira.

Eu estava em Livornetto, numa segunda linha, e tomei conhecimento de que chegara minha vez de descansar, de passar uma semana em Roma. O Comandante de minha Companhia declarou que precisava de mim, não me liberando. Outro Tenente companheiro foi indicado para sair de férias. Entrementes, o Comandante do Batalhão, Major Ramagem, pediu ao Comandante da Companhia que indicasse um Tenente para ir para a primeira linha, ajudar o Capitão Covas que fora desfalcado de um Tenente. A pessoa indicada foi o Tenente Viotti. Meu Comandante que alegara necessitar de mim, que tinha me impedido de gozar minhas férias, não teve dúvidas em me colocar na primeira linha, a chamada “boca do lobo”. Lá fui eu apresentar-me ao Capitão Covas, em Abetaia.

A atitude dos soldados e dos oficiais foi o que me impressionou na FEB. Havia uma familiaridade muito grande entre os oficiais para com os soldados. Havia os que

só se dirigiam aos seus soldados como “meus filhos”. O Capitão Coelho Neto é um exemplo, atingiu depois o posto de General. Jogava futebol com eles, e todos os tenentes da Companhia chamavam os soldados de “meus filhos”. Nós procuráramos ser uma espécie de irmão e pai para os soldados. Isso era o que havia na FEB.

Um companheiro de destaque foi Sérgio Pereira. Queria ir para a guerra comigo voluntariamente. Ele era de uma outra Companhia, mas me conhecia e gostávamos muito um do outro. Infelizmente, ele tinha outra especialidade e tive que recusá-lo no Pelotão.

Algum tempo depois de desembarque, sem nenhuma experiência de combate, o I Batalhão do 11º RI ocupou vasta frente diante do Monte Castelo. Naquela mesma noite os alemães deram um ar da graça. Ao que parece mandaram algumas patrulhas fustigar os brasileiros. Assustada, nossa tropa atirou a esmo na escuridão. Pressionado por alguns capitães, que não souberam conter os seus homens, o Major Comandante do Batalhão concordou com um recuo para uma segunda linha de alturas. Estabeleceu-se o pânico. Uns poucos portam-se com muita bravura, permanecem aferrados a suas posições, apesar da ordem de recuo. A maioria, aligeirada de armas, agasalhos, equipamentos, munição, que abandona nas posições, corre até Silla.

Reagrupado, o Batalhão foi transferido para Granaglione, uma cidadezinha tranqüila. Substituíram o Comandante do Batalhão e três capitães.

O comando da 1ª Companhia coube ao Capitão João Tarcísio Bueno. Poucos dias depois o Batalhão, que parecia desfibrado e desmoralizado, sob o comando e o impulso daqueles novos oficiais ataca o Monte Castelo, flanqueando Abetaia. Não consegue conquistar o morro, quase inexpugnável, mas realiza prodígios de bravura.

Nesse ataque, em 12 de dezembro, o Capitão Bueno foi ferido gravemente e abandonado na “terra de ninguém” – denominação usada para identificar a parte do terreno compreendida entre as nossas posições e as dos alemães. Houve várias patrulhas para resgatar o Capitão, na escuridão da noite, mas não conseguiram; o próprio Wolf esteve na busca. Sérgio Pereira, que havia conhecido o Capitão há dois ou três dias, resolveu, espontaneamente, procurá-lo. Vasculhou durante a noite, em lugar minado, arrostando o medo, o frio, a lama, os alemães e, depois de algum tempo, encontra-o gravemente ferido. Colocou-o nas costas, pois era um soldado forte e grande, e carrega-o até nossas linhas. Salvando-o da morte certa.

Essa atitude seria considerada normal, compreensível, se tivesse sido comigo, que era seu amigo desde os tempos de São João Del Rei. Todavia, ele não conhecia o Capitão que havia assumido o comando da companhia, praticamente, na véspera. Essa atitude mostra-nos a solidariedade humana, a lealdade para com o chefe. Sérgio apenas fora designado seu ordenança.

Sérgio Pereira foi chamado ao Quartel-General e ofereceram-lhe as divisas de sargento: seria promovido a sargento e voltaria à sua Companhia e à linha de frente ou ficaria no Quartel-General como cabo. Como ele era mineiro, sabidamente, contou-me algum tempo depois, que refletiu: “Se eu for promovido a sargento, por bravura, vou ter que cometer outro ato de bravura para honrar as divisas e, provavelmente, vou ser morto lá na linha de frente. Eu prefiro ser cabo aqui na retaguarda”.

A assistência que procurava transmitir aos subordinados, em horas difíceis, como um pai, era de tranquilidade e coragem. Todos procuravam agir dessa maneira, com a finalidade de fazer com que o ambiente na FEB fosse cada vez melhor. O exemplo vale muito na guerra.

Quando tive a oportunidade de lidar com aliados e com outras nações na Itália, a impressão que ficou foi a seguinte: ingleses eram frios, fechados, sentiam-se importantes, não queriam saber de ninguém, sentiam-se os “donos do mundo”. Os americanos eram nossos irmãos, amigos, camaradas, tratavam-nos com simpatia.

Um acontecimento que chamou a atenção foi o do Capitão Olegário de Abreu Memória, Comandante da 7ª Companhia do 11º RI. Parado um dia na estrada com um pneu furado e sem sobressalente, estava em palpos de aranha, sem encontrar uma solução. Um americano que passava pelo local, vendo do que se tratava, tirou o pneu sobressalente do seu próprio *jeep* e colocou no do Capitão Memória. Em seguida, solicitou que o restituisse, deixando com ele as referências para contactá-lo. O americano confiou nele e o Capitão Memória cumpriu o dever, logo que pôde, devolveu o pneu. Essa atitude define a amizade, a camaradagem e a confiança que havia entre nós.

O próprio Capitão Memória se impressionava com tal fato e com a solidariedade dos americanos para conosco. Certamente, um brasileiro não faria isso. A princípio, não acreditaria no que estava acontecendo, desconfiaria da honestidade daquele homem que nunca tinha visto e, conseqüentemente, jamais cederia uma roda do seu *jeep* para um estrangeiro que, dificilmente, encontraria de novo.

A notícia sobre o término da guerra foi recebida por nós quando estávamos no Norte da Itália, em San Salvatore Monferrato. Entretanto, o comunicado chegou junto com outra notícia de que iríamos combater os japoneses. Foi uma “ducha de água fria”. Não houve comemoração, nem alegria, nem festa. Ninguém comemorou o final da guerra, pois ficamos estupefatos com a ordem de combate. A luta contra o japonês, em outro Teatro de Operações, foi um boato maldoso, para tirar a alegria dos combatentes.

A impressão que tenho é de que se a guerra tivesse demorado até hoje, os brasileiros, isto é, a FEB estaria ainda combatendo. Os americanos combatiam uns vinte dias e iam para a retaguarda descansar; o brasileiro entrou em linha e nunca mais saiu.

Nós ficamos muito tempo na Itália esperando que houvesse disponibilidade de navios para nos transportarem para o Brasil. Ficamos em situação semelhante a de prisioneiros em campos de concentração. Em Francolise, os americanos foram tirando as nossas viaturas, os *jeeps* etc. até ficarmos apenas com o caminhão do lixo. Francolise foi batizada, pelos soldados, de “Poeiralise” por causa da poeira terrível que a cobria, por ser um campo arado com a terra muito fofa.

Nossa Força Expedicionária Brasileira foi recebida no Brasil pelo povo de forma delirante, enquanto que no seio do Exército foi diferente. Muitos oficiais que não tinham ido à guerra ficaram frustrados, ou melhor, com inveja, ou talvez, pesarosos por não terem ido, ou até mesmo, pensando que em sua condição não tinham mais possibilidades na carreira, o que para nós poderia ser possível.

No dia em que chegamos, fomos licenciados, de certa maneira, consideramos que fomos “postos na rua”. A conduta do ditador Getúlio Vargas nos leva a imaginar que tinha medo da FEB, pois nosso combate à ditadura de Hitler e Mussolini pode ter feito com que o Presidente imaginasse que poderíamos combater a sua ditadura em nosso País.

O temor de Getúlio Vargas fez com que ele agisse de maneira semelhante ao tempo da Guerra do Paraguai. Não teve visão para aproveitar aquele pugilo de bravos que regressaram da guerra. Na Guerra do Paraguai a situação foi pior, porque soltaram todos os soldados no Rio de Janeiro. Atribui-se o surgimento das favelas a essa ação. Todos aqueles soldados da guerra foram licenciados, não tendo opções de sobrevivência.

Quando chegamos da guerra, houve uma coisa parecida, dissociaram a FEB, que era uma tropa unida, coesa, formada por amigos, que podia prestar grandes serviços ao Exército e foi esfacelada na mesma noite da chegada.

Em termos de mundo, o Brasil ganhou, porque com a ida da FEB para a guerra, passamos a ser mais respeitados tanto na Europa, como também na própria América, ganhamos credibilidade, pela ação de milhares de bravos homens que lá estiveram.

A influência da participação na guerra em minha vida pessoal foi grande. Eu tinha uma enorme vibração pelo Exército. Fiz o CPOR de 1936 a 1938, apesar de já ser reservista. Fui convocado quando era promotor de justiça, tinha todas as garantias e possibilidades de fazer carreira mas permaneci no Exército. Gostei extraordinariamente da vida militar. Equitação, educação física, marchas, combates simulados, vida ativa, camaradagem, disciplina, lealdade, ordem, organização, respeito, amor a Pátria.

Minha mensagem final é de amor à Pátria e de satisfação do dever cumprido.

Major Adão de Andrade Souza*

Natural da Cidade de Juiz de Fora, MG, sentou praça no Exército, como voluntário, no 10º RI de Belo Horizonte, em março de 1940. Nesse ano, frequentou o Curso de Cabo, sendo promovido ao final do mesmo. Em 1942, concluiu com aproveitamento o Curso de Candidato a Sargento e, em 28 de novembro do mesmo ano, foi promovido a 3º sargento. Exerceu, na guerra, as funções de Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos da 5ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, de 1944 a 1945. Após a guerra, retornou ao 10º RI, seu Regimento de origem e, nos anos de 1946-47, realizou o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, com aprovação. Foi Instrutor-Chefe dos Tiros de Guerra de Patos de Minas, Além Paraíba e Manhumirim, todos no Estado de Minas Gerais. Serviu nas seguintes organizações militares: Seção Técnica de Ensino da Escola de Educação Física do Exército; Instrutor e Comandante da Companhia de Serviço Industrial da antiga Fábrica de Máscara Contra-Gases – Fábrica de Bonsucesso, atual aquartelamento do 24º BIB, no Rio de Janeiro; na Diretoria de Pessoal da Ativa; Diretoria Geral de Ensino e Diretoria de Remonta, sua última Unidade. Recebeu a promoção a 2º Tenente, em junho de 1965, e a Capitão, em dezembro de 1964, sendo, no ano seguinte, transferido para a reserva a pedido, no posto de Major. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos Leves da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 24 de abril de 2001.

Corria o ano de 1939 quando eu, jovem de dezenove anos de idade, acompanhava pela imprensa o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, no continente europeu.

Em 1940, os jornais de Belo Horizonte publicaram a notícia de que seria aberto o voluntariado nas Forças Armadas. Nessa altura, o Brasil já se preparava, deslocando tropas para o Nordeste, com o objetivo de guarnecer aquele importante ponto estratégico de nosso litoral. Passa-se à organização da FEB; ao mesmo tempo surge no cenário brasileiro os “quintas-colunas”, tentando solapar o esforço do País, infiltrados nos diversos campos de atividade. Enfrentamos e vencemos esses maus compatriotas.

O Brasil entrou na guerra em face do torpedeamento de 32 navios mercantes em nosso litoral indefeso, ceifando centenas de vidas, além dos prejuízos materiais. Em 15 de agosto de 1942, foi torpedeado o *Baependi*, com 270 mortes e perda de todo o material bélico do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, que deslocava-se para o Nordeste.

Apesar do espírito pacifista e tolerante de nossa sociedade, a afronta dos inúmeros afundamentos de nossos navios mercantes exigia uma resposta à altura.

Aquela notícia publicada nos jornais da capital mineira, acerca da abertura do voluntariado para o Exército, fez com que eu me apresentasse à Comissão de Recrutamento. Quando a FEB passou a ser organizada, já era 3º Sargento de Infantaria e, novamente, apresentei-me voluntário com o firme propósito de defender a soberania de nossa estremecida Pátria. Fui transferido para o 11º Regimento de Infantaria, de São João del Rei, para a função de Comandante da Seção de Morteiros 60mm do Pelotão de Petrechos da 5ª Companhia de Fuzileiros do II Batalhão.

Vimos para o Rio de Janeiro onde, no campo de instrução de Gericinó, na Vila Militar, recebemos Instrução de Combate e Serviço em Campanha, Topografia, Maneabilidade, Organização do Terreno, Exercícios de Tiro e outros. Na Educação Física realizávamos corridas, algumas vezes equipados com mochila, outras em acelerado, do Morro do Caspitrano, onde estávamos acantonados, até Realengo, ida e volta. Foram exercícios excelentes e necessários ao nosso adestramento.

Ultimados os preparativos, chegou o dia do embarque. O imenso navio, *General Meighs*, pertencia à Armada norte-americana. Como marinheiro de primeira viagem, a vida a bordo não me agradou; provocou-me enjôo pelo balanço da belonave e nossos compartimentos eram abafados e quentes. À noite, viajávamos em total blecaute e havia, sempre, ameaça de sermos atacados por submarinos inimigos. Foram cerca de 17 dias, com escala de serviço à semelhança dos quartéis, à qual já estávamos acostumados. Realizávamos constantes exercícios de abandono de navio, ocasião em que, dirigindo-nos para o convés, junto às barcaças, descíamos e subíamos nas escadas de corda. Todos nós portávamos um “crachá” com o nome, o número do beliche e do bote salva-vidas.

Apesar do desconforto e tensão, o serviço de entretenimento de bordo, com shows e cinema, era excelente.

Chegando à Itália, continuamos o adestramento, em especial de adaptação ao armamento de origem americana: fuzis; submetralhadoras; metralhadoras leves .30 e .50 etc. Tudo era em inglês, dificultando nossa adaptação, e posso afirmar que foi muito difícil.

Achei a alimentação que nos era servida muita boa, apesar da diferença de temperos e sabor agri-doce. As rações de campanha, “K”, e outras eram muito bem acondicionadas em caixas invioláveis e à prova de umidade.

Entrei em linha, junto com minha brava Companhia, comandada pelo Capitão Henrique César Cardoso, na frente de Monte Castelo, distante cerca de quinhentos metros em linha reta. A frente da Companhia estendia-se por um quilômetro, balizado por M. Della Torracia, Mazzancana, Abetaia e Bombiana. Lembro-me de que havia um pequeno cemitério próximo à nossa posição. Ficamos na condição defensiva, fazendo patrulhas diurnas e noturnas, dos tipos golpes-de-mão, para captura de prisioneiros e reconhecimento de terreno, para manutenção do contato com o feroz inimigo bem entrincheirado no Monte Castelo e adjacências. O terreno era muito minado, perigosíssimo e traiçoeiro.

O Capitão Henrique foi um bravo e destemido comandante e um exemplar condutor de homens, em todo o desenrolar da Campanha. Meu Pelotão de Petrechos cumpriu todas as missões de forma satisfatória, dentro de nossas limitações.

Participamos de ações sangrentas como Monte Castelo, Santa Maria Villiana e Castelnuovo, mas nenhuma se compara a Montese, onde sofremos a mais dura concentração de fogos da Artilharia inimiga. Conquistamos vitórias e aprisionamos grande número de alemães, mas também perdemos vários companheiros.

No Vale do Rio Pó, minha Companhia foi deslocada para a Cidade de Cremona, onde tivemos uma experiência ruim, pois lá havia um grande foco de fanáticos. Acabamos por deixá-la com a tropa do VIII Exército inglês e partimos com destino à nascente do referido rio: Piacenza – Voghera e Stradella.

Um fator que exerceu influência negativa no desempenho de nossa tropa, com certeza, foi o excessivo frio do inverno. As temperaturas chegaram a atingir 20 a 22 graus centígrados abaixo de zero. Posicionados no sopé das elevações, em constante vigilância, entrincheirados em valões úmidos, sem estarmos acostumados a esses rigores do clima, não poderíamos deixar de sofrer suas consequências. Pior, ainda, porque não possuíamos peças de fardamento adequadas e aguardávamos o recebimento das mesmas pelo Exército americano.

Por tudo isso, ou seja, o armamento novo, com instruções de manuseio e de manutenção em inglês, o clima hostil, o cenário estranho e diferente da Europa e o

pouco tempo de preparação, não tenho dúvida em afirmar que nosso desempenho foi excelente. Felizmente, com a inteligência dos brasileiros, soubemos sobrepujar todas as dificuldades que enfrentamos.

Sinto-me suspeito para falar da nossa tropa e valho-me de declaração do Comandante do V Exército americano, a que estávamos subordinados:

“Quando quiser bons e bravos combatentes, disciplinados e cumpridores de seus deveres e missões, mandarei buscá-los no Brasil. Sua eficiência é tamanha que em dez dias seus recrutas transformaram-se em veteranos aptos para qualquer tipo de batalha”.

Na minha Companhia, da qual posso falar com mais conhecimento, havia muita camaradagem, união e respeito entre todos.

Alguns pontos destacaram-se de modo positivo, excelente, entre os quais o apoio logístico, religioso e de saúde à tropa combatente. Sob qualquer aspecto que se queira analisar esses apoios, o resultado será favorável.

O relacionamento com a população italiana foi de desconfiança, no início, mas com o decorrer do tempo foi ganhando respeito, admiração e, sobretudo, a confiança passou a existir. Com o soldado americano, particularmente o de cor negra, foi excelente; os ingleses, ao contrário, eram extremamente orgulhosos e antipáticos.

O comando alemão empregou a guerra psicológica contra nossa tropa, fazendo lançamento, por meio de aviões ou granadas especiais de artilharia, de panfletos concitando-nos à rendição, porque aquela guerra não tinha nada a ver com o nosso País. Buscavam quebrar nosso moral, mas não conseguiram. Não nos deixamos envolver com as suas armadilhas enganosas e deslavadas, embora fossem necessárias palestras visando a incutir nos soldados o amor à causa da defesa dos povos oprimidos pela tirania nazi-fascista. É de justiça destacar que o alemão era ótimo soldado, muito disciplinado, hábil e inteligente.

Somente quem passou por essa situação é capaz de avaliar o tamanho da alegria e da emoção que sentimos com o fim da guerra. É indescritível; mistura de risos e choros, o sentimento do dever cumprido. As reações são de todos os tipos.

Os preparativos finais eram os de praxe: Conferência e entrega do material, acondicionamento de documentos etc. ocuparam nossos dias, enquanto aguardávamos o transporte para o regresso ao nosso querido País.

A FEB foi reunida em Francolise, próximo a Nápoles, ocupando barracas de lona. Foram cerca de cem dias, período das “tochas” pelas cidades italianas.

No dia 19 de setembro de 1945, desembarcávamos em solo brasileiro, na Cidade do Rio de Janeiro, sendo saudados com entusiasmo pelo povo carioca que nos

foi receber. As homenagens prestadas foram inúmeras e incontáveis. Trataram-nos como heróis, mas, lamentavelmente, veio o esquecimento, depois.

Nos companheiros do Exército que aqui permaneceram, notamos um certo despeito e inveja. Eu, particularmente, continuei minha carreira. Graças a Deus voltei da guerra sem problemas físicos, apesar de ter sido ferido na cabeça, levemente, por estilhaço de granada.

Muitos dos nossos pracinhas, ainda hoje, enfrentam dificuldades financeiras por não terem recebido a assistência que mereciam. A maioria já faleceu em absoluto anonimato, como indigentes, abandonado por nossas autoridades.

No aspecto histórico, se questionarmos algum jovem sobre a FEB, quase nenhum deles saberá falar algo a respeito. Pouco ou quase nada é passado à juventude sobre essa parte de nossa história. Vale lembrar que “um país sem memória é um país sem história”.

Fomos para uma guerra, que não era nossa, mal preparados e voltamos vitoriosos, mas na realidade somos heróis da guerra pela vida, pela sobrevivência na nossa pátria.

É preciso que seja passada aos jovens deste País a nossa verdadeira história; que tomem conhecimento, pelo menos, dos ideais que fomos defender nos campos de batalha: a defesa da Democracia no mundo e o respeito entre os povos. É preciso que respeitem, como símbolos de nossa brasilidade, os jovens mutilados e mortos em combate. É preciso que nossos governantes se lembrem das promessas outrora feitas e as cumpram, não as deixando somente em palavras.

Major Napoleão Freitas de Oliveira*

Nasceu em Vizeu, Pará. Incorporou no 24º Batalhão dos Caçadores (BC), São Luiz, em 1940. Em 1941, fez os cursos de Formação de Cabo e de Sargento, sendo promovido a essas graduações, respectivamente, em 1941 e 1942, ano em que foi para o 30º BC, Recife. Atuou na defesa do litoral em Fernando de Noronha durante o ano de 1942. Foi transferido para o 16º RI, Natal, em 1943, sendo promovido a 2º sargento. No 16º RI, participou de ações de vigilância do litoral. Em outubro de 1944, foi transferido para o Depósito de Pessoal da FEB, no Rio de Janeiro. Em novembro de 1944, seguiu para a Itália e, em janeiro de 1945, foi indicado para recompletamento do 1º RI. Participou da campanha do 1º RI, na Itália, a partir de janeiro de 1945, servindo na Companhia de Petrechos Pesados e na 3ª Companhia de Fuzileiros do I Batalhão. Após a campanha da Itália, permaneceu no Exército, tendo sido, em 1945, transferido para a 8ª RM, Manaus, lá permanecendo até 1947. Foi Comandante do Pelotão de Fronteira de Japurá, de 1947 até 1949. Retornou ao QG da 8ª RM (1950-1953). Realizou, ainda, os cursos de Guerra Química e de Aperfeiçoamento de Sargentos. Foi promovido a 1º Sargento em 1953, indo para o 3º Batalhão de Fronteiras (Bfron), Clevelândia do Norte, onde ficou até 1956. Retornou a Belém para servir no CPOR até 1957. Foi promovido a 2º Tenente em 1957 e transferido para o QG da 8ª RM. Em 1962, foi para a Diretoria de Finanças, RJ, onde, em 1963, ocorreu sua promoção a 1º Tenente. Encerrou a carreira no Estabelecimento Central de Finanças, após ser promovido a Capitão em 1965, passando para reserva, no posto de Major. Dentre as condecorações recebidas por sua atuação na Segunda Guerra Mundial, integrando a FEB, destacam-se: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Pertenceu, na graduação de 2º Sargento, à Companhia de Petrechos Pesados e à 3ª Companhia de Fuzileiros do I/1º RI, entrevistado em 11 de abril de 2001.

Ingressei no Exército em 1940, com apenas 21 anos de idade. Incorporei no 24º BC, em São Luiz, onde fiz os Cursos de Formação de Cabo e de Sargento, sendo promovido a cabo em 1941. Fui transferido para o 30º BC, que estava sendo organizado em Recife. Lá, fui promovido a 3º Sargento e servi durante nove meses na guarnição de Fernando de Noronha. Após minha estada em Fernando de Noronha, fui transferido para o 16º RI, em Natal, no ano de 1943, quando se deu a minha promoção a 2º sargento. Nesse período, meu Regimento formou diversos destacamentos para vigilância do litoral, que atuaram, quase todos, com o meu concurso. Estive, também, na instalação da Base Aérea de Parnamirim, fundamental para as ações aliadas na África.

Assim sendo, mesmo antes do Brasil entrar na guerra, participei das medidas preventivas de vigilância e defesa do litoral brasileiro. Foram missões árduas, trabalhosas, mas que me proporcionaram a alegria e a satisfação de cooperar para a defesa contra um inimigo que já rondava nosso litoral. A entrada do Brasil na guerra foi consequência da ação do inimigo, que decidiu torpedear nossos navios, despertando o clamor popular em todo o território nacional.

Em outubro de 1944, fui mandado, junto com outros militares do 16º RI, fazer inspeção de saúde para ingressar na FEB. Na ocasião, eu estava excedente na minha Unidade. Não esperava que esse fato acontecesse, pois aguardava transferência para o 40º BC, em Campina Grande. Fizemos duas inspeções. Na primeira, fui considerado categoria normal. Como tal não seria incluído na FEB, visto que, para isso, era necessário estar na categoria excepcional. Mandado novamente à inspeção, fui, dessa vez, incluído no contingente do pessoal da Força Expedicionária Brasileira. Daí, adveio a minha classificação no Depósito de Pessoal da FEB, no Rio de Janeiro, onde fiz um curso, de mais ou menos duas semanas, de guerra química e, a 23 de novembro, embarquei no navio *USS General MC Meighs* para a Itália. Além do curso que realizei no Centro de Instrução Especializada, não recebi qualquer preparação especial para o combate. Participei da guerra com a instrução que havia recebido na tropa.

Chegamos a Nápoles no início de dezembro e logo seguimos para Livorno em barcas de invasão, nas quais levamos 48 horas, mais ou menos, viajando. Foi a pior viagem que fiz em minha vida. Até que não enjoiei muito, mas foi horrível, parecia que a embarcação ia virar, em meio a uma tempestade que infernizou a vida de todos. Chegamos a Livorno e fomos para o acampamento em Staffoli, destinado ao Centro de Recompentamento de Pessoal. Em 6 de janeiro, fui indicado para recompentamento do 1º Regimento.

Ingressei no Regimento Sampaio no 3º Pelotão da 3ª Companhia do 1º Batalhão, como sargento auxiliar do Pelotão. Na guerra, o Pelotão tinha 42 homens, dentre eles o 2º Sargento-Auxiliar e o 3º Sargento-Orientador. Isto permitia uma

escala, um revezamento, para as patrulhas, bem como uma melhor coordenação das comunicações do Pelotão, feitas por uma equipe de telefonistas. Havia, também, padioleiros no efetivo do pelotão.

No dia 20 de fevereiro, nos transferimos para a base de partida em Gaggio Montano em deslocamento noturno. Na madrugada do dia 21, iniciamos o ataque a Monte Castelo. No dia 22, o ataque estava concluído. O primeiro que chegou ao topo de Monte Castelo foi o Capitão Everaldo, Comandante da 1ª Companhia do I Batalhão. Após tomarmos as posições inimigas, fizemos a limpeza da área e ocupamos posição para manter o objetivo conquistado. Continuávamos a receber fogo de artilharia e de morteiros, vindos de Monte della Torraccia, posição ocupada pelos alemães. Daquela posição, eles dominavam todo o Vale do Rio Reno.

Monte della Torraccia era um objetivo do ataque da 10ª Divisão de Montanha americana, que iniciou atacando Belvedere, para proteger o flanco de nosso ataque a Monte Castelo. Torraccia era a linha Maginot da região, a última e melhor posição. Para os americanos chegarem lá, acabou sendo necessário que tomássemos, primeiro, Monte Castelo. Apesar de nossa conquista, a Divisão americana custou a chegar a Torraccia, tendo ficado detida, inesperadamente, em Cappela di Ronchidos, depois de conquistar Mazzancana. Esse fato modificou o plano do IV Corpo, que incluía o ataque simultâneo aos montes Castelo e della Torraccia, pela 1ª DIE e pela 1ª Divisão de Montanha, respectivamente.

Quando estávamos na base de partida, a Artilharia alemã nos fustigou muito. Tivemos, então, o apoio do nosso Grupo de Caça, que bombardeou os alemães. Foi muito importante para nós a participação da Aviação. Nosso ataque ao Monte Castelo, como vários, contou, também, com o apoio dos americanos, que atacaram, ao nosso lado, no nosso flanco, como afirmei, atraindo sobre eles parte dos fogos que seriam concentrados sobre nós, o que não acontecera nos três ataques anteriores ao Monte Castelo, quando nos faltou proteção de flanco. Naquele ataque, a 10ª Divisão de Montanha teve muitas baixas – mais que um batalhão – para a conquista dos objetivos inicial e intermediários (Belvedere, Gorgolesco e Mazzancana). Impressionante a determinação alemã em barrar o avanço americano, bem como a da 10ª em continuar a progredir!...

Quando estávamos consolidando o objetivo, em Monte Castelo, os alemães ainda nos fustigavam com artilharia, tendo corrido o boato de que um projétil caíra no *fox hole* onde estava o Tenente Godofredo. Enquanto ficamos ocupando as posições em Monte Castelo, outras atividades eram executadas, como o remuniamento. Não havia pessoal de remuniamento suficiente. Assim, a atividade também era realizada pelo restante da tropa. Eu ia de *jeep* ao depósito, pegava a munição e

trazia para a posição, com os alemães ainda martelando com artilharia, o que tornava essa operação muito perigosa.

A FEB era uma Divisão que nunca foi substituída na frente de combate durante a campanha. Outras divisões foram substituídas, a FEB não.

Quarenta e oito horas após a conquista de Monte Castelo, a Engenharia fez uma ponte metálica, para que as tropas mecanizadas e a Artilharia pudessem avançar através do Vale do Rio Reno. Nós ficamos na retaguarda, em posição defensiva em Gaggio Montano durante o mês de março todo. Em abril, a FEB e as divisões americanas – a 10ª de Montanha e a Búfalo – iniciaram a ofensiva final. Passamos uns vinte dias marchando, atravessamos os rios Reno, Panaro e um outro ainda, cujo nome não me recordo, até atravessarmos o Pó. A penetração da 1ª DIE em território italiano se pode estimar em 750km, sendo muitas cidades liberadas em extensas regiões da Toscana, Emilia, Lombardia e Piemonte.

As tropas alemães foram cercadas, encurraladas e, no dia 29 de abril, a 148ª Divisão alemã e remanescentes de uma Divisão Panzer, além de uma Divisão italiana, se renderam ao Coronel Nelson de Melo, Comandante do 6º RI. Foram 15 mil homens que se renderam, entre eles dois generais, o que comandava a Divisão alemã, General Otto Fretter Pico, e o da italiana, Gen Mario Carloni.

Antes do ataque vitorioso a Monte Castelo, permanecemos em contato com os alemães. Foi quando realizamos muitas patrulhas. No meu Pelotão, o 3º Sargento Kialdo, orientador, era sempre voluntário para comandar patrulhas. Ele e o Cabo Moço estavam sempre prontos para realizar qualquer tipo de patrulha, como o Sargento Max Wolf, no 11º RI.

Às vezes aconteciam situações não previstas, emergências, para as quais éramos chamados. Uma vez três alemães, sendo um suboficial e um sargento, se infiltraram por nossas linhas e foram se apresentar no Posto de Comando Avançado, que era comandado pelo Capitão Pitaluga. Minha Companhia foi, então, chamada para fazer a segurança do Posto de Comando. Por lá, ficamos uns oito dias.

Um conhecido meu, o Sargento Medeiros, que tinha servido no 16º RI, foi ferido, creio que durante uma patrulha. Ele levou uma rajada de metralhadora, que lhe causou muitos ferimentos. Os dois padioleiros, que tentaram buscá-lo, também foram alvejados, morrendo. Ele ficou 48 horas sem socorro. Depois de resgatado, foi encaminhado para o hospital em Livorno e, em seguida, mandado para os Estados Unidos, onde eles colocavam até placas na cabeça de feridos. O Medeiros sobreviveu, permaneceu no Exército, chegando ao posto de Tenente-Coronel.

Os americanos nos apoiaram em tudo, o que faziam com todas as tropas aliadas; não faltava nada, nem munição nem gasolina, nada. Recebíamos comida

quente quando estávamos fora do combate. Havia *bacon* com ovos, sendo que o ovo era em pó, comia-se até peru. Em combate, em contato direto com o inimigo, consumíamos a ração K, adequada a operações de movimento. Tivemos um apoio sensacional! Sofri muito mais, quando estive em Fernando de Noronha!

Como sempre permaneci na frente de combate, não tenho idéia de como funcionava o apoio de saúde. Esse, para mim, se limitou aos padioleiros, que acompanhavam corajosamente nossas ações. Muitos pereceram!... Quanto às enfermeiras, nunca as vi, ficaram muito na retaguarda, não se aproximavam da frente de combate.

Os italianos tiveram conosco um relacionamento normal, de vencido para vencedor. Eles não eram nossos aliados, eram adversários vencidos. Tinham medo, medo do vencedor, do *liberatori*, como diziam. Mas não senti hostilidade. Os vencedores são sempre bem-vindos a bordo!

Nosso inimigo, o alemão, como soldado, era praticamente imbatível. Era preparadíssimo, era técnico. Mas o poderio dos aliados o superou. Suas tropas, na Itália, já vinham de longos combates, desde a África do Norte. Sofriam de falta de munição, de combustível, em suma, de apoio logístico. Eram patriotas, mas já estavam praticamente derrotados. Sabiam honrar a farda, demonstravam bravura e profissionalismo. Ao enterrarem três soldados brasileiros que, numa patrulha, ficaram sozinhos, cercados, e morreram combatendo, eles colocaram, em frente às suas covas, uma lápide dizendo: "Aqui jazem três heróis brasileiros", fazendo justiça à valentia daqueles homens, que preferiram morrer a se entregarem.

Nós, brasileiros, particularmente os integrantes do Depósito de Pessoal, estávamos mal treinados e mal equipados. Chegamos, do Rio de Janeiro, com uniformes inadequados, em um lugar onde o frio chega a atingir mais de 15 graus abaixo de zero. Se não recebêssemos apoio dos americanos, chegaríamos aqui mutilados pelo frio, pelo pé-de-trincheira. Tive um colega que amputou os pés, vítima do pé-de-trincheira. Outros saíram daqui já doentes, com problemas de saúde, mas tiveram que se superar para enfrentar a campanha.

A nossa adaptação ao equipamento e ao armamento americano foi muito rápida. Nosso treinamento, pelo menos para os soldados do Depósito de Pessoal, não existiu. Entrei em combate com o que tinha aprendido na tropa, nas Unidades em que servira. Aprendemos muito com as patrulhas, na prática do combate, desde o 16º RI, na época da vigilância do litoral. Creio que isto me ajudou bastante. Os fracassos iniciais em Monte Castelo, os ataques malsucedidos, podem ser atribuídos à inexperiência da tropa e ao seu despreparo. Mas após os treinamentos do inverno, após a grande escola das patrulhas, a FEB mudou. Daí para frente, as vitórias caracterizaram a campanha de nossa tropa.

O Regimento Sampaio era comandado pelo Coronel Caiado de Castro. O 1º Batalhão pelo Major Uzeda, o 2º Batalhão pelo Tenente-Coronel Syzeno Sarmiento e o 3º Batalhão pelo Major Franklin.

Com a rendição da 148ª Divisão alemã, a guerra, para nós, terminou. A partir de 29 de abril, todo mundo comemorou. Estávamos no Norte da Itália. De lá, fomos para o Sul, para Francolise, onde aguardamos o transporte para o Brasil. Aproveitei para ir a Roma. Visitei o Vaticano, o Coliseu, a Basílica de São Pedro, as catacumbas, várias fontes e outros atrativos. A equipe que estava comigo teve uma audiência com o Papa Pio XII, que se encontrava bem idoso.

Voltando ao Brasil, tivemos uma recepção maravilhosa. Mas não esqueço o que me disse meu Comandante, o Coronel Caiado de Castro, quando lhe fui pedir transferência para a 8ª RM, após a guerra: “Esse negócio de recepção que você está vendo aí é ilusão; o povo é volátil; será tudo esquecido brevemente; você terá uma missão árdua, será muito atacado; vai ser até ridicularizado; vão querer muito de você; não responda a esses ataques pessoais, mas de qualquer maneira, seja qual for a situação, não repila a FEB nem o seu Regimento.”

Após a FEB, permaneci no Exército. Fui servir na 8ª RM, em Manaus. Fiquei na Amazônia de 1945 até 1962. Comandei, neste período, por três anos, o Pelotão de Fronteira de Japurá, no Estado do Amazonas. Servi no 3º Batalhão de Fronteira, em Clevelândia do Norte, no Amapá. Deixei o serviço ativo em 1965, tendo encerrado minha carreira no posto de Capitão, sendo promovido ao de Major ao passar para a reserva.

Eu era um garoto inexperiente quando fui para a guerra. Tinha três anos de praça. Para mim, tudo foi novidade! Mas a FEB modificou-me, influenciando, também, no futuro político do Brasil, inclusive na própria queda do Presidente Getúlio Vargas, que muito nos desprestigiou após o nosso retorno, inclusive dando anistia a desertores da FEB, decisão inaceitável.

Eu cumpri meu dever e sinto-me feliz por isso. Feliz pelo privilégio de fazer parte da Força Expedicionária Brasileira, que foi combater uma tirania perniciosa a toda humanidade.

Recebi, pela minha participação na FEB, a Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

Capitão Murilo Paiva*

Nasceu em Lavras – MG. Apresentou-se como voluntário para servir o Exército em São João Del Rei em 1941. Foi aprovado no Curso de Formação de Cabo e promovido em setembro de 1941. Também aprovado no Curso de Formação de Sargento, foi promovido em janeiro de 1942. Com a declaração de guerra ao Eixo, o seu Regimento – o 11º RI – foi incluído entre as Unidades expedicionárias, embarcando para a Itália em navio americano em setembro de 1944. No *front* italiano, como Comandante da Seção de Metralhadoras e, depois, como sargento auxiliar da Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão, esteve em Monte Castelo e tomou parte da tomada de Montese. Após a guerra, continuou na ativa, levando 15 anos para ser promovido a 2º Sargento. Sua promoção a este posto se deu em agosto de 1954, quando foi classificado no 6º Batalhão de Caçadores e destacado para garantir a ordem em um povoado localizado em São Sebastião, no extremo norte de Goiás. Voltando para o 11º RI, foi, no Regimento de São João Del Rei, promovido a 2º Tenente e classificado na EsSA, onde exerceu a função de Chefe da Seção de Meios Auxiliares, na qual fiscalizava a impressão dos trabalhos para julgamento de todas as Armas, o exame de seleção dos cabos em todo Exército Brasileiro e as provas anuais de seleção dos candidatos a sargento. Posteriormente, foi transferido para a 4ª CSM-SP e, nesta organização, promovido ao posto de 1º Tenente. Classificado na 11ª CSM em Belo Horizonte, foi promovido ao posto de Capitão e transferido para Reserva em maio de 1967. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da Seção de Metralhadoras e Sargento-Auxiliar da Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º RI, entrevistado em 24 de novembro de 2000.

A situação do Brasil no início da década de 1940 era de perfeita calma, descontração e neutralidade, mas de pouco desenvolvimento. Com a chegada da guerra ao Norte do continente africano, houve um esforço de mobilização para ser enviado à Região Nordeste um efetivo de 44 mil homens, logo passando a cinquenta mil homens, visando à defesa de seu litoral e das ilhas oceânicas. A escassez de estradas dificultou o transporte terrestre, e, dessa forma, passou-se a utilizar o transporte marítimo, aéreo e fluvial.

Para impedir o movimento normal de nossos navios mercantes em toda a nossa costa, sobretudo para atender ao Nordeste, houve uma invasão de submarinos alemães em nossas águas, colocando a pique 31 navios da Marinha Mercante e quatro da Marinha de Guerra, causando, assim, mais de mil mortes, a maioria no ano de 1942, especialmente no mês de agosto. Com o torpedeamento de nossos navios, o povo foi para as ruas, protestando em passeatas constantes, pedindo pela guerra. Além disso, houve muito quebra-quebra em todas as capitais, e os bens dos alemães, italianos e japoneses foram confiscados. Diante desses fatos, o governo mudou sua atitude e estabeleceu um plano de ação, após declarar o estado de beligerância em todo território nacional em 22 de agosto de 1942, ao qual se seguiu a declaração de guerra, assinada em 31 de agosto.

A FEB foi organizada com três Regimentos de Infantaria, quatro Grupos de Artilharia, Unidades de Cavalaria, Engenharia, Comunicações, Saúde e outros Serviços, além da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação, que era constituída por pessoal das Forças Aérea e Terrestre. A FAB constituiu, também, o 1º Grupo de Aviação de Caça, o Senta a Pua, que operou juntamente com os americanos. Do Exército, foram embarcados para a Itália 25.334 homens. O preparo da tropa, através de exercícios físicos, exames de saúde e até mesmo de manobras, teve início nos próprios Regimentos. No Morro do Capistrano, Rio de Janeiro, onde ficou o 11º RI, recebemos treinamento físico permanente e, no Campo de Instrução de Gericinó, fizemos pista de aplicação e realizamos muito tiro real. Houve, também, vários treinamentos de embarque e desembarque em um navio improvisado. Creio eu que sem esses exercícios talvez não obtivéssemos os êxitos que alcançamos.

Nesta época, eu já estava na ativa do Exército, integrando o 11º RI, como 3º sargento Comandante da Seção de Metralhadoras da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão (CPP1). Aprovado nos exames de saúde, passei a pertencer à FEB na mesma função.

O transporte da tropa para o Teatro de Operações da Itália começou entre o Capistrano e o Cais do Porto, por via férrea, sob grande sigilo. Já no navio, a vida foi tranqüila, mas muitos sofreram enjôos, além da natural preocupação pelo fato de

estarmos indo para a guerra por via marítima, onde os submarinos inimigos tinham possibilidade de nos atacar. Durante a noite era pior, com as ameaças sempre presentes e os treinamentos inesperados de abandono do navio. Em cada compartimento, havia uma escala de serviço, fiscalizada diariamente por uma comissão de oficiais brasileiros e americanos. A viagem durou quatorze dias.

Na Itália, antes de sermos enviados ao *front*, recebemos novos armamentos, inclusive alguns ainda desconhecidos, com os quais realizamos exercícios de tiro. A adaptação foi rápida e proveitosa. Antes de enfrentar os alemães, ouvimos as palavras do General Clark, acompanhado do General Zenóbio da Costa: “Brasileiros, vocês estão prestes a enfrentar o alemão e colocar em prática o que aprenderam. Sejam determinados e fortes, pois o alemão não é manteiga! Poupem suas vidas! Metralhadoras e canhões fazememos milhares num dia, mas homens como vocês precisamos de vinte anos para fazer!”

Levei um dia inteiro, eu e meus homens, para chegar à posição no *front*. O sargento que eu substituiria estava aflito e apavorado. No entanto, o dia amanheceu e tudo estaria muito tranqüilo, não fosse alguns tiros esparsos. Passamos o dia comendo ração K e C. À tardinha, apareceu um avião alemão fazendo vôos rasantes, lançou uma bomba de grande porte, abrindo uma cratera perto das posições dos próprios tedescos. Por volta das 20 horas, iniciou-se o cruzamento do feixe de projétores (holofotes), clareando toda a base do Monte Castelo. Isso foi em Guanela, onde estava o 1º Batalhão do 11º RI. Às 21 horas, as metralhadoras inimigas começaram a atirar, provocando uma pronta resposta do nosso Batalhão. Dois carros-de-combate americanos, posicionados a uns duzentos metros à minha direita, foram deslocados até a base do Monte Castelo e atiraram ininterruptamente. Já de madrugada, e ainda sob fogo cerrado, recebi a visita do Comandante de Batalhão, Major Jacy Guimarães, o qual mandou que nos preparássemos para recuar na direção do primeiro morro à retaguarda. Havia boatos da existência de pára-quedistas alemães atrás de nossas linhas.

Logo em seguida, o nosso Tenente retornou dizendo que o Batalhão já não se encontrava no *front* e que a ordem era “salve-se quem puder”. Mediante tal ordem, abandonamos a posição, levando apenas armas e granadas para a nossa defesa. Próximo aos tanques, vi um americano gravemente ferido. Vi também o Capitão Cotrim, Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros, com uma venda nos olhos. Ambos estavam protegidos por soldados da Polícia do Exército. Mesmo sem conhecermos o caminho, fomos em direção a Silla... Havia soldados caídos e cansados por toda a parte. O Batalhão só pôde se recompor por volta das dez horas da manhã, quando nos deslocamos até Granaglione para recuperação, antes de retornarmos ao *front*.

O primeiro ataque da 1ª Cia do 11º RI a Monte Castelo foi em 12 de dezembro. Não tenho certeza se o 11º RI estava substituindo o 6º RI, porque havia gente do 1º, do Sampaio, além do pessoal do 6º RI. O Capitão Thório de Souza Lima continuou como meu comandante na CPP1, mas os comandantes das 1ª e 2ª Companhias de Fuzileiros– Cotrim e Schleder – foram substituídos, ficando o Capitão Hésio de Melo e Alvim, que comandava a 3ª Cia. A substituição se processou porque problemas ocorreram nessas duas Subunidades.

Em Monte Castelo, tínhamos a impressão de que o morro derreteria, pois a Artilharia brasileira atirava com uma intensidade impressionante. Os alemães encontravam-se em casamatas profundas e, quando dávamos um intervalo, eles vinham à frente e atiravam de metralhadora. Pude ainda observar a ação do morteiro alemão quando estava em Casa M. di Bombiana com o Capitão Meira Mattos, que substituiu o Capitão Schleder no comando da 2ª Companhia de Fuzileiros, e sentimos que já havia algumas falhas, pois certas granadas não explodiam. Essas granadas eram de fabricação italiana, e, nessa fase, os italianos já estavam sabotando os alemães. Tanto é que eu estava com o espaldão da metralhadora pronto, sem muito tempo para preparar meu *fox hole*, quando percebi que as granadas estavam explodindo cada vez mais próximas. Não tínhamos um recurso sequer para sair daquela posição, nem onde nos abrigar, quando fomos atingidos por uma granada de morteiro, mas esta não explodiu. Se tivesse explodido, teria matado toda a guarnição. Devo ressaltar o fato de que não tendo para onde correr, abri meu breviário de preces espíritas, que guardo até hoje, e balbuciei uma prece que se diz quando a morte é iminente. Logo em seguida, a granada caiu sem explodir. Esse é um episódio que conto com muita emoção, ocorrido na Casa M. di Bombiana, acima de Abetaia.

Houve casos de perdas por causa dos fogos alemães e do mau posicionamento de algumas de nossas metralhadoras. Na tomada de Montese, por exemplo, há o fato da morte do sargento Orlando Randi. Ele, ao sair da casamata, trazendo uma bandeira nazista, que acabara momentos antes de conquistar, foi atingido por uma rajada de metralhadora.

Sendo a CPP1 a Companhia das Metralhadoras e Morteiros, elementos dos seus Pelotões eram cedidos às Companhias de Fuzileiros, na base de uma Seção para cada Companhia. No entanto, após Montese, minha Companhia marchou em direção ao Vale do Pó com seu efetivo total em perseguição ao inimigo.

A nossa Companhia atuou em Montese e lá obteve a grande vitória. Eu já havia sido transferido para o Pelotão de Morteiros, e os morteiros ficam um pouco recuados, em posições diferentes das ocupadas pelas metralhadoras. Por essa razão, o morteiro atirava durante toda a noite nos objetivos já enumerados na carta. Cabia-

me realizar o remuniciamento e fiscalizar as peças. Os morteiros da CPP1 eram acionados constantemente, ficando conosco a missão de atender a todos os pedidos de tiro da linha de frente. Com desempenho similar ao da Artilharia, o morteiro, que teve uma ação decisiva em Montese, integrou, com muito bons resultados, a base de fogos para apoio aos fuzileiros.

Depois das operações da nossa Companhia em Monte Castelo e em Montese, partimos em perseguição ao inimigo, na direção do Vale do Pó até Turim. A vanguarda, composta pelo 6º RI e outros elementos (de Cavalaria, Artilharia e Engenharia), tomou a direção de Collecchio e Fornovo.

Assim, após Montese, as Companhias empenharam-se na perseguição ao inimigo, casa por casa, para eliminar toda e qualquer resistência. Os alemães fugiam chegando a matar cavalos, deixando-os, muitas vezes, nas estradas minadas. Em certas colônias por onde passávamos, éramos informados de que os tedescos haviam saído duas horas antes. Assim, estivemos sempre nos calcanhares dos alemães, até a rendição incondicional de duas de suas Divisões e uma italiana.

Com relação ao clima europeu, os soldados brasileiros, saídos de um país tropical, sentiram o frio rigoroso do inverno, mas os casos de pé-de-trincheira, congelamento dos vasos sanguíneos e hospitalização, foram muito poucos. Os soldados procuraram defender-se, tirando o coturno e colocando dentro da galocha capim de feno triturado com pó antisséptico e meia de lã, uma ação aprovada por todos no *front*, porque permitia a movimentação dos dedos e uma boa circulação do sangue nos pés.

Apesar das profundas modificações ocorridas com a guerra, o respeito, a comunhão e a disciplina entre os oficiais, sargentos, cabos e soldados não foram alterados. A convivência permanente, em situação difícil, contribuiu para maior união, solidariedade e camaradagem entre todos. Os homens, que integraram a FEB, desempenharam suas funções com destemor, coragem e bravura, destacando-se também pela resistência e senso de responsabilidade. Na formação de patrulhas, a base era constituída sempre de elementos voluntários. As informações obtidas com as patrulhas facilitavam os ataques posteriores. Os oficiais estavam sempre à frente e, na tomada dos objetivos, agiam com desprendimento e autoridade, mantendo a coesão, para melhor enfrentar o inimigo.

Os alemães eram muito astutos, atiravam muito bem de morteiro e chegavam sempre tentando envolver o soldado brasileiro. O aspecto físico e a aparência, no entanto, deixavam a desejar. Percebia-se uma má nutrição, uniformes já em mal estado, cenho franzido, enfim, o alemão era um soldado triste. Mantinham-se sempre dentro de suas casamatas profundas, para se defender da nossa Artilharia e das patrulhas brasileiras, que eram constantes, bem equipadas e armadas. Tratava-se, no

entanto, de um inimigo experimentado, instalado em posições dominantes, pronto e ansioso para matar.

Embora já conhecido de muitos, um fato marcante foi quando se encontrou uma cruz erguida pelos próprios alemães, bem junto das suas posições, em covas rasas, com os dizeres: “Aqui jazem três heróis brasileiros.” Eram integrantes do 11º RI, soldados Arlindo da Silva, Geraldo Baeta e Geraldo Rodrigues. Cercados, não se entregaram; lutaram até a morte.

Tanto no inverno, com a temperatura a vinte graus negativos, quanto na primavera, o procedimento dos soldados foi o mesmo, com muita bravura. Enfrentaram, no inverno, o frio e a neve, realizando, com êxito, patrulhas difíceis, valendo-se de capa e capuz brancos para conviver com aquela situação completamente nova. A neve caía por toda parte, nas árvores desfolhadas, nos abrigos gelados, nos uniformes dos homens e no leito das estradas, que precisavam ser mantidas em condições de tráfego.

O Capitão Adhemar Rivermar de Almeida, S3 do I Batalhão do 11º, hoje Coronel, em seu livro *Montese – Marco Glorioso de uma Trajetória*, diz textualmente:

“Por mais que a neve caísse, não conseguia transformar em todo branco o cenário principal da frente de batalha, pois a Artilharia e os morteiros, de ambos os lados, continuavam, quase sem interrupção, a escurecê-lo com as crateras deixadas pelas explosões de suas granadas.”

Releva citar que, tanto para oficiais e sargentos como para cabos e soldados, a vida era a mesma. Comandantes de Batalhão, capitães e tenentes viviam com seus homens nas mesmas condições. Essa foi a realidade!

O relacionamento com a população local foi o melhor possível. Por onde passávamos, éramos recebidos carinhosamente. Houve diversos comentários na Itália de que preferiam, no caso de uma intervenção temporária por tropa estrangeira, que fosse por brasileiros em primeiro lugar e, em segundo, pelos americanos.

Com relação às tropas aliadas, pouco temos a dizer. Mais próximos estivemos dos americanos e dos seus tanques, que atiravam em Monte Castelo. A 10ª Divisão de Montanha americana manteve maior contato com os brasileiros, todavia bem mais com o pessoal do Regimento Sampaio. Os ingleses só os víamos quando passávamos pelas baterias antiaéreas, bem tratadas, mas esparsas naquela grande área.

O apoio logístico prestado às tropas brasileiras não podia ter sido melhor, com equipamentos novos e transporte sempre à mão. Os jipes mostraram-se indispensáveis, pois eram rápidos e próprios para qualquer terreno, inclusive para realizar, em boas condições, a evacuação na frente de combate.

O apoio de saúde à tropa foi completo: qualquer problema no *front*, inclusive ferimentos de não-combatentes e prisioneiros de guerra, todos eram imediatamente

recolhidos aos hospitais mais próximos, onde recebiam apoio de médicos e enfermeiras brasileiros e americanos.

O apoio religioso foi constante. Os capelães iam ao *front* prestar os serviços, principalmente antes das grandes patrulhas e dos combates. Não poderia deixar de mencionar a morte do Capitão-capelão Frei Orlando, do nosso Regimento, que morreu baleado acidentalmente por um *partisan*, quando se deslocava para o *front*. Eu me encontrava em segunda linha, próximo de onde ocorreu o acidente, entre Guanela e Silla. Vi o corpo do Frei Orlando sendo retirado pela retaguarda de um caminhão, quando este fez uma pequena parada.

Minha Companhia, tanto sob o comando do Capitão Otávio, como do Capitão Thório, foi sempre eficiente. Era uma equipe brilhante de oficiais, acompanhada por muito bons graduados e soldados. Tive a felicidade de conhecer bem o meu Comandante de Companhia, o Capitão Thório Benedro de Sousa Lima, para afirmar que ele era um homem de grande envergadura moral e muita coragem. Mas o meu contato com ele não foi grande, pois o Capitão Thório distribuía as Seções dos Pelotões para as Companhias de Fuzileiros, e nós passávamos a apoiá-las diretamente sob controle das mesmas. Tive também o prazer de conhecer o Capitão Hésio, que era cunhado do Capitão Thório, e o Capitão Meira Mattos, em minha passagem pelo mesmo *front* onde ele estava. O Capitão Hésio era uma pessoa muito valente, destemida e simples. Estive com ele em Gaggio Montano, quando perdemos um elemento nosso e alguns americanos foram feridos por uma granada de morteiro. No mesmo instante, o Capitão Hésio deu toda cobertura a eles, demonstrando grande espírito de iniciativa e solidariedade humana.

O Capitão Meira Mattos era um homem inteligente, muito corajoso, de atitude marcante e decidida, era um bravo, que nunca deitava diante dos tiros. Ele e eu estivemos juntos pelo apoio que eu tinha que dar a Casa M. di Bombiana. Numa certa hora da noite, ouvi um burburinho saindo de uma casa e levei o fato ao seu conhecimento, que, na mesma hora, foi verificar do que se tratava. No entanto, era apenas um problema entre os próprios italianos, sem presença alguma de alemães.

Impressionou-me muito na campanha da FEB o desprendimento e a coragem dos soldados brasileiros. Além disso, a capacidade de apoio dos americanos, principalmente na alimentação, armamento, saúde e transporte. Fiquei impressionado também com a tomada de Belvedere pela 10ª Divisão de Montanha, um dia antes da tropa brasileira tomar Monte Castelo.

Quando me encontrava em Gaggio Montano, em apoio à 3ª Cia, ocorreu um fato que trouxe muito ensinamento. Como a neve era muito forte, abrigamo-nos em um depósito de feno, com paredes de pedra sem reboco. À noite, recebi a visita do Capitão Comandante da Companhia, acompanhado do Tenente Subcomandante. No

escuro, mesmo avisado por mim, o Tenente acendeu uma lanterna perto das metralhadoras e, com esse procedimento, fomos atingidos por uma granada de morteiro, ferindo seriamente o cabo Chefe de Peça. Por pouco mais, a granada não causou danos ainda maiores. Vejam a importância da disciplina de luzes!

Algumas vezes precisei confortar meus subordinados. Na noite de nosso batismo de fogo, um de meus soldados, que estava na função de Cabo Chefe de Peça, perdeu o controle emocional e precisou ser evacuado. Um outro soldado de remuniciamento, quando nos encontrávamos ocupando posição em Gaggio Montano, também perdeu o controle e começou a gritar pedindo socorro e chamando por sua mãe. Ao tentar o suicídio, eu o segurei até que o médico, Dr. Murilo, viesse buscá-lo.

Para tentar reduzir o nosso moral, os alemães usavam panfletos lançados por foguetes que explodiam sobre nossas posições, espalhando-os por uma grande área. Um desses panfletos estava escrito em português. Trazia um soldado americano na praia de Copacabana, hasteando a bandeira dos Estados Unidos e fazendo a bandeira brasileira de tapete. Um outro panfleto trazia no lugar da cabeça da águia, símbolo americano, a cabeça do Presidente Roosevelt que, com suas garras, levava nossa borracha, nosso ouro e nossas riquezas. Os soldados brasileiros não deram a menor importância a esses panfletos.

O contato com a Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) se deu quando eu estava em 2ª linha, em Silla, e o Regimento Sampaio se preparava para partir para a tomada de Monte Castelo. Como me encontrava em 2ª linha, de posse de um binóculo, fui sozinho para o morro que estava defronte ao Monte Castelo. Bem camuflado, escondi-me dentro da vegetação e vi a aproximação do 1º Grupo de Caça, o Senta a Pua, em coluna por três. Ao aproximar-se do Monte Castelo, o Grupo de Caça tomou a posição em coluna por um, e todos os aviões desceram metralhando os objetivos com seu armamento, além de lançarem bombas. Repetiram isso por duas ou três vezes. O Senta a Pua brilhou nos céus da Itália, e os pilotos foram elogiados pelos americanos. Um avião da 1ª ELO voava constantemente sobre as posições inimigas, para informar à Artilharia qualquer movimento dos inimigos...

Foi uma campanha rica em resultados concretos, que obteve o reconhecimento dos aliados e do mundo por tudo que o Brasil e o glorioso Exército Brasileiro realizaram. A FEB lutou ombro a ombro com as grandes nações pela liberdade dos povos. Os italianos colocaram em cima de cada casa uma bandeira branca, simbolizando a paz tão desejada após tanto sofrimento. Nós comemoramos emocionados, pois tínhamos agora a certeza de nosso regresso à Pátria querida e aos braços de nossas famílias.

Após o término da guerra, em 2 de maio de 1945, no Teatro de Operações (TO) italiano, nós do 11º RI ficamos em Alessandria por um bom tempo, para, em segui-

da, viajarmos para Francolise, a cinquenta quilômetros de distância de Nápoles. Nesse local, onde a FEB ficou acampada, havia muitas disputas de vôlei entre os Regimentos, até a ordem de embarque para Nápoles e de lá para o Brasil.

Aqui chegando, fui surpreendido com um grande número de promoções de graduados, sem que se respeitasse a antigüidade daqueles que estiveram no *front*. Isso foi motivado pela desincorporação imediata da FEB, redundando na saída do Exército Brasileiro para a vida civil de muitos graduados, gerando uma tremenda injustiça com os que enfrentaram toda sorte de perigos e incertezas em combate. Registro, com tristeza, essa mazela difícil de cicatrizar!

A chegada da FEB ao Brasil foi uma apoteose, com muitos aplausos pelo povo nas ruas. Ao desembarcarmos, fomos recepcionados pela primeira-dama do País, Senhora Darci Vargas, que distribuía sanduíches para os soldados antes do início do desfile, que começou em coluna por seis e terminou em coluna por um, com a invasão do povo na ânsia de aplaudir e abraçar os combatentes que voltavam.

Creio que houve uma modificação no procedimento e na disciplina dentro do Exército como consequência de sua participação na Campanha da Itália. Antes, quando vivíamos sob o regime francês, era muito cruel. Ouvíamos os sargentos dizerem durante as instruções que poderíamos quebrar nossas cabeças, mas de jeito algum deixar o fuzil cair. No entanto, os americanos diziam para pouparmos nossas vidas, pois valíamos muito mais que qualquer tipo de material.

Finalmente, destaco que a FEB trouxe grandes vitórias, que deram ao Brasil o respeito e o aplauso das Nações Unidas.

Capitão Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro. Apresentou-se voluntária para a FEB, na Diretoria de Saúde do Exército, no prédio do então Ministério de Guerra, hoje Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio de Janeiro. Realizou Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, de janeiro a abril de 1944, sendo convocada como Enfermeira de 3ª Classe. Em junho de 1944 seguiu, via área, para a Itália, vindo a servir nos hospitais americanos, na Seção brasileira. Em agosto, por determinação do Comandante da FEB, junto com as demais companheiras enfermeiras, foi arvorada ao posto de 2ª Tenente. Após a guerra, foi licenciada do Serviço Ativo e retornou à Prefeitura do Distrito Federal, onde serviu até 1957. Neste ano, por dispositivo legal, foi convocada para o Serviço Ativo do Exército, retornando no posto de 2ª Tenente e classificada na Policlínica Central do Exército. Em 1962, foi promovida ao posto de 1ª Tenente Enfermeira. Em 1963, deixou o Serviço Ativo, quando foi promovida a Capitão, ingressando na Reserva de 1ª Classe. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

* Enfermeira, entrevistada em 13 de dezembro de 2000.

Inicialmente, gostaria de dizer do meu orgulho de ter pertencido a FEB, de ter tratado desses heróis, que foram os seus integrantes. Foi uma fase muito penosa, mas muito bonita na minha vida, cooperar com esses abnegados militares que tanto deram de si, alguns a própria vida, a maioria a sua própria saúde – física e mental – para melhorar a situação do povo brasileiro; foi um orgulho enorme.

No início da década de 1940, o ambiente no Brasil era de nervosismo e grandes preocupações. As notícias alarmantes veiculadas nos jornais da época ou transmitidas pelo rádio e os boatos espalhados pelos quintas-colunas amedrontavam e assustavam a população. Por toda a Pátria, muito embora estivéssemos distantes dos campos de batalha em que a humanidade se envolveu, choravam-se as vítimas inocentes dos impiedosos torpedeamentos dos navios mercantes em nosso litoral, enquanto inúmeros lares brasileiros eram assolados pela dor e pelo luto.

A reação de nossos dirigentes, com a organização da FEB, deu início a um novo período. Foi como um bálsamo, um alicerce que fortaleceu a todos que, orgulhosos, ficaram confiantes nos patrícios que seguiriam para terras estrangeiras, totalmente, desconhecidas da maioria para participar dos mais difíceis combates junto às tropas aliadas, independente das dificuldades lingüísticas e dos costumes. Não éramos filhos de terra medrosa, mas de um País de temperamento forte, de defesa e reação.

A minha participação na Força Expedicionária Brasileira teve início quando o jornal *O Globo* publicou a convocação do voluntariado. Apresentei-me no Ministério da Guerra, na Diretoria de Saúde do Exército, cujo diretor era o General Médico Dr. Afonso de Souza Ferreira. Após minha inscrição, e cumpridas todas as exigências, comecei o “Curso Intensivo de Emergência para Enfermeiras da Reserva do Exército”, CEEREX, que tinha como diretor, o Major Médico Dr. Augusto Marques Porto.

O curso para a primeira turma funcionou no Rio de Janeiro. Na Diretoria de Saúde do Exército, no segundo andar do edifício do Ministério da Guerra, foram ministradas as aulas teóricas de Enfermagem, Regulamentos Militares e de Continências e Sinais de Respeito. Na Escola de Educação Física do Exército, na Fortaleza de São João, foram ministradas instruções de Educação Física, Treinamento de Guerra, Natação e Ordem Unida. Os estágios hospitalares eram feitos diariamente no Hospital Central do Exército. Depois, com jovens oriundas de diversos estados como Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná e reunidas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, outras turmas foram formadas.

Mas dentre todas as enfermeiras somente 67 foram consideradas aptas pela FEB, sendo 61 hospitalares e seis especializadas em transporte aéreo. Estas foram encarregadas da assistência entre Nápoles e os Estados Unidos, treinadas na Base da Força Aérea Brasileira, em Natal, Rio Grande do Norte.

Fomos incorporadas ao efetivo do Corpo Expedicionário, então em formação, como enfermeiras de terceira classe e nos apresentamos ao General Mascarenhas de Moraes no QG da FEB. Recebemos todas as vacinas necessárias para entrarmos na rotina dos treinamentos para o emprego em campanha. Treinávamos Ordem Unida no Colégio Militar com o Capitão Carlos de Meira Mattos, nosso instrutor. Percebíamos, então, a remuneração de Terceiro-Sargento. Nossos vencimentos eram divididos em três etapas: setecentos mil réis ficavam a nossa disposição, a mesma quantia era destinada a uma pessoa da família e igual quantia era depositada no Banco do Brasil.

A partida para o Teatro de Operações na Itália foi feita obedecendo ao maior sigilo. Após três tentativas, o embarque finalmente aconteceu. Cinco enfermeiras foram escolhidas para integrar o destacamento precursor: Antonieta Ferreira, Carmem Bebiano, Inácia de Melo Braga, Elza Cansanção Medeiros e eu, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

Comandadas pelo Major Médico Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, partimos na madrugada do dia 7 de julho de 1944, do Aeroporto Santos Dumont, com destino à Base Aérea de Parnamirim, em Natal, no Rio Grande do Norte. Pernoitamos naquela base e, no dia seguinte, no mesmo avião deixamos ao longe o território brasileiro, costeamos o litoral Norte da África e aterramos em diversas bases americanas. Pernoitamos em algumas e em outras permanecemos apenas tempo suficiente para abastecer o avião. Em Argel, tomamos conhecimento de que iríamos servir nos hospitais americanos e permaneceríamos na Itália.

Fizemos então a travessia do Mediterrâneo em um quadrimotor norte-americano, chegando a Nápoles ao cair da tarde, onde foi muito difícil encontrar hospedagem. Hospedamo-nos no 11º andar do Hotel Terminus, próximo à Baía de Nápoles, para passarmos a noite. As portas do hotel estavam emperradas, o elevador não funcionava e as paredes estavam rachadas. Nessa mesma noite, tivemos o nosso “batismo de fogo”, pois houve um forte bombardeio. Foi horrível nossa primeira noite, em Nápoles.

Na manhã seguinte à nossa chegada, fomos apresentadas como Enfermeiras de 3ª Classe pelo nosso chefe, Major Ernestino, ao Coronel Emanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde da FEB, que veio ao nosso encontro no saguão do hotel. O Coronel determinou que usássemos as estrelas do posto de 2º Tenente no uniforme de gabardine verde-oliva. Não poderíamos, como enfermeiras civis, compartilhar do âmbito das enfermeiras americanas, que eram oficiais. Esta medida tomada pelo Coronel Marques Porto teria que ser confirmada pelo Comandante da Força Expedicionária Brasileira, o General Mascarenhas de Moraes. Apresentadas ao Coronel Wood, Diretor do *182º General Hospital*, começamos logo a trabalhar.

Quando o General Mascarenhas de Moraes chegou, com o 1º escalão, tomou conhecimento da providência tomada pelo Cel Marques Porto, aprovando-a integralmente. No Boletim Nº 9 da FEB - Escalão Avançado, foi publicado o seguinte texto: “Considerando a situação em que se encontram as enfermeiras brasileiras, sob o ponto de vista hierárquico, em relação às americanas, no âmbito em que servem, resolvo arvorar ao posto de 2ª Tenente, sem vantagens pecuniárias do posto, as Enfermeiras de 3ª Classe: Antonieta Ferreira, Carmem Bebiano, Elza Cansação Medeiros, Inácia de Melo Braga e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, servindo nos hospitais americanos, as quais passarão a usar a insígnia correspondente. General João Baptista Mascarenhas de Moraes, General-de-Divisão Comandante.”

O segundo problema foi com os uniformes de serviço e as roupas íntimas que nos foram determinadas levar. Ao partirmos do Brasil, não havíamos ainda recebido os uniformes de serviço; assim, tivemos que trabalhar com o uniforme verde-oliva, composto de saia-calça de brim, camisa e gravata, que não era nada funcional no calor intenso dos dias de julho, em solo italiano. Somente depois de vinte dias de trabalho recebemos o uniforme de serviço vindos do Brasil. Era um vestido tubinho, um avental bem franzido com enormes bolsos e um pano triangular para amarrarmos na cabeça. Tudo confeccionado em algodão na cor chumbo escuro e que não atendia aos nossos manequins. Os uniformes pareciam verdadeiros espantalhos.

Após entendimentos entre o Coronel Marques Porto, que nos fez a entrega dos uniformes, e o Major Ernestino, nosso chefe, e os dois com o Coronel Wood, chefe americano e a Enfermeira-Chefe, Capitão Miss Parkson, ficou decidido que usaríamos o uniforme de verão americano com as insígnias brasileiras. Em passeio, só nos seria permitido o uso do uniforme brasileiro verde-oliva.

O problema das roupas íntimas também foi muito difícil para nós, por não ter sido permitido levar as que usávamos na época no Brasil, que era a normal. As peças foram padronizadas e o local da compra determinado.

Nos hospitais americanos, o banho era feito em uma enorme barraca dividida em boxes abertos e em conjunto com as americanas, que desfilavam com suas roupinhas de látex iguais as que usávamos no Brasil, mas que não nos fora permitido levar para a Europa. Como não nos sentíamos com coragem de enfrentar o vexame de exibir as calcinhas de malha de algodão, que desciam abaixo dos joelhos e os sutiãs verde-oliva e para não nos desmoralizarmos, passamos a tomar o banho à noite, quando não mais funcionava a água quente e as luzes dos banheiros estavam apagadas. Dessa forma, perdíamos a oportunidade de usufruir o rico e farto material fornecido como sabonetes cheirosos, os xampus e outros artigos. Aproveitávamos o momento para lavar a nossa roupa íntima, nas máquinas de lavar roupa existentes no banheiro do hospital.

Havia empregadas italianas que se incumbiam de lavar e passar as roupas, entregando-as nas tendas em troca de uma gorjeta. Também essa mordomia perdemos. Nosso problema só foi resolvido, quando fizemos camaradagem com as companheiras americanas que nos levaram às suas cantinas para fazermos um estoque de roupas íntimas.

Esses foram, basicamente, os problemas que enfrentamos em nossa chegada. O clima não foi motivo de preocupação, pois o calor era intenso. Quando o inverno chegou, já estava equipada para enfrentar com coragem os dias frios. Aos poucos nos sortimos do necessário para nos mantermos agasalhadas. Os hospitais americanos eram bem abastecidos com lareiras, agasalhos e mantas e tinham uma organização fabulosa. Nas mudanças, todo o hospital era desarmado e, americanos e brasileiros trabalhavam todos juntos. Quando saíamos do hospital, não precisávamos ir ao comando para saber onde iríamos servir. Se eu fosse para um hospital de evacuação, se eu era da enfermaria três, procurava a enfermaria três e assumia. Já ia recebendo os meus doentes e começava o meu trabalho.

Ao baixar, os doentes recebiam pijamas de flanela, meias e mantas de lã. Só não tínhamos colchões. Não usávamos colchão nos nossos acampamentos, nem nas enfermarias, somente nas barracas dos grandes chocados. Nosso colchão era nossa cama-rola, onde colocávamos nossa roupa de banho, uniformes e mantas. Assim, estávamos sempre prontas para o deslocamento desses hospitais de evacuação. Enrolávamos a cama rola e nos transportávamos para um novo local. Aqueles que baixaram nos hospitais americanos jamais sentiram frio, pois o hospital era abundante de material a ser distribuído enquanto estivessem baixados.

O desempenho das enfermeiras brasileiras sempre transcorreu muito bem. Aqui me excludo e descrevo as minhas companheiras. Orgulho-me do que vi e assisti. Muito me emocionavam os comentários ouvidos dos baixados que foram atendidos por companheiras que serviam em outros hospitais que não o meu, incluindo companheiras vindas de outros estados, a quem não tive a oportunidade de conhecer no Brasil. Sentia por elas respeito e um profundo carinho. O desvelo no atendimento podia ser aquilatado pelo depoimento daqueles que tiveram a prestimosa presença da enfermeira brasileira no seu leito de dor. Eram elogios que muito enobreciam a nossa classe e enchiam de orgulho quem partiu com o mesmo ideal. É gratificante saber que em todas as Seções Brasileiras dentro dos hospitais americanos eu tinha companheiras competentes, compreensivas e caridosas, que espargiam o seu amor, o seu carinho e que em todos os cantos a sua ternura estava presente para cuidar dos valorosos irmãos que tão sacrificados se expunham aos maiores perigos. Assisti a verdadeiros anjos tutelares, em cabeceiras de moribundos, de grandes sofredores, se exaurirem com seus cuidados, com sua competência e sacrifício.

Muitas vezes, ao largarmos o serviço e voltarmos juntas para nossa barraca, eu e minhas companheiras voltávamos abatidas, sofridas, cansadas pelo esforço e penalizadas com o que presenciávamos em nossas enfermarias. Analisava, profundamente, a dedicação, o sentimento de minhas companheiras e confesso que em gratidão as beijava com o coração.

Fomos numa missão de amor, voluntárias num continente tão diferente do nosso. Sentimos frio, calor, trabalhamos, sofremos, mas tivemos, também, horas alegres, grandes recuperações, recreações, magníficas cartas dos nossos entes queridos; conhecemos lindas cidades nas sucessivas transferências de hospital ou em nossas horas de folga, porém a lembrança dos nossos doentinhos marcava as nossas vidas e não mais, como eles, esqueceremos os dias tristes na Itália.

Não só o atendimento prestado pelas companheiras brasileiras foi de grande valor, mas, também, o que foi prestado pelas enfermeiras americanas. Brasileiros, aliados ou inimigos todos recebiam piedade cristã e incluo neste depoimento os maravilhosos sargentos-enfermeiros. Competentes, cumpridores das suas obrigações, foram auxiliares fora de série do Serviço de Saúde e cooperaram conosco, enfermeiras, em alto grau. Nas minhas horas de folga, percorria as enfermarias, a sala de operações, a barraca dos chocados, a triagem e sempre presenciei o atendimento e o interesse dessa plêiade de brasileiros abnegados que constituíram o Serviço de Saúde da FEB – médicos, enfermeiras e sargentos-enfermeiros – e tenho por todos o mais profundo respeito. De grande valor técnico, competência e muito bem preparados, deram verdadeiras demonstração de preparo. Desdobravam-se em sacrifícios e vigílias.

Os pacientes nos transmitiam notícias da bravura, da coragem, da disciplina, da iniciativa e da resistência à fadiga dos combatentes. Algumas vezes, as notícias também nos eram transmitidas pelos alto-falantes ou por oficiais que compareciam em suas horas de folga para visitar os homens sob seu comando. O brasileiro, povo inteligente e capaz, rapidamente se adaptou e o espírito de luta de sua oficialidade conseguiu transmitir à tropa o destemor e o desejo de vencer, que foi a nota principal na busca do sucesso, apesar das adversidades e de todas as dificuldades.

Nos soldados baixados senti sempre a veneração por seu Comandante, seu Capitão, seu Tenente e seu Sargento. A ânsia de retornar ao convívio dos companheiros era enorme, demonstrando o espírito de coesão de que se achavam imbuídas nossas tropas. Vibrava em poder atendê-los, pois compensavam com suas bravuras, o meu sacrifício em oferecer-lhes a melhor atenção que pudesse. Os bravos baixados mexiam com a minha sensibilidade, e o esforço para dar-lhes o melhor atendimento era extraordinário. Precisei revestir-me de coragem e de um ânimo descomunal para assistir e confortar os pacientes feridos. O moral dos baixados era enorme. Ao mesmo

tempo em que eu procurava transmitir-lhes coragem, recebia em troca a força que eles me davam para reagir às horas difíceis de serem vividas para ambos. Muitas vezes, corria a minha barraca para chorar um pouco e desabafar a minha angústia. Chorava, rezava, desabafava-me. Que absurdo a guerra! Homens tão jovens, tão cheios de vida e de esperança e tão machucados pelo destino! A coragem e a força desses homens, entretanto, eram maravilhosas, suportando o sofrimento com altruísmo.

Cheia de cuidados e responsabilidades, tratei-lhes o físico e o moral, agradecendo a Deus por ter-me guiado a tais paragens e me proporcionado forças para poder aliviar-lhes as dores com minhas próprias mãos. Que orgulho poder cuidar de um herói! Em vez de lágrimas nos olhos, eu lhes sorria e a todos encorajava pelos valores que deles emanavam. Sabia que se demonstrasse apreensão, o reflexo na enfermaria seria ruim. Fingia alegria, transmitindo-lhes paz, porém me doía, profundamente, ver aqueles meninos tão machucados. Com o auxílio de mantas e travesseiros, conseguia amenizar-lhes os padecimentos.

Em geral, nos hospitais de evacuação fazíamos o possível para que as mutilações não fossem notadas pelas vítimas. Na sala de operação, a equipe médica completava com grande maestria os membros amputados, preenchendo-os com gesso para que não fossem notados pelos pacientes. No início, não pressentiam a mutilação. Queixavam-se de dores em membros que já não existiam. Através de suas papeletas e na visita médica éramos sempre informadas do ocorrido, porém, muitas vezes, um companheiro desavisado chegava para visitar um amigo e deixava transparecer o ocorrido. Quando isso acontecia, era de fato muito difícil controlar a situação, para que não se tornasse mais séria.

O primeiro doentinho que faleceu na minha enfermaria, estava muito ferido pela detonação de uma mina. Semiconsciente, agarrado em minha mão, que lhe enxugava o suor frio, falava desencontrado e eu entendia apenas uma palavra ou outra. Mesmo quase sem forças, senti que queria levar minha mão aos lábios e não fiz qualquer reação. Encostou-a nos lábios e entre palavras desconexas balbuciou o nome “Geralda”. Com muito custo ouvi-o também falar sobre os registros dos “molequinhos”. E muita coisa ele disse que eu não entendi. Beijei-lhe a testa e ele se acomodou, passando do sono para o céu. Fiquei muito emocionada e chorei muito. No dia seguinte ao seu enterro, fui com Sílvia Marques ao cemitério, que ainda estava sendo arrumado e atendido pelo nosso Capelão Padre Noé. Fizemos uma coroinha com as flores que encontramos pelo caminho e depositamos em sua cova em nome de sua “Geralda” e dos seus filhinhos. Tinha o seu nome anotado, mas extraviou-se juntamente com minha bagagem. Procurei de todos os modos recompor o ocorrido, porém em vão. Trago sempre guardada em minha memória a sua fisionomia, era bem escuro e tinha o cabelo encaracolado.

O apoio religioso à tropa combatente também se fez presente através dos padres católicos e dos pastores protestantes. Na beleza desse apoio, muitas vezes presenciei o padre católico e o pastor protestante comparecerem juntos a uma enfermaria, o Capelão Padre Noé Pereira e o João Sorem, protestante. A simplicidade de suas presenças, o carinho e o apoio levantavam sempre a moral de nossos heróis. Erguíamos um altazinho na enfermaria que estivesse mais lotada de pacientes que não pudessem se locomover e ali as missas eram rezadas. As bênçãos e orações proferidas, nos davam, a nós do Corpo de Saúde e aos doentes, forças para enfrentar o dia-a-dia. No Cemitério de Pistóia também davam sempre um lindo exemplo de solidariedade cristã. O serviço religioso muito ajudou toda a FEB a suportar as agruras por que tinha que passar.

A adaptação do Serviço de Saúde ao trabalho, apesar da exigüidade do tempo, não deixou espaço para a deficiência. Embora o conforto que desfrutávamos fosse muito maior, do que o do pessoal da tropa, a adaptação foi perfeita. Pudemos exercer nossas atividades na sua plenitude, graças ao americano que, na sua organização perfeita, recebeu-nos de braços abertos. Convivemos com pessoas oriundas de um povo admiravelmente desenvolvido, com acentuado espírito de camaradagem. O material dos hospitais americanos era farto; a alimentação primorosa e o conforto notável, cooperando para o sucesso – o mister de salvar vidas. O nosso Serviço de Saúde somente teve de se adaptar à rotina dos hospitais e segui-la totalmente.

Assim, como o convívio com os americanos, o meu relacionamento com a população local foi perfeitamente bem-sucedido. Numa cidade ocupada, destruída, a população oprimida, tivemos oportunidade de lidar com a mulher italiana que sempre, muito amável, vinha ao hospital em busca de trabalho para o seu sustento.

Preciso destacar neste depoimento a figura de Vicentina, minha lavadeira. Ela era a esposa de um diplomata muito chegado a Mussolini. Mulher bonita com seus olhos azuis-claros sempre marejados de lágrimas, a fisionomia triste. Pude observar de perto como sofria ao assistir à destruição de sua querida Itália. Sentida, com profundo respeito e dignidade patriótica, sem quaisquer notícias do esposo que fugira em virtude da guerra, a bonita Vicentina aguardava na companhia dos dois filhos pequeninos, em uma bela casa em Pistóia, o retorno do esposo ao lar. Para viver honestamente, precisava trabalhar. Com uma cestinha de palha portando ovos e uvas para vender apareceu um dia no hospital: *Algo per lavare, estirare?* Notava-se em sua voz amargurada a agonia que trazia trancada no coração. Dizia ela: *Itália primo bella... Ahora tutto distruto, tutto rubinato...* Assim, apelava para que lhe déssemos um trabalho para o sustento de seus *bambini* até o retorno do esposo. Não queria dinheiro em pagamento, queria açúcar, café, pão, chocolate e cigarro. Vicentina

criava em sua casa coelhos e galinhas, preparando-nos então, nos nossos dias de folga, suculentos almoços em sua casa: bife à milanesa, macarrão ao suco e frutas. E se sentia compensada com os chocolates e cigarros que recebia em pagamento.

Guardo dessa linda criatura uma imagem da honra e bondade da mulher italiana que não se deixou corromper com os horrores da guerra, que assistiu com dignidade à destruição de sua linda Itália. Pude observar, bastante e de perto, como a cidade estava sofrendo. Cidade onde os detalhes da arte se impunham, vê-la destruída... ocupada... Outras raças mandando e pisando seu solo com desembaraço imponente, fazendo sofrer assim, grandemente, o povo oprimido da cidade ocupada. Acima de tudo, vi de perto o valor desta mulher italiana durante os cinco meses em que servi no Hospital de Pistóia.

Com o avanço das tropas, mudei do Hospital de Pistóia para o hospital da Cidade de Corvella. Trouxe um peso de papel de vidro que ela me deu de recordação, que conservo até os dias de hoje, e gravado o exemplo digno desta mulher italiana.

Também travei contato com o inimigo alemão. Embora fossem inimigos ferozes no campo de combate, tratei-os com a dignidade que a minha profissão exige. Foram sempre pacientes disciplinados que procuraram cumprir, integralmente, o regulamento exigido na enfermaria. Chegava com mutilações diversas, fraturas, surdez, grandes contusões. Procurei sempre atendê-los sem discriminação. Dediquei-lhes todo o conforto no atendimento, alimentei-os e mediquei-os em igualdade de condições com os nossos heróis baixados.

E, ao me referir aos heróis baixados, não poderia deixar de destacar meu primo-irmão Helio Portocarrero, que deu baixa no hospital onde eu servia, quando do ataque a Montese.

Coube ao 6º e ao 11º Regimentos de Infantaria a missão de atacar o maciço de cristas conhecidas pelos nomes de Montebufone, Serreto e Montello. O terreno estava todo minado. Foi uma noite tenebrosa. O hospital ficou lotado de baixas. Meu plantão foi exaustivo e trabalhei toda a noite do dia 14 de abril, por coincidência data do aniversário de minha adorada mãezinha. Após passar o serviço para minha colega, às sete horas da manhã, me dirigi ao refeitório para tomar o café da manhã. Peguei a bandeja e fiquei na fila esperando a vez de ser servida. Atrás de mim estavam o Tenente Médico Lyra e o Capitão Monteiro num papo animado. Também haviam trabalhado a noite inteira e estavam como eu, largando o plantão. Comentavam o enorme número de baixas e entre os baixados diziam estar um Portocarrero. Nem perguntei quem era o Portocarrero baixado, larguei a bandeja e corri para a enfermaria, onde estavam os baixados, sendo classificados segundo a gravidade de seus ferimentos, a fim de seguirem para a sala de operações.

Alguns tinham a cabeça coberta, pois tinham entregado sua alma a Deus; outros, já com o tratamento iniciado, tomavam sangue. A minha angústia era enorme, pois só poderia ser um dos meus priminhos queridos: ou o Helio, que comandava a 3ª Companhia do 6º RI, ou o Heraldo que era Observador Avançado na Artilharia. Fomos criados todos juntos como verdadeiros irmãos. Procurei por toda a enfermaria, um por um, até que encontrei o Helio. O desespero se apoderou de mim ao vê-lo todo ensanguentado coberto por um lençol e um cobertor ensopados de sangue. A noite inteira atendera a casos graves e, já exausta, descontrolei-me.

Helio era uma pessoa calma e tentava me acalmar dizendo, na sua maneira compassada de falar, que não era nada grave: “Fica quieta. O meu caso é simples. Estou bem. Não faça escândalo.” A essa altura, eu já chorava cheia de emoção querendo tudo fazer por ele. O Tenente Pio, o médico de plantão, tentou me confortar dizendo que o caso do Helio era simples. Mas corri aflita até ao comando pedindo um atendimento rápido para o Helio, pois era meu irmão. Que desespero! O Major se apressou em atender e foi à enfermaria vê-lo. Uma vez lá, o Tenente Pio lhe disse que o Helio já havia sido examinado e estava sendo cuidado de acordo com a classificação. Iria para a sala de operações na tarde do dia seguinte. Que agonia a minha! Como perdi o controle!

Devido à situação do hospital, o Major já pedira auxílio ao Serviço de Saúde e à tarde a equipe médica da sala de operações seria reforçada. Uma turma de médicos e enfermeiras vinda do Hospital de Livorno reforçaria os atendimentos do nosso hospital. Assim, o Helio foi operado nesta mesma tarde pelo Capitão Djalma Chastinet Contreiras, brilhante cirurgião em cuja equipe trabalhava a minha grande amiga e competente enfermeira Antonieta. Ao anoitecer, já no meu plantão, recebi-o em minha enfermaria. A radiografia confirmou fratura dos antebraços. Foram retirados sessenta e oito estilhaços, uns superficiais e outros mais profundos. Alguns ainda lá ficaram para não macerar os tecidos. Chegou à enfermaria ainda anestesiado e tomando soro, penicilina de três em três horas, sulfá e bastante líquido. Acomodei-o com cobertas, travesseiros e ele dormiu sossegado e bem tranquilo.

Todos os baixados que serviram sob o seu comando o adoravam. Elogiavam a sua coragem e a maneira como os tratava. Eles adoravam o seu Capitão. Estavam sempre aflitos para ter alta e voltar para sua Companhia e seu comando.

No dia 18, Helio foi transferido para o 7ª *Station Hospital*, em Livorno. Coloquei-o na ambulância, acomodando-o com o carinho que sempre tive para com todos os meus doentinhos transferidos. Graças a Deus, o seu estado era bom. Bom pulso, respiração normal, sem febre, boa pressão arterial.

Foi uma situação difícil para mim, pois Helio é meu irmão. Nascemos na mesma casa e nos criamos juntos. Que aflição ao vê-lo tão ferido! Passou por várias

etapas de atendimento: primeiro, foi socorrido pelo Batalhão de Saúde, depois, foi operado no *16ª Evacuation Hospital*, em Pistóia. Em seguida, foi para o *7ª Station Hospital*, em Livorno. Mais tarde seguiu para o *300ª General Hospital*, em Nápoles, para fazer uma revisão da operação. Depois, foi para Casablanca, na África e por último, para o Hospital Central do Exército, no Brasil.

O ponto mais avançado por onde andou o Serviço Hospitalar brasileiro foi em Parolla, no Vale do Rio Pó, para onde se transferiu o *38ª Evacuation Hospital*, sem antes estacionar, alguns dias, em Salsomaggiore. Na Campanha desenvolvida nesse vale, particularmente em Collecchio-Fornovo, tivemos grandes baixas e o hospital ficou lotado de brasileiros, americanos e um número enorme de alemães.

A simples chegada de uma ambulância vinda da linha de frente a todos angustiava. Muitas vezes, dava entrada em nossas enfermarias um irmão que horas antes soubéramos ser dos mais bravos e saudáveis patrícios. Vezes havia em que já os conhecêramos no Brasil, ou mesmo na Itália. Homens plenos de confiança no futuro, mas que depois, em razão da guerra, em consequência de uma granada detonada atingindo-o e ferindo-o, ficavam marcados para o resto da vida. Nós os recebíamos com angústia e apreensão.

Assim, deu entrada em nossa enfermaria em Pistóia o bravo Tenente Mário Márcio, o campeão de corridas do Atletismo universalmente consagrado, que tão alto já elevara o nome da nossa Pátria. Atingido, precisamente, nas pernas, mais uma gloriosa vida estava próxima de ser encerrada, exigindo-nos um verdadeiro trabalho de dedicação e paciência.

Por melhor que procuremos relatar o trabalho de uma enfermeira nos campos de batalha, sempre, encontraremos dificuldades para um relato mais preciso.

Impressionou-me muito o valor moral de nossa tropa e o entusiasmo que sempre senti da parte de todos. Era o que me transmitiam os companheiros que nas horas de folga chegavam ao hospital para visitar um amigo baixado, fosse ele um graduado, fosse um simples soldado. O mesmo sentimento portava os que chegavam baixados ao hospital. Mutilados, muitas vezes com ferimentos sérios, traziam a ânsia de recuperar-se. Queriam voltar a ocupar o seu posto, não perder o seu comandante e os seus companheiros de luta. O retorno a sua perigosa função era um desejo constante e predominava em todos o entusiasmo que sentiam em poder cumprir missões tão perigosas.

O apoio logístico que recebi foi magnífico, pois servi em seções hospitalares que funcionavam dentro dos hospitais americanos. Todos os direitos que eram dados às enfermeiras americanas, eu os usufruí. A noção de organização era perfeita. Nas mudanças, a engenharia escolhia o terreno do novo hospital e os especialistas em

detonação de minas agiam com maestria, saneando o terreno. Marcavam com faixas de tinta branca todo o local por onde sem perigo poderíamos transitar.

O transporte era feito em numerosos caminhões que carregavam todo o material que era desmontado pelo pessoal técnico do próprio hospital. Todos cooperavam carregando suas bagagens. As barracas eram ocupadas por quatro enfermeiras, duas de serviço e duas de folga. Estas carregavam a sua bagagem e as das outras companheiras, de serviço. Aquelas se incumbiam de arrumar os doentes, a fim de serem removidos para hospitais na retaguarda, além de embalar todo o material de consumo e medicamentos que estivessem na enfermaria. Esse material era arrumado em pequenos armários, fechados e colocados nos caminhões a que fossem destinados por espécie. Todo o material usado diariamente nas enfermarias era requisitado pelas enfermeiras na barraca de suprimento, que imediatamente as atendia.

Ao baixar, os pacientes sempre recebiam pijamas, toalhas de rosto e banho, sabonete e roupão, chinelos, meias e mantas de lã, que eram substituídos diariamente e entregues à lavanderia. Assim, tínhamos a nossa enfermaria em perfeita ordem, sempre em dia, aguardando uma mudança rápida. A turma de sargentos-enfermeiros e praças desmontava os catres e os colocavam nos caminhões também por espécie. As grandes barracas de enfermaria, as barracas do acampamento, enfim o hospital inteiro era desmontado e colocado em grandes caminhões também por espécie, para que fossem transportadas para um novo local. Os últimos caminhões levavam o pessoal de serviço. Assim era desmontado o hospital.

A alimentação em todas as dependências que pertenciam ao V Exército era a mesma. Era uma alimentação farta, saudável, sempre acompanhada de refrescos, vitaminas, sais minerais e comprimidos. Nas enfermarias, também era distribuído da mesma maneira.

O aquecimento em todas as dependências era feito por lareiras a óleo, controladas pelo pessoal americano. Quem teve a oportunidade de servir ou baixar nos hospitais durante o inverno não sentiu frio e foi fartamente aquecido. A Cruz Vermelha sempre deu também o maior apoio em distrações em todos os hospitais.

Durante a guerra, também foram realizados os transportes de feridos de Dacar a Natal e de Natal a Miami. Uma vez capacitadas para terem sobre sua guarda um avião carregando feridos, 24 em média por avião, as enfermeiras do ar foram apresentadas ao Serviço de Saúde, em Nápoles, em janeiro de 1945. Contando o serviço de evacuação aérea da FEB, somente com seis enfermeiras especializadas, pode-se imaginar o sacrifício exigido, como o relatado no livro *A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial*, da Capitã Olímpia de Araújo Camerino, página 118. A evacuação dos feridos e doentes era feita, ordinariamente, em quatro etapas, a saber: Nápoles-

Casablanca, Casablanca-Dacar, Dacar-Natal, Natal-Rio. Trabalhando em conexão com a ATC – *Air Transport Command*, o Serviço de Evacuação Aérea da FEB utilizava-se de aviões norte-americanos para a travessia do Atlântico e de aviões da FAB para o transporte Natal-Rio, onde os feridos e os doentes eram apresentados diretamente ao Hospital Central do Exército.

As enfermeiras do ar eram: Dirce Ribeiro da Costa Leite, Joana Simões de Araújo, Lenalda Lima Campos, Maria José Vassimon de Freitas, Sara de Castro e Semíramis de Queiroz Montenegro.

Conheci, também, alguns elementos do 1º Grupo de Aviação de Caças e da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação, a nossa 1ª ELO, quando visitavam amigos hospitalizados. Vibrava com as notícias fornecidas pelo alto-falante sobre seus gloriosos bombardeios e ações de combate aéreo. Foram verdadeiros exemplos de patriotismo, coragem e ação.

A propaganda durante a Segunda Guerra Mundial na Itália visando a envolver a moral do oponente, foi muito bem-feita nas unidades febianas. Mas o programa Auriverde, da propaganda alemã, interferia no rádio da enfermaria e a inescrupulosa Margarida Hirschman, brasileira como eu, em vez de lançar no ar frases de patriotismo, lançava, com disfarçada bondade, frases para tirar o estímulo, revoltando nossos baixados. A maquiavélica mulher primeiro elogiava a bravura do soldado brasileiro, dizendo: “Ontem foste um bravo”, logo em seguida completava para ferir o moral: “Amanhã, quando regressares ao Brasil, receberás como prêmio desta mutilação e desta bravura um par de muletas e bilhetes de loteria para venderes na Praça Tiradentes”. Apressava-me a desligar o rádio e um sargento ruivo, baixinho, gordo, bem avermelhado e cheio de sardas, um homem de espírito forte, cantava alguns versos desfilando e dançando pela enfermaria para melhorar o ambiente: “Aonde está a sua linda bicicleta, Maria? *Tedesco portare via.*” As fisionomias endurecidas pelo sofrimento e revolta tornavam a sorrir de suas graças. Às vezes, essa brasileira infame dizia: “Vocês não acham muito melhor viver no Sol tropical do Brasil do que neste lodaçal nojento?” Mas essas são notas tristes e o importante foi que o soldado brasileiro era um bravo, um patriota, um destemido que ajudou a escrever a História com seu sangue.

No fim da guerra, eu estava no 38º *Evacuation Hospital*, em Parolla, no Norte da Itália. O Capitão Médico, Dr. Chastinet Contreiras, passava em visita para transferir os que pudessem ser locomovidos para o 7º *Station Hospital*, em Livorno, na retaguarda, a fim de receber outros pacientes, quando recebi a notícia do cabo São Paulo Filho, que trabalhava comigo em duas enfermarias, uma americana e a outra de brasileiros e alemães. No primeiro momento, pensei que fosse uma brincadeira,

porém houve uma transformação pelas enfermarias lotadas, que comportavam sessenta leitos cada uma. Era um misto de alegria e sofrimento. Uns pulavam, gritavam, assobiavam, outros choravam de emoção. Ouviam-se comentários no alto-falante, músicas tocavam. Às 12 horas, a barraca de refeições estava lotada. Isso nunca acontecera, pois todos faziam as refeições em horários alternados e sempre encontrávamos lugar para sentar. Naquele dia, nada. Uns estavam de pé, outros sentados, até do lado de fora em fila, com a bandeja e os talheres na mão, cada um queria falar mais que o outro. Os baixados davam vivas.

Era o grande dia, 8 de maio de 1945. Eu estava atordoada, achando impossível. Parecia um sonho, mas era verdade, sim. A guerra acabara. Viva o nosso soldado brasileiro! Estava trêmula de emoção e os doentes eufóricos gritavam e se abraçavam. O Cabo São Paulo Filho, um menino apenas, estava super alegre. Os baixados que podiam andar saíam das enfermarias, sem ordem, para bater papo com os amigos de outras enfermarias.

O alto-falante fazia comentários mirabolantes, falava da rendição. Os baixados alemães estavam sérios e quietos e os americanos assobiavam e davam gritos. Foi uma festa. No hospital ninguém se entendia e meu coração batia descompassado. Meu Deus! Parecia um sonho me conscientizar de que voltaria para bem perto de papai e mamãe, para o meu querido Brasil.

E continuamos a nossa missão, incluindo em nossa assistência o atendimento aos prisioneiros alemães feridos. O hospital lotado de grandes mutilados não nos deixava sentir o prazer do término da guerra. Devido ao intenso trabalho, permanecemos em Parolla até o dia 3 de junho de 1945.

As despedidas foram tocantes, nos reunimos na sala de refeições e houve uma confraternização muito bonita. Todos estavam muito contentes. O Coronel Diretor do Hospital, convidou-nos, a mim e a diversos outros presentes, para trabalharmos com ele em uma clínica que possuía nos Estados Unidos. Nós, enfermeiras, trocamos endereços. Na enfermaria dos americanos, eram muitos assobios e gritos, falavam em Copacabana Beach, no Presidente Getúlio Vargas, Carmen Miranda, café e samba.

Na enfermaria alemã, prestaram-me uma homenagem que me emocionou muito. Estávamos no início da primavera e, quando entrei na enfermaria, cantaram uma canção em alemão que eu não compreendia, mas que me pareceu ser de agradecimento e bons desejos, ofertando-me cada um uma florzinha colhida na relva do próprio hospital. Nela, amarravam uma tirinha de papel com seu nome e a expressão, em português, “muito obrigado”. No Brasil, recebi uma carta do Capitão alemão que estava sempre me ajudando. Escreveu-me, participando o casamento, o nascimento do primeiro filho e agradecendo pelos cigarros e o tratamento que lhe dei.

Depois de evacuarmos os baixados, em consequência do Ofício Nº 1.879 do Coronel Chefe do Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira, fomos então excluídas do estado efetivo da Unidade, a fim de seguirmos para o Brasil. Fomos transportadas em caminhões 3/4t e nos recolhemos ao 7º *Station Hospital*, na Cidade de Livorno, onde pernoitamos. No dia seguinte, seguimos no mesmo caminhão, logo ao amanhecer, para a Cidade de Nápoles.

O trajeto para Nápoles era feito em dois caminhões 3/4t que seguiam juntos. Um, com doentes incapacitados e outro, com enfermeiras. A manhã estava chuvosa e havia pouca visibilidade no local. Na estrada que une Livorno a Nápoles, o caminhão que levava os doentes passou por sobre uma mina e, desgovernado, fez mais algumas vítimas. O soldado Atualpa Pereira Leite faleceu no local e outros tiveram apenas ferimentos leves. Nós os socorremos com os poucos recursos de que dispúnhamos. O jipe que conduzia o comboio continuou para Livorno a fim de conseguir recursos e evacuar os doentes. Assim, aguardamos em plena estrada, rezando e atendendo os companheiros feridos, mais uma vez, e seguimos então para Nápoles com os companheiros incapacitados que escaparam dos ferimentos.

Nós, enfermeiras, fomos hospedadas no Volturmo Hotel, onde permanecemos dois dias por determinação do comando, fazendo nossas refeições na cantina Bonoscontro, nas proximidades do hotel. Fomos convocadas a comparecer ao Posto Regulador Brasileiro, onde recebemos instruções sobre a bagagem e como proceder em relação ao câmbio do dinheiro para a viagem. Soubemos que o excesso de bagagem entregue ao Posto Regulador de Nápoles chegou ao Brasil e foi entregue no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, mas nada recebemos de volta. Nem cartas, nem lembranças, ou quaisquer outras coisas. Perdemos tudo. Foi a única nota triste que posso relatar. Foi um desrespeito conosco dentro do nosso próprio País, as enfermeiras que voltavam de uma guerra.

Após pesarmos e entregarmos a bagagem em excesso, ficamos somente com a que nos foi permitida, mais quinhentos mil réis em dinheiro. No dia imediato, às 9 horas da manhã, seguimos em um avião em direção ao Brasil fazendo escalas no Norte da África. Passamos por Túnis e Casablanca, chegando finalmente à base aérea de Parnamirim, em Natal, onde permanecemos aguardando o regresso para nossas cidades. A prioridade era dos doentes evacuados.

O grupo que servia no 38º *Hospital*, oriundo da Cidade de Parolla, no término da guerra era o seguinte: Antonieta Ferreira, Carmem Bebianio, Elita Marinho, Helena Ramos, Jurgleide Doris de Castro, Neuza de Melo Gonçalves, Novembrina Augusta Cavallero, Ondina Miranda de Souza, Sílvia Pereira Marques, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero e Wanda Sofia Magewski.

Em datas anteriores, pequenos grupos, de acordo com os hospitais em que serviam, regressaram. Assim, o primeiro grupo a retornar, após o término da guerra, servia em Nápoles. Em seguida, o grupo que servia em Livorno constituído de: Acácia Cruz, Alice Neves Maia, Amarina Franco Moura, Elza Ferreira Viana, Fausta Nice Carvalhal, Haydée Rodrigues Costa, Ilza Meira Alkimim, Jacy Chaves, Lúcia Fonseca, Lindaura Galvão, Nícia de Moraes Sampaio, Nilza Cândida da Rocha e Virgínia Leite.

Quando retornamos para o Brasil, seis companheiras ficaram na Itália: Bertha Moraes, Elza Miranda, Jacyra de Souza Góes e Silvia de Souza Barros, oriundas do 38º *Evacuation Hospital*, de Parolla e Maria Aparecida França e Olímpia de Araújo Camerino, que pertenciam ao 7º *Hospital*, de Livorno.

Esse último grupo de enfermeiras regressou ao Brasil com a tropa no navio *James Parker*. Deixaram o Porto de Nápoles com o quinto e último escalão no dia 19 de setembro de 1945, chegando ao Porto do Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1945.

A Capitã Olímpia de Araújo Camerino relata em seu livro, nas páginas 119 e 120, que também aguardava a vez para partir quando recebeu, juntamente com mais cinco companheiras, nova designação para o 35º *Field Hospital* instalado em Sparanise, cidade próxima a Francolise nos arredores de Nápoles, onde ficava o acampamento em que a tropa brasileira aguardaria o embarque de regresso à Pátria. Segundo ela, o hospital era pequeno e instalado em barracas, num local de impaludismo, quente e pequeno. O trabalho era menor, porém a mesma organização e rotina mantida nos hospitais americanos era observada. As seis enfermeiras brasileiras continuavam em serviço atendendo à tropa acampada em Francolise. A vida era monótona no fim dessa jornada. A guerra terminara há quatro meses e não sabiam qual seria o dia de regresso. O frio se aproximava e a missão não estaria finda enquanto um só soldado brasileiro estivesse baixado.

Por último, veio a notícia de que o regresso ao Brasil seria no navio-transporte americano *James Parker*. Num hospital a bordo, seriam transportados os doentes do 35º *Field Hospital* remanescente. A missão na Itália finalmente terminara para as seis enfermeiras que retornaram com o 5º escalão. Mas no hospital de bordo a tarefa continuava com as escalas de serviço e a rotina hospitalar. As enfermeiras brasileiras foram as últimas a deixar o solo italiano, como também foram as primeiras a chegar. Em 3 de outubro, chegamos ao nosso querido Brasil. Tínhamos que preparar os doentes e entregá-los aos cuidados das companheiras do Hospital Central do Exército.

Voltando ao grupo vindo do 38º *Hospital*, na Cidade de Parolla, onde me vejo incluída, retorno a descrição do regresso. Ao chegarmos à base de Parnamirim em Natal, Rio Grande do Norte, já cumprira todas as formalidades. Trocamos o dinheiro

que trazíamos de lira para cruzeiro, correspondente a somente quinhentos cruzeiros. O restante do dinheiro que possuíamos fora depositado no Banco de Brasil, em Natal, e o receberíamos no Rio de Janeiro.

Para cumprir as determinações, fizemos um sacrifício louco. Fomos forçadas a restringir todos os gastos. Embora estivéssemos na base militar, pagávamos nossas refeições relativas à etapa de Oficial. Apesar de o preço ser muito pequeno, a quantidade com que podíamos contar era completamente deficiente. Vimo-nos em muita dificuldade e não era absolutamente possível fazer todas as refeições. Isso depois de enfrentarmos uma guerra, vivendo em hospitais americanos, onde éramos bem alimentadas e ainda sob a fiscalização das chefes americanas, que nos obrigavam a fazer uso de complementos alimentares de vitaminas e sais minerais.

Procuramos dividir as refeições entre nós. As que tomavam o café da manhã traziam para a companhia um sanduíche reforçado. Procurávamos comer bem nesta refeição, o suficiente para agüentar e não almoçar, pois somente comeríamos o que a companhia que fosse ao almoço conseguisse nos trazer. No dia seguinte, trocávamos a escala. Assim, passamos dias difíceis dentro do Brasil, voltando de uma guerra vitoriosa.

Todas as manhãs, comparecíamos com nossa bagagem ao aeroporto da base local para ouvir pelo microfone a chamada para o embarque. A prioridade era dos doentes que regressavam ao Brasil e outros oficiais brasileiros que já estavam há mais tempo do que nós aguardando na base. Voltávamos, então, para o nosso alojamento. Em pequenos grupinhos de três ou duas, às vezes uma.

Com pouco dinheiro, logo que cheguei à base de Natal, passei um telegrama para meus queridos e adorados pais anunciando que estava no Brasil, mas sem saber quando chegaria ao Rio de Janeiro. Não agüentava a euforia, esperando o momento de revê-los. Eu estava no Brasil e o meu coração batia tão forte que parecia não caber em meu peito. Desejei telefonar, porém não havia cabo. Todas as linhas estavam ocupadas pelos políticos. A política fervia no Rio Grande do Norte.

Acoplo, novamente, a este relato, informações extraídas do livro da Capitão Olímpia, na página 121. Algumas enfermeiras também trouxeram os sinais da guerra. Por projeto elaborado pela Câmara dos Deputados, transformado na Lei nº 1.209, de 25 de outubro de 1950, e sancionado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, as enfermeiras da FEB foram efetivadas no posto de 2º Tenente e incluídas na Reserva de 2ª classe do Exército Brasileiro com o mesmo posto.

Efetivadas no posto de 2º Tenente, continuaram as enfermeiras lutando pela sua aspiração. Ainda por projeto elaborado e aprovado pela Câmara dos Deputados, foram convocadas para o Serviço Ativo do Exército no posto de 2ª Tenente com

acesso até o posto de 1ª Tenente e com permanência e regalias inerentes aos oficiais da Ativa nos termos da Lei Nº 3.160, de 1 de janeiro de 1957.

Quarenta e seis enfermeiras requereram convocação e nove não se apresentaram. Doze já estavam reformadas por incapacidade adquirida na guerra. Convocadas, foram classificadas em diversos Órgãos do Serviço de Saúde do Exército. Atualmente, estão todas na inatividade no posto de Major, Capitão ou 1ª Tenente, umas por terem completado tempo de serviço e outras, por terem atingido a idade limite para a permanência na Ativa, e outras por incapacidade física.

Na minha vida pessoal, a guerra não deixou conseqüências, pois voltei ao meu lar e continuei a minha vidinha, sempre prestigiada por minha família, meus amigos e pelos que trabalhavam nas repartições civis em que servi. O cargo de “Prático de Laboratório Classe E” que eu ocupara fora extinto, não havendo mais a possibilidade de promoção. Então, fiz concurso público para o cargo de escriturária classe G da Prefeitura do Distrito Federal, que ocupei até o dia 20 de setembro 1957, quando fui convocada e passei para o Serviço Ativo do Exército. Nessa ocasião, então, pedi demissão do meu cargo civil e assumi a minha carreira militar como 2ª Tenente Enfermeira nos termos da Lei nº 3.160 de 1º de julho de 1957, Diário Oficial de 18 de setembro de 1957, Boletim Interno nº 215.

Bombardeios, enchentes, neve, degelo, incêndio, explosões em terrenos minados, vigílias, angústias, tudo experimentamos nesta guerra, porém conseguimos retornar à nossa terra com a consciência tranqüila do dever cumprido. O nosso ânimo no Teatro de Operações era tanto que o espírito se via fortalecido e vibrávamos ao desempenhar tão nobre missão como verdadeiras mãezinhas. Cumprimos a nossa missão na guerra como um verdadeiro sacerdócio. Sentíamos nosso esforço perfeitamente recompensado, quando a recuperação de nosso baixado se esboçava e, assim no íntimo, experimentávamos a utilidade de nossa presença. Fomos, vencemos e cumprimos o nosso dever e hoje, na paz, orgulhamo-nos de ter servido como as primeiras oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército Brasileiro. Na Força Expedicionária Brasileira, tivemos a oportunidade, a honra e o privilégio de cuidar dos valerosos heróis da Segunda Guerra Mundial, minorando-lhes os sofrimentos. Como mulheres, marcamos nossa presença nesse conflito mundial.

Sinto orgulho de pertencer a este punhado de “anjos verde-olivas” que, num gesto altruístico, a tudo renunciaram para cuidar do soldado brasileiro e entrar para a História com letras de ouro, minhas queridas companheiras enfermeiras da FEB.

Capitão Divaldo Medrado*

Nasceu em Joáima – MG. Foi incorporado ao Exército no 10º Regimento de Infantaria com sede em Belo Horizonte, em março de 1942, como voluntário. Foi promovido à graduação de cabo em setembro de 1942 e a 3º Sargento em setembro de 1943. Transferido para o 11º RI em março de 1944, embarcou para o Rio de Janeiro como estacionador do Regimento. Em setembro, do mesmo ano, deslocou-se com o Regimento do acampamento na Vila Militar – Morro do Capistrano – para bordo do navio americano *Gen Meighs* com destino ao Teatro de Operações na Itália. Em dezembro, foi ferido em combate, em Abetaia – Monte Castelo, quando comandava o seu Grupo de Combate, tendo sido, em consequência, internado no hospital de emergência em Livorno. Em março, foi evacuado para o Brasil e internado no Hospital Central do Exército. Em junho, foi julgado incapaz para o Serviço do Exército. Em outubro, o Diário Oficial publicou a sua reforma no posto de 2º Sargento. Os Diários Oficiais de 29 de março de 1947, de 22 de abril de 1957 e de outubro de 1973, publicaram respectivamente suas promoções a 2º Tenente, 1º Tenente e Capitão. De janeiro de 1946 até o ano de 1961, participou, como fundador, da Associação dos Ex - Combatentes em Belo Horizonte, onde exerceu vários cargos inclusive o de Presidente por quatro mandatos intermitentes. Hoje, pertence a Associação dos Veteranos da FEB – ANVFEB – Seção de Belo Horizonte, onde é Diretor. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha Sangue do Brasil, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* 3º Sargento Comandante do 1º Grupo de Combate do 2º Pelotão de Fuzileiros da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 24 de novembro de 2000.

No desenrolar da Segunda Guerra Mundial, o Brasil encontrava-se sob o regime político do Estado Novo, implantado pelo Presidente da República Getúlio Vargas, que foi considerado um golpe que perdurou até 1945. A primeira preocupação de nosso País, bem como das demais nações do continente da América do Norte, Central e do Sul foi a de se declararem neutros. Os países americanos manifestaram sua neutralidade, no Panamá, em outubro de 1939, sob a liderança do Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt.

Na Europa, o nazi-fascismo continuava o seu propósito de domínio, invadindo países. Em consequência, houve a capitulação da França, que provocou uma reação no Brasil e em todo o mundo. Com o avanço espetacular e surpreendente das tropas do Eixo, as nações americanas se sentiram ameaçadas, muito embora se mantivessem em absoluta neutralidade, razão que provocou uma nova reunião dos chanceleres americanos, no mês de julho de 1940 em Havana, tratava-se da Organização dos Estados Americanos. Deliberou-se, então, que todo atentado ocasionado por Estado não americano que atingisse a integridade ou a independência política de um dos estados americanos seria considerado como um ato de agressão a todos os que firmaram aquela declaração.

O violento e covarde ataque a Pearl Harbor, no Havaí, perpetrado pelo Japão em 7 de dezembro de 1941, fez com que o governo brasileiro, honrando as tradições de sua política externa e ainda na mais justa solidariedade aos Estados Unidos, anunciasse, no dia 28 de janeiro de 1942, na terceira reunião dos chanceleres, o rompimento de suas relações com a Alemanha nazista, Itália fascista e o Japão.

Em virtude dessa ruptura com o eixo nipo-nazista-fascista, surgiu a necessidade do Brasil resguardar o seu extenso litoral, patrulhando as costas brasileiras do Sul ao Norte, dando proteção aos navios mercantes que transportavam produtos, passageiros militares e civis e outros bens de interesse nacional. Não se pode deixar de acentuar que nossos navios mercantes singravam desarmados.

O governo brasileiro, por solicitação dos Estados Unidos, cedeu o litoral da Região Nordeste para instalação de bases aéreas, enquanto perdurasse o conflito mundial. Os nazi-fascistas haviam torpedeado dezenove navios mercantes brasileiros, de fevereiro até agosto de 1942, apesar do nosso esforço na tentativa de assegurar a proteção das nossas costas.

Esse estopim fez com que a nação brasileira se inflamasse, agitando-se mais ainda com os afundamentos de cinco navios mercantes nacionais: *Baependi*, *Anibal Benévelo*, *Araraquara*, *Itagiba* e *Arara*, que ocorreram em apenas três dias, 15 a 17 de agosto de 1942, nas praias do Estado de Sergipe, com a morte inaceitável de 607 brasileiros que viajavam inocentemente. Essas agressões fomentaram uma grande

revolta em nosso País, trazendo o povo às ruas com protestos justos e veementes. Exigiam do governo medidas reparadoras à altura dos atentados recebidos. Essas manifestações ocorreram em todos os recantos do território nacional.

Face a esse grave acontecimento, o governo não teve outra alternativa e, em 31 de agosto de 1942, declarou guerra à Alemanha nazista e a Itália fascista. Ainda em virtude desses atentados à nossa soberania, surgiu, também como resposta, a intenção de enviar uma força militar ao velho mundo, nascendo, assim, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, complementada por diversos órgãos não divisionários, mas de capital importância, como o Depósito de Pessoal, denominada Força Expedicionária Brasileira – FEB, decisão tomada em consequência da visita do nosso Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, aos Estados Unidos da América.

A FEB foi organizada nos moldes americanos, com tropa de todas as armas, serviços e outros órgãos de apoio logístico. Constituída de uma Divisão de Infantaria Divisionária e de órgãos não divisionários assim efetivados: três Regimentos de Infantaria – o 1º Regimento, Regimento Sampaio, do Rio de Janeiro; o 6º Regimento, de Caçapava, São Paulo, e o 11º Regimento, Regimento Tiradentes de São João Del Rei, em Minas Gerais; quatro Grupos de Artilharia, três do Rio de Janeiro e um de São Paulo; um Batalhão de Engenharia, um Batalhão de Saúde, um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, uma Companhia de Transmissões, uma Esquadrilha de Ligação e Observação e unidades menores, além de outros serviços.

Os componentes da FEB eram submetidos a uma rigorosa inspeção de saúde e seleção física, tanto os militares da ativa, como os da reserva convocada e, posteriormente, recebiam um rigoroso e intensivo treinamento para o melhor desempenho no *front*. Essa etapa de formação da FEB foi realmente muito difícil e complexa. Os quartéis ficaram abarrotados e, em consequência, os alojamentos e refeitórios. As instalações sanitárias, que já se mostravam precárias, rudimentares e insuficientes às praças da ativa, não atendiam à sobrecarga advinda da convocação.

As filas intermináveis para o uso das instalações do rancho e dos banheiros criavam um ambiente de descontentamento, que só era contido pela rígida disciplina. Era comum encontrar os convocados amontoados nos alojamentos, com seus pertences espalhados, por falta de armários para todos e até mesmo alojados nas estrebarias. Em virtude da confusão existente, os sargentos e os cabos, diretamente ligados aos convocados para a revista, sentiam dificuldades em aplicar normas disciplinares. Todos aguardavam com muita ansiedade o resultado da inspeção de saúde, sendo muito desejado, por razões inúmeras, a volta às suas origens.

Os soldados que pertenciam ao nível social mais elevado objetivavam uma dispensa do serviço militar e lutavam desesperadamente para obtê-la. Os oriundos

do meio rural, de restrito poder aquisitivo, “ficavam de olho” no rancho, por não terem acesso aos vendedores ambulantes, que circulavam pelos quartéis oferecendo comestíveis, normalmente desprovidos de qualidade e higiene. Face aos problemas anteriormente apontados, não seria difícil concluir as razões que certamente motivaram desestímulo e deserções.

Todas essas anomalias perduraram por um tempo em prejuízo da organização do corpo expedicionário. Muitos convocados do meio rural que não eram letrados aceitaram humildes e conformados sua inclusão no contingente da FEB, enquanto a maioria dos bem situados financeiramente conseguiu desligamento por razões inúmeras vezes infundadas. Abro um parêntese para cumprimentar a todos os que, pelo seu serviço, brio e coragem, representaram dignamente a Pátria querida nos campos da Itália.

Particpei de exercícios no 10º RI, depois no 11º RI em São João Del-Rei e, por último, no Rio de Janeiro, onde prossegui o meu estágio de manejo, com tiro real, do armamento existente no campo de Gericinó, exercício de desembarque, em navio improvisado, no parque de instrução e no Morro do Capistrano, na Vila Militar.

As marchas de grande distância eram realizadas com o equipamento completo. A que mais me impressionou foi a que ocorreu após o desfile de despedida na Avenida Rio Branco, quando saímos da Praia de Botafogo até a Vila Militar. Nesse percurso de 35 km, recebemos diferentes homenagens e até lanches, servidos pela população, que sempre nos aplaudia.

O transporte da tropa para o Teatro de Operações ocorreu em cinco escalões, sendo que os 2º e 3º escalões deixaram o Rio de Janeiro praticamente juntos. O embarque do 3º escalão, do qual fazia parte o 11º RI, ocorreu no navio *General Meighs*, na data de 20 de setembro de 1944 e a partida em 22. Tudo foi realizado dentro do maior sigilo, para evitar a ação da Quinta-Coluna que poderia comprometer a segurança do embarque, como também da própria viagem. No dia do embarque, fomos surpreendidos com a visita do senhor Presidente da República, Dr. Getúlio Dorneles Vargas, cujas palavras de estímulo e encorajamento nos emocionaram. Na ocasião, ele se despediu dizendo: “Nada vos faltarão, nem a vós e nem às vossas famílias”.

O transatlântico *General Meighs* transportou cinco mil e quinhentos homens aproximadamente. A tropa do navio era livre durante o dia, com práticas esportivas, cinema e outras atividades, porém, ao anoitecer, era recolhida aos compartimentos, para que o inimigo não tivesse a oportunidade de localizar o comboio, composto por dois navios de transporte imensos, ambos com a mesma capacidade.

Havia um alarme que era acionado para os exercícios de abandono do navio e muitas vezes o alarme funcionava para outras situações, além das referentes aos

exercícios, porém, não tínhamos o exato conhecimento dos motivos. Com relação aos primeiros exercícios, houve uma certa apreensão da tropa, mas no decorrer da viagem, todos nos acostumamos ao referido alarme e a travessia como um todo, cuja duração foi de 14 dias e 14 noites.

Apesar de todo o preparo, existia sempre uma incerteza sobre a segurança da viagem, somada a dois aspectos que me preocupavam antes de minha entrada na linha de frente. A primeira era a incerteza do meu comportamento diante do inimigo e a segunda, o grande receio de sofrer um acidente antes de chegar o momento da participação efetiva em combate para o qual me havia preparado.

A minha participação na FEB foi debaixo da mais viva emoção e entusiasmo, porque, como muitos outros, orgulhava-me da grande oportunidade de prestar ao meu país um serviço relevante. Fui à guerra e dela participei como 3º Sargento, Comandante de um Grupo de Combate (GC), função considerada da maior importância, pois era o GC que sempre atuava nas patrulhas, que se tornaram imprescindíveis aos escalões maiores, sobretudo às companhias e aos pelotões, antes de qualquer ataque, porque traziam preciosas informações sobre o inimigo, sobre o terreno a ser palmilhado, sobre campos minados e sobre meios necessários à ação a ser desencadeada.

Enquanto Comandante do 1º Grupo de Combate, do 2º Pelotão, da 1ª Companhia do 11º RI, empenhei-me no trabalho, mesmo quando o frio rigoroso da Itália transformava a água dos rios em gelo, havendo dificuldades de toda ordem para os deslocamentos, particularmente pelas características do terreno acidentado dos Apeninos, problema agravado, no inverno, pela neve que cobria tudo.

A tropa da FEB somente teve um contato maior com o armamento americano após o desembarque na Itália, mesmo assim, com deficiência, em virtude da exigüidade de tempo para o treinamento no manejo das armas que iríamos usar em combate. Os oficiais e sargentos tiveram melhor oportunidade nesse manuseio, através de aulas específicas, passando sua experiência aos comandados que estavam posicionados na linha de frente. Dessa forma, fomos nos familiarizando com as armas, dia após dia, em plena campanha.

Com a minha entrada na linha de frente, livre-me dessas duas incertezas, principalmente pelo meu comportamento correspondendo às expectativas. Fiquei bastante aliviado quando me ocorreu a aceitação do que pudesse me acontecer, inclusive a morte como o fato de maior gravidade, pois, dessa forma, teria cumprido o juramento que um dia fiz ao meu País: “Morrer, se necessário, em sua defesa.” Naturalmente, com todo o meu esforço, voltado não só para minha defesa pessoal, mas, sobretudo, para a segurança do grupo de combate que eu comandava. Com essa aceitação, senti-me capaz de realizar com eficiência a minha missão.

O início da Campanha da FEB, no Vale do Rio Serchio, ficou sob a responsabilidade do 6º RI, o que ocorreu a partir de setembro de 1944. As dificuldades encontradas eram de uma certa maneira esperadas, em virtude de se tratar do início de campanha. No entanto, tudo foi superado com vitórias sucessivas, fruto do correto desempenho da tropa do 6º RI em sua ação sobre o inimigo que, surpreso, não teve condições de suportar o ímpeto da tropa brasileira que foi conquistando, sucessivamente, as posições que os nazistas não conseguiam manter. A euforia pelas frequentes vitórias foram tão contagiantes que despertou na tropa um sentimento de exagerada confiança.

A minha Unidade, como todas as demais, sofreu igualmente as maiores dificuldades na execução de suas missões. O rigoroso inverno coincidiu com o início da campanha para o meu Regimento, para a 1ª Companhia do I Batalhão do 11º RI. Outro detalhe é que tínhamos pela frente um terreno minado e o inimigo fortemente abrigado nas montanhas, com total visão de nossas posições, que conheciam muito bem.

A 1ª Companhia, a qual eu pertencia, participou do ataque a Monte Castelo, na madrugada de 12 de dezembro de 1944. Na manhã desse dia, partimos decididos para atacar e tomar Monte Castelo. Essa era a missão do meu Regimento, da minha Companhia, do meu Pelotão e do meu Grupo de Combate. Fizemos um esforço enorme, porque o sulco das granadas dos canhões inimigos deixavam o terreno enlameado de tal forma que atolávamos até o joelho. Chovia e o córrego que por ali passava já estava petrificado. O terreno e o clima nos trouxeram muita dificuldade para continuar a nossa caminhada na baixada. Apesar de tudo, esse ataque trouxe um grande aprendizado, para todos, inclusive para mim, apesar de haver participado de uma patrulha na noite anterior naquela Região de Abetaia, de onde havia recolhido italianos que ainda se encontravam por ali. O inimigo, durante a madrugada, naturalmente havia-se apoderado daquelas casas que nós, na noite anterior, havíamos vasculhado na patrulha que fizemos.

Eu tive a oportunidade de ver passando uma pessoa, que estava descoberta, de uma casa para outra, e imaginei que pudesse ser um italiano que tivesse ficado naquele lugar, e que nós não o tivéssemos recolhido. Entretanto, era realmente um soldado alemão que, de posse de uma metralhadora, a chamada “lurdinha”, em uma das janelas desse sobrado, nos fustigou com essa arma de uma maneira impressionante, não permitindo qualquer movimento nosso.

Nessa altura dos acontecimentos, o meu grupo já se havia derivado e desviado para o córrego, onde nada mais existia, tudo era somente gelo. Nesse lugar, procuramos nos acomodar, abrigando-nos. Depois de trocarmos muitos tiros, do nosso morteiro 60mm e das nossas metralhadoras, que também cercavam essas casas, realizei um movimento no sentido de me aproximar de uma posição onde pudesse chegar até

a casa e, nesse momento, quando sinalizava para o meu grupo que se posicionasse ao meu lado, para que pudéssemos atacar aquela casa, recebi uma rajada de metralhadora, que me deixou ferido.

Meu Grupo de Combate sofreu um abalo, sem dúvida, com aquela situação, todavia nós não desanimamos e tentamos continuar a nossa progressão, mas sem sucesso. Permaneci, por mais de duas horas, com o meu GC antes de ser removido. Um dos soldados de meu Grupo ajudou-me, fazendo um curativo individual que cada um de nós carregava na cintura. De certa maneira, paralisou a hemorragia, porém, não foi feito o curativo em um tiro de raspão que recebi no pescoço, o que provocou a perda de muito sangue. Apesar disso, permaneci dando moral ao Pelotão e ao Grupo.

O comandante do Pelotão, ao aproximar-se de mim, verificou que eu não poderia mais continuar em combate e deu ordens para que eu fosse retirado, mas a situação estava tão difícil que os padioleiros não conseguiam chegar para atender aos feridos ou para recolher aqueles em estado mais grave ou que já haviam morrido. Então, eu lhe disse que iria retraindo aos poucos, dentro da minha capacidade, dispensando qualquer ajuda em face da dificuldade que atingia a todos. E fui. Algumas vezes caía, em seguida erguia-me, usando todas as forças para conseguir aproximar-me do lugar onde estavam médicos e enfermeiros. No posto de saúde, ao ver os médicos, cheguei a recomendar-lhes a necessidade de que fossem mais à frente porque havia gente ferida nas pernas, que não podia se movimentar.

Depois disso, perdi os sentidos. Quando os recobrei, percebi que estava dentro de uma ambulância, viajando para Livorno. Nesse lugar, tive um tratamento muito bom, um atendimento excelente e imediato, leitos confortáveis, serviço de enfermagem completo, médicos muito atenciosos e competentes.

Meu retraimento foi uma epopéia, pois estava praticamente sozinho; abri mão do auxílio de um sargento do Pelotão de Petrechos, porque entendi que a permanência dele em combate era necessária. Ele precisava manter o fogo do seu Morteiro 60mm. Dessa forma, continuei desacompanhado, nessa luta de continuar recuando em atenção a ordem do Tenente Aloísio, Comandante do Pelotão, que me impediu de prosseguir à frente do meu GC, mandando-me retrair de imediato.

Tive a preocupação de permanecer em meu posto o tempo que foi possível, a fim de encorajar o Grupo, para não deixar que perdessem o entusiasmo de prosseguir na missão, porque a situação era muito difícil. O Tenente Aloísio, ao determinar o meu retraimento, talvez, tenha, com essa decisão, salvado minha vida.

Não fui o primeiro a ser ferido, havia muitos companheiros feridos e mortos, inclusive o sargento Lourenço, que estava ao meu lado, atingido por um tiro mortal no peito. Esse companheiro não possuía família no Brasil, nem pai, nem mãe e nem

esposa. Recordo-me que, ao datilografar a declaração de herdeiros desse companheiro, verifiquei que ele não tinha para quem deixar qualquer importância que, por ventura, viesse a ganhar na guerra.

Com a finalidade de ser submetido a tratamento no Hospital Central do Exército, fui evacuado para o Brasil, em uma situação muito melhor. O tratamento no HCE foi muito bom, dando-se uma atenção especial àquelas pessoas que haviam sido feridas em combate. Entretanto, no hospital, o atendimento estava, ainda assim, aquém daquele que nós havíamos recebido na Itália, onde o pessoal era muito qualificado e dispunha de todos os meios para assistir os pacientes.

Quanto ao apoio à saúde da tropa brasileira, foram altamente positivos o carinho, o trato, o conforto, somados à competência dos médicos e enfermeiras, tanto brasileiros quanto americanos, tudo muito importante no processo de recuperação dos combatentes. Comentava-se que aquele que fosse evacuado de imediato do *front*, chegando ao hospital, certamente estaria salvo. O socorro aos feridos e acidentados era realizado com dedicação e desvelo. O serviço de emergência, com baracas próximas ao *front*, onde eram prestados os primeiros atendimentos, proporcionava aos combatentes muita tranquilidade.

Em minha permanência como paciente do Hospital Central do Exército até setembro, tive a oportunidade de assistir à chegada do 1º escalão na Avenida Rio Branco, quando estava em plena recuperação, ainda sem todas as condições. Apesar disso, tive o prazer de ver o retorno, uma festa apoteótica. Por minha solicitação, o próprio hospital conduziu-me à Avenida, e também outros companheiros baixados que participaram da luta no Teatro de Operações da Itália.

A atuação do soldado brasileiro em combate esteve acima da expectativa. Possuía criatividade, iniciativa, poder de decisão no momento exato, tudo aliado à disciplina e à coragem. Possuía virtudes importantes para um bom desempenho em todas as missões que lhe eram confiadas, como a resistência à fadiga e a força de vontade, confirmadas diuturnamente.

Muito embora os nossos profissionais, oficiais e graduados, não tivessem participado de um longo período de treinamento, apresentaram um desempenho notável e não encontraram maiores dificuldades para a correta utilização do armamento e equipamento, passando aos seus comandados os conhecimentos necessários.

O soldado brasileiro, muito ao contrário do que se poderia esperar, adaptou-se bem ao inverno italiano, final do ano de 1944 e início de 1945, e através de sua criatividade, conseguiu superar a baixa temperatura e o congelamento de pernas e pés, com os recursos que estavam ao seu alcance. As consequências foram sentidas e reveladas com maior intensidade no período pós-guerra.

Os brasileiros foram recebidos pelos italianos como os seus libertadores. O povo italiano tinha carência de tudo, de alimentos, segurança e até mesmo de respeito e consideração. Os italianos sentiam confiança no soldado brasileiro, o mesmo não acontecendo com relação ao alemão pelo qual eram tratados com dureza e pouco caso. O fato dos nossos idiomas terem muito em comum pela origem na língua latina nos aproximava bastante, facilitando o nosso relacionamento.

Na medida do possível, os soldados brasileiros colaboravam com os italianos dando-lhes alimentação, roupas, cigarros e por que não dizer carinho. Por sua vez, os italianos nos recompensavam, fazendo referência a nós até em suas canções, atitude que nos enternecia. Tinham medo, plenamente justificado, do alemão, do “tedesco”.

A recordação que eu tenho dos soldados nazistas é de homens usurpadores, que carregavam tudo que representasse valor, destruíam tudo na retirada imposta pelos vitoriosos. Os “tedescos” tratavam os italianos de maneira bárbara.

Inicialmente, temos que reconhecer que o soldado alemão fora preparado por Adolfo Hitler, desde o início da década de 1930, para uma guerra de conquista. A mente dos soldados foi trabalhada para que se considerassem uma “raça superior”, idéia que eles, com grande orgulho, procuravam alimentar e divulgar. Nos seus campos de treinamento, os oficiais e praças nazistas desenvolveram e manusearam armamentos fabricados para o domínio do mundo. Possuíam uma tecnologia avançada, desenvolvida pela indústria bélica nazista, fato que contribuía para que os militares se sentissem engrandecidos e capazes de se impor pela força aos demais povos.

Debaixo dessa vivência incômoda e difícil, aprendemos a lidar com a astúcia e a audácia do nosso inimigo. Tantos foram os acontecimentos importantes que ocorreram na árdua campanha dos Apeninos, que a tropa da FEB se mostrou amadurecida e competente na realização dos seus objetivos. Os destaques a serem exaltados estão evidentes nas grandes conquistas de Monte Castelo, após três revezes, de Castelnuovo, de Montese e de Collecchio-Fornovo, que valorizaram, sobretudo, as Armas brasileiras. Da Itália, retornamos com resultados concretos, mensuráveis, que apontam a FEB como vitoriosa sob todos os aspectos.

A campanha dos Apeninos foi, sem dúvida, de grande importância para a FEB. Cercou-se de bastante dificuldade, em virtude do terreno muito difícil a ser palmilhado e da falta de experiência de combate da maioria das tropas da 1ª DIE, que aí foram receber o seu batismo de fogo, inclusive o meu Regimento. Para agravar as condições em que operamos, a campanha coincidiu, em boa parte, com o período de inverno cuja temperatura chegava a 20 graus negativos. O alemão, aferrado e bem instalado em suas casamatas, descortinava as nossas posições à sua frente com grande facili-

dade e a olhos nus. Na desocupação, minava todo o terreno e destruía tudo que pudesse servir de abrigo ou trazer conforto ao novo ocupante.

Diante desse quadro, e para combater o inimigo, precisávamos de um forte apoio logístico. Em 9 de março de 1943, o General João Baptista Mascarenhas de Moraes foi convidado a assumir o comando da 1ª Divisão Expedicionária. Ao aceitar prontamente a indicação, passou, de imediato, a dedicar-se ao apoio logístico que foi desenvolvido, montado e executado pelo seu Estado-Maior, contando, desde o início, com a participação dos Estados Unidos da América, a qual ganhou uma enorme dimensão a partir do transporte da FEB para Itália, realizado em grandes navios norte-americanos e, daí para frente, durante toda a campanha.

A minha subunidade, a 1ª Companhia do 11º RI, onde exerci, como disse, as funções de Comandante de um Grupo de Combate, recebeu missões bem difíceis. Como as demais tropas, passou por sérias dificuldades para se adaptar e mostrar um bom desempenho, superando inúmeras deficiências na medida em que surgiam. Muitas situações tiveram solução devido à coragem, à inteligência e ao brilho dos nossos combatentes. Cumprimos, sem falsa modéstia, com eficácia, as missões recebidas.

O apoio religioso foi de grande importância. Permanentemente, contamos com a assistência religiosa, desde a formação do Corpo Expedicionário, como durante a travessia oceânica, nos acampamentos, na linha de frente, nos hospitais. As visitas dos capelães eram constantes e benéficas, o que nos ajudava a enfrentar as dificuldades de diversas ordens e, sobretudo, o soldado alemão.

A campanha da FEB foi constituída de fatos e emoções inesquecíveis. Reporto-me ao nosso sucesso nos primeiros combates no Vale do Serchio; à grande capacidade de adaptação da nossa tropa; às adversidades e reveses enfrentados; à inexperiência, à realidade da guerra, à aclimação, às ações e reações de um inimigo com larga experiência de campanha, à luta para impor-lhe a nossa vontade, às grandes vitórias que vieram após a escola das patrulhas no inverno e a outros momentos difíceis e felizes que marcaram a trajetória da FEB. Reporto-me, ainda, à conquista da população local, pois a maioria dos integrantes da FEB manteve forte relacionamento com a família italiana.

Em sua fulgente trajetória, o pracinha brasileiro, humilde e despretensioso, aniquilou a arrogância e a propalada superioridade “tedesca”.

As recordações dos chefes e colegas que pertenceram à minha Subunidade são muitas. Uma referência especial devo ao Comandante da 1ª Companhia do 11º RI, o Capitão João Garcia Bueno. Ele havia assumido o comando uma semana antes do ataque de 12 de dezembro de 1944 a Monte Castelo. O bravo e destemido Capitão Bueno colocou-se à frente da Companhia e iniciou o ataque às posições inimigas. Por

algumas vezes, o adverti do risco ao qual estava-se expondo, até que tomou como seu objetivo uma das casas existentes na Região de Abetaia, o chamado “corredor da morte”. Como o meu objetivo era uma outra casa, à sua esquerda, perdi-o de vista. Tomei conhecimento, posteriormente, que o nosso valoroso Capitão havia sido gravemente ferido por rajadas de metralhadoras que lhe perfuraram os pulmões.

Na madrugada do dia 13 de dezembro, meu valente Capitão foi recolhido pelo seu leal e incansável ordenança, que passou a noite toda procurando o seu Capitão. Eu ignorava as razões pelas quais o Capitão Bueno havia sido destacado para o comando da 1ª Companhia. Só muito tempo depois, entendi que ele, Capitão Bueno, Ajudante-de-Ordens do General Zenóbio da Costa, viera para levantar o moral da Subunidade, cujo desempenho deixou a desejar durante o seu batismo de fogo em Casa Guanella, pela falta de controle emocional do seu primeiro Comandante, o Capitão Cotrim, que, por esse motivo, foi substituído. Esse fato por si só, justifica a imensa responsabilidade que repousava sobre os ombros do nosso Capitão Bueno.

Anos depois, em Belo Horizonte, tomei conhecimento que o Capitão Bueno se encontrava hospitalizado em um sanatório em Belo Horizonte, onde fui visitá-lo. O seu estado de saúde era grave, mas o seu moral e humor estavam sadios. Indaguei ao próprio Capitão as razões de seu impressionante avanço à frente de nossa Companhia, naquele fatídico 12 de dezembro. Prontamente, o Capitão me respondeu que tinha como missão elevar o moral da Companhia e que havia sido vítima da péssima atuação do Comandante a quem substituíra.

A nossa conversa foi longa e abordamos diferentes assuntos. Acabei entendendo exatamente os intentos do bravo e saudoso Capitão Bueno, relacionados àquela atitude a que eu havia assistido estupefato. Ele tentou resgatar a imagem negativa deixada pelo seu antecessor na retirada de Guanella em 2 de dezembro de 1944.

Capitão Bueno foi uma figura exponencial da FEB! Um homem que teve uma missão difícil: resgatar o moral da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 11º RI. Com a ajuda de Deus, que é brasileiro, foi retirado da “terra de ninguém” pelo seu ordenança, praticamente morto, depois de uma noite inteira caído, na frente de combate, moribundo.

Devo, agora, referir-me a um aspecto importante: a necessidade de assistir e confortar meus subordinados em horas difíceis, o que era constante e recíproco. Algumas vezes, com um simples gesto, ação ou olhar entendíamos que podíamos contar com alguém ao nosso lado sempre, que nos daria amparo ou estímulo. Percebíamos com toda a certeza que não estávamos sozinhos. Formamos um ambiente de enorme confiança, porque sabíamos da existência entre nós de uma interdependência muito forte e bastante positiva durante todo o tempo.

Houve muito trabalho com relação à utilização da propaganda durante a Segunda Guerra Mundial na Itália, creio que visando a reduzir o moral dos combatentes. Porém, o que foi feito, na realidade, desconheço, pois estava acima das minhas observações. Percebia que éramos incentivados, psicologicamente, à proporção que os êxitos eram alcançados.

Eu não tive um contato com as outras unidades, pois a minha atuação se dava apenas no âmbito de meu Regimento. Os comentários de comemorações eram efetuados no âmbito da Companhia. Não tive ligação com o 1º Grupo de Caça, o *Senta a Pua*, comandado pelo Coronel Aviador Nero Moura. Tomei conhecimento que esse Grupo realizou um trabalho extraordinário. Tendo sido muito bem treinado no canal do Panamá e nos Estados Unidos da América. Esse Grupo recebeu pelo seu excepcional desempenho na guerra uma honrosa Citação do Congresso norte-americano.

No momento em que soubemos da notícia do término da guerra, apesar de estar no HCE, no Rio de Janeiro, eu e, com certeza, toda a Força Expedicionária Brasileira explodimos de alegria e contentamento, sentindo que, com sacrifício, havíamos colaborado para a conquista da paz. O contentamento pela conquista da vitória final, era muito grande, assim como a saudade de todos os companheiros mortos que jaziam no cemitério de Pistóia.

A tropa queria, sem dúvida, o retorno imediato ao Brasil, como também ao seio da família. Rever os amigos e, através deles, voltar as suas origens, ou seja, relembrar de onde havia saído para atender ao chamamento da Pátria.

O regresso da FEB ao Brasil constou de vários contingentes, de julho até setembro de 1945, com o desembarque no Rio de Janeiro. Fiquei em terras italianas até março daquele ano, um mês antes da campanha realmente terminar. Os últimos combates foram de 26 a 30 de abril, nas localidades de Collecchio – Fornovo.

Na chegada da FEB, aconteceu uma recepção apoteótica. O povo compareceu à Avenida Rio Branco, onde ocorreram vários desfiles, em que os ex-combatentes foram aplaudidos freneticamente. Muitos pais, esposas e demais parentes estavam desejosos de abraçar os filhos e interrompiam, por várias vezes, o desfile dos pracinhas. Esta emoção atingia a todos que se encontravam em volta.

Os feitos da FEB na Segunda Guerra Mundial foram admiráveis e posso dizer que o Exército Brasileiro tinha um comportamento antes da guerra e adotou outro, após o regresso da FEB, em virtude da humanização dos chefes em todos os níveis, consequência natural e benéfica da campanha.

Não apenas no Exército, como também nas Forças Armadas em geral, processou-se uma enorme transformação, um gigantesco passo no sentido da evolução da

doutrina, do material que passamos a dispor, dos conhecimentos adquiridos em todos os níveis. A projeção dos febianos que permaneceram na ativa provocou muitas vezes mal-estar naqueles que não participaram do conflito por várias razões, inclusive por injustificado ciúme. O tempo fez com que essa diferença fosse se apagando, só desaparecendo por completo, a partir dos anos 1980, com a maioria dos participantes da FEB já fora do serviço ativo do Exército. Nas duas últimas décadas, a comunhão existente entre os febianos e os demais integrantes das Forças Armadas tem sido a mais completa possível.

Minha participação na Segunda Guerra Mundial não pode ser avaliada de maneira individualizada. Primeiro, pelo fato de ter sido ferido, o que me deu a oportunidade de receber o amparo da Força, apesar de algumas incompreensões.

Atrevo-me, dessa maneira, a fazer referência aos febianos que, desconvocados, retornaram à vida civil. Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, a desmobilização dos combatentes ocorreu sem a devida cautela, provocando uma verdadeira catástrofe. Hoje, sei que a principal razão pela qual a FEB foi apressadamente desmobilizada deve-se ao fato de que representava, mobilizada, uma força política autêntica, podendo influir na queda do governo de então e na formação do novo governo democrático, o que, obviamente, afetaria a outros grupos políticos detentores do poder no País. Esse foi o motivo maior do descaso para com a FEB.

Não resta dúvida de que todos estávamos interessados em regressar o quanto antes ao seio de nossas famílias. Todavia, se os convocados, para participar do contingente expedicionário, foram submetidos a rigorosos exames de saúde, físico e psíquico, igual procedimento deveria ter sido adotado na dispensa, com o mesmo rigor. Infelizmente, isso não aconteceu. Os febianos que retornaram a vida civil foram largados a sua própria sorte. Uma ingratidão imperdoável!

O Presidente Getúlio Vargas, por ocasião do nosso embarque para o *front*, garantiu categoricamente que todas as providências haviam sido tomadas para que nada faltasse à tropa durante a campanha, como também à nossa família, até o retorno vitorioso. A pressa em fazer com que os febianos regressassem a seus lares não deveria constituir motivo para o descumprimento das cautelas prometidas. O febiano após 30 dias ou mais, voltou com sua família às capitais, aos comandos militares em busca de solução para os seus problemas de saúde e de amparo que o governo lhe havia prometido.

O febiano, para tratamento de saúde, foi obrigado a idas e vindas ao HCE e a outros hospitais militares, sofrendo muitas vezes por falta de recursos, descaso de médicos e enfermeiras ou mesmo de funcionários. Tudo isso acontecendo devido à desvalorização e à improvisação de algo que deveria estar esquematizado.

A legislação criada em benefício do febiano: dezenas de decretos-leis, leis e portarias tiveram objetivos corretos, porém foram inócuos por não atenderem aos interesses dos pracinhas. O sargento febiano que, por necessidade de serviço, fosse desligado do Exército, ao retornar, encontrava os seus subordinados já promovidos com graduação superior a dele, o que provocava um grande descontentamento.

Somente com a Constituição de 1988, o Congresso Nacional concedeu a pensão especial, nos termos do ato das disposições constitucionais transitórias, Artigo 53, inciso 2, sem, contudo, atender a milhares de companheiros que pereceram no decorrer desses 43 anos após o término da guerra. Fui testemunha ocular do sofrimento daqueles com os quais convivia. Hoje, mais tranqüilo, lembro bem dos meus amigos vítimas daquele abandono.

Minha mensagem final é dirigida a três figuras que me vêm sempre à mente com ternura e gratidão. A primeira é àquela criatura simpática, acolhedora, sincera e desprendida, que foi amiga do pracinha. Refiro-me a então primeira-dama do País, a digníssima senhora Darci Vargas, criadora e presidente da Legião Brasileira de Assistência, que tinha como finalidade atender aos expedicionários e suas famílias. Lastimo por ela não ter tido a oportunidade de continuar prestando aos febianos a sua bondosa, carinhosa e necessária colaboração por razões que ninguém desconhece. A ela dedico o agradecimento do pracinha da FEB.

A segunda figura é a do pracinha de hoje, em sua maioria octogenário, que, apesar das tristes ocorrências do passado, mantém-se firme no seu amor à Pátria, desfilando com todo o garbo, a despeito da idade, nas comemorações de 7 de Setembro e, com humildade e alegria, recebendo os aplausos do povo. O febiano, hoje chamado Veterano da FEB, encontra-se diariamente na sede de suas entidades, promove o encontro entre eles e a sociedade, mantendo o mesmo relacionamento fraterno e solidário do *front*. Por solicitação de estabelecimentos colegiais e até universidades, fazem palestras sobre a participação do Exército na Segunda Guerra transmitindo à juventude brasileira um pouco da extraordinária atuação da FEB, do seu respeito e amor à Pátria. Parabéns, pracinhas!

Para finalizar o meu depoimento, destaco o cidadão que se constituiu na maior e mais importante figura da Força Expedicionária Brasileira, o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes. Comandou a FEB com muita simplicidade, inteligência, equidade, senso de justiça, segurança e determinação. Foi com equilíbrio e energia, prudência e destemor que honrou o Brasil na luta e poupou o quanto pôde a vida e sangue dos seus comandados.

O Marechal Mascarenhas de Moraes foi grande General na guerra e maior ainda na paz, tinha direito de possuir ambições políticas, mas preferiu manter-se fiel

servidor do seu País. Escreveu a história da FEB e cuidou de seus subordinados. Lutou bravamente para a construção do monumento que foi erguido no Aterro da Glória, no Rio de Janeiro, transportando para o Brasil os restos mortais daqueles que não puderam voltar à sua pátria vivos. O Congresso Nacional o homenageou, dando-lhe o posto de Marechal, permanecendo no serviço ativo enquanto viveu. Colocou-o, com muita justiça, em um pedestal pelo que havia conquistado ao longo de sua brilhante carreira militar.

Lastimo que não lhe foram oferecidos os meios necessários para que pudesse lutar, em melhores condições, pelo bem-estar de seus comandados da Força Expedicionária Brasileira. A imagem do Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes continua para cada um de nós da FEB sempre presente, imagem de chefe respeitado e, como cidadão e militar, será sempre reverenciado. Figura ímpar, simples, atuante, o amigo de seus subordinados, não só na guerra como Comandante, mas também na paz. Não descansava, preocupado conosco. Essa foi uma missão que ele tomou para si e a cumpriu com perseverança, empenho e de forma marcante, possibilitando que nossos febianos mortos no Teatro de Operações da Itália viessem para o Brasil e tivessem um repouso digno, em sua pátria. Foi uma luta difícil, mal entendida por muitos, mas que ele deu prosseguimento e a cumpriu com todo denodo e dedicação.

Profundamente emocionado, dou meu depoimento ao Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, declarando que todos os nossos insucessos se apagaram quando examinamos o resultado positivo da campanha. O ótimo desempenho da Divisão brasileira, a capitulação final do inimigo, assim como o somatório de esforços das forças aliadas, trouxeram ao mundo a paz desejada. Aprendi muito no nosso tradicional 11º RI, e, em particular, na 1ª Companhia do I Batalhão, onde vi homens abnegados e conscientes, inteiramente voltados para o cumprimento da importante e patriótica missão reservada ao Exército.

Primeiro-Tenente Dalvaro José de Oliveira*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro. Praça de Janeiro de 1937, oriundo do 1º Grupo de Artilharia de Dorso (1º GADO), quartel em Campinho – RJ. Ao ser licenciado, tornou-se reservista de 1ª categoria em dezembro de 1937. Em junho de 1942, veio a ser convocado, como soldado, tendo sido promovido a cabo em dezembro de 1943, no 8º Grupo Móvel de Artilharia de Costa (8º GMAC). Em 17 de agosto de 1942, quando viajava com destino a Pernambuco, para formar o 7º Grupo de Artilharia de Dorso (7º GADO) em Olinda, o navio mercante Itagiba, que o transportava, foi torpedeado, levando-o a passar pela difícil situação de naufrago. Foi promovido a 3º sargento em maio de 1945, na Bateria Comando da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária na Itália. Promovido a 2º sargento em abril de 1948, na Bateria Comando do Regimento Floriano, como Chefe de Transmissões. Promovido a 2º Tenente em junho de 1950, conforme carta patente assinada pelo Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra. Possui os cursos de Cabo de Comunicações, realizado no 8º GMAC; Sargento de Comunicações, na Escola de Comunicações e Aperfeiçoamento de Sargentos, no Regimento Floriano. Fez o Curso Secundário e o Curso de Telefonia, este na Companhia Telefônica Brasileira. Soldado artilheiro nos 1º e 7º GADO; cabo da Central de Tiro no 8º GMAC; cabo Chefe do Centro Telefônico na Bateria Comando da AD 1; 3º sargento da Bateria Comando da AD/Expedicionária e, finalmente, 2º sargento Chefe de Transmissões do Regimento Floriano. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, destacam-se as seguintes pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra e Medalha do V Exército americano.

* Cabo e 3º Sargento de Comunicações da Bateria de Comando da Artilharia Divisionária da 1ª DIE, entrevistado em 7 de dezembro de 2000.

Desde o dia primeiro de setembro de 1939, o ambiente no Brasil era de muita preocupação devido à invasão da Polônia pela Alemanha nazista. Mas foi no início da década de 1940 que se deu início à convocação dos reservistas de primeira e segunda categorias, a fim de completar os claros do efetivo do nosso Exército, e à formação de novas unidades. Neste momento, começou a nossa missão.

Uma sucessão de fatos, como a VIII Conferência Internacional de Lima, as I, II e III Reuniões de Ministros do Exterior das Repúblicas Americanas, ocorridas no Panamá, em 1939, em Havana, em 1940 e no Rio de Janeiro, em 1942. O ataque japonês aos americanos em Pearl Harbor e os torpedeamentos dos navios brasileiros *Baependi*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, no mês de agosto de 1942, em nosso litoral, na costa da Bahia, levou o Brasil a declarar estado de beligerância à Alemanha em 22 de agosto de 1942. É necessário dizer que esses torpedeamentos contra navios inocentes e desarmados foram verdadeiras agressões ao nosso País e à nossa gente. Mais de 600 brasileiros perderam a vida nesses cinco naufrágios devido à ação criminosa do Eixo que, no biênio 1942-1943, afundou 31 navios da nossa Marinha Mercante.

Logo a seguir, começou a preparação das unidades que vieram a integrar a Força Expedicionária Brasileira em diversos pontos do País, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco. Houve, então, vários deslocamentos de tropas, que se reuniram no Rio de Janeiro, ponto de partida para os seus destinos. Foi na Cidade do Rio de Janeiro, ou mais especificamente, no Campo de Gericinó, em Jacarepaguá, na Barra da Tijuca, que naquela época era quase deserta, no Recreio dos Bandeirantes e na Pedra de Guaratiba, que participei de muitos exercícios preparatórios para a campanha que se avizinhava. Nesses locais e em muitos outros, tentou-se criar uma simulação do Teatro de Operações no qual, posteriormente, deveríamos agir. Durante essa fase de treinamento, recebemos muitos ensinamentos. Várias missões americanas, vieram ao Brasil e, juntamente com os nossos comandos, acompanharam a nossa familiarização com as modernas técnicas empregadas nos Estados Unidos da América, concernentes à Infantaria, Artilharia, Engenharia etc, que estavam sendo introduzidas no Exército Brasileiro. Dessa forma, considero que fomos bem treinados.

Chegou o dia 22 de setembro de 1944, quando se iniciou a nossa viagem com destino ao real Teatro de Operações. Embarcamos no navio americano *General Mann*, que zarpou do Armazém 10 do Cais do Porto do Rio de Janeiro. No entanto, antes de irmos para o cais, estivemos na Vila Militar, no atual 1º Grupo de Artilharia Antiaérea. De lá, fomos de viatura para o quartel do II/1º Regimento de Artilharia Auto-Rebocado, em Campinho, onde só permanecemos por um dia. Saímos da Vila Militar no dia 17 e, já no dia 18, recebemos a ordem de embarque. A Bateria de Comando da

AD, que eu pertencia, fez o policiamento do navio sob a supervisão dos americanos até o dia 22 de setembro, data da nossa partida.

Durante a viagem, foram realizados muitos exercícios, com muita calma e ordem, pois o nosso militar havia se adaptado à disciplina americana e mantinha, com razão, um certo receio, principalmente por parte da Bateria Comando, integrada por 17 náufragos, vítimas de submarinos alemães com relação aos exercícios de abandono do navio, em caso de torpedeamento. Esses exercícios eram feitos diariamente, lembrando-nos o difícil episódio de nosso naufrágio, quando a bordo do *Itagiba*. Cada um dos cinco compartimentos saía na sua vez, a começar pelo primeiro, que era seguido pelo segundo, e assim sucessivamente até esvaziar o navio.

A nossa segurança até o Estreito de Gibraltar foi feita por navios brasileiros. A partir daí até Nápoles, ficaram encarregados, pela mesma, navios aliados, creio que ingleses. Quando lá desembarcamos, tivemos duas visões. A primeira foi a do Vesúvio com a fumaça que dele vinha; nós nunca havíamos visto um vulcão. A segunda, a da miséria. Ali mesmo no cais, já podíamos ver o que estava acontecendo com o povo italiano. Em Nápoles, pegamos as barcas LCI (lanchas de desembarque de Infantaria) para prosseguirmos até o Porto de Livorno.

Após desembarcarmos em nosso porto de destino na Itália, fomos para o acampamento de Tenuta Di San Rossore, campo de caça do Rei da Itália, onde foi dada continuidade à nossa preparação. Nós nos deslocávamos para exercício com o nosso Comandante, o então Capitão Francisco Saraiva Martins, a quem rendo a minha homenagem por ter sido um bravo Oficial, de idéias fantásticas, que permitia que nós o informássemos do que julgássemos necessário; enfim, a maior figura da nossa Bateria. Também nos acompanhava o Subcomandante da Bateria, o Tenente Luiz Gonzaga de Andrada Serpa, que faleceu como Coronel. Esse era um homem bem alto, muito atuante e sério. Havia, ainda, o Serpa “moreno”, que estava no II Grupo da FEB, e o Serpa “loiro”, que pertencia à Companhia de Artilharia do 1º Regimento, que integrava, portanto, o Sampaio. Eles eram muito amigos e eu me dava muito bem com todos. Relevo citar o fato de que Alípio Napoleão de Andrada Serpa, morto durante os torpedeamentos, deixou o seu nome num campo de futebol, no Grupo Monte Bastione, em São Cristóvão.

Curiosidades à parte, gostaria de falar sobre o meu batismo de fogo na Itália. Nós saímos de Tenuta Di San Rossore, passamos por Lucca, e começamos a subir a serra. Estávamos indo para Castel de Cássia, onde íamos montar o nosso QG da Artilharia. Nessa ida para Castel de Cássia, os alemães, talvez por terem pressentido que havia uma tropa nova se localizando naquelas cercanias, arremessaram contra nós cerca de cinco granadas de tempo, obrigando-nos, por ordem do Capitão Saraiva, a descer ime-

diatamente das viaturas, para buscar abrigo no terreno, ao mesmo tempo em que adotávamos a posição de combate, deitados no chão. Esse episódio ocorreu, se não me falha a memória, no dia 10 de novembro, ou seja, o inverno já se aproximava. Estava chovendo muito e ficamos completamente molhados e enlameados.

Apesar de ter integrado o 2º escalão e, conseqüentemente, não ter participado das lutas no Vale do Serchio, desejo ressaltar também uma ação do Grupo Monte Bastione, do 2º Grupo de Obuses. No dia 16 de setembro, esse grupo deu o primeiro tiro de artilharia da FEB em terra italiana e, embora o 2º escalão tenha chegado somente no dia 7 de outubro a Nápoles, esse dia ficou gravado nas nossas mentes. Todos os anos, é comemorado pelo nosso grupo em São Cristóvão.

Mais tarde, tivemos uma atuação intensa nos Apeninos. Cinco dias antes da tomada de Monte Castelo, a nossa Bateria foi chamada para fazer a preparação de observatórios. Era necessário ligar muitas linhas telefônicas aos regimentos de Infantaria, à Engenharia e à 10ª Divisão de Montanha. O nosso pessoal de comunicações realizou um trabalho, realmente, árduo. Nós entrávamos na neve e, por isso, enfrentávamos mais essa dificuldade, além de outras ligadas às características do terreno a vencer e às condições meteorológicas adversas, para lançar nossas linhas. Felizmente, vencemos todos esses obstáculos para podermos instalar, com segurança, os observatórios que necessitávamos.

No dia 21 de fevereiro de 1945, deu-se o ataque ao Castelo. Havia quase cinco dias que não dormíamos, mas às 5 horas da manhã desse dia 21, com todos já acordados, começou o movimento. Enquanto uns iam para o observatório, outros ficavam na retaguarda, no caso de precisarmos enviar algo para frente. Eu, particularmente, fiquei um pouco acima de Porreta Terme, porque o Capitão Francisco Saraiva Martins mandou que eu guarnecesse a Central Telefônica. A nossa Central era de 44 direções, mas eu recebi mais uma central e uni as duas, perfazendo, assim, 88 direções para ter ligação com a Infantaria, a Engenharia, com toda a Divisão e, principalmente, com o QG do nosso querido Marechal Mascarenhas de Moraes.

Para chegar ao Vale do Pó, enfrentamos outros desafios. Estávamos perto de Montese e todos os dias saíamos para, dentre outras coisas, observar as linhas e, entre os dias 14 e 19 de abril, o nosso 2º sargento Arno Schneider, que era chefe de equipes telefônicas, foi atingido por quarenta e poucos estilhaços de morteiro. Quando ele estava instalando as linhas, os alemães enquadraram a nossa turma. Eles começaram a atirar, acabando por atingir o sargento Schneider. Nesse momento, desapareceu um outro soldado nosso, Valdemiro, carinhosamente conhecido como “Português”. Passamos essa noite no escuro, pois não podíamos acender qualquer luz, em meio a uma grande agitação. Além dos tiros em nossa direção, tínhamos que verificar quem falta-

va. Enquanto uma turma ia por um lado para lançar as linhas, a outra recuava para levar o sargento ferido. No entanto, quando chegamos a Gaggio Montano, para a nossa felicidade, o soldado Valdemiro já estava lá. Nós pensávamos que tínhamos perdido mais um, mas Deus permitiu que o recuperássemos.

Após a difícil conquista de Montese e de outros objetivos, partimos para o Vale do Pó. Nessa fase, a nossa Bateria foi muito requisitada para as operações que levariam a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã. Nós retiramos tudo o que podíamos das viaturas, para conduzirmos a tropa de Infantaria para o cerco. Após a rendição, tivemos a primazia de trazer para a retaguarda os soldados alemães, que só queriam se entregar ao Comando brasileiro. Achei interessante que os alemães, mesmo vencidos, mantinham a sua empáfia.

É importante destacar que enfrentamos um outro inimigo: o inverno rigoroso, com o qual não estávamos acostumados. Deixamos o Brasil, em setembro, com uma temperatura de 22 ou 23 graus e, ao chegarmos à Itália, encontramos 2 graus abaixo de zero. Nós chegamos a pegar 18 graus abaixo de zero nos Apeninos. No entanto, o soldado brasileiro reagiu bem, graças à sua criatividade. Como as extremidades do corpo são mais sensíveis ao frio, colocávamos jornal dentro de nossas galochas para esquentar os pés, não usando os coturnos. Posteriormente, os próprios americanos acharam a nossa idéia interessante e passaram a fazer o mesmo. Recebemos informações seguras de que o Brasil teve um número bem menor de casos de pé-de-trincheira do que os Estados Unidos.

Nossos oficiais, desde o Comandante, tiveram uma participação brilhante. Eles se adaptaram ao clima e à parte bélica. Da mesma forma, os nossos sargentos, onde me incluo. Os nossos “pracinhas”, denominação carinhosa dada pelo povo brasileiro, foram muito bravos. Faziam o máximo que podiam e, muitas vezes, suas idéias os levavam a realizar mais do que o exigido.

Há que levar em conta que não recebemos instruções, por exemplo, sobre como enfrentar a difícil topografia dos locais onde estivemos; já, a 10ª Divisão de Montanha foi preparada para isso. Antes de muitos combates, íamos à frente para instalar linhas telefônicas e, com nossas viaturas e o rádio, ocupávamos pontos estratégicos para mandar mensagens à retaguarda sobre a situação do terreno e como estava o inimigo. Em outras palavras, muitas de nossas ações foram guiadas por nossa intuição e boa vontade. Cumprimos a nossa missão com galhardia e todos os brasileiros sabem que não ficamos devendo nada a combatente de qualquer outro país.

Os soldados brasileiros foram também reconhecidos pelo povo italiano. Procurávamos deixar claro que estávamos ali como seus libertadores e amigos. A maior prova de que os italianos entenderam a nossa missão é a forma como nos recebem,

até a data de hoje, quando lá vamos. Para ser sincero, eles nos recebem melhor do que o nosso povo e dizem que somos “os libertadores da Itália”.

No tocante à saúde, os nossos soldados foram muito bem assistidos pela nossa equipe de médicos, enfermeiros e padioleiros, que estavam sempre presentes e ajudavam, com carinho, aqueles que necessitavam de seus serviços. Eu mesmo estive no hospital de Livorno, devido a um problema na garganta, e fui muito bem tratado. Não nos faltou nada. O apoio logístico foi perfeito; tanto na parte médica como na de manutenção, alimentação, material e evacuação, tínhamos o que precisássemos a tempo e a hora. Sendo que a ajuda vinda dos americanos, era mais rápida. Quando precisávamos de algo, bastava falar com o cabo responsável por aquele lugar. Entre os brasileiros, havia mais burocracia.

Também tivemos apoio religioso. Na nossa Bateria, havia um capelão, o Primeiro-Tenente Amarílio Leite, que chamávamos de Dom Francisco. Ele rezou missa na nossa ida para a Itália. Era um capelão brincalhão, que levantava o nosso moral nos momentos difíceis. O nosso capelão voltou, mas infelizmente já faleceu.

Por outro lado, o soldado inimigo revelava uma grande imponência. Com certeza, os soldados alemães foram muito bem adestrados para aquela campanha, mas esse adestramento já vinha de muitos anos. Os alemães, assim como os italianos, conheciam o terreno a palmo. Sobre tudo, o soldado alemão que era obediente e, muitas vezes, parecia que não era humano mas, sim, uma espécie de robô. Mesmo assim, os alemães não nos intimidaram. Quando chegamos a Vignola, por exemplo, perguntamos por eles, pelo “*tedesco*”, ao que o italiano respondeu: “*Tedesco andare via mezza ora*”. Ainda seria possível pegá-los, mas eles estavam correndo porque sabiam que, de uma hora para outra, cercá-los-íamos conforme cercamos as três divisões, duas alemãs e uma italiana. Um fim de Campanha eletrizante!

As tropas aliadas também estavam muito bem treinadas. Seu uniforme e o material que usavam era de primeira, para que eles tivessem condições de galgar morros, inclinações e, até mesmo, fazer “arapucas”, como diziam lá. Tive muito contato, principalmente, com a 10ª de Montanha porque enquanto atacavam Belvedere, nós atacávamos o Castelo. Por sinal, devido ao nosso fardamento, em um determinado momento, eles confundiram o nosso soldado com o alemão, mas através de contatos rádio e telefônico, tiramos essa dúvida.

De forma geral, o que mais me impressionou na campanha da FEB foi, juntamente com o ferimento do sargento Schneider, a morte do nosso segundo-sargento Fábio Pavani no dia 8 de maio, o último dia da guerra, quando foi assinada a rendição incondicional dos alemães. Ele voltava de uma missão, descuidou-se e caiu da viatura, sofrendo esmagamento da cabeça.

Foram muitos os momentos difíceis. Era necessário ajudarmos uns aos outros. Quando algum soldado ficava meio desesperado, nós o chamávamos para encorajá-lo: “Se não podemos passar por ali, passamos por aqui. Os tiros que batem lá, às vezes, não batem cá. Vamos, precisamos instalar um observatório em cada morro. Temos que ir!” E eles iam com bravura.

Com essa mesma coragem, enfrentamos o problema da propaganda, da Quinta-Coluna, principalmente a veiculada pela rádio que se chamava Auriverde, cuja locutora de nome Margarida insistia em cooptar a nossa gente. Dizia aos nossos soldados: “Vocês estão lutando num país que não lhes pertence e enfrentando problemas que não são seus. Entreguem-se, venham para o nosso lado. Nós mandaremos vocês para o Brasil.” Contudo, a nossa resposta era tiro de Artilharia.

Mas também temos histórias de cooperação. A ELO fazia observação no ar e nós, em terra. Alguns de seus oficiais, sargentos e soldados serviram junto à nossa Bateria. Trabalhamos muito com eles.

Por falar em ar, o nosso 1º Grupo de Caça, o “Senta a Pua”, escreveu no céu da Itália uma página bonita para a Força Aérea Brasileira. Os nossos aviadores mostraram impressionante coragem, fazendo inacreditáveis vôos rasantes.

Quanto à comemoração da nossa vitória na Itália, posso compará-la ao entusiasmo gerado por um gol decisivo em um grande jogo de futebol. Foi algo que sentimos no peito e na alma. Pensávamos: “Viemos, vencemos e estamos agora preparados para voltar para o Brasil”.

A fase de preparativos para a volta foi bastante intensa. Na minha Bateria, tivemos que encaixotar o material: bobinas, rádios, telefones, armamento etc, com exceção das fiações, pois os americanos não queriam que as recolhêssemos.

Estávamos em Campus Spinozo Albaredo, onde iniciamos a nossa viagem de regresso ao Brasil. De lá, fomos para um subúrbio de Roma e, depois, até perto de Nápoles. De Nápoles, voltamos para Francolise, onde ficamos até chegar a ordem de retornarmos a Nápoles e embarcarmos.

No dia 22 de agosto, chegamos ao Brasil. Depois de atracarmos no Armazém 10, esperamos quase duas horas. Quando finalmente desembarcamos, fomos acolhidos pelo povo carioca com um entusiasmo inacreditável. Essa vibração nos encheu de orgulho por termos ido à Itália para lutar e mostrar o valor do soldado brasileiro.

Para o Exército, as conseqüências de ter participado da guerra foram muito boas. A evolução foi muito grande. A mentalidade mudou totalmente. Até o entrosamento entre os próprios oficiais melhorou. E o Exército, assim como o povo, recebeu-nos muito bem.

Muitas condecorações me foram outorgadas: a do V Exército americano foi concedida à Bateria Comando e eu a recebi em 1945, ainda na Itália. A Medalha da Vitória também ganhei, ainda na Itália, do Governo italiano. Dentre as medalhas brasileiras, cito a Cruz de Combate de Segunda Classe, bravura em ação coletiva; a Medalha de Campanha, que foi entregue a todos aqueles que combateram nos campos da Itália; a Medalha de Guerra, pelo esforço de guerra no exterior; a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, da Associação dos Veteranos da FEB; a Medalha do Regimento Sampaio, que recebi pelo que fiz por esse Regimento durante a guerra; a Medalha da Vitória, da Associação dos Ex-combatentes do Brasil e, finalmente, a Medalha Sangue de Herói, da Associação dos Ex-combatentes de Nova Iguaçu.

Com toda essa experiência, após a minha volta, eu queria ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras. Devido à minha idade, não pude concretizar esse meu desejo. Apesar de magoado, senti que precisava seguir em frente e fiz o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos. Na ocasião, uma lei concedia a todos que tivessem sido sargentos na Itália o direito de serem promovidos a Segundo-Tenente, mas sofri um acidente de carro no Rio de Janeiro, que me deixou incapacitado por dois anos e fui para a reserva.

Não podemos encerrar essa entrevista sem falarmos sobre os torpedeamentos de navios brasileiros, no nosso litoral, dos quais fui vítima. Nós não estávamos em guerra. Vivíamos em paz, mantínhamos uma posição de neutralidade com relação ao conflito mundial que começara. Com o início da guerra, fomos obrigados a deslocar tropas dentro do Brasil, porque o nosso território estava desprovido de defesas, especialmente no Norte e no Nordeste. O litoral nordestino, principalmente, estava muito abandonado e possuía grande importância estratégica, porque servia como um trampolim entre a América e a África.

Esses deslocamentos em nosso litoral, inclusive para transportar tropas, tornaram-se, extremamente, perigosos pela ação dos submarinos, iniciada em fevereiro de 1942, por alemães e italianos, contra navios mercantes brasileiros, após o Brasil ter se posicionado ao lado dos EUA, após o ataque japonês aos americanos em Pearl Harbor. Por essa decisão, o Eixo resolveu vingar-se dos brasileiros, civis e militares, atacando nossos navios mercantes indefesos.

Eu me encontrava no Grupo de Artilharia que hoje é o Monte Bastione, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Com duas baterias, partimos, alegres, com destino a Olinda, Pernambuco, para formar o 7º Grupo de Artilharia de Dorso, o atual 7º Grupo de Artilharia de Campanha. O navio *Itagiba*, onde eu viajava, transportava uma bateria e o *Baependi*, a outra. Quando o *Itagiba* chegou à altura da Ilha de Tinharé, onde se encontra o Farol de São Pedro-São Paulo, na costa da Bahia, perto

da Cidade de Valença, foi torpedeado por um submarino, no dia 17 de agosto, dois dias após o naufrágio do *Baependi* que, ao ser atingido, levou apenas um minuto para afundar. Além desses dois navios, no intervalo entre 15 e 17 de agosto, foram torpedeados, também, os navios *Araraquara*, *Aníbal Benévolo* e *Arará*.

O *Itagiba* havia saído do Rio de Janeiro no dia 13 de agosto. Às 10h45min da manhã do dia 17, em pleno mar, quando nós nos preparávamos para almoçar, vi, por acaso, um submarino emergindo, mas este sumiu logo. Devido a seu telescópio, parecia um coqueiro de cabeça para baixo. Em seguida, foi disparado o torpedo. Houve gritos – “Olha, uma baleia! Um tubarão!” Era, porém, o ataque. O navio levou apenas treze minutos para afundar.

Foi uma catástrofe. Mais de 180 pessoas estavam a bordo do *Itagiba*. Muitas mulheres, crianças e civis morreram. No *Baependi*, todo o nosso comando desapareceu no naufrágio. O Major Landerico de Albuquerque Lima foi uma dessas vítimas. Nesse navio, torpedeado no dia 15, por volta das 19 horas, salvaram-se apenas 36 pessoas, sendo 12 militares do Exército Brasileiro, enquanto no *Itagiba* mais de 100 conseguiram sobreviver.

Felizmente, eu me salvei. Estava no tombadilho do *Itagiba* naquele momento. Fui para dentro e saltei para a baleeira, mas o mastro caiu e quebrou-a. Eu e um colega, Carlos José Salomão Bacarat, nadamos em direção ao *Arará*, que se aproximava. No entanto, quando eu estava a uma distância de cem a duzentos metros do navio, este afundou, rapidamente, após ter sido atingido por um torpedo. Levou aproximadamente um minuto. Lamentavelmente, a área do Farol de São Pedro-São Paulo, na ilha de Tinharé, além de ter sido o ninho da Quinta-Coluna alemã, era infestada por tubarões e o meu colega foi devorado por um. Esta constatação me foi possível porque ele berrou devido a dor e desapareceu no mesmo instante.

Algumas pessoas chegaram a entrar no *Arará* antes do torpedeamento, como o Tenente Alípio Napoleão de Andrada Serpa. Por sinal, há uma passagem em que ele demonstrou grande heroísmo. Ele tinha se cortado durante a explosão e estava sangrando quando viu o soldado Pedro Paulo de Figueiredo Moreira, a seu lado, bastante aflito. Imediatamente, o Ten Serpa entregou o seu salva-vidas a esse soldado e o encorajou a prosseguir. Pedro Paulo, que continua entre nós, deve a sua vida ao Tenente, que infelizmente morreu.

Nós demos sorte porque apareceu um iate pequeno, de madeira, o *Aragipe*, que nos levou para Valença; era um iate de transporte de cacau que ia de Ilhéus para Salvador. Esse iate salvou aproximadamente 50 pessoas. Como um torpedo custa caro, não fazia sentido atacá-lo. Assim mesmo, procuraram metralhar-nos, mas houve uma reação. Ouvi dizer que, depois, apareceram aviões de patrulha nossos.

Além do *Aragipe*, lanchas da Cidade de Valença que haviam recebido o sinal de socorro vieram apanhar as vítimas na foz do Rio Una. Muitos pescadores também ajudaram. Mas houve muita agonia, principalmente, porque o iate *Aragipe* só apareceu por volta das quatro horas da tarde, cerca de duas horas após o segundo torpedeamento. Já estava quase anoitecendo, quando chegaram as lanchas. Nós fomos noite adentro porque os civis foram na nossa frente, sendo que crianças e mulheres tiveram prioridade. Durante esse tempo todo, ficamos, sobretudo, em cima das tábuas que cortamos das baleeiras encravadas nas corrediças. Foi o que nos salvou, pois só uma baleeira pôde ser usada para transportar as pessoas. Eu fui um dos últimos a deixar o *Aragipe*; cheguei em terra quase à meia-noite.

Ficamos vários dias sem o fardamento, que só recebemos quando retornamos ao Rio de Janeiro. Havíamos perdido tudo, inclusive os canhões e caminhões.

A nossa maior revolta, porém, foi gerada pelas perdas humanas. Presenciamos o desespero de pessoas como o soldado Carberón Ortiz, que não sabia nadar. O navio afundava e ele pedia socorro, mas, de repente, ele escorregou, entrou pela chaminé e sumiu. O outro foi o soldado Rabelo, que estava agarrado a um pedaço do mastro, gritando, quando um tubarão o apanhou. Vimos ainda crianças mortas nas praias de Sergipe. Por isso, no Rio Una, perto da Ilha de Tinharé, na Bahia, nós, de mãos dadas, juramos que iríamos à guerra para vingar aquelas mortes. Felizmente, cumprimos o nosso juramento. Fomos para o 8º GMAC e, de lá, integramos voluntariamente a Bateria Comando da AD.

No retorno de Pernambuco para Bahia, quase fomos torpedeados novamente, dessa feita a bordo do *Tiradentes*. Deixamos a capital pernambucana e, depois de vinte e dois dias, chegamos, finalmente, ao Rio de Janeiro, após uma série de paradas em vários lugares.

Como os outros febianos, tenho orgulho de haver combatido e vencido os alemães na Campanha da Itália. Essa vitória é também uma homenagem aqueles que morreram, inocentemente, nos mercantes brasileiros no ano de 1942. Até a data de hoje, temos procurado comemorar os nossos feitos. Espero que os meus colegas da Força Expedicionária Brasileira e as novas gerações passem aos seus filhos, netos e bisnetos a idéia de que a FEB representou, com brilho e destemor, o Povo brasileiro no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Nós, soldados do nosso querido Exército, soubemos mostrar em combate o amor imenso que temos pelo Brasil!

Desejo ainda comentar um gesto do meu Comandante, Capitão Francisco Saraiva Martins, que muito me emocionou. Foi o último elogio que recebi dele: “Ao desligar o terceiro-sargento Dalvaro José de Oliveira, desta Bateria, louvo pelo muito que fez pelo Exército e pelo Brasil durante o tempo em que serviu nesta unidade.

Disciplinado, dedicado, trabalhador, inteligente e com grande espírito de sacrifício cumpriu com muita eficiência as missões recebidas nos campos de batalha, na Itália, mesmo as mais difíceis e perigosas. A Bateria de Comando da AD é agradecida e deseja muitas felicidades na sua nova unidade, onde vai servir”. Nesse momento, fui indicado para a Medalha Cruz de Combate.

Para concluir, agradeço pela oportunidade de participar do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, da Diretoria de Assuntos Culturais do Exército, que está resgatando fatos, até então desconhecidos, que constituem páginas marcantes da História do Brasil.

Primeiro-Tenente Carlota Mello*

Nasceu na Cidade de Salinas – MG. Formou-se pela Escola da Cruz Vermelha (filial de Minas Gerais – BH, em 1942). Fez o curso de Enfermagem de Emergência do Exército, ministrado pela Diretoria de Saúde da 4ª RM, em 1944, sendo nomeada Enfermeira de 3ª Classe. Foi convocada para atuar no Teatro de Operações da Itália, pela Portaria 7017, de 9 de agosto de 1944, incorporando-se à equipe brasileira no 45º Hospital Geral americano, em Nápoles. Diante das colegas americanas, todas oficiais, acharam por bem dar o posto de 2º Tenente às enfermeiras brasileiras. Retornou ao Brasil, sendo licenciada pela Portaria nº 8472, de 13 de julho de 1945, sendo, posteriormente, nomeada, por concurso do DASP, para trabalhar no antigo Instituto dos Bancários. Reconvocada pela Lei nº 3.160, de 1º de julho de 1957, foi incluída no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º Tenente, sendo-lhe assegurados todos os direitos inerentes aos oficiais da ativa, exceto o acesso que iria até o posto de 1º Tenente. Serviu no Colégio Militar de Belo Horizonte, onde foi promovida ao posto de 1º Tenente, aí permanecendo até passar para a Reserva. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, destacam-se: a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

* Enfermeira, entrevistada em 23 de novembro de 2000.

Nós, enfermeiras de Minas Gerais, éramos quatro. No início, havia muitas moças, algumas como eu e a Roselys, já tínhamos feito o Curso de Enfermagem profissional e realizado o Curso de Socorro Urgente para o Serviço de Saúde do Exército. Finalmente, depois de rigorosa seleção, ficaram apenas quatro: Eu – Carlota Mello –, Roselys Teixeira Gazzinelli, Ilza Meira Alkimin e Ligia Fonseca, esta de Três Corações. Fomos para o Rio, para um estágio de mais três meses, no Hospital Central do Exército e no Hospital Moncorvo Filho. Depois de muitos preparativos relacionados com roupas, uniformes e tudo, seguimos para a Itália de avião e o primeiro escalão com algumas enfermeiras já havia saído do Rio. Nosso avião era muito feio, não tinha estofamento e possuía bancos ao longo de um lado e de outro. O barulho era insuportável, mas acostumamos logo. Em Natal, Rio Grande do Norte, na Base de Parnamirim, ficamos alguns dias realizando alguns treinamentos necessários, seguindo, depois, para a Itália, com pernoite em Dacar e escala em Casablanca, Tunísia e, finalmente, em Nápoles.

Quando sobrevoamos o Saara, tivemos que fazer uma aterrissagem forçada em Tindoff. Recebemos um maço de cigarros e uma cartela de fósforos com a ordem para fumar e soltar bastante fumaça para espantar os mosquitos transmissores de uma terrível enfermidade ali existente. Eu, que nunca tinha posto um cigarro na boca, soltei fumaça mais de uma hora. Engolia, sufocava, tossia e sentia que minha língua, meus lábios, garganta e nariz iam ficando inchados e minha respiração difícil.

Fui socorrida a tempo com antialérgicos e antitóxicos. E foi, aí, que começou a minha mudança de vida. Em Dacar, o alojamento era com paredes de tela, instalação sanitária, e as camas, grandes redes enfileiradas. Passamos a noite sem dormir, amedrontadas, observando os guardas armados de carabinas. Eram negros, muito magros, de bermuda, camisa, meião e gorro vermelho, que ali protegiam o nosso sono ou vigília. Chegamos a Nápoles com a temperatura de zero graus, que fazia abalar qualquer organismo.

Ficamos alojadas num prédio que havia sido bombardeado. As camas eram de lona sem colchão, com dois cobertores verdes de alguma organização militar.

Poucos dias depois, fomos classificadas: sete enfermeiras brasileiras, entre elas, eu e a Roselys, para servir no 45º Hospital Geral americano do V Exército, na periferia de Nápoles; Ilza e Ligia seguiram para outras paragens – Livorno e Pistóia.

Nosso hospital era totalmente de barracas de tábuas e cobertura de lona no centro, uma verdadeira estufa. Tudo era americano. Nossos uniformes de trabalho, nossos chefes, nossa alimentação e nossa convivência. Roselys trabalhava na enfermaria P5, só com doentes brasileiros, sessenta e quatro leitos permanentemente ocupados, que contavam com o atendimento de mais duas enfermeiras americanas e

dois técnicos. Eu trabalhava na P6 com as mesmas características, mas com doutores americanos e brasileiros. Até hoje, aparece, de vez em quando, uma enfermeira dizendo que foi chefe, mas, nos Hospitais onde trabalhei na guerra, não houve chefes brasileiros. Em todo Hospital, existia uma Seção com um médico brasileiro, com o posto de Major, que era mais um amigo, um conselheiro como Dr. Estelita Lins e Dr. Sete Câmara, estes do nosso Hospital. Eles nunca intervieram no trabalho, na administração e na organização. Tudo era americano.

No 45º, trabalhávamos oito horas por dia ou por noite, não havendo distinção entre dia e noite. A atividade era, portanto, contínua. Ali se aplicava penicilina, fazia-se curativos, tirava gesso, dava comida na boca, media pressão e temperatura, escrevia cartas para mãe, esposa, namorada, cuidava da moral, ligava soro, dava comprimidos para dor e, assim, esquecíamos as apreensões de um possível bombardeio, de uma mina implantada em qualquer lugar, das saudades, das angústias, das tristezas e incertezas do amanhã.

Depois que a guerra acabou, ainda trabalhamos mais dois meses em outro Hospital, o 300º Hospital Geral, em Nápoles, até voltarmos para o Brasil, também de avião.

Sinto-me gratificada pelos serviços que prestei ao meu País, pelos quais me foram outorgados os seguintes diplomas e respectivas medalhas: Diploma da Medalha de Campanha, Diploma da Medalha de Guerra, Diploma da Cruz Vermelha, Diploma da Inconfidência e Diploma de Honra ao Mérito.

De tudo que pude observar, durante a missão que cumpri na Itália, o que mais me impressionou na campanha em solo europeu, foi a perfeita organização americana em todos os aspectos. Mal de nós se não tivéssemos sido incorporados ao V Exército americano.

Desejo relembrar o tratamento fino, educado e sensato do Chefe do Serviço de Saúde, Doutor Marques Porto, ainda aqui no Brasil, e do Chefe da Seção de Saúde do 45º Hospital Geral, em Nápoles, Doutor Estelita Lins.

Também relembro, com saudades, da enfermeira culta e educada, Roselys Teixeira Gazzinelli, minha inseparável amiga que, comigo, enfrentou dias difíceis, mas também dias de grande felicidade, sobretudo pelas realizações profissionais.

Muitas passagens teríamos para contar, mas, aí, escreveríamos um livro. Fico lisonjeada por participar do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, cujo objetivo precisa ser alcançado pela sua extrema relevância.

Primeiro-Tenente Geraldo Campos Taitson*

Nasceu na Cidade de Ibirité – MG. Admitido no serviço público municipal, trabalhou na Prefeitura de Belo Horizonte – MG, em 1936. Em 1940, ingressou na Companhia Quadros em Belo Horizonte, onde se tornou reservista de 2ª categoria do Exército. Em Janeiro de 1943, foi convocado para integrar a FEB, indo para um Grupo de Combate da 3ª Companhia do I Batalhão do 11º RI. Fez toda a guerra da Itália nesse Regimento. Após sua desincorporação, em 1945, voltou à vida civil. Em 1948, formou-se Técnico em Contabilidade. Em 1951, após ter sido habilitado em concurso público do DASP, foi nomeado Inspetor de Alunos do Ministério da Justiça, indo para Viçosa. Dois anos após, habilitado em concurso público também do DASP, foi nomeado Escriurário do Ministério da Fazenda, com exercício em Niterói – RJ. Em 1959, ainda por concurso público promovido pelo DASP, habilitou-se para o cargo de Oficial Administrativo, tendo permanecido em função na mesma Delegacia Fiscal de Niterói. Em 1960, passou a ter exercício na Alfândega de Santana do Livramento –RS, sendo removido, em 1963, para o Rio de Janeiro. Em 1964, foi para São Paulo e, depois, para Belo Horizonte, onde se aposentou, em 1969, no cargo de Auditor Fiscal da Receita Federal, após 33 anos de serviço, dos quais 2 anos e 9 meses, incorporado ao Exército Nacional. Com base na Lei nº 4767/65, requereu e obteve Carta Patente expedida pelo DGP, pela qual é considerado 1º Tenente do Exército da Arma de Infantaria. Em 1974, espontânea e gratuitamente, passou a trabalhar na Associação dos Ex-Combatentes do Brasil e na ANVFEB, ambas em Belo Horizonte. Pela sua participação na guerra, recebeu a Medalha de Campanha.

* Soldado integrante de Grupo de Combate da 3ª Cia / I Btl / 11º RI, entrevistado em 23 de novembro de 2000.

No ano de 1939 e no início da década de 1940, em relação à Segunda Guerra Mundial, o ambiente, no Brasil, era de expectativa e de incertezas, porque vivíamos sob a Presidência de Getúlio Vargas, situação em que se tinha uma certa hostilidade no tocante aos Aliados.

O Presidente Getúlio Vargas, que governava como ditador, não era favorável e não só ele, mas também elementos do seu próprio ministério, ao envio de uma força expedicionária para lutar fora do País, pois não viam conveniência em fazê-lo. Mas, no momento em que os alemães se aproximaram das nossas costas, dos nossos muros e vieram para o Atlântico Sul passando a torpedear os nossos navios, o povo e as Forças Armadas se indignaram e obrigaram Getúlio a tomar uma posição, porque, até então, a atitude dele dava a entender que era mais favorável às forças do Eixo do que a dos Aliados.

Esta situação dúbia nos levou à neutralidade. Isso até o momento em que o Brasil aderiu ao Tratado de Havana que estabelecia, entre outras coisas, que quando um país da América fosse atacado, todos os países signatários daquele tratado iriam em socorro do país agredido. E foi exatamente isso que aconteceu: os japoneses atacaram a frota americana aportada em Pearl Harbor, no Havaí, e o Brasil deixou a sua neutralidade para trás, aderindo à campanha dos Aliados.

Na segunda fase, considerada a fase da beligerância, a Força Expedicionária Brasileira se organizou a partir de um movimento geral motivado pelo torpedeamento dos nossos navios. O povo saiu às ruas - naquela época eu tinha 19 anos - depredando estabelecimentos comerciais italianos e alemães. Em Belo Horizonte, eu vi a população invadir lojas e incendiá-las. Assim, Vargas foi pressionado a declarar guerra ao Eixo, não tinha outra solução.

Declarada a guerra, o Presidente da República resolveu por decreto-lei – como ditador, ele governava por decreto-lei – convocar a sua reserva militar, os reservistas, a integrarem a Força Expedicionária Brasileira. Isso ocorreu em 1943; até aí, nós já tínhamos perdido mais de trinta navios nas nossas costas. Os alemães próximos às nossas águas, às nossas praias torpedeavam os navios mercantes, desarmados, o que levava à morte a população civil, bem como aos integrantes de unidades do Exército que se deslocavam para o Nordeste, por via marítima.

A carga desses navios torpedeados ia para o fundo do mar, porque naquela ocasião nós não tínhamos essa malha rodoviária que temos hoje. O nosso transporte, ligação Norte, Nordeste e Sul, era feito por via marítima, por não existirem as rodovias 116 e 101. A nossa navegação fluvial era precaríssima, nós tínhamos as gaiolas que faziam o transporte de Pirapora para o Norte, mas estas encalhavam nos bancos de areia e só atendiam à população ribeirinha. O trajeto era feito pelo Rio São

Francisco, saindo de Pirapora parando na corredeira de Sobradinho. Em razão dos bancos de areia e da incipiente estrutura fluvial, a comunicação Norte-Sul pelo interior do Brasil era extremamente difícil.

Podemos dizer que o Brasil, na verdade, era formado de ilhas sem comunicação. O Norte era uma região, o Nordeste, outra, e o Sul uma outra bem diferente. Isso levou à morte muita gente que precisou utilizar o transporte marítimo; assim, perdemos mais elementos no litoral do que na própria guerra. Ao todo, de 1942 a 1945, lamentamos a morte de, aproximadamente, mil e quinhentos homens, incluindo civis e militares. No mar, sobretudo, no Atlântico Sul, perdemos, aproximadamente, mil homens, mais do que o dobro de nossas mortes na Campanha da Itália, embora, no Teatro de Operações do Mediterrâneo, tivéssemos dois mil e oitocentos feridos, dentre os quais aqueles que ficaram mutilados ou inválidos.

A minha inserção na Força Expedicionária Brasileira ocorreu porque eu servia no 10º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte. Embora o Regimento Expedicionário não fosse em Belo Horizonte, e sim em São João Del Rei, o meu Regimento se deslocou como um todo para São João Del Rei, ficando três meses neste local, seguindo depois, para o Rio de Janeiro, como parte do 11º Regimento de Infantaria, porque o efetivo de guerra de um Regimento era bem maior do que o de paz, exigindo, portanto, muito mais pessoal.

Assim, integrando o 11º Regimento de Infantaria, fomos para a Vila Militar onde armaram galpões de madeira e lá permanecemos de março a setembro de 1944, quando viajamos para a Itália. Neste local, nós recebemos instrução baseada numa nova tática, porque a nossa era francesa e, dali para frente, passamos a receber instrução com armas e doutrina americanas.

Na Vila Militar, também, fomos submetidos a exame de saúde por médicos americanos. O nosso exame de saúde inicial foi feito em Belo Horizonte, tratava-se de um rigoroso exame, mas quando nós chegamos à Vila Militar, as nossas condições de saúde foram verificadas pelos médicos norte-americanos, porque íamos ser incorporados ao V Exército americano. E, ali, passamos a ter instrução, com tiro real, nos campos de Gericinó.

Houve exercícios preparatórios visando à guerra que se avizinhava; eram exercícios práticos, utilizando o Campo de Instrução de Gericinó, onde recebíamos treinamento diversificado sempre com tiro real. Inclusive, houve exercício da Infantaria com a Artilharia, além de outros que tínhamos de rastejar debaixo de uma cerca de arame com a metralhadora atirando por cima, a fim de adaptar-nos a uma guerra que se aproximava. Este treinamento, inclusive, prosseguiu quando chegamos à Itália, conforme narrarei a seguir.

O transporte do 11º RI do Rio de Janeiro para a Itália foi feito no 3º escalão, no navio *General Meighs*, navio-transporte de tropa americano, que partiu junto com o navio *General Mann*, que levava o Regimento Sampaio, considerado 2º escalão. Ao todo, incluindo a tripulação, em cada navio, foram transportados cinco mil e quinhentos homens. O embarque se processou sem problema, inclusive por estarmos acostumados a fazer exercícios semelhantes, pois, de vez em quando, treinávamos, fazendo o percurso da Vila Militar até o Cais do Porto e voltávamos. Isso visava a dois objetivos: treinar o soldado para o embarque e, ao mesmo tempo, despistar a Quinta-Coluna que estava implantada no Brasil.

Tenho reportagens da época nas minhas pastas, onde guardo os meus alfarrábios, que certifica que a espionagem era muito atuante em nosso País; tínhamos espiões espalhados por todo o Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro. Assim, era preciso realizar aquele treinamento que ia até o Cais do Porto e voltava, até que, no dia 22 de setembro de 1944, tomamos, realmente, o navio e fomos para a Itália.

Do Atlântico, entramos no Mar Mediterrâneo e descemos no Porto de Nápoles no dia 6 de outubro, ou seja, 14 dias após deixarmos o Rio de Janeiro. O navio que nos levou até Nápoles era de grande calado e não tinha condições de atracar e desembarcar a tropa no Porto de Livorno. O nosso destino era Pisa e o porto mais próximo, Livorno; então, o trajeto Nápoles-Livorno fizemos em barcas de desembarque, as LCI.

Após passarmos uma noite terrível, mal acomodados dentro daquelas barcas, descemos em Livorno, pegamos os caminhões americanos que já nos esperavam e fomos para Pisa, onde acampamos em Tenuta de San Rossore, local que fora campo de caça da família real.

Naquele local, recebemos o armamento e a munição. Os últimos treinamentos foram feitos um pouquinho mais ao norte, em Filetoli, onde se seguiram instruções que se prolongaram noite adentro. Tempo chuvoso, em outubro e novembro choveu muito na Itália, e ali nós recebemos, além das armas e da munição, roupa para o frio. Assim, fomos para o *front*, para o combate.

Eu pertencia à 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, portanto, não estive no Vale do Rio Serchio. Nesta região, operou o 6º Regimento que chegou com o 1º escalão, o 6º de Caçapava. O 11º foi direto para o *front* no Vale do Reno, depois de alguns dias reservados para recebermos o armamento. Devíamos realizar um dos ataques a Monte Castelo numa frente difícil. O 1º Regimento já o tinha atacado no dia 29 de novembro, sem sucesso. No primeiro dia em que o 1º Batalhão do 11º foi para a frente de combate, encontramos em Casa Guanella muitos cadáveres empilhados, todos de soldados brasileiros, que morreram no ataque do dia 29 de novembro.

Entramos no *front* em 1º de dezembro e, no dia seguinte, tivemos um insucesso. Fomos malsucedidos e não sei dizer, precisamente, a razão: dizem que foi uma precipitação do Comandante da 1ª Companhia – o Capitão Cotrim. O fato é que o meu Batalhão teve de recuar sob alegação de que estávamos diante de um golpe de mão alemão, realizado por patrulhas que haviam se infiltrado em nossas linhas. Então, as duas Companhias de 1º escalão do nosso Batalhão – 1ª e 2ª companhias – acabaram retraindo desordenadamente.

Diante disso, houve recomposição de dois dias numa cidade próxima, em um vilarejo, Granaglione. Lá, nos recompomos e voltamos em seguida para o ataque do dia 12 de dezembro ao Monte Castelo, que foi terrível. Na ocasião, o comando da minha Companhia, 3ª Companhia de Fuzileiros, continuava com o Capitão Hésio de Mello Alvim, enquanto que o Batalhão, era comandado pelo Major Jacy Guimarães. As suas 1ª e 2ª companhias tiveram os seus comandantes substituídos.

A 3ª Companhia, em Casa Guanella no dia 2 de dezembro, se saíra muito bem, conduzida, com a correção de sempre, pelo Capitão Hésio e foi muito sacrificada por isso. Em Casa Guanella, quando houve aquele recuo precipitado, a nossa Companhia não se perturbou, tudo se deu com disciplina e controle, sob a supervisão do Capitão Hésio, mas os outros dois comandantes, o Schleder e o Cotrim, se atrapalharam e foram substituídos pelos capitães Meira Mattos e Bueno, que assumiram os comandos das 2ª e 1ª companhias, respectivamente.

O Capitão Bueno, mato-grossense, foi um grande herói. Esteve ferido gravemente na terra de ninguém, ficando lá durante um dia e uma noite quando foi encontrado pelo seu ordenança que o procurou, incansavelmente, até achá-lo, trazendo-o lá da frente quase ao amanhecer, num momento em que a esperança de todos desaparecia. Desse modo, o comandante foi encontrado pela impressionante persistência daquele soldado e trazido de volta, mas em estado grave, em consequência dos tiros de metralhadora que recebera no pulmão.

Ele ficou em Belo Horizonte para recuperar-se, alguns colegas meus foram visitá-lo e viram que ele permanecia bem doente, com sua saúde muito abalada. Naquela época, as pessoas com problemas de pulmão tinham de estar num local com um bom clima. Não soube mais do Capitão Bueno, que foi o Capitão escolhido exatamente para substituir o Comandante da 1ª Companhia e o fez com extrema dignidade.

Assim como o Capitão Bueno substituiu o Cotrim, o Capitão Meira Mattos substituiu o Schleder. Foi preciso tirar esses oficiais de dentro do gabinete do Mascarenhas de Moraes; eram homens de confiança, conhecidos, porque se fazia necessário levantar o moral da tropa; então, tinham de ser capitães de grande confiança do General Mascarenhas de Moraes – o Capitão Bueno era Ajudante-de-Ordens

do General Zenóbio da Costa e o Capitão Meira Mattos do próprio General Mascarenhas, ambos se portaram magnificamente. Podemos afirmar que, a partir dessas duas substituições, o I Batalhão se houve de modo admirável, porque as 1ª e 2ª companhias passaram a atuar de modo semelhante à 3ª, cujo desempenho foi sempre elogiável.

Quanto ao meu batismo de fogo, é necessário lembrar que foi um pouco difícil. Naquela primeira noite, como eu já mencionei, nós tomamos posição em Casa Guanella, de frente para Monte Castelo e lá encontramos aquelas pilhas de cadáveres do ataque malsucedido do 1º RI, alguns dias antes. Mas quando caiu à noite, vivemos aquele quadro tétrico do golpe de mão. Cedo, o Subcomandante da minha Companhia, Tenente José Neves, que estava instalando o pessoal lá em Guanella, debaixo dos tiros de morteiros e das metralhadoras, teve um joelho dilacerado por um estilhaço de granada, daí ele foi para o hospital e não voltou mais ao *front*. Quem assumiu o Subcomando foi o Tenente Linhares, de Juiz de Fora. Então, ficaram o Comandante, Capitão Êzio, e o Subcomandante, Tenente Linhares.

A frente se estabilizou; foi o período em que veio a neve, cabendo-nos participar de patrulhas e de golpes de mão, atividade permanente, realizada na linha de frente para saber o efetivo da tropa que estava diante da nossa. Toda noite saíam duas ou três patrulhas na alta madrugada para trazer prisioneiros e para saber o que o inimigo vinha fazendo: se estava construindo trincheira, deslocando armas pesadas, tudo a gente procurava saber através das patrulhas. Até que a neve derreteu, aproximando-se a primavera.

Providências tiveram de ser tomadas pelo V Exército e pelo Comando da FEB, dentre as quais concatenar os ataques da 10ª de Montanha e da FEB, inclusive, com o auxílio de tanques americanos, para tomar, antes, Belvedere, que ficava no flanco esquerdo do nosso ataque e impedia o nosso êxito contra Monte Castelo. Daquele flanco, representado por Belvedere, recebíamos tiros quase contínuos, pois Belvedere era um monte mais elevado do que Monte Castelo, era a cunha que entrava em nossas veias. Então, nós atacamos Monte Castelo depois da queda de Belvedere, pela ação da 10ª Divisão de Montanha americana. Isso facilitou o nosso avanço vitorioso sobre Castelo em 21 de fevereiro de 1945: com tanques, artilharia e aviação, todos colaboraram, podendo-se dizer que o *Senta a Pua* entrou rasante em Monte Castelo.

A batalha de Monte Castelo começou às seis horas da manhã e terminou às cinco e meia da tarde, quando o Major Uzeda, 1º RI, fincou a Bandeira do Brasil no local. A minha Companhia ficou em reserva na Ponte de Silla, que estava toda coberta com fumaça fabricada por uma Unidade aliada para proteger esse ponto, visado constantemente pela Artilharia alemã. Assim que a ponte era reconstruída, os alemães, imediatamente, destruíam-na com a sua Artilharia. Então, era preciso

manter uma fábrica gerando fumaça o dia todo para cobri-la por sua extrema importância para a ligação entre Pistóia, Porreta-Terne e Bolonha, no Vale do Pó.

Não há dúvida de que o nosso soldado amadureceu na fase das patrulhas, tornando-se, verdadeiramente, profissional. Isso aconteceu nos golpes de mão, na busca do contato com o inimigo através da terra de ninguém, e mesmo nos ataques fracassados, onde o soldado precisa superar-se, precisa buscar novas forças. É, nessa hora, que o sistema psíquico de cada um se revela inferior ou superior.

O pracinha na linha de frente, depois que recebeu o batismo de fogo, fez as patrulhas, bateu e apanhou, tornando-se um verdadeiro soldado. Felizmente, adaptou-se muito bem à guerra, pois foi bem treinado, não só nos Campos de Gericinó, como também em Filetoli, próximo a Pisa. Esse trabalho preparatório, aliado às patrulhas, a verdadeira escola da guerra, possibilitou que o soldado amadurecesse, para enfrentar, com o máximo profissionalismo, o obstáculo representado por Monte Castelo, vencido em 21 de fevereiro de 1945, bem como a batalha decisiva de quatro dias em Montese, que se estendeu de 14 a 17 de abril, onde, com a derrocada alemã, conseguimos abrir o caminho na direção do Vale do Pó.

Em Monte Castelo, os alemães retraíram; antes, porém, ofereceram resistência em Castelnuovo de Vergato no dia 5 de março. Lá, a minha Companhia e o meu Batalhão, foram muito sacrificados porque lutamos para tomar Soprassasso e, em seguida, Castelnuovo de Vergato. Além da artilharia alemã que nos trucidava, existiam as minas colocadas por eles em toda a parte, o que significou para nós a perda de muitos companheiros. O soldado ia progredindo na direção do objetivo, daí a pouco a mina explodia, impedindo que o combatente continuasse sua ação. Quando não morriam, ficavam mutilados para a vida toda. O alemão espalhou naquela região minas pessoais que, muitas vezes, arrancavam o pé do soldado que precisava progredir em terreno desconhecido. Cada mina ativada significava menos um soldado na linha de frente.

Os alemães fugiram para a Região de Montese, que caiu em nossas mãos depois de muita luta, com um sabor especial para nós, mineiros, pois a mesma foi tomada pelo 11º Regimento de São João Del Rei, o querido Regimento Tiradentes, que realizou um ataque, surpreendente e decisivo, desde as primeiras horas.

O ataque foi iniciado no dia 14 de abril, quando a cidade foi tomada, mas os alemães resistiram não só em Montese, como também nas alturas de Serreto, Montebuffone e Montello, mais a direita e mais ao fundo, ocupadas quando perderam Montese. Nessa região, resistiram até o dia 17 de abril. Foi uma luta terrível. Depois desses três dias, desalojamos o inimigo, como o fizemos em Montese, que já estava livre. Os alemães não queriam deixar a região de alturas de Serreto,

Montebuffone e Montello que eram as últimas posições que permitiam a defesa em boas condições. Contudo, acabamos por vencer essa tenaz resistência para iniciar o Aproveitamento do Êxito na busca de impedir a retirada do inimigo da Itália.

Os russos já estavam entrando na Alemanha, os americanos já tinham desembarcado na Normandia e já estavam no coração da França; então, tínhamos de andar rápido para tentar o cerco das tropas alemãs em território italiano.

Tomadas as alturas de Montebuffone e Montello, conseguimos o que queríamos: perseguir os alemães no Vale do Pó. Estávamos lutando, até aqui, em uma região montanhosa difícil, quando eles caíram no Vale do Pó, os nossos heróicos soldados da FEB foram atrás deles com a Infantaria transportada nas viaturas da Artilharia. Eles passavam por determinados vilarejos e perguntávamos há quanto tempo os alemães deixaram a área. Principalmente, os da 148ª Divisão contra a qual nós lutávamos desde o Vale do Serchio. Pelas informações dos camponeses, a defasagem entre as tropas alemãs e as nossas era de cerca de duas horas, e nós continuávamos a perseguição, cientes de que estávamos bem perto deles. Até que a Vanguarda da FEB os cercou na Região de Collecchio e Fornovo. Dessa operação, não participamos, porque no Vale do Rio Pó, o 6º RI se deslocou para a direita e o 11º RI seguiu para Noroeste, com o objetivo de ocupar as cidades de Alessandria e Turim.

Lá, em Collecchio e Fornovo, coube ao 6º RI e ao Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado cercar e obter a rendição das tropas que lutavam contra nós, compostas de 14.799 soldados, mais de 800 oficiais e até dois generais. Enquanto isso, o nosso Regimento chegou às cidades de Alessandria e Turim e, após ocupá-las, deslocou elementos para Suza, na fronteira com a França. Embora o inimigo estivesse mais concentrado na Região Nordeste, tínhamos de nos espalhar pelo Noroeste da Itália, porque existia o perigo de focos de resistência dos alemães combinados com os fascistas, os camisas pretas. Outro objetivo era evitar que os *partisans* e comunistas, inimigos fígados dos fascistas, liquidassem, de maneira bárbara, o inimigo. Como a guerra já estava no final, não se justificava uma vingança atroz. Então, a presença do 11º RI nessas regiões evitou que houvesse atrocidades, inclusive, com a população civil indefesa. Por essas razões, deslocamo-nos para o Noroeste da Itália.

Os *partisans* foram cruéis, fuzilaram o Mussolini em Milão, depois de um julgamento sumário de quinze minutos. Reuniram, na praça principal da cidade, Mussolini, parte do seu Estado-Maior, alguns de seus ministros, todos que ali se encontravam, assim como sua amante, Clara Petracce e os fuzilaram.

Com referência a tomada de Montese, é relevante lembrar a figura do Tenente Iporan, pois sua atuação foi perfeita. Primeiro homem a entrar em Montese, realizou um trabalho espetacular. Lutou bravamente na tomada de Montese buscando, de rua

em rua e de casa em casa, desalojar os alemães, porque existiam focos, ninhos de metralhadoras dentro das casas e prédios. O Capitão Divaldo Medrado, do nosso Regimento, por exemplo, foi ferido numa dessas situações, em Montese, por uma metralhadora assestada numa janela de um prédio. Então, era preciso desalojar os alemães. A luta foi duríssima, mas conseguimos sobrepujar o inimigo. Em Montese, enfrentamos o combate mais sangrento da campanha da FEB na Itália.

Vale lembrar que, além da determinação dos alemães de resistir, como se viu em Monte Castelo e Montese, tivemos, pela frente, um outro inimigo – o clima agressivo que se manteve de novembro a fevereiro. O final do ano de 1944 e os meses de janeiro e fevereiro 1945 foram marcados por uma temperatura fria, muito rigorosa: era o inverno que teve de ser enfrentado pela FEB. Numa temperatura de 18°C negativos, cada um se defendia como era possível. A minha Companhia, por exemplo, conseguiu valer-se de uma fazenda italiana. Chegamos lá, encontramos umas famílias, dividimos a casa: a família ficava no segundo andar e nós, no primeiro andar. Isso dava um certo conforto, mas lá não era possível alojar uma Companhia toda. Então, alguns pelotões tiveram de cavar trincheiras, abrigos individuais que foram forrados de feno adquirido dos italianos, que o forneciam para forrarmos o fundo das nossas tocas, das casamatas e dos abrigos para não ficarmos com o pé na lama, dia e noite. A vida era desse jeito: foi assim que conseguimos sobreviver no frio, na neve e na chuva.

Para uma campanha da natureza que esta foi, a nossa gente ainda precisava ter tido mais treinamento; mas, mesmo assim, a atuação dos nossos oficiais e graduados foi admirável. Noventa e nove por cento dos comandantes, dos tenentes e dos sargentos se portaram muitíssimo bem. Agora, sabemos que, numa guerra, se depende muito do sistema nervoso de cada um, alguns tiveram medo, o que os italianos chamam de *paura*, pavor, e tais elementos, por exemplo na minha Companhia, que eu posso falar com certeza, foram substituídos. O Capitão Êzio era um homem que entendia de Psicologia. Se ele percebesse que um indivíduo estava tomado pelo medo, o que é natural, ele o substituíria imediatamente.

Houve uma situação dessas em que um Tenente foi substituído, não convém citar o nome, nem me lembro se ele era da ativa ou da reserva, pois não tivemos tempo para um maior contato, mas ele havia sido designado para uma patrulha de dia, em que íamos na direção de Monte Castelo; a patrulha diurna, como sabemos, é o que há de mais difícil. Então, para a mesma foram selecionados aqueles que tinham mais prática e este Tenente estava “meio verde” para a missão e a patrulha já estava experiente; talvez, tenha pesado a falta de um treinamento mais intenso, por isso o Capitão o substituiu. Nesse caso, a substituição não se relacionou com o medo e sim com a necessidade de maior experiência.

No Grupo de Combate, aconteceu de um sargento ser ferido e o Capitão Êzio, assim que o viu e constatou as suas condições, na mesma hora voltou e pediu a substituição. Esse tipo de substituição aconteceu com o sargento, com o cabo, com o soldado, principalmente quando o sistema nervoso do indivíduo dava sinais de não suportar aquele sofrimento de uma batalha, de uma patrulha, de um golpe de mão. Nesse caso, ele tem de ser substituído, para não atrapalhar os outros elementos, porque todos devem estar em condições de participar das ações na direção do objetivo fixado. Outra lembrança sobre isso é que, na minha Companhia, tivemos um soldado, meu colega, que via o alemão até nas estrelas; então, foi encaminhado para o hospital, não podia permanecer.

O nosso pracinha se agigantou nisso tudo; muitos soldados do meu Pelotão ficavam aborrecidos quando não eram designados para uma patrulha. Ficavam de cara amarrada e eu gostava daquilo. O soldado, depois que se familiariza com a guerra, gosta de sair nas patrulhas, de participar de um golpe de mão, ele não quer ficar parado, quer lutar. Isto é impressionante, por isto o brasileiro surpreendeu.

Outro ponto a salientar nestas lembranças é o relacionamento que mantínhamos com a população local. Não sei se a nossa origem latina ajudou, mas o fato é que em dois meses na Itália já falávamos, quase correntemente, o italiano. O povo se aproximava das nossas barracas e a gente dividia o chocolate, o cigarro, a sobra de comida com eles. O café, principalmente, que eles tanto gostavam e não dispunham.

Então a gente dividia com os italianos o que possuía e se relacionava muito bem. Desse modo, eles tornaram-se nossos amigos. Inclusive, em cada Companhia, havia um elemento local para sair com as patrulhas como guia, porque eles conheciam as trilhas, aquelas ravinas que nos aproximariam do inimigo.

Por muitas vezes, em nossas conversas com os italianos, ficávamos inteirados de casos em que alguns deles tinham parentes em São Paulo e queriam saber como era a vida no Brasil; isso nos aproximava ainda mais. Percebíamos que eram pessoas sofridas que estavam numa região terrível e que padeceram com os alemães durante a guerra.

As palavras que mais se ouviam na linha de frente eram as seguintes: *tedesco portate via*, quer dizer, o alemão levou embora o que nós tínhamos. Os alemães levavam tudo: a vaca, o carneiro e até os rapazes válidos para trabalhar nas fábricas na Alemanha. Numa das casas em que fui, havia um casal de velhos muito acima dos 70 anos e uma moça que se chamava Virgínia. Perguntei-lhe se ela era só. Ela me disse que tinha vários irmãos, mas *tedescos portate via*, isto é, eles foram levados para a Alemanha, para trabalharem nas fábricas e plantarem batata e beterraba, e ela havia ficado para cuidar daqueles dois velhos que lá estavam, dando-lhes apoio. Com isso, vemos que um povo que tem a sua terra invadida é um povo muito triste.

Naquela situação, o alemão já estava vivendo à custa dos italianos, pois eles não recebiam suprimentos da Alemanha, comiam o que encontravam na Itália, tomavam do italiano. No final, faltaram remédios e munição.

Tive a felicidade de não precisar do apoio hospitalar oferecido durante a guerra; sabe-se, no entanto, que foi um apoio de excelente qualidade. Colegas meus, que foram feridos e estiveram nos hospitais, ficaram surpresos com o ótimo tratamento recebido. Se o soldado conseguisse chegar com vida ao hospital, dificilmente morreria. Isso porque contavam com pessoal especializado de muito bom nível e todo o material necessário à atividade médica, inclusive com os mais modernos medicamentos existentes, não faltando, também, o plasma.

O americano dá um valor extraordinário ao homem, mas não dá ao material como, por exemplo, à metralhadora. Quanto ao homem, ele dizia: “Demora vinte anos para fazer um soldado, metralhadoras nós fazemos centenas por dia”. Os americanos tinham o homem como centro de tudo. Possuíamos armas à vontade. Caso se perdesse um fuzil, por qualquer motivo, ou este engasgasse, não funcionasse, jogava-se o mesmo fora e se pegava outro, o que evidenciava a perfeição do apoio logístico americano durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim como a assistência médica era excelente nos hospitais, o apoio religioso também funcionava muito bem: os padres e os capelães que acompanharam a FEB foram muito eficientes, estavam sempre presentes. A prova disso foi a perda do nosso Frei Orlando, que morreu durante um deslocamento para dar apoio espiritual aos combatentes na frente de combate.

Há três anos, participei de uma excursão que a FEB fez à Itália. Lá pude constatar o reconhecimento do italiano ao empenho e à atuação dos brasileiros na Segunda Guerra, homenageando-nos com dois significativos monumentos: um ao pé de Monte Castelo e outro em Montese, agradecendo à Força Expedicionária Brasileira por ter libertado aquela região do nazi-fascismo. Há trezentos metros do local de onde o Frei Orlando morreu, não há um monumento, mas lá está uma placa fixada no granito com dizeres sobre o Frei, informando o dia, a hora e o local em que morrera. Não fomos ao local exato em que se deu a sua morte, porque é um local íngreme, de difícil acesso, mas tivemos a grande satisfação de vê-lo homenageado.

Diferentemente do apoio logístico prestado aos alemães, o nosso foi perfeito. Não faltou nada para os soldados. Quando podia, a comida ia quente da retaguarda para o homem que estava na frente; quando não, contentávamo-nos em comer a ração K e a ração C, que são caixinhas e latinhas, respectivamente, que têm de tudo.

A ração K, na caixinha de papelão, era mais para a hora do ataque, do movimento, e a latinha da ração C, por ser preciso esquentá-la, era usada numa situação

mais parada. Essas embalagens tinham de tudo: queijo fundido, biscoito, suco, sopa, chocolate, cigarro etc. Era suprimento que dava para o sujeito passar o dia, porque havia três caixinhas para o dia e, fora isso, vinha a comida da retaguarda, a chamada ração quente.

Agora, há um detalhe: essa ração quente, que era levada para o soldado na linha de frente, só podia chegar lá antes do dia clarear ou depois que escurecesse, porque o alemão, lá dos Apeninos, bombardeava a tropa que ia levar comida para os que estavam na linha de frente. Assim, a ração passou a ser levada à noite ou de madrugada, buscando a segurança oferecida pela escuridão.

Certa vez, entre a ponte de Silla e Monte Castelo, uma tropa de italianos, usando aquela peninha no chapéu, levava comida para nós. Eles tiveram a sua tropa, tropa de três ou quatro muares, bombardeada, porque o alemão os procurava de binóculo e, assim, bombardeou-os. Esse acontecimento foi aproveitado pela região, pois os italianos das proximidades dirigiram-se até aquele local e levaram a carne dos muares, para se alimentar porque, na Europa, é comum comer carne de cavalo.

O desafio era fazer chegar a alimentação ao destino, naquele terreno acidentado, sujeito ao bombardeio alemão. Quanto ao mais, o que resolvia mesmo era a ração que cada soldado tinha dentro do seu bornal, para as horas difíceis, para as suas patrulhas e para os eventuais bombardeios da tropa que ia levar comida para a gente.

Quanto ao alemão, percebia-se que ele já estava cansado da guerra, que já não tinha o mesmo poder de fogo, mas eram corajosos na batalha. No início, quando atacado, o alemão era uma fera; no final, depois de Montese, Montello e Montebuffone, exaustos da guerra, tendo oportunidade, os alemães se entregavam. Por várias vezes, eu vi soldados alemães com as mãos para cima, porque não tinham munição, assim como havia escassez de comida, conforme mencionei antes, faltando também medicamentos. E com fome ninguém agüenta lutar, como ferido e com sérias restrições do Serviço de Saúde. Então, premidos por tais circunstâncias, rendiam-se.

Gostaria de enfatizar o fato de a minha Companhia ter sido muito exigida, o que já mencionara, e o ótimo desempenho que obtive, graças à orientação do nosso Capitão Êzio, que era muito eficiente e ponderado. Ele não permitia um excesso sequer do soldado como, por exemplo, tomar vinho exageradamente. No Dia da Vitória – anunciada com a rendição da 148ª Divisão alemã – foi um momento de grande euforia para o soldado; afinal, o maior inimigo tinha, finalmente, se entregado. Mesmo assim, o Capitão manteve o controle, evitando exageros na comemoração.

Durante toda a campanha da FEB, o que me impressionou, profundamente, foi a organização do nosso Exército. Eu não sei se houve a influência estrangeira,

mas o Exército Brasileiro ajustou-se perfeitamente a forma de atuação americana. Um ponto a ressaltar é o cumprimento de horário, pois quando se falava: a tropa vai deslocar-se às sete horas da manhã, dez minutos antes estavam os caminhões todos a postos. Caso houvesse problema com esse tipo de viatura, outro era colocado a disposição no momento previsto. A nossa Logística manteve, assim, um desempenho que se aproximou da perfeição, o que merece ser aqui registrado, mesmo considerando o fato de que a mesma se valesse de meios americanos. Cabe destacar, portanto, o emprego desses meios.

O Exército Brasileiro aprendeu muito com o americano, ao valorizar bastante o soldado, inclusive, na parte logística. Para este, não faltava nada: assistência hospitalar, religiosa, alimentícia, bélica etc. Os soldados alimentavam-se do que havia de melhor. O vestuário era adequado, receberam uniformes de frio, apesar de os sacos de dormir, durante a Campanha, por serem em número limitado, terem ficado para uso dos oficiais e sargentos; assim, o soldado, praticamente, não os utilizou.

Houve momentos na Campanha, é interessante destacar, em que se precisou confortar muitos companheiros. No momento em que o soldado se feria, por exemplo, ou demonstrava um pouco de medo, dávamos-lhes uma injeção de ânimo: dizíamos que éramos vitoriosos e que, por isso, iríamos continuar, não entregaríamos uma guerra já ganha. Com essas palavras de estímulo, conseguíamos melhorar o ânimo do soldado, principalmente, quando ferido.

O destaque a registrar na Companhia foi a solidariedade, sendo importante considerar isso. Quando era formada uma patrulha, como eu já disse, todos queriam ir, mas não havia possibilidade de aceitar o voluntariado plenamente; então, o comando designava, entre os voluntários, os soldados necessários, conforme a missão.

Um soldado, de Nova Lima, em Minas Gerais, Benedito Vitalino, sujeito extremamente corajoso, tomou parte em diversas patrulhas perigosas, ficando consagrado pela sua valentia em minha Subunidade. Ele era tão eficiente que o sargento Max Wolf o chamou para integrar-se ao conhecido pelotão suicida, o chamado “SS” brasileiro, respeitadíssimo pelo valor dos homens que o compunham, a começar pelo próprio Max Wolf. Um outro da minha Companhia também foi chamado para integrá-lo. Era um orgulho fazer parte deste pelotão, ao qual eram atribuídas todas as missões suicidas. Por isso, Max Wolf é, com toda justiça, considerado um dos maiores heróis da FEB.

Nesta guerra, a propaganda foi um meio utilizado com o objetivo de diminuir o moral do oponente. A propaganda inimiga era contra o americano. Os alemães jogavam-na de avião ou dentro de granadas que, ao explodirem, soltavam aqueles panfletos, na linha de frente e, nesses panfletos, os dizeres eram os seguintes: “Por

que vocês estão lutando contra os alemães? Nós somos seus amigos, vocês deviam lutar contra os americanos, que exploram vocês, impedindo a exportação de seu café e a exploração do seu petróleo”.

Ainda havia a esfinge com o rosto do Presidente Roosevelt como se fosse uma águia, prendendo com suas garras o Brasil. Isso era comum lá, mas aquilo não tinha influência sobre nós. Absolutamente, nem ligávamos para aquilo. Continuava bem viva em nossas mentes a morte de tantos brasileiros inocentes em nosso litoral pelos covardes torpedeamentos dos mercantes nacionais! O que diziam, por conseguinte, não tinha a menor influência em nosso pessoal!

Outro aspecto que desejo destacar relaciona-se com a participação da Força Aérea Brasileira na Campanha da Itália. A nossa ELO e os aviões do *Senta a Pua* tiveram um desempenho extraordinário, nesta Campanha. Quando os alemães bombardeavam as nossas tropas, em Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, imediatamente, pelo rádio – não o soldado lá na linha de frente – mas o Comandante, ao perceber o fato, ligava para ELO e pedia os aviões, que passavam tranquilos, observando. Na mesma hora, cessava o bombardeio sobre as nossas linhas, porque eles tinham a possibilidade de localizar a Artilharia alemã. Era um refrigério para os soldados, pois, na mesma hora, cessava o bombardeio. O alemão não queria ver as suas posições de Artilharia identificadas. Então, paravam de atirar tão logo viam os aviões da ELO nos céus. Quando se localizava a Artilharia alemã, imediatamente, pedia-se do avião o tiro da nossa Artilharia para neutralizar aquela peça inimiga que estava nos ameaçando.

No que respeita ao *Senta a Pua*, seus corajosos pilotos consagraram-se no Teatro de Operações do Mediterrâneo, com uma participação muito importante no ataque vitorioso de Monte Castelo.

Quanto aos preparativos de volta ao Brasil, é necessário considerar que o soldado depois de uma guerra do porte da que nós enfrentamos, já estava com muita saudade do Brasil. Assim, dia e noite, vivia sonhando com o regresso para o qual estava preparado, porque o que ele tinha era uma arma, uma mochila e dois sacos de roupa; logo, estava sempre em condições de viajar. Afinal, a cabeça e o coração estavam sempre no Brasil!

Quando acabou a guerra, fomos para Alessandria e lá permanecemos poucos dias. Concentramo-nos ali e, depois, fomos para o Sul esperar o navio americano, porque os americanos estavam empenhados na guerra contra o Japão. Portanto, não pudemos vir imediatamente para o Brasil, tivemos de ficar a 80 quilômetros de Nápoles, numa cidadezinha, Francolise, acampados, aguardando que os navios americanos viessem nos apanhar para o retorno ao Brasil, que, agora, seria tranquilo, pois não havia mais o perigo dos submarinos. O Atlântico Sul estava livre daquela ameaça.

No seu retorno, a FEB foi muito bem recebida pelo povo. Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, foi decretado feriado municipal e o povo veio todo para a Avenida Rio Branco recepcionar os expedicionários e, ali, tivemos dificuldades em desfilar, porque a população queria se aproximar do soldado, da tropa para tirar o seu emblema, o seu escudo, filmando tudo que era possível. Então, tivemos dificuldades para desfilar, tal era o amor do carioca ao receber a FEB.

Gostaria de expressar-me, criticamente, quanto ao recebimento da FEB no seio do Exército, fazendo, inclusive, um retrospecto desta narrativa, culminando num desabafo. Ao sermos convocados para a guerra, fomos submetidos a rigorosos exames de saúde em Belo Horizonte, no meu caso, 10º RI e na Vila Militar, feitos por médicos americanos e brasileiros.

Era evidente que não podiam mandar para a guerra um elemento com problemas de saúde. Então, todos que iriam integrar a tropa foram submetidos a uma série de exames.

Entretanto, na hora da baixa, retornamos à vida civil, após quase três anos no Exército, sem que nossos chefes tivessem o cuidado de submeter-nos a um novo exame médico, a fim de saber como estava a saúde física e mental dos ex-combatentes, o que é imperdoável. Simplesmente, liberaram a tropa no Rio de Janeiro, separaram as suas economias, deram uma passagem de volta para casa e nada mais. Os próprios febianos, vendo o sofrimento de muitos colegas, cuidaram de fundar em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em várias partes do País a Associação dos Ex-combatentes, para dar assistência a seus colegas, que tiveram dificuldades para reintegração à vida civil.

Processou-se uma desmobilização precipitada, inconseqüente. Aliás, nós fomos desmobilizados na Itália, antes de chegar ao Brasil, não pertencíamos mais a FEB, pertencíamos parece que à 1ª Região Militar no Rio de Janeiro, e isso foi terrível. Penso que, para esse fato, entrou, também, a parte política, porque o Getúlio Vargas, como ditador, não podia admitir que uma força expedicionária, que se deslocara para ajudar a democratizar o mundo, resolvesse realizar o mesmo no Brasil.

Entendo que o Exército tenha aprendido muito na guerra, porque tivemos em contato com americanos, ingleses e com eles evoluímos bastante, além de enfrentar os alemães que muito sabiam sobre a arte da guerra. Nós demos um passo enorme para a frente, porque nos atualizamos na área militar, em termos de armamento e de doutrina, além de termos divulgado positivamente o nome do Brasil perante à comunidade internacional.

Depois da guerra, tivemos uma missão relacionada com a Alemanha, a missão do General Lira Tavares. Ele foi lá e permaneceu durante quatro anos com os Aliados, dentro da Europa, principalmente na Alemanha, porque esta teve de ser dividida em

quatro partes; então, ele foi lá para participar das tratativas representando o nosso governo. Não houve um armistício, houve uma ocupação: dividiram uma parte para a Rússia, uma parte para a França, uma para a Inglaterra e outra para os Estados Unidos. O alemão teve de submeter-se e, lá, o Brasil esteve presente graças à FEB.

A minha participação na Segunda Guerra Mundial, como já mencionei, levou-me a filiar-me à Associação dos Ex-combatentes do Brasil, assim como à Associação dos Veteranos da FEB, que eu ajudei a fundar. Por isso, é que estou freqüentemente nos colégios e lá no Museu da FEB, legando, na qualidade de Diretor de Cultura e Civismo da ANVFEB, os meus conhecimentos da campanha aos alunos, para esta juventude de 15 a 17 anos, que está fazendo o 2º grau. Procuro mostrar-lhes que o Brasil hoje, como ontem, deve permanecer atento à manutenção de sua soberania e da integridade de todo o patrimônio nacional.

Lembro-lhes que o nosso País, precisa conservar o que possui, porque percebo através dos jornais, das notícias de rádio e televisão que estrangeiros estão de olho na nossa Amazônia. Durante quinhentos anos, ela foi nossa; então, não podemos perdê-la, precisamos ocupá-la, inclusive deslocando tropas para manter a integridade dessa importante área do território. Como é que nós vamos permitir, se não somos covardes, que nossos filhos, netos ou bisnetos sejam despojados da Amazônia que é patrimônio nosso?

Outro aspecto fundamental que desejo ressaltar é que aqui não há questão racial. Deveríamos ter o Dia da Etnia, para louvar e homenagear o somatório de raças que contribuíram para constituir esse País imenso e imune a conflitos étnicos e religiosos.

O meu discurso é também transmitido ao homem do interior, através de elementos instruídos por nós, em Belo Horizonte, para fazer palestras quando aquele não pode deslocar-se. Então, o cidadão que esteve em Belo Horizonte dirige-se às diversas áreas do Estado de Minas Gerais, para, através de palestras, difundir os ideais dos febianos.

Se tivermos que nos empenhar em outra guerra, desejo que esta seja fora das nossas fronteiras, porque as privações e provações da população são terríveis. Um país em guerra dentro do seu território vê as suas famílias atingidas, moral e materialmente, como tivemos oportunidade de constatar na Itália, onde tudo foi destruído, com o atroz sofrimento do povo, convivendo com a fome e a desagregação familiar.

Primeiro-Tenente João Vianna de Oliveira*

Natural da Cidade de Bananeiras, na Zona do Brejo, no Estado da Paraíba. Fez os cursos primário e secundário em João Pessoa onde a família passou a residir a partir de 1932. Recebeu instrução militar numa Companhia de Quadros, no 15º RI, na mesma cidade e aí fez os cursos para graduados: cabo e sargento. Passado a pronto, dois meses depois, voltou para o Serviço Ativo do Exército, pois o Brasil havia declarado guerra à Alemanha e as classes de reservistas foram convocadas, inclusive a sua – 1923. Em julho de 1944, viajou com um contingente de graduados da 7ª RM para o Rio de Janeiro a fim de integrar a Força Expedicionária Brasileira. Embarcou para a Itália como 3º sargento da 4ª Companhia do 11º RI e com ela fez toda a Campanha na Península Itálica. Nos Apeninos, participou do 3º ataque ao Monte Castelo e do ataque a Castelnuovo. Tomou parte, ainda, nas ações em Nerechie, Rocca Pitigliana, Montebuffone e Monte Maiolo. Licenciado do serviço ativo do Exército ao regressar da Itália, frequentou a Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo. Veio para o Rio de Janeiro, trabalhou no IBGE, estudou na PUC e formou-se em Geografia e História. Lecionou na Fundação Getúlio Vargas, no Colégio Nova Friburgo, na Faculdade N.S. Medianeira, dos Jesuítas e em colégios da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Possui Mestrado em Estudo de Problemas Brasileiros, da UERJ. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante de Grupo de Combate do 1º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 18 de abril de 2001.

Antes de o Brasil entrar na guerra, vivíamos absorvidos pelo noticiário da imprensa e do rádio. A BBC, de Londres, mandava dois informativos por dia, às 9 da manhã e às 7 da noite. Sabíamos o que acontecia na Europa. Havia uma preocupação com o nosso litoral, diante do perigo de uma invasão através dos submarinos alemães. Não havia, ainda, sentimento de beligerância; a guerra estava na Europa. A idéia era a de neutralidade.

Entretanto, a situação evoluiu e os submarinos alemães vieram para nossas águas, começaram a afundar nossos navios. A cada torpedeamento a população pedia vingança. No dia em que afundaram cinco navios, o povo veio para as ruas, os colégios fecharam, foram feitas passeatas pedindo a guerra. Estávamos numa ditadura, era difícil o direito de expressão, mas mesmo assim o povo foi para as ruas se manifestar. Os discursos dos oradores terminavam pedindo ao governo para declarar guerra à Alemanha, para vingar a ofensa recebida. Foi assim, atendendo aos apelos da população e da juventude que se organizou a FEB.

Inicialmente seria um Corpo de Exército, setenta e cinco mil homens. Uma Divisão do Nordeste, outra do Leste e outra do Sul. Só depois se decidiu mandar apenas uma Divisão. Fomos vinte e cinco mil homens representando o Brasil.

Eu vim para o Rio de Janeiro, para a FEB, com o contingente de cabos e sargentos da 7ª RM – com sede em Recife, abrangia os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí e Território de Fernando de Noronha – no navio *Almirante Jaceguai*. Aqui chegamos e fomos para a Vila Militar, onde ficamos encostados no 2º RI. Duas semanas depois, a maioria de nós foi incluída no Regimento Sampaio. Eu e mais uns cinco cabos sobramos. Quando chegou, vindo do Nordeste, outro navio com pessoal, o *Pedro II*, fomos para o 11º RI. A sede do 11º RI era em São João Del-Rei, mas estava acantonado no Morro do Capistrano, na Vila Militar, na Cidade do Rio de Janeiro. O 11º RI tinha sido indicado Unidade Expedicionária.

No 11º RI fui para a 4ª Companhia, que estava sendo reorganizada. Seu efetivo tinha embarcado com o 6º RI, que foi para a Itália no 1º escalão. O pessoal vindo do Nordeste mobiliou a nova 4ª Cia. Seu comandante, até o fim da guerra, foi o Capitão Eryx Motta.

A preparação resumia-se na realização de marchas a pé e a exercícios de abandono de navio. Tinha sido feito, em Gericinó, uma espécie de pórtico, de madeira, onde treinávamos subida e descida em cordas, para o caso de “abandonar navio”. Em uma das marchas, em 3 de agosto de 1944, até o Recreio dos Bandeirantes, tivemos exercícios noturnos, com tiros traçantes. Eu, sargento, nunca vira tiro traçante antes. Durante esse período, tivemos, também, instrução de armamento, mas só víamos as armas, não fazíamos tiro real.

Quando chegamos ao Rio, ainda no quartel do 2º RI, tivemos a informação que o 6º RI, o 11º RI e o Sampaio estavam em manobras. O Sampaio e o 11º RI voltaram da manobra, mas o 6º RI, não. Enquanto os outros regimentos iam para os lados de Nova Iguaçu, Guaratiba, o Sampaio tomou um rumo diferente e embarcou em segredo. Ninguém soube. Alguns dias depois, em 16 de julho de 1944, a imprensa noticiou que o 1º escalão da FEB tinha desembarcado em Nápoles. Foi, para nós, um misto de prazer e surpresa. Não tivemos dúvidas de que nós, que estávamos na Vila Militar, iríamos também.

Nossa viagem foi no navio *General Meighs*. O Regimento Sampaio embarcou no *General Mann*, sendo ambos navios americanos, transportes de tropa. Viajamos comboiados: um destróier à frente, um cruzador atrás, três caça-submarinos de um lado e três caça-minas do outro. Durante a viagem os navios da escolta se movimentavam, girando em torno dos transportes, vasculhando a área, dia e noite.

A vida a bordo era um pouco difícil, não estávamos em um navio de turismo. Levava um Regimento, mais de cinco mil pessoas. Tínhamos três refeições por dia: café da manhã, almoço e jantar. Mas, não nos acostumamos com o paladar da comida, porém nos safávamos na cantina, que era farta. Eu comprava muita coisa na cantina.

Todos os dias, após o café, subíamos para o convés, porque o Corpo de Saúde ia passar revista nos alojamentos. Levantavam os beliches, desinfetavam os sanitários e o alojamento. Após o almoço, voltávamos para os alojamentos, até que às duas da tarde os alto-falantes davam início aos exercícios de abandonar navio. As pessoas de cada compartimento do navio subiam, de acordo com a chamada, indo, por caminho determinado, para um bote salva-vidas – tipo baleeira – no convés, também determinado. Isso era para que, no caso real, não houvesse confusão, todos querendo ir para o mesmo bote. Era o uso da psicologia, automação de hábitos.

No sétimo dia, ouvi um estrondo tremendo, que abalou o navio. Estávamos nos beliches, eram quatro níveis de beliches. O pânico se estabeleceu. Era gente pulando do beliche, correndo para a escada, capacete rolando pela escada abaixo. O alto-falante dizia: “Calma! Calma! É treinamento”. É treinamento coisa alguma, nós queríamos é chegar lá em cima, ao convés.

No convés, a tripulação americana estava a postos. Todos os canhões guarnecidos, o 210mm na proa, o 217mm na popa, os antiaéreos nos lados. O navio era uma fortaleza. No mar, os navios da escolta se desenvolviam em linha, atirando para um determinado ponto no mar. Os mastros estavam cheios de bandeirolas de sinalização, mas não sabíamos o que significavam. Quando chegamos à Itália, soubemos que um submarino tentou atacar o comboio, tendo sido afundado. A informação não foi dada na ocasião do ataque, porque poderia gerar medo, o que no caso de um segundo ataque poderia afetar o moral.

Mas havia outras atividades no navio, fora os exercícios. Sessões de cinema, algumas vezes à noite. Cultos católico e protestante. No décimo dia de viagem cruzamos a Linha do Equador. Foi um dia de festa. O General Cordeiro de Faria se fantasiou de Netuno e apareceu em todos os compartimentos do navio, andou no convés, para comemorar a passagem. Não foi uma viagem tão tediosa, havia sempre uma batucada, um violão, um pandeiro.

No décimo-segundo dia, entramos no Mediterrâneo e a escolta se separou. Foi um momento emocionante. As tripulações dos navios da escolta subiram para o convés. Ao som da música *Deus salve a América* nos despedimos.

Prosseguimos por mais dois dias e chegamos a Nápoles. A cidade estava destruída, a zona portuária arruinada. Não havia luz acesa à noite. Para entrar no porto o navio zigzagueava entre navios afundados. Proas, chaminés, mastros afloravam na superfície. Foi a nossa primeira visão da guerra. No cais não havia população alguma, os americanos policiavam. Lá de cima, do convés, víamos os jipes americanos passando na avenida que acompanhava o cais. Alguns civis italianos que trabalhavam ali pediam chocolate, cigarros. Nós jogávamos os cigarros, os chocolates, tínhamos muitos.

Depois de 14 dias de viagem estávamos doidos para desembarcar. Queríamos ir à terra. Dois dias depois desembarcamos. Seguimos pelo cais e embarcamos em umas barcas de transporte, pequenas, que levavam de 180 a 200 homens cada uma. Navegamos para o Norte, até Livorno. Olhando, de bordo, aquele comboio imenso, parecia, por um segundo, a “Invencível Armada”. Foram dois dias em mar revolto, houve uma forte tempestade. O mar passava de um lado ao outro, lavava o convés. O enjôo foi geral, o cheiro de vômito era terrível.

Livorno é um porto pequeno, fora reconstruído pelos americanos. Desembarcamos e fomos em caminhões americanos para Tenuta di San Rossore. Era a fazenda real de San Rossore, antiga propriedade do Rei da Itália, onde ele caçava. No meio dessas terras, havia quartéis dos carabinieri, onde ficamos acampados.

Passamos 45 dias nesse acampamento, adaptando-nos às condições americanas de alimentação. A comida era melhor que no navio, tínhamos tudo, nada nos faltava. Quando chegamos ao acampamento, as áreas para as cozinhas já estavam preparadas, como também para as barracas de oficiais e a sargenteação. Armamos nossas barracas de duas praças no local designado.

No acampamento, a área das privadas também já estava organizada, com linhas de 12 sanitários de assentos de madeira. Tudo permaneceu sempre limpo, os americanos jogavam dois litros de cal, por dia, nos sanitários.

Admiramos, desde o início a organização americana, a qualidade da água, das cozinhas, dos sanitários. Eles colocaram caixas d'água ao longo da avenida principal,

larga e arborizada com pinheiros, perto do nosso acampamento. A água era clorada, com a qual enchíamos nossos cantis. Os chuveiros tinham água quente. A comida chegava em um caminhão, à tarde, para ser confeccionada e servida no dia seguinte. Não se aproveitavam as sobras, o que não era comido era jogado fora. No dia seguinte, era outra alimentação, outro cardápio.

Os soldados eram proibidos de sair da área do acampamento, de ir em busca de mulheres, de beber água em poços e cisternas. Muitos poços tinham sido envenenados pelos alemães. Mas soldado é soldado. Tínhamos assistência religiosa, católica e protestante, sempre depois do jantar, por volta das 7 horas da noite.

Fizemos muitas marchas, em uma fomos até a Foz do Rio Arno. Eu, na ocasião, lembrei-me dos noticiários que vi na Paraíba, sobre os combates para a libertação de Pisa, na Foz do Arno. As estradas por onde passávamos eram pavimentadas, mas havia muitas crateras de bombas e granadas, muitos destroços de guerra. Havia minas por toda a parte, muitas placas indicando os campos minados. Fora do acampamento, logo depois das privadas era zona interditada, *off limits*, havia minas. A área, no tempo do Rei, fora também uma espécie de zoológico. Às vezes, nas marchas eu via uns dromedários. Um dia, ouvi uma explosão tremenda, fora um dromedário que pisara em uma mina. Foi um bom aviso para que todos respeitassem as placas de *off limits*. Os sargentos tiveram instrução sobre a bazuca, durante três dias. Depois, repetiram a instrução para os soldados.

Numa noite, o Capitão Eryx Motta nos disse que iríamos para o *front*. A área onde era o acampamento do Sampaio, mais próxima da cidade do que a nossa, estava vazia. O Sampaio tinha partido, era vez do 11º RI, o Regimento Tiradentes.

Desocupamos o acampamento à noite, partimos para Filettole. Passamos oito dias tendo instrução noturna, principalmente sobre patrulhas. A patrulha noturna é uma coisa horrível.

Partimos de Filettole, passamos por Pistóia e começamos a subir a montanha, aproximando-nos do *front*. Ao descermos a contra-encosta, chegamos a Porreta Terme, onde se instalara o Quartel-General avançado da FEB, que fica no fundo do vale. Seguimos e paramos em Granaglione, onde ficamos por três dias. Depois, prosseguimos para o *front*, fomos nos caminhões americanos até onde houve cobertura. Em seguida, continuamos a pé, pela montanha. Estávamos no outono, fazia frio e chovia muito. Eram cinco passos para a frente e dois para trás, o terreno estava encharcado. Começamos a caminhar às 17h30min e chegamos ao destino às 10h da noite. Fomos substituir a 2ª Companhia do 6º RI, comandada pelo Capitão Hélio Portocarrero.

Guanella era a posição mais próxima de Monte Castelo. A substituição foi feita com cuidado. A posição era num espigão, de onde ouvíamos os alemães corta-

rem madeira, decerto para fazer casamatas. Ouvíamos seus cachorros. O Capitão dizia para falarmos baixo, porque na montanha o som se propaga com mais facilidade.

Nós ficamos nos porões das casas. A Itália tinha, naquela época, 46 milhões de habitantes, a mesma população do Brasil. Era muito habitada. Nas montanhas, nos pequenos vales, havia muitas casas e aldeias. Chegar ao *front*, pela primeira vez, é um impacto. Daí em diante, não é mais brincadeira, estamos na guerra. Ir até a linha de frente, fazer patrulhas na “terra de ninguém” e atacar. Fazer prisioneiros ou tomar as armas automáticas do inimigo, nas suas trincheiras, com o perigo de entrar, nessa progressão, num campo minado, tudo junto, é um impacto.

Estávamos em Guanela há sete dias, quando o 1º Pelotão da minha Companhia, a 4ª, comandado pelo Tenente Mário Montanha Teixeira, um Oficial da Reserva, do Paraná, saiu em patrulha. Saiu às sete horas da noite, às dez estava destruída. Foi em 11 de dezembro de 1944.

Um sargento da patrulha pisou numa armadilha, *booby trap*, que explodiu. O sargento perdeu o calcanhar, os alemães foram alertados e começaram a metralhar a patrulha. Lançaram artefatos iluminativos, os *very light*. O Tenente ficou com a perna quebrada, seu substituto, o sargento, foi atingido por estilhaços de granada numa perna. Outro sargento, Miguel de Souza Filho, e o soldado Cosme Henrique dos Santos morreram.

O Capitão mandou o 2º Pelotão socorrer a patrulha, tinham que trazer os mortos e feridos, não podiam ser deixados lá. É muito difícil transportar um ferido nas costas, sob fogo de metralhadora, sendo iluminado por iluminativos. Trouxemos o sargento Miguel e os feridos. Ele era Comandante de GC, um homem tranqüilo. Era do Acre. Lá existe, hoje, uma rua com seu nome. Como foi servir em Campina Grande eu não sei. Foi substituído, na função, pelo cabo Armando Cunha, um excelente homem, até vir outro sargento do Depósito de Pessoal.

O cabo Cosme não foi encontrado. Só após a conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, seu corpo foi achado. Estava preservado pelo frio.

Na madrugada do dia 12 de dezembro, começou a chegar o pessoal do Sampaio, que ia atacar, pela terceira vez, Monte Castelo. Eu estava com minha peça de metralhadora .30, pois pertencia, nessa época, ao Pelotão de Petrechos da Companhia. Minha posição era numa ribanceira, acima do caminho de mulas que ia para Monte Castelo, chamado de “mulateira”. Do outro lado do caminho, o pessoal do Sampaio pedia para todos fazerem silêncio, mas o cantil batia... Eram muito “verdes”.

Os alemães desencadearam o bombardeio sobre nossas posições. Isso causou um abatimento em nossa gente. A Artilharia alemã, antecedendo a nossa Artilharia, abriu fogo antes da preparação. Por volta de duas da tarde, o pessoal do Sampaio

começou a voltar. Eu vi muitos mortos e feridos passarem de maca pela “mulateira”. Era o terceiro ataque sem sucesso sobre o Monte Castelo. Foi triste. Parecia que os alemães eram indestrutíveis, como pregava Hitler.

Nesse ataque, também nos faltou o apoio da aviação, pois só vi uma esquadrilha passar, três aviões, uma vez, pela manhã. Nada mais. O tempo também estava horrível, chovia e fazia cerração.

Isso marcou o soldado brasileiro. E a mim também, porque era a primeira vez que estava participando de uma operação real de guerra, embora não tenha progredido. Fiquei em posição com minha peça de metralhadora, apoiando o ataque.

Permanecemos no *front* até o dia 19. Começou o inverno. Na manhã daquele dia, tudo estava branco, coberto de neve, parecia que uma fada tinha transformado a natureza. Nesse dia, a 4ª Companhia foi substituída. Fomos para a retaguarda, para a segunda linha, para um descanso. Lá caíam granadas também e ficávamos nas trincheiras durante a noite, em C. di Fauro. Mas não fazíamos patrulhas. Ficamos nessa posição durante o mês de janeiro. As granadas passavam 24 horas por dia, todos os dias.

Os alemães queriam destruir a Ponte de Silla, que ficava na rota 64. A mesma ficava no fundo do vale, com 60m de altura. Eles a destruíram uma vez, os americanos a reconstruíram. Para impedir a observação alemã, os americanos queimavam óleo dia e noite, ficava tudo esfumaçado, nossas posições e a ponte. As granadas nos incomodavam, vinham chiando, nós nos abrigávamos. Quando o chiado era perto, era sinal de que estava caindo, nossos ouvidos ficaram educados em granadas.

Em 7 de fevereiro fomos para outra posição no *front*, para Giardina, nos Apeninos, sobre o Vale do Rio Marano. Ali permanecemos em operações, fazendo patrulhas. Esperávamos que quando chegasse a primavera existissem novos ataques. Estávamos em uma elevação. Após a contra-encosta, havia um vale. A nossa frente, no alto, estava Pietra Colora, uma posição alemã bem guarnecida. Nerechie, Santa Maria Villiana e outras posições menores completavam o dispositivo alemão. Sabíamos que íamos atacar aquelas posições, quando começasse o ataque geral da tropa brasileira, nas montanhas. Nessa situação soubemos da vitória em Monte Castelo, pelas comunicações de campanha.

Durante nossa permanência em Giardina morreu Frei Orlando. Ele estava-se deslocando de jipe, para assistir os soldados na linha de frente. Uma roda do jipe ficou presa, o fuzil do *partisan*, que estava destravado, bateu em algum lugar e disparou. Acertou no coração do Frei Orlando, que disse: “Estou ferido” e caiu. Estava com a mão no bolso, a qual segurava o terço. Assim morreu Frei Orlando, uma figura fabulosa, comunicativo, alegre. Todos os soldados gostavam dele. Ele comprou um cachimbo, na cantina, preto e amarelo, grande, parecia uma pipa. A turma

mexia com ele, diziam que iam contar para o superior dele que estava fumando. O seu superior era danado.

A vitória em Monte Castelo só foi possível porque atacamos junto com a 10ª Divisão de Montanha. A mesma atacou Belvedere, que dominava o Monte Castelo. Se a tropa brasileira, nos ataques anteriores, tomasse posse do Monte Castelo, seria dizimada pelos alemães de Belvedere.

Nessa época, em Giardina, no Vale do Marano, foram instalados postos avançados de escuta, que nós chamávamos de postos de observação na “terra de ninguém”. A 4ª Companhia teve que montar um desses postos. Quem ocupou o posto foi o cabo Miron de Vasconcelos, com quatro soldados. O Cabo Miron era muito meu amigo, um homem corajoso. Era pernambucano, contava muita anedota de pescador, histórias de vaqueiro, nós éramos do interior do Nordeste.

Essa missão era muito ingrata, o posto ficava isolado, avançando na “terra de ninguém”, no meio da neve. Nós, ao menos estávamos nas trincheiras. Mas o posto era necessário, ouvia as patrulhas alemães, observava os movimentos e nos informava. Certa noite chegou, vindo do Depósito de Pessoal, um Tenente para substituir aquele que tinha quebrado a perna na patrulha em Monte Castelo. Era um homem de mais de 40 anos, que não podia subir a montanha como nós, jovens. Ele também não aceitava o que dizíamos. Dizia que na guerra quem sabia era o Tenente. Nós estávamos vivendo a mesma vida, a mesma situação. Ele parecia não aceitar isso.

Avisamos ao Tenente que, ao entrar em uma casa, não fechasse uma janela, voltada para os alemães, se ela estivesse aberta. Se estivesse fechada deveria permanecer fechada. Que os alemães observavam tudo, que se a janela fosse fechada eles saberiam que tinha gente e bombardeariam. Foi também avisado para não chegar perto de janela aberta, voltada para os alemães, para não passar da metade do cômodo, pois os alemães o veriam.

Ele resolveu, numa noite, ir até o posto de escuta do Cabo Miron. O posto era numa casa isolada. Foi e não voltou, lá ficou. Pela manhã, lá pelas oito horas, uma granada explodiu, deixando-nos alerta; mais um pouco a segunda e não tivemos dúvidas: é no posto do Miron, perto da casa. A quinta explodiu na casa, foi telha para todos os lados. Nós queríamos saber como estava o pessoal, se havia mortos ou feridos, mas o fio do telefone foi cortado em algum lugar. À noite é que tivemos notícias deles. Eles se abrigaram no porão da casa, escaparam todos. Mas a causa do bombardeio foi que o Tenente chegou perto da janela para marcar na carta as posições alemães que estava vendo. Foi localizado. Uma das máximas da guerra é “ver sem ser visto”.

Preparamos o ataque a Castelnuovo. Os alemães esperavam que o ataque viesse da direção de Pietra Colora. Nesse ataque, eu comandava um GC, tinha deixado a

peça de metralhadora. Atuei como um verdadeiro infante, rastejando, abrigando-me para escapar do fogo inimigo. Eu me orgulho disso, fiz o que o infante deve fazer.

Foi o ataque mais brilhante da 4ª Companhia do 11º RI. O Capitão me chamou. Disse-me que a 4ª Companhia seria a primeira a ocupar a base de partida, que o 1º Pelotão seria o primeiro da Companhia e que meu GC seria o primeiro do Pelotão. Indicou a base de partida, era um barranco vermelho na estrada de rodagem. Estávamos em um vale, onde havia um rio, uma estrada de ferro e a estrada de rodagem. Entre as duas estradas existia uma macega, estava toda armadilhada com cordões de tropeço ligados a cargas de dinamite. As margens da estrada estavam minadas. O Capitão disse-me para escolher bem o caminho para a base de partida. Disse-lhe que levaria meu GC pela estrada.

Eram quatro horas da madrugada, a tropa foi acordada e começamos a preparar o ataque. Todos se prepararam rapidamente. Reuni meu GC e seguimos pela estrada, rumo à base de partida. Fomos com cuidado, procurando não pisar fora do asfalto, nem tão pouco no mato. Avançamos por lances, cruzamos uma ponte velha, continuamos até a base, sem qualquer incidente.

As companhias foram-se reunindo e, após a ação de nossa Artilharia a Infantaria partiu para o ataque. O restante de meu Pelotão, seu Comandante e os outros dois GC não tinham alcançado a base de partida. Progredi sozinho com o meu GC. O Capitão, então, mandou que eu me agregasse ao 2º Pelotão, que progredisse com ele. Assim foi feito. No meio da progressão, uma casamata barrava nosso avanço. O Tenente disse para que eu batesse a casamata com o fuzil-metralhadora do meu GC, para que pudesse atravessar. Conseguimos ultrapassar a casamata, aproveitando bem o terreno. Conseguimos continuar avançando, sempre sob fogo das “Lurdinhas”. Até que, às quatro horas da tarde, estávamos lá em cima, no alto, no moinho, que era o objetivo final da 4ª Companhia. Eu tive o prazer de rastejar até o objetivo, de abrigar-me dentro de um buraco, de orientar meu pessoal. Eu estava ali, era um infante mesmo, não era uma pessoa com uma metralhadora, ocupando uma posição estática.

Meu GC tinha doze homens, eu, um cabo e dez soldados. O Pelotão tinha três GC. Naquela ocasião, o 2º Pelotão atacou com quatro GC. Graças a Deus não tivemos baixas. Por minhas ações, nesse dia, fui condecorado com a Medalha Cruz de Combate de Primeira Classe, destinada aos que praticassem atos de bravura individual.

Após conquistarmos o objetivo, lá permanecemos. Comemos nossas rações de combate, contidas nas *scatolletas*, que eram pequenas latas. Pela manhã, quando tomávamos café, chegou o Tenente do meu Pelotão, que tinha-se extraviado com os dois GC. Ele disse para o Capitão que o Pelotão não tinha participado do combate. O Capitão retrucou que o Pelotão tinha participado da ação, que tinha estado presen-

te. O Tenente disse: “O sargento Vianna está perdido até agora; não sei onde ele está!” O Capitão disse-lhe: “Olha o Vianna ali, seu Pelotão participou do combate, o Vianna esteve presente.” O Tenente gaguejou, desculpou-se, disse ter havido uma desorientação. Terminamos o café.

Depois de Castelnuovo prosseguimos, o alemão recuando, descendo a montanha, para cotas mais baixas, para Montese. Nossa Infantaria se reagrupou e completou os claros com homens do Depósito de Pessoal, da retaguarda. Durante esse período, até abril, recomeçamos as patrulhas.

Montese era a posição mais forte que barrava o itinerário para o Norte. O ataque principal em Montese foi feito pelo 11º RI, apoiado por um Batalhão do 6º RI e outro do Sampaio. Foi um combate cruento, os alemães estavam bem entrincheirados, havia campos minados em redor das cidadelas. Muitos dos nossos ficaram presos nos campos minados, outros morreram, outros perderam a perna. Em Montese, aquele Batalhão que tinha abandonado suas posições, em Monte Castelo, redimiou-se. Recuperou-se totalmente. Depois de Montese seguimos para Montebuffone e Montechio, elevações mais baixas e à direita de Montese. Os alemães se retiraram para o Vale do Rio Pó. O Esquadrão de Reconhecimento, do Capitão Pitaluga, foi em sua perseguição.

Recompletados os claros, seguimos para o Vale do Rio Pó. Entrávamos nas cidades, as pessoas nos saudavam nas ruas: *Brasiliani liberatori*, batiam palmas. Diziam também há quanto tempo os alemães tinham abandonado a cidade. Queriam nos abraçar, um delírio.

Chegamos ao Vale do Rio Panaro. Do alto das colinas víamos o rio, com a ponte destruída e uma cidade com casas de tetos vermelhos. Parecia que as casas eram recém-construídas. Em cima de cada casa uma bandeira branca. Nós interpretamos aquilo como sinal de que os alemães não estavam mais lá.

Como o rio dava vau, passamos nos caminhões, paramos ao longo da estrada para refeição. Havia uns camponeses por perto, porque já era planície, com seus instrumentos de trabalho, com um ar desconfiado. Perguntamos a eles se a cidade estava abandonada, pois não se via ninguém nas ruas. Eles disseram que a cidade estava habitada, mas as pessoas se encontravam em casa, com medo, porque os alemães tinham dito que os brasileiros eram canibais. Eles, que tinham-se retirado há dois dias, disseram que os brasileiros comiam as crianças. Nós ficamos revoltados com o desaforo, queríamos ir até a cidade. Mas o Capitão Motta não deixou, disse-nos que a cidade era terra conquistada, que nossa missão era ir em frente. O nome da cidade era Vignola, às margens do Rio Panaro. Nas outras cidades fomos bem recebidos.

Prosseguimos – o II Batalhão – para Collecchio. Em 27 de abril o 11º RI combateu em Collecchio, não foi um combate fácil. Os alemães tinham uma forte vanguarda para proteger o grosso de suas tropas, em retirada. O 11º RI foi empregado porque o Esquadrão de Reconhecimento estabeleceu o contato, sendo detido. Chegamos ao anoitecer, chovia. Uma estrada larga, como uma avenida que penetrava na cidade. Havia uma igreja bonita, como se fosse nova, no alto. Lá os alemães tinham um observatório. À noite, cerramos o material, para no dia seguinte atacarmos. Na entrada da cidade, na estrada havia um moinho, de três andares, onde estavam ninhos de metralhadoras. A missão da 4ª Companhia era acabar com a resistência alemã no moinho. As outras companhias receberam outras missões. Tivemos de desalojar os alemães com granadas de fuzil. Começamos o ataque às sete horas, às onze horas o moinho estava tomado. Nós progredimos pela cidade. Ao anoitecer, Collecchio estava limpa. Fizemos vários prisioneiros.

No dia seguinte o 6º RI combateu numa cidade próxima, Fornovo di Taro. Essa ação bloqueou a rota de fuga de uma Divisão alemã, a 148ª, que vinha de Spezia, no golfo de Gênova, tentando passar para a Áustria. Mas a FEB se desenvolveu de modo a fechar a passagem. Os alemães tentaram negociar a rendição, mas o Coronel Nelson de Mello, Comandante do 6º RI deu duas horas para que se rendessem. Passado esse prazo, nós retomáramos o combate. Os alemães pediram para que parassem os ataques aéreos. Estavam na estrada, em colunas, um alvo perfeito para os aviões. Vieram para nossas linhas, com bandeiras brancas. Disseram que seu Comandante aceitava as condições brasileiras, que ele queria apenas se entregar por último.

A rendição foi feita nos campos, sob os faróis dos jipes, que ficaram estacionados em semicírculo, como uma meia-lua. Varou a noite, a madrugada, até o dia seguinte vinham tropas alemães se render. Depositavam as armas, iam para a retaguarda em caminhões americanos. Foram capturadas, ainda, tropas de uma Divisão Panzer e de uma Divisão italiana. Dois generais, um alemão e um italiano, se renderam para nós.

Foi uma vitória extraordinária. O V Exército americano, do qual a FEB era integrante, tinha, com a mesma, oito divisões. Cerca de duzentos mil homens, dos quais vinte e cinco mil eram brasileiros. Passada a guerra e avaliado o desempenho dessas tropas, a FEB se destaca. Nenhuma outra Divisão, do V Exército, teve feitos tão memoráveis. Montese foi o maior combate e o aprisionamento da 148ª Divisão foi o segundo maior feito da FEB e do V Exército, também.

Feitos de uma tropa que chegou desacreditada. Mas que se superou, que aprendeu muito. O soldado brasileiro se agigantou. Nunca vi um soldado reclamar de ter ido para a guerra, nem na minha Companhia, nem no meu Pelotão, nem no meu

GC. Estavam sempre dispostos a cumprir qualquer missão, até mesmo a de esclarecedor de uma patrulha. Essa é a missão mais árdua para um soldado, ele é o sacrificado. Mas o pessoal ia, não fazia cara feia.

Depois que o homem se acostuma ao combate ele sente, quando as coisas se acalmam, falta da confusão, do tiro por cima. Quando estávamos na posição de Guanela, onde apoiamos o terceiro ataque do Sampaio a Monte Castelo, aconteceu isso. Tínhamos passado 19 dias em posição, em contato cerrado com o inimigo. Fomos substituídos, viemos para uma posição de segunda linha, onde fazíamos patrulhas e, à noite, ficávamos em trincheiras. Dali fomos para um setor, onde o silêncio, a calma, eram absolutos. Ficamos inquietos porque não ouvíamos o matraquear da “Lurdinha”, nem o silvo das granadas. O homem se acostuma com todas as situações. Outra vez, em Vignola, também havia calma e silêncio. Dava a impressão de que estava tudo desocupado, que não havia alemão algum por ali. Nesse local perdemos dois soldados.

Eles tinham voltado do hospital e ficaram no Grupo de Comando, junto ao Capitão. Como eram do 3º Pelotão, o Tenente Bezerra pediu ao Capitão Motta que os soldados retornassem para seu Pelotão. O Capitão precisava deles, mas o Tenente insistiu. O Pelotão estava com claros, havia homens sozinhos no *fox hole*, quando, pela tática devem ficar em dupla. Os homens retornaram ao pelotão. Ao amanhecer, estavam mortos. Os alemães, do alto de suas posições, observavam tudo com seus binóculos *Zeis*, os mais poderosos da época. Viram aqueles dois soldados cavarem, durante o dia, um *fox hole*. Marcaram a posição e à noite mandaram 26 granadas no local. O mesmo que estava, até aquele momento, tão tranquilo.

Tivemos de nos acostumar, também, com o clima terrível. Frio e chuvoso no outono, gélido no inverno. Muitos ficaram com pé-de-trincheira, que é o congelamento do pé. Muita gente ficou mutilada, perdeu o pé. Eu tive pé-de-trincheira, mas não foi muito grave.

Foi em dezembro, na véspera do Natal. Fui tratado na Companhia de Tratamento. Esta ficava junto do QG avançado em Porreta Terme. Fiquei uma semana em tratamento. Como os alemães bombardeavam constantemente a área, procurando atingir o QG, a Companhia de Tratamento ia-se mudar para Pistóia, para o outro lado da serra. Lá estava há uma semana, quase bom, quando o Capitão médico me perguntou se eu queria ir para Pistóia. Eu não quis, queria voltar para o *front*, para minha Companhia. Ele me deu gaze, talco e mandou que eu fizesse o curativo durante o dia. Deu-me também um vidrinho de whisky, para que eu tomasse uma dose de manhã, ao meio-dia e à tarde, para esquentar o corpo. Recomendou-me para que eu não ficasse em posição na trincheira, até ficar completamente curado. Se eu fosse para Pistóia ficaria lá uma semana. Passaria 15 dias fora da minha Companhia. Por

isso, não voltaria para esta, iria para o efetivo de recompletamento, com o risco de ser designado para outra Subunidade. Ao invés de querer ficar na retaguarda, eu queria ir para o *front*. A guerra é diferente do que se imagina; nenhum soldado da minha Companhia, que baixou hospital, queria ficar na retaguarda. Todos voltaram para a Subunidade.

Quando anoiteceu, fui de jipe até o PC do Batalhão e, de lá, fui para o meu Pelotão. Duas noites depois o Capitão pediu ao Tenente Ruy de Oliveira Fonseca, Comandante do Pelotão de Petrechos, que minha peça de metralhadora fosse para Gaggio Montano apoiar o Sampaio. O Tenente Ruy disse que eu ainda não estava curado. Mesmo tendo o Capitão insistido, ele o convenceu de que eu não devia ir. A missão foi cumprida pela peça do Sargento Quadros.

O Tenente Ruy era um homem simples, que não descansava enquanto não resolvia o problema de seus subordinados. Seu Pelotão, o de Petrechos, tinha duas peças de metralhadora .30 e duas de morteiro 60mm. Ele era inteligente, uma pessoa extraordinária, não era agressivo. Atualmente é Major da Reserva, advogado e da diretoria da ANVFEB. Com ele eu serviria novamente.

O relacionamento dentro de nossa Companhia era bom. O Capitão Eryx Motta, era um homem sério, seguro. Foi nosso Comandante durante toda a campanha. Nossos oficiais foram verdadeiros guias, agiam como conselheiros, orientadores. Vivíamos como numa família; no *front*, os mesmos perigos que o soldado tinha, o Oficial tinha também. Isso entrelaçou-nos bastante. Por isso, mantemos amizade até os dias de hoje.

Nós aprendemos muito com os americanos, assimilamos o comportamento deles, um povo mais evoluído e com muito maiores recursos. Tinham também quatro anos de experiência de guerra. Seus recursos eram fabulosos. Um Exército em que todo mundo comia peru no Natal, no Ano Novo, no Dia de Ação de Graças e no aniversário do Presidente Roosevelt; era muito rico. Não deve ser fácil servir peru para duzentos mil homens no mesmo dia.

Nós tivemos um bom relacionamento com os italianos, do mais elevado nível possível. Duas foram as causas básicas disso. Primeiro a língua, muito parecida com a nossa, com muitas palavras iguais, ambas latinas. Segundo, a religião, a tradição religiosa católica, que muito nos aproximou dos italianos. Ainda havia, em muitas cidades italianas, pessoas que tinham parentes no Brasil, em São Paulo e em outros lugares. Eu mesmo conheci uma família, Garófalo, que antes da guerra morava no Ceará. Foram para a Itália tratar da esposa, que estava doente. Ela morreu, ficaram na Itália o pai e os filhos. A filha mais velha era formada em Magistério pela Escola Normal de Fortaleza. Eram duas filhas e um rapazinho, que estava com 14 anos.

Conversei com eles no Norte da Itália, eles nos acompanharam até o acampamento em San Rossore. Queriam voltar para o Brasil. Essas pessoas não puderam viajar imediatamente. Depois do retorno da tropa é que nosso governo tratou dos problemas dos civis. Foi prudente. Mesmo as italianas que casaram com febianos, e foram muitas, só puderam vir para o Brasil, depois.

Após as ações em Collecchio e Fornovo acabou a guerra na Itália. Nossa tropa fez contacto com tropas francesas, na fronteira, na Cidade de Susa e regressou. No dia 2 de maio de 1945, as cidades italianas comemoravam o fim da guerra. Diziam: *Finita la guerra*. Nossa missão estava terminada.

Após o término da guerra, cada Regimento da FEB foi para uma cidade. Ficamos em Alessandria, num quartel que tinha sido da tropa fascista. Era muito bom, havia água encanada. Esperava-se que o porto de embarque fosse Spezia, próximo a Gênova. Depois, foi definido que o embarque seria em Nápoles, mais ao sul. Fomos de trem até Roma, de lá para uma estação chamada Sparanise. Dessa estação fomos até Francolise, que fica na beira da estrada que liga Roma à Nápoles, era famosa no tempo do Império Romano.

Ficamos em Francolise quase três meses aguardando o embarque. A primeira Unidade a embarcar foi o 6º RI, após quase um mês de espera. Foi a primeira a chegar e a primeira a partir. Embarcou em julho, o Sampaio em agosto e o 11º RI, em setembro.

A chegada ao Rio foi monumental. A primeira emoção foi quando o alto-falante do navio avisou: “Estamos aproximando-nos da costa brasileira.” Até hoje me emociono. Depois, foi quando começamos a ver outros navios, as montanhas do litoral, cada vez mais nos aproximando da entrada da barra do Porto do Rio de Janeiro. O Pão de Açúcar, depois o Cristo Redentor, entramos na Baía de Guanabara. Navios menores, embarcações, barcos de regatas do Vasco, com seus remos levantados ladeavam nosso navio. A Fortaleza da Lage disparou seis tiros, saudando-nos.

Uma beleza! Ao desembarcarmos, a Legião Brasileira de Assistência já tinha montado uma mesa, ao longo da Avenida Rodrigues Alves, cheia de lanche, para nós. Desembarcamos já com o fuzil a tiracolo, lanchamos e desfilamos. Desfilamos pela Rodrigues Alves, Rio Branco até a Candelária, Presidente Vargas, passamos pela Central do Brasil, demos a volta e pegamos os trens que nos esperavam. O povo nos aplaudia!

Fomos de trem para a Vila Militar, para os galpões do Morro do Capistrano, de onde tínhamos saído.

Eu poderia ter continuado na ativa, mas pedi licença. Quando fui convocado, estava terminando o curso ginasial. No tempo em que fiquei servindo, antes da vinda para a FEB, nunca pude estudar. Eram prontidões, marchas, tempo integral.

Assim, imaginei que nunca poderia estudar sendo militar. Pedi licença por isso, queria estudar.

Houve uma lei que possibilitou o acesso à Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo, aos sargentos da FEB, com até 21 anos e que tivessem cursado até a quarta série ginásial. Para os que tinham cursado até a quinta série o acesso era para a Escola Militar. Estes teriam direito a vencimentos, enquanto os outros da Escola Preparatória, nada receberiam. A lei era injusta, foi malfeita. Isso porque tinha havido uma reforma do ensino, feita por Gustavo Capanema, em 1942, causando modificações nas séries escolares. Acabou-se com a quinta série do ginásio, criaram-se os cursos clássico e o científico. Isso acabou, em relação ao acesso às Escolas Militares, prejudicando alguns.

Fui para a Escola Preparatória, mas pedi desligamento. Eu me julgava muito superior àqueles meninos: eu tinha vindo do *front*, era maior de idade e, além do mais, não tinha ordenado e eu era pobre. Não podia ficar lá. Fui morar com um irmão, na Rua dos Araújo, no Bairro da Tijuca, Cidade do Rio de Janeiro. Fiz concurso para o IBGE, passei, fui trabalhar lá. Fiz vestibular para a PUC, passei. Fiz o curso de Filosofia, com uma bolsa de estudos para Ex-combatentes, dada pelo governo federal. Eu trabalhava de dia e estudava de noite.

Depois de formado, trabalhei muitos anos no Colégio Nova Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas. Nesse colégio, desenvolvi muitas atividades pedagógicas pioneiras, como estudo dirigido, uso de *slides* e transparências nas aulas. O Colégio Friburgo foi um colégio padrão por muitos anos. Até professores do Colégio Militar nos procuravam para aprender novas técnicas de didática.

Relembrando a FEB, ressalto que não fomos fazer um passeio no além-mar. Pela primeira vez, o Exército Brasileiro transpôs o Atlântico para lutar do outro lado, em outro continente. Isso é muito importante para nós. A tropa que fez isso desincumbiu-se bem da missão.

Na Itália, quantas vezes meditávamos que estávamos representando os 46 milhões de brasileiros. Meditávamos que tínhamos de ser dignos daquela confiança. Nem todos puderam vir, então nos mandaram. Somos nós que temos de desempenhar essa missão. Isso fazia com que estivéssemos bem ciosos, bem conscientes, de nosso papel de combatentes.

Cinquenta e seis anos são passados e nós vemos que, nas escolas, os alunos não sabem muito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nossos universitários não sabem também. É preciso que os acontecimentos passados na Itália, naquela época, sejam do conhecimento da população.

Pude narrar alguma coisa do que vi nos campos da Itália.

Primeiro-Tenente Miguel Ferreira de Lima*

Nasceu na Cidade de São Gonçalo do Pará, Estado de Minas Gerais. A fim de dar continuidade a sua vida escolar, transferiu-se para Belo Horizonte, onde concluiu o primário no Grupo Escolar Olegário Maciel e, posteriormente, o Ginásio no Ginásio Mineiro, hoje em dia, Colégio Militar. Em meados de 1939, o 10º Regimento de Infantaria, com sede naquela Capital, estava recebendo voluntários para completar o efetivo de uma Unidade de Artilharia da 2ª Região Militar, ocasião em que se apresentou como voluntário, aos 17 anos, sendo incorporado ao efetivo do 6º Grupo de Artilharia de Dorso – Quartel em Quitaúna – SP. Dez meses após, já praça pronto, foi transferido para o 1º Grupo de Artilharia de Dorso – Quartel em Campinho – RJ. No 1º GADO, encontrou oficiais brilhantes como os irmãos Andrada Serpa. Por indicação do Ten Antonio Carlos de Andrada Serpa, foi selecionado para o curso de Cabo, seis meses depois promovido a esta graduação e matriculado no Curso para Sargento. Em 5 de fevereiro de 1942, já com a população do Rio de Janeiro assustada com o noticiário da guerra e grande movimento de tropa por toda cidade, foi promovido a 3º sargento, quando assumiu o comando de uma peça de Artilharia de uma das Baterias do 1º GADO, depois II Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (II/1º RO AuR), com o qual integrou a FEB na Campanha da Itália. Só deixou esta função após o término daquele amplo conflito que abalou o mundo. Passou para a reserva, em 1950, sendo promovido a 1º Tenente. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu a Medalha de Campanha e a de Guerra.

* 3º Sargento Chefe de Peça da 1ª Bateria do II Grupo de Obuses 105mm, entrevistado em 12 de abril de 2001.

Entrei no Exército como voluntário, em 1939, no 6º Grupo de Artilharia de Dorso (6º GADO) de Quitaúna. Foram 43 anos de serviço, sem sequer uma repreensão. Sou do interior, de Barbacena, de origem simples. Tenho muito orgulho de ter sido da FEB, bem como de minha vida militar. Sempre gostei e continuo gostando muito do Exército. Estava servindo no Rio de Janeiro, no II Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (II/1º RO AuR), quando esta Unidade foi designada para participar da FEB.

Nessa época, cumpríamos um rigoroso programa de instrução, indo quase diariamente para Gericinó, onde tinha sido construído, inclusive, um navio para instrução. Nosso Comandante era o Coronel Geraldo Da Camino, a quem coube conduzir a Unidade durante toda a campanha da Itália. Ele seguia o programa de instrução, dando prioridade a tudo que se relacionasse com a guerra.

Os oficiais da Unidade eram entusiasmados. Eu me dava muito bem com todos eles, em especial com os irmãos Serpa, os tenentes José Maria e Antônio Carlos de Andrada Serpa. Eles eram de Barbacena também. Eu servia na 3ª Bateria, que era comandada pelo Tenente José Maria de Andrada Serpa. Após sua promoção a Capitão nossa Bateria foi mandada guarnecer Cabo Frio. Éramos 150 homens, sendo quatro sargentos-chefes de Peça. Eu era um deles. Ter sido sargento-chefe de Peça é outra coisa de que me orgulho. Nosso material era o canhão 75mm Schneider, alemão, conduzido por muares.

Quando a Unidade foi designada para a FEB, retornamos de Cabo Frio. A Unidade passou a ter a denominação de 2º\1º RO 105 AR, sendo todo o seu material substituído por material americano, os canhões por obuseiros 105mm. Junto dos obuseiros vieram os caminhões, o material de comunicações, a Central de Tiro, entre outros.

Para mim, como Chefe de Peça, a mudança de material não trouxe dificuldade. Bastou estudar um pouco para logo aprender. A nomenclatura, o mecanismo da culatra e o do freio recuperador é que eram um tanto diferentes e mais fáceis de se lidar. O resto era semelhante.

Com o novo material, passamos a nos preparar objetivamente para a guerra. Foi menos cansativo que anteriormente, pois íamos de viatura para o Campo de Instrução. Antes era a pé, puxando o muar. Não havia falta de munição ou de gasolina para a instrução, aquela coisa de pobre, que era normal antes.

Fui transferido para a 1ª Bateria, a do Capitão Mario Lobato, a qual muitos reservistas e sargentos reconvocados vieram mobiliar. Muitos deles se destacaram na FEB.

Nosso Grupo possuía três Baterias de Obuses, uma de Comando e uma de Serviços. A FEB recebeu três Grupos 105 AR, para compor a Artilharia Divisionária, e três Baterias, uma por Regimento de Infantaria, chamada de Companhia de Obuses.

Esse material foi recebido aqui no Brasil e, com o mesmo, nos instruímos. Mas não o levamos para a Itália, ficou aqui. Lá, recebemos material novo, em Tarquinia, ainda selado. Foi recebido, também, o material 155mm do outro Grupo da AD, o de ação de conjunto, por ter maior alcance.

Antes do embarque, foram feitos muitos exercícios de simulação de embarque. Nessas ocasiões, a tropa saía dos quartéis à noite ou pela madrugada, embarcada nos caminhões e ia para o cais do porto.

Nosso Comandante, o Coronel Da Camino, ia conosco. Ele era um homem extremamente dedicado ao Exército, muito humano, que não perseguia quem quer que fosse, apesar de estar, constantemente, depois do expediente, no quartel, fazendo rondas, para saber como tudo transcorria.

Aqueles exercícios me inspiravam confiança. O movimento de viaturas, o pessoal armado de fuzis, metralhadoras. Era para acostumar o povo, para não se saber quando seria o verdadeiro embarque. Algumas vezes embarcávamos em um navio, saíamos pela Baía da Guanabara e, após algumas horas, retornávamos para um cais distante, lá no final do Caju. Voltava todo aquele comboio imenso de viaturas, com a soldadesca armada. Não era só o nosso Grupo, eram todas as Unidades da FEB. Vinham os generais, o Estado-Maior. Parecia que o Brasil estava em guerra, que a guerra era aqui.

Éramos uma tropa disciplinada. Mesmo os soldados que vinham dos outros Estados para assistir aos exercícios da FEB se comportavam bem, respeitavam a população civil. No estrangeiro, a disciplina também foi excelente. Nossos soldados demonstravam seu amor à Pátria, bem como lá fora o homem vê as coisas de maneira diferente. Ele vê o que poderia ocorrer em sua terra, quando a guerra acontece em seu território – a miséria, a doença, a prostituição, que constatou na Itália. Nossos oficiais tratavam-nos com toda educação, respeitando-nos como seres humanos.

Nosso Grupo foi do 1º Escalão da FEB, estava na primeira tropa que embarcou para a Itália, fomos no navio *General Mann*. A viagem transcorreu sem incidentes, com muitos exercícios a bordo, desconforto e enjôo. Pior que a viagem foi o que sofremos ainda aqui no Brasil, com as atitudes de algumas pessoas. Procuravam desmoralizar a FEB, ridicularizando-a. Eram piadas, até no rádio, afirmando que “a FEB vai, mas não vai”. Eram músicas dizendo que a FEB não era de nada, coisas assim. Diziam que isso vinha da quinta-coluna, daqueles que faziam, com muito empenho, o jogo do inimigo.

Após a viagem, desembarcamos em Nápoles. Dali, seguimos para a região de Livorno, onde acampamos em Vada. Recebemos os obuseiros e o restante do material da Unidade. Iniciamos, então, um programa de instrução. Cada Bateria recebeu um

capitão e um sargento americano. Eles não falavam português, mas alguns dos nossos soldados falavam inglês e outros arranhavam, desse modo foram dadas as instruções. Nesse período, aprendemos muita coisa que não era aplicada aqui. Lá, uma marcha de 30km tinha 60km, pois havia a volta também. Fomos marchando, com os instrutores americanos, até um balneário no Mar Tirreno, Staffoli, perto de Livorno, onde a tropa de Reserva da FEB ficou acampada. As baixas eram substituídas por pessoal vindo dessa tropa. Nosso Grupo voltou com o efetivo completo, pois sempre re completávamos as baixas.

Em Vada, perto de Pisa, fizemos os treinamentos previstos com os americanos. Até que, numa tarde, numa plantação de uvas, o Capitão Lobato reuniu a Bateria e falou para todos. O Capitão era um homem de cerca de quarenta anos, que deixara no Brasil a esposa grávida. Quando chegamos à Itália, ele recebeu a notícia de que seu primeiro filho havia nascido. Assim, naquela tarde, ele nos falou com emoção, sobre nossas responsabilidades, sobre o amor à Pátria, disse-nos que, naquela hora, começava nossa guerra de verdade, que iríamos cumprir nossa primeira missão, entre outras palavras mais. Após o Capitão falar, nós todos nos congradamos, apertando as mãos e nos abraçamos.

O Comandante da Linha de Fogo da Bateria era o 1º Tenente R/2 Alceu Grisole. Ele foi o CLF durante toda a guerra. Era paulista, dono da Companhia de Anilina de Cubatão, um homem rico. Ele era engenheiro químico, assim preparou uma tinta verde, especial, capaz de detectar gases venenosos. Pintamos com a mesma retângulos nas flechas dos obuseiros. Caso os alemães atacassem com gases, nós seríamos alertados. Naquele momento, além do Capitão e do CLF, estavam reunidos conosco os tenentes Heraldo Portocarrero e Ramiro Moutinho, ambos observadores avançados.

A Bateria formou sua coluna, iniciando o deslocamento, integrada ao Grupo. Anoitecia, logo nos deslocávamos na total escuridão, tendo apenas os farolites acesos. O Coronel Da Camino, às vezes, controlava o trânsito das viaturas, ao longo do itinerário. Íamos próximos do mar, na parte esquerda da frente, passando por Staffoli e Livorno, chegamos à região de Camaione. Entramos em posição à noite, com os guias nos dirigindo com bandeirolas brancas, em posições já balizadas anteriormente. Aguardamos em posição durante toda a madrugada. O pessoal, tenso, ansioso por abrir fogo. Os comandos de tiro custaram a chegar, pois os observadores avançados tinham dificuldade para determinar as posições do inimigo. A missão de observador avançado é muito perigosa. O Tenente Ramiro Moutinho estava em Torre Nerone, uma posição que era constantemente bombardeada pelos alemães. Por volta das 14 horas, após termos comido nossas rações K, vieram os primeiros comandos da Central de Tiro (C Tir).

No primeiro disparo da Artilharia da FEB, o próprio Capitão Lobato puxou o cordel do gatilho da minha peça. Ele disse, para nós, na ocasião, que queria deixar sua marca. Este foi o nosso batismo de fogo. A missão de tiro foi cumprida; isso foi em 16 de setembro de 1944, exatamente às 14 horas e 22 minutos, o que ficou para a história do Exército.

Ainda na região de Camaione, entramos em posição em Pietra Santa, para apoiar o destacamento da FEB, quando o mesmo substituiu uma tropa americana. Essa tropa, da Divisão Buffalo, não tivera um bom desempenho, face a uma ação agressiva dos alemães, cedendo terreno. No dia seguinte à substituição, o 6º RI atacou os alemães, recuperando o terreno perdido. Nós demos apoio de fogo ao 6º RI, éramos sua cobertura. Nessa ocasião, chovia muito, ficamos com os terraplenos cheios de água e com água pelo joelho. Mas não ficamos doentes, aliás a tropa era saudável, o médico teve pouco trabalho conosco. Nós sabíamos que não podíamos ficar doentes e, por isso, cuidávamos da saúde. A proibição, pelo V Exército americano, de que se freqüentasse casas de prostituição era respeitada, pois o pessoal sabia que se estava buscando o seu bem.

A Divisão Buffalo era composta por soldados e sargentos negros e por oficiais brancos. Havia uma separação muito grande, racismo mesmo, pois os americanos não tinham lei sobre isso e faziam diferença entre as pessoas. Não eram como nós, acostumados a negros e brancos se abraçarem, tendo, todos, amor pela Pátria, sem ressentimentos.

O Destacamento FEB, nessa época, era comandado pelo General Zenóbio da Costa. Em sua composição, havia o 6º RI, o nosso Grupo – cuja designação mudou de II/1º RO AuR para a II Grupo de Obuses –, uma Companhia de Saúde, outra de Engenharia e uma outra de Manutenção.

A região da Itália onde estávamos era a Toscana, onde ficam Pisa e Florença. É a região do Rio Arno. Uma vez em que tivemos que cruzar o Arno, havia uma ponte muito danificada, sendo reparada pela nossa Engenharia. Alguns homens cruzaram o rio em balões. Eu cruzei de caminhão, depois de a Engenharia ter liberado a ponte para o tráfego. Havia muitas minas também, espalhadas por todos os lados. A nossa Engenharia procurava as minas e as neutralizava, desmontando-as. Eu, que não tivera instrução para isso, quando via uma, atirava, a uma certa distância, na mesma, fazendo-a explodir.

Depois das operações na área de Camaione, deslocamo-nos para a região de Barga, perto de Lucca. A coluna do Grupo ia pela estrada, ao longo de um rio. Em determinado momento, havia um túnel e, em seguida, uma ponte muito alta, um tanto danificada, sendo reparada pela Engenharia. Na entrada do túnel, havia pla-

cas, em inglês, que indicavam estar o túnel minado. A coluna parou. Na outra margem da estrada, havia uma mata, algumas plantações de milho e umas casas abandonadas. Havia muitas crateras de granadas no chão, mas nenhum sinal de tráfego de viaturas por aquele terreno.

Foi então que chegou, num *jeep*, o General Zenóbio. Ele deu ordem para que fosse aberta uma picada na mata, até atingir a estrada do outro lado, desbordando o túnel. A estrada levava a um lugar chamado Fabrica. O Coronel Da Camino mandou fazer a picada, uma trilha para os caminhões. Feita a trilha, as viaturas iniciaram o deslocamento no novo caminho. Acontece que o terreno na Itália é muito velho, é trabalhado pelo homem há milênios. Chove e o terreno se transforma imediatamente num lamaçal. As cinco Baterias atolaram.

Passamos quatro dias atolados. No terceiro dia, o motorista da minha peça, Carlos Gonçalves, acabou achando, na mata, um trator de esteiras. Levou-me para ver o trator. Era um D7, Caterpillar, amarelo, já meio enferrujado. Ele queria mexer no trator e eu lhe dizia que tivesse cuidado, pois podia ser uma armadilha. Mas logo ele estava mexendo, verificando o estado da máquina. Faltava bateria e não havia combustível. Colocamos a bateria do meu caminhão, arrumei um galão de óleo diesel com um sargento americano. Fizemos o trator funcionar, mas não andava, parecia ter problemas na transmissão. O Carlos Gonçalves, antes da guerra, era motorista do ônibus Méier-Penha. A sua seleção ocorreu porque era um excelente motorista e mecânico também. Com uma gargalhada gostosa, disse que nós íamos tirar aqueles caminhões dali. Assim, retirou a tampa da caixa de marchas do trator, arrumou uma lixa, não sei onde, lixou o eixo primário. Resumindo, consertou o trator, com o qual desatolamos todas as viaturas e passamos para o outro lado, cruzamos a ponte e chegamos a Fabrica.

Durante esses quatro dias colhi milho verde, que comi juntamente com os queijos, já roídos pelos ratos, que achamos nas casas abandonadas. Eu até pensei em levar o trator comigo, mas não era permitido. Mas pensei: “Se acontecer de novo, volto aqui e pego o trator”.

O brasileiro é um homem versátil, ele aprende tudo. Na minha peça cada um sabia fazer todas as funções, uns dos outros. Isso facilitava a operação continuada, pois eu os organizava em duas turmas. Tinha três cabos e treze soldados sob meu comando.

Prosseguimos, então, nosso deslocamento e atingimos a região de Barga. Estávamos em um setor aberto, não havia tropa amiga na nossa frente. A FEB ainda estava incompleta. Faltava chegar ainda muitas tropas. Assim, os alemães poderiam avançar por aquela área desguarnecida. O Capitão Lobato determinou que eu pegas-

se um *jeep* e quatro metralhadoras .50 e os quatro cabos da C Tir da Bateria, para fazer uma vigilância no setor mais desprotegido da região. Minha peça ficou com o sargento Lourival Rodrigues, que era da C Tir da Bateria. Naquela ocasião, como a Bateria estava integrada ao Grupo, a sua C Tir não precisava funcionar. Coloquei as metralhadoras em posição, separadas de uns 800m, de forma a poderem bater a brecha. Lá ficamos três dias, no frio, comendo ração em lata. Era ração americana, onde havia chocolate em barra e cigarros. A comida vinha em latinhas, as *scatolettas*. Era assim que as chamávamos. Cada latinha era um tipo de comida, havia uns números que indicavam o tipo da comida. Uma latinha bastava para alimentar, tirava a fome e era sadia.

Fiquei três dias nessa missão, depois retornei para a Bateria. Felizmente os alemães não vieram.

Logo depois, recebi ordem de acompanhar o Tenente Heraldo Portocarrero em um reconhecimento de futuras áreas de posição, ao longo da estrada 64, que os americanos chamavam de rota 64. Esta é a estrada que passa por Pistóia, Porreta Terme, Vergato e Bolonha. Foram uns 120km de reconhecimento, sentindo muito frio, ainda mais no *jeep* em movimento.

Depois de Porreta Terme, fica Silla, local onde havia uma ponte Bailey, colocada pela Engenharia. Mais tarde, quem usou muito essa ponte foi o Esquadrão de Reconhecimento, comandado pelo Capitão Pitaluga. A ponte era sempre bombardeada pelos alemães, toda vez que passava uma viatura eles atiravam.

Os alemães usavam para bombardear a ponte um canhão enorme, de 170mm, colocado dentro de um túnel, sobre trilhos de estrada de ferro. A Engenharia brasileira reparava sempre a ponte. Quem comandava nossa Engenharia era o Coronel Machado Lopes. Eu o conheci durante a guerra.

Passamos por Porreta Terme, que é um balneário turístico, uma cidade pequena. Fica ao pé da serra de Pistóia. No alto dessa serra, foram colocados projetores para iluminar as trincheiras alemães em Monte Castelo. Quando eles colocavam a cara fora das trincheiras, levavam a luz dos refletores na cara. Eram muitos refletores, uma Bateria completa. No Brasil, tínhamos refletores semelhantes, eram da Artilharia Antiaérea. Foram comprados por Getúlio Vargas, junto com canhões anti-aéreos, de origem alemã, antes da guerra. Coube à minha Unidade, naquela ocasião, receber aqueles materiais, mas não ficaram conosco.

Executamos o reconhecimento das posições futuras da nossa Bateria. O Tenente Portocarrero escolhia a área de posição e eu, Chefe da 1ª Peça, os locais das peças. Levamos goniômetro-bússola (GB), balizas, todo o equipamento necessário. Estudamos a carta topográfica, onde se destacavam os montes Castelo e Belvedere. A

estrada corria ao longo de um rio, o Reno. Ele nasce na serra de Pistóia; é pequeno, não é aquele Reno da Alemanha.

Após o reconhecimento, retornamos para a Bateria, trazendo as informações para o Capitão. A seguir, ela entrou em posição para apoiar um dos ataques a Monte Castelo. Esse ataque foi feito, em parte, pela tropa inexperiente do I Batalhão do 11º RI, em 12 de dezembro de 1944. Do ataque, participou apenas o I Batalhão do 11º, pois o III ficou em reserva e outro em Porreta Terme. Eles avançavam, subiam sem atentar para o fato de que o inimigo tinha total domínio de vistas e fogos sobre eles. Eu observei o movimento de nossa posição, na margem da rota 64. Os alemães, postados lá em cima, viam tudo, mas ficavam quietos, só observando. Depois que o pessoal do 11º se aproximou bastante, atiraram de modo incessante com vários tipos de armas. O ataque foi um fracasso.

Os alemães eram peritos no tiro de morteiro. Se alguém deixasse um cigarro aceso, à noite, junto a uma árvore, em cinco minutos eles bombardeavam com morteiro. Uma ocasião eu fui, por ordem do Capitão Lobato, acompanhar uma patrulha do 371º RI americano. Tinha havido algum problema com o Tenente Ramiro Moutinho. Eu levei um soldado radioperador. Era de dia e subíamos pela encosta do Monte Castelo, com os americanos conversando, dando gargalhadas. Não demorou muito e veio uma chuva de granadas de morteiros. Abandonei a patrulha, trouxe comigo o soldado. Ele queria largar o rádio, não deixei. Disse-lhe que, se voltasse sem o rádio, o Capitão faria-o pagar outro. Não aconteceria isso, mas o soldado trouxe o rádio. Ao retornar, contei para o Capitão o fato, que ficou surpreso com o meu relato. Experimentei de tudo. Nessa ocasião, nosso Grupo prestava apoio aos americanos. Quando ocupamos posição para o primeiro ataque ao Monte Castelo, ficamos entre a estrada 64 e o Rio Reno. As outras Baterias, dos capitães José Maria de Andrada Serpa e Almir Veloso Soeiro, ocuparam posições entre a estrada e as encostas, na margem oposta da estrada.

Os alemães, lá do alto, viam tudo, até a olho nu. A distância não era grande, eles tinham vista sobre todo o Vale do Reno.

Estávamos na região de Porreta Terme. O Grupo, em Silla, e a minha Bateria, logo depois da ponte de Silla, onde havia um sobrado abandonado, antes da estrada que nos levaria a Belvedere. Aguardávamos as missões de tiro, quando chegou o Coronel Da Camino. Ele estava vestindo um capote inglês de lã grossa, luvas, capacete de aço e óculos, aqueles óculos embaçados. Junto à nossa Bateria, havia um rapaz italiano, que estava vestido com nosso uniforme. O italiano era uma espécie de auxiliar, que trabalhava por comida. O Coronel falou com o italiano, perguntou pelo Capitão. Quando o italiano respondeu, o Coronel disse para mim: “Esse cara é italiano?!” Ele não queria nada com os italianos. Chamei o Capitão. O

Coronel deu ordem para que a Bateria mudasse de posição imediatamente. Ele, ao medir o ângulo de Monte Castelo em relação a nossa posição, constatou que nós íamos ser bombardeados em breve.

Sáimos de posição imediatamente, mudamos para uns 100m mais próximos ao rio. Levamos a munição e os obuseiros a braços. Cavamos os abrigos e os nichos de munição. No mesmo dia, os alemães começaram o bombardeio. Não nos acertavam, nem as outras baterias, mas caíam na área da antiga posição. Bendito seja o Coronel Da Camino! Ele tinha os dedos aferidos. Media os ângulos com os dedos; isso ele fez lá, todo mundo sabia disso. Era um senhor artilheiro, que se adiantava aos acontecimentos!

Ficamos nesse local até meados de janeiro. Passamos o inverno ali. Era um frio terrível, chegando a 20 graus negativos nos Apeninos; a neve caía como um manto de algodão. No outono, fizera zero grau, sob chuva miúda o tempo todo. No inverno, o rio congelou, o *jeep* passava sobre o gelo.

No Natal de 1945, os soldados estavam felizes, faziam brincadeiras no telefone, botavam apelidos. Davam árvores uns para os outros, cumprimentavam-se. Celebravam, assim, com simplicidade e confiança no futuro.

Não sei se o General Mascarenhas de Moraes ou o General Cordeiro de Faria mandou que mudássemos de posição, para uma região mais afastada de Monte Castelo. Voltamos a atravessar Porreta e fomos para o outro lado do rio. Lá, havia mais visibilidade e nós atirávamos todas as noites. Nosso Comandante de Linha de Fogo fazia uma ficha de tiros para cada peça. Essa ficha indicava alvos, carga, tipo de granada e outros dados mais. Cada peça batia um setor, atirava a noite inteira, não deixava o alemão dormir. O tiro de nossa Artilharia era preciso. Aproveitamos muito bem a nossa munição.

Passamos o restante do inverno naquela posição. Nossa Infantaria fazia muitas patrulhas, estas, às vezes, até se encontravam na “terra de ninguém”. Elas travaram combate em várias oportunidades. Muitos morreram. A Artilharia apoiava as patrulhas. Os alemães conheciam o tiro da Artilharia brasileira e a respeitava, como respeitávamos quando atiravam de morteiro. Lá, eu soube, eu ouvi, que, em situação difícil, eles preferiam se entregar para os brasileiros. Nós os tratávamos bem, dávamo-lhes comida, cigarros. O soldado brasileiro é muito humano, não castigava ou maltratava os prisioneiros.

No início de fevereiro, o Capitão Lobato chamou-me e disse: “Você vai pensar que é perseguição, todo serviço extraordinário dou para você, mas não é nada disso. No futuro, você vai saber por quê”. Eu lhe disse, então, “que tinha vindo para a guerra para qualquer serviço”. Ele disse que eu iria fazer o reconhecimento de uma nova

posição, que, após fazê-lo, minha peça entraria em posição à noite, que a ocupação seria feita apenas por ela, que a posição era em lugar alto e de difícil acesso.

Partimos para lá, eu e um tenente, com as balizas, para marcar as posições futuras das peças da Bateria. De lá, eu via o movimento dos alemães em Monte Castelo, com seus cachorros. Eles tinham muitos pastores alemães. Fizemos o reconhecimento e retornamos.

O Capitão recomendou que eu levasse ração para uma semana e muita munição. Disse-lhe para ficar tranquilo, que tudo iria correr bem, pois não ia acontecer nada de errado. Eu tinha controle sobre meus homens e confiava neles.

Posteriormente, quando o Capitão foi verificar as peças, na nova posição, apertou a minha mão, estava tudo muito bem-feito. O terrapleno, os abrigos, a camuflagem, a rede, os nichos de munição, tudo correto. Ele gostava de mim, mas não demonstrava. Era um homem fechado. Eu também o apreciava muito. Depois da guerra fui à casa de seus pais, no Encantado. Lamentei, quando soube que ele havia morrido há uns quatro anos.

A ocupação daquela posição foi muito difícil. Cada noite uma peça entrava em posição. A peça era tracionada por um cabo de aço de 200m, feito por dois de 100m emendados, ligado ao guincho de um GMC com correntes nas rodas. A munição era levada a braços, nos ombros. Eu, magrelo, com 1,64m de altura, sofri subindo o morro com a granada no ombro. Ela e seu estojo, juntos, pesavam mais de vinte quilos. Acrescentando a esse peso o capacete, o armamento individual, capote, cantil e outras coisas mais, eu estava carregando quase o meu próprio peso. Fiquei com o ombro inchado de tanto carregar granada.

Dali, fazia-se o tiro direto nos alemães. Abria a culatra e apontava pelo tubo. Nos primeiros dias, meu tiro era feito ao mesmo tempo que o tiro das peças ainda na posição anterior, em Monte Casino. Este monte não é o Monte Casino ao sul de Roma, onde houve uma batalha famosa, é outro com o mesmo nome. Atirava ao ouvir, pelo telefone, o comando de fogo, dado pela C Tir, às outras peças, que continuavam a inquietação. Eu mesmo puxava o cordel do gatilho, acompanhava a cadência de tiro das outras peças.

No quinto dia, começaram a chegar as peças da 2ª Bateria e depois as da 3ª.

Daquela posição, eu via a pista de pouso da ELO. Dois tenentes nossos, o Adalberto e o Elber de Mello Henriques, eram observadores aéreos de nosso Grupo, trabalhando com a ELO. Ficamos nessa posição, bombardeando Monte Castelo, até depois do ataque vitorioso. Os alemães nos bombardeavam também, mas nossas posições eram bem abrigadas e bem-feitas. Estávamos de mãos calejadas de tanto usar pá e picareta.

Apoiamos o ataque final a Monte Castelo, onde toda a FEB atuou. Todos os Grupos, a AD, a Companhia de Manutenção, a Subsistência. Minha peça estourou quatro raias do tubo, eu telefonei para o Capitão e quatro horas mais tarde chegou a manutenção. Trouxeram um tubo novo, em uma viatura de 3/4ton. Veio um sargento mecânico e seu ajudante. Eles trocaram o tubo ali. O tubo danificado foi recolhido, hoje está no pátio do Quartel da Unidade, com uma inscrição. Vou sempre visitá-lo. Era meu tubo, é uma peça de meu obus que traz saudade.

Assistimos ao bombardeio da FAB contra Monte Castelo de nossa posição. Vinham sempre três aviões, dois ficavam dando voltas e um mergulhava. Parecia que não ia sair do mergulho. Ia até próximo ao chão e largava a bomba. A seguir, mergulhava outro avião. Eram pilotos muito capazes, muito corajosos, verdadeiros heróis. Diziam, na época, que os pilotos americanos e ingleses achavam aquilo uma loucura, achavam que nós abusávamos. Eles não faziam aquilo.

Saímos de posição depois do dia 21 de fevereiro, após a conquista de Monte Castelo. Fomos para um lugar chamado Casteldaiano, para apoiar o ataque a Montese. Montese é atrás de Monte Castelo, ao norte. É uma cidadezinha agradável. Em Casteldaiano havia tropas de Infantaria, da reserva, aguardando serem empregadas em Montese.

Depois de Casteldaiano, entramos em Zocca, em um arrabalde chamado Zoqueta. Lá, cumprimos muitas missões de tiro. A seguir, começamos a descer as montanhas, rumo ao Vale do Pó. O caminho que seguíamos era na verdade uma trilha, num campo coberto de sapê, balizada por uma faixa de gaze colocada pelo 9º BE. Ao lado, havia placas indicando campos minados. Foi, então, que se aproximou, na direção contrária, um caminhão pequeno, de frente quadrada, com a direção do lado direito, tracionando um pequeno canhão antiaéreo. Era do VIII Exército inglês, sendo comandado por um sargento e levava cinco soldados. Como não havia lugar para desviar, as viaturas pararam. O sargento inglês fez sinal para que eu desviasse minha viatura, o que não fiz. Falei com ele, em italiano, que já tinha aprendido, que não ia tirar minha viatura. Esta era grande, não havia espaço. Ele também falava mal o italiano. Insistiu para que saíssemos de seu caminho. Eu lhe disse que era um veterano da FEB, que não ia manobrar, que havia minas fora da faixa de gaze. O inglês insistiu, disse que as placas de minas eram colocadas por patifaria. Eu lhe disse, então, que se não acreditava na existência de minas, ele poderia desviar sua viatura, passar a faixa de gaze e entrar lá. O inglês, um homem forte, estava furioso. Disse que ia fazer uma demonstração e pulou a faixa. Começou a andar, pisou em uma mina, foi lançado para o ar. Fiquei com o uniforme salpicado com o sangue dele; seu corpo ficou destróçado, sua cabeça sumiu. A única coisa que pude dizer é que aquilo

era o exemplo de um homem que perdeu a vida por causa de sua teimosia. Os soldados ingleses desatrelaram o canhão e manobraram. A estupidez do raivoso sargento levou-o à morte.

A primeira cidade do Vale do Pó é Modena, uma cidade boa e bonita. O Vale do Pó é muito grande, uma imensidão. Depois de Modena, cedemos nossos caminhões para a Infantaria. Nós os usávamos quando eles eram desocupados, de forma a acompanhar o movimento. O III Grupo foi o único que recebeu apoio para deslocar-se, apoiando o cerco à 148ª Divisão alemã. Os seus obuseiros foram tracionados pelos tratores do IV Grupo.

Nós fomos até a região de Milão e daí voltamos para Broni, que é um distrito de Pávia, também perto de Milão. A dois quilômetros de Broni, fica Stradela, onde ficaram as outras Baterias. Em Broni, havia uma fábrica de massa de tomate, desativada, cujo escritório ainda funcionava, tinha até secretária. Ficamos alojados na fábrica, os oficiais em dependências e os praças, nos galpões, com as viaturas e os obuseiros.

Em Broni, éramos tropa de ocupação. Fazíamos patrulhas noturnas e policiamento diurno, pois havia italianos fascistas inconformados com a derrota. Eles subiam nos telhados para atirar em nossas patrulhas. As cidades italianas são velhas, com as ruas estreitas. Nosso trabalho era difícil e perigoso, tínhamos ordem de prender, não de matar, os fascistas e nazistas renitentes. Muita gente foi presa pelas patrulhas. Participei de muitas, quase sempre éramos substituídos às duas horas da madrugada. Não havia mais neve, estávamos em maio. Quando saímos de Broni, a população nos aclamava, parecia que estávamos no Brasil. O povo veio todo despedir-se. Pode ser que existissem pessoas que não gostassem de nós, mas a grande maioria gostava e muito.

Fizemos uma longa viagem para o sul, até Francolise. Lá existiam barracas para dez praças montadas nos aguardando, instalações sanitárias prontas e comida quente, coisa que não houve no trajeto. Comíamos bem, pela Rádio Nacional falei com minha mãe, lá no interior de Minas Gerais. No final de junho, embarcamos no navio *General Meighs*, que foi o primeiro a trazer tropa de volta. Desembarquei no cais do Armazém 11, no porto do Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1945. Havia só um saco de bagagem, o outro desapareceu.

Quando embarcamos, na ida, um soldado da peça chefiada pelo sargento Sebastião Pereira da Silva, chamado Capitulino, estava tocando, numa gaita de boca, uma música do Dorival Caymmi “*A Baiana que entra na roda*”. Ele era um negro alegre, forte. Durante o desfile, na volta, o Capitulino, quando sua viatura passou em frente ao palanque, onde estavam as autoridades, levantou o braço e gritou: “Getúlio!” Getúlio ficou emocionado, dava para ver, pois as viaturas passavam junto

do palanque. O povo nos aplaudia, o Rio de Janeiro estava repleto. O Capitulino foi ser portuário. Dona Darcy Vargas arrumou o emprego. Ele está vivo, mora em Bangu.

Eu me sinto orgulhoso de ter sido da FEB. Não maltratei a quem quer que seja. Devo ter causado a morte de muita gente, mas se não matasse, morreria. Os prisioneiros que fiz foram bem tratados, levava-os para o Posto de Comando. Quando retornamos, passando por Nápoles, vi prisioneiros alemães trabalhando na recuperação do cais.

Combatemos contra um inimigo, que era um grande guerreiro, que não dava “colher de chá” para ninguém, como se diz na gíria. Eles perderam por muitas razões, inclusive porque colocavam prisioneiros para combater por eles. Muitos prisioneiros que fizemos eram russos, com uniformes alemães. Eles lançavam granadas cheias de papel.

Trabalhamos muito durante a campanha, não só as Baterias de Obuses, como também a Bateria de Comando e a Bateria de Serviços. Esta comandada pelo Capitão Paulo Teixeira e aquela pelo Capitão Oswaldo de Araújo Souza. O transporte da munição foi uma tarefa de enorme dimensão. Na guerra, não se recolhe nada, pega novo.

Entrei para o Exército como voluntário, aos 17 anos. Tinha acabado o ginásio. Pedi ao médico para me considerar apto, coisa que ele fez por pena, por eu ser uma criança. Servi com homens excepcionais, como os irmãos José Maria e Antonio Carlos de Andrade Serpa. Fui promovido a cabo e a sargento pelo Antonio Carlos, que depositava total confiança em mim. Eu o acompanhei ao longo de mais de trinta anos. Fui amigo de todos os irmãos, inclusive do Luiz Gonzaga, o mais moço. Todos chegaram aos mais altos postos do Exército.

Quando voltei da guerra, viajei para Pará de Minas, de caminhonete. Dona Darci Vargas pagou a passagem. Fui fardado de expedicionário, recebido com fogos e foguetes, com banda de música. Um sobrinho de minha mãe providenciou isso. Hoje, quase ninguém sabe que fui à guerra. Minha terra é um município pequeno, de uns cinco mil habitantes. Nesse tempo todo, só uma vez a diretora de um colégio pediu para que eu falasse sobre a FEB para seus alunos.

Há pouco tempo, visitei o 21º GAC, Grupo Monte Bastione, que é minha antiga Unidade, o II/1º RO 105mm, II Grupo de Obuses da FEB. Pedi, na ocasião, ao Comandante, que desse o nome de “Capitão Mario Lobato Vale” ao pavilhão do alojamento das praças da 1ª Bateria. Isso foi feito, hoje está escrito na parede do prédio. Ele fez por merecer. Foi um grande Comandante de Bateria!

Fui feliz no Exército e na vida privada. Casando com uma excelente mulher, que muito me ajudou a vencer as dificuldades da vida. Tenho uma filha de quem muito me orgulho.

Segundo-Tenente Pedro Paulo de Figueiredo Moreira*

Nasceu na Cidade de Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Veio para o Rio de Janeiro devido às obrigações militares de seu pai, onde recomeçou seus estudos. Coursou o Colégio Militar do Rio de Janeiro de 1933 a 1938. Foi reservista pela Bateria Quadros em 1939, no 1º Grupo de Artilharia de Dorso – Campinho. Em junho de 1942, foi convocado para o serviço ativo do Exército para integrar o 7º Grupo de Artilharia de Dorso, ainda em formação na Cidade de Olinda, Pernambuco. Quando se deslocava a bordo do navio *Itagiba* com destino a Olinda, em 17 de agosto de 1942, foi torpedeado passando por situações bastante difíceis como naufrago. Após o torpedeamento, permaneceu cinco meses na Bahia, voltando ao Rio de Janeiro em licença de um mês, acabou ficando definitivamente nessa cidade, indo servir no 8º Grupo Móvel de Artilharia de Costa (8º GMAC). Após realizar o Curso de Cabo, com aproveitamento, foi promovido em 1943. Meses após, fez o Curso de Sargento, sendo, então, promovido a 3º sargento. A Bateria em que servia (1ª Bia) foi designada para formar a Bateria de Comando da Artilharia Divisionária (AD) da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Embarcou para a Itália no dia 22 de setembro de 1944, só regressando em 22 de agosto de 1945, tendo feito toda a campanha na Bateria de Comando da Artilharia Divisionária. Por sua atuação no Teatro de Operações da Itália, recebeu as seguintes medalhas: Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* 3º sargento auxiliar de Topografia e do Serviço de Meteorologia da Bateria Comando da Artilharia Divisionária da 1ª DIE, entrevistado em 12 de junho de 2001.

Apesar de dezenas de navios brasileiros torpedeados em viagens comerciais, de fevereiro a agosto de 1942, o Brasil se manteve fora da guerra até 22 de agosto desse ano, quando, então, o governo declarou estado de beligerância, atendendo ao pedido da Nação.

Vivida a primeira fase, de neutralidade, evoluímos, então, para o estado de beligerância, confirmado em 31 de agosto, com a declaração formal de guerra do Brasil à Alemanha, Itália e ao Japão. Essa definição bastante concreta de nosso País, nesse período, deve-se ao libelo indignado de nosso povo, em razão dos vários torpedeamentos de agosto, que vitimaram indistintamente centenas de civis e militares, cerca de mil inocentes, atingidos pela fria sanha nazista. Nós, por exemplo, ao viajar, para cumprir missão no Nordeste, no navio *Itagiba*, recebemos, repentinamente, impacto tenebroso de um torpedo vindo de um submarino alemão e passamos por todos os dissabores de um naufrágio.

Senti, pois, como soldado, os terríveis momentos do torpedeamento do nosso navio mercante pela hostil ação alemã, uma vez que o *Itagiba* viajava desarmado, sem ter condições de se defender. Este foi um episódio muito importante na história do Brasil, por ter contribuído decisivamente para a declaração do estado de beligerância em todo território nacional.

A indiferença do governo com relação à guerra durou até sermos agredidos covardemente em águas brasileiras com o afundamento de cinco navios – *Baependi*, *Araraquara*, *Anibal Benévolo*, *Arará* e o nosso *Itagiba*, num espaço de três dias, 15 a 17 de agosto de 1942. Diante dessa afronta, o governo brasileiro declara guerra aos países do Eixo, pressionado, como afirmei, pela indignação e revolta do povo. Dando seqüência à declaração de guerra, o Brasil passou a organizar a Força Expedicionária Brasileira que iria lutar ao lado dos aliados.

O meu depoimento constará de dois relatos específicos. O primeiro, relacionado com o naufrágio do *Itagiba* e o segundo, com a nossa experiência na Força Expedicionária Brasileira.

Embarcamos no dia 13 de agosto de 1942, às 13 horas, no armazém 13 do Cais do Porto do Rio de Janeiro, no navio *Itagiba*, com destino a Olinda, em Pernambuco. O navio conduzia 119 passageiros, entre militares, senhoras, crianças e a tripulação.

A partida de Vitória para a Bahia aconteceu no dia 15, às 16h da manhã. Até o amanhecer do dia 17, fazíamos boa viagem, sem nenhuma ocorrência anormal. Ao chegarmos a altura do farol de São Paulo, mais ou menos a 30 milhas de Salvador, às 10 horas e 50 minutos do dia 17, no momento em que estávamos almoçando, fomos surpreendidos por uma violenta explosão e o estremecimento geral do navio, o que determinou a queda de objetos que se encontravam nos camarotes, além da quebra

de vidros etc. Ouvíamos: “Fomos torpedeados, vamos para as baleeiras!” Grande parte do navio ficou em destroços.

A princípio não sabíamos bem do que se tratava, mas, logo, foi constatado tratar-se de torpedeamento. Estabeleceu-se, naquele momento, pânico a bordo, correria de um lado para outro, em busca de salva-vidas e em direção às baleeiras, das quais poucas foram retiradas dos picadeiros e lançadas ao mar. Só houve uma explosão em baixo da escotilha do porão número 3, a boreste, e não se viu a unidade inimiga devido a inclinação do navio que adernava. Afundaríamos em cerca de dez minutos, enfrentando uma forte ventania e um mar muito agitado.

Quando nos esforçávamos para sair do navio, a baleeira caiu em cima do convés, encostando-se à chaminé. Gritos eram ouvidos para que os passageiros buscassem salvamento de qualquer modo, pois o navio já começava a sua inclinação vertical. Eu, particularmente, fui tomado de tremendo medo que chegou ao ponto de transformar-se em total desprendimento, pois criei coragem para lançar-me ao mar como a única alternativa de salvamento.

Ao saltar, fui puxado pela sucção das águas provocada pelo afundamento do navio, tendo sido arrastado a grande profundidade, voltando à tona, após muito esforço, segurei-me em um pedaço de madeira, a fim de descansar e adquirir forças para nadar em direção a uma das baleeiras que já se encontrava afastada do local da tragédia.

Assisti cenas que jamais pensei de presenciar na minha vida durante o tempo em que estive abraçado aos destroços do navio. Vi companheiros meus serem puxados por tubarões, dando gritos de dor e desaparecendo; outros mais fracos, perderam o juízo diante de tanta barbaridade, proferindo frases sem nexos, tais como: “Eu quero café”; “Espere minha mãe”; “Vou a pé” e desapareciam na profundidade do mar.

Após presenciar esse espetáculo desesperador, nadei em direção a uma das baleeiras. Devido à superlotação, a baleeira tombou lançando muita gente ao mar pela segunda vez, inclusive eu. Após algumas horas de pavor e nervosismo, surge um iate, parece-me, enviado por Deus, o *Aragipe*, que presenciara o naufrágio do nosso navio e viera em nosso socorro, recolhendo a bordo todas as vítimas, levando-nos para a cidade de Valença, na Bahia.

Nessa localidade, os feridos foram levados ao hospital e os naufragos restantes colocados em casas de família, gentilmente oferecidas pelos moradores, como também nos salões da Prefeitura.

Ao chegarmos em terra, foi imediatamente organizada a lista dos sobreviventes, notando-se a falta de onze tripulantes, inclusive o comandante. Este apareceu no dia seguinte, acompanhado de um taifeiro. Os passageiros desaparecidos, naquele momento, eram cerca de 25. Hoje, sabemos que, naquele triste naufrágio, perdemos

36 brasileiros e, naquela mesma hora, próximos a nós, mais vinte, com o torpedeamento do *Arará*.

Após mais ou menos três dias, fomos para Salvador num navio de guerra, o cruzador *Rio Grande do Sul*. Chegamos a Salvador no mesmo dia e nos alojamos no Forte Barbalho, onde ficamos até seguir destino para Olinda, como previsto.

No naufrágio do navio *Itagiba*, destaco duas figuras realmente excepcionais: O Tenente Alípio de Andrada Serpa e o nosso soldado Walter Silero Fix. Não posso deixar passar essa oportunidade sem ressaltar o heroísmo e bravura daquele jovem oficial do nosso Exército, o valente Tenente Serpa, que soube, no momento do bárbaro e covarde atentado, portar-se como verdadeiro líder, atento e atuante, dotado de exata noção do cumprimento do dever.

No desejo de salvar a todos os seus comandados, morreu trágico pelo oceano, vítima da ação, cruel e covarde, dos nazistas. O desassombro do Tenente Alípio Serpa, brioso oficial do nosso glorioso Exército, ficou como um belo exemplo para todos os brasileiros. Eu estava correndo, transtornado, em busca de um salva-vidas, vendo-me, deu-me o seu, dizendo: “Calma seu Figueiredo, muita calma!” quando, então lhe disse: “Este é seu, Tenente. O senhor não vai deixar o navio?” Respondeu-me: “Sairei depois de todos os meus soldados, fique com o salva-vidas.” Sinto-me feliz por poder, publicamente, demonstrar minha gratidão pela sua impressionante solidariedade humana em tão trágico momento.

Não seria justo também deixar de enaltecer o nome do meu velho amigo, hoje falecido, soldado Walter Silero Fix, pelo belo gesto heróico e de amor ao próximo, salvando a menina Vera Beatriz, filha do Capitão Tito Canto, tomando-a nos braços e só a deixando em terra firme. Ele obteve o respeito e a admiração de todos com aquela atitude!

De Pernambuco, retornei ao Rio de Janeiro, onde vim servir no 8º Grupo Móvel de Artilharia de Costa (8º GMAC), Unidade em que encontrei outros náufragos do *Itagiba*.

O meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira deu-se na função de 3º sargento auxiliar de Topografia e de Serviço de Meteorologia, exatamente por servir na 1ª Bateria do 8º GMAC, uma vez que a mesma foi designada para formar a Bateria de Comando da Artilharia Divisionária da FEB.

Particpei, no Brasil, de exercícios preparatórios para a campanha que se avizinhava no campo de Gericinó. Esse treinamento foi útil em relação ao emprego em campanha na guerra e muito me ajudou no desempenho de minha função na Itália, onde também houve o nosso aperfeiçoamento, através de vários exercícios, antes de partimos para a frente de combate.

Viajamos com destino ao Teatro de Operações no navio transporte *General Mann*. Fizemos uma boa viagem, com 14 dias de duração. Tivemos boa alimentação a bordo e relativo conforto. Todos os integrantes do 2º Escalão gozavam de boa saúde. Durante a viagem, nos entretínhamos com jogos, como dama, xadrez e também com batucadas e cantorias. Houve, ainda, durante todo o tempo vários exercícios de abandono do navio em horas nunca mencionadas, inclusive durante à noite.

Em razão do torpedeamento do *Itagiba*, cujos momentos de aflição ficaram gravados nos naufragos, estes, que agora integravam a Força Expedicionária Brasileira e que ali estavam fazendo exercícios de abandono de navio, voltiam ao passado, mesmo sem desejar, tornando a viver os momentos terríveis daquele inesquecível naufrágio, recordando os amigos que se foram.

Chegando à Itália, felizmente não houve dificuldade na adaptação ao novo material, realizada antes de sermos enviados ao *front*. A adaptabilidade a esse material, inclusive ao armamento, deu-se sem problemas. Quanto à alimentação, também nos ajustamos com facilidade.

O meu batismo de fogo aconteceu em Porreta Terme quando da organização do PC da AD. Ao chegarmos ao local determinado, o soldado motorista que nos conduziu para a realização desse trabalho, por descuido ou até mesmo por ignorância, acendeu o farol do caminhão, o qual foi visto pelo inimigo que dominava toda a região. E, assim, fomos saudados com algumas granadas de tempo, tendo uns estilhaços batido no capacete de aço do cabo Nolasco e feito uma moossa no seu capacete. Faltou a disciplina total de luzes e o inimigo percebeu, lançando suas granadas de tempo sobre os artilheiros da Bateria do Comando da AD. O motorista cometeu um erro palmar e todos nós corremos risco de vida. A guerra exige atenção e uma boa dose de prudência, pois o erro de um normalmente repercute sobre os outros.

No prosseguimento das ações, a nossa Bateria muito se empenhou nos Apeninos, sobretudo nos ataques a Castelo e Montese. A Bateria teve muito trabalho, estendendo, inicialmente, linhas telefônicas para os observatórios e Postos de Comando e, depois, reparando defeitos e recuperando linhas danificadas pela artilharia e morteiros alemães, principalmente na tomada do Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945. Posteriormente, em Montese, tudo se repetiu: lançar linhas, estabelecer Postos de Observação e, depois, em pleno combate, recuperar os circuitos danificados, sempre na busca de manter os nossos meios em funcionamento. Um problema sempre presente consistia na dificuldade para subir com todo o material de comunicações naquelas cotas elevadas, porque estávamos sempre na parte baixa, obrigados a vencer um terreno difícil, para chegar ao local dos observatórios.

A campanha do Vale do Rio Pó para a nossa Bateria aconteceu, fazendo o transporte da tropa de Infantaria em nossas viaturas, contribuindo no que estava ao nosso alcance.

Quanto ao clima devo dizer que, no início, foram grandes as dificuldades para enfrentar o rigoroso inverno europeu, mais forte que em anos anteriores, pelo que nos informaram. A tropa sentiu a mudança de temperatura, mas, no desenrolar dos acontecimentos, fomos nos aclimatando à baixa temperatura, contando com bons agasalhos.

O desempenho de oficiais e graduados, que ali estavam, foi muito correto, mesmo dispondo de pouco tempo de treinamento, chegando mesmo a surpreender, assim como o desempenho do soldado brasileiro em combate, o qual se mostrou excelente sobre todos os aspectos, principalmente no apoio mútuo durante as dificuldades.

O relacionamento com a população local foi muito bom em virtude da simpatia, educação e da maneira de agradar dos brasileiros, muito diferente dos alemães quando ocupavam uma localidade. Os italianos tinham verdadeiro pavor dos alemães, que eram soldados valentes, mas extremamente cruéis. A língua italiana, que é parecida com a nossa, foi um fator de aproximação entre aquele povo sofrido e os nossos combatentes. Com o tempo, nós nos acostumamos às expressões utilizadas por eles e acabamos aprendendo um pouco o italiano. A integração latina, que existe aqui no Brasil, em São Paulo principalmente, aproximava os nossos dois povos, enquanto que o alemão fazia questão de se manter distante. Os italianos nos chamavam de *liberatori* quando, no aproveitamento do êxito, chegávamos às suas cidades.

A comunicação do nosso Comando com as tropas de Artilharia e Infantaria servia também para tomarmos conhecimento dos problemas ocorridos com o nosso pessoal, como no caso do 2º sargento Schneider, ferido com diversos estilhaços de morteiro, assim como no sumiço do soldado Waldomiro, que, posteriormente, foi encontrado. O Waldomiro desapareceu nas imediações de Monte Castelo. Não me lembro bem o local. E foi uma alegria o reaparecimento dele, pois todos já consideravam o seu desaparecimento como um fato consumado. Ele era muito estimado e a Bateria vibrou em tê-lo novamente conosco.

Na frente do Vale do Pó, a totalidade das nossas viaturas foram cedidas, com motoristas, para permitir, com a máxima rapidez, o deslocamento de nossas tropas para a frente, na perseguição ao inimigo e, depois, para levar os alemães para os campos de prisioneiros que foram organizados, como o de Modena, para onde milhares de homens foram transportados após a rendição.

O contato da Bateria de Comando com as tropas aliadas na Itália deu-se em muito bom nível, pois havia respeito de ambos os lados.

O apoio logístico foi muito eficiente, do material de guerra até a distribuição da alimentação que sempre esteve ao nosso alcance. O corpo de saúde da FEB prestou muita assistência aos seus integrantes e o apoio religioso foi primordial no moral da tropa.

Não precisei assistir nem confortar qualquer subordinado nas horas difíceis, como fizera, com tanto acerto, durante o naufrágio, o nosso Tenente Alípio Serpa, um homem íntegro, bom, justo e enérgico.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi a modificação na mentalidade dos nossos oficiais, felizmente para melhor; era uma grande e unida família em campanha.

Cogitou-se da possibilidade de colocar o nome da Bateria de Comando de Bateria Francisco de Sá Saraiva Martins, nome de nosso Comandante na Guerra, mas não foi possível, porque a Bateria era da própria AD, que tinha já o nome de Marechal Cordeiro de Faria.

Houve propaganda, na Segunda Guerra Mundial, tanto de um lado, como de outro. O lançamento de panfletos, induzindo os soldados inimigos a se entregarem às tropas aliadas, era apresentado como única forma de retornarem aos seus lares. Os panfletos eram jogados na linha alemã e nas nossas com o objetivo de estimular a rendição. Felizmente, aqueles prospectos não tiveram o menor efeito sobre os nossos soldados. O pracinha brasileiro não se impressionava com aquelas palavras e não as achava engraçadas. Era perda de tempo. O tiro saía pela culatra.

Vibrávamos muito com os êxitos conseguidos. Houve muita camaradagem e união entre todos os componentes da FEB, especialmente entre os integrantes da Bateria de Comando da AD, onde o convívio foi sempre amistoso. Senti orgulho e felicidade pela missão cumprida. Comemorei a vitória dos aliados em terras italianas juntamente com aquelas sofridas famílias que nos puxavam para o interior de suas casas, dando vivas aos brasileiros e nos oferecendo vinho para brindar a tão esperada vitória.

Tínhamos expectativa de um belo retorno ao Brasil, quando iríamos abraçar os nossos entes queridos. Os preparativos para esse retorno foram bastante acurados: arrumando o material, organizando, catalogando, para que tudo saísse a contento. Ficamos aguardando o embarque de regresso em Francolise, próximo a Nápoles, onde nos foi outorgada a Medalha Expedicionária Brasileira pelo V Exército americano.

O regresso da FEB ao Rio de Janeiro foi muito emocionante. Estava estampado na fisionomia de cada homem a satisfação e a alegria pelo dever cumprido. Fomos recebidos com a maior comemoração coletiva de todos os tempos. A imprensa escrita e falada, na ocasião, divulgou bastante os feitos e as glórias conquistadas no *front* da Itália.

Após a campanha, senti-me um homem mais maduro e confiante para enfrentar o futuro. As conseqüências em minha vida pessoal por ter participado da guerra só foram para melhor, pela experiência e ensinamentos que colhi. O Exército é uma grande escola. A FEB trouxe muitos ensinamentos, experiência e a modificação total na mentalidade de seus integrantes.

Termino a minha participação no Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial homenageando meus companheiros mortos, que ofereceram sua vida pela Pátria e, hoje, descansam na paz do Senhor.

Aos que se encontram vivos, o meu respeito e admiração pelo esforço, sacrifício e coragem para bem representar o Brasil durante a Campanha na Itália. Todos nós honramos a nossa Bandeira e o glorioso Exército de Caxias, devolvendo aos bárbaros e covardes nazistas a agressão que sofremos dentro de “nossa casa”. Agradeço a oportunidade que me deram de cumprir minha missão nesse importante Projeto, narrando os principais fatos por mim vividos como náufrago do *Itagiba* e como integrante da Força Expedicionária Brasileira.

Cabo Francisco Pedro de Resende*

Nasceu na Cidade de Coronel Xavier Chaves, em Minas Gerais, tendo realizado o serviço militar em 1939, no 11º Regimento de Infantaria, “Regimento Tiradentes”, onde fez o curso de cabo, sendo mais tarde licenciado, indo para a vida civil. Em 12 de dezembro de 1942, recebeu a convocação para a guerra, vindo a ser reincorporado ao Regimento de São João Del Rei com o qual partiu para Itália. Embora tenha saído do Brasil com o 11º RI, foi transferido, durante a Campanha, para o 6º RI, com a finalidade de preencher claros por morte de companheiros. Com esta Unidade, especialmente com o 3º Pelotão da 8ª Companhia, participou das ações mais marcantes de sua carreira na guerra, principalmente da conquista de Montese, em 14 de abril, e da patrulha com destino à cota 927, no dia 15 de abril, ambas bem sucedidas. Dos 239 dias que passou na frente de combate, os quatro mais difíceis foram marcados pela sangrenta tomada de Montese, onde conviveu com os horrores da obstinada resistência alemã. Esteve presente em Collecchio e Forno, assistindo, nesta localidade, à rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, ao lado de uma Divisão italiana, e de remanescentes da 90ª Divisão Panzer.

Em sua volta ao Brasil com a Força Expedicionária Brasileira, retornou à vida civil, onde trabalhou nos Correios por 12 anos, sendo posteriormente reformado por motivo de saúde relacionado com a sua participação na campanha em solo europeu. Por tudo que realizou na Segunda Guerra Mundial, recebeu a Medalha de Guerra. Foi duas vezes, de 1995 a 1999, Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB em São João Del Rei, além de várias vezes Secretário da Entidade em tela, situada na cidade de Coronel Xavier Chaves, de onde saiu para a guerra e para onde retornou vitorioso.

* Cabo do 3º Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 23 de maio de 2001.

Em 1939, eu servi no 11º Regimento de Infantaria, tirei meu tempo de serviço militar, fiz o curso de cabo, fui licenciado e saí para a vida civil.

Através do correio, no dia 12 de dezembro de 1942, recebi a convocação para a guerra, no Município de Coronel Xavier Chaves, onde nasci. Realmente, foi um choque para mim, mas, por outro lado, conscientizei-me que tinha que cumprir o meu dever, principalmente depois dos torpedeamentos de numerosos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, em nosso litoral, resultando a morte de quase oitocentos brasileiros só no ano de 1942. Esses acontecimentos causavam revolta. Diante de tal afronta, alguma coisa precisava ser feita. Era este o sentimento que me impulsionava, como a outros amigos convocados. E foi com esse espírito de cumprimento do dever, que sempre pautou a minha vida, que reagi ao chamamento da Pátria.

Naquela época, era comum, principalmente aqui na região de São João Del Rei, o pessoal do 11º RI fornecer um cartaz que os pais colocavam nas portas ou nas janelas de suas casas, com os seguintes dizeres: “Daqui saiu um expedicionário.” As famílias se orgulhavam de mostrar em suas residências tais dizeres, muito significativos para aqueles que possuíam seus filhos integrando a Força Expedicionária Brasileira. Na ladeira que leva ao 11º RI, há uma placa comemorativa nesse sentido.

Mantínhamos, pois, desde a infância, aquele sentimento de patriotismo, de cumprimento do dever para com o País, como naquele momento em que o Brasil estava para participar, com a FEB, da Segunda Guerra Mundial. Este sentimento nasceu no curso primário, nas aulas cívicas que nos eram ministradas, na hora em que cantávamos o Hino Nacional, orientação sadia, repetida anos depois, com maior profundidade, durante o serviço militar no saudoso 11º RI. Na minha consciência ficou, desde menino e para sempre, a grande importância do cumprimento do dever para com a Pátria.

A cidade, porque não dizer o País, sentiu um impacto e um temor por mandar seus jovens para a guerra. Alguns elementos não tinham, ainda, essa consciência de servir a Pátria e, às vezes, se revoltavam contra aquela situação. Contudo, de uma maneira geral, a população entendeu que era um dever dos brasileiros participar da guerra que de nós se aproximava.

Os preparativos para a partida foram bem intensos. Um exemplo a ser lembrado está na inspeção de saúde: passei por 14 juntas médicas, ou seja, os jovens convocados eram realmente os que estavam em melhores condições físicas. E o treinamento foi intensivo, inclusive a preparação psicológica. Esse treinamento foi bastante duro, mais forte do que nos idos de 1939, quando conheci a caserna, porque estávamos nos preparando para enfrentar o alemão, que sabíamos ser ótimo soldado, muito bem preparado, o que se confirmou durante os combates na Itália.

Em entrevista publicada, recentemente, pelo 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º B I Mtn), herdeiro do 11º Regimento de Infantaria, lembrava o Capitão Astrogildo de Assis, natural da cidade de São João Del Rei e integrante do Regimento na guerra, “que os preparativos foram intensos, tanto aqui em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, inclusive simulando até o embarque em navios de madeira, com cordas, exatamente como se fosse real. O armamento e o equipamento eram muito precários na época, levando-nos a utilizar fuzis e canhões americanos”.

Fomos de trem até o Rio de Janeiro e, lá chegando, ficamos acantonados na Vila Militar, onde realizamos preparativos e treinamentos mais próximos à situação real. Após isso, embarcamos em navio americano – o *General Meighs* – para Nápoles, de onde partimos para a região de Pisa, em cuja área acampamos.

Lembro-me muito bem que, na viagem de São João Del Rei para o Rio de Janeiro, quando atingimos a região de Barbacena, o trem ia soltando fumaça a valer e alguém disse e o pessoal foi repetindo: “A cobra está fumando”, dando origem, no nosso entender, aos dizeres do distintivo da FEB. Quando chegamos perto do porto de Nápoles, avistamos o Vesúvio, e a nossa gente saiu dizendo: “A cobra está fumando”. Da mesma forma, no batismo de fogo: “A cobra vai fumar”. Sabe-se que, certa vez, o General Crittenberger, americano, Comandante do IV Corpo de Exército foi visitar o General Mascarenhas de Moraes e, na revista que fez em duas Companhias em forma, perguntou por que a FEB não possuía distintivo, uma vez que todas as outras unidades tinham. Então, o General Mascarenhas, que já conhecia a história da cobra fumando, mandou confeccionar um distintivo que retratasse essa idéia e que, até hoje, nós usamos e divulgamos.

No que diz respeito ao clima totalmente adverso que precisamos enfrentar, podemos dizer que foi um desafio a mais para nós que saímos do clima tropical, não tendo a grande maioria a menor intimidade com o frio.

O primeiro dia de neve na Itália foi em 23 de dezembro de 1944, na antevéspera do Natal, quando uma neblina, parecendo farinha, começou a cair, gerando até brincadeira entre os que não a conheciam. Mais tarde, todavia, sentimos intensamente o rigor do inverno de 15º a 18ºC abaixo de zero. Não foi fácil para nenhum de nós.

O uniforme que levamos não era o mais adequado para fazer face ao inverno europeu. Assim, o Exército americano nos forneceu o uniforme de lã, galochões, gorro e o armamento apropriado que pudéssemos combater em boas condições um inimigo que se encontrava muito bem instalado no terreno, com total domínio de vistas e de fogos sobre nossa tropa.

Diz o Capitão Ary Roberto de Abreu, natural de Pedro Leopoldo - MG, Chefe de Peça de Morteiro 81mm e depois Comandante de Grupo de Combate do nosso 11º

RI: “Na Itália, mesmo antes de enfrentar os alemães, enfrentamos um rigoroso inverno: chovia muito, lama por todo lado e terreno de difícil acesso. Na primeira tentativa contra Monte Castelo, o 11º RI não obteve sucesso total, perdendo preciosas vidas, entre elas os 17 de Abetaia, homens que mais se aproximavam do cume de Monte Castelo e que pereceram, permanecendo seus corpos, insepultos na região, perfeitamente conservados pela neve, até que conseguíssemos, em 21 de fevereiro, pôr os pés naquela área, chegando até eles”.

Sobre a Campanha na Itália, o que mais me marcou foi a luta para a conquista de Montese, de 14 a 17 de abril de 1945, pois representou muito sacrifício, mortes e atroz sofrimento.

Embora tenha saído do Brasil com o 11º RI, fui transferido, durante a guerra, para o 6º RI para preencher claros por morte. No meu Pelotão – 3º/8ª Cia do 6º RI – perdi dois companheiros muito caros, vítimas de estilhaços de granadas alemãs – Bruno Estrifica e Antônio Bento, aos quais presto minha homenagem nesse momento.

Nos 239 dias que passei na frente de combate, quatro deles foram marcados pela sangrenta batalha de Montese, que representou para nós, brasileiros, o início da Ofensiva da Primavera, prevista para dia 14, mas que realmente começou na noite de 12 para 13 e durante todo o dia 13, com os audaciosos reconhecimento visando à conquista da região de Montese.

O ataque principal coube ao 11º Regimento de Infantaria, cuja a 1ª Companhia executou o impressionante feito de assaltar Montese, conseguindo êxito para todo o dispositivo de ataque naquele primeiro dia de ofensiva.

A notável tomada de Montese custou muito caro aos combatentes brasileiros, pois os nazistas despecharam sobre nós a maior concentração de artilharia alemã que se tem notícia na Itália.

Assim, pagamos um alto preço para conquistar Montese, Montello, Montebufone, Serreto e Paravento, posições alemãs altamente fortificadas, especialmente a região de Montese.

Cumprindo o planejamento, no dia 14 de abril avançamos em meio ao intenso bombardeio de nossa Artilharia sobre a região, mas os alemães revidaram com poderosos canhões e morteiros que passaram a bater nossas linhas e dificultar tremendamente o avanço de nosso pessoal.

Enfrentamos imensos obstáculos, devido principalmente aos campos minados, lançados pelo inimigo nas encostas, os quais começaram a ser levantados e abertas as brechas através da ação de agressivas patrulhas, que passaram a palmilhar o terreno a partir de 12 de abril, como vimos, fazendo os reconhecimento da frente onde atacariam, permitindo, dessa forma, que no dia 14 nos valêssemos dessas tri-

lhas estabelecidas anteriormente. Esse foi o caso do respeitado pelotão do Tenente Iporan Nunes de Oliveira, da 1ª Companhia do 11º RI, o primeiro a entrar em Montese no dia 14, atingindo o objetivo, desalojando os alemães de suas posições fortificadas e consolidando a conquista, inclusive fazendo vários prisioneiros de guerra. O primeiro trunfo do seu sucesso foi o fato de ter comandado, antes, uma patrulha reforçada que abriu as brechas no campo minado por onde ele teria que passar no dia do ataque.

Os obstáculos vencidos pela FEB em Montese só o foram à custa de muita bravura, competência, determinação, sacrifício e um grande número de vidas ceifadas.

Como falei, na madrugada de 14 para 15, presenciei a morte de meus companheiros Bruno Estrifica e Antonio Bento, que tiveram seus corpos arrebatados por granadas que os colheram dentro de seus abrigos. Essa cena e o pesar não consegui mais apagar da memória.

Meu pelotão entrou na batalha de Montese com 44 pracinhas e, ao término da luta, no dia 17, tínhamos um efetivo de 27 homens.

É hora de falar um pouco mais do contato com o inimigo e do brioso 3º Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria Expedicionário, ao qual me integrei em plena guerra.

Quando cheguei no *front* de Affrico, o Tenente Gerson, Comandante do 3º/8ª, recebeu-me muito bem, dando-me as boas vindas em nome do Pelotão, com toda a sua experiência de oficial veterano, integrante do 1º escalão da FEB, que chegou à Itália em 16 de julho de 1944.

Não tardou, entretanto, no comando do Pelotão, em face de sua promoção a Capitão, sendo substituído, nessa ocasião, pelo Tenente Braz Filho, que conduziu o fadário do 3º Pelotão, com êxito, até a vitória final.

A minha primeira patrulha no meu novo Pelotão foi em busca da cota 822. De baixo dessa cota, sob a mira dos tedescos, em um dia qualquer do mês de março de 1945, o Pelotão conquistou e palmilhou a tal crista, encontrando diversos alemães mortos e semi-enterrados, em lastimável estado de decomposição, além de muitos objetos minados. Foi nesta patrulha, na frente de Áfrico, no Monte Della Croce, lá no alto da cota 822, que uma resistência inimiga, à noite, metralhou um inesquecível companheiro de minha Companhia, o cabo Fagundes – que lá tombou morto. Hoje, nesta entrevista, tenho a oportunidade de prestar-lhe a minha homenagem póstuma. O destino quis que eu o substituísse, assumindo suas funções, lá mesmo na cota 822 de Áfrico. Que Deus o guarde em paz eterna!

Devo, ainda, por dever de justiça, fazer referência ao sargento Prata, que lá estava conosco e que soube cativar toda a minha confiança e estima.

Além da ação frente a Montese, em 14 de abril, participei ativamente de uma outra patrulha com destino à cota 927.

Antes de narrar os feitos dessa patrulha, volto um pouco atrás para recordar que, quando me apresentei aos componentes do Pelotão, um de seus integrantes ironizou, advertindo-me: “É mineirinho, quero tirar a prova de sua coragem quando a cobra fumar!”

Respondi, de imediato: “Uai! O mineiro dá um boi para não entrar na briga, mas dá uma boiada para não sair!”

E, pouco tempo depois, aquele pracinha irônico fracassou em uma patrulha, exatamente a da cota 927, que vou tratar agora, deixando a bazuca (lança-rojão) em terreno inimigo. Os remanescentes do meu pelotão, que precisaram receber reforços foram designados para fazer uma patrulha na região de 927, no dia 15 de abril, após as duras provas do 14 de abril, em Montese, quando a nossa 8ª Cia, comandada pelo Capitão Aldévio, sofreu 44 baixas. Não é demais lembrar que Montese significa terreno minado, lutas sem trégua, até corpo a corpo, sangue, estilhaços, morte, companheiros esquartejados por granadas dentro do *fox hole*, como o foram Antônio Bento e Bruno Estrifica. Mas também significa vários prisioneiros por nós feitos nas proximidades e no interior do cemitério onde, escondidos entre os defuntos, encontramos oito alemães que apresentaram viva reação, inicialmente, mas acabaram se rendendo diante de nossa firme determinação de impor a nossa vontade, apesar do sofrimento que nos dominava, pela perda de amigos que a gente não esquece.

Sim, após o difícil dia 14, era preciso prosseguir no dia 15. O valoroso 3º Pelotão foi empenhado em mais uma patrulha, com a missão de vasculhar a minada cota 927 e para lá partimos com a instrução de que, se houvesse resistência, a conduta seria retrain. E agora, José? Região minada é sempre assustadora! Para onde vou? Como vou? Quando vou? Por onde vou? Pela encosta ou pela ravina? Foi, numa dessas ravinas escolhidas, que encontrei um pracinha brasileiro morto. Nada pude fazer por ele, porque a missão era subir a encosta. Até hoje a consciência me pesa, fazendo seus reclamos: talvez fosse um dos soldados que constam como desaparecidos da FEB e que por lá ficou.

Mas guerra é guerra! Como vou? Consciente da responsabilidade decantada pelo jornalzinho *Zé Carioca*, vou caminhando, mais adiante rastejando, sentindo que as calças tremiam, mas o corpo não... Quando vou?! Agora, já, sem perder tempo, pois não podemos dar folga ao imprevisível inimigo e montanha acima...

Você sabe o que é escalar 927 metros em tal sufoco, sob tamanha tensão, palmo a palmo, atento para não pisar nas minas, quase sempre bem escondidas para

surpreender o combatente, tudo isso para cumprir uma relevante missão? E, assim, chegamos nas barbas do tedesco, como sempre bem preparado, entrincheirado na crista e a resistência veio feroz, por meio das famosas “lourdinhas”. Mas eu possuía um fuzil com bocal para lançamento de granadas. Disparei a granada numa distância de 150m, que, ao explodir bem próximo à trincheira, fez com que um soldado alemão levantasse os braços dando a entender que queria se entregar e realmente o fez, trazendo-nos a informação – obtida junto a ele por dois soldados nossos, um do Paraná e outro de Santa Catarina, que dominavam a língua alemã – de que naquela crista havia uma companhia com 175 soldados.

Passamos a informação, e a nossa Artilharia iniciou um bombardeio violento sobre a região, o que ocorreu logo que nos retiramos. Ao recebermos ordem para retrair com a máxima urgência, pois a Artilharia entraria em ação imediatamente, volvemos colina abaixo, evacuando, incontinentemente, a área. Nessa ocasião, é que foi abandonada a bazuca a que me referi anteriormente, por precipitação, não obstante a rapidez exigida.

No dia 16, pela manhã, outro pelotão recebeu a determinação de escalar a montanha para apossar-se da fortaleza 927, dada a informação de que o inimigo, remanescente do bombardeio da véspera, havia se retirado. Realmente, o Pelotão, que tomou posse da cota 927, deparou-se, na região, com muitos alemães mortos, não havendo, ali, mais resistência.

A nossa próxima ação foi na cidade de Collecchio, onde o inimigo voltou a enfrentar as tropas do 6º RI. Nessa localidade, eu fui designado para realizar o reconhecimento de um castelo, em cujo principal salão havia um sofá luxuoso com um oficial nazista morto. Tínhamos instruções de não mexer nos cadáveres e nos objetos porque poderiam estar minados.

De Collecchio fomos para Fornovo, onde se deu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, de uma das Divisões italianas e de remanescentes da 90ª Divisão Panzer (Divisão Motorizada), perfazendo um total de, aproximadamente, 15 mil prisioneiros, quatro mil cavalos, além de uma imensa quantidade de material, somente nesse episódio que se estendeu de 28 a 30 de abril.

Durante a rendição, desfilaram à frente do meu Grupo de Combate, mais ou menos, 800 alemães, sendo que entre os mais novos alguns ainda se arriscavam a gritar “*Heil Hitler*”.

Foi uma enorme satisfação e uma grande honra assistir àquele desfile que marcava a rendição incondicional dos alemães à tropa brasileira. Despertou a minha atenção um personagem todo eufórico, dando pulos de alegria para demonstrar seu espantoso contentamento. Um daqueles dois soldados nossos, que falava bem o

alemão, desvendou o mistério: era um prisioneiro russo, da frente leste, forçado a combater em favor da Alemanha no *front* da Itália.

A respeito da campanha é importante destacar que tínhamos a 1ª linha, a linha de frente. Depois vinha a faixa de terreno que era considerada a “terra de ninguém”, aquela faixa que nos separava do inimigo e que oscilava entre mil e quatro mil metros, variando de uma posição para outra.

A busca do contato era muito comum ser buscada por meio das patrulhas, tanto de nossa parte como pelos alemães. Foi essa necessidade sempre presente de manter o contato, de reconhecer a posição inimiga, de conhecer a verdadeira fisionomia da frente, que exigiu o lançamento de muitas patrulhas, daí advindo muitas mortes e muito heroísmo. As patrulhas na “terra de ninguém” representaram, sem dúvida, o que havia de mais perigoso na guerra – tudo é incerteza. Incerteza de quando, onde e como o inimigo se apresentará! Com que poder de combate ele vai nos enfrentar? Por tudo isso, nas ações das patrulhas, muitos brasileiros se imortalizaram!...

Vale lembrar, ainda, que em 14 de abril – primeiro dia de ataque a Montese – as tropas brasileiras se desdobraram para levar a bom termo a missão que receberam e o conseguiram plenamente. O Gen Crittenberger, Comandante do IV Corpo, reconheceu isso de público, elogiando vivamente o desempenho da FEB.

No ataque em larga frente e nas patrulhas da véspera, sobressaíram os escalões menores, com destaque especial para os Pelotões e Grupos de Combate e porque não dizer para o desempenho individual de alguns combatentes, que se imortalizaram, como o Sargento Max Wolf, do 11º RI, que passou para História Militar brasileira pelo seu inequívoco valor como combatente desassombrado, sempre à frente de patrulhas de imenso risco, como a do dia 13 de abril, em que perdeu a FEB o seu mais valente graduado.

Logo em seguida, na noite de 14, contando com a sorte, fui ferido, mas muito ligeiramente, lá mesmo em Montese, quando uma granada arrebentou na retaguarda de um barranco onde eu me encontrava e um de seus estilhaços, passando de raspão, feriu levemente a minha orelha. Se fosse um pouquinho mais a direita, viria na nuca e, certamente, eu não estaria aqui, nessa entrevista, contando o que se passou comigo.

Após o término da guerra, a minha Companhia foi para Tortona aguardar ordem de vir para o Sul, onde embarcaríamos, no porto de Nápoles, de volta ao Brasil. Em nossa chegada, a recepção foi extremamente calorosa, aplausos e o apreço de todos. Fomos muito bem recebidos!

Acontece que a FEB antes de chegar no Rio de Janeiro havia sido dissolvida. Assim, cada um poderia tomar o rumo que quisesse. Eu saí com 11º RI e, como já

disse, fui transferido para o 6º RI para preencher claros por motivo de morte. Então, retornei com o 6º, que, por ter ido no 1º escalão, coube-lhe o direito de voltar na frente. Como o 6º ia para Caçapava – SP e eu para São João Del Rei – MG, tive a ventura de rever a minha família e minha terra bem antes, uma vez que o 11º RI só chegou dois meses depois. O povo são-joanense também recebeu-nos muito bem, com uma festa emocionante.

Quando a FEB foi dissolvida, nós fomos licenciados. Cada um buscou o seu destino neste Brasil afora. Ficamos sem emprego, jogados fora por mais de 19 anos. Muitos de meus companheiros, que tinham alguma neurose, começaram a se embriagar, a dormir pelos bancos das praças, vários, inclusive, morreram. Só depois desses anos todos, é que passamos a ser aproveitados nos Correios, porque empresa nenhuma queria dar emprego para os pracinhas, em face de nossa idade já avançada, alguns com sérios problemas psicológicos, iríamos, como falavam, só criar transtornos onde fôssemos.

Assim, eu e outros companheiros fomos trabalhar nos Correios para nos mantermos. Trabalhei 12 anos até que veio uma lei de amparo aos pracinhas – obtenção de reforma por motivo de saúde – só conseguida através de parecer do Hospital Central do Exército, exigindo a baixa àquele nosocômio para acompanhamento e carência. Por isso, permaneci quatro meses e 17 dias ali baixado no pavilhão de doentes mentais, o que, para mim, representou um terrível sacrifício e uma tremenda injustiça. Depois de sofrer essa verdadeira provação, veio a reforma. Hoje, graças a Deus, a maioria dos ex-combatentes tem garantido o pão de cada dia com base no vencimento de 2º Tenente.

Desejo registrar agora, nesse meu depoimento uma sintética narrativa de José Bueno Conti, Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História, da Universidade de São Paulo (USP), transcrita do jornal *Opinião*, de 5 de outubro de 1998, da referida Universidade, sob o título de “Memória da FEB”, que, com toda a isenção de seu cargo, mostra, dentre outros aspectos, o carinho que os italianos têm pelos nossos ex-combatentes:

“No último mês de julho, estive na Itália, em viagem particular, visitando a região que foi campo de batalha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em 1944-45, quando eu tinha apenas oito anos de idade, mas já era informado dos acontecimentos pela escola e pela família.

Iniciei o roteiro pelo antigo Cemitério Militar de Pistóia, hoje monumento em memória dos 462 pracinhas brasileiros que ali estiveram sepultados até 1960, trasladados, como se sabe, para o Mausoléu do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Fui muito bem recebido pelo Subtenente Miguel Pereira, ex-combatente que, aos 80

anos de idade, ainda exerce, com exemplar dedicação, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a função de administrador do Memorial. Ofereceu-me para conduzir-me, no dia seguinte, aos locais que haviam sido palco das batalhas. Foi uma sucessão de surpresas constatar como os habitantes, transcorridos mais de meio século, conservam, até agora, a memória dos soldados brasileiros, transmitindo-a para as novas gerações.

A lembrança da passagem dos brasileiros é particularmente viva em Montese, tomada pelos soldados da FEB em abril de 1945. A praça principal da localidade recebeu o nome de Largo Brasile, onde em 1945 foi inaugurada uma escultura, obra do artista Ítalo Botolotti, dedicada ao soldado da FEB.

Por iniciativa do Lions Clube local, editou-se, em 1945, o livro do historiador Walter Bellisi, nascido em Montese, intitulado Arrivano i Nostri (154 páginas), excelente e bem documentado trabalho sobre a ação militar da FEB em Montese e Monte Castelo.

À beira de uma estrada, próxima a Bombiana, há uma lápide evocativa de Frei Orlando, capelão da FEB, morto quando se deslocava para a frente com propósito de levar os sacramentos a um soldado agonizante. Importa assinalar que a referida placa foi colocada em outubro de 1995, ou seja, cinqüenta anos depois do ocorrido.

No antigo campo de batalha de Monte Castelo, a comunidade de Gaggio Montano ergueu um monumento, em abril de 1995, para celebrar os cinqüenta anos da reconquista da liberdade, aparecendo gravada, em italiano a seguinte inscrição: “Ai gloriosi soldati della Forza Expedicionária Brasileira la popolazione gaggense riconoscente.”

Dias antes à minha chegada, ou seja, em 21 de junho de 1998, a população da pequenina cidade de Vergato havia inaugurado um monumento onde foram esculpidas em bronze as palavras: “Molti soldati dell eroico esercito brasiliano caddero qui per liberare una terra che non era la loro. Il sacrificio dei cadulti non pero e non deve essere dimendicato.”

Se aqui, entre nós, os pracinhas foram injustamente esquecidos e a luta da FEB é ignorada pela imensa maioria de nossos escolares porque os professores de História não tratam desse assunto em sala de aula, o mesmo não ocorre na Itália, país culto que mantém viva a lembrança e sobretudo o nobre sentimento de gratidão como pude testemunhar.”

Fica patente, através da palavra do ilustre e renomado professor da USP, que a Itália mostra, até hoje, um grande reconhecimento pelos feitos brasileiros, como lá, também, tive a oportunidade de constatar, pessoalmente, quando visitei aquele país em 1993. Recebemos em seguida a visita do casal Fábio e Ana Gualandi, que veio a São João Del Rei com o objetivo único de conhecer o 11º Batalhão de Infantaria e a cidade onde a Unidade está aquartelada.

Nesta oportunidade, sinto-me inteiramente gratificado por poder enunciar os nomes dos nove febianos, que muito jovens saíram do município de Coronel Xavier Chaves, nossa cidade natal, para integrar a Força Expedicionária Brasileira: Antônio Firmino de Souza, Arnaldo de Castro, Eônio de Paula Andrade, Geraldo Colombo de Andrade, João Vicente de Castro, José de Paula, Manoel Cecílio dos Santos, Sebastião Luciano das Chagas e este que agora tem a justificada emoção de ser aqui entrevistado neste Projeto do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, que vem demonstrar o desejo oficial da Força de conhecer mais sobre os fatos vividos pelos que ajudaram a escrever parte importante de sua história.

Devo citar que a história e a tradição não foram esquecidas em São João Del Rei. Para tanto, erigiu-se, na cidade-sede do querido 11º RI, um monumento que tem um significado todo especial para os veteranos da Força Expedicionária Brasileira, integrantes de nosso imortal Regimento. Leio, agora, para informação dos que não conhecem a terra são-joanense, o prospecto do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha a respeito do monumento em tela.

O Monumento aos Expedicionários foi inaugurado em 22 de maio de 1969 pelo então Presidente da República Marechal Arthur da Costa e Silva e foi construído no intuito de homenagear o soldado de Minas Gerais, que partiu para lutar nos campos gelados da Itália durante a Segunda Guerra Mundial e, em especial, o do 11º Regimento de Infantaria (hoje 11º Batalhão de Infantaria de Montanha).

Este monumento é o segundo do Brasil em vulto e imponência de construção nos assuntos ligados à FEB. É construído todo em mármore escuro e contém uma escultura em bronze, esculpida por Tarcilo Tolentino e Lucila Cesari, que immortaliza, com seu gesto, a ordem de “avançar”. A escultura simboliza o soldado desconhecido.

Numa pilastra em mármore, detrás da escultura, estão fixadas placas onde retratam algumas homenagens:

Em um lado, encontra-se a placa onde está transcrito um poema-canção de um órfão de guerra na noite de Natal, de autoria de Orlando Cavalcanti.

No outro lado, temos as datas marcantes de combates decisivos nos quais participou o 11º RI: Castelnovo, em 5 de março de 1945; Tomada de Montese, em 14 de abril de 1945, que foi o combate mais sangrento de que a FEB participou, no qual o 11º Regimento de Infantaria sagrou-se vitorioso; Collecchio, em 26 e 27 de abril, e Fornovo, em 28 e 29 do mesmo mês. A conquista de Montese encheu de orgulho nosso Exército e nosso Brasil. Todos os anos, nessa data, é realizada uma formatura junto ao monumento para enaltecer os heróis de Montese.

Neste mesmo lado, há uma placa onde estão os nomes dos pracinhas do 11º RI que tombaram no campo de batalha. Destacamos, aqui, o Capitão Capelão Antônio

Álvares da Silva (Frei Orlando), Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx), que foi morto quando levava apoio espiritual aos brasileiros que se encontravam na linha de frente; sargento Orlando Randi, que morreu bravamente segurando uma bandeira nazista que, momentos antes, acabara de conquistar e que, hoje, se encontra em exposição em nosso museu; sargento Max Wolf Filho, exímio líder e comandante, que morreu numa ação de patrulha na chamada “terra de ninguém”; sargento Wilson Ramos, que foi o primeiro componente do nosso Regimento a tombar em combate; e os soldados Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Baeta e Geraldo Rodrigues, cujos corpos foram encontrados em covas rasas, preparadas pela próprio soldado alemão, onde havia uma cruz em que se lia, em alemão, “Três Heróis Brasileiros”.

Finalmente, com uma desprestigiada narrativa por mim escrita sobre Montese, que estou sempre a relembrar, por tudo que presenciei naquele sangrento e impressionante ataque brasileiro, encerro a minha participação, honrado pelo convite:

“Montese, Serreto, Montello e Montebuffone estão sob bombardeio aliado! A Cobra está fumando! Campos, casas, montes, tudo desaparecia sob a densa poeira e a fumaça intensa. Clarões alaranjados apareciam em meio àquele imenso caos. A Artilharia preparava o terreno, com o poder destruidor de suas granadas, para a Infantaria avançar em lances heróicos. A região ficou tomada pelos uniformes verdes dos brasileiros em direção a Montese.

De repente, a resposta da Artilharia alemã, brutal para quem acabara de partir para o ataque. As tropas brasileiras avançavam sobre as casamatas inimigas: lutas corpo a corpo eram travadas; baionetas e punhais, tiros à queima-roupa, fuzis e granadas de mão, minas assassinas, companheiros espedaçados, padioleiros carregando feridos e mortos...

Os pracinhas continuavam avançando! Em campo aberto, cenas horríveis, 129 baixas... Prisioneiros eram levados para a retaguarda. Montese, verdadeiro inferno, conquistado com sacrifício e sangue!

Montese, penúltimo baluarte nazista, que, ao cair, após sangrenta batalha, abriu o caminho da FEB em direção ao Vale do Pó, para aprisionar, em Fornovo, a 148ª Divisão alemã com o efetivo de 14.779 combatentes.”

Acreditando que esses feitos merecem registro nos anais históricos de nosso Exército, estou consciente que minha palavra está muito aquém da minha gratidão pela oportunidade.

Glossário

AD	– Artilharia Divisionária
AERP	– Assessoria Especial de Relações Públicas
AMAN	– Academia Militar das Agulhas Negras
ANVFEB	– Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
BC	– Batalhão de Caçadores
BFron	– Batalhão de Fronteira
BIB	– Batalhão de Infantaria Blindado
CCAC	– Companhia de Canhões Anticarro
CEBRES	– Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos
CEMCFA	– Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
Ch Gab da D Ens	– Chefe de Gabinete da Diretoria do Ensino
CIE	– Centra de Instrução do Exército
CLF	– Comandante de Linha de Fogo
CMA	– Comando Militar da Amazônia
CMBW	– Comissão Militar Brasil-Washington
CML	– Comando Militar do Leste
COR	– Curso de Oficiais da Reserva
CPOR	– Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPP	– Companhia de Petrechos Pesados
CRP	– Centro de Recompentamento de Pessoal
C Tir	– Central de Tiro
DC	– Divisão de Cavalaria
DI	– Divisão de Infantaria
DIE	– Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME	– Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

EEM	– Escola de Estado-Maior
ELO	– Esquadrilha de Ligação e Observação
EME	– Estado-Maior do Exército
EsAO	– Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EsDAAe	– Escola de Defesa Antiaérea
ESG	– Escola Superior de Guerra
EsIE	– Escola de Instrução Especializada
EsMB	– Escola de Material Bélico
EsSA	– Escola de Sargentos das Armas
EUA	– Estados Unidos da América
FAB	– Força Aérea Brasileira
FEB	– Força Expedicionária Brasileira
G Art Pes	– Grupo de Artilharia Pesada
GACL	– Grupo de Artilharia de Campanha Leve
GACos	– Grupo de Artilharia de Costa
GACosM	– Grupo de Artilharia de Costa Motorizado
GADO	– Grupo de Artilharia de Dorso
GC	– Grupo de Combate
Gr Es	– Grupamento Escolar
GMAC	– Grupo Móvel de Artilharia de Costa
IME	– Instituto Militar de Engenharia
INPS	– Instituto Nacional de Previdência Social
LBA	– Legião Brasileira de Assistência
LCI	– Landing Craft Infantry (Lancha de desembarque)
MEC	– Ministério da Educação e Cultura
MP	– Military Police (Polícia Militar)
OAv	– Observador Avançado
OM	– Organização Militar
PC	– Posto de Comando
PO	– Posto de Observação
PS	– Posto de Socorro
QG	– Quartel-General
R Art Mont	– Regimento de Artilharia Montada
R Ms Art	– Regimento Misto de Artilharia
RAM	– Regimento de Artilharia Montada
RO AuR	– Regimento de Obuses Auto-rebocado
S1	– Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Pessoal)

S2	– Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Informações)
S3	– Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Operações)
S4	– Oficial Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Logística)
TO	– Teatro de Operações
USAAF	– Força Aérea dos Estados Unidos da América
VO	– Verde-Oliva

ENTREVISTA

Geraldo Luiz Nery da Silva

DEGRAVAÇÃO

Léa Carla Aleman Amaresco

TEXTUALIZAÇÃO

Geraldo Luiz Nery da Silva

Aurelio Cordeiro da Fonseca

Adeliz de Siqueira Ferreira

Ernesto Gomes Caruso

Kátia Maria Borges Oliveira

Letícia Maria Lima Godinho

Luiz Carlos Carneiro de Paula

Maria Angélica Freire de Carvalho

Maria Cristina Santiago da Silveira

Sergio Alberto de Castro

GRAVAÇÃO

*Subseção de Audiovisuais da 5ª Seção
do Comando Militar do Leste*

Composição e diagramação	<i>Murillo Machado e Rodrigo Tonus</i>
Quantidade de páginas	<i>384</i>
Formato	<i>16 x 23cm</i>
Mancha	<i>29 x 43 paicas</i>
Tipologia	<i>ITC Officina Serif Book</i>
Papel de miolo	<i>Offset 75g</i>
Papel de capa	<i>Cartão Supremo 240g (plastificada)</i>
Impressão e acabamento	<i>Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.</i>
Fotolito de miolo	<i>Murillo Machado e Rodrigo Tonus</i>
Fotolito de capa	<i>Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.</i>
Tiragem	<i>3.000 exemplares</i>
Término da obra	<i>Outubro de 2001</i>

Composição e diagramação
Murillo Machado e Rodrigo Tonus
Tel.: (21) 2275-6286/2541-6927

Impresso nas oficinas da
Sermograf – Artes Gráficas e Editora Ltda.
Rua São Sebastião, 199 – Petrópolis – RJ
Tel.: (24) 2237-3769

